

ATOS DOS APÓSTOLOS

COMENTÁRIO ESPERANÇA

autor

Werner de Boor

Editora Evangélica Esperança

Copyright © 2002, Editora Evangélica Esperança

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:

Editora Evangélica Esperança
Rua Aviador Vicente Wolski, 353
82510-420 Curitiba-PR

Editora afiliada à ASEC e a CBL
Título do original em alemão

Die Apostelgeschichte

Copyright © 1983 R. Brockhaus Verlag
Wuppertal, Alemanha

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução total ou parcial sem permissão escrita dos editores.

Tradução: Werner Fuchs

Citações bíblicas: O texto bíblico utilizado, com a devida autorização, é a versão Almeida Revista e Atualizada (RA) 2ª edição, da Sociedade Bíblica do Brasil, São Paulo, 1993.

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Boor, Werner de, 1899-1976

Atos dos Apóstolos / Werner de Boor; tradução Werner Fuchs -- Curitiba, PR : Editora Evangélica Esperança, 2003. --(Comentário Esperança)

Título original: Die Apostelgeschichte

Bibliografia.

ISBN 85 862 4965-3 Brochura

ISBN 85 862 4966-1 Capa dura

1. Bíblia. N.T. Atos dos Apóstolos - Comentários I.Título. II. Série

03-2767 CDD-226.607

Índice para catálogo sistemático:

1. Atos dos Apóstolos : Comentários 226.607

ÍNDICE

ORIENTAÇÕES PARA O USUÁRIO DA SÉRIE DE COMENTÁRIOS
ÍNDICE DE ABREVIATURAS
PREFÁCIO

QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

- 1 – Características e objetivo de Atos dos Apóstolos**
- 2 – A estrutura de Atos dos Apóstolos**
- 3 - O autor de Atos dos Apóstolos**
- 4 – A época da redação**
- 5 – As fontes de Atos dos Apóstolos**
- 6 – A crítica histórica a Atos dos Apóstolos**
- 7 – O texto de Atos dos Apóstolos**
- 8 – Literatura acerca de Atos dos Apóstolos**

COMENTÁRIO

O TEMA DE ATOS DOS APÓSTOLOS: O ENVIO DOS DISCÍPULOS ATÉ OS CONFINES DA TERRA - Atos 1.1-8

- A ASCENSÃO DE JESUS - Atos 1.9-12
- A ESPERA EM ORAÇÃO PELA EFUSÃO DO ESPÍRITO - Atos 1.13-14
- A ELEIÇÃO PARA A VAGA DO 12º APÓSTOLO - Atos 1.15-26
- A VINDA DO ESPÍRITO NO DIA DE PENTECOSTES - Atos 2.1-13
- O “SERMÃO PENTECOSTAL” DE PEDRO - Atos 2.14-36
- O CHAMADO À CONVERSÃO E SALVAÇÃO - Atos 2.37-41
- A VIDA DA PRIMEIRA IGREJA - Atos 2.42-47
- A CURA DO COXO - Atos 3.1-10
- NOVA PREGAÇÃO NO TEMPLO - Atos 3.11-26
- O PRIMEIRO INQUÉRITO DIANTE DO SINÉDRIO - Atos 4.1-22
- O RELATO PERANTE A IGREJA E A ORAÇÃO DA IGREJA - Atos 4.23-31
- UM SEGUNDO RELATO SOBRE A VIDA DA PRIMEIRA IGREJA - Atos 4.32-37
- ANANIAS E SAFIRA - Atos 5.1-11
- UM TERCEIRO RELATO SOBRE A VIDA DA PRIMEIRA IGREJA - Atos 5.12-16
- O SEGUNDO INTERROGATÓRIO PERANTE O SINÉDRIO - Atos 5.17-42
- A ESCOLHA DOS SETE - Atos 6.1-7
- ESTÊVÃO E O COMEÇO DO PROCESSO CONTRA ELE - Atos 6.8-15
- O DISCURSO DE ESTÊVÃO - Atos 7.1-53
- O FIM DE ESTÊVÃO E A PERSEGUIÇÃO DA IGREJA POR SAULO - Atos 7.54-8.3
- O EVANGELHO CHEGA A SAMARIA - Atos 8.4-25
- UM ETÍOPE ACEITA A FÉ - Atos 8.26-40
- A CONVERSÃO E VOCAÇÃO DE SAULO - Atos 9.1-19a
- A PRIMEIRA ATUAÇÃO DE SAULO EM DAMASCO E JERUSALÉM E SEU TÉRMINO - Atos 9.19b-30
- A ATUAÇÃO DE PEDRO EM LIDA E JOPE E A RESSURREIÇÃO DE TABITA - Atos 9.31-43
- CONVERSÃO E BATISMO DOS PRIMEIROS GENTIOS NA CASA DE CORNÉLIO - Atos 10.1-48
- PEDRO JUSTIFICA A ADMISSÃO DE GENTIOS NA COMUNIDADE DO MESSIAS JESUS - Atos 11.1-18

O COMEÇO DE UMA IGREJA GENTIA CRISTÃ NA ANTIOQUIA COSMOPOLITA - Atos 11.19-26

A PRIMEIRA COLETA GENTIA CRISTÃ PARA JERUSALÉM - Atos 11.27-30

A MILAGROSA LIBERTAÇÃO DE PEDRO DA PRISÃO - Atos 12.1-19

A MORTE DE HERODES - Atos 12.20-25

A PRIMEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA

O ENVIO DE BARNABÉ E PAULO 1 – O TRABALHO EM CHIPRE - Atos 13.1-12

2 – O COMEÇO DA MISSÃO NO PLANALTO DA ÁSIA MENOR O EVANGELHO NA ANTIOQUIA DA PISÍDIA - Atos 13.13-52

3 – Paulo e Barnabé em Icônio - Atos 14.1-7

4 – Evangelização em Listra - Atos 14.8-20

5 – Retorno pelas igrejas fundadas - Instalação de presbíteros - Volta para Antioquia com o relato diante da igreja - Atos 14.21-28

O CONCÍLIO DOS APÓSTOLOS - Atos 15.1-35

EXCURSO: A relação entre At 15 e Gl 2.1-10

A SEGUNDA VIAGEM MISSIONÁRIA

1 – A NOVA PARTIDA - Atos 15.36-41

2 – NAS ANTIGAS IGREJAS. A VOCAÇÃO DE TIMÓTEO - Atos 16.1-5

3 – A ENIGMÁTICA CONDUÇÃO ATÉ TRÔADE - Atos 16.6-10

4 – O COMEÇO EM FILIPOS - Atos 16.11-15

5 – O CARCEREIRO DE FILIPOS - Atos 16.16-40

6 – A EVANGELIZAÇÃO EM TESSALÔNICA E BERÉIA - Atos 17.1-15

7 – PAULO EM ATENAS - Atos 17.16-34

8 – PAULO EM CORINTO - Atos 18.1-17

O FIM DA SEGUNDA E O COMEÇO DA TERCEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA - Atos 18.18-23

A TERCEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA

1 – APOLO EM ÉFESO E CORINTO - Atos 18.24-28

2 – PAULO E OS DISCÍPULOS DE JOÃO EM ÉFESO - Atos 19.1-7

3 – A ATUAÇÃO DE PAULO EM ÉFESO - Atos 19.8-12

4 – A VITÓRIA SOBRE A FEITIÇARIA EM ÉFESO - Atos 19.13-20

5 – PLANOS DE VIAGEM DO APÓSTOLO - Atos 19.21-22

6 – TUMULTO CONTRA O EVANGELHO EM ÉFESO - Atos 19.23-40

O FINAL DA TERCEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA E O COMEÇO DA VIAGEM A JERUSALÉM - Atos 20.1-12

EM VIAGEM PARA JERUSALÉM

1 - O ITINERÁRIO - Atos 20.13-16

2 – A DESPEDIDA DOS PRESBÍTEROS EM MILETO - Atos 20.17-38

PARTINDO DE MILETO: PAULO EM TIRO, PTOLEMAIDA E CESARÉIA - Atos 21.1-14

PAULO EM JERUSALÉM

1 – UMA TENTATIVA DIPLOMÁTICA DE SALVAÇÃO - Atos 21.15-26

2 – TUMULTO NO TEMPLO E APRISIONAMENTO PELOS ROMANOS - Atos 21.27-40

3 – O ÚLTIMO DISCURSO A SEU POVO - Atos 22.1-21

4 – PAULO PROTEGIDO NA PRISÃO DOS ROMANOS - Atos 22.22-29

5 – NEGOCIAÇÃO PERANTE O SINÉDRIO - Atos 22.30-23.11

OUTRO ATENTADO CONTRA PAULO

TRANSFERÊNCIA DO APÓSTOLO PARA CESARÉIA - Atos 23.12-35

PAULO EM CESARÉIA

1 – A AUDIÊNCIA PERANTE O GOVERNADOR FÉLIX - Atos 24.1-23

2 – O DIÁLOGO COM FÉLIX - Atos 24.24-27

3 – A TRAMITAÇÃO PERANTE O GOVERNADOR FESTO E A APELAÇÃO AO IMPERADOR Atos 25.1-12

4 – DIÁLOGO DO GOVERNADOR COM AGRIPA SOBRE PAULO. PAULO É APRESENTADO AO CASAL REAL. - Atos 25.13-27

5 – O DISCURSO DE PAULO PERANTE FESTO E AGRIPA- Atos 26.1-32

A VIAGEM POR MAR ATÉ ROMA - Atos 27.1-44

NA ILHA DE MALTA - Atos 28.1-10

A CHEGADA NA ITÁLIA E EM ROMA - Atos 28.11-16

PAULO EM ROMA

DEBATE COM OS LÍDERES DO JUDAÍSMO. O TESTEMUNHO LIVRE E DESIMPEDIDO DE PAULO. - Atos 28.17-31

EPÍLOGO

*ORIENTAÇÕES
PARA O USUÁRIO DA SÉRIE DE COMENTÁRIOS*

Com referência ao texto bíblico:

O texto de Atos dos Apóstolos está impresso em negrito. Repetições do trecho que está sendo tratado também estão impressas em negrito. O itálico só foi usado para esclarecer dando ênfase.

Com referência aos textos paralelos:

A citação abundante de textos bíblicos paralelos é intencional. Para o seu registro foi reservada uma coluna à margem.

Com referência aos manuscritos:

Para as variantes mais importantes do texto, geralmente identificadas nas notas, foram usados os sinais abaixo, que carecem de explicação:

TM O texto hebraico do Antigo Testamento (o assim-chamado “Texto Massorético”). A transmissão exata do texto do Antigo Testamento era muito importante para os estudiosos judaicos. A partir do século II ela tornou-se uma ciência específica nas assim-chamadas “escolas massoréticas” (massora = transmissão). Originalmente o texto hebraico consistia só de consoantes; a partir do século VI os massoretas acrescentaram sinais vocálicos na forma de pontos e traços debaixo da palavra.

Manuscritos importantes do texto massorético:

Manuscrito: redigido em: pela escola de:

Códice do Cairo (C) 895 Moisés ben Asher

Códice da sinagoga de Aleppo depois de 900 Moisés ben Asher

(provavelmente destruído por um incêndio)

Códice de São Petersburgo 1008 Moisés ben Asher

Códice nº 3 de Erfurt século XI Ben Naftali

Códice de Reuchlin 1105 Ben Naftali

Qumran Os textos de Qumran. Os manuscritos encontrados em Qumran, em sua maioria, datam de antes de Cristo, portanto, são mais ou menos 1.000 anos mais antigos que os mencionados acima. Não existem entre eles textos completos do **AT**. Manuscritos importantes são:

- O texto de Isaías
- O comentário de Habacuque

Sam O Pentateuco samaritano. Os samaritanos preservaram os cinco livros da lei, em hebraico antigo. Seus manuscritos remontam a um texto muito antigo.

Targum A tradução oral do texto hebraico da Bíblia para o aramaico, no culto na sinagoga (dado que muitos judeus já não entendiam mais hebraico), levou no século III ao registro escrito no assim-chamado Targum (= tradução). Estas traduções são, muitas vezes, bastante livres e precisam ser usadas com cuidado.

LXX A tradução mais antiga do **AT** para o grego é chamada de “Septuaginta” (**LXX** = setenta), por causa da história tradicional da sua origem. Diz a história que ela foi traduzida por 72 estudiosos judeus por ordem do rei Ptolomeu Filadelfo, em 200 a.C., em Alexandria. A **LXX** é uma coletânea de traduções. Os trechos mais antigos, que incluem o Pentateuco, datam do século III a.C., provavelmente do Egito. Como esta tradução remonta a um texto hebraico anterior ao dos massoretas, ela é um auxílio importante para todos os trabalhos no texto do **AT**.

Outras Ocasionalmente recorre-se a outras traduções do **AT**. Estas têm menos valor para a pesquisa de texto, por serem ou traduções do grego (provavelmente da **LXX**), ou pelo menos fortemente influenciadas por ela (o que é o caso da Vulgata):

- Latina antiga por volta do ano 150
- Vulgata (tradução latina de Jerônimo) a partir do ano 390
- Copta séculos III-IV
- Etíope século IV

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

I. Abreviaturas gerais

| | |
|-----|--------------------------|
| AT | Antigo Testamento |
| NT | Novo Testamento |
| gr | Grego |
| hbr | Hebraico |
| km | Quilômetros |
| lat | Latim |
| opr | Observações preliminares |
| par | Texto paralelo |
| qi | Questões introdutórias |
| TM | Texto massorético |
| LXX | Septuaginta |

II. Abreviaturas de livros

| | |
|-----|---|
| GB | W. GESENIUS e F. BUHL, <i>Hebräisches und Aramäisches Handwörterbuch</i> , 17ª ed., 1921. |
| LzB | <i>Lexikon zur Bibel</i> , organizado por Fritz Rienecker, Wuppertal, 16ª ed., 1983. |

III. Abreviaturas das versões bíblicas usadas

O texto adotado neste comentário é a tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil, 2ª ed. (RA), SBB, São Paulo, 1997. Quando se fez uso de outras versões, elas são assim identificadas:

| | |
|-----|-------------------------------------|
| RC | Almeida, Revista e Corrigida, 1998. |
| NVI | Nova Versão Internacional, 1994. |
| BJ | Bíblia de Jerusalém, 1987. |
| BLH | Bíblia na Linguagem de Hoje, 1998. |
| BV | Bíblia Viva, 1981. |

IV. Abreviaturas dos livros da Bíblia

ANTIGO TESTAMENTO

| | |
|-----|--------------|
| Gn | Gênesis |
| Êx | Êxodo |
| Lv | Levítico |
| Nm | Números |
| Dt | Deuteronômio |
| Js | Josué |
| Jz | Juízes |
| Rt | Rute |
| 1Sm | 1Samuel |

2Sm 2Samuel
1Rs 1Reis
2Rs 2Reis
1Cr 1Crônicas
2Cr 2Crônicas
Ed Esdras
Ne Neemias
Et Ester
Jó Jó
Sl Salmos
Pv Provérbios
Ec Eclesiastes
Ct Cântico dos Cânticos
Is Isaías
Jr Jeremias
Lm Lamentações de Jeremias
Ez Ezequiel
Dn Daniel
Os Oséias
Jl Joel
Am Amós
Ob Obadias
Jn Jonas
Mq Miquéias
Na Naum
Hc Habacuque
Sf Sofonias
Ag Ageu
Zc Zacarias
Ml Malaquias

NOVO TESTAMENTO

Mt Mateus
Mc Marcos
Lc Lucas
Jo João
At Atos
Rm Romanos
1Co 1Coríntios
2Co 2Coríntios
Gl Gálatas
Ef Efésios
Fp Filipenses
Cl Colossenses
1Te 1Tessalonicenses
2Te 2Tessalonicenses
1Tm 1Timóteo
2Tm 2Timóteo
Tt Tito
Fm Filemom
Hb Hebreus
Tg Tiago
1Pe 1Pedro
2Pe 2Pedro
1Jo 1João
2Jo 2João

PREFÁCIO

Quando nos ocupamos de Atos dos Apóstolos a partir dos comentários às cartas paulinas, especialmente a carta aos Romanos, parece ser algo bastante simples comentar essa obra. Nesse caso, estamos lidando com “história”, com relatos sobre acontecimentos que sucederam de um ou outro modo. A rigor não há nada a “explicar”. Parece que basta fazer algumas observações de ordem lingüística e histórica para que haja compreensão. Contudo, nessa “simplicidade” reside ao mesmo tempo a dificuldade. O leitor não deve apenas tomar conhecimento: “Foi assim que aconteceu no passado!” Terá razão em demandar uma orientação para relacionar o que aconteceu naquele tempo com a vida da igreja de Jesus hoje, passando, somente assim, a de fato compreender a história em seu íntimo. Porém, onde está então o limite entre a explicação válida do texto a partir da atualidade e “pregações acerca de Atos dos Apóstolos”, que não fazem parte de um comentário, mas somente serão subseqüentes a ele? Nessa questão, não será fácil decidir se o comentarista está se excedendo ou se restringindo demais. Não há como evitar uma certa desigualdade na abordagem dos diversos trechos. Vários leitores sentirão falta de uma explicação mais exaustiva justamente onde o autor pensava poder contentar-se com referências sucintas, e preferiria uma brevidade maior onde o autor entrou em maiores detalhes.

Comentar Atos dos Apóstolos também é algo difícil pelo fato de que um livro “histórico” está sujeito à crítica histórica de forma muito distinta de uma epístola. No presente comentário a Atos dos Apóstolos o leitor sentirá falta da discussão com essa crítica. Contudo, ela foi conscientemente omitida por três importantes razões, que estão estreitamente interligadas. Uma imediata rejeição das objeções histórico-críticas à exposição de Lucas é gratuita demais, e não ajuda quem estiver gravemente atormentado pelo problema da teologia crítica. Uma discussão mais aprofundada, porém, requer conhecimentos lingüísticos, históricos e metodológicos a que um grande contingente dos usuários desta série de comentários não tem acesso. Ao mesmo tempo, um confronto desse tipo faria este volume inchar demais, desviando o leitor do único ponto principal: ouvir e ver, mediante oração, o que Deus tem a lhe dizer e mostrar em Atos dos Apóstolos, da autoria de Lucas. Essa tarefa positiva é tão grande que absorve todas as forças do comentarista, assim como as de seus leitores. Quando, porém, essa tarefa obtém êxito, a discussão expressa nas objeções críticas não se reveste mais de tanta importância. Quando o primeiro dirigível do conde Zeppelin de fato cortou os ares do lago de Constança, os inúmeros escritos críticos contra sua obra deixaram de ter grande importância. Quando aquilo que Jesus continuou a fazer e ensinar depois de sua ascensão como o Senhor exaltado estiver lúcida e limpidamente diante de nossos olhos, quando isso preencher nosso pensamento, esculpir nosso querer e moldar nosso serviço, todas as alegações críticas contra Atos dos Apóstolos passam para segundo plano por si mesmas.

Ao propor minha tradução, permaneci firme no propósito de transmitir ao leitor a idéia mais fiel possível do texto grego, inclusive pela colocação pouco usual das palavras e dos particípios. Alegro-me pelo fato de que também um exegeta especializado no Novo Testamento como E. Haenchen se arrisque nessa direção. Quem busca uma tradução fluente numa linguagem de boa qualidade poderá encontrá-la em diversas edições da Bíblia.

Uma questão singular é a transliteração dos muitos nomes geográficos de Atos dos Apóstolos. O leitor tem direito de saber como soam esses nomes no texto do próprio Lucas. Tentamos corresponder a isso de forma ampla. Mas não é possível ser completamente conseqüente. Até mesmo o nome “Antioquia” é um aportuguesamento. O nome exato deveria ser “*Antioquéia*”. A forma original dos nomes se torna especialmente estranha para nós por estarmos acostumados a tempos aos nomes modificados: dificilmente um leitor atual reconheceria “*Kypros*” como sendo a ilha de “Chipre”, ao passo que não terá problemas em identificar a conhecida “Tessalônica” em “*Tessalonike*”. Os limites entre manter ou não a forma original grega dos nomes são flutuantes. Hoje em dia, isso também não será diferente ao relatarmos fatos e narrativas de continentes longínquos.

O presente volume da série de comentários também não teria sido concluído sem o empenho múltiplo de minha colaboradora D. Vogt. Sou grato a G. Dulon, professor de teologia em Wiedenest, pelos numerosos estímulos nesta obra. Houve, igualmente, muitas pessoas que acompanharam o trabalho no presente volume durante longo tempo, através de sua intercessão. Sou grato ao Senhor por tudo isso.

Schwerin, primavera de 1965

QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

INTRODUÇÃO

1 – Características e objetivo de Atos dos Apóstolos

- a – Escrever, em sua segunda obra, um primeiro ensaio da “história da igreja” foi um empreendimento audacioso do autor do terceiro evangelho! Esse simples fato já revela o impulso e a atuação do Espírito de Deus no coração desse homem. De uma maneira completamente nova, ele compreendeu a palavra e a incumbência do Senhor Jesus no dia da Ascensão, motivo pelo qual nesse momento também foi capaz de expor a importância desse dia com clareza maior do que no final de seu evangelho. Ele obteve a certeza de que o retorno de Jesus não é o alvo imediato subsequente, no qual se concentram todos os pensamentos, mas o retorno é precedido por um acontecimento de máxima importância, ao qual a igreja de Jesus agora deve dedicar todas as suas forças. Esse acontecimento é a expansão do evangelho de Jerusalém até os confins da terra, traçando círculos cada vez mais amplos. Sem dúvida, o próprio Jesus havia falado a esse respeito justamente em seu discurso sobre os tempos finais: “E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim” (Mt 24.14). Para nós, isso se tornou algo “óbvio” ao longo dos 1900 anos de história de missões e da igreja. Para Lucas, porém, era uma nova descoberta compreender que Jesus continua a agir e ensinar em seus mensageiros e suas testemunhas, através do Espírito Santo, e que essa ação do Senhor também faz parte do “evangelho”. Cumpre, por isso, notá-lo e descrevê-lo como continuação do primeiro livro. Que compreensão de fé acerca da “história da igreja” Lucas nos possibilitou com esse trabalho! Cabe-nos agradecer muitíssimo a ele e ao Espírito Santo, que o iluminou desse modo.
- b – Com essas palavras já articulamos o objetivo do livro. É verdade que o título alemão “História dos Apóstolos” se evidencia como dado a equívocos. Nos primeiros capítulos, “os apóstolos” sem dúvida aparecem como um grupo coeso, que também agia em conjunto. Porém na primeira metade do livro é somente de Pedro que obtemos um relato concreto. Por outro lado, o interesse do autor também não se volta para “Pedro” como tal. Nada é dito sobre a continuação de sua atividade depois do concílio dos apóstolos, nem mesmo acerca de sua morte. João é mencionado apenas secundariamente no início. E também Paulo, cujas viagens missionárias e cujo processo preenchem a segunda parte do livro, não tem qualquer importância biográfica. Lucas omite muitas experiências essenciais que o próprio Paulo menciona em suas cartas, e não dedica uma palavra sequer ao desfecho do julgamento e ao martírio do apóstolo. Na realidade, seu objetivo não é escrever uma “história dos apóstolos”. Importância tem unicamente o curso do evangelho pelo mundo. Diante dele, todos os instrumentos humanos deixam de ser importantes. Isso é genuinamente bíblico! De maneira idêntica, o AT também carece de qualquer interesse “biográfico” e de qualquer “culto a heróis”. Apenas Deus e sua magnífica causa estão em jogo. É isso que precisamos reaprender, mesmo a partir da forma como se desenvolve a história descrita de Atos dos Apóstolos.
- c – Essa é a razão por que o livro tampouco constitui uma “obra historiográfica” no sentido atual. De acordo com nossos padrões modernos, ele é muito imperfeito e incompleto. Ocorre, porém, que nem o próprio livro pretende corresponder a esses padrões. Lucas é capaz de dedicar uma única frase a etapas inteiras da evolução histórica e a trabalhos importantes e, por outro lado, ilustrar detalhadamente um acontecimento isolado. Lucas dispensa dois versículos ao profícuo trabalho de Paulo em Éfeso durante dois anos, mas dedica sete versículos ao episódio com os filhos de Ceza [At 19.14], até dezoito à agitação dos ourives! Não ouvimos palavra alguma em Lucas a respeito da grande tribulação na província da Ásia, que foi tão marcante para o próprio Paulo (2Co 1.8-11). Nada é dito acerca da longa e ardente discussão com a igreja em Corinto, que se reflete nas cartas à mesma. Lucas tem um estilo completamente peculiar de relatar e selecionar episódios dentre a enorme abundância dos materiais. Em lugar de fornecer uma descrição geral e contínua da história, prefere fazer-nos vivenciar o curso dos acontecimentos com base em episódios isolados, ilustrados com grande plasticidade.
- d – Conseqüentemente, o título grego da obra – “*práxeis apostólon*” = Ações dos Apóstolos – parece mais apropriado. Havia, na Antigüidade, toda uma literatura de “*práxeis*”, obras que relatam de maneira solta e plástica uma série de acontecimentos da vida de homens famosos. Não estaremos argumentando contra a direção do Espírito se considerarmos que Lucas, ao escolher a modalidade de exposição de sua obra, tivesse aderido a essa forma literária de seu tempo, assim como também o apóstolo Paulo, cheio do Espírito, seguiu o estilo de carta de sua época. Contudo, não é provável que o próprio Lucas tenha escolhido pessoalmente o título “*práxeis apostólon*”. Na única vez em que a palavra “*práxeis*” ocorre em Atos dos Apóstolos, ela tem a conotação nefasta de “práticas de magia” (At 19.18). Sobretudo, porém, não obstante várias semelhanças na forma, a obra de Lucas está tão distante dos antigos escritos de “*práxeis*” em termos de conteúdo e essência, que nem mesmo o atual título grego consegue enquadrá-la nessa categoria literária.
- e – A partir da constatação de que Atos dos Apóstolos não é uma “obra historiográfica” no sentido moderno, houve quem salientasse que Lucas nem sequer tinha a intenção de descrever objetivamente a história, mas sim escrever para a “edificação” de seus leitores. Em visto disso, deveríamos ler Atos dos Apóstolos como “livro edificante”, não nos deixando atormentar pelo “historismo”. Dessa maneira, porém, introduzimos idéias modernas e deturpadas de forma perigosa na obra de Lucas. No âmbito do NT, a “edificação” ainda é uma ação muito objetiva, voltada à “construção” da igreja. Está alicerçada sobre a ação real de Deus. “Edificação” como sentimentalismo gerado através de “histórias” comoventes, cuja veracidade histórica não possui grande importância, é algo completamente alheio ao ser humano dos tempos bíblicos. Se o anjo não retirou Pedro de fato da prisão de segurança reforçada,

então esse capítulo de Atos dos Apóstolos tampouco é “edificante”, não para Lucas, nem para seus leitores daquele tempo, nem para nós.

- f – Além da “edificação”, o alvo de Atos dos Apóstolos foi considerado como sendo a “defesa” do novel cristianismo perante o Estado romano. Essa seria a razão pela qual Lucas apresenta Paulo repetidamente declarando e comprovando enfaticamente ser pertencente a Israel, para que fique claro para o Estado romano que o cristianismo pertence ao judaísmo e é, por consequência, uma “*religio licita*”, uma religião tolerada pelo Estado. E a postura benevolente e respeitosa dos funcionários e oficiais romanos, que afirmam a inocência de Paulo, seria um espelho oferecido por Atos dos Apóstolos aos funcionários públicos do início do segundo século. No entanto, será que Lucas teria superestimado tão fantasticamente a influência de seu livro? Afinal sua obra não foi impressa com grande tiragem, de sorte que caísse nas mãos de todos os funcionários do Império Romano! E porventura ele não estaria obstruindo exatamente esse alvo, ao também descrever de forma tão marcante como os grupos dirigentes judeus rejeitavam ferrenhamente a Paulo e ao cristianismo?
- g – Não, na dedicatória do primeiro volume, o evangelho, o próprio autor define de maneira simples e clara o alvo do livro: “Para que tenhas plena certeza das verdades em que foste instruído” (Lc 1.4). Que argumento nos autorizaria a especular acerca desse propósito em relação à continuação da obra em Atos dos Apóstolos? Pelo fato de que entrementes Lucas compreendia que o “evangelho” não acabara com a despedida de Jesus, mas continuava seu próprio curso pelo mundo, ele também continuou escrevendo à mesma pessoa, com o mesmo objetivo. E por isso escreveu dessa forma: não uma história sobriamente “objetiva” do primeiro cristianismo, tampouco uma apresentação dos apóstolos com sua vida e atuação completas, mas um testemunho do admirável caminho que o evangelho percorreu, saindo de Jerusalém e indo para Samaria, Antioquia, Ásia Menor, Macedônia e Grécia até a capital do mundo, Roma. A estrutura do livro corresponde a esse percurso.

2 – A estrutura de Atos dos Apóstolos

Os apóstolos são incumbidos da grande tarefa: “Sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra” (At 1.8). Atos dos Apóstolos relata a respeito da concretização dessa incumbência. Ela não acontece através de um procedimento planejado pelos apóstolos, mas integralmente através de um acontecimento, que é determinado e dirigido pelo próprio Jesus. Esse acontecimento se desenrola em três fases, não subseqüentes uma à outra, mas entrelaçadas.

A primeira seção (cap. 1-7) nos apresenta os apóstolos como “testemunhas de Jesus em Jerusalém”, indo até o primeiro mártir, Estêvão, cujo sangue correu em Jerusalém. Estêvão, porém, faz parte dos “helenistas”, cuja existência já dirige o olhar para longe, além de Jerusalém. A perseguição desencadeada através de sua morte conduz, na segunda fase (cap. 8-12), ao cumprimento da incumbência de ser “testemunhas de Jesus na Judéia e Samaria”. Tudo se solta e se amplia, o evangelho pressiona para fora. Não apenas a Samaria é atingida, mas também o homem da longínqua Etiópia e o primeiro grupo de gentios, Cornélio e sua casa, em Cesaréia. O evangelho chega até Antioquia via Chipre, e ali estabelece um novo centro. Os portadores de todo esse movimento não são os apóstolos no sentido mais restrito. Apesar disso, porém, Pedro continua sendo a pessoa decisiva, e os apóstolos permanecem ocupando posições-chave em Samaria e Antioquia. Desse modo, o primeiro bloco volta a encaixar no segundo, e a conversão de Saulo de Tarso (cap 9), no meio da segunda seção, já prepara a terceira (cap. 13-28). Esse último bloco descortina, pois, como o próprio Jesus realiza sua incumbência de serem “minhas testemunhas até os confins da terra”, singularmente por meio da grandiosa obra de Paulo. Por sua vez, o cap. 15 (concílio dos apóstolos) e os cap. 21-23 (Paulo em Jerusalém) concatenam essa terceira parte com a primeira seção. “Jerusalém” continua sendo decisiva também no momento em que “Roma” surge no horizonte.

A estrutura do livro também pode ser definida de forma que a considerar uma divisão em duas grandes partes: primeira seção principal – capítulos 1-12 (Jerusalém e Palestina), personagem principal: Pedro; segunda seção principal – cap. 13-28 (Antioquia até Roma), personagem principal: Paulo. Também nesse caso as duas partes são interligadas por meio dos capítulos 9.1-23.

3 - O autor de Atos dos Apóstolos

Enquanto nas cartas do NT o remetente se dá a conhecer expressamente por meio de seu nome e também de sua posição, o autor de Atos dos Apóstolos e do evangelho não diz nada a respeito de si mesmo, nem mesmo em sua dedicatória pessoal a Teófilo. A tradição eclesiástica, porém, desde cedo não tem dúvidas de que o autor é Lucas, antioqueno, médico e companheiro de viagem de Paulo. Essa tradição é ainda mais digna de nota pelo fato de que as breves menções a Lucas em Cl 4.14; Fm 24; 2Tm 4.11 não contêm nada que pudesse ter levado à atribuição posterior do terceiro evangelho e de Atos dos Apóstolos justamente a ele. Deve haver uma informação independente, em que podemos confiar. Vários detalhes na própria obra podem servir como confirmação dessa informação. É verdade que a tentativa de encontrar em Atos dos Apóstolos o linguajar singular do médico não resistiu a um exame minucioso. As expressões médicas ocasionalmente usadas por Lucas também podem ser encontradas em obras literárias antigas, não escritas por médicos. De qualquer forma, o autor de Atos dos Apóstolos é um helenista e uma pessoa culta, capaz de

escrever um grego versátil com finezas gramaticais. Ele delineia um quadro tão concreto de Antioquia e da vida eclesial daquele local, com tantos detalhes pessoais, que podemos muito bem considerá-lo um antioqueno. Ele fala com carinho especial de gentios “tementes a Deus”. Talvez ele próprio tenha sido uma dessas pessoas. Nesse caso ele já estava familiarizado com o **AT** na tradução grega antes de sua conversão ao cristianismo e havia adquirido determinado conhecimento das questões judaicas. Se as passagens em At formuladas na primeira pessoa do plural forem oriundas de seu diário pessoal, ele deve ter se tornado colaborador de Paulo em Trôade. Presenciou a evangelização em Filipos e foi deixado ali para conduzir a igreja quando Paulo e Silas saíram da cidade. Ao viajar para Jerusalém, Paulo o levou novamente consigo a partir de Filipos. Ele presenciou os acontecimentos em Jerusalém e na Cesaréia apenas à distância, ou também teve de desempenhar outras tarefas. Contudo volta a participar da viagem para Roma, e está em Roma ao lado de Paulo, durante a prisão deste. Na hipótese de que **2Tm 4.11** se refira a uma segunda prisão de Paulo em Roma, Lucas também deve ter continuado a ser companheiro de trabalho de Paulo depois que este fora solto da primeira vez, uma comunhão que os unia firmemente até a morte de Paulo. Contudo, não sabemos quando Lucas se encontrou pela primeira vez com Paulo, se aceitou a fé cristã através do próprio Paulo, ou por que ingressou na equipe que acompanhava a Paulo justamente em Trôade. Aliás, há muitos aspectos importantes que não são informados pelas fontes de que dispomos.

4 – A época da redação

Atos dos Apóstolos encerra contemplando os dois anos que Paulo pôde viver em Roma morando em relativa liberdade numa casa que ele mesmo alugara. Esses anos correspondem aproximadamente aos anos 60,61 d.C. Portanto, At não poderia ter sido escrito e editado antes do ano 62. Acontece, porém, que, de acordo com **At 1.1**, o livro olha retrospectivamente para o evangelho, escrito anteriormente. Ao dedicar o evangelho a Teófilo, porém, Lucas diz que “muitos houve que empreenderam uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram” [**Lc. 1.1**]. Em vista disso, já havia “evangelhos” escritos em maior número quando Lucas começou a escrever de sua parte. Num tempo tão antigo (ano 62), porém, não é possível que esses evangelhos já tenham existido. Se Lucas escreveu a continuação do evangelho, Atos dos Apóstolos, sob o império de Vespasiano (69-79 d.C.), sua alvissareira palavra final estaria condizente com a condição “sem impedimento algum” em que o novel cristianismo se encontrava novamente após o pavor da primeira perseguição sob Nero.

5 – As fontes de Atos dos Apóstolos

No prefácio de seu evangelho Lucas diz sem constrangimento que o livro é resultado de um exaustivo trabalho de pesquisa. Ele escreve “depois de acurada investigação de tudo desde sua origem” (**Lc 1.3**). Essa frase é importante para a compreensão bíblica correta da “inspiração” da Sagrada Escritura. Lucas não declara ter sido diretamente iluminado por Deus sobre a vida do Senhor e ter escrito seu evangelho desse modo. Muito menos declara: “Foi inspirada em mim palavra por palavra”. Pelo contrário, considera essencial seu próprio trabalho de pesquisa e sua própria organização da exposição. Isso, no entanto, não significa que sua obra não fosse conduzida e iluminada pelo Espírito Santo! Não é certo imaginarmos a atuação do Espírito apenas de forma mecânica. A glória do Espírito de Deus está em não ter necessidade de deslocar o pensamento, a vontade e a ação do ser humano para obter o espaço necessário para a sua atuação, mas iluminar e moldar o pensar, o querer e o agir próprio do ser humano. Não é diferente o que ocorre com as cartas do NT. Também elas não são um ditado celestial, mas cartas humanas genuínas, escritas com esmero e reflexão a determinadas pessoas numa situação específica. Pode-se constatar nelas as características pessoais do autor, seja Paulo, ou João, ou Pedro, ou Tiago. Não obstante, no meio disso o Espírito Santo foi eficaz a tal ponto que agora essas mesmas cartas humanas, ligadas a seu tempo, constituem a palavra de Deus ativa e criadora, dirigida hoje às pessoas de todos os continentes. Tão misteriosa e viva é a inspiração da Sagrada Escritura, que temos diante de nós em sua realidade maravilhosa.

Da mesma forma, também Atos dos Apóstolos é Palavra de Deus inspirada, embora seja uma obra de Lucas cuidadosamente elaborada a partir de “fontes”. O preâmbulo do evangelho vale também para o segundo volume, ainda que esse tenha sido publicado como um livro próprio, independente. Sem suas “fontes”, Lucas nem poderia escrever Atos dos Apóstolos. Se ele era um cristão gentílico antioqueno, que somente em Trôade ingressou na equipe que viajava com Paulo, apenas os cap. 16 em diante poderiam basear-se em suas próprias recordações, sendo que dependeria de fontes para tudo o que é relatado nos cap. 1-15. A pesquisa científica se esforçou, pois, com afincos, para identificar as “fontes” e apreciá-las de acordo com seu valor histórico. Contudo, o amplo colorido dos resultados desse esforço demonstra que ele é em vão. Lucas elaborou de tal forma o que suas fontes lhe diziam, e exerceu tão pouco o papel de mero compilador de relatos alheios, que não é possível delimitar determinadas fontes e distingui-las na redação de Lucas. As “fontes” nem mesmo precisam ter sido escritas ou literárias. Se Lucas acompanhou Paulo na viagem para Jerusalém, permanecendo muitos dias em Cesaréia com Filipe (**At 21.8**), de quantas coisas poderia ter sido informado por este a respeito da igreja em Jerusalém, até a perseguição por Saulo! Por outro lado, não são descartadas anotações escritas que Lucas pode ter usado. Com toda a certeza havia “itinerários”, breves diários de viagem. Os famosos relatos em forma de “nós” de Atos dos Apóstolos devem ser oriundos de um desses “diários de viagem”, de autoria do próprio Lucas.

6 – A crítica histórica a Atos dos Apóstolos

A partir da evidente circunstância de que Atos dos Apóstolos é uma obra de história, elaborada e escrita por um homem mediante o uso de “fontes”, a pesquisa científica deriva o direito, sim o dever, de examinar criticamente a apresentação da história do primeiro cristianismo. Será historicamente correta a exposição de Lucas? Será que tudo de fato transcorreu da forma como Lucas relata? É “possível” que tenha sido assim? Ou será que os próprios relatos de Atos dos Apóstolos evidenciam incongruências, dificuldades, contradições das mais variadas formas, que nos deveriam deixar em dúvida? Acaso o verdadeiro acontecimento histórico já estava retocado e involuntariamente modificado ou ampliado nas próprias fontes? Nesse caso, será que Lucas alterou e elaborou mais uma vez a narrativa a partir de sua perspectiva e para os grandes fins que a seu ver eram importantes para a igreja?

Por tudo isso, dispomos de grande profusão e multiformidade colorida de comentários e estudos críticos sobre Atos dos Apóstolos. Como haveremos de nos posicionar diante disso?

- a – Está fora de cogitação apresentar e tornar compreensível ao usuário desta série de comentários bíblicos o emaranhado de objeções, perguntas, julgamentos, tentativas de solução e hipóteses. É completamente impossível ajudá-lo a elaborar um posicionamento próprio em vista de tudo isso. Para isso o leitor necessitaria de um conhecimento sólido do idioma grego, da história contemporânea do NT e dos métodos de trabalho histórico. Quem o tiver, de qualquer modo recorrerá aos comentários teológicos que foram escritos para esse tipo de leitores. Na presente série cabe tornar o livro de Atos dos Apóstolos concreto e acessível, da maneira como Deus no-lo presenteou. Isso demanda todo o espaço disponível para o livro, bem como o tempo e as energias a serem investidas pelo leitor.
- b – Na medida em que a exegese crítica alerta objetivamente para dificuldades nos relatos de Atos dos Apóstolos e levanta questionamentos a respeito delas, teremos de atentar para essas questões (sem discutir com os comentários críticos propriamente ditos) e nos debruçar sobre as dificuldades expostas. Isso faz parte da apropriação de um conhecimento exaustivo do próprio texto.
- c – Nessa apropriação há de ficar claro o quanto o veredicto a respeito do que “pode” ter acontecido historicamente e do que é “impossível” que tenha acontecido dessa maneira é determinado pela medida e pela natureza de nossa própria experiência. Quem não vivenciou determinadas coisas com Deus rapidamente classificará como “lenda” ou “ilustração edificante” o que para outra pessoa é uma realidade bem conhecida. Com excessiva facilidade o homem erudito, sentado à sua escrivaninha, fica enleado numa visão racional do mundo e do ser humano, cujos parâmetros ele usa para dar seu veredicto crítico. Nesse contexto somos lembrados da poderosa palavra de Lutero, escrita num bilhete pouco antes de morrer: “Os poemas pastoris de Virgílio somente pode compreender quem viveu cinco anos entre os pastores e seus rebanhos, os discursos de Cícero somente quem esteve vinte e cinco anos à frente da direção de um Estado, e por isso somente poderá compreender a Bíblia quem durante cem anos pastoreou a igreja de Deus com apóstolos e profetas.”
- d – A partir desse aspecto, é preciso que tenhamos clareza de que sempre e em qualquer circunstância nos aproximamos da Bíblia com um “preconceito”, um “pré-conceito”, que de antemão determina nossa leitura dela. É possível que tenhamos o “preconceito” de que a Bíblia em última análise é um livro como todos os outros livros, ainda que seu conteúdo trate de Deus. Então, sem receio a transformamos em “objeto” de nossa própria investigação e apreciação. Porém é igualmente possível que tenhamos experimentado a palavra bíblica de tal maneira como a espada afiada do juízo divino e como poder vivo do renascimento em nossa própria vida e na de muitas pessoas, que compreendemos os homens e as mulheres que depois de sua conversão só eram capazes de ler a Bíblia literalmente de joelhos. Nesse caso, toda a investigação e toda a indagação sobre “dificuldades” e “pontos incompreensíveis” também acontecerá com profunda reverência, e já não seremos capazes de precipitadamente sobrepôr o nosso conhecimento ao texto. Nossa exposição de Atos dos Apóstolos – como na realidade toda esta série – parte desse “preconceito” oriundo da experiência no contato com a Bíblia. Levamos a sério o que acabamos de afirmar sobre a inspiração de Atos dos Apóstolos no trabalho pessoal de Lucas. Se Atos dos Apóstolos não for apenas uma obra de Lucas, mas ao mesmo tempo e em si uma obra do Espírito Santo, então a atitude apropriada do leitor e do comentarista é a de ouvir também esse livro do NT em oração.
- e – Essa atitude é corroborada pelo fato de que geração após geração da igreja de Jesus obtiveram desse livro uma riqueza infinita de conhecimento, de orientação, de força e de consolo. Justamente em Atos dos Apóstolos a quantidade de interpretações “práticas”, que se nutrem desse livro e atingem diretamente a atualidade e a vida da igreja, bem como a cada cristão em particular, é singularmente grande até hoje. Afinal, será que isso seria possível se Atos dos Apóstolos fosse o testemunho tardio, cabalmente incorreto, de um cristão do segundo século, como o classifica a crítica?

7 – O texto de Atos dos Apóstolos

Todos os volumes da presente série se orientam segundo diretrizes comuns, que também alertam o leitor para os manuscritos mais importantes, nos quais o texto do NT nos foi transmitido. Ocorre que na maioria dos livros do NT as variantes nos diversos manuscritos são relativamente insignificantes, de sorte que praticamente não há necessidade de

envolver o leitor desta série com elas. Porém com Atos dos Apóstolos é diferente. O texto grego geralmente usado, da edição de “Nestle”, traz como base também nesse livro a forma textual “hesiquiana” ou “egípcia” (assinalado nas edições gregas do NT com “H”). Também nós o utilizamos em nossa tradução. Contudo, justamente para At existe um texto detalhado que evidencia variações marcantes, apresentado sobretudo pelo códice D, mas também pelo manuscrito E, proveniente da Sardenha, e pelas antigas traduções latinas e siríaca. É com esse texto que precisamos familiarizar o leitor em diversas passagens. Os pesquisadores avaliam o trabalho desse texto de maneiras distintas. Alguns opinam que se trata da versão mais original da obra de Lucas; outros vêem nele algo como uma “segunda edição” do livro. Seja como for, tentaremos examinar qual é a situação dessas variantes textuais. Obviamente essas diferenças de texto não alteram em nada no formato básico de Atos dos Apóstolos.

8 – Literatura acerca de Atos dos Apóstolos

De nada serve enumerar aqui uma vasta literatura que na prática certamente não será utilizada.

Quem tiver suficientes conhecimentos de grego e deseja obter uma idéia mais clara do trabalho “exegetico crítico” em At, deverá recorrer ao comentário de E. Haenchen. Ali encontrará também uma boa visão panorâmica dos mais importantes comentários científicos e ensaios sobre Atos dos Apóstolos. O leitor apenas precisa se preparar para o fato de ter de ouvir a cada capítulo que é possível que tudo não aconteceu da forma como Lucas descreve. Lucas teria tecido suas coloridas narrativas a partir de tradições não-históricas ou até mesmo de anotações precárias – um brilhante feito literário, mas lamentavelmente de pouco valor histórico.

Na série “NTD”, até aqui Atos dos Apóstolos havia sido comentado por H. W. Beyer, mas agora foi editado um novo comentário, com tradução e explicações de G. Stählin. É uma obra tão minuciosa quanto viva, acompanhada de excelente material cartográfico. Verdade é que também Stählin se posiciona de forma inesperadamente crítica diante de vários textos de At.

Continua digno de leitura o comentário de A. Schlatter em “Erläuterungen zum NT”.

Em “Bibelhilfe für die Kirche”, U. Smidt apresenta Atos dos Apóstolos a seus leitores com notável brevidade, vivacidade e plasticidade. Quem deseja conhecer At como um todo, mediante condução gabaritada, recorra a esse livro.

Quanto às “Introduções” ao Novo Testamento, remetemos à de Paul Feine (revisado por J. Behm) e principalmente à de Wilhelm Michaelis. Nessa obra o leitor encontra uma abordagem exhaustiva das questões de que tratamos também na presente “Introdução”.

Haenchen, E. Die Apostelgeschichte. Göttingen 1962, 13ª ed., 710 p., um mapa (= Kritisch-exegetischer Kommentar über das Neue Testament, vol. III).

Stählin, G. Die Apostelgeschichte. Göttingen 1962, 10ª ed. 320 p., 8 mapas (= Das Neue Testament Deutsch, tomo 5).

Schlatter, A. Die Apostelgeschichte. Stuttgart 1962 (42º milheiro), 320 p. (= Erläuterungen zum Neuen Testament, vol. IV).

Schmidt, Udo. Die Apostelgeschichte. Kassel 1960, 3ª ed. 194 p. (= Bibelhilfe für die Kirche, vol. 5).

Feine, Paul e Behm, Johannes. Einleitung in das Neue Testament. Heidelberg 1962. 12ª ed. 400 p.

Michaelis, Wilhelm. Einleitung in das Neue Testament. Berna 1961. 3ª ed. 402

COMENTÁRIO

O TEMA DE ATOS DOS APÓSTOLOS:

O ENVIO DOS DISCÍPULOS ATÉ OS CONFINS DA TERRA - ATOS 1.1-8

- 1 – Escrevi o primeiro livro, ó Teófilo, relatando todas as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar**
- 2 – até ao dia em que, depois de haver dado mandamentos por intermédio do Espírito Santo aos apóstolos que escolhera, foi elevado às alturas.**
- 3 – A estes também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas provas incontestáveis, aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando das coisas concernentes ao reino de Deus.**
- 4 – E, comendo com eles, determinou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, a qual, disse ele, de mim ouvistes.**

5 – Porque João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias.

6 – Então, os que estavam reunidos lhe perguntaram: Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel?

7 – Respondeu-lhes: Não vos compete conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou pela sua exclusiva autoridade;

8 – mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra.

1 Atos dos Apóstolos não começa com um “prefácio” propriamente dito, como o evangelho de Lucas. Isso é digno de nota. No evangelho, Lucas pode argumentar que “muitos” já fizeram o que ele também está empreendendo com o seu escrito. Não era nada de novo e extraordinário. Agora, porém, ele apresenta um livro para o qual não havia modelo e que existe como grandeza solitária. Como teria sido plausível que o autor dissesse algo sobre como foi levado a essa nova e audaciosa idéia: retratar a época apostólica numa segunda obra histórica. Ele não diz nada, e de imediato passa ao objeto em si da obra. Distancia-se de qualquer atenção para si mesmo. Contudo aponta para seu primeiro livro. Esse gesto também não está interessado em ressaltar sua realização, nem mesmo em fazer uma correlação literária plausível, mas sim no conteúdo em comum. Desde já somos direcionados na direção correta: está em questão o Único, que ocupa o centro, mesmo quando os “atos dos apóstolos” são relatados. Nesse sentido mais profundo, Atos dos Apóstolos é uma “continuação” do evangelho, e não uma segunda obra independente do autor. Teófilo soube de “todas as coisas que Jesus começou a fazer e ensinar” por meio do evangelho de Lucas. Agora ele há de ouvir o que Jesus continuou a efetuar e anunciar.

2/3 Porque Jesus “vive”! Afinal, o próprio evangelho não terminou, como qualquer biografia humana (até mesmo as dos grandes e poderosos), com a morte e o sepultamento, mas com a “acolhida nas alturas” do Senhor ressuscitado (Lc 24.36-53). É isso que Lucas evoca. Os apóstolos participam desse acontecimento desde já. Por essa razão, Lucas dispôs as palavras “por intermédio do Espírito Santo” de um modo peculiar, somente possível no idioma grego, de sorte que se referem tanto à eleição original dos apóstolos como também à sua incumbência atual. A tradução deveria deixar isso claro: “pelo qual também os escolhera”. O que Jesus faz, Ele faz “no Espírito Santo”, ou seja, não a partir de si mesmo, mas completamente sob condução divina, de maneira que em Seu fazer aconteça o agir de Deus. Isso já acontecera na primeira vocação dos discípulos, na qual raiou o alvo de seu “envio” (Mc 3.13ss; Lc 6.13). Naquela ocasião, esse alvo obviamente era limitado em termos cronológicos e de conteúdo (Lc 9.10; 10.17; Mt 10.5s). Agora ele se torna a nova “incumbência” universal (v. 8). Por meio dela o Ressuscitado, que como “Senhor” dá suas ordens, põe em movimento a História, que Lucas pretende descrever em seguida. A eleição dos apóstolos durante a atuação de Jesus na terra agora mostra seu verdadeiro sentido. É por isso que a história deles precisa suceder imediatamente ao evangelho.

Mais uma vez, Lucas salienta a realidade da ressurreição. Diferentemente do final do evangelho, ele menciona aqui o prazo exato de quarenta dias, durante os quais Jesus se mostrou, fornecendo assim as “muitas provas” de que está “vivo”. Se nesse período “falou” com os apóstolos “das coisas concernentes ao reino de Deus”, então deve tê-lo feito do modo como Lucas descreveu em seu evangelho: Ele “lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras” (Lc 24.45). Não se tratava de revelações novas, que transcendessem as Escrituras e a história já passada. Em lugar algum da palavra apostólica encontramos qualquer referência a tais fontes misteriosas de conhecimento, sempre comuns nos movimentos entusiastas da História da igreja. Naturalmente, porém, agora o AT e a história que os próprios apóstolos vivenciaram se descortinava diante de seus olhos em luz nova e límpida! A boa nova de Jesus versava sobre o “reino” desde o início (Mc 1.14)! Do “reino dos céus” falam suas parábolas. Contudo, agora se destaca com todo o esplendor aquilo a que Jesus podia apenas aludir antes dos decisivos eventos redutores na cruz e na ressurreição (p. ex., Lc 11.20): de forma direta, “Jesus” e “o reino” formam uma unidade. A “soberania de Deus” já irrompera na vinda, paixão, morte, ressurreição e senhorio de Jesus, mas naturalmente ainda há de ser consumada através do retorno de Jesus, em acontecimentos poderosos que envolverão toda a criação. Esse assunto deve ter predominado nos diálogos daqueles quarenta dias. É por isso que justamente esse assunto se torna o tema básico da proclamação apostólica (cf. At 8.12; 28.23; 28.31).

- 4 Nesse ponto a descrição do dia da ascensão se torna mais pormenorizada do que no evangelho. Jesus celebra mais uma vez a comunhão de mesa com seus discípulos. A comunhão de mesa era um acontecimento característico do convívio de Jesus com os seus. Por essa razão, o Ressuscitado escolheu justamente a comunhão da ceia para manifestar a seus discípulos tanto a realidade plena de sua pessoa, como também seus laços restaurados com os discípulos, antes destruídos por causa do fracasso deles (cf. Mc 16.14; Lc 24.30ss; 24.41ss; Jo 21.12ss). Por isso, as alegres refeições da igreja, com o “partir do pão” (At 2.46s), a respeito das quais seremos informados em breve, representavam a lembrança da antiga comunhão à mesa existente durante toda a atuação de Jesus, mas eram igualmente um memorial daquela última ceia antes do sofrimento e da morte, e daquela maravilhosa refeição matinal após a ressurreição. No “diálogo à mesa” da refeição antes da ascensão os apóstolos recebem a ordem expressa de permanecer em Jerusalém. Para os homens da Galiléia (v. 11) o retorno para a terra natal após a despedida definitiva de Jesus era muito plausível, ainda mais que lá também haviam encontrado o Ressuscitado (Mt 28; Jo 21). O que ainda os seguraria em Jerusalém? Jesus explicou: o próximo grande evento da história da salvação, a efusão do Espírito, acontecerá na capital de Israel. Com ele terá início também a vocação dos discípulos para testemunhas. A narrativa transita para a fala direta, um recurso literário que Lucas emprega diversas vezes (At 17.3; 25.5; 22.22).
- 5 Na época em que Lucas escreveu, outros grupos que também ansiavam pela “soberania de Deus”, mas que haviam obtido seu impulso do movimento de João Batista e que se contentavam com o batismo deste, exerciam certa influência: em At 18.24-26; 19.1-6 nos depararemos expressamente com esses grupos (cf. p. ... [338]). Por isso Lucas considera necessário fazer referência, na própria palavra do Senhor, ao fato de que sem dúvida João tivera importância com o batismo de arrependimento, mas que agora, na prometida efusão do Espírito Santo por parte de Deus, se criaria uma situação completamente nova. A presença do Espírito de Deus eleva a igreja de Jesus acima de tudo o que existira até então na História. Jesus lembra aos discípulos a “promessa do Pai”, que Ele mesmo havia lhes dito. Lucas deve ter tido em mente palavras de Jesus como por exemplo Lc 11.13; 12.12, mas tampouco deve ter esquecido da palavra do próprio Batista, que Jesus acolhe quase literalmente neste versículo. Somente uma diferença é digna de nota. Enquanto o Batista dizia: “Aquele que vem depois de mim (ou seja, Jesus) vos batizará com o Espírito”, aqui Jesus desaparece completamente por trás do Pai e formula: “Sereis batizados com o Espírito Santo”. A maneira judaica de falar a respeito de Deus com extrema reverência não citava o nome de Deus, mas usava a voz passiva.
- Os reunidos – provavelmente bem mais do que os onze apóstolos no sentido restrito – respondem com uma pergunta que nós talvez consideremos insensata e equivocada:
- 6 “Senhor, restaurarás neste tempo o reino para Israel?” Nesse caso, porém, a “incompreensão” é nossa! Nós é que temos de sair da adaptação ao curso dos acontecimentos, que agora parece ser “óbvio”, enquanto na verdade é muito surpreendente. Deveríamos perguntar seriamente, por que, afinal, o “reino dos mil anos”, o “reinado dos céus” sobre esta terra não começou imediatamente depois da Páscoa? A solução estava consumada, o pecado do mundo havia sido tirado, a morte tinha sido destituída de seu poder, Satanás estava derrotado, todo o poder fora entregue na mão de Jesus. Não era imperioso que agora viesse o cumprimento das promessas do reino? E uma vez que o derramamento do Espírito Santo também fazia parte da irrupção do tempo messiânico, o reino não deveria começar em e com esse derramamento? De tão plena compreensão e de tal consequência bíblica se reveste a pergunta dos discípulos! E enfatizar “para Israel” nem mesmo denota um nacionalismo falso. As promessas para Israel na proclamação profética são suficientemente claras, e “porque os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis” (Rm 11.29).
- 7 Por essa razão, a resposta de Jesus aos apóstolos também não contém qualquer conotação de crítica ou repreensão das expectativas em si. Ele somente declara: “Não vos compete conhecer tempos e prazos que o Pai fixou por sua própria autoridade.”
- 8 “Tempos e prazos” é somente Deus quem estabelece. E justamente agora Deus está em vias de introduzir um “tempo” completamente novo, o tempo da “igreja”. Deus deseja dar um presente muito precioso a seu Filho obediente depois que Este consumou a obra da redenção: o presente do “corpo”. Jesus não deve ser apenas o Rei de Israel, e não somente o Senhor e Juiz do mundo, mas também a cabeça do corpo. Esse corpo é convocado entre as fileiras de Israel e sobretudo das nações. Por isso a efusão do Espírito não significa a irrupção imediata do reino, mas “recebereis poder, ao descer sobre

vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas”. Começa a missão, a evangelização para a construção do corpo de Cristo. Para isso há necessidade de “poder”. Porém não bastam o poder do intelecto, da vontade humana, da retórica. “Poder do Espírito que desce sobre vós”: somente por meio dele é possível desincumbir-se dessa tarefa. Com ele, os apóstolos serão as “testemunhas” eficazes de Jesus. Prestemos muita atenção no teor das palavras. Não está escrito “deveis”. Por meio do Espírito Santo somos retirados da esfera da “lei”, das meras exigências, e incluídos no espaço dos acontecimentos factuais. Pois o Espírito atua em nós e age dentro de nós e através de nós.

Ele nos transforma em testemunhas. Conhecemos o termo “testemunha” do linguajar jurídico. Num processo judicial são interrogadas testemunhas. Não lhes cabe externar sua opinião, nem relatar seus pensamentos, mas – exatamente como fazem os apóstolos (At 4.20) – “falar das coisas que viram e ouviram”. As testemunhas estabelecem o que aconteceu na realidade. Por isso agora os apóstolos, conforme os v. 21ss, já podiam ser testemunhas de Jesus. No entanto, como se trata de realidades invisíveis, divinas, não bastam todos os testemunhos humanos para convencer o próximo dos fatos. Somente o poder do Espírito Santo pode atestar o testemunho de Jesus de forma que atinja a consciência da pessoa e ela creia ou se rebele contra a verdade, que já não pode ser negada. Ou seja, acontece o que João nos transmitiu usando palavras de Jesus: o Espírito da verdade “não falará de si mesmo”, ele “me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar” (Jo 16.13s). Os apóstolos não recebem do Espírito novos ensinamentos misteriosos, mas o testemunho eficaz de Jesus. Não dirão nada diferente do que testemunham desde já (v. 21s), mas falarão de “outro modo”, da forma sensibilizadora como Lucas nos mostrará logo adiante no cap. 2. Ademais, o termo grego para “testemunha” = “*martys*” nos lembra que justamente esse testemunho que atinge o coração é que conduz os mensageiros ao sofrimento, e ele somente pode ser prestado mediante o sofrimento (At 9.16!).

Esse serviço de testemunho se desdobrará de forma crescente: Jerusalém – Judéia – Samaria – todo o mundo. Esse é simultaneamente o plano da obra que Lucas começa a escrever. Durante longos capítulos ele nos manterá em Jerusalém; depois ele passa ao grande avivamento na Samaria, e, na seqüência, à conversão de Paulo, com o qual viajaremos até Roma. Com a expressão “até os confins da terra” Jesus acolhe o anúncio profético e a promessa divina de Is 49.6 nele contida. Na visão de Lucas, a promessa não registra seu primeiro cumprimento somente depois que Paulo de fato alcança a Espanha (Rm 15.23s), mas já quando Paulo anuncia o evangelho em Roma, pois esta domina os confins da terra. Tudo isso, porém, não se realiza de acordo com uma inteligente “estratégia missionária”, elaborada pelos apóstolos. Lucas há de nos mostrar muito claramente como isto “sucede”, justamente também através daquilo que não parece ser nada mais que empecilho e obstrução. Tudo acontece de acordo com o plano cuja base Jesus está comunicando aos apóstolos.

Nós, contudo, não podemos olhar retrospectivamente para aquilo que Atos dos Apóstolos nos descreve como sendo uma história distante e concluída, que pode ser “contemplada” de maneira serena e edificante. Essa história continua e nos envolve pessoalmente em seu desenrolar, requisitando nossa oração, nossa contribuição e nosso empenho pessoal. De acordo com a providência de Deus, o “fim da terra” se dilatou cada vez mais, quanto mais globalmente vínhamos a conhecer o mundo. Ele foi alcançado e, por outro lado, ainda não alcançado de acordo com a ordem de Jesus. Mt 24.14 foi cumprido e ainda não cumprido definitivamente. Por conseguinte, ainda nos encontramos nesses “tempos e prazos”, nessa era da convocação do corpo de Cristo, nesse serviço de testemunhas “até o fim da terra”. Somente compreenderemos a “igreja” e sua história, suas tarefas e suas promessas quando compreendermos essa verdade. Também no nosso caso não se trata de nosso próprio querer, de nossos próprios pensamentos, interesses e planos. Também hoje toda “missão” e “evangelização” ainda está enraizada na majestosa palavra do próprio Senhor, que constitui ao mesmo tempo uma ordem e uma promessa: “Sereis minhas testemunhas em Jerusalém e na Judéia e Samaria, e até o fim da terra.” E também nós somente cumprimos o sentido de nosso serviço se compreendermos sempre que nisso tudo há somente um único fato realmente decisivo: o poder do Espírito Santo que veio sobre nós.

A ASCENSÃO DE JESUS - Atos 1.9-12

9 – Ditas estas palavras, foi Jesus elevado às alturas, à vista deles, e uma nuvem o encobriu dos seus olhos.

10 – E, estando eles com os olhos fitos no céu, enquanto Jesus subia, eis que dois varões vestidos de branco se puseram ao lado deles

11 – e lhes disseram: Varões galileus, por que estais olhando para as alturas? Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu virá do modo como o vistes subir.

12 – Então, voltaram para Jerusalém, do monte chamado Olival, que dista daquela cidade tanto como a jornada de um sábado.

- 9 Às últimas instruções aos apóstolos segue-se imediatamente a despedida. Os discípulos vêem como Jesus é “erguido”. Na seqüência, porém, uma “nuvem” oculta tudo de seus olhares.

Essa “ascensão” de Jesus causou dificuldades especialmente grandes, em termos de visão de mundo, às pessoas modernas. Será que não está baseada na concepção típica à Antiguidade de que a abóbada celeste acima do disco da terra é o local da habitação de Deus? Nós, porém, já conhecemos a terra como esfera que gira em torno do sol, o sol como estrela isolada no gigantesco sistema da Via Láctea, e esse sistema como uma ilha de estrelas entre inúmeras outras no universo! Como pode ser possível que Jesus “subiu ao céu”? Não seria tudo isso uma “mitologia”, que se tornou inaceitável para as pessoas de hoje?

Contudo, quem “desmitologiza” nesse ponto precisa responder à pergunta: Onde está agora “esse Jesus”, se conhecê-lo e amá-lo, confiar nele e obedecer-lhe perfaz todo nosso “cristianismo”? O testemunho nítido dos discípulos é que depois da Páscoa ele inicialmente ainda esteve junto deles, aparecendo à vista deles. Esse “ver”, porém, acabou. Jesus “subiu” diante deles. É assim que Lucas o expressa nos v. 10 e 11. Essa tradução singela é intencional. Para onde ele foi? Somente podemos responder com Lucas: Ele foi “elevado”, “erguido” para junto de Deus. Tanto Lutero quanto G. Tersteegen já tinham consciência de que isso não é um local geográfico no espaço planetário ou galáctico, mas significa que “Deus está presente...” preenchendo todos os lugares e estando perto de nós. Personagens bíblicos, como Paulo e Lucas, não teriam essa noção também? Eles já não liam no AT: “Eis que os céus e até o céu dos céus não te podem conter” (1Rs 8.27)? Isso não quer dizer que os autores bíblicos “localizaram” a Deus em qualquer lugar do universo. Deus, com sua poderosa “direita”, está em todos os lugares em que deseja estar e atuar. A “ascensão”, a “elevação” de Jesus representa a “exaltação à destra de Deus” (cf. At 2.33-36), porém isso não expressa outra coisa senão que desse modo Jesus se torna participante dessa forma divina de ser e atuar. Na verdade, desse modo Jesus não está mais direta e visivelmente “presente” entre os discípulos. Porém os apóstolos sabiam muito bem que seu Senhor estava próximo e atuante: At 2.47; 3.13; 4.10; 4.30; 9.5; 22.17-21! E se ele está atualmente oculto aos olhos dos discípulos, o contrário não acontece: Ap 2.2; 2.9,13-19; etc. Como acontecimento, a ascensão é descrita por Lucas, mas como fato da “exaltação” de Jesus, é testemunhada em todo NT: Rm 8.34; Ef 1.20; Fp 2.9; 1Tm 3.16; 1Pe 3.22; Hb 1.3.

Ao mesmo tempo, porém, a situação é tal que nem sequer podemos evitar que essas realidades divinas sejam expressas com metáforas de espaço, que sempre constituíram o único recurso para expressá-la. Será que até mesmo o físico moderno, quando pensa em Deus, poderá deixar de “levantar os olhos” ao céu e procurar a Deus “nas alturas”? De sua parte, Lucas tomou o cuidado, em sua descrição, de excluir tudo o que de fato é “mítico”! Fê-lo de um modo que teríamos de admirar se não fosse simplesmente a maneira em que se expressava a fé genuinamente bíblica. Não encontramos uma única palavra de ilustração fantasiosa! Quem conhece a literatura correspondente da Antigüidade (incluindo vários escritos do âmbito da igreja antiga) e considera o anseio do coração humano ávido por fatos miraculosos, pode aquilatar integralmente a casta contenção do presente trecho. Aqui, como em outras ocasiões na Bíblia, a “nuvem” não é uma constelação atmosférica, mas expressão do encobrimento que Deus confere à Sua ação misteriosa. Jesus é retirado de uma ligação, ainda existente, com o espaço terreno. É justamente por isso que as testemunhas do NT não podiam pensar na mera elevação dentro desse espaço. Trata-se do caminho para a “altitude” junto de Deus, que é inconcebível para os seres humanos e fica encoberto pela “nuvem” aos olhares dos discípulos.

Também é um traço tipicamente bíblico não dar a menor informação sobre o sentimento íntimo dos discípulos nesse evento tão inaudito quando incisivo. Importantes são os atos e fatos divinos, não nosso sentimento diante deles. A exposição de Lucas chega a ser quase assustadoramente sóbria.

- 10 O envolvimento íntimo dos apóstolos somente fica claro no fato de que “incessantemente continuam olhando para o céu”. Contudo, um chamado objetivo os tira também dessa atitude. Por meio da expressão bíblica muito freqüente “Eis”, nossos olhares, bem como os dos apóstolos, são

desviados do “céu”, porque dois emissários do céu subitamente estão do lado dos apóstolos e os interpelam.

- 11** Esses mensageiros do mundo celestial conhecem os apóstolos como “galileus”. Portanto, também os anjos não estão a distâncias siderais de nós, mas estão tão próximos que podem nos ver e ouvir. Podem ter parte conosco e com nossa vida. Conseqüentemente, também compreendem que os discípulos ficam olhando, em parte maravilhados, em parte sofridos, em parte alegres, na direção para a qual o Senhor amado foi. Contudo, o mundo da Bíblia é completamente não-sentimental. O amor de Deus não tolera que nos detenhamos em nós mesmos e em nossos sentimentos. Não há tempo para ficar parados e seguir o Senhor com o olhar. Por isso os anjos corrigem os discípulos e voltam-nos em direção do tempo presente, testemunhando-lhes o futuro: Jesus voltará! Não é uma despedida para sempre. Da mesma maneira que Jesus agora “saiu” do âmbito terreno para o mundo divino completamente diferente, assim Ele retornará, ingressando novamente na esfera da atuação visível sobre esta terra. É por isso que o NT fala da “*parusia*”, da nova “presença” de Jesus, ou de sua nova “revelação”. Também dessa forma todas as concepções “místicas” são refutadas.

Da palavra dos anjos, Lucas salientou singularmente o “assim, do mesmo modo”. O que isso significa? Nos dias da Páscoa a glória de Jesus ainda estava oculta de modo peculiar. Ele nem mesmo foi reconhecido imediatamente, logo não andava pela região com magnitude esplendorosa. Mas agora, na ascensão, é “exaltado”, liberto dos limites terrenos, e dotado da glória de Deus. E da mesma maneira “todos os povos da terra... verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória” (Mt 24.30; Lc 21.27). Isso acontecerá da mesma maneira real e visível como sua saída para o céu.

O fato de Lucas libertar a igreja de uma falsa “expectativa imediata” da *parusia* e dirigi-la para sua incumbência neste tempo e neste mundo foi classificado como realização teológica e eclesial peculiar de Lucas. Nisso há algo correto. Na palavra dos anjos falta qualquer referência cronológica sobre a nova revelação do Senhor Jesus, qualquer data exata. Contudo, diante disso não se deve esquecer o seguinte: Lucas não quis colocar a expectativa da primeira igreja pelo Senhor vindouro de lado. Com toda a força do impacto de uma mensagem da boca de emissários celestiais, Lucas principia seu livro com *Maran atha*, nosso Senhor vem! É para essa verdade que tudo o que agora precisa ser feito pela igreja, por meio de seus apóstolos, em Jerusalém e até os confins da terra, continua direcionado.

- 12** A palavra dos anjos faz parte da instrução que os apóstolos receberam do próprio Jesus diretamente antes de sua despedida. Os apóstolos compreendem a situação! Compreendem o que Jesus sintetizou na sucinta palavra: “Negociai até que eu volte!” (Lc 19.13). Não é hora de ficar olhando com saudades ou admiração enquanto Jesus se afasta. Tão logo vier o Espírito, começará o grande trabalho em Jerusalém. Nesse trabalho eles sentirão que o Senhor invisível age com poder (At 2.47). Todo o trabalho, porém, está debaixo da responsabilidade do Senhor, que no Seu dia novamente estará “presente” e “visível” e examinará nossa obra pelo fogo (2Co 5.10; 3.11ss). É por isso que, obedientes, eles tiram as conclusões corretas. Não solicitam aos anjos mais esclarecimentos escatológicos, mas “voltaram para Jerusalém”.

Agora também é mencionado o local da ascensão: o monte que traz o nome de “Jardim das Oliveiras” ou “Horto das Oliveiras” e que conhecemos como “Monte das Oliveiras”. Bem diante deles, “distante como a jornada de um sábado”, está a cidade, à qual retornam, rumo à emocionante história de sua vida, com seus altos e baixos, com os acontecimentos esperados e inesperados que Lucas deseja relatar.

A ESPERA EM ORAÇÃO PELA EFUSÃO DO ESPÍRITO - Atos 1.13-14

13 – Quando ali entraram, subiram para o cenáculo onde se reuniam Pedro, João, Tiago, André, Filipe, Tomé, Bartolomeu, Mateus, Tiago, filho de Alfeu, Simão, o Zelote, e Judas, filho de Tiago.

14 – Todos estes perseveravam unânimes em oração, com as mulheres, com Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos dele.

- 13** Os discípulos cumprem a ordem de Jesus: “Esperem!” Para isso, recolhem-se ao silêncio oferecido pelo “cenáculo” [recinto superior], diferente das peças da casa no andar de baixo. Lucas afirma expressamente que esse não apenas era um encontro isolado depois da ascensão, mas que levou a uma reunião permanente durante todos os dias. Sim, teremos de imaginar essa casa com a peça no

andar superior como sendo o local de permanência constante dos apóstolos enquanto de fato estavam em Jerusalém.

A espera não é nem impaciente e agitada, nem vazia e inativa. É plena de “perseverar em oração”. Todo israelita conhecia a oração desde a infância. Mais tarde os discípulos haviam recebido o ensino de Jesus sobre como orar, tendo sempre diante de si o Seu exemplo. Naturalmente não precisamos imaginar que ali ficavam de joelhos da manhã até a noite, proferindo orações. Contudo, esses dias foram determinados pelo falar com Deus, lembrando tudo o que haviam vivenciado, e em expectativa esperançosa pelo que lhes havia sido prometido e ordenado. Essa oração não era algo ligado ao sentimento religioso, mas era trabalho sério da vontade. É assim que se preparam acontecimentos divinos: na espera por determinadas promessas de Deus e na oração consistente e perseverante.

Recebemos a informação sobre quem esteve reunido naqueles dias de preparação. Em primeiro lugar são os onze apóstolos. São arrolados expressamente pelo nome. Muitas vezes Atos dos Apóstolos foi criticado porque a obra de modo algum faz justiça ao seu nome. Na realidade estaríamos ouvindo pormenores somente sobre Pedro, e nem sequer a respeito dele haveria uma história abrangente de sua vida e atuação. O que os demais fizeram em sua vocação apostólica nem sequer estaria sendo contado. Mas também nesse caso a Bíblia difere substancialmente de nosso interesse por pessoas de renome. Na Bíblia não existe nenhuma “biografia”, nem mesmo as de Isaías ou Jeremias. Homens como o profeta Micaías em 1Rs 22.28 surgem e desaparecem, sem que sejamos informado a respeito de sua atuação, que de forma alguma se limitou a essa uma aparição. Da mesma forma, Lucas também não escreve nada sobre a história de cada apóstolo. No entanto, a reunião deles em oração, a vivência conjunta da história do Pentecostes, a contribuição na construção da primeira igreja e a participação na liderança da igreja em formação é obra apostólica completa (cf. At 2.1,14,37,42; 4.33; 5.15,40-42; 8.14). Eles não importam como originais isolados, biograficamente interessantes, mas como grupo de doze, que o próprio Jesus havia convocado e que está solidariamente no serviço.

No entanto, agregavam-se aos apóstolos também “mulheres”. Dificilmente eram apenas esposas dos apóstolos e dos irmãos de Jesus, mas sobretudo aquelas mulheres às quais justamente Lucas atribui uma participação importante na obra de Jesus: Lc 8.2s; 23.49,55; 24.10. É significativo para a igreja de Jesus que nela a mulher receba um papel bem diferente do que na sinagoga. Isso também aflora intensamente neste momento: mulheres participam do preparo de Pentecostes pela oração (cf. também o comentário a At 8.3).

Também Maria, a mãe de Jesus, está presente com os irmãos de Jesus. É nesse ponto que o NT cita pela última vez o nome de Maria. Não a encontramos numa posição de honra, mas colocada lado a lado com as demais mulheres com um singelo “e”. Sobre a posição anterior dos irmãos de Jesus lemos em Mc 3.31-35 (v. 21!); Jo 7.3-8. O próprio Jesus havia recusado todas as reivindicações de sua família. Contudo, nos dias de Páscoa ele também foi ao encontro de seu irmão Tiago (1Co 15.7), e Tiago chegou à fé. Ao que parece, isso fez com que a família toda entrasse na igreja, na qual Tiago obteve uma posição de liderança ao lado dos apóstolos (cf. o comentário sobre At 12.17; Gl 2.9; At 15.13ss).

- 14** “Todos esses perseveraram unânimes em oração.” Existe também “unanimidade” no campo contrário: At 7.57; 18.12; 19.29; é a unanimidade da excitação acalorada. Tanto mais importante é a tranqüila e concentrada unanimidade dos discípulos de Jesus, que leva à comunhão de oração. De acordo com a promessa do Sl 133 ela constitui uma premissa básica para bênçãos divinas. Ninguém em Jerusalém deve ter dado muita atenção ao pequeno grupo que se reunia ali em segredo, no recinto superior de uma casa. Muito menos alguém em Roma e na corte do imperador tinha qualquer suspeita disso. Não obstante: aqui acontecia algo que superava todos os grandes e ruidosos processos da política e da economia, tornado-se a premissa para uma história de alcance mundial, que inclui também a nós e desemboca no futuro eterno.

A ELEIÇÃO PARA A VAGA DO 12º APÓSTOLO - Atos 1.15-26

15 – Naqueles dias, levantou-se Pedro no meio dos irmãos (ora, compunha-se a assembléia de umas cento e vinte pessoas) e disse:

- 16 – Irmãos, convinha que se cumprisse a Escritura que o Espírito Santo proferiu anteriormente por boca de Davi, acerca de Judas, que foi o guia daqueles que prenderam Jesus,**
- 17 – porque ele era contado entre nós e teve parte neste ministério.**
- 18 – (Ora, este homem adquiriu um campo com o preço da iniquidade; e, precipitando-se, rompeu-se pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram;**
- 19 – e isto chegou ao conhecimento de todos os habitantes de Jerusalém, de maneira que em sua própria língua esse campo era chamado Aceldama, isto é, Campo de Sangue.)**
- 20 – Porque está escrito no Livro dos Salmos: Fique deserta a sua morada; e não haja quem nela habite; e: Tome outro o seu encargo.**
- 21 – É necessário, pois, que, dos homens que nos acompanharam todo o tempo que o Senhor Jesus andou entre nós,**
- 22 – começando no batismo de João, até ao dia em que dentre nós foi levado às alturas, um destes se torne testemunha conosco da sua ressurreição.**
- 23 – Então, propuseram dois: José, chamado Barsabás, cognominado Justo, e Matias.**
- 24 – E, orando, disseram: Tu, Senhor, que conheces o coração de todos, revela-nos qual destes dois tens escolhido**
- 25 – para preencher a vaga neste ministério e apostolado, do qual Judas se transviou, indo para o seu próprio lugar.**
- 26 – E os lançaram em sortes, vindo a sorte recair sobre Matias, sendo-lhe, então, votado lugar com os onze apóstolos.**

Agora vemos que “aqueles dias” de fato não estavam preenchidos apenas com a oração como tal. Oração verdadeira sempre nos insere também nas nossas tarefas. Os discípulos falam com Deus sobre o envio do Espírito e sobre a imensa obra que se abre diante deles, pessoas humildes da Galiléia. Em vista disso, eles se deparam com a enigmática e dolorosa situação de que há uma lacuna em seu grupo. Foram doze os apóstolos que o Senhor convocara para as doze tribos de Israel; e agora perfazem apenas onze. Não precisam se tornar completos antes de começar a trabalhar em Israel?

- 15** Pedro assume a tarefa que Jesus lhe deu em Cesaréia de Filipe (Mt 16.18s) e que lhe transferiu novamente após a Páscoa no mar de Tiberíades (Jo 21.15-17). Ele reúne um círculo grande de discípulos de Jesus, de sorte que cerca de cento e vinte “nomes” estavam reunidos “no mesmo lugar”. A expressão “nome” representa o que nós designamos com a palavra “pessoa”. O local da reunião dificilmente seria o cenáculo, que não ofereceria espaço para cento e vinte pessoas, mas outra sala, talvez também o pátio da casa. No Oriente, a vida transcorre muito mais ao ar livre do que entre nós.

Pedro “levanta-se no meio dos irmãos” e toma a palavra. Aqui algo muito grandioso se torna visível: a realidade plena do perdão! Quem está se levantando no meio dos irmãos é aquele homem que traiu o Senhor. Todos os reunidos têm conhecimento disso. Será ele ainda “digno” de ser o dirigente em seu meio? Acaso não havia perdido toda a autoridade? Não se manifesta desprezo e rejeição contra ele? Nem aqui nem mais tarde palavra alguma é dita a respeito disso! Milagrosamente, a primeira igreja foi capaz de ambas as coisas: não dissimular a queda de Pedro, mas relatá-la com toda a clareza no próprio evangelho, e ao mesmo tempo reconhecer sem restrições em Pedro o cabeça do grupo dos discípulos. O perdão que Jesus concedeu a Pedro, como a todos eles, havia apagado integralmente a culpa dele, como a deles também. Consequentemente, o próprio Pedro também não está diante deles inseguro, com sentimentos de inferioridade. Também ele acolhe o perdão com toda a sua glória, assumindo seu lugar com uma obediência objetiva.

Em sua atitude Pedro traz no coração a palavra de Jesus que exclui do grupo dos discípulos qualquer dominação mundana (Mt 20.25-28). Por isso Pedro não ordena as coisas de forma determinante a partir de si mesmo (“episcopalmente”), e tampouco delibera sobre elas no círculo de seus colegas apóstolos, mas dirige-se conscientemente à “igreja”, ainda que agora ela seja formada apenas por esse grupo variável de discípulos.

- 16/19** De acordo com o costume da Antiguidade e também do judaísmo, ele interpela somente os “homens e irmãos”. É assim que está registrado também nas cartas apostólicas. Nosso costumeiro “Amados irmãos e irmãs!” é desconhecido no NT. Ocorre, porém, que são precisamente as cartas que mostram – basta lembrar a “lista de saudações” em Rm 16! – com que intensidade as mulheres também estavam envolvidas na construção da igreja. Por isso, conforme diz o v. 14, com certeza elas estavam presentes nessa primeira “assembléia da igreja” e de fato incluídas na interpelação.

Para o discurso subsequente vale o que afirmou G. Stählin (op. cit., p. 23): “É a forma artística do assim chamado discurso breve. Consiste somente de frases que de fato poderiam ter sido ditas num discurso verbal, mas em termos de conteúdo representa tão somente um resumo sucinto do verdadeiro discurso.” Ademais, o v. 19 não deve pertencer diretamente ao discurso do próprio Pedro, mas ser uma “anotação” de Lucas. Isso porque Pedro falava a seus companheiros na língua aramaica que o povo de Jerusalém usava, e para eles não haveria necessidade de traduzir a palavra “*Aceldama*”. Para Teófilo, porém, e os leitores gregos de Atos dos Apóstolos essa referência que Lucas intercala nas considerações de Pedro era necessária.

Os informes sobre os quais Lucas alicerça seu relato divergem daquilo que Mateus nos conta sobre o fim de Judas e sobre o “Campo de Sangue” (Mt 27.3-10). Isso não é surpreendente. Nós mesmos já presenciamos diversas vezes como pessoas, que haviam sido testemunhas oculares de determinado acontecimento, mais tarde dão descrições bastante diferentes do mesmo entre si. E até quando compartilhamos lembranças de experiências que tivemos em conjunto, como é diferente a maneira como cada um guardou as imagens em sua memória. Isso não deve levar à conclusão tola de que o respectivo acontecimento nem teria acontecido e que os informantes teriam apenas imaginado tudo. Pelo contrário, as variações comprovam a autenticidade das declarações das testemunhas: nada foi combinado e ajeitado. E tudo aquilo que é essencial é apresentado de forma concordante nos diversos relatos. É o que também acontece aqui. Não visamos harmonizar artificialmente a tradição de Mateus com a de Lucas. Mas queremos prestar atenção nas linhas essenciais que são iguais em ambos: o traidor chegou a um fim terrível pouco tempo depois de seu ato; seu dinheiro tornou-se funesto para ele. Isso não ficou oculto, mas tornou-se de domínio público em Jerusalém. A memória disso – como costuma acontecer entre o povo – fixou-se ao nome de um terreno que se relaciona com o dinheiro do sangue do traidor e por isso é chamado de “Campo de Sangue”. É isso que precisamos saber. Nisso mostra-se a seriedade do juízo divino.

- 16/17** Essa seriedade determina a atitude de Pedro. Ressalta mais uma vez o lado terrível do ato de Judas. Aquele homem que “era contado entre nós e obteve parte neste ministério” tornou-se “o guia daqueles que prenderam Jesus”. Não se ensaia nenhuma palavra para explicar profundamente esse processo. Aqui, como em todo verdadeiro “pecado”, não há o que “explicar”. Qualquer “explicação” seria um passo para anular a culpa. Contudo, tampouco se diz alguma palavra ofensiva sobre Judas. O que Pedro afirma está completamente isento do odioso prazer com que nós facilmente nos levantamos, cheios de indignação, contra um culpado. Deus já julgou de forma suficientemente grave, toda Jerusalém o sabe. Nessa questão o veredicto humano pode e deve calar-se.
- 16** Ainda se ouvem resquícios da consternação: “Era contado entre nós!” Contudo, essa consternação foi superada por meio do refúgio na palavra da Escritura. Foi isso que a igreja de Deus experimentou em todos os tempos, até hoje: justamente na hora dos eventos enigmáticos, difíceis de suportar, abre-se subitamente para nós uma palavra da Escritura. Ela adquire um sentido completamente novo para nós e lança sua luz sobre a escuridão dos fatos. Percebemos com gratidão: o que era incompreensível para nós, o que nos causou tamanhas preocupações e aflições, foi previsto por Deus e incluído em Seu plano. Há muito tempo Deus já deu Sua palavra a esse respeito. Então não existe objeção a que a respectiva palavra bíblica “objetiva” ou “historicamente” fale de algo bem diferente. Obviamente os Sl 69.25 e 109.8 inicialmente eram orações gerais de fiéis contra inimigos cruéis. Esses salmos já haviam sido orados várias vezes desse modo por pessoas aflitas. Mas quando Pedro refletiu com os demais apóstolos sobre o episódio com Judas, essas antigas palavras o atingiram de forma nova. Não foi a ação de Judas como tal que havia sido “predestinada”! Na Bíblia não se buscam teorias sobre a relação entre determinações divinas e culpa humana. Ambas as realidades vigoram assim como as experimentamos pessoalmente: o governo divino que a tudo abrange, e a liberdade e responsabilidade próprias do ser humano (sobre isso, cf. sobretudo Rm 9 e a explicação desse capítulo na série Comentário Esperança). Por isso Pedro não soluciona o terrível mistério em torno da traição de Judas e não afirma: essa traição precisava acontecer, porque a Escritura a predissera. Mas de qualquer forma ela foi vista e classificada por Deus. Isso se torna claro no fim do traidor, que corresponde à profecia no salmo de Davi.
- 20** Foi em vão a tentativa de Judas de assegurar para si uma morada com o “salário da injustiça”! Não, Deus o declarou: “Fique deserta a sua morada; e não haja mais quem habita nela.” De forma correspondente, Deus executou o fim horrível do traidor, provavelmente no terreno recém-adquirido.

Então, porém, é preciso compreender igualmente a outra palavra do salmo: “Tome outro seu cargo de supervisão.” E para isso a assembléia fora convocada.

- 21/22** Pedro constata inicialmente as exigências imprescindíveis a um “apóstolo”. Um “apóstolo” é acima de tudo uma “testemunha da ressurreição de Jesus”. A ressurreição de Jesus é – obviamente mediante ligação indissolúvel com sua cruz! – o evento decisivo que realmente faz do evangelho um evangelho. Sem o acontecimento do dia da Páscoa, o “cristianismo” jamais teria surgido no mundo. Não teria significado extremo para nós e para o mundo todo o fato de que o ser humano Jesus de Nazaré viveu, ensinou, curou, amou e sofreu, se esse Jesus não tivesse sido despertado por Deus e transformado em seu “Senhor e Cristo” (cf. At 2.32-36; 3.13-15; 4.10-12; 13.38s; 17.30s). Jesus foi “designado Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade pela ressurreição dos mortos” (Rm 1.4). Essa ressurreição dentre os mortos, contudo, constitui ao mesmo tempo o “impossível”, o humanamente inconcebível e por isso escandaloso, irritante e ridículo (At 17.32). Por isso o testemunho originário do apostolado, fundador da igreja, somente pode ser prestado nesse mundo alienado de Deus por aquela pessoa que presenciou pessoalmente o fato inaudito da ressurreição de Jesus e que experimentou sua verdade. Essa ressurreição, porém, não é um evento isolado em si. Jesus, e unicamente Jesus, é aquele que ressuscitou dentre os mortos! E precisamente Jesus é, como o Ressuscitado, de fato o Salvador glorioso de que os pecadores precisam. Por isso a testemunha de sua ressurreição igualmente precisa ter conhecido bem a Jesus pessoalmente. No entanto, ele não é “apóstolo” como pessoa isolada e solitária, mas – já falávamos disso – unicamente como membro do grupo de apóstolos. Por isso precisa ter estado em contado desde o início com esse grupo a que deverá pertencer integralmente. Ele deve exercer o ministério “conosco”.
- 23** Havia homens com essa qualificação entre os cento e vinte. Dois deles pareciam especialmente dignos de confiança aos que estavam reunidos. Destacaram José, chamado Barsabás, com o cognome Justo, e Matias. Contudo, nem eles nem os apóstolos queriam tomar pessoalmente a decisão definitiva. Afinal, o Espírito Santo, que mais tarde – p. ex., em At 13.2 – separa e convoca para o ministério, ainda não está presente.
- 24** Por isso voltam-se ao que “conhece os corações” e em oração perguntam pela vontade dele.
- 25** Expõem diante dele a necessidade de suas preces. É o que podemos fazer na oração. Judas se demitiu da “vaga neste ministério e envio”, para ir “para seu próprio lugar”, i. é, para a perdição. O lugar vazio precisa ser preenchido e assumido por outro.
- 26** O Senhor deve decidir agora através do sorteio. O texto não deixa inequivocamente claro se eles “lançam sortes por eles” (assim traduz A. Schlatter) ou se fazem que os dois tirem a sorte. Seja como for, o sorteio indicou Matias como aquele que foi eleito pelo Senhor, e “foi acrescentado aos onze apóstolos” [NVI].

Portanto, tão vivos e múltiplos eram os acontecimentos no começo da igreja! Pedro age a partir de si com sua própria autoridade. Na igreja existem homens que a lideram. Mas então ele convoca a própria igreja para agir, depois que lhe mostrou sobre o que deve dirigir sua atenção. E em oração a igreja entrega a última decisão na mão do Senhor, recorrendo uma vez, aqui no começo, ao método do sorteio. Não se implanta nenhum princípio, nem “episcopal”, nem “democrático”, nem tampouco se estabelece um direito de gozar constantemente da maravilhosa direção através do Senhor. De forma livre fez-se justiça a tudo, conforme a respectiva situação demandava.

Às vezes se afirmou que apesar disso a igreja agiu com precipitação. O décimo segundo apóstolo preparado pelo Senhor seria Paulo, por cuja vocação a igreja deveria ter esperado. Porém, será que a igreja podia esperar durante anos por algo incerto? Para isso ela teria necessidade de uma instrução clara do Senhor. Sobretudo, porém, Paulo nunca se considerou entre os “Doze”, aos quais diferencia expressamente de si em 1Co 15.5 como sendo um grupo especial. Em sua característica numérica, os Doze se dirigiam a Israel. Quem desejasse pertencer a eles de fato precisava ter vivenciado, como Pedro está demandando aqui, a história especial de Deus no âmbito de Israel desde o movimento de arrependimento desencadeado por João até o último desfecho na ascensão de Jesus. Nesse sentido, Paulo não podia ser um apóstolo. Em vista disso, Paulo se considerou pessoalmente uma exceção muito peculiar: 1Co 15.8-10. Ele tinha consciência de ser um “apóstolo das nações”, embora, nessa tarefa, fosse plena e integralmente um “apóstolo” – Paulo lutou com todas as forças pelo reconhecimento de seu envio e autoridade apostólicos – mas não como um dos “Doze”, que juntos exerciam seu ministério em Jerusalém, sobretudo em prol de Israel.

A VINDA DO ESPÍRITO NO DIA DE PENTECOSTES - Atos 2.1-13

- 1 – Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar;**
 - 2 – de repente, veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam assentados.**
 - 3 – E apareceram, distribuídas entre eles, línguas, como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles.**
 - 4 – Todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem.**
 - 5 – Ora, estavam habitando em Jerusalém judeus, homens piedosos, vindos de todas as nações debaixo do céu.**
 - 6 – Quando, pois, se fez ouvir aquela voz, afluiu a multidão, que se possuiu de perplexidade, porquanto cada um os ouvia falar na sua própria língua.**
 - 7 – Estavam, pois, atônitos e se admiravam, dizendo: Vede! Não são, porventura, galileus todos esses que aí estão falando?**
 - 8 – E como os ouvimos falar, cada um em nossa própria língua materna?**
 - 9 – Somos partos, medos, elamitas e os naturais da Mesopotâmia, Judéia, Capadócia, Ponto e Ásia,**
 - 10 – da Frígia, da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia, nas imediações de Cirene, e romanos que aqui residem,**
 - 11 – tanto judeus como prosélitos, cretenses e arábios. Como os ouvimos falar em nossas próprias línguas as grandezas de Deus?**
 - 12 – Todos, atônitos e perplexos, interpelavam uns aos outros: Que quer isto dizer?**
 - 13 – Outros, porém, zombando, diziam: Estão embriagados!**
- 1** Os apóstolos, juntamente com um grande grupo de discípulos de Jesus, entre os quais havia também mulheres e Maria, a mãe de Jesus, e seus irmãos de sangue (At 1.14), esperavam em oração pelo cumprimento das grandes promessas de Deus e, simultaneamente, pelo começo de seu serviço de testemunhas. Agora chegava esse cumprimento. Por essa razão Lucas inicia sua narrativa: “E ao começar a cumprir-se...” Esse cumprimento acontece por livre majestade unicamente do próprio Deus, no dia determinado por Ele. Os discípulos não ficam cada vez mais cheios do Espírito aos poucos, em silêncio. Muito menos tentam chegar à posse do Espírito através de quaisquer métodos religiosos. Sabem fazer uma coisa somente: esperar com fé pela ação do próprio Deus.
- Essa ação acontece num dia festivo judeu, “ao começar a cumprir-se o dia de Pentecostes”. Podemos traduzir assim: “No início do dia de Pentecostes, todos estavam reunidos.” O grande evento ocorre logo na manhã da festa. Quando Pedro começa seu discurso são apenas 9 horas da manhã. A ordem do “ano eclesiástico” na antiga aliança previa três grandes festas: o *passá*, a festa da sega e a festa “quando recolheres do campo o fruto do teu trabalho” no final do ano (cf. Gn 23.14-17). Em Lv 23.15-22 a festa da sega passa a ser regulamentada com mais detalhes. Deve ser celebrada no 50º dia depois do *passá*. Em grego, o “qüinquagésimo” (dia) chama-se “*pentekostê*”; dele derivou-se mais tarde nosso termo “Pentecostes”. Em época posterior, Israel também não queria mais celebrar Pentecostes e a festa dos tabernáculos apenas como festas da natureza e da colheita. Sem dúvida continuava a receber com gratidão da mão de Deus também as dádivas naturais dos campos, pomares e vinhedos. Porém sabia que Deus havia ido a seu encontro em sua história de outras formas gloriosas e divinas. Por consequência, considerou os “tabernáculos” uma recordação da peregrinação pelo deserto, com suas tendas e com o maravilhoso auxílio e provisão até entrarem na terra prometida, e relacionou a festa de Pentecostes com a legislação no monte Sinai. É verdade que a comprovação dessa ligação existe somente na literatura pós-apostólica. Porém, não é possível que a memória do evento do Sinai no dia de Pentecostes já tenha estado viva antes entre o povo? Seja como for, chama a atenção a profunda correlação que o acontecimento narrado por Lucas nesse dia de Pentecostes possui com a revelação de Deus no Sinai. Lá e cá ocorre a presença do Deus vivo para criar sua “igreja”, um povo santo, um reino de sacerdotes. Lá e cá acontecem tempestade e fogo como sinais visíveis da presença do Senhor. De acordo com a tradição judaica, os 70 povos do mundo teriam captado a proclamação divina no Sinai em sua respectiva língua, assim como agora pessoas de todo o mundo ouvem a exaltação dos grandes feitos de Deus em sua língua pátria. No entanto: agora acontece a nova aliança, profetizada por Jeremias (Jr 31.31-34) – não mais o serviço

de Moisés, da “letra”, da condenação e da morte, mas o serviço do Espírito, da justiça e da vida (cf. 2Co 3.4-9). Somente agora se forma de fato o “sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (1Pe 2.9). Como no “*passá*”, também no “Pentecostes” vemos lado a lado o Deus que não age arbitrariamente, mas numa seqüência planejada, ligada à sua ação anterior, que é acolhida e levada à perfeição, e o Deus que também não se deixa encerrar na bitola de revelações antigas, que cria coisas inéditas, por meio das quais mostra a glória plena daquilo que Ele já tinha em mente nas manifestações anteriores. Assim o “passar poupando” (é que significa o termo “*passá*”) de Deus diante do “sangue do Cordeiro” (Êx 12.13), de magnitude universal e validade eterna, se “cumpre” na morte e no sangue do Filho de Deus na cruz; e assim se “cumpre” agora em “Pentecostes”, ao ser derramado o Espírito de Deus em escala universal e realidade máxima, aquilo que Deus de fato havia previsto no Sinai quando vocacionou a Israel.

- 2 O que sucede em seguida não é apenas “acontecimento interior”. Afinal, não se trata de “espírito” no sentido da “intelectualidade” humana. Temos de nos libertar do idealismo grego que nos alienou. Trata-se do poder e da vida do Deus vivo. A esse Deus e Criador, porém, o mundo “exterior” pertence da mesma forma como o “interior”. Quando ele se aproxima, sua presença viva também se torna sempre audível e visível. Precisamente nisso, pois, também a história de Pentecostes revela que não se trata de processos dentro da psique que poderíamos explicar de uma ou outra maneira, mas sim da intervenção de Deus. “De repente, veio do céu um som, como de um vento poderoso que descia.” No grego, “*pnoé*” = vento, “*pneuma*” = Espírito são (como também no termo hebraico “*ruach*”) derivados da mesma raiz. P. ex., ao dialogar com Nicodemos, Jesus também tomou o misterioso sopro do vento como ilustração do sopro do Espírito. Obviamente é apenas uma “figura”. Notemos que Lucas diz expressamente: Soava “como” de um vento poderoso. O zumbido veio “do céu”, naturalmente não da atmosfera terrena, mas oriundo de Deus. Contudo penetra totalmente no mundo terreno e enche uma casa. Deus não está limitado a templos e lugares consagrados! Para a sua presença, ele seleciona um mísero arbusto espinhento no deserto, e agora uma casa secular, comum, em Jerusalém.
- 3 Na seqüência o Espírito também se torna “visível”. “E apareceram-lhes línguas separando-se, como de fogo.” João Batista já havia falado do batismo “com o Espírito Santo e com fogo” (Mt 3.11). Desde sempre o “fogo” foi, como a “luz” e a “tempestade”, um sinal da essência e da atuação divinas. Tanto aqui como na descrição da ascensão, Lucas, sóbrio e contido diante da singularidade dos acontecimentos divinos, sabe muito bem que pode aduzir somente comparações precárias. Podem ser vistas línguas “como” de fogo. Por essa razão seu relato também não representa uma contradição com a visão de João, que vê o Espírito descer “como uma pomba”. Quem jamais experimentou pessoalmente o Espírito Santo não sabe que Ele é “fogo”, aquecedor, purificador, consumidor, que incendeia o coração, que Ele é “tempestade” que impele com força irresistível, e que Ele apesar disso sempre aquele Espírito silencioso que se distingue completamente de toda agitação humana e de todo alvoroço demoníaco.

As línguas são descritas como “separando-se”. Talvez deveríamos traduzir diretamente: “distribuindo-se”. Não está sendo referida a imagem de labaredas repartidas, mas o compartilhamento pessoal do fogo do Espírito a cada indivíduo do grande grupo. Por isso Lucas continua no singular, apesar da recém-mencionada pluralidade de línguas: “... e ele pousou sobre cada um deles.” Nessa formulação aparentemente desajeitada expressa-se certamente que é o mesmo Espírito Santo indivisível que, não obstante, agora é concedido pessoalmente a cada um.

- 4 “E todos ficaram cheios do Espírito Santo.” O Espírito é como um mar de fogo que desce do alto, que com suas “línguas” alcança todos os reunidos. Recebem o Espírito não apenas os apóstolos, os “ministros”. Também os demais discípulos são presenteados com ele, inclusive as mulheres. Sim, desde o início vigora na igreja de Jesus que “não há... nem homem nem mulher” (Gl 3.28). É por essa razão que em seu discurso Pedro olha para a palavra de Joel, que cita expressamente as “servas” e “filhas”, ao lado dos “filhos” e “servos”, como destinatárias do Espírito e de seus efeitos.

O que, porém, o Espírito efetua? Somente cumprimento interior e alegria nos próprios agraciados? Isso seria uma contradição à linha básica de toda a revelação da Escritura. Jamais os poderosos feitos de Deus estão presentes apenas para nossa felicidade pessoal! Eles sempre preparam pessoas para Deus, para a honra de Deus e para a cooperação na história salvadora de Deus entre os seres humanos. Assim, pois, experimentam-no também os discípulos. “E passaram a falar em outras

línguas, segundo o Espírito lhes concedia que proferissem.” O Espírito Santo concede “proferir”. O termo grego usado refere-se a um falar inflamado ou entusiasmado. Os discípulos não estão “pregando”! Lucas expôs com muita clareza que a “pregação” propriamente dita, com suas exposições tranqüilas (ainda que poderosas para compungir o coração!), haveria de ser somente tarefa de Pedro. Como, afinal, 120 pessoas seriam capazes de “fazer pregações” ao mesmo tempo? Quem poderia prestar atenção neles? Igualmente é digno de nota que pessoas contrariadas entre a multidão podiam ter a impressão acerca dos discípulos de que: “Estão cheios de vinho novo.” Isso deixa claro que não podia tratar-se de “pregações em diversos idiomas ou dialetos”. Pois nesse caso, como cada ouvinte teria conseguido chegar perto justamente daquele discípulo que falava sua língua materna? E a pregação em diversos idiomas tampouco gera a impressão da “embriaguez”. Não, esse “falar com outras línguas” deve ter sido o primeiro “falar em línguas” do cristianismo. Diante desse fenômeno, o observador de fora podia dar de ombros e dizer: “doidos!” (1Co 14.23) ou, como aqui, “bêbados!”. Afinal, também possui redobrada importância que mais tarde Pedro faz um paralelo expresso entre o “falar em línguas” dos gentios presenteados com o Espírito e o evento de Pentecostes: At 11.15, 15.8 relacionado com At 10.44-46. O “falar em línguas”, porém, não era “pregação,” mas adoração, louvor, exaltação, gratidão (At 10.46; 1Co 14.14-17). Em consonância, os discípulos estão enaltecendo aqui, ao orar em línguas, os grandes feitos de Deus. Isso podia ser feito simultaneamente, no grande grupo. Com razão, a partir de amargas experiências, alimentamos desconfiança contra todos os fenômenos “entusiastas”. Contudo, isso não deve nos impedir de ver que em Atos dos Apóstolos o “falar em línguas” é considerado como sinal especial da eficácia do Espírito e que também o próprio Paulo falava muito em línguas (1Co 14.18). Sem nenhuma dúvida, Lucas se posiciona da mesma forma como Paulo em 1Co 14.5 na valoração do Espírito. Não é a jubilosa oração em línguas do grupo de discípulos que cria o movimento de arrependimento que leva à constituição da primeira igreja, mas o anúncio de Pedro (o “profetizar”). Apesar disso, o que aconteceu nessa manhã de Pentecostes continua sendo algo grandioso. Na verdade, os discípulos já sabiam antes de Deus e criam nele. Igualmente eram capazes de orar com uma seriedade e persistência que nos envergonha até mesmo antes do Pentecostes. Agora, porém, a realidade e glória de Deus estão diante deles no Espírito Santo, de maneira tão extraordinária que eles esquecem completamente de si mesmos e de tudo em torno de si, podendo tão somente adorar e exaltar a Deus. O que vêem diante de si, pelo Espírito, acerca da sabedoria, da santidade, do amor e da misericórdia de Deus excede todo pensar e falar humanos. Todas as palavras do linguajar comum fracassam diante disso. Somente “em outras línguas” ainda se pode adorar a “grandiosidade” (possível tradução para “grandes feitos” de Deus) da essência, dos pensamentos e dos feitos de Deus.

5/6 Em tudo os discípulos estão completamente voltados para Deus. “Pois quem fala em outra língua não fala a homens, senão a Deus” (1Co 14.2a). Ainda assim sua oração se torna um “testemunho” e o começo de seu ministério de acordo com a promessa de seu Senhor (At 1.8). Todo esse evento não pode permanecer ignorado em Jerusalém. Na cidade não há apenas visitantes da festa, presentes temporariamente. Do judaísmo amplamente disperso no mundo⁴¹ eram atraídos à terra prometida e à sua capital precisamente os “homens devotos”, para fixar residência onde o Messias haveria de aparecer, no Monte das Oliveiras (Zc 14.4), e marchar até o templo (Ml 3.1). “Quando, pois, se fez ouvir aquela voz” – provavelmente “voz” designa todo o acontecimento audível, o zunido e o falar e louvar em alta voz pelos discípulos – “afluiu a multidão.” Sabemos como isso acontece: primeiro algumas pessoas notam o fenômeno e se aproximam, depois cada vez mais pessoas ficam paradas, e a notícia se espalha com rapidez, atraindo novas turmas.

Nesse momento alia-se ao primeiro acontecimento o verdadeiro milagre de Pentecostes. Sobre falar em línguas publicamente na igreja Paulo afirmou que somente faz sentido e tem razão de ser se houver alguém que o “interprete” ou “traduza” (1Co 14.13,27,28). Esse entendimento e tradução do falar em línguas igualmente representa um dom próprio do Espírito (1Co 12.10). No dia de Pentecostes, porém, o próprio Espírito Santo realiza esse serviço de tradução, sem mediação humana. E o faz tão intensamente que muitos na multidão não apenas entendem que os discípulos estão exaltando os grandes feitos de Deus, mas também ouvem-nos falar na própria língua materna conhecida. O evento de Pentecostes é, portanto, não apenas a primeira ocasião em que a igreja é presentada com o “falar em línguas”, mas também um “milagre de audição”. Duas vezes Lucas salienta: “...cada um os ouvia falar na sua própria língua” (v. 6) e “... os ouvimos falar em nossas próprias línguas as grandezas de Deus” (v. 11). Não eram os discípulos que falavam idiomas

distintos, mas o ouvinte é que escutava todos os discípulos (“nós os ouvimos”) na sua língua, compreendendo-os diretamente. Nesse ouvir processa-se o efeito do Espírito Santo, que cria nos ouvintes a “interpretação” do falar em línguas, que mais tarde é conferida como dom espiritual específico a alguns membros da igreja (1Co 12.10; 14.5; 14.27).

Lucas não fez nenhuma tentativa de explicar o fenômeno, e nem sequer de descrevê-lo mais de perto. Isso teria sido impossível, assim como tampouco existe e nem pode haver uma “descrição” da ressurreição de Jesus, de seu corpo ressuscitado ou de sua ascensão. Aquilo que está ocorrendo agora é “sinal”, do mesmo modo como o vento impetuoso e o fogo com suas línguas. Isso é salientado pela circunstância de que não havia uma necessidade para esse milagre. Afinal, a multidão que afluiu não consistia de gentios nativos dos diversos países citados, que somente eram capazes de falar e entender seu próprio idioma, precisando por isso de um milagre para de fato conseguir ouvir os “homens galileus”. Conforme é dito expressamente, todos eram “judeus”. Que outras pessoas estariam morando em Jerusalém ou presentes à festa na cidade? Esses judeus, porém, falavam aramaico, ou pelo menos o entendiam, mesmo que fossem “helenistas” inteiramente acostumados à língua franca grega ou também às línguas locais da terra que haviam colonizado. Ao que tudo indica, Pedro pôde interpelá-los todos em sua pregação (aramaica), sem que outro milagre especial de línguas ou audição se torne perceptível novamente.

Contudo, como sinais, o acontecimento do falar em línguas e o milagre da audição no dia de Pentecostes se revestem de importância abrangente. Muitas vezes afirmou-se que Pentecostes seria a contrapartida da confusão lingüística babilônica após a construção da torre, e uma misericordiosa anulação da mesma. Mas isso não confere tão diretamente. Porque, em primeiro lugar, aquelas pessoas em Jerusalém não são membros dos diversos povos, mas somente judeus; e, em segundo lugar, eles não estão ouvindo um “esperanto divino”, que substitua os respectivos idiomas, mas cada qual ouve seu próprio dialeto. A diversidade das línguas, portanto, não foi anulada! E apesar disso é correto e necessário que o olhar da igreja de Jesus se volte constantemente de At 2 para Gn 11. A gravidade do juízo sobre a construção da torre não consiste primeiramente em que as pessoas passassem a falar diversas línguas, mas “que um não entende a linguagem de outro” (Gn 11.7). No dia de Pentecostes, porém, Deus concede através do Espírito Santo que, em meio à diversidade continuada das línguas, ainda assim se ouça e compreenda o louvor a Deus nos lábios dos discípulos. Mais uma vez se torna claro porque Pentecostes é tão significativo como “milagre de audição” e não como “milagre de línguas”. Porquanto esse “milagre de audição” se prolonga no sentido mais íntimo também no discurso aramaico de Pedro, o qual cada um podia acompanhar sem problemas em termos de língua. Também na “profecia”, i. é, na proclamação concedida e autorizada pelo Espírito de Deus processa-se o milagre da “compreensão”, que nenhuma arte humana consegue engendrar. É uma compreensão que primeiramente abre o coração para a palavra e toca as mais diversas pessoas do mesmo modo, colocando-as na presença de Deus (cf. 1Co 14.24!). Por isso a missão vive constantemente no capítulo do Pentecostes em Atos dos Apóstolos e constata que no milagre de Pentecostes se iniciou e prometeu sua ação mais própria. Porque também a missão não substituiu, por sua iniciativa, os idiomas das etnias por um idioma mundial qualquer, a fim de anular a “confusão de línguas”, mas se empenhou, com amor ardente e com diligência inédita dele resultante, em prol das línguas dos povos, entrando até em seus diversos dialetos. Verdadeiramente, no campo de missão os grandes feitos de Deus devem ser ouvidos por “cada um em sua própria língua”! Ao mesmo tempo, porém, o evangelho cria nesse evento a profunda compreensão e a unanimidade cordial entre pessoas que antes eram completamente estranhas entre si e se odiavam e matavam. Na essência isso corresponde exatamente ao evento de Pentecostes daquela época e à formação da primeira igreja em Jerusalém. Com razão e justiça enalteçamos até os dias de hoje a Deus e ao seu Espírito: “... que pela multiplicidade das línguas reuniste os povos de todo o mundo na unidade da fé.”

Nisso se explicita a importância duradoura do evento de Pentecostes. Ele é um episódio tão único e não-repetível quanto Natal, Sexta-Feira Santa e Páscoa. Somente uma única vez houve manjedoura e fraldas, cruz e coroa de espinhos, sepultura vazia e sudário dobrado. Também o ruído tempestuoso, o fogo e um ouvir nas respectivas línguas não se repetiu jamais. Apesar disso, os grandes feitos divinos de salvação se oferecem à igreja crente como posse duradoura. Ainda na parusia veremos no Filho de Deus a humanidade por ele assumida no Natal. Em cada dia e em todos os lugares possuímos a salvação que foi consumada no Calvário. Sempre e em todos os locais Jesus é nosso Senhor ressuscitado e presente. É assim que o Espírito que desceu no dia de Pentecostes habita na

igreja de todos os tempos. Repetidamente ele gera o verdadeiro “ouvir” e “entender” da proclamação e adoração, unindo pessoas para a irmandade da igreja. “Pentecostes” não precisa nem tolera uma repetição, assim como tampouco “Sexta-Feira Santa” ou “Páscoa”. Não nos cabe esperar por um “novo Pentecostes”, mas sim dar espaço ao Espírito que está presente desde o dia de Pentecostes.

8-11 Que excelente autor é Lucas! Ele não insere no v. 5 uma lista monótona dos muitos países, mas faz com que as pessoas comovidas digam com admiração de que regiões distintas cada uma veio. São citados somente aqueles países em que havia círculos judaicos especialmente numerosos e fortes. Podemos localizar facilmente todas as regiões no mapa, obtendo pessoalmente uma impressão da vastidão e multiplicidade que naquele tempo comoveu as pessoas em Jerusalém. “Ásia” referia-se naquela época ao nome da província romana (e não ao continente), àquilo que agora conhecemos como “Ásia Menor”, e somente o litoral ocidental dessa região. Chama atenção que se menciona a “Judéia” e ainda mais ligada à “Capadócia”. Na Judéia não se falava nenhum dialeto em especial. A rigor, também “cretenses” e “árabios” parecem ser um acréscimo, depois que Roma é citada na conclusão, levando à constatação de que havia na multidão tanto judeus de berço quanto também prosélitos. Talvez a menção da “Judéia” vise ressaltar mais uma vez (como no v. 5): são todos judeus, em parte de nascença, em parte integrados posteriormente, ao passo que “cretenses e árabes”, os moradores das costas e dos desertos, resume todos os citados como povos do Ocidente e Oriente. Nesse caso, a referência especial da “Judéia” confirmaria a tese de que a exaltação dos grandes feitos de Deus “em outras línguas segundo o Espírito lhes concedia que proferissem” era de fato o “falar em línguas” bíblico, que tinha de ser traduzido até mesmo para os judeus da terra judaica, antes de se tornar compreensível para eles em seu idioma.

Mais uma vez é enfatizado: “Nós os ouvimos falar em nossas próprias línguas as grandezas de Deus”. Os discípulos não falam de si, de seus pensamentos, descobertas, circunstâncias do coração e seus sentimentos. Tudo neles foi completamente conquistado pela magnitude e pela glória de Deus e por seus feitos redentores. E justamente isso constitui o sinal confiável da ação do Espírito! Por natureza nós nos preocupamos conosco mesmos. Por isso, quando constatamos que pessoas, por mais belas e bíblicas que sejam suas palavras, giram em torno de si mesmas e de sua própria situação, com certeza há muito pouco do Espírito Santo nelas. Mas quando pessoas são libertas de si mesmas e direcionadas para Deus, de sorte que seu coração e, por consequência, seus lábios são movidos por Deus e ficam repletos de Deus, então com certeza o Espírito Santo realizou a sua obra.

Da maior importância é o versículo final do presente trecho. Nele se torna claro mais uma vez porque a oração em línguas dos discípulos, causada pelo Espírito, apesar da “interpretação” através do próprio Espírito nos corações dos ouvintes, ainda não pode ser o momento essencial e decisivo do grande dia. Também nos casos favoráveis levou somente à admiração e à indagação perplexa: “Todos, atônitos e perplexos, interpelavam uns aos outros: Que quer isto dizer?” Em outros essa perplexidade foi acobertada pela zombaria: “Outros, porém, zombando, diziam: Estão cheios de vinho novo!” Nenhum deles havia sido interiormente vencido! A pergunta por enquanto impessoal “Que quer isto dizer?” ainda não chegou à pergunta pessoal, penetrante: “Que faremos, irmãos?” [v. 37]. Mais tarde Paulo formulou claramente nos cap. 12-14 de sua 1ª carta aos Coríntios: não é o “orar em línguas”, mas o “profetizar” que constitui o dom decisivo do Espírito, do qual a igreja tem a mais urgente necessidade. Porque somente a proclamação clara na autoridade do Espírito Santo atinge as consciências, revela a condição do ser humano e conduz à redenção e à conversão das pessoas. É por isso que o verdadeiro efeito da efusão do Espírito no dia de Pentecostes se manifesta somente na “prédica de Pentecostes” de Pedro.

O “SERMÃO PENTECOSTAL” DE PEDRO - Atos 2.14-36

14 – Então, se levantou Pedro, com os onze; e, erguendo a voz, advertiu-os nestes termos:

Varões judeus e todos os habitantes de Jerusalém, tomai conhecimento disto e atentai nas minhas palavras.

15 – Estes homens não estão embriagados, como vindes pensando, sendo esta a terceira hora do dia.

16 – Mas o que ocorre é o que foi dito por intermédio do profeta Joel:

17 – E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos;

- 18 – até sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e profetizarão.
- 19 – Mostrarei prodígios em cima no céu e sinais embaixo na terra: sangue, fogo e vapor de fumaça.
- 20 – O sol se converterá em trevas, e a lua, em sangue, antes que venha o grande e glorioso Dia do Senhor.
- 21 – E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.
- 22 – Varões israelitas, atendei a estas palavras: Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus diante de vós com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizou por intermédio dele entre vós, como vós mesmos sabeis;
- 23 – sendo este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos;
- 24 – ao qual, porém, Deus ressuscitou, rompendo os grilhões da morte; porquanto não era possível fosse ele retido por ela.
- 25 – Porque a respeito dele diz Davi: Diante de mim via sempre o Senhor, porque está à minha direita, para que eu não seja abalado.
- 26 – Por isso, se alegrou o meu coração, e a minha língua exultou; além disto, também a minha própria carne repousará em esperança,
- 27 – porque não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção.
- 28 – Fizeste-me conhecer os caminhos da vida, encher-me-ás de alegria na tua presença.
- 29 – Irmãos, seja-me permitido dizer-vos claramente a respeito do patriarca Davi que ele morreu e foi sepultado, e o seu túmulo permanece entre nós até hoje.
- 30 – Sendo, pois, profeta e sabendo que Deus lhe havia jurado que um dos seus descendentes se assentaria no seu trono,
- 31 – prevendo isto, referiu-se à ressurreição de Cristo, que nem foi deixado na morte, nem o seu corpo experimentou corrupção.
- 32 – A este Jesus Deus ressuscitou, do que todos nós somos testemunhas.
- 33 – Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis.
- 34 – Porque Davi não subiu aos céus, mas ele mesmo declara: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita,
- 35 – até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés.
- 36 – Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que a este Jesus, que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo.

- 14 Mesmo nas pessoas receptivas todos os fenômenos maravilhosos do dia de Pentecostes causam nada mais que consternação e a pergunta perplexa: “Que quer isso dizer?” Por essa razão não queremos ansiar de maneira falsa por milagres, como se eles já trouxessem decisões. A decisão é obtida somente pela palavra clara da proclamação autorizada. Novamente Pedro – agora também perante o grande público – assume sua tarefa. Coloca-se de pé e ergue sua voz. Ele o faz “com os onze”. Justamente perante Israel é importante o testemunho dos Doze, ainda que apenas Pedro faça uso da palavra entre eles e em nome deles.
- 15-36 Se analisarmos essa primeira “prédica cristã” como um todo, chama a atenção sua poderosa objetividade. Começa solucionando sucintamente a acusação zombeteira da embriaguez: às nove horas da manhã essa acusação perde sua força entre judeus sérios. Não, não é possível evadir-se tão facilmente assim do evento do Espírito. A prédica termina com um breve apelo, mas que também é antes uma importante constatação do que um verdadeiro convite: “Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que a este Jesus, que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Ungido.” De resto omite-se nessa pregação qualquer convocação, qualquer insistência na decisão, qualquer estímulo intencional das sensações; há unicamente palavras da Escritura e fatos, palavras da Escritura que lançam luz sobre os fatos, fatos que cumprem as palavras da Escritura, tornando-as uma realidade atual – é o que predomina em todo o discurso. Para esse grupo de ouvintes as palavras da Escritura obviamente eram autoridade absoluta por princípio, e esses fatos diziam respeito à própria existência dos ouvintes. O sermão de Pedro é sumamente atual. Não havia necessidade de apelos especiais nem de investidas contra os sentimentos. Os fatos e as palavras da Escritura em seu

relacionamento recíproco eram um ataque único à existência completa de cada judeu, atingindo-o diretamente no coração. Ademais, o discurso é simples e sem arte – o que não é uma arte quando se tem a dizer coisas tão portentosas como Pedro naquela hora!

Pedro expõe a seus ouvintes somente promessas da Escritura e seu cumprimento factual. Ainda não fornece uma interpretação teológica. Não diz que Jesus é Filho de Deus e existiu antes do mundo, designando Jesus apenas como “o homem aprovado por Deus”. Não diz nada sobre a necessidade e da compreensão salvífica da morte na cruz. Tampouco traz uma doutrina sobre “carne e espírito”. Pedro não onera sua pregação com coisas que seus ouvintes ainda não podiam entender e que no momento tampouco precisavam entender para sua decisão. A pregação do Pentecostes é proclamação genuína e exemplar também pelo fato de que se insere integralmente na situação dada e somente profere o que é necessário no aqui e agora.

16 Pedro respondeu sucintamente aos zombadores. Agora se dirige aos que perguntam abalados e consternados: “Que quer isso dizer?” Dá uma resposta clara e determinada a eles: “Isso é o que ocorre!”, a saber, aquilo “que foi dito por intermédio do profeta Joel.” Coloca diante deles Jl 2.28-32. E como outrora fez o próprio Jesus na pregação em Nazaré com a palavra de Isaías, assim Pedro afirma agora a respeito da profecia de Joel: “Hoje se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir” (Lc 4.16-21). É possível elaborar considerações sensíveis e corretas a respeito de ambas as profecias. Mas como é impactante anunciar às pessoas: profecia antiga se cumpriu diante de vossos olhos interiores! De objeto de observações edificantes, a antiga palavra da Bíblia passa a ser presença ardente no meio de vós! Hoje e aqui estais sendo partícipes da história divina!

17/20 A palavra de Joel, à qual Pedro recorre, é escatológica. Por meio dela Pedro declara: o acontecimento de Pentecostes é um acontecimento do fim dos tempos, “antes que venha o dia do Senhor, o grande e glorioso”. O tempo do fim, há muito anunciado, esperado e almejado – agora ele começa. Os ouvintes experimentam seu início na efusão do Espírito. Desse modo, todo o NT se apóia na certeza de se situar nos últimos dias.

Verificando o texto de Joel no próprio AT, notaremos que Pedro processa uma alteração explicativa em Jl 2.28ss. Deus havia ordenado ao profeta que anunciasse que nessa efusão do Espírito “sobre toda a carne” até escravos e escravas estariam incluídas (como também se cumpriu literalmente no primeiro cristianismo). Pedro, porém, formula assim: “...sobre os *meus* servos e sobre as *minhas* servas.” Porque era assim que Deus acabava de conceder o cumprimento de sua promessa: Ele começa nesse pequeno grupo de servos e servas de Deus, apresentado aos ouvintes nessas cento e vinte pessoas. Ainda estão por acontecer os “prodígios no céu” e os sinais “na terra”. O tempo escatológico é longo e rico em conteúdos. Contudo, já vimos em nossa geração coisas verdadeiramente apocalípticas em termos de “sangue, fogo e colunas de fumaça”.

21 Não há necessidade de nenhum “apelo” especial quando se testemunha às pessoas: vocês estão vivenciando o começo do tempo escatológico. Isso define para cada um a gravidade extrema da decisão. O fim dos tempos traz consigo o “dia do Senhor”, “grande e glorioso”, como Pedro afirma com as palavras da LXX. O texto original hebraico fala do “grande e terrível” dia do Senhor. De qualquer forma, porém, a salvação do ser humano está em jogo nesses dias. Quando se interrompe todo esse curso do mundo, quando o próprio Deus se mostra com toda a Sua santidade e justiça e realiza Seu julgamento infalível, quando ninguém mais consegue escapar e se ocultar, quando está em jogo a vida eterna ou a morte eterna – quem, então, pode ser salvo? A pergunta das perguntas! Toda vez que o NT fala de salvação, precisamos lembrar disso. Desde o início, a mensagem do NT não trata de proporcionar auxílio em várias dificuldades da vida ou de melhorar o ser humano moral ou religiosamente, mas da salvação no dia do Senhor, o grande, glorioso e terrível dia. Contudo a resposta de todo o NT também é unânime: “E acontecerá: Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo”. Por “Senhor” sempre se subentende “Senhor Jesus Cristo, o crucificado e ressuscitado”. É assim que a palavra de Joel também foi citada por Paulo em Rm 10.13.

22/23 As pessoas, porém, para as quais Pedro está olhando, não se tornam testemunhas diretas de eventos escatológicos somente agora no dia de Pentecostes, pois elas presenciam e até agem no tempo do fim há bem mais tempo e de forma muito nefasta. É isso que Pedro visa mostrar-lhes agora, e por isso ele se dirige a seus ouvintes com uma nova exortação para que prestem atenção. Não foi somente o derramamento do Espírito que representou o agir escatológico de Deus. Ele é tão somente um evento parcial, que se insere em correlações bem amplas. Está relacionado com o envio daquele

que Pedro coloca agora no centro de sua proclamação: Jesus! Inicialmente Pedro apenas cita seu singelo nome humano: “Jesus de Nazaré”. Todos os seus ouvintes o conheceram por esse nome. Apesar de sua simples natureza humana, ele era “aprovado por Deus diante de vós com milagres, prodígios e sinais”. Os milagres de Jesus, um caso de embaraço para as pessoas modernas, falsamente intelectualizadas, e os quais gostamos de explicar de uma ou outra maneira, suprimindo-os do evangelho, eram para Pedro (como para o próprio Jesus!, cf. Lc 10.9; 11.20; Jo 10.37,38; 14.11) a certificação divina necessária ao seu envio. Pedro é capaz de, mesmo evitando expressões dogmáticas que permaneceriam incompreensíveis para os ouvintes, mostrar imediatamente que a pessoa de Jesus confronta seus ouvintes com o próprio Deus: porque os milagres “o próprio Deus realizou por intermédio dele entre vós, como vós mesmos sabeis”. Sim, eles presenciaram tudo isso pessoalmente e por isso também tiveram de se posicionar diante desse Jesus, como realmente aconteceu. Contudo, de que forma terrível o fizeram! “Crucificaram e eliminaram-no pela mão de iníquos”. Pedro abre diante deles todo o abismo de sua culpa. O que torna a culpa deles singularmente terrível é terem entregado seu irmão israelita, por meio do qual Deus atuou de maneira tão gloriosa e misericordiosa, aos romanos, aos “ímpios”, que o levaram à morte no madeiro maldito. Sem dúvida essa sua culpa foi incorporada ao plano de Deus. Deus liberou Jesus “pelo desígnio determinado e pela providência de Deus”. Novamente nos deparamos com o termo “entregar”, o qual já encontramos ao olharmos para Judas Iscariotes (cf. Nota 32). As pessoas não conseguem impedir o plano de Deus, p. ex. rebelando-se contra ele, nem inviabilizar as intenções de Deus. Deus triunfa precisamente pelo fato de que utiliza o pecado humano para a obra da expiação dos pecados. Contudo, isso não exime as pessoas culpadas. Pedro responsabiliza seus ouvintes pela culpa deles. Pois esse acontecimento não se realizou em algum lugar longínquo, de modo que os ouvintes do sermão podiam considerar-se espectadores mais ou menos comovidos. Não, eles estão diretamente envolvidos, eles são os assassinos de Jesus, e experimentam nesses dias de Pentecostes a resposta de Deus, a confirmação e exaltação de Jesus através de Deus pela efusão do Espírito Santo.

24 Porque Deus “ressuscitou” a Jesus “soltando das dores do parto da morte”. Novamente o testemunho da ressurreição se torna o centro decisivo da mensagem (cf. o exposto acima, sobre At 1.22). Sem dúvida ela é “a palavra da cruz”, e o missionário Paulo podia estar determinado a “nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado” (1Co 1.18; 2.2). Contudo, a cruz adquire significado salvador pleno apenas por intermédio da ação de Deus, pela qual Deus se declara, no dia da Páscoa, a favor de Jesus e de sua obra de redenção. No sermão Pedro enfatiza que essa ressurreição de Jesus era praticamente necessária e inevitável: “porquanto não era possível fosse ele retido por ela.” A morte não era capaz de acorrentar para sempre com seus “grilhões” (esse é o termo do SI 18.4s no hebraico em lugar da tradução incorreta “dores de parto” na LXX) Aquele que era o Redentor atestado por Deus. Aqui também fica claro, porém, que diante da morte não importam “concepções”, “provas” filosóficas “da imortalidade da alma” e coisas semelhantes, mas uma questão de poder e um acontecimento poderoso. A morte nos amarrou e “nos seus grilhões nos apressou” (hino pascal de Lutero! [HPD 57]). Deus, porém, interveio com poder divino e arrebatou essas amarras em Jesus, elevando Jesus para uma nova glória de vida.

25/28 “Precisava” ser assim. Não apenas a partir da essência das coisas, mas sobretudo “segundo a Escritura” (cf. 1Co 15.4). “Porque a respeito dele diz Davi: Diante de mim via sempre o Senhor, porque está à minha direita, para que eu não seja abalado.” Pedro utiliza o SI 16.8-11 como prova bíblica da ressurreição de Jesus. Não é correto que aleguemos contra essa prova da Escritura que, afinal, o sentido todo era bem diferente no salmo original e também “historicamente”. Sem dúvida, todas as afirmações e promessas do AT possuem uma relação viva com a respectiva atualidade. Têm relação com a conjuntura histórica e anunciam fatos do processo histórico. Mas ao mesmo tempo contêm algo que não se dissolve na atualidade histórica nem pode ser cumprido por meio do mero evento histórico. Apontam para além de si. Sem dúvida o próprio Davi experimentou algo da exultante alegria e da profunda paz que inunda nossa vida quando “vemos sempre o Senhor diante de nós”. Ele experimentou a preservação no perigo mortal, de modo que sua alma não foi deixada no mundo dos mortos e não conheceu a decomposição.

29/32 Entretanto Pedro tem razão: essa maravilhosa palavra do salmo ainda não se cumprira de fato em Davi. Ousadamente, Pedro é capaz de assinalar que o patriarca Davi “morreu e foi sepultado, e o seu túmulo permanece entre nós até hoje”. Qualquer criança conhece o túmulo de Davi em Jerusalém. Por isso seu salmo é igualmente antevisão profética. Deus lhe prometeu o descendente

especial sobre o trono (2Sm 7.12ss; Sl 89.3s; 132.11), o verdadeiro Rei, o Messias. Em decorrência, “falou, prevendo, a respeito da ressurreição do Ungido, que nem foi deixado no mundo dos mortos, nem sua carne experimentou a putrefação”. Esse Ungido, porém, do qual Davi fala no salmo, é Jesus. Porque nele de fato aconteceu o que Davi afirma. Jesus foi ressuscitado por Deus “no terceiro dia”, ou seja, antes de se iniciar a putrefação. “Disso todos nós somos testemunhas.”

- 33/35** Essa ressurreição de Jesus não continua como um fenômeno miraculoso único e exótico, sem maiores consequências. Não, a história da Páscoa continua. “Foi exaltado, pois, à destra de Deus, recebeu do Pai a promessa do Espírito Santo, e derramou isto que vedes e ouvis.” Também para essa afirmação cabe trazer a comprovação na Escritura, por meio da palavra do Sl 110, com cuja profundidade enigmática o próprio Jesus já se defendera diante dos escribas, que somente pensavam num “Filho de Davi” como Messias (Mt 22.41-46). Agora se tornou limpidamente claro: “Porque Davi não subiu aos céus.” Ele fala expressamente de “seu Senhor”, que está sentado, com sublimidade incompreensível, à direita do próprio Deus. Novamente foi o cumprimento dessa palavra da Escritura que os apóstolos experimentavam na Ascensão do próprio Jesus. Decorrente dessa exaltação de Jesus, porém, é a efusão do Espírito, recebido do Pai, realizada pelo Filho, por meio dos acontecimentos que os próprios ouvintes presenciavam nessa hora. A que ponto se encaixam palavras da Escritura do passado e fatos do presente, iluminando e certificando-se assim mutuamente!
- 36** Foram somente a promessa da Escritura e o testemunho dos fatos que Pedro expôs diante de sua grande e consternada platéia. Agora ele chega à consequência suprema de tudo: “Com certeza, portanto, reconheça toda a casa de Israel, que Deus o fez Senhor e Ungido – a esse Jesus que vós crucificastes.” Nessa frase final cada palavra é cheia de impacto e importância. Trata-se de uma certeza plena, não de suposições ou opiniões, ou até de uma fantasia de almas agitadas. Ninguém pode afastar de si essa nítida certeza. Ela tampouco diz respeito apenas a pessoas isoladas, como os sacerdotes e escribas, ou a pessoas com dons religiosos especiais. Toda a casa de Israel é convocada para ter essa certeza. Deus criou um fato definitivo de significado máximo, transformando um homem em “Senhor e Ungido”. A espera de séculos pelo Messias chegou ao fim, Deus cumpriu hoje e aqui sua promessa. O Messias chegou. O tempo escatológico irrompeu pelo derramamento do Espírito. Apesar de tudo Deus fez Senhor e Messias “esse Jesus que vós crucificastes”. Com essa constatação Pedro encerra seu sermão. Pronuncia com ela algo terrível, colocando seus ouvintes diante de um abismo de culpa imensurável. Acabou agora a zombaria barata. Também acabou, porém, a pergunta perplexa: “Que quer isso dizer”? Deus cumpriu sua promessa com fidelidade e glória, o Messias foi enviado e confirmado com os sinais e milagres de sua atuação terrena, com a exaltação à direita de Deus e com a efusão do Espírito. Nós, porém, rejeitamos e assassinamos o Messias, nós esbofetamos a face de Deus e anulamos toda a nossa longa história como povo da aliança. O que acontecerá agora?

O CHAMADO À CONVERSÃO E SALVAÇÃO - Atos 2.37-41

- 37 – Ouvindo eles estas coisas, compungiu-se-lhes o coração e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, irmãos?**
- 38 – Respondeu-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo.**
- 39 – Pois para vós é a promessa, para vossos filhos e para todos os que ainda estão longe, isto é, para quantos o Senhor, nosso Deus, chamar.**
- 40 – Com muitas outras palavras deu testemunho e exortava-os, dizendo: Salvai-vos desta geração perversa.**
- 41 – Então, os que lhe aceitaram a palavra foram batizados, havendo um acréscimo naquele dia de quase três mil pessoas.**
- 37** Foi observado que os discursos de Pedro em Atos dos Apóstolos são estruturados todos da mesma maneira. Isso se deve à causa defendida. E apesar disso, num ponto essencial o sermão de Pentecostes se destaca dos discursos posteriores: ele não contém nenhuma oferta de graça, nenhum convite à ação dirigido aos ouvintes, nenhum apelo ao coração e aos sentimentos. Apesar disso, pelo impacto de seus fatos, atinge certamente o “coração” dos ouvintes. “Ouvindo eles estas coisas, seu coração foi perfurado.” Diante desse sermão os ouvintes não estão nem “entusiasmados” nem

“edificados”. Todas as categorias com que costumamos descrever os efeitos de uma pregação fracassam aqui. O tiro foi certeiro, e o projétil parou no meio do coração.

É óbvio que com isso o desfecho da questão ainda não estava decidido. Sempre que a palavra nos atinge, revelando nossa culpa, acontece algo que divide as águas. Será que agora nos curvaremos sob nossa culpa e nos quebrantaremos intimamente, ou será que nos insurgiremos e justamente, como “golpeados”, golpearemos o mensageiro que nos vulnerou assim com a palavra? Também a respeito dos ouvintes do discurso de Estêvão se diz “Ouvindo eles isto, seu coração foi serrado” (At 7.54). Mas então rilharam com os dentes e taparam os ouvidos, avançaram sobre Estêvão e o arrastaram para fora da cidade para apedrejá-lo. Constitui um mistério maravilhoso quando a proclamação clara da palavra atinge corações de modo que capitulem diante da ardente pergunta: “Que faremos?”

No dia de Pentecostes é isso que acontece. Pedro não demandou nenhuma ação de seus ouvintes. Havia falado somente de “ações”, da ação de Deus e do agir de pessoas. “Deus fez..., vós fizestes; vós fizestes... Deus fez”: seu sermão estava repleto disso. Agora, diante dessas ações acontecidas, a pergunta pelo “fazer” obrigatoriamente rompeu. “Perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, irmãos?” Essa pergunta tem uma conotação de desespero. Será que, afinal, ainda existe uma saída da corrente de episódios em que eles se tornaram traidores e assassinos? Será que agora ainda podem “fazer” alguma coisa? “O que, enfim, podemos fazer agora?” É assim que precisamos ouvir a pergunta.

Apesar de tudo, em meio à implacável seriedade da sua proclamação, Pedro colheu confiança por parte de seus ouvintes. Pedro e seus companheiros são interpelados como “irmãos”, como irmãos junto aos quais se busca conselho e auxílio apesar de tudo. O próprio fato da proclamação não devia involuntariamente despertar a esperança? Será que esse emissário do Messias Jesus se dirigiria assim a eles, falaria com eles dessa maneira, se tudo tivesse acabado e somente restasse esperar pelo juízo? Por isso a pergunta dos ouvintes possui também uma conotação de expectativa e anseio. Será que no final, após tanta maldade, existe uma ação completamente nova, de salvação? A ressurreição por Deus do Messias eliminado por eles poderia – algo quase inimaginável – ter o significado de um incompreensível indulto?

Com a magistral sabedoria do Espírito Santo, Pedro não havia sugerido a seus ouvintes nenhuma espécie de “ação”. Justamente por isso a pergunta: “Que faremos?” irrompe com impacto elementar.

Nesse momento evidencia-se que Pedro tem uma resposta clara e determinada para essa pergunta. Toda vez que pessoas chegam ao reconhecimento de sua culpa diante da proclamação da verdade e indagam com coração assustado, há uma resposta inequívoca e bendita que pode ser dada. Pedro de fato conhece um caminho que seus ouvintes podem e precisam seguir agora com passos determinados. Esses passos se chamam: conversão – batismo para o perdão dos pecados – obtenção do Espírito.

- 38** O estilo narrativo de Lucas é genial; a vivacidade rápida da resposta é delineada por Lucas através da supressão de todos os verbos: “Pedro, porém, a eles: Convertedei-vos!” A maioria das traduções conservam neste versículo o conhecido “Arrependei-vos”. É verdade: todos os movimentos gerados e dirigidos pelo Espírito de Deus são movimentos de arrependimento. Qualquer “avivamento” começa com “arrependimento”. Contudo, a expressão “arrepender-se” já está demasiadamente marcada entre nós pela idéia de sentimentos sombrios. Pedro acolheu o antigo chamado profético que havia soado tantas vezes na história de Israel: “*Shubu!*” = “Dai meia-volta!” (Cf. Is 30.15; 31.6; 55.7; Jr 3.7; 25.5; 26.3; Ez 18.23; 33.11; Ml 3.7.) “Arrependimento” em nosso sentido, ou seja, reconhecer a culpa e lamentar o que se praticou, é somente uma parte da questão. Decisivo é que, a partir desse reconhecimento, aconteça nesse momento uma inversão de rumo e uma meia-volta de toda a vida.

Como, porém, uma “meia-volta” pode ajudar? Não é a meia-volta como tal que traz a ajuda. Verdadeira “conversão” sempre é afastar-se da vida vivida até então e ao mesmo tempo voltar-se para um novo alvo. E, para Pedro, esse alvo da conversão está inequivocamente definido. Aos que perguntam, ele os chama para junto do Messias Jesus. Pedro não está desenvolvendo uma doutrina da redenção nem uma teologia da cruz. Não detalha como uma salvação ainda é “possível” apesar de tudo. Afinal, o verdadeiro “perdido” nem sequer pergunta por isso. Quando ainda exigimos que a redenção nos seja primeiramente “demonstrada” e “explicada” antes que a possamos aceitar, tão somente estamos evidenciando que ainda não reconhecemos nossa condição de perdidos. Por isso Pedro pronuncia somente esse único e decisivo fato: em Jesus há perdão dos pecados! Esse Jesus que nós esquecemos, ignoramos, desprezamos, combatemos e odiamos, inexplicavelmente nos aceita e

apaga toda a culpa de nossa vida, inclusive toda a nossa culpa contra Si mesmo. Cristo perdoa aos assassinos de Cristo. O Filho de Deus indulta os inimigos de Deus.

Isso era concebível? Será que aqui bastam palavras e asseverações? Pedro e seus irmãos apreenderam esse ato de Jesus numa ação que de imediato também se tornou um “ato” dos culpados. Jesus purifica as pessoas. Somente Ele é capaz disso, lavando-as por meio de seu sangue. Mas Ele o faz agora por meio do sinal da imersão na água. Ali é “sepultada” a vida antiga e tragada a culpa. Quem agora se deixava batizar não suspeitava e questionava eventuais pecados seus, não apenas desejava e pensava a respeito de uma possível redenção, mas de fato se dava por perdido. Entrava no banho purificador como alguém completamente imundo, submetia-se à sentença de morte e aceitava o perdão como um presente que acontecia naquele ato. Tudo isso, no entanto, era decisão pessoal de cada ouvinte. Por isso Pedro também não declara: “Deixai-vos todos batizar”, mas destaca expressamente: “Cada um de vós seja batizado.” O texto grego não usa para “cada um” a palavra “*pas*”, forma singular da palavra “todos”, mas o termo “*hékastos*”, que ressalta cada um individualmente.

Logo esse batismo não era uma prática misteriosa, que efetuava algo automaticamente, sem o envolvimento interior das pessoas, mas uma clara decisão de conversão radical. A esse passo dado no batismo, porém, que de antemão era viável e sensato somente pela graça, a graça de Jesus responde com o presente do perdão dos pecados. Assim já fora com João: João “pregava batismo de arrependimento para remissão de pecados” (Lc 3.3). Mas provavelmente ele apenas comunicou esse perdão, sem realizá-lo diretamente. Do contrário, em vista do grande número de seus batismos, teria sido alvo, de forma bem mais intensa, da acusação de blasfêmia, que foi levantada imediatamente contra Jesus quando este anunciou diretamente o perdão a apenas uma única pessoa (Lc 5.20s). Agora, porém, o perdão foi adquirido de modo plenamente válido por Jesus, que entregou sua vida à morte e que como Ressuscitado e Exaltado passou a ter em mãos o direito divino do perdão eficaz. Quando os que se convertem chegam a Jesus, todo o seu passado de culpa é enterrado em seu batismo, e são presenteados com a nova posição reconciliada perante Deus.

Nesse ato Pedro pode assegurar-lhes firmemente: “E recebereis o dom do Espírito Santo.” Eles, os inimigos e assassinos do Messias, recebem o Espírito Santo da mesma maneira como os discípulos que haviam caminhado com Jesus! Isso é clemência, isso é verdadeiro perdão. Não há espaço para um “talvez” e “tomara”. Não há tampouco a solicitação de orar pelo Espírito Santo. Sem uma clara conversão a Jesus, nenhuma súplica pelo Espírito de Deus adiantaria alguma coisa. Ao convertido e purificado, no entanto, o presente do Espírito Santo, que não precisa mais vir, mas já chegou, é concedido imediatamente.

39 “Pois para vós é a promessa, para vossos filhos e para todos os que ainda estão longe, isto é, para quantos o Senhor, nosso Deus, chamar.” Nessas palavras Pedro não está olhando para a missão entre gentios! Os fiéis entre os judeus tiveram praticamente um choque quando mais tarde “também sobre os gentios foi derramado o dom do Espírito Santo” (At 10.45). E Pedro teria partilhado o mesmo choque se não tivesse sido preparado de forma muito singular por Deus para esse acontecimento. De qualquer forma, no dia de Pentecostes seu olhar está voltado única e exclusivamente para Israel. Em Jerusalém estava reunido apenas uma pequena parcela de todo o povo. Muitos ainda estavam “longe” – acaso não teriam participação naquilo que acontecia agora em Jerusalém? Sim, Pedro sabe a partir da mesma passagem de Joel que citara no começo de seu sermão de Pentecostes: “Pois, conforme prometeu o Senhor, no monte Sião e em Jerusalém haverá livramento, [também] para os sobreviventes, para aqueles a quem o Senhor chamar” (Jl 2.32 NVI).

40 Como numa evangelização genuína, a proclamação que atinge os corações é seguida dos diálogos decisivos. Obviamente não foram aconselhamentos individuais atrás de portas fechadas. Isso tampouco era necessário quando se tratava do mesmo pecado, igual e público, da rejeição de Jesus. Mas em torno dos apóstolos, que, ao rodearem Pedro, se destacaram como especialmente responsáveis, formaram-se grupos de pessoas que perguntavam e que precisavam ser afiançadas de maneira bem pessoal, pois uma conversão autêntica não é uma bagatela. Mesmo quando uma consciência foi profundamente atingida e quando a graça de Deus se descortinou magnificamente diante de um ser humano, é preciso passar por uma luta até que o passo decisivo de fato seja dado. O coração humano realmente é uma “coisa teimosa e desanimada”. No meio do límpido reconhecimento da culpa ainda surgem ressalvas e objeções interiores: será que uma ruptura tão radical é de fato necessária? Será que preciso dar imediatamente um passo tão cheio de

consequências? Isso pode vir a ser uma luta especialmente difícil quando viemos de uma vida “devota”. Por isso muitos naquele tempo terão hesitado: “Mas, afinal, somos israelitas! Vivemos piamente e observamos os mandamentos. Não somos gentios que vivem sem Deus. Será mesmo que temos de nos converter?”

Pedro luta com seriedade e empenho pelos corações: “E com muitas outras palavras deu testemunho e exortava-os, dizendo: Salvai-vos desta geração perversa!” Nessa hora tudo está em jogo. Mesmo uma pregação de impacto não isenta os ouvintes da decisão. Ainda é possível que aconteça o insucesso. “Deixem-se salvar” – está em jogo a salvação! Não se trata de aprofundar a percepção religiosa, nem de melhorar moralmente a vida, nem de ampliar a participação na vida eclesial, trata-se de salvação. Ressalvas, perguntas, hesitações custarão minha vida se eu não me deixar salvar imediatamente da casa em chamas.

Isso se torna singularmente claro pelo fato de que esse chamado insistente é dirigido justamente a israelitas, a pessoas de alto padrão moral e de devoção religiosa, designando exatamente esse povo mais devoto do mundo como “essa geração perversa”. Nunca a inimizade oculta contra Deus, o egocentrismo fatal da vida são mais perigosos do que quando se escondem por trás da frequência regular aos cultos, de numerosas orações e sacrifícios e infalibilidade moral da vida. Em torno desse ponto também já girava a luta incansável dos profetas. P. ex., Moisés já havia chamado Israel de “geração perversa e deformada” (Dt 32.5). Agora, porém, isso havia sido manifesto com clareza máxima na posição de Israel diante de Jesus. O fato de que Jesus, o Filho santo de Deus, que vivia para Deus e a honra de Deus, tornara-se insuportável para Israel, o fato de que Israel o expulsara e o levava ao madeiro maldito pela mão dos ímpios, isso não era nenhum equívoco lamentável, nenhuma coincidência infeliz. Era expressão da hostilidade oculta contra Deus no meio do povo de Deus. Por isso é necessário que justamente agora seja dado esse passo radical de uma completa meia-volta, do contrário esses devotos de Israel estão perdidos.

A exortação insistente é dada numa forma verbal curiosa: no imperativo da voz passiva, que é característica para a proclamação missionária do NT: “Deixai-vos salvar”, literalmente: “Sede salvos!” A redenção de pecadores perdidos somente pode acontecer por meio do próprio Deus; é uma ação milagrosa exclusivamente dele, é graça pura e livre (cf. Ef 2.1-9). E, apesar disso, ela não acontece sem a vontade pessoal e a clara concordância do ser humano. Deixar-se salvar é um ato sumamente responsável e decisivo do pecador. A indissociável concomitância de ambos os aspectos foi expressa nessa peculiar forma verbal de um “passivo ativo”.

Não nos surpreende que na sequência aconteçam decisões – e de imediato também conversões. Uma “multidão”, que se reúne em Jerusalém (At 2.6), abrange muito mais de três mil pessoas. Mas nem todos “lhes aceitaram a palavra”. Também a proclamação de alguém como Pedro no dia de Pentecostes, sob a presença e o poder do Espírito Santo, não possui a garantia de converter a todos. Os três mil são ao mesmo tempo uma multidão “pequena” e “grande”. Com vistas à população de Jerusalém, aumentada num dia de festa por numerosos visitantes, que pequena seleção! Mas, por outro lado, que acontecimento inaudito: uma única “predica” leva três mil corações à conversão!

Hoje não podemos avaliar se em Jerusalém era possível batizar ainda no mesmo dia três mil pessoas. Se Pedro começou seu discurso às 9 horas da manhã, ainda restavam, mesmo depois de diálogos em grupos, muitas horas para esses batismos. Seja como for, a decisão da conversão e do batismo foi efetuada nos três mil nesse um dia; por isso houve basicamente um “acréscimo”, ainda que os atos de batismo se estendessem pelos dias subsequentes. Uma coisa, porém, chama nossa atenção: nem aqui nem mais tarde, nos casos do etíope ou de Cornélio ou do carcereiro, fala-se de uma “instrução de batismo”. O batismo é realizado imediatamente após a conversão. A conversão é o processo decisivo, ao qual sucedem logo o perdão dos pecados no batismo e a obtenção do Espírito. A instrução exaustiva na “doutrina dos apóstolos” acontece com a igreja já batizada, plena do Espírito de Deus e congregada na irmandade.

A VIDA DA PRIMEIRA IGREJA - Atos 2.42-47

- 42 – E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações.**
- 43 – Em cada alma havia temor; e muitos prodígios e sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos.**
- 44 – Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum.**

45 – Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade.

46 – Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração,

47 – louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo. Enquanto isso, acrescentavam-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos.

42 Como continua a história após o agitado dia de Pentecostes? É significativo que, como nas últimas palavras de Jesus sobre o serviço testemunhal de seus discípulos, não encontramos aqui frases de exortação e ordens, mas apenas simples frases afirmativas. Na verdade, nós achamos que depois de conversões e conquistas espirituais é preciso imediatamente advertir: “Agora vocês também devem...!” Naquele tempo não havia necessidade disso, pois o Espírito estava presente e concedia com vivacidade o que nós nem mesmo com numerosas exortações alcançamos. “E perseveravam...”. O entusiasmo emocional se desfaz rapidamente, o Espírito Santo cria algo permanente.

Em que perseveravam? Sobretudo “na doutrina dos apóstolos”. Ocorria o que ainda hoje muitas vezes acontece em conversões: o centro da vida foi atingido pela evangelização, a mudança decisiva havia acontecido, pessoas se tornaram propriedade de Jesus – mas como sabiam pouco a respeito de Jesus! Como estavam ávidas para aprender mais, muito mais de Jesus! Não precisavam ser pressionadas para ler a Bíblia, se acotovelavam em torno do NT vivo que estava diante deles nas pessoas dos apóstolos. Temos de imaginar agora o “ensino” dos apóstolos de acordo com o costume judaico, de forma bem escolar e justamente por isso satisfatório e abençoador. Os apóstolos não desenvolviam pensamentos teológicos e dogmáticos, mas relatavam “todas as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar” (At 1.1), relatavam o que haviam vivenciado com Jesus e transmitiam os ditos, discursos e parábolas do Senhor. E os ouvintes gravavam tudo na memória, aprendendo-o de cor como pessoas acostumadas desde a infância a fixar na memória muita Bíblia. É dessa maneira que os evangelhos estavam vivos no coração e na memória de numerosas pessoas muito tempo antes que algo tenha sido escrito. Esse aprender e decorar, porém, não era “monótono”, mas abençoador. Como a pessoa era enriquecida quando absorvia cada vez mais desse Jesus, a quem ela pertencia com profunda gratidão, por ser o Salvador e Messias!

Desde já o ensinamento dos apóstolos tinha ainda uma segunda incumbência. As pessoas eram israelitas. Até então o ensino dos escribas lhes havia mostrado como aplicar a lei a todas as minúcias da vida. Por essa razão elas gostavam de ir aos escribas com todas as perguntas sobre a organização da vida. Agora a vida pertencia a Jesus; queriam vivê-la para ele, para agradecer-lhe. Como ela acontecia? Como se seguiam na prática “os passos de Jesus” (1Pe 2.21)? Era isso que os apóstolos tinham de mostrar agora aos recém-convertidos, ainda que não o pudessem fazer ao modo rabínico e legalista.

Finalmente os apóstolos devem ter realizado por meio de sua “doutrina” mais uma coisa que era imprescindível justamente para israelitas: mostravam o que correspondia às grandes promessas da antiga Aliança na vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus. Consequentemente, o próprio Jesus havia “exposto a Escritura” aos discípulos, de sorte que “lhes ardia o coração” (Lc 24.27-32). Por isso, tanto Pedro como Paulo traziam em todos os seus discursos a “prova da Escritura”. Em vista disso, os jovens cristãos em Jerusalém, do mesmo modo como mais tarde as pessoas em Beréia, podiam examinar pessoalmente “se as coisas eram, de fato, assim” (At 17.11). Jesus foi evidenciado como o cumprimento do Antigo Testamento, e o Antigo Testamento se abria, a partir de Jesus, sob uma luz completamente nova para todos.

Igualmente, porém, perseveravam “na comunhão”. Pedro havia falado somente da redenção e da conversão do indivíduo. De fato constitui um ato de cada pessoa dar meia-volta e deixar-se salvar, assumindo plena responsabilidade por sua decisão. Não se diz nenhuma palavra de que em seguida Pedro ainda teria falado a respeito de que agora tinham de permanecer juntos e ser bem fiéis comparecendo a todas as programações. Não se fazia campanha para fundar uma igreja nem havia sido deliberada a formação de uma associação dos que crêem em Jesus. Tudo isso era desnecessário, porque “perseveravam na comunhão”. Com muita naturalidade eram atraídos uns pelos outros. Não havia quem quisesse ficar sozinho agora.

Essa comunhão não é apenas espiritual e edificante, mas uma comunhão de vida concreta. Isso se expressa no “partir do pão”. A princípio a palavra refere-se simplesmente à refeição conjunta, que segundo o costume judaico é iniciada com o partir e partilhar do pão (cf. At 20.11; 27.35; Mt 14.19;

15.36; Lc 24.30,35). Tomavam a refeição juntos, obviamente, como diz o v. 46, em grupos nas casas. Nesse contexto a comunhão podia tornar-se concreta na partilha e na doação. Contudo, segundo At 20.7 podemos pressupor que Lucas já via diante de si no “partir do pão” simultaneamente a celebração da ceia do Senhor. Essa celebração resultava da refeição conjunta – exatamente como na instituição pelo próprio Jesus – e acontecia vivamente bem longe de altar, liturgia e sacerdócio, nas casas e refeições caseiras. Era assim que ainda acontecia até mesmo na igreja de gentios de Corinto, como mostra 1Co 11.17-34.

Por fim, são também persistentes “**nas orações**”. Considerando que todos os aspectos falam da vida comunitária da primeira igreja, precisamos imaginar por “orações” acima de tudo as comunhões de oração. Crer em conjunto impele para orar em conjunto. Afinal, quantas coisas havia diariamente para repassar em oração, mesmo que esse orar ainda se ativesse completamente aos parâmetros de Israel. Todos eram participantes da comunhão de oração, pela gratidão e humildade, súplica e intercessão. Como israelitas, os membros da igreja de Jesus estavam acostumados a orar regularmente. Os salmos e a “oração das dezoito preces” estavam nos lábios de todos. No entanto, apesar de todas essas orações eles haviam sido “a geração perversa”, cuja oração era imprestável. Agora lhes foi concedido que pudessem invocar o Pai em Espírito e em verdade, o grito filial de um coração repleto do Espírito do Filho (Jo 4.24; Rm 8.15; Gl 4.6). Que belas reuniões de oração aconteciam agora! At 4.23,24 nos propiciará uma visão delas.

- 43 “Cada alma, porém, enchia-se de temor.” Consideramos isso estranho? O “temor de Deus” obviamente se tornou algo desconhecido para nós, porque Deus ficou distante e impreciso, uma mera idéia de nossas cabeças. Acerca dos primeiros cristãos, porém, Bengel escreve com razão ao comentar este trecho: “*Habebant enim DEUM praesentem*” – “A saber, tinham a DEUS presente”. Para pessoas salvas, portanto, o temor não era aquele medo do castigo, sobre o qual João escreve que é lançado fora pelo amor perfeito (1 Jo 4.18). Pelo contrário, era o respeito sagrado daqueles que agora de fato “habitavam” na presença de Deus pelo Espírito Santo e por isso “com o fogo devorador e com as chamas eternas”, de que falou Isaías 33.14. É o “temor” que Pedro deseja aos fiéis como característica permanente de toda a sua conduta (1Pe 1.17).

Essa proximidade de Deus se tornou palpável nos “prodígios e sinais, que aconteciam por intermédio dos apóstolos”. Deus é por natureza um Deus dos milagres, um Deus que intervém nas realidades da vida, ajudando, libertando e restaurando. Em vista disso, o “temor” sobreveio também àqueles que ainda não pertenciam à igreja. Olhavam com apreensão para esses cristãos, entre os quais Deus se mostrava tão poderoso, e evitavam chegar perto demais deles. Tinham uma sensação de que Deus ainda era algo diferente daquele personagem da tradição antiga, em quem haviam “crido” e que haviam venerado em formas do passado sem um abalo especial do coração. É uma marca de autenticidade daqueles “prodígios e sinais” o fato de não desencadearem entusiasmo e fanatismo, mas “temor”.

- 44/45 “Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum.” Podemos traduzir também: “Tratavam tudo como propriedade comum, que pertencia a todos do mesmo modo” (como faz G. Stählin). Isso era absolutamente sério. “Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade.” A forma verbal grega em que consta a palavra “vendiam” assinala que esse vender acontecia passo a passo, quando necessidades especiais justamente impeliavam para essas resoluções. É preciso levar em conta as condições sociais em Jerusalém. A cidade estava densamente povoada, mas por causa de sua localização não servia como cidade comercial e mesmo sob outros aspectos não apresentava fontes especiais de receita. Por isso havia ali muita pobreza. Os apóstolos certamente não foram os únicos que abandonaram sua terra natal da Galiléia e sua base de subsistência. Esses membros da igreja tinham de ser sustentados pelos demais. A isso se acrescenta que nas primeiras semanas de sua existência essa igreja queria dispor de muito tempo para permanecer na doutrina dos apóstolos, na comunhão, nas reuniões de oração. Esse tempo era subtraído da atividade produtiva. A grande coleta que Paulo recolheu com afino, muitos anos mais tarde, em suas igrejas em favor de Jerusalém confirma o quadro que Lucas descreve. Justamente por não haver em Jerusalém muitos proprietários e abastados, a primeira igreja não conseguia livrar-se das necessidades financeiras, apesar da dedicação de amor em suas fileiras.

Novamente é importante observarmos que não são feitas exigências, não se desenvolvem ideais de como na realidade deveria ser a vida entre cristãos, mas informam-se fatos acontecidos. Foi assim que aconteceu naquele tempo, foi isso que faziam “todos os que creram”. A manifestação de Pedro

em At 5.4 mostra que nisso era preservada fundamentalmente a plena liberdade de cada um. A realidade era simplesmente que o nome de irmão não representava uma mera palavra, mas que todos os que haviam sido salvos tão gloriosamente e estavam ligados pelo Messias Jesus de fato se sentiam como uma grande família, na qual ninguém defendia medrosamente sua propriedade e ninguém desejava ver um irmão em dificuldades. “À medida que alguém tinha necessidade” um terreno ou outro bem era vendido por um membro abastado da igreja, ajudando-se assim o irmão. Para isso era útil a compreensão bíblica do ser humano que os membros da igreja traziam consigo sem dificuldades, como israelitas que eram. Nesse povo não se valorizava apenas a alma da pessoa, mas o ser humano todo era visto como uma unidade em sua existência corporal e psíquica, e a importância da “vida material” era diretamente reconhecida. Isso se espelha no fato de que na Antiga Aliança o grande alvo do futuro não era o “além”, mas a “terra prometida”, na qual “reedificarão as cidades assoladas e nelas habitarão, plantarão vinhas e beberão o seu vinho, farão pomares e lhes comerão o fruto” (Am 9.14). Conseqüentemente, também no evento do Pentecostes todo o ser humano havia sido envolvido com alma e corpo, com todas as suas posses, e chamado ao serviço com tudo o que era e possuía. Da mesma maneira, ele não considerava o próximo como uma “alma” a ser cuidada espiritualmente, mas como um irmão, cuja existência e cujo sofrimento existencial lhe diziam respeito diretamente. Desde o princípio a “comunhão” como tal não era uma comunhão apenas “religiosa”, restrita ao “íntimo” das pessoas, mas era concreta e abrangia a vida inteira.

“Diariamente perseveravam unânimes no templo.” Não o faziam por mero costume ou apego a velhos hábitos. Era impactante o fato de que os discípulos de Jesus se sujeitavam aos sacerdotes que haviam sido os que impulsionaram o processo contra Jesus. Para isso não bastavam os laços do costume. Não seria surpreendente se os apóstolos tivessem declarado: não temos mais nada a ver com o templo e com esses sacerdotes. No entanto, isso ignoraria completamente a relação entre Antigo e Novo Testamentos, entre a igreja de Jesus e Israel. Afinal, Jesus não é o fundador de uma nova religião, mas o Messias de Israel. Jesus consuma a história de Deus, que começou com a vocação de Abraão. Quem o reconheceu como Messias não pertence menos a Israel, mas está absolutamente dentro dele. A idéia de se separar de Israel e de seu templo nem sequer poderia surgir na cabeça daqueles primeiros cristãos. Sua permanência diária no templo era expressão óbvia de que pertenciam a Israel, que através de Jesus agora chegara ao alvo de toda a sua história.

- 46** É verdade, porém, que ao mesmo tempo tinham necessidade de seus próprios encontros: “Partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com regozijo e singeleza de coração.” Essas reuniões nas refeições comunitárias caracterizavam-se pela “regozijo e singeleza de coração”. Com certeza deram pouca atenção ao cardápio! Essa alegria jubilosa não era um contraste para o “temor”, nem sequer era limitada apenas pelo temor, mas, exatamente como o “temor”, constituía o efeito da presença plena de Deus. Sempre deixamos de ver a verdade quando separamos em Deus a justiça e o amor, a seriedade e a bondade. Por isso sempre perdemos a alegria profunda quando perdemos o temor diante de Deus. Pelo Deus vivo revelado em Jesus, em Sua cruz e ressurreição foram-nos dados gratidão efusiva e santo respeito. O Espírito Santo em nossos corações faz-nos regozijar e temer, *temer e amar a Deus*. É preciso levar em conta que a palavra “regozijar” sempre possui conotação “escatológica”. “Os resgatados do Senhor voltarão e virão a Sião com cânticos de júbilo; alegria eterna coroará a sua cabeça; gozo e alegria alcançarão, e deles fugirá a tristeza e o gemido”, profetizou Isaías (Is 35.10). Ao serem celebradas agora na igreja as refeições cheias de júbilo e louvor a Deus, apesar de toda a pobreza material, essas refeições já eram prefiguração e primeira garantia do banquete nupcial do fim dos tempos, quando Deus estará no meio de seu povo com toda a Sua glória e presença visíveis e o encherá com “alegria indizível e gloriosa” (1Pe 1.8, NVI). A circunstância de que eles, inimigos de Deus e assassinos de Jesus, podiam pertencer a esses “redimidos do Senhor” representava uma razão sempre renovada desse “regozijo” que agora já perpassava os dias da novel igreja com seu brilho. As orações de santa ceia transmitidas no assim chamado “Didaquê” nos permitem perceber algo de como precisamos imaginar esse “tomar as refeições com regozijo e singeleza de coração e com louvor a Deus”.

Conseqüentemente, esses primeiros cristãos estavam em paz com Deus e as pessoas, “louvavam a Deus e contavam com a simpatia de todo o povo”. Foi um grande presente que essa igreja – diferente da de Tessalônica (1Ts 1.6) – pôde organizar-se inicialmente em paz. No momento não havia dificuldades exteriores para chegar à fé em Jesus e lhe render a vida. É óbvio que a superação interior dos corações não é produzida pela simpatia exterior, e nem mesmo pela palavra desafiadora de uma

igreja viva como tal. Somente o próprio Senhor pode nos resgatar da incredulidade e perdição e nos conceder a conversão. Foi assim que Jesus fez naquele tempo. Não se limitou ao avivamento daquele primeiro dia de Pentecostes. Diariamente acontecia a grande alegria por pessoas que se deixavam salvar. “O Senhor, porém, acrescentava os que iam sendo salvos, dia a dia, ao mesmo”.

A CURA DO COXO - Atos 3.1-10

- 1 – Pedro e João subiam ao templo para a oração da hora nona.**
- 2 – Era levado um homem, coxo de nascença, o qual punham diariamente à porta do templo chamada Formosa, para pedir esmola aos que entravam.**
- 3 – Vendo ele a Pedro e João, que iam entrar no templo, implorava que lhe dessem uma esmola.**
- 4 – Pedro, fitando-o, juntamente com João, disse: Olha para nós.**
- 5 – Ele os olhava atentamente, esperando receber alguma coisa.**
- 6 – Pedro, porém, lhe disse: Não possuo nem prata nem ouro, mas o que tenho, isso te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, anda!**
- 7 – E, tomando-o pela mão direita, o levantou; imediatamente, os seus pés e tornozelos se firmaram;**
- 8 – de um salto se pôs em pé, passou a andar e entrou com eles no templo, saltando e louvando a Deus.**
- 9 – Viu-o todo o povo a andar e a louvar a Deus,**
- 10 – e reconheceram ser ele o mesmo que esmolava, assentado à Porta Formosa do templo; e se encheram de admiração e assombro por isso que lhe acontecera.**

Lucas traçou para nós o quadro do primeiro cristianismo e de sua vida. Será que essa situação continuará inalterada? Não, vivemos na “história”, nos acontecimentos fluentes que se configuram e formam de modos bem determinados. Muitas vezes as pessoas tentam influenciar essa configuração com seus planos e acabam fracassando diante de aparentes coincidências ou de resistências e movimentos que desfazem todos os planos a partir da profundidade da história. É significativo que Atos dos Apóstolos não saiba nada a respeito de tais planos na jovem igreja cristã. Não informa nada sobre sessões dos apóstolos em que tenham sido tomadas decisões sobre a continuidade da história da igreja. E apesar disso essa história avança para novos episódios, controvérsias e lutas que têm conseqüências imprevisíveis e de longo alcance. Isso, porém, não acontece de acordo com planejamentos bem refletidos, mas decorre de acontecimentos aparentemente insignificantes e “fortuitos”.

- 1** “Pedro, porém, e João subiram ao templo por volta da hora da oração, a nona.” Não fazem nada de especial e ignoram que a ida dará início a um momento totalmente novo da história da igreja. De acordo com Êx 29.38s, o “sacrifício vespertino diário” era oferecido por volta da hora nona, ou seja, em torno das três horas da tarde. O costume tinha transferido um dos três períodos de oração para essa hora do sacrifício vespertino (Dn 6.11; 9.21). Também Pedro e João, portanto, – em Gl 2.3 eles são chamados de “colunas” da igreja – participaram da oração no templo, como simples homens de Israel, sem qualquer “dignidade” especial, embora sejam os plenipotenciários do Rei dos reis.
- 2** Muitas pessoas visitavam o templo naquela hora, de modo que um homem aleijado de nascença se deixava carregar diariamente até lá e era colocado na assim chamada “Porta Formosa” do templo. É bom formarmos uma imagem concreta do traçado do templo, que, com seus pátios e pavilhões de colunas, tinha um aspecto muito diferente de uma “igreja” no mundo ocidental. Presume-se que a “Porta Formosa” era o portão que levava do “átrio dos gentios” ao “átrio das mulheres”, em que qualquer judeu com pureza cultural tinha permissão de entrar.
- 3/4** Uma vez que não havia qualquer previdência oficial para deficientes físicos e para os pobres, eles tinham de cuidar de si mesmos. Ao encontro dessa situação vinha a concepção religiosa que via na esmola uma obra meritória (cf. Mt 6.1-4), tornando-a, juntamente com a “oração” e o “jejum”, um elemento constitutivo do culto. Por isso o coxo também estava sentado junto à Porta Formosa, “para pedir esmola aos que entravam no templo”. Dirigiu-se também a Pedro e João. “Pedro, porém, fitando-o juntamente com João, disse: Olha para nós!” Nada é dito sobre o que se passava no coração de Pedro. Será que já observara várias vezes aquele ser humano infeliz? Será que agora lhe é concedida a certeza interior de que neste caso é possível ajudar milagrosamente? Seja como for, é agora que começa sua ação. Primeiro ele estabelece contato pessoal com o homem, que estava

acostumado a ver a multidão de pessoas e, apesar disso, a não vê-las. Dar e receber esmolas rapidamente se torna algo completamente impessoal.

- 5 Surpreso, o coxo levanta o olhar até esses dois homens, que o tratam de maneira tão diferente do que está acostumado. Será que desejam ofertar-lhe uma quantia especialmente grande?
- 6 “Pedro, porém, lhe disse: Não possuo nem prata nem ouro.” Afinal, Pedro havia deixado sua terra e profissão e recebia da igreja somente o necessário para viver. A rigor ele se encontrava na mesma situação que esse homem que se dirigira a ele pedindo por um donativo. Apesar disso, Pedro é infinitamente rico. Esse homem simples, sem dinheiro no bolso, na verdade é “apóstolo”, plenipotenciário de Deus, e como tal pode dar o que as pessoas mais ricas de Jerusalém não conseguiam compensar com seu dinheiro. “Mas o que tenho, isso te dou: em nome de Jesus, o Messias, o Nazareno, anda!”

Pela primeira vez o “nome de Jesus” aparece no livro em sua acepção peculiar. Na seqüência tudo girará em torno desse “nome”: At 3.16; 4.7,10,12,17,18,30; 5.28,40. Também nós conhecemos a repercussão da fórmula “em nome de”: proclamam-se sentenças “em nome do povo” ou expressam-se felicitações e saudações “em nome” de todo um grupo de pessoas. Também não nos é totalmente estranho que nosso coração estremeça quando ouvimos falar de um nome grande e importante. “Em nome de” designa a autoridade que está por trás do falar e agir de pessoas frágeis. O “nome” presenteia o portador com sua magnitude e seu poder, sua força e sua importância. As pessoas dos tempos antigos experimentavam isso de modo bem mais direto. Por isso, um “nome” podia tornar-se fórmula mágica. Tudo, porém, depende de quem está por trás de um “nome”! Quem é esse “Jesus”, esse “Nazareno”? Apenas um ser humano e, conseqüentemente, por causa de suas reivindicações desmedidas, um lunático e blasfemo? Ou será ele de fato o “Senhor” e o “Messias”, o “Servo”, sim o “Filho” do Deus vivo? O poderoso efeito de seu nome é a nítida prova a respeito de sua pessoa. Essa é a linha fundamental nos cap. 3-5 de Atos dos Apóstolos.

- 7 Pedro está tão confiante que toma o coxo pela mão direita e o levanta. A narrativa simples de Lucas não nos diz o que aconteceu no íntimo do próprio enfermo. Será que “teve fé”? Com certeza não teve considerações teóricas sobre a fé. Naquele momento ele ainda não chega à fé redentora na salvação. Porém, cedendo ao movimento de Pedro, que o erguia, realizou-se nele uma fé que era suficiente para essa hora. Nesse ato ele obedeceu a uma daquelas ordens impossíveis e “absurdas” de Deus, necessárias às dádivas maravilhosas de Deus que extrapolam nosso mundo natural. Lembremo-nos de Lc 7.14; 8.54; 18.42; Jo 11.43. Essa é a obediência de fé, cuja essência também caracteriza a fé de salvação, com a diferença de que ela não faz com que enfermos convesçam, mas transforma pecadores fadados à maldição em filhos amados de Deus. A fé autêntica, porém, sempre se caracteriza por esse agarrar e agir do ser humano, que depois experimenta, estupefato, a realidade daquilo que Deus ao mesmo tempo exige (“anda!”) e concede em sua palavra. “Imediatamente os seus pés e tornozelos se firmaram, de um salto se pôs em pé.”
- 8 Pedro pessoalmente seguiu com fé ao aceno de seu Senhor. Não refletiu sobre quaisquer conseqüências de seu ato. Alegrou-se com o homem, que estava liberto de sua miséria, e alegrou-se pelo Salvador glorioso a quem podia servir. Isso obviamente não é mencionado na descrição objetiva e contida da Bíblia. Ela fala unicamente da alegria do curado, de seu caminhar e saltar e louvar a Deus. Através das múltiplas repetições “ele andou, saltou, louvou” Lucas desenha toda a intensidade da alegria desse homem. Como ele usa e usufrui agora daquilo que nós, pessoas saudáveis, aceitamos sem pensar como sendo uma capacidade óbvia. Seu primeiro caminho, porém, o leva com o apóstolo para dentro do templo. Sua alegria não se esgota em sua felicidade, mas o impele até Deus.
- 9/10 O acontecimento, porém, não ficou oculto. Afinal, é uma hora agitada na entrada do templo. “Viu-o todo o povo a andar e a louvar a Deus. E reconheceram ser ele o mesmo que esmolava, assentado à Porta Formosa do templo; e se encheram de admiração e assombro por isso que lhe acontecera.” Como no dia de Pentecostes, o milagre como tal apenas leva ao “maravilhar-se” e à admiração temerosa. O “sinal” demanda a “palavra”, no que obviamente o sinal confere atualidade à palavra, bem como realidade de poder de cunho especial. Pedro tem a oportunidade, como também a obrigação, de trazer essa palavra agora.

- 11 – Apegando-se ele a Pedro e a João, todo o povo correu atônito para junto deles no pátio chamado de Salomão.
- 12 – À vista disto, Pedro se dirigiu ao povo, dizendo: Israelitas, por que vos maravilhaiis disto ou por que fitais os olhos em nós como se pelo nosso próprio poder ou piedade o tivéssemos feito andar?
- 13 – O Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, o Deus de nossos pais, glorificou a seu Servo Jesus, a quem vós traístes e negastes perante Pilatos, quando este havia decidido soltá-lo.
- 14 – Vós, porém, negastes o Santo e o Justo e pedistes que vos concedessem um homicida.
- 15 – Dessarte, matastes o Autor da vida, a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, do que nós somos testemunhas.
- 16 – Pela fé em o nome de Jesus, é que esse mesmo nome fortaleceu a este homem que agora vedes e reconheceis; sim, a fé que vem por meio de Jesus deu a este saúde perfeita na presença de todos vós.
- 17 – E agora, irmãos, eu sei que o fizestes por ignorância, como também as vossas autoridades;
- 18 – mas Deus, assim, cumpriu o que dantes anunciara por boca de todos os profetas: que o seu Cristo havia de padecer.
- 19 – Arrependei-vos, pois, e convertei-vos para serem cancelados os vossos pecados,
- 20 – a fim de que, da presença do Senhor, venham tempos de refrigério, e que envie ele o Cristo, que já vos foi designado, Jesus,
- 21 – ao qual é necessário que o céu receba até aos tempos da restauração de todas as coisas, de que Deus falou por boca dos seus santos profetas desde a antiguidade.
- 22 – Disse, na verdade, Moisés: O Senhor Deus vos suscitará dentre vossos irmãos um profeta semelhante a mim; a ele ouvireis em tudo quanto vos disser.
- 23 – Acontecerá que toda alma que não ouvir a esse profeta será exterminada do meio do povo.
- 24 – E todos os profetas, a começar com Samuel, assim como todos quantos depois falaram, também anunciaram estes dias.
- 25 – Vós sois os filhos dos profetas e da aliança que Deus estabeleceu com vossos pais, dizendo a Abraão: Na tua descendência, serão abençoadas todas as nações da terra.
- 26 – Tendo Deus ressuscitado o seu Servo, enviou-o primeiramente a vós outros para vos abençoar, no sentido de que cada um se aparte das suas perversidades.

- 11 O manuscrito D reproduz da seguinte forma o v. 11: “Enquanto, porém, Pedro e João saíam, ele saiu apegando-se a eles; eles, porém, estavam aí parados, fora de si de admiração.” Houve quem propusesse que as variantes do manuscrito D continuíam o texto melhor e mais original. Mas a presente passagem revela um escrevente antes demasiadamente consciencioso e corretor. Esse copista sabia que o assim chamado Pátio de Salomão se situava no lado oriental do complexo do templo, mais afastado do que a Porta Formosa. Se, conforme o v. 8, os apóstolos haviam entrado por essa porta interior do templo, precisavam “sair” novamente por ela antes de poder chegar ao Pátio de Salomão. Por isso o escrevente do manuscrito moldou o texto. Porém, será que era necessário dizer isso de forma tão expressa, descrevendo cada passo dos apóstolos? Será que Lucas é um narrador tão pedante assim?
- 11/12 Obviamente os rumores da cura milagrosa se espalharam. E quando Pedro e João saíram do templo, com o curado firmemente agarrado a eles, “todo o povo correu até eles no assim chamado Pátio de Salomão, fora de si de admiração”. “Quando Pedro viu isso”, precisou falar. Não pôde deixar que as pessoas ficassem na mera admiração. Teve de falar-lhes a respeito daquele que causou essa cura. Sobretudo, precisou cortar toda parte da admiração que se fixa quase naturalmente em si e em João. Um apóstolo de Jesus distingue-se radicalmente dos muitos milagreiros que havia naquele tempo entre judeus e gentios. Um homem como Simão de Samaria dizia de si mesmo que era um grande milagreiro, e gostava de ser chamado “o grande poder de Deus” (At 8.9s). Pedro e João, porém, rejeitaram essa atitude de forma decidida: “Por que fitais os olhos em nós como se pelo nosso próprio poder tivéssemos feito que ele possa andar?” Como todas as personalidades da Bíblia, Pedro e João eram “crentes”, ou seja, não eram nada em si mesmo, mas somente instrumentos do agir de Deus. Tampouco é sua “própria devoção” que atrairia os milagres de Deus. O crente não conhece nenhuma religiosidade meritória. Energicamente, Pedro afastou os pensamentos de seus ouvintes completamente dos apóstolos, dirigindo-os exclusivamente para Deus.

13 “O Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó” – é exclusivamente ele que está em pauta. Pedro não deixa sobrar nem a menor fatia para sua própria pessoa.

Não é um novo Deus que o apóstolo proclama! O “cristianismo” não é uma “nova religião”. Também a mensagem dos cristãos trata do “Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, o Deus dos pais”. Isso tinha de ser muito enfatizado diante de uma platéia judaica no templo! Mas – e agora Pedro chega logo a seu tema principal – precisamente esse Deus dos pais “glorificou a seu Servo Jesus”. Jesus não é jogado contra um Deus insuficiente da Antiga Aliança. Como Israel poderia ouvir isso? Não, a história de Jesus é a obra desse único Deus vivo, que é “o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó”, motivo pelo qual é comprometedor para cada israelita. Por essa razão, aqui Pedro também fala com palavras do AT. A solene designação de Deus como “o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, o Deus de nossos pais” ocorre de forma idêntica na história da vocação de Moisés na sarça ardente (Êx 3.6,15). E Isaías havia falado a respeito da “glorificação” ou “exaltação” do “Servo de Deus” imediatamente antes do poderoso cap. 53, em Is 52.13: “Eis que o meu Servo procederá com prudência; será exaltado e elevado e será mui sublime.”

É bem provável que pareça insignificante demais designar Jesus como “Servo de Deus” a partir dos testemunhos posteriores do NT. Não ocorre em momento algum nos escritos de Paulo. Contudo, a pregação autêntica não precisa constante e imediatamente trazer todas as asserções dogmáticas. Afinal, visa ir ao encontro da compreensão dos ouvintes e por isso se conecta ao que lhes é familiar. Acontece que o “Servo de Deus” de Isaías era realmente um personagem misterioso e poderoso! Se ele veio a ser uma realidade atual na pessoa de Jesus a partir de uma palavra profética, então isso era uma mensagem alvoroçadora. “Jesus, o Servo de Deus, de quem Isaías profetizou” – nada mais precisava ser dito nessa hora. Perante os olhos dos ouvintes, Deus havia “glorificado seu Servo Jesus”.

13-15 Nisso torna-se visível toda a culpa de Israel. Deus é fiel, Deus cumpriu a profecia do profeta e enviou o “*ebed Jahweh*”, o “Servo de Deus”. Israel, porém, o “traíu e negou”. Novamente Pedro não conversa com seus ouvintes sobre opiniões e teses teológicas, mas sobre feitos e fatos inequívocos. O agir de Deus e de Israel se contrapõem lance por lance: Deus glorifica a Jesus – eles o entregaram. Deus coloca o “Santo e Justo” no meio deles – eles o negam e em troca pedem a absolvição de um assassino. Deus lhes concede o “Príncipe da vida” – matam-no. Eles matam – porém Deus o ressuscita dentre os mortos. Porém essa ação contra o agir e presentear de Deus representa culpa extrema, consumada, muito acima de quaisquer desacertos morais. O que Israel fez pesa tanto mais quando até mesmo um “ímpio” como Pilatos reconhece a inocência de Jesus e tenta soltá-lo. E quanta obsessão existe no fato de se “matar” o “Príncipe (i. é, o Autor e fornecedor) da vida” e ver num homicida um “presente”! Pedro não poupa seus ouvintes de nada. Mais uma vez constatamos com que seriedade Pedro foi tomado pelo perdão de sua culpa. Ele, que como líder dos discípulos de Jesus “negou” a seu Senhor, é capaz de confrontar seus ouvintes com sua “negação” do Santo e Justo em serena objetividade. Obviamente ele já não consegue fazê-lo de cima para baixo, como alguém que seria “melhor” do que eles. Somente pode fazê-lo como alguém que sabe algo a respeito do perdão e por isso também revela a culpa aos demais apenas para que recebam perdão. Unicamente assim se forma um genuíno sermão de arrependimento, que difere fundamentalmente de qualquer pregação moral. Precisamente por isso a autêntica prédica de arrependimento pode ser tão implacável e clara como vemos aqui no discurso de Pedro.

16 Da ressurreição de Jesus “somos testemunhas”, diz Pedro. Mas de certo modo seus ouvintes agora são testemunhas. Porque “em virtude da fé no seu nome é que esse, o qual vedes e conheceis, fortaleceu o seu nome, e a fé (despertada) por meio dele lhe concedeu essa saúde perfeita diante de todos vós”. O “nome” de Jesus é tão poderoso somente porque Jesus é o Ressuscitado e Vivo. Pedro confirma nossa suposição de que a fé aconteceu no coxo quando obedeceu ao movimento que Pedro fez para levantá-lo. Sim, Pedro dá um passo a mais. Ele experimentou que o próprio Jesus, por meio da sua palavra, “despertou” a fé nesse homem. É característico que por isso o poderoso “nome de Jesus” e a eficaz “fé em seu nome” estejam entrelaçados numa mesma frase, de forma aparentemente confusa. O que foi que conferiu ao coxo “essa saúde perfeita”? O nome de Jesus ou a fé? Pedro garante: Nem um nem outro! “Objeto” e “sujeito” estão inseparavelmente entrelaçados. É precisamente isso que caracteriza qualquer acontecimento condizente com a Bíblia. E justamente a fé, por sua vez, não é uma qualidade ou produção humana como tal, mas dádiva de Jesus por meio de

sua palavra. Visto que os ouvintes são testemunhas desses acontecimentos, eles agora viram a atuação viva de Jesus com seus próprios olhos.

17/19 E agora segue-se – bem diferente do que no dia de Pentecostes – o chamado à conversão já na própria pregação. Essa conversão obviamente não seria possível se a rejeição a Jesus tivesse acontecido com plena ciência e intenção. Mas Pedro pode assegurar: “Eu sei que o fizestes por ignorância, como também as vossas autoridades.” Essa é exatamente a mesma sentença que Paulo deu a respeito de si mesmo ao relembrar o tempo de sua luta ferrenha contra Jesus: “Mas obtive misericórdia, pois o fiz na ignorância, na incredulidade” (1Tm 1.13). A intenção de Paulo, que de imediato (v. 15) se declara o maior de todos os pecadores, não é desculpar-se! Por isso também agora Pedro não tenta atenuar a culpa incompreensível e terrível que acabou de colocar diante de seus ouvintes. Quando os israelitas não reconhecem mais o que até um gentio como Pilatos viu, isso não é falta de intelecto, que desculpasse seu agir, mas uma obsessão que se formou de uma crescente desobediência contra Deus. Contudo, ainda não acontecera aquele pecado que, de acordo com a advertência de Jesus aos fariseus, é imperdoável (Mc 3.28-30), a oposição consciente ao Espírito de Deus que convence do pecado! Por isso é possível chamar à conversão. Deus, porém, usou a culpa de Israel conforme seu método divino maravilhoso, para desse modo cumprir o que já havia predito acerca do sofrimento do Messias pelos lábios de todos os profetas

Ainda há chance de conversão. Mas agora ela também precisa ser realizada com seriedade radical. Pedro enfatiza isso ao combinar o chamado à conversão com duas palavras que iluminam ambos os lados de uma conversão: afastar-se do pecado e voltar-se para a graça de Deus: “Por isso dai meia-volta e convertei-vos.” Quando acontece uma conversão assim, ela se depara com algo incompreensivelmente grandioso: “São apagados os vossos pecados.” Portanto, é isso que existe de fato para nós: Todos os pecados de nossa vida totalmente pervertida e hostil a Deus são cancelados, de sorte que a situação é como se não os tivéssemos praticado! Que oferta! Isso é “evangelho”.

No dia de Pentecostes Pedro teve intenção de contar esse “evangelho” somente depois que reconheceu que seus ouvintes estavam autenticamente abalados pelas suas perguntas. Agora, quando a igreja de Jesus dentre o povo de Israel se formara, ele já podia chamar as pessoas a se converterem à salvação já no meio da própria pregação. De imediato, ele ultrapassa os contornos de seu primeiro discurso também num outro sentido.

20 Enquanto naquele dia ele assinalara o caráter escatológico da efusão do Espírito apenas pela palavra do profeta Joel, ele agora dirige o olhar dos ouvintes expressamente para o futuro: “A fim de que, da face do Senhor, venham tempos de refrigério, e ele envie o Messias preestabelecido, Jesus”. Israel sentiu toda a dureza de sua situação. Logo atrás do templo erguia-se o forte Antonia, de onde os representantes de Roma dominavam a cidade. Israel era um povo impotente, atribulado e desprezado. Como estavam distantes as coisas gloriosas que Deus prometera a seu povo! Quando viriam os tempos do refrigério, de “tomar fôlego”? Quantas vezes essa pergunta subia do coração judeu! Pedro está dando uma resposta dupla. Esses tempos chegam unicamente através de Jesus. Ele é o “Messias preestabelecido”, é a ele que Deus deverá enviar outra vez como o Consumador do mundo. Depois virão os tempos de refrigério. Isso, por sua vez, depende de que Israel se converta. Sem dúvida Pedro sabe desde o dia da ascensão que “o Pai reservou tempos e prazos à sua exclusiva autoridade”. Mas ele também sabe que o governo de Deus jamais é a execução férrea de um programa rígido, mas que interage com a ação e omissão das pessoas. Se a conversão de Israel acontecer agora, os tempos de refrigério chegarão mais rapidamente.

21 Jesus será “enviado” outra vez para consumir sua obra. Esse elemento é necessária e essencialmente inerente à mensagem de Jesus. “É necessário que o céu o receba até aos tempos da restauração de todas as coisas de que Deus falou por boca de seus santos profetas desde a antiguidade.” Aqui ocorre a palavra “*apokatástasis*”, a “restauração de todas as coisas”, que no cristianismo é quase sempre rapidamente igualada ao “universalismo” da reconciliação. Sem dúvida também é possível traduzir: “Até os tempos da restauração (ou: consumação) do universo, do qual Deus falou pela boca de seus santos profetas desde a antiguidade”. Contudo, ao falar dessa restauração do universo, o que Israel não tinha em mente era justamente a idéia da bem-aventurança de todas as pessoas ou até dos anjos caídos e de Satanás! Também a própria expressão não contém nada disso. É verdade que a criação devastada pelo pecado, por Satanás e pela morte carece de uma “restauração” radical e abrangente, um redirecionamento há muito planejado por Deus, de consumação e perfeição. Deus também já determinou os “tempos” para isso e falou por seus profetas

“desde a antiguidade”. É isso que o universo aguarda (Rm 8.19-24), e também o próprio Jesus espera (Hb 10.13). Até então ele estará oculto e acolhido no céu. Depois, porém, ele será outra vez “enviado” (“dada uma palavra de ordem”, 1Ts 4.16), a fim de conduzir tudo ao alvo. Essa inaudita esperança, porém, inclui o juízo em toda a sua gravidade (cf. apenas 2Ts 1.7-9). Precisamente por isso Pedro convoca seus ouvintes à conversão com tanta insistência.

Quando damos preferência à tradução do texto oferecida acima, fica evidente que não se trata de uma “recondução de todos”, mas do cumprimento pleno de todas as promessas que Deus proferiu pela boca de profetas. Não é apenas chamado de “cumprimento”, mas de “restauração”, porque atualmente praticamente tudo está destruído – também pela culpa do próprio povo de Israel – o que na realidade devia ser concedido a Israel segundo a vontade de Deus. Por isso precisa ser “restaurado”.

- 22** Pedro chegou, assim, à comprovação da Escritura, que constitui também aqui seu interesse mais sério e que encerra de forma eficaz o seu discurso. Moisés já falara do profeta vindouro e misterioso que Deus levantaria de Israel. Ele estaria no limiar do tempo da perfeição, como Moisés era o grande mediador do começo, da aliança do Sinai, da constituição de Israel como povo. Por isso é que está escrito: “Um profeta... semelhante a mim”. No entanto, assim como a consumação supera o começo, assim também a importância desse “novo Moisés” é ainda mais impactante e absoluta: “A ele ouvireis em tudo quanto vos disser.” Pelo fato de essa promessa ter ficado em Israel, João Batista já tinha sido interrogado oficialmente se se considerava “o profeta” (Jo 1.21).
- 23** Jesus, porém, é de fato esse profeta, esse cumprimento de Moisés. Por isso cabe ouvir a Jesus tão incondicionalmente como o próprio Moisés já dissera a seu povo (Dt 18.15,19). Ao recorrer a Lv 23.29s, os ouvintes são mais uma vez gravemente confrontados com a certeza de que diante de Jesus estão em jogo a vida ou a morte: “Acontecerá que toda alma que não ouvir a esse profeta será exterminada do meio do povo.” Nessa palavra não há nada de “universalismo” da reconciliação. Contudo, ela atinge mais uma vez o ponto decisivo, que precisa ser central em qualquer proclamação a israelitas. Será que não perderemos nossa preciosa herança judaica se aderirmos a Jesus? Essa era a pergunta que se contrapunha à proclamação cristã. Pelo contrário, responde Pedro. Somente vindo a Jesus e ouvindo a ele é que de fato permaneceréis sendo membros do povo eleito. Quem rejeita a Jesus é riscado por Deus da lista de Israel.
- 24** Não apenas Moisés, mas “todos os profetas desde Samuel e os seguintes, todos quantos falaram, também anunciaram esses dias”. “Esses dias” da experiência com Jesus, na qual os apóstolos gostariam de envolver todo seu povo, para que também possa vir brevemente a consumação desses acontecimentos, são o novo envio de Jesus para realizar os tempos do refrigério.
- 25** Porque, apesar da grande culpa de Israel, continua em vigor que: “Vós sois os filhos dos profetas e da aliança que Deus outorgou a vossos pais.” A expressão “filhos dos profetas e da aliança” não apenas se refere ao contexto histórico na sucessão das gerações, que obviamente não deixa de ser importante, mas também ao vínculo interior, assim como falamos de “filhos da luz”. Pedro está requestando seus ouvintes com amor respeitoso. Vejam o que vocês são, e por isso o sejam agora de fato! A aliança com Abraão promete o “descendente” (no singular!) por meio do qual “serão abençoadas todas as famílias da terra”. Esse descendente está presente em Jesus (cf. Gl 3.15-18). Por isso ele pertence em primeiro lugar aos membros diretos da aliança de Abraão (cf. Rm 1.16; 2.9, 10: “primeiro dos judeus”).
- 26** Quando Pedro diz: “Para vós Deus despertou primeiro seu Servo”, esse “despertou” talvez seja usado intencionalmente com duplo sentido. Na linguagem bíblica, “despertar” costuma ser usado para o envio histórico de pessoas por meio de Deus. Todo o envio de Jesus é, por isso, o cumprimento da promessa divina a Abraão. Mas depois da instigante proclamação da ressurreição de Jesus dentre os mortos os ouvintes precisavam perceber nessa palavra “despertou” novamente a exortação de que a esse Jesus, enviado por Deus para cumprir a aliança com Abraão, vocês, filhos da aliança, o mataram; mas agora Deus o “despertou” dentre os mortos. E também isso aconteceu de novo “primeiro para vós”. Agora revelem-se finalmente como verdadeiros “filhos da aliança” e aceitem a Jesus!

Porque – esse é o modo como Pedro resume todo o evangelho – Deus despertou Jesus como alguém que abençoa, não que se vinga ou castiga. É óbvio que não se trata de “bênção” em geral, como muitas vezes usamos a palavra, na edificação. “Abençoar” significa destinar a pessoas algo de

bom da parte de Deus. Enquanto, porém, Israel – à semelhança de nós – desejava e esperava esse “algo de bom” da parte de Deus com demasiada facilidade de modo egoísta, como uma plenitude de dádivas e ajudas terrenas, a bênção de Arão (Nm 6.24) já considerara, contrariamente, o bem de Deus como sendo o semblante radiante do próprio Deus, voltado a nós com sua graça e sua paz. Agora Pedro mostra que a “bênção” está no alvo de todo o envio de Jesus: na redenção e conversão de Israel. A construção da frase grega, com a qual Pedro encerra seu discurso, pode expressar ambas as coisas: “no sentido de que ele aparte a cada um de vós de vossas maldades” ou “no sentido de que de vós, cada um, vos apartais de vossas maldades”. Em ambas as formulações o sentido interior permanece sendo igual. A primeira versão salienta especialmente que Jesus é aquele que de fato age na conversão dos ouvintes. A segunda versão enfatiza mais a responsabilidade dos próprios ouvintes, embora também nesse caso seu próprio converter-se seja uma dádiva abençoada de Jesus. Porque a vida em que eles, os israelitas devotos, vivem agora, é “maldades”. A palavra evoca imediatamente “o maligno”, o diabo. Pedro não implica que seus ouvintes se atolaram em toda sorte de maldades humanas, mas que estão sob a autoridade das trevas (Cl 1.13), vivem em contradição a Deus, não possuem uma vida verdadeiramente divina e por isso estão envenenados em todo seu pensar, falar e fazer. Essa situação significa corrupção, perdição e morte. Jesus, porém, veio para “buscar e salvar o que está perdido”. Ele novamente se encontra diante das pessoas no Pórtico de Salomão, como Crucificado e Ressuscitado. A cura do mendigo coxo é um “sinal” para aquela cura bem diferente e aquele resgate que Jesus deseja presentear. Consequentemente, ligam-se mais uma vez estreitamente a seriedade e a alegria, a oferta e a exigência. Não é viável a fé sem uma conversão decidida. Mas, apesar de toda a sua seriedade, essa conversão não é um fardo ou uma exigência dura, mas gloriosa bênção divina na libertação da culpa e das amarras.

O PRIMEIRO INQUÉRITO DIANTE DO SINÉDRIO - Atos 4.1-22

- 1 – Falavam eles ainda ao povo quando sobrevieram os sacerdotes, o capitão do templo e os saduceus,**
- 2 – ressentidos por ensinarem eles o povo e anunciarem, em Jesus, a ressurreição dentre os mortos;**
- 3 – e os prenderam, recolhendo-os ao cárcere até ao dia seguinte, pois já era tarde.**
- 4 – Muitos, porém, dos que ouviram a palavra a aceitaram, subindo o número de homens a quase cinco mil.**
- 5 – No dia seguinte, reuniram-se em Jerusalém as autoridades, os anciãos e os escribas**
- 6 – com o sumo sacerdote Anás, Caifás, João, Alexandre e todos os que eram da linhagem do sumo sacerdote;**
- 7 – e, pondo-os perante eles, os argüiram: Com que poder ou em nome de quem fizestes isto?**
- 8 – Então, Pedro, cheio do Espírito Santo, lhes disse: Autoridades do povo e anciãos**
- 9 – visto que hoje somos interrogados a propósito do benefício feito a um homem enfermo e do modo por que foi curado,**
- 10 – tomai conhecimento, vós todos e todo o povo de Israel, de que, em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, a quem vós crucificastes, e a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, sim, em seu nome é que este está curado perante vós.**
- 11 – Este Jesus é pedra rejeitada por vós, os construtores, a qual se tornou a pedra angular.**
- 12 – E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos.**
- 13 – Ao verem a intrepidez de Pedro e João, sabendo que eram homens iletrados e incultos, admiraram-se; e reconheceram que haviam eles estado com Jesus.**
- 14 – Vendo com eles o homem que fora curado, nada tinham que dizer em contrário.**
- 15 – E, mandando-os sair do Sinédrio, consultavam entre si,**
- 16 – dizendo: Que faremos com estes homens? Pois, na verdade, é manifesto a todos os habitantes de Jerusalém que um sinal notório foi feito por eles, e não o podemos negar;**
- 17 – mas, para que não haja maior divulgação entre o povo, ameacemo-los para não mais falarem neste nome a quem quer que seja.**
- 18 – Chamando-os, ordenaram-lhes que absolutamente não falassem, nem ensinassem em o nome de Jesus.**

19 – Mas Pedro e João lhes responderam: Julgai se é justo diante de Deus ouvir-vos antes a vós outros do que a Deus;

20 – pois nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos.

21 – Depois, ameaçando-os mais ainda, os soltaram, não tendo achado como os castigar, por causa do povo, porque todos glorificavam a Deus pelo que acontecera.

22 – Ora, tinha mais de quarenta anos aquele em quem se operara essa cura milagrosa.

1/2 Não é de surpreender que as autoridades intervenham. Tamanha concentração de pessoas no recinto do templo precisava chamar a atenção logo. O que estava acontecendo? Os sacerdotes interessaram-se peculiarmente pelo que era dito a uma grande multidão no templo “deles”. Estão “irritados” pelo simples fato “de que eles ensinavam o povo”. Quem se arroga isso? E agora até ouvem dizer que “anunciavam em Jesus a ressurreição dentre os mortos”. Os sacerdotes, ao lado da nobreza leiga, faziam parte do influente grupo dos “saduceus”, que já conhecemos dos evangelhos. Negavam a ressurreição e defendiam um judaísmo esclarecido, que acompanhava intelectualmente a cultura do mundo e politicamente o império do mundo. Agora ouvem aquilo que afronta suas idéias e ameaça tudo pelo que se empenham em sua mais própria área! Alegou-se criticamente que o quadro delineado por Lucas não poderia estar correto, pois do contrário os saduceus há tempos já deveriam ter agido da mesma maneira contra os fariseus, que também professavam a ressurreição. Mas é uma coisa diferente quando escribas oficialmente reconhecidos falam da ressurreição entre as paredes das casas de ensino, ou se agora pessoas quaisquer falam no átrio do templo, diante de milhares. Mais diferente ainda é quando a ressurreição no fim dos tempos é afirmada teoricamente ou quando ela é testemunhada justamente a respeito de Jesus – que nome irritante para os sacerdotes – como sendo uma realidade presente.

3 Conseqüentemente, os sacerdotes mobilizam a polícia do templo, cujo próprio comandante, o “capitão do templo”, era do grupo dos saduceus. “E os prenderam, recolhendo-os ao cárcere até ao dia seguinte, pois já era tarde.” A “tarde” cai cedo na Palestina. Lucas não está fazendo nenhuma indicação cronológica exata. De qualquer forma, já não era possível convocar de imediato uma sessão do Sinédrio.

Por isso Pedro e João passam a primeira noite numa cela de prisão. É a primeira noite de muitos milhares de noites que muitos milhares de mensageiros de Jesus passarão desse modo. Quando Pedro e João iam ao templo como de costume na hora da oração, eles não suspeitavam de que não retornariam para casa, mas que acabariam na prisão. Mas os passos desse caminho haviam sido necessários. Não podiam passar ao largo da incumbência de Deus para o sofredor e tinham de ajudar. Não podiam deixar a multidão entregue à sua admiração perplexa e às idéias erradas, mas tinham de falar de Jesus. Em vista disso, podiam estar na prisão sem se recriminarem por isso.

4 Não obstante, a detenção dos apóstolos não é o único resultado desse dia, mas “muitos dos que ouviram a palavra chegaram à fé”. O que Pedro havia exposto com tanta insistência a seus ouvintes israelitas atingiu suas consciências com força inevitável, fazendo com que “muitos” aceitassem a oferta de Deus. “Chegar à fé”: esse é sempre o evento decisivo que está em jogo, em todos os séculos e todos os países e continentes. Agarrar pessoalmente o Jesus ressuscitado e presente como o Salvador, entregar a vida toda a ele, ser incorporado na igreja dele, tudo isso está contido nessa singela expressão. Nisso se torna explícito que “fé em Jesus” é a única coisa e tudo o que importa no ser cristão.

“E o número de homens subiu a cerca de cinco mil.” Também nesse caso Lucas relata de forma sintética. Depois da agitada detenção dos apóstolos dificilmente havia tempo para levantamentos e contagens dos convertidos. Dificilmente era possível realizar batismos ainda na mesma noite. Por isso Lucas deve ter tentado explicar que através do resultado dessa poderosa proclamação a igreja experimentou um crescimento que elevou o número de homens de três para cinco mil. Nessa contagem de fato é possível – como em Mt 14.21 – que o olhar se concentrou somente nos homens. Por outro lado, também é possível que se esteja pensando, como no caso das três mil “almas” em At 2.41, no número dos membros da igreja como tais que estavam sendo acrescentados.

5/6 No dia seguinte acontece a sessão do “Sinédrio”, o “Alto Conselho”. É a mesma autoridade que poucas semanas atrás conduziu o processo contra Jesus (Mt 26.54; Lc 22.25s). Conseqüentemente, deparamo-nos também com os conhecidos nomes Anás e Caifás. Caifás (e não Anás) é o sumo sacerdote em exercício, mas Anás, sogro de Caifás, evidentemente ainda possui grande influência no

Sinédrio (cf. Jo 18.13). João e Alexandre não são conhecidos de outros episódios, mas fazem parte da “geração do sumo sacerdote”. Além deles possuem assento e voz no Sinédrio os “superiores”, membros dirigentes da nobreza sacerdotal, e os “anciãos”, entre os quais havia – como veremos no cap. 5 – também respeitados fariseus e escribas.

- 7 Na sequência são trazidos os apóstolos, que permanecem de pé no espaço aberto, “no meio”, que é cercado em semicírculo pelas cadeiras dos membros do Sinédrio. Começa o interrogatório: “Com que poder ou em nome de quem fizestes isso, vós?” A pergunta refere-se a toda e qualquer manifestação dos apóstolos, acima de tudo à cura, mas também à proclamação pública no templo. Como vocês chegaram a tudo isso, quem vos deu autorização para isso? De modo idêntico o próprio Jesus fora confrontado com a pergunta: “Com que autoridade fazes estas coisas? E quem te deu essa autoridade?” (Mt 21.23). A hora da qual Jesus falara a seus discípulos chegara rapidamente: “Acautelai-vos dos homens; porque vos entregarão aos sinédrios” (Mt 10.17; cf. Lc 12.11s; 21.11-15). Pedro e João devem ter-se lembrado disso e se consolado com a grande promessa que pairava sobre essa hora: “O Espírito Santo vos ensinará, naquela mesma hora, as coisas que deveis dizer” (Lc 12.12).
- 8 Essa promessa se cumpre. Não é possível ler o discurso de Pedro sem estar profundamente comovido e reconhecer claramente esse “estar cheio do Espírito Santo”. Que situação: esse homens simples diante dessa magna reunião! Contudo, nas palavras de Pedro não há nenhum constrangimento, ele de fato fala, conforme o próprio Sinédrio constata, com “intrepidez”. Não se percebe nenhum medo pela própria vida, nenhuma captação da benevolência desses poderosos, mas tampouco qualquer indignação, nem petulância. Pedro fala livre de qualquer tipo de fixação em si mesmo, objetiva, clara e respeitosamente, mas com a profunda seriedade de quem verdadeiramente se encontra diante de Deus. É essa atitude que o NT descreve como “intrepidez”.
- 9 Com a sabedoria prometida aos discípulos para tais horas, Pedro liga a pergunta do Sinédrio completamente à cura do coxo. Com humor sutil ele consegue contrapor aos eminentes senhores: “Se hoje somos interrogados por causa do benefício feito a um homem enfermo...” Um processo estranho, que não se refere a maldades, mas a uma boa ação! Essa sabedoria de Pedro, porém, não é diplomacia. De imediato Pedro aborda a questão central: “e por quem o enfermo obteve redenção”.
- 10 Obviamente precisa-se de “autoridade” para uma ação dessas. Por trás dela está o “nome” daquele que agora de fato está agindo, e concedeu a “redenção”, a cura. Pedro afirma com toda a ênfase: “Seja conhecido a vós todos e a todo o povo de Israel, que pelo nome de Jesus, o Messias, o Nazareno, a quem vós crucificastes e a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, sim, em seu nome esse está diante de vós curado.” A defesa se transforma em anúncio direto, o réu se torna uma clara testemunha, o acusado passa a ser um acusador sério. Pedro tampouco omite diante desses homens, que haviam proferido a sentença de morte sobre Jesus, as duas afirmações fundamentais: Vocês crucificaram a Jesus, Deus o ressuscitou. Como isso soava diferente do que perante a multidão, que não era tão diretamente culpada da morte de Jesus.
- 11 Pedro também expôs o contraste a seus ouvintes em seus dois outros discursos. No presente caso ele faz o destaque de maneira nova através do Sl 118.22: Justamente os “construtores”, os responsáveis pela construção de Israel, haviam desprezado a pedra Jesus como imprestável. Deus, porém, transformou precisamente esta pedra em “pedra angular”. Ele é a pedra fundamental que sustenta todo o edifício de Israel (e toda a construção da igreja da Nova Aliança, Ef 2.20; 1Co 3.11!), ou, conforme a compreensão que temos hoje do termo: Ele é a pedra final, que dá sustentação a toda a abóbada. Jesus, rejeitado pelos especialistas eclesiais e teológicos, foi transformado por Deus em pedra angular. É isso que Pedro ousa dizer perante a autoridade máxima de seu povo.
- 12 Desde logo Pedro usou a palavra “redenção” para a cura milagrosa do coxo. Isso não era um artifício de retórica. Foi assim que o Espírito de Deus conduziu a Pedro. Com a sabedoria do Espírito Santo, ele via na cura do coxo um “sinal” que aponta para algo muito maior. Não importa redimir a pessoa individualmente apenas de sua enfermidade, mas sim o ser humano em sua totalidade perante Deus. Não somente “cura”, mas “salvação”. É por isso que ele pode partir de um “benefício feito a um homem enfermo” para afirmar, de forma abrangente e radical: “Não há salvação em nenhum outro.” Todo o evangelho, em sua glória e gravidade decisiva, está resumido numa única frase. Esse “em nenhum outro” já expressa o “unicamente”, unicamente Cristo, unicamente pela fé, com o qual a Reforma tornou a descortinar a sublimidade do evangelho diante das pessoas. Dessa maneira Pedro

acerta o ponto oculto por trás de todo esse inquérito. Essa sessão da autoridade máxima não foi capaz de realizar um único milagre sequer. Mas Jesus e sua importância para Israel e para o mundo inteiro é que importam. Nesse ponto as opiniões divergem até hoje. Constantemente confrontam-se de um lado os “construtores”, que consideram essa pedra insignificante para a construção da humanidade e que de modo rude ou refinado a rejeitam, e de outro os que crêem, que sabem que “não existe nenhum outro nome abaixo do céu que fosse dado entre os seres humanos, pelo qual nós temos de nos deixar salvar”. Mais uma vez está em questão o “nome” (cf. acima, p. ... [87]). Mesmo como cristãos não precisamos negar que existem muitos nomes na história da humanidade que citamos com respeito e gratidão, nomes de homens e mulheres dos quais recebemos benefícios preciosos. Mas uma coisa nenhum deles pode dar: a redenção diante do juízo do Santo de Deus, a redenção da morte eterna (Sl 49.7-9). Na pessoa de Jesus, porém, o próprio Deus nos concedeu esse um “nome” como um “dom inefável”. É o nome, “pelo qual nós temos de ser salvos”, mas pelo qual também “nós temos de nos deixar salvar”. Novamente nos deparamos com esse “passivo ativo”, com essa nossa responsabilidade perante a mensagem da salvação exclusiva de Deus. No “nós” pronunciado enfaticamente reside a confissão pessoal. Não se trata de verdades gerais, nem das pessoas em geral, trata-se de “nós”, de mim e você.

- 13/14** É significativo para o sucesso desse discurso e para a composição de um grêmio desses que a verdade da causa em si e da mensagem proclamada como tal não sejam questionadas nem uma vez. O que tais “pessoas indoutas e leigas” dizem não é digno de consideração séria. É verdade que não se pode negar a cura, mas também não se pode levá-la muito a sério. A idéia de que eles, os líderes do povo, deveriam “arrepender-se” diante desses homens jovens e incultos, ver sua culpa perante Deus na condenação desse Jesus e crer nessa lenda da ressurreição, é absurda demais para que a considerassem até mesmo por um instante. Pessoalmente, porém, Pedro e João causaram impacto neles. Como podem pessoas incultas comportar-se com tamanha intrepidez perante uma reunião tão egrégia? “E reconheceram que eles haviam estado com Jesus”. João até era conhecido pessoal do sumo sacerdote (conforme Jo 18.15). O curado havia sido detido com eles, e “vêm com eles o homem que fora curado”. Que poderiam ainda “dizer em contrário”? Em Israel não havia um ensinamento compromissivo como em nossa igreja. Por isso um “processo disciplinar-doutrinário” contra os apóstolos estava fora de cogitação. Até mesmo o processo contra Jesus fora complicado. Somente a confissão do próprio Jesus de que era Filho de Deus produziu a “blasfêmia”, com base na qual podiam condená-lo. Contudo, a afirmação de que a cura do coxo aconteceu por meio de Jesus talvez fosse bobagem, mas não blasfêmia. Ademais, cabe ter consideração pelo povo. “Pois, na verdade, é manifesto a todos os habitantes de Jerusalém que um sinal notório foi feito por eles, e não o podemos negar.” Por conseguinte, o Sinédrio está em situação embaraçosa. Mandam os acusados sair e deliberam entre si.
- 15-17** Somente uma coisa é viável: tomar providências para que “não haja maior divulgação para dentro do povo”. Eles esperam atingir esse objetivo com uma rigorosa proibição de falar.
- 18** “E os chamaram e lhes ordenaram que de forma alguma anunciassem nem ensinassem com base no nome de Jesus” Agora ficou bem explícito: Também para o Sinédrio não importam curas e coisas similares. Trata-se única e exclusivamente de Jesus, para que finalmente esse “nome” não seja mais mencionado e não se fale mais dele. Por isso proíbem tanto “proclamar” para a multidão como também o “ensinar” em reuniões fechadas, sim, até mesmo a palavra pessoal dirigida ao indivíduo. Até mesmo falar de Jesus “a quem quer que seja” será passível de punição.
- 19/20** Imediatamente os apóstolos declaram abertamente que não obedecerão à proibição de falar! Nem mesmo pensam em temporizar ou transgredir a proibição secretamente. Novamente se evidencia a “intrepidez”. Por isso a desobediência não traz nada de irreverente ou “rebelde” em si. Os apóstolos justificam-na pela obediência à incumbência de Deus e apelam ao próprio julgamento das autoridades. Não têm diante de si gentios, mas os dirigentes do povo eleito de Deus. “Julgai vós mesmos se é justo diante de Deus ouvir mais a vós do que a Deus.” Afinal, a pergunta permanente em Jerusalém era se algo é “justo diante de Deus” ou não. “Pois nós” – no idioma grego, “nós” é geralmente expresso apenas pela forma do verbo, mas aqui foi especialmente acrescentado como destaque - “nós não somos capazes de deixar de falar daquilo que vimos e ouvimos.” É essa a realidade das autênticas testemunhas de Jesus. Não precisam se obrigar a testemunhar, ainda que

precariamente, mas – como o Espírito Santo formula tão bem! – nem mesmo são capazes de eventualmente deixar de falar. Diante disso fracassa qualquer “proibição de falar”.

- 21/22** O Sinédrio responde à declaração dos apóstolos com novas ameaças e os solta. Será que apesar de tudo ainda tinha esperanças de que essas pessoas simples ficariam intimidadas e evitariam uma atividade intensiva e pública demais? De qualquer forma, o mero anúncio da intenção de falar, apesar da proibição, ainda não constituía um ato passível de punição. No próximo processo isso será diferente. Então a transgressão da proibição será um fato (At 5.28). Agora, porém, eles não “acharam como os castigar”. E o olhar da autoridade permanece dirigido ao povo. “Todos glorificavam a Deus em virtude do acontecimento.” Essa cura havia sido especialmente comovente: “Porque mais de quarenta anos tinha a pessoa em que aconteceu esse sinal da cura.” Durante tantos anos um ser humano havia ficado sob as amarras de sua deficiência e agora tinha sido liberto. Falava-se disso na cidade inteira com admiração e gratidão. Seria possível que uma autoridade que cria em Deus respondesse a esse louvor a Deus com punições?

O RELATO PERANTE A IGREJA E A ORAÇÃO DA IGREJA - Atos 4.23-31

- 23** – Uma vez soltos, procuraram os irmãos e lhes contaram quantas coisas lhes haviam dito os principais sacerdotes e os anciãos.
- 24** – Ouvindo isto, unânimes, levantaram a voz a Deus e disseram: Tu, Soberano Senhor, que fizeste o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há;
- 25** – que disseste por intermédio do Espírito Santo, por boca de Davi, nosso pai, teu servo: Por que se enfureceram os gentios, e os povos imaginaram coisas vãs?
- 26** – Levantaram-se os reis da terra, e as autoridades ajuntaram-se à uma contra o Senhor e contra o seu Ungido;
- 27** – porque verdadeiramente se ajuntaram nesta cidade contra o teu santo Servo Jesus, ao qual ungiste, Herodes e Pôncio Pilatos, com gentios e gente de Israel,
- 28** – para fazerem tudo o que a tua mão e o teu propósito predeterminaram;
- 29** – agora, Senhor, olha para as suas ameaças e concede aos teus servos que anunciem com toda a intrepidez a tua palavra,
- 30** – enquanto estendes a mão para fazer curas, sinais e prodígios por intermédio do nome do teu santo Servo Jesus.
- 31** – Tendo eles orado, tremeu o lugar onde estavam reunidos; todos ficaram cheios do Espírito Santo e, com intrepidez, anunciavam a palavra de Deus.
- 23** Depois de soltos da prisão, Pedro e João correm até os “seus”. Assim como em geral procuramos nossa família e nossos familiares mais próximos depois de experiências significativas e graves, assim os apóstolos encontram seu lar na igreja, a qual percebem integralmente como “família de Deus”. Nessa questão se torna eficaz o que o próprio Jesus havia iniciado: Mc 3.31-35. Naturalmente nem todos os cinco mil podiam comparecer. Porém, parece que um círculo de pessoas em oração ficara reunido desde a detenção dos apóstolos, participando intensamente dos acontecimentos (cf. At 12.12).
- Na sequência acontece o que conhecemos tão bem do tempo da igreja não-conformista na época do nazismo: “o relato da situação”. Pedro e João “contaram tudo o que lhes haviam dito os sumo sacerdotes e anciãos”. Pelo menos o círculo que sustenta a igreja precisa saber o que aconteceu e qual é a conjuntura. Quanta alegria essa notícia deve ter gerado: Nossos dois irmãos estão aqui outra vez! Contudo, como também era séria a situação em vista da proibição de falar e da ameaça dos governantes.
- 24** E agora temos razão para nos admirar. Porque agora não segue, como estamos acostumados, o “diálogo” sobre o relato. Não se faz um debate para apreciar a atitude dos apóstolos, não se constata a injustiça dos governantes, não se avalia o equilíbrio certo entre a firmeza necessária e a cautela obrigatória. Essa multidão afasta imediatamente o olhar das pessoas e o volta para Deus! Ela de fato e seriamente “crê”: Deus é para ela o principal. Por isso, após o relato da situação, acontece, em lugar do diálogo, a comunhão de oração. “Ouvindo isto, unânimes, levantaram a voz a Deus e disseram.”
- Nessa oração, a invocação detalhada salta aos olhos. A pessoa que ora se conscientiza sobre a pessoa a quem dirige sua fala por meio da interpelação, a fim de obter assim tanto a ousada confiança quanto a obediente submissão. Precisamos reaprender isso. “Tu, Soberano Senhor, que

fizeste...” Essa oração vai para Deus, não para Jesus. Deus é o Criador poderoso que abarca a tudo – o que são as pessoas mais poderosas diante dele? Contudo, ele não é apenas um poder criador mudo. Ele fala.

- 25/26** Ele falou “no Espírito Santo, pela boca de Davi, nosso pai, teu servo”. Novamente, como no sermão de Pentecostes, Davi é visto também em seus salmos como profeta, por meio de quem o próprio Deus fala e prenuncia coisas futuras no Espírito Santo. É o começo do Sl 2 que o grupo em oração tem em mente. Isso também é algo que precisamos aprender de forma completamente nova, a saber, a fundamentar nossa oração sobre a própria palavra de Deus. À luz dessa palavra, a situação perde o caráter desnorteador e assustador. Essa realidade já existiu no passado, ela foi prevista por Deus em sua palavra, e acima disso consta a certeza vinda de Deus: Todo o “enfurecer-se das nações” não passa de “imaginar coisas vãs”.
- 27** O que Davi expressara naquele tempo agora tornou-se realidade plena: “Porque verdadeiramente se ajuntaram nesta cidade contra o teu santo Servo Jesus, ao qual ungiste, Herodes e Pôncio Pilatos, com gentios e gente de Israel.” Essa concretização da palavra profética é bastante terrível: Na cidade do próprio Deus (e não lá fora, entre as nações) ajuntaram-se aqueles que não tinham nada em comum: o rei judaico e o governador romano, os gentios e os israelitas. Sim, quantas coisas se ajuntam quando o objetivo é combater a Jesus!
- 28** Agora, porém, triunfa a fé. Se todos eles tivessem se aliado num pacto antinatural contra Jesus, a rigor a frase poderia continuar somente com: “para realizar o que eles determinaram contra o teu conselho e propósito.” Mas leva-se plenamente a sério a certeza: “Imaginaram coisas vãs” [v. 25]. Os planos dos inimigos não apenas fracassam. Não: sua execução bem-sucedida somente é capaz de realizar aquilo “que tua mão e o teu propósito predeterminaram que aconteça”. Ver o mundo e a história mundial dessa maneira é “crer”.
- 29** Em vista disso, torna-se possível que depois dessa interpelação o pedido propriamente dito seja maravilhosamente desinteressado e audacioso. Não se ouve nenhuma palavra sobre castigar os inimigos; nenhum pedido de proteção e defesa do grupinho aflito. “E agora, Senhor, olha para as suas ameaças.” Isso basta. Para a igreja, porém, o desejo ardente é tão somente este: “Concede aos teus servos que anunciem com toda a intrepidez a tua palavra.” Não podemos construir sobre nós e nossa “atitude”. Nós rapidamente estamos acabados. Pedro pode ter-se lembrado até que ponto ele chegara com sua afirmação “ainda que me seja necessário morrer contigo, de nenhum modo te negarei” [Mt 26.35]. É um presente de Deus que continuamos a entregar a mensagem sem medo e objetivamente em situações de ameaça.
- 30** No entanto, suplica-se também pelos “sinais que acompanham” a mensagem (Mc 16.17s), que a confirmam e que glorificam o nome de Jesus. Por que abandonamos essa prece para que “estenda a mão para fazer curas”?
- 31** Uma oração assim obtém resposta! Toda oração sincera move o braço de Deus. E esse braço de Deus, por sua vez, move o “lugar onde estavam reunidos” como sinal de atendimento. Nem mesmo aqui, porém, o sinal é o mais importante. Mas é isto: “Todos ficaram cheios do Espírito Santo e, com intrepidez, anunciavam a palavra de Deus.” O Espírito Santo foi derramado; ele “habita” agora na igreja fiel (1Co 3.16). Mas o Espírito de Deus não é um “fluido” que continua mecanicamente igual depois de derramado, mas ele é uma pessoa viva, que, de acordo com a situação e a atitude dos fiéis, torna sua presença eficaz de forma nova e especial, “plenificando” os que crêem. Esse “plenificar” torna-se eficaz no anúncio intrépido da palavra de Deus. “Estar cheio do Espírito” não é uma prerrogativa de Pedro ou dos apóstolos. “Todos” experimentam agora essa condição, e “todos” participam da disseminação da mensagem. Sob a oração com fé a proibição de falar transforma-se no irrompimento de uma nova e larga torrente de proclamação.

Com razão se apontou para a circunstância de que Lucas não foi um historiador no sentido moderno. Ele escreveu conscientemente para a “edificação”. Não visa apenas constatar objetivamente como “era uma vez”, mas visa servir à igreja de hoje com a imagem histórica do passado. Com base no quadro da primeira igreja em seu primeiro choque com os poderosos deste mundo, Lucas deseja mostrar à igreja de seu tempo (e de todos os tempos!) como ela deve orar e continuar a anunciar a palavra de maneira destemida e audaciosa, convicta do Deus vivo.

- 32 – Da multidão dos que creram era um o coração e a alma. Ninguém considerava exclusivamente sua nem uma das coisas que possuía; tudo, porém, lhes era comum.**
- 33 – Com grande poder, os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça.**
- 34 – Pois nenhum necessitado havia entre eles, porquanto os que possuíam terras ou casas, vendendo-as, traziam os valores correspondentes**
- 35 – e depositavam aos pés dos apóstolos; então, se distribuía a qualquer um à medida que alguém tinha necessidade.**
- 36 – José, a quem os apóstolos deram o sobrenome de Barnabé, que quer dizer filho de exortação, levita, natural de Chipre,**
- 37 – como tivesse um campo, vendendo-o, trouxe o preço e o depositou aos pés dos apóstolos.**

32 “Todos ficaram cheios do Espírito Santo”, foi assim que terminou o trecho anterior. Isso se mostrou não apenas no testemunho intrépido para fora. O Espírito de Deus não é somente – como facilmente pode ser entendido em nossas igrejas – um meio de proclamação. Ele molda sobretudo a vida interior: “Da multidão dos que creram era um o coração e a alma.” Sem dúvida a expressão do “um só coração” também já ocorre no AT (1Cr 12.38, 2Cr 30.12); e também no helenismo havia a reflexão sobre a essência da comunhão e um anseio por ela. Em vista do fenômeno, era óbvio que houvesse semelhanças com o que no geral as pessoas também pensavam e diziam sobre concórdia e comunhão. Importante e magnífico, porém, é que o geralmente mero ideal teórico aqui se concretizava e vivenciava por meio do Espírito Santo. O amor é o fruto básico do Espírito (Gl 5.22), o “vínculo da perfeição” (Cl 3.14) que enlaça a igreja.

Esse amor se revela agora precisamente no ponto crítico! “Ninguém sequer dizia que algo de suas posses era propriedade sua.” Com quanta facilidade nosso amor acaba nesse ponto! Em seu evangelho, Lucas deu mais ênfase do que os demais evangelistas à perigosa força da propriedade (Lc 12.13-21; 16; 19.1-10). Agora ele se alegra por poder mostra que no novel cristianismo essa força de fato foi quebrada, precisamente porque não havia uma regra legalista que obrigasse todos a renunciar. Os terrenos e as casas continuavam sendo propriedade inviolada de cada um. Mas ninguém se arvorava em seu direito de propriedade e defendia seu patrimônio. Aqui não se ensaiava um novo modelo social, nem se definia um novo “conceito de propriedade”. Aqui a posição interior era completamente nova. Essa atitude repercutia em todos, tanto naqueles que, como Maria, a mãe de João Marcos (At 12.12), conservaram sua grande casa, a fim de torná-la útil de outro modo para os irmãos, e também naqueles que, como Barnabé, de fato venderam seu terreno. “Tudo lhes era comum”, ou como também poderíamos traduzir: “Consideravam tudo como propriedade comum.”

Toda a peculiaridade dessa atitude da primeira igreja torna-se especialmente explícita quando a comparamos com a vida da comunidade religiosa de Qumran, aproximadamente da mesma época. Houve quem gostasse de apontar para a grande semelhança e perguntasse se o primeiro cristianismo não poderia ser praticamente derivado de “seitas” como Qumran. Contudo, a diferença entre a “primeira igreja cristã” e “Qumran” nesse caso é essencial: em Qumran, a dura lei em virtude da própria perfeição; na igreja de Jesus, sem qualquer obrigação legalista, a partir do evangelho, o desprendimento interior dos bens e a liberdade do amor, que não olha para os píncaros espirituais do próprio eu, mas para as profundezas das carências do irmão. Ademais, toda a conjuntura é fundamentalmente distinta para “Qumran” e para a primeira igreja. Mosteiros e ordens religiosas, quer essênios, quer cristãos ou budistas, podem ter uma comunhão de bens estabelecida como instituição. Aquela primeira igreja, formada de famílias, não poderia. Uma família não consegue viver sem uma determinada quantia de bens pessoais que esteja à sua livre disposição. Nessa situação, a “comunhão de bens” somente pode consistir naquela atitude interior que considera o bem-estar do todo e o bem-estar do irmão mais importante que o “direito” pessoal. Por essa razão, é também errado falar de um “comunismo do primeiro cristianismo”, ainda que a formulação “tudo em comum” repetidamente tenha induzido a isso. O verdadeiro comunismo e a comunhão de vida cristã brotam de duas raízes completamente diferentes, independentemente de que isso nos agrade ou não. G. Stählin afirma também, com razão, que a descrição aqui apresentada por Lucas é uma “figura originária, mas não uma figura paradigmática”. Naquele tempo em Jerusalém, o amor agiu vigorosamente na situação que então lhe era dada. Recordamos as grandes dificuldades que cercavam a vida produtiva em Jerusalém, gerando carências especiais (cf. acima, p. ... [75]). Nas igrejas fundadas por Paulo isso era diferente. Foi por isso que Paulo não imitou o suposto “paradigma” de

Jerusalém, mas entregou a suas igrejas regras bem diferentes (cf. 1Ts 4.11s; 2Ts 3.6-12). No entanto, reconheceu a necessidade em Jerusalém e promoveu com enérgico empenho a grande coleta para a primeira igreja (2Co 8; 9; Rm 15.25-31). E a “figura originária” do amor ativo aos irmãos continua em vigor também para ele: 1Ts 4.9s; Gl 6.2,6.

Imitar a primeira igreja diretamente e, por isso, de forma obrigatoriamente legalista, significaria entender mal a Escritura. Não obstante, “a figura originária” não deve nos deixar acomodados. A postura interior daquela primeira igreja de Jesus pode e deve voltar a ser a nossa. As formas concretas que a comunhão dos irmãos encontrará terão de ser determinadas pela respectiva situação histórica. Com gratidão lembramos de locais como a antiga “Herrnhut”, onde o “espírito comunal” gerou uma convivência real em uma verdadeira irmandade no contexto social do séc. XVIII, ou das formas de vida na missão de Karl Studd, na Dohnavur de A. Carmichael, e em outras obras. E cada um de nós pode viver em seu lugar e a seu modo na “atitude” que nosso trecho descreve.

- 33** O v. 33 foi considerado por vários comentaristas como uma inclusão, que interromperia a ligação clara entre os v. 32 e 34. Contudo, não seria possível que o Espírito Santo escolheu precisamente esse lugar para referir-se ao centro perene da vida da igreja? Dessa maneira ele exorta: Não olhem apenas para o comunismo de amor da primeira igreja, que talvez entusiasme vocês! Não se percam nisso. Esse amor somente esteve presente porque “com grande poder os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus”. Podemos ficar surpresos com a formulação dessa frase. Acostumamos a considerar a ressurreição de Jesus como um “item doutrinário” da dogmática cristã, para cuja exposição um “poder” especial parece ser desnecessário. No NT isso é completamente diferente. A ressurreição de Jesus dentre os mortos constitui, no próprio acontecimento, a obra de inaudito poder divino. E esse mesmo poder de Deus também atua de forma a “despertar”, quando acontece na pessoa a fé no Ressuscitado (cf. Ef 1.19,20; Cl 2.12). Fé verdadeira é “ser vivificado e ser ressuscitado com Cristo” (Ef 2.5s). Por isso também a proclamação da ressurreição deve acontecer “com todo o poder (divino!)”. Simultaneamente, porém, era também um auxílio para o testemunho dos apóstolos que o estado da igreja permitia perceber o poder transformador do Senhor ressuscitado. Nesse ponto a realidade indigna da vida da igreja não desacreditava as grandes palavras da proclamação. A pregação dos apóstolos acontecia assim como mais tarde experimentaram Paulo, Silvano e Timóteo em Tessalônica: “Nosso evangelho não chegou até vós tão-somente em palavra, mas, sobretudo, em poder, no Espírito Santo e em plena convicção” (1Ts 1,5). Essa é a forma da proclamação genuína em Jerusalém e Tessalônica, e em todos os lugares do mundo.

Então vigorará também sempre o que está sendo acrescentado agora: “E sobre todos eles vigorava abundante graça.” Na presente passagem não se trata, como em At 2.47, da “simpatia de todo o povo”, mas, como em Lc 2.40, da graça de Deus que pairava sobre eles. Essa graça, no entanto, não repercutia apenas no poder da proclamação.

- 34/35** Ela fez com que se cumprisse na novel igreja a promessa de Dt 15.4: “Pois nenhum necessitado havia entre eles.” Entretanto, a partir de agora a assistência aos respectivos carentes deixara de ser uma questão meramente pessoal entre esse e o abastado, como em At 2.45. Agora os apóstolos entram no processo: Os proprietários de terras ou casas, “vendendo-as, traziam os valores correspondentes e depositavam aos pés dos apóstolos. Então, se distribuía a qualquer um à medida que alguém tinha necessidade.” Numa igreja maior essas questões precisam ser organizadas de forma mais abrangente. É estabelecido um caixa comum, administrado com toda a naturalidade pelos apóstolos. Eles são os homens na igreja conhecidos de todos, a eles é entregue o dinheiro. Ao “ensinar” a igreja (At 2.42), eles sentam num local mais elevado, de modo que as ofertas são “depositadas a seus pés”. Outros detalhes, porém, não são dados. Será que os apóstolos decidiam entre si sobre a distribuição de donativos? Será que já se fazia um controle contábil? Os membros da igreja ajudavam na entrega dos auxílios? É provável que eles se apoiaram na boa organização beneficente das comunidades judaicas. O cap. 6 nos mostrará como a ordem demandava uma ampliação. Infelizmente presenciamos constantemente que a ajuda simples e direta de pessoa a pessoa, de cristão para cristão, não é suficiente e precisa ser sobreposta por ordens, que por um lado reúnem tudo com mais eficácia, mas por outro lado também têm maior rigidez formal, tirando da ajuda, tanto para doadores quanto para destinatários, o precioso perfume do caloroso amor pessoal. Aliás, no presente caso o verbo da narrativa no imperfeito novamente demonstra que se trata de “vender” e “trazer” aos poucos, de caso para caso. Por isso, a palavra “todos”, como tantas vezes no NT, não deve ser entendido em termos aritméticos, mas como fundamento.

36/37 Em razão disso, ainda cabe mencionar especialmente uma pessoa, que constitui um exemplo de uma ação assim na primeira igreja. É José, cuja família é de Chipre, e que os apóstolos chamaram de “Barnabé”. Naturalmente também ele é israelita, até descendente da tribo de Levi. Ele é mencionado de forma especial porque ainda aparecerá muitas vezes, em importantes serviços para a igreja em Atos dos Apóstolos (At 9.27; 11.22-26,29,30; 13.1s; 14.12,20,27,28; 15.2). O cognome, pelo qual ele passa a ser citado de agora em diante em Atos dos Apóstolos, é interpretado por Lucas como “filho da consolação”. Como esse nome deve ser entendido? “Filho da consolação” significaria em primeiro lugar que ele era alguém especialmente consolado. Será que ele recebera esse nome ao ser batizado, porque ele agora conhecia a “consolação de Israel” (Lc 2.25)? Ou será que foi chamado pelos apóstolos como alguém que possuía com bela intensidade o dom de consolar? Vários aspectos dos serviços que prestou mais tarde combinariam muito bem com essa explicação. Ao que parece, ele (ou seu pai) fazia parte daqueles judeus que vêm do vasto mundo e adquirem propriedade em Jerusalém para estar a postos ali, vivo ou morto, quando o Messias vier. Nesse caso, a venda do terreno se torna uma ação que se reveste de significado singular. Barnabé se desfaz de uma propriedade que não representava mero investimento financeiro, mas que se relacionava com a grande esperança de Israel. Podia desfazer-se dessa propriedade porque para ele a esperança de Israel estava cumprida em Jesus. Por isso, quando vendeu sua terra “e trouxe o dinheiro e o depositou aos pés dos apóstolos”, esse ato era ao mesmo tempo uma confissão de sua fé.

ANANIAS E SAFIRA - Atos 5.1-11

- 1 – Entretanto, certo homem, chamado Ananias, com sua mulher Safira, vendeu uma propriedade,**
- 2 – mas, em acordo com sua mulher, reteve parte do preço e, levando o restante, depositou-o aos pés dos apóstolos.**
- 3 – Então, disse Pedro: Ananias, por que encheu Satanás teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, reservando parte do valor do campo?**
- 4 – Conservando-o, porventura, não seria teu? E, vendido, não estaria em teu poder? Como, pois, assentaste no coração este desígnio? Não mentiste aos homens, mas a Deus.**
- 5 – Ouvindo estas palavras, Ananias caiu e expirou, sobrevindo grande temor a todos os ouvintes.**
- 6 – Levantando-se os moços, cobriram-lhe o corpo e, levando -o, o sepultaram.**
- 7 – Quase três horas depois, entrou a mulher de Ananias, não sabendo o que ocorrera.**
- 8 – Então, Pedro, dirigindo-se a ela, perguntou-lhe: Dize-me, vendestes por tanto aquela terra? Ela respondeu: Sim, por tanto.**
- 9 – Tornou-lhe Pedro: Por que entrastes em acordo para tentar o Espírito do Senhor? Eis aí à porta os pés dos que sepultaram o teu marido, e eles também te levarão.**
- 10 – No mesmo instante, caiu ela aos pés de Pedro e expirou. Entrando os moços, acharam-na morta e, levando -a, sepultaram-na junto do marido.**
- 11 – E sobreveio grande temor a toda a igreja e a todos quantos ouviram a notícia destes acontecimentos.**

Lucas descreveu com ricas cores o cenário do primeiro cristianismo. Essa vivência divina de fé e amor estava presente na nova igreja como uma dádiva pura do alto, pelo poder do Espírito Santo. Porém essa igreja possui um inimigo mortal. Mais tarde, Pedro escreveu, em tom de advertência: “Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar” (1Pe 5.8). A invasão de Satanás no espaço da igreja está acontecendo sempre quando qualquer comunhão devota corre perigo. No grupo devoto a atitude religiosa propicia reconhecimento e honra. Ao doar, orar e jejuar, muito facilmente desviamos o olhar de Deus para os aplausos das pessoas! Essa é a hipocrisia sutil que ameaça permanentemente nossa vida de fé. Em Mt 6.1-6,16-18 Jesus mostra isso na igreja da Antiga Aliança. No entanto, ela pode tornar-se ainda mais grosseira e odiosa. Não temos vontade e forças para realizar plenamente o que – com razão! – é apreciado na igreja, mas apesar disso queremos obter o reconhecimento. Assim é gerada a hipocrisia da realização aparente, a mentira, e isso se dá nas questões sagradas do próprio Deus. Será que essa “hipocrisia”, desmascarada por Jesus nos devotos de seu povo e explicitada com a terrível metáfora dos “sepulcros caiados” (Mt 23.27), também se repetirá em sua própria igreja, inflingindo-lhe uma ferida mortal? O que a nova igreja ainda teria para dizer a Israel se nela também

se encontrasse “o fermento dos fariseus, que é a hipocrisia” (Lc 12.1)? É a partir dessa questão decisiva que precisamos ler o relato sobre Ananias e Safira, compreendendo assim o juízo aterrador que Deus executou naquela ocasião. Ele atingiu duramente a primeira hipocrisia consciente e intencional (duramente demais, como nos apressamos em dizer). Contudo, gerou o profundo temor que era vital justamente para essa primeira igreja no contexto judaico, tão acostumado à hipocrisia.

- 1/2 Ananias “vendeu uma propriedade e, em acordo com sua mulher, reteve parte do preço e, levando o restante, depositou-o aos pés dos apóstolos”. Trata-se, portanto, de uma ação bem refletida e combinada pelos cônjuges. O pecado não residia no fato de esse casal reter para si dinheiro da venda de uma propriedade.
- 4 Poderiam ter tomado tranqüilamente essa decisão: “Conservando-o, porventura, não seria teu? E, vendido, não estaria em teu poder?” O pecado estava na hipocrisia. Ananias e Safira pretendiam apresentar-se diante dos apóstolos e da igreja como doadores que fazem sacrifícios, mas não pensavam em realmente sacrificar tudo, e sim garantir-se contra a necessidade com pelo menos uma parte do dinheiro. Desse modo tornam-se “mentirosos”, mentirosos no santuário e perante a face de Deus. Ananias “não mentiu às pessoas, mas a Deus”. Será que diante dessa situação ainda qualificaremos o o juízo de Deus como duro demais - como fazem numerosos comentaristas?
- 3 Quando Ananias traz o dinheiro Pedro nota sua falsidade. Naquela hora ele possui, de modo singular, aquela percepção para o coração do outro que é concedida uma vez ou outra a todo pregador autêntico, a cada verdadeiro cristão (cf. 1Co 14.25s!). Agora Pedro precisa falar. Ele o faz com toda a clareza e sem comiseração: “Ananias, por que Satanás encheu teu coração, para que mintas ao Espírito Santo?” Não se trata de uma das muitas inverdades que ocorrem sem cessar entre as pessoas. Aqui aconteceu algo terrível. Afinal, Ananias sabe que o Espírito Santo habita na igreja e plenifica os apóstolos. Conseqüentemente, sua mentira está violando o Espírito Santo e, assim, o próprio Deus presente. Isso não é mais humanamente compreensível. Aqui age o inimigo do próprio Deus, a fim de evidenciar seu poder no novo povo de Deus e investir contra Deus. O “pai da mentira” desafia Pedro a partir desse membro da igreja. Porém isso não é desculpa para Ananias. Com razão Pedro questiona: “Por que Satanás encheu teu coração?” Há sempre uma história íntima cheia de culpa própria antes que Satanás possa “encher” um coração. Não sabemos qual era a história no caso de Ananias, mas a pergunta de Pedro o chama à lembrança. Que fato horrível: um coração anteriormente repleto do Espírito Santo de Deus agora está cheio de Satanás! Isso é possível. Não temos direito a qualquer atitude autoconfiante.
- 5 “Ouvindo estas palavras, Ananias caiu e expirou.” Com certeza Lucas não queria explicar esse acontecimento de modo “psicológico”, ainda que Deus possa ter usado o susto repentino do homem desmascarado para seu juízo. O próprio Pedro somente constatou a culpa e não proferiu nenhuma sentença. Será que ainda havia espaço para o arrependimento? Será que Ananias ainda poderia ter “caído” de outra maneira e confessado sua culpa? Contudo, a palavra do apóstolo, que para milhares de pecadores se tornara palavra de vida, torna-se agora palavra de morte. Deus extirpa o hipócrita da igreja. Como conseqüência “sobrevio grande temor a todos os ouvintes”. É para isso que servem os juízos de Deus. Desde a queda do pecado todos nós carecemos do temor a Deus e trazemos profundamente em nós a inclinação de não levar Deus realmente a sério. É graça de Deus em meio a seus juízos se dessa maneira a igreja se dá conta de sua sagrada realidade e aprende o temor a Deus.
- 6 “Levantando-se os moços... o sepultaram.” Já no judaísmo era costume dividir a igreja em pessoas jovens e idosas (cf. 1Pe 5.5). São naturalmente os “moços” a quem cabe um serviço como levar e sepultar um corpo.
- 7/9 O juízo de Deus se repete em Safira. A princípio, ela é apenas cúmplice. Por isso Pedro, ao questioná-la, lhe dá a possibilidade do arrependimento. Por meio dessa pergunta ela poderá se libertar da mentira e dizer a verdade. Porém, sua resposta a ela sobrecarrega com toda a culpa. Dessa forma ela “entra em acordo” com o marido e participa de sua culpa de “tentar o Espírito Santo”.
- 10/11 Na seqüência Pedro lhe anuncia expressamente o juízo de Deus, que acontece imediatamente. “E sobrevio grande temor a toda a igreja e a todos quantos o ouviram.” Mais uma vez torna-se explícito o alvo divino de uma intervenção dessas. Precisamente essa igreja estava ameaçada pela queda no auge de sua vida espiritual. Por isso, experimentar a implacável seriedade de Deus junto com a efusiva alegria pela rica graça de Deus justamente diante das pessoas devotas foi uma poderosa ajuda para ela, pois assim foi equipada contra a “armadilha do diabo” (Ef 6.11). Conseqüentemente, esse

relato de Ananias e Safira não está na Bíblia por causa daqueles que estão afastados da igreja, mas para a igreja, para os que crêem, destroçando toda a nossa falsa segurança. Ao mesmo tempo, porém, esse acontecimento repercutiu profundamente na cidade, despertando também ali algo do autêntico temor a Deus. Todos em Jerusalém “sabiam” a respeito de Deus e desde a infância haviam aprendido relatos da ação de Deus. Nesse momento, tudo o que se “sabia” torna-se história da presença viva de Deus num juízo atemorizador. Muitos israelitas experimentaram pela primeira vez na vida o que de fato é o “temor a Deus”.

UM TERCEIRO RELATO SOBRE A VIDA DA PRIMEIRA IGREJA - Atos 5.12-16

- 12 – Muitos sinais e prodígios eram feitos entre o povo pelas mãos dos apóstolos. E costumavam todos reunir-se, de comum acordo, no Pórtico de Salomão.**
- 13 – Mas, dos restantes, ninguém ousava ajuntar-se a eles; porém o povo lhes tributava grande admiração.**
- 14 – E crescia mais e mais a multidão de crentes, tanto homens como mulheres, agregados ao Senhor,**
- 15 – a ponto de levarem os enfermos até pelas ruas e os colocarem sobre leitos e macas, para que, ao passar Pedro, ao menos a sua sombra se projetasse nalguns deles.**
- 16 – Afluía também muita gente das cidades vizinhas a Jerusalém, levando doentes e atormentados de espíritos imundos, e todos eram curados.**

12 Em 2Co 12.11s, quando Paulo defende a autenticidade de seu apostolado perante os coríntios, ele escreve: “Pois as credenciais do apostolado foram apresentadas no meio de vós, com toda a persistência, por sinais, prodígios e poderes miraculosos.” Um “apóstolo” não é apenas um pensador ou professor e pregador, mas sobretudo um “embaixador”, que tem de *agir*, com palavra e ação, conforme a incumbência de seu Senhor. Facilmente nós nos equivocamos nesse aspecto, porque colocamos a “doutrina” no centro de nossas igrejas. Então um texto como esse se torna estranho para nós, e até escandaloso. Em Atos dos Apóstolos, assim como nos evangelhos, ajuda e cura milagrosas estão firmemente concatenadas com a proclamação, porque Jesus é o Redentor e Restaurador verdadeiro para o ser humano, em espírito, alma e corpo. Foi por isso que a igreja, em sua grande oração (At 4.24-31), também pediu ambas as coisas: ousadia para proclamar, e a mão estendida de Deus para realizar curas, sinais e prodígios. É do atendimento a essa segunda prece que Lucas está falando agora. Assim como a palavra de Deus chega aos outros por meio dos lábios de pessoas, assim a mão estendida de Deus se torna atuante através da mão dos apóstolos: “Muitos sinais e prodígios eram feitos entre o povo pelas mãos dos apóstolos.” Para Lucas isso é simplesmente “óbvio”. Será que nós, que tão somente ainda conhecemos a “pregação”, de fato estamos “acima” daqueles tempos supostamente “primitivos”, ou ficamos muito aquém daquilo que era característico para Jesus e os apóstolos, a poderosa unidade de palavra e ação?

“E estavam concordes todos no Pórtico de Salomão.” Naturalmente é também opinião de Lucas que não compareciam sempre os cinco mil. Mas o átrio do templo com o Pórtico de Salomão continuou sendo o ponto de encontro da igreja, que na verdade não tinha um “templo” ou “centro comunitário” e que só podia congregar-se em grupos pequenos nas casas. Assim, Ao mesmo tempo testemunhavam sua firme ligação com Israel e entregavam a mensagem de Jesus a seu povo, através de sua presença no templo e de sua palavra. Jesus pertence a Israel, e Israel pertence a Jesus.

13 Não tardam os frutos desse comportamento. “O povo os tinha em alto conceito” [NVI]. Era um belo e alegre tempo inicial, no qual ainda existia abertura no povo simples de Israel. Afinal, a igreja de fato também era atraente, tanto em vista dos milagres e sinais quanto também pelo amor cordial e pela assistência em seu meio. Por acaso isso não poderia gerar um crescimento contraproducente e superficial? Muitas belas obras do Senhor já sucumbiram por causa de um crescimento desse tipo. Aqui, porém, a própria presença de Deus no Espírito Santo traça a linha divisória, sem que a igreja tenha de estabelecer barreiras: “Mas, dos restantes, ninguém ousava aproximar-se demais deles.” A igreja não era apenas “atraente”, mas da mesma forma despertava um receio que não permitia que ninguém se insinuasse nela. É assim que precisa ser sempre, seja na igreja, seja em cada cristão individualmente. A natureza amorosa e apesar disso santa de Deus se forma neles quando atraem com grande intensidade, mas mesmo assim repelem qualquer intimidade falsa.

- 14** No entanto existe também um crescimento autêntico. “Em número cada vez maior, porém, eram acrescentados como crentes ao Senhor, multidões de homens e mulheres.” O “avivamento” continua. Hoje lemos com emoção que novamente “multidões de homens” aceitaram a fé. Lucas visa antes dar destaque às mulheres, as quais cita aqui expressamente, ao contrário de At 2.42. Em Israel, e conseqüentemente também na primeira igreja, o relacionamento com Deus, que ainda não havia degenerado numa “religião” sentimental, era em primeira linha uma questão dos homens. E a mulher de preferência tendia a se refugiar em sua vida caseira diante de perguntas tão difíceis como: será Jesus o Messias? Será que o tempo escatológico irrompeu com a efusão do Espírito? Temos nós de buscar a salvação em Jesus? Por isso, é algo grandioso que aqui “multidões de mulheres” chegam a uma decisão clara pelo Messias Jesus.
- 15** O auxílio físico dos apóstolos é buscado com insistência. Outra vez acontece o que acontecia nos dias em que Jesus andava na terra – o que não é motivo de surpresa, porque o Ressuscitado e Exaltado é o mesmo Salvador dos evangelhos, prosseguindo sua obra através de seus mensageiros: “A ponto de levarem os enfermos até pelas ruas e os colocarem sobre leitos e macas, para que, ao passar Pedro, ao menos a sua sombra se projetasse nalguns deles.” Marcos relata em Mc 6.56: “Onde quer que ele [Jesus] entrasse nas aldeias, cidades ou campos, punham os enfermos nas praças, rogando-lhe que os deixasse tocar ao menos na orla da sua veste; e quantos a tocavam saíam curados.” Também a mulher com hemorragia diz: “Se eu apenas lhe tocar as vestes, ficarei curada.” (Mc 5.28). Jesus não repreendeu essa mulher como “supersticiosa”, mas reconheceu a verdadeira fé por trás de seu anseio. Não devemos também nós considerar uma primeira “fé” tímida naqueles que esperavam pela sombra de Pedro, quando este passasse? Afinal, não se tratava de gentios enredados pela superstição, mas de israelitas que tinham uma noção da “sombra de Deus” e de seu poder auxiliador a partir de seus salmos (Sl 17.8; 36.7; 91.1; 121.5). Se Deus estava atuando nesse seu mensageiro, será que em sua sombra não se haveria de sentir algo dessa “sombra de Deus”?
- 16** A fama daquilo que acontecia em Jerusalém naturalmente logo também chegou às localidades próximas da Judéia. “Afluía também muita gente das cidades vizinhas a Jerusalém, levando doentes e atormentados de espíritos imundos, e todos eram curados.” Novamente ocorre a mesma coisa que com o próprio Jesus: “E ele os curou todos” (Mt 4.24). Como no contexto da sua atuação, agora também são os “atormentados de espíritos imundos” que buscam a ajuda da igreja. Começa a expansão que Jesus desejava da mensagem para além de Jerusalém para “toda a Judéia” (At 1.8). Porém, não através de viagens de evangelização sistemática dos apóstolos, mas “bem ao natural”, através do fluxo de pessoas da região até os apóstolos. Estabelecem-se relacionamentos que, ao eclodir a perseguição, podiam abrir caminhos aos cristãos de Jerusalém em fuga e oferecer-lhes abrigo. No entanto, nessas curas ficava bem evidente: a ansiosa confiança que levava os enfermos e aleijados a buscar auxílio junto aos apóstolos ainda não era aquela “fé” capaz de inserir na igreja. Essa “fé” não era nada imprecisa e vaga. As pessoas do NT ficariam muito admiradas se lhes disséssemos que, afinal, ninguém pode dizer que outra pessoa de fato crê, pois é algo que nem sequer sabemos a respeito de nós próprios. Para os primeiros cristãos, os que “chegaram à fé” ou os “crentes” podiam ser nitidamente reconhecidos. Era radicalmente diferente se uma pessoa se contentava com sua própria religiosidade ou se ela reconhecia sua culpa e perdição, depositando sua confiança exclusivamente em Jesus e reconhecendo-o como o “Senhor” e “Messias”. Chegava-se à fé somente através de um profundo arrependimento e de uma ruptura radical com toda a vida anterior, devota ou não. Era impossível que permanecesse oculto se uma pessoa havia ou não passado por essa ruptura e de fato chegado a Jesus.

O SEGUNDO INTERROGATÓRIO PERANTE O SINÉDRIO - Atos 5.17-42

- 17 – Levantando-se, porém, o sumo sacerdote e todos os que estavam com ele, isto é, a seita dos saduceus, tomaram-se de inveja,**
- 18 – prenderam os apóstolos e os recolheram à prisão pública.**
- 19 – Mas, de noite, um anjo do Senhor abriu as portas do cárcere e, conduzindo-os para fora, lhes disse:**
- 20 – Ide e, apresentando-vos no templo, dizei ao povo todas as palavras desta Vida.**

- 21 – Tendo ouvido isto, logo ao romper do dia, entraram no templo e ensinavam. Chegando, porém, o sumo sacerdote e os que com ele estavam, convocaram o Sinédrio e todo o senado dos filhos de Israel e mandaram buscá-los no cárcere.
- 22 – Mas os guardas, indo, não os acharam no cárcere; e, tendo voltado, relataram,
- 23 – dizendo: Achamos o cárcere fechado com toda a segurança e as sentinelas nos seus postos junto às portas; mas, abrindo-as, a ninguém encontramos dentro.
- 24 – Quando o capitão do templo e os principais sacerdotes ouviram estas informações, ficaram perplexos a respeito deles e do que viria a ser isto.
- 25 – Nesse ínterim, alguém chegou e lhes comunicou: Eis que os homens que recolhestes no cárcere estão no templo ensinando o povo.
- 26 – Nisto, indo o capitão e os guardas, os trouxeram sem violência, porque temiam ser apedrejados pelo povo.
- 27 – Trouxeram-nos, apresentando-os ao Sinédrio. E o sumo sacerdote interrogou-os,
- 28 – dizendo: Expressamente vos ordenamos que não ensinásseis nesse nome; contudo, enchestes Jerusalém de vossa doutrina; e quereis lançar sobre nós o sangue desse homem.
- 29 – Então, Pedro e os demais apóstolos afirmaram: Antes, importa obedecer a Deus do que aos homens.
- 30 – O Deus de nossos pais ressuscitou a Jesus, a quem vós matastes, pendurando-o num madeiro.
- 31 – Deus, porém, com a sua destra, o exaltou a Príncipe e Salvador, a fim de conceder a Israel o arrependimento e a remissão de pecados.
- 32 – Ora, nós somos testemunhas destes fatos, e bem assim o Espírito Santo, que Deus outorgou aos que lhe obedecem.
- 33 – Eles, porém, ouvindo, se enfureceram e queriam matá-los.
- 34 – Mas, levantando-se no Sinédrio um fariseu, chamado Gamaliel, mestre da lei, acatado por todo o povo, mandou retirar os homens, por um pouco,
- 35 – e lhes disse: Israelitas, atentai bem no que ides fazer a estes homens.
- 36 – Porque, antes destes dias, se levantou Teudas, insinuando ser ele alguma coisa, ao qual se agregaram cerca de quatrocentos homens; mas ele foi morto, e todos quantos lhe prestavam obediência se dispersaram e deram em nada.
- 37 – Depois desse, levantou-se Judas, o galileu, nos dias do recenseamento, e levou muitos consigo; também este pereceu, e todos quantos lhe obedeciam foram dispersos.
- 38 – Agora, vos digo: dai de mão a estes homens, deixai-os; porque, se este conselho ou esta obra vem de homens, perecerá;
- 39 – mas, se é de Deus, não podereis destruí-los, para que não sejais, porventura, achados lutando contra Deus. E concordaram com ele.
- 40 – Chamando os apóstolos, açoitaram-nos e, ordenando-lhes que não falassem em o nome de Jesus, os soltaram.
- 41 – E eles se retiraram do Sinédrio regozijando-se por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome.
- 42 – E todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar e de pregar Jesus, o Cristo.

Na presente passagem podemos constatar com gratidão que em Lucas Deus coloca a seu serviço um homem com dons literários especiais. Lucas não fez o relato sobre o primeiro choque da igreja com os sacerdotes imediatamente após a narrativa das lutas que se acirravam, mas intercalou uma exposição pormenorizada das condições internas da igreja de At 4.32-5.16. Desse modo vivenciamos o transcurso dos acontecimentos da forma como ele foi experimentado pelos cristãos daquele tempo. A destemida firmeza dos apóstolos tem êxito, a oração da igreja é ouvida, um tempo de crescimento e edificação interior (não sem tentações e juízos!) é concedido. O escritor Lucas evita assim ao mesmo tempo cansar seus leitores, fazendo-os prestar atenção com nova intensidade quando a luta recomeça em seguida. Com vigorosa plasticidade Lucas descortina diante de nosso olhar os agitados acontecimentos que agora se desencadeiam.

Muitas vezes na história acontece que as grandes tensões e contrastes não são imediatamente processados. Basta lembrarmos o transcurso da Reforma. O mesmo ocorre também agora. A pausa depois do primeiro embate permanece sob a ameaça da proibição de falar. É agora que terá de se

mostrar: será que os sacerdotes cederão, será que se conformarão com permanente transgressão de suas ordens, isto é, haverá para a igreja um longo período de crescimento intato? Ou será que eles concretizarão suas ameaças, impulsionando justamente desse modo a história do primeiro cristianismo de uma forma nunca imaginada? Durante seus encontros diários no pátio do templo os cristãos devem ter notado pela atitude dos sacerdotes como o ressentimento crescia neles.

- 17** “Levantando-se, porém, o sumo sacerdote e todos os que estavam com ele, o partido dos saduceus; encheram-se de zelo e prenderam os apóstolos e os recolheram à prisão pública.” Acontece como na história do próprio Jesus: os fariseus na verdade também sempre se posicionavam decididamente contra Jesus e o atacavam, porém limitavam-se aos ataques de conteúdo. Os sacerdotes é que lideram a decisão de matá-lo (Jo 11.46-53). Para eles, as questões teológicas não eram tão importantes. Porém viam que o resto de autonomia política e, ao mesmo tempo, seu próprio poder estavam ameaçados por esse perigoso fanatismo, e passaram a agir energicamente. Portanto, também agora todo o grupo dos sacerdotes com os saduceus presenciam com crescente preocupação e revolta – “cheios de zelo” – a atividade irrestrita dos apóstolos e o crescimento da igreja. Lucas não diz por quanto tempo eles ficaram apenas olhando. Porém, como uma feliz descoberta nos permite fixar com maior exatidão a permanência de Paulo em Corinto, sabemos que a conversão de Paulo aconteceu mais cedo do que em geral supúnhamos. Por isso dispõe-se de um período relativamente curto para aquilo que Atos dos Apóstolos narra em seus primeiros oito capítulos. Entre o primeiro e segundo processo contra os apóstolos devem ter transcorrido apenas algumas semanas.
- 18** Agora, porém, o sumo sacerdote “levanta-se” para agir. A detenção é mais rude e não atinge apenas Pedro e João, mas “os apóstolos”, e os leva à “prisão pública”, ao presídio estatal. Dessa vez a situação poderia evoluir para a pena de morte!
- 19-21** Deus, porém, proporciona um poderoso sinal de que, apesar de todo o “zelo” das pessoas, ele conserva o controle dos acontecimentos em sua mão e que sabe proteger seus mensageiros. “De noite, um anjo do Senhor abriu as portas do cárcere.” Não está em jogo o bem-estar dos mensageiros em si. Eles não são libertados da prisão para escapar. São incumbidos de um novo serviço no templo. Afinal, esse ministério não confronta opiniões religiosas ou formas de devoção, que podem ser muito importantes e interessantes, mas que não possuem uma gravidade decisiva. Estão em jogo “todas essas palavras da vida”. É a mensagem da qual depende a vida e morte, vida eterna ou morte eterna das pessoas. Essas palavras precisam ser ditas sob quaisquer circunstâncias! Os apóstolos obedecem. Ao romper da aurora as portas do templo eram abertas e se oferecia o sacrifício matinal. As pessoas compareciam a esse ato. Então também os apóstolos iniciam imediatamente sua atividade de ensino. O tempo verbal grego no imperfeito indica que essa atividade matinal de ensino durou um tempo mais longo. Novamente seu local é o templo, por instrução expressa de Deus. O evangelho não deve fugir para a clandestinidade, mas ser proclamado publicamente. Não é uma questão de devoção privativa, mas de proclamar abertamente a Jesus e a obra de sua vida.
- 22-24** Que constrangimento, pois, quando é aberta a sessão solene do Sinédrio e os detidos que devem ser introduzidos – não estão onde deveriam estar! Fechaduras e vigias estão em ordem, porém as celas estão vazias! Que terríveis são esses apóstolos! Com eles as coisas nunca correm com tranquilidade: “Que vem a ser isto?”
- 25/26** Intensifica-se o constrangimento da situação! Chega a notícia fatal: “Eis que os homens que recolhestes no cárcere, estão no templo ensinando o povo.” Agora o capitão do templo se mobiliza pessoalmente com seus guardas. Não têm coragem para tomar medidas de força, pois temem uma explosão da multidão, que devota à igreja de Jesus grande consideração e honra (At 5.13) e poderia considerar as medidas de força contra os apóstolos como “blasfêmia”, à qual ela responderia com o “apedrejamento” instituído. É significativo para a clareza de fé dos apóstolos que eles não usam essa benevolência do povo e sua libertação miraculosa do cárcere em benefício próprio. Admitem que há um direito para intimá-los. Voluntariamente seguem o capitão do templo, sabendo que é o plano e a vontade de seu Deus que mais uma vez digam aos líderes de seu povo o testemunho de Jesus.
- 27/28** Na seqüência, encontram-se outra vez no centro da reunião do Sinédrio. O sumo sacerdote introduz os trâmites. A pergunta do sumo sacerdote não é uma “pergunta” real, mas uma repreensão irritada. Agora a proibição expressa de falar foi flagrantemente transgredida: “Eis que enchestes Jerusalém com vossa doutrina.” Em seguida o sumo sacerdote, por causa da irritação, deixa entrever também o verdadeiro ponto vulnerável que se oculta atrás do “zelo”: “... e quereis lançar sobre nós o

sangue desse homem.” Por essa razão a palavra “zele” no v. 17 não deve ser entendida simplesmente como “ciúme”. Deixar-se impelir por ciúme pelos sucessos dos apóstolos –o motivo que move os sacerdotes não é tão superficial assim. “Quereis lançar sobre nós o sangue dessa pessoa.” Isso significava: a proclamação da ressurreição de Jesus por Deus continua nos expondo como assassinos do Messias e nos impõe uma terrível culpa de sangue. Com certeza, porém, interfere (como outrora diante de Jesus) no raciocínio político: com vossa loucura fanática vocês ainda provocarão a intervenção dos romanos, e então o grito da Sexta-Feira Santa “Seu sangue venha sobre nós e nossos filhos” tornar-se-á algo terrivelmente sério. O sumo sacerdote não pronuncia o odioso nome “Jesus”; apenas afirma “com base nesse nome” e “o sangue desse homem”. Dessa forma torna-se especialmente explícito que está em jogo “esse nome”, está em jogo “esse homem”, está em jogo Jesus, unicamente ele!

- 29** A resposta dos apóstolos é singela, firme e clara. Como o acusador se reporta à proibição de falar decretada no inquérito anterior, também Pedro recapitula sua palavra daquela ocasião: “É preciso obedecer antes a Deus do que aos homens” [NVI]. Com isso tudo já foi dito tudo e fundamentado. Mas é óbvio que essa palavra também pode ser uma frase piedosa, com que qualquer um justifica o que lhe convém. Na realidade, é preciso mostrar com muita determinação por que os apóstolos de fato “obedecem a Deus” de modo tão sério que não podem observar proibições contrárias de seres humanos, ainda que sejam determinadas pelos sacerdotes e anciãos de seu povo.
- 30** Pedro mostra a seus acusadores que não está imaginando um Deus qualquer, atrás de cujas supostas instruções ele oculta seus próprios desejos. Não, esse Deus, a quem os apóstolos têm de obedecer mais, é “o Deus de nossos pais”, o Deus que também o Sinédrio reconhece. De modo paradigmático, Pedro busca justamente agora a base conjunta. Esse Deus dos pais, porém, “ressuscitou Jesus”. De forma alguma se trata de quaisquer opiniões sobre Deus, trata-se do fato que o próprio Deus desencadeou. Nem Pedro nem o sumo sacerdote conseguem mudar isto: Deus ressuscitou a Jesus. “A quem vós matastes, pendurando-o num madeiro”, arremata Pedro, a fim de mais uma vez deixar claro de forma mais penetrante o contraste entre Deus e o Sinédrio. Se até o momento Pedro somente citou o “assassinato” de Jesus, apenas aludindo à forma dessa morte no dia de Pentecostes (At 2.23), agora ele o constata expressamente diante desse grêmio: vocês agiram com Jesus conforme Dt 21.22s, estigmatizando-o dessa maneira como maldito (cf. Gl 3.13).
- 31** Porém Deus “exaltou” esse maldito “a Príncipe e Salvador com a sua destra”. A ressurreição de Jesus dentre os mortos, afinal, não é a restauração de sua antiga vida, mas sua investidura numa atuação completamente nova e gloriosa. Em At 2.36 isso foi expresso pelos títulos “Senhor e Messias”. Agora o Ressuscitado e Exaltado pela destra de Deus é designado por “Príncipe e Salvador”. “Salvador, Redentor, Restaurador” é o nome honorífico de Deus no AT: Sl 19.15; Is 41.14; 44.6; 49.7,26; 43.3; 59.20; 63.16; Jr 50.34; Os 13.4. Agora esse nome é transferido a Jesus, porque nele deve acontecer a ação salvadora definitiva de Deus precisamente em Israel. Foi assim que as testemunhas de Jesus da primeira igreja reconheceram a “divindade de Jesus”, a unidade de Jesus com Deus. Ainda que mais tarde nas igrejas do mundo greco-romano a palavra “Salvador” tenha lembrado imediatamente os títulos dos imperadores romanos, contrapondo Jesus àqueles questionáveis “personagens salvíficos” e exaltando-o como o verdadeiro Salvador do mundo, entre israelitas o nome “Salvador” é bíblico e divino, pressionando Israel a se decidir com base no AT.
- Em razão disso, seu ministério como Salvador é imediata e expressamente relacionado com Israel: “... a fim de conceder a Israel o arrependimento e a remissão dos pecados.” Para nós é importante que Pedro agora oferece (como já em At 3.19,26 e nos diálogos individuais no dia de Pentecostes) a Israel o arrependimento e o perdão. A opinião amplamente difundida de que Israel foi rejeitado porque crucificou a Jesus e que a igreja agora assume seu lugar evidencia-se como uma afirmação superficial sem fundamento bíblico. O Ressuscitado não é inimigo de Israel, mas busca Israel através de seus mensageiros. O perdão pleno e total está preparado para Israel. É verdade que também o sumo sacerdote e todo esse Sinédrio receberão a anulação de sua imensurável culpa se derem meia-volta e chegarem a Jesus. Como o sumo sacerdote está equivocado em sua indignação! Pedro não visa “lançar sobre ele o sangue desse Jesus”. Pedro não menciona a culpa do sumo sacerdote, a fim de desmascará-lo e vingar-se dele. Pedro lhes anuncia o Salvador e a paz completa do perdão. Naquela ocasião Israel estava mais uma vez, e para valer, diante da grande decisão. É somente a rejeição dessa oferta da graça de Jesus que faz com que Israel seja posto de lado no plano de Deus para o mundo, abrindo espaço para construir o corpo de Cristo, a igreja, entre todas as nações.

“Arrependimento” – aí retorna a terrível palavra que já tornara João Batista tão intragável e que incitara cada vez mais o ódio contra Jesus. Que a “plebe, que nada sabe da lei” (Jo 7.49) seja chamada ao arrependimento, até esse ponto era possível admitir os esforços de João Batista. Mas os sacerdotes e os anciãos do povo deveriam se converter? Israel como um todo, o Israel devoto, com seu cumprimento correto da lei e seu precioso serviço do templo haveria de precisar de uma conversão? Isso é um ataque infame contra tudo o que é sagrado! Não querem reconhecer que arrependimento é um “presente”.

- 32** “Ora, nós somos testemunhas dessas palavras...” Pedro emprega uma expressão que nós traduzimos com “palavras”, mas que no hebraico inclui a própria realidade de que a palavra fala. Somos testemunhas de tudo o que Deus realizou. Talvez Pedro sinta a rejeição interior deles: “Isso qualquer um pode afirmar.” Por isso ele acrescenta: “... e o Espírito Santo, que Deus outorgou aos que lhe obedecem”. Além dos apóstolos há ainda outra testemunha, divina, o Espírito Santo. É nessa ocasião que surge a expressão que mais tarde exerceu um papel muito importante na teologia, o “*testimonium spiritus sancti*”, o “testemunho do Espírito Santo”. É igualmente imprescindível o testemunho claro da palavra daqueles que viram Jesus depois de sua ressurreição: 1Co 15.1-20. Contudo, o fato de essa palavra não continuar sendo uma mera afirmação, mas nos convencer e certificar interiormente, isso é obra do Espírito. “Creio que por minha própria razão ou força não posso crer em Jesus Cristo, meu Senhor, nem vir a ele; mas o Espírito Santo me chamou pelo evangelho, iluminou com seus dons, e me santificou e preservou na verdadeira fé” [Lutero, Catecismo Menor]. É claro que o Espírito de Deus não nos força com imposições, sem nossa vontade. Deus preserva a liberdade que ele nos concedeu. Deus concede o Espírito somente “aos que lhe obedecem”. Ali estava o ponto decisivo nos adversários de Jesus. Por isso o Espírito Santo não converte simplesmente o sumo sacerdote e seus seguidores. Não podem evadir-se do “arrependei-vos!” Negando-se a converter-se, tampouco obterão a iluminação do Espírito Santo.
- 33** Convertedei-vos, julgai todo o vosso agir anterior como culpado! Que exigência para pessoas “devotas”! Quando ela é recusada pelo orgulho da própria religiosidade, não é possível simples e objetivamente negar a mensagem. A situação forçosamente evolui para uma apaixonada indignação contra os que demandam a conversão. “Eles, porém, ouvindo, se enfureceram e queriam matá-los.” Aqui Lucas usa (e novamente em At 7.54) uma palavra diferente do que em At 2.37. Na realidade o sentido é: “Eles foram serrados ao meio.” Foram profundamente atingidos no íntimo. Porém, justamente por isso eles tinham somente uma única vontade: fazer com que esses homens se calassem definitivamente. Diante da exigência da conversão há apenas uma opção: desmoronar e curvar-se ou – odiar.
- 34** Parece que na sequência o processo contra Jesus se repete, ou que desde já se desencadeia o procedimento tumultuoso que mais tarde acarreta a morte de Estêvão. Nesse instante, porém, levanta-se no Sinédrio “um fariseu de nome Gamaliel, um mestre da lei, bem-quisto pelo povo”. Gamaliel – como sabemos, professor teológico de Saulo de Tarso (At 22.3) – era o neto do grande escriba Hillel e agora a cabeça da escola dele. Também a tradição judaica fala com grande consideração a respeito dele. No tratado da Mishná, Sotah, se lê: “Com a morte do rabino Gamaliel, o velho, acabou o respeito à lei, e morreram a pureza e a abstinência.” Gamaliel revela o ponto forte e o ponto fraco da posição farisaica. Ela era determinada pelo constante temor de “cair em pecados”.
- 35** Devido a esse temor, o fariseu é extremamente consciencioso e sensato. A partir desse temor, porém, ele também tem dificuldades para chegar a um posicionamento claro. É preferível não fazer nada a cair em pecado no final! Conseqüentemente, também agora Gamaliel não toma uma posição clara diante da grande questão que estava em jogo. Mas “atentai bem no que ides fazer a esses homens”. Afinal, poderia haver algo de verdade naquilo que essas pessoas sem estudo afirmavam com tanta ousadia e convicção. Deus poderia estar por trás de todos esses acontecimentos estranhos. Talvez Gamaliel de fato também tenha se impressionado com a milagrosa libertação do apóstolo. Por isso, não se deve proferir agora uma sentença de morte que não poderá mais ser reparada.
- 38/39** “Para que não sejais, porventura, achados lutando contra Deus!” De acordo com a visão de Gamaliel, nem é necessário fixar-se precipitadamente nessa questão nebulosa. O escriba – ao contrário do “leigo” Pedro – não se apóia na Escritura. Ainda assim leva a sério a fé em Deus e no governo todo-poderoso de Deus. Está convicto de que: “Se este conselho ou esta obra vem de homens, perecerá. Mas, se é de Deus, não podereis destruí-los.”

- 36/37** Ele explica sua convicção com os exemplos práticos de Teudas e de Judas da Galiléia. Deus fez com que esses movimentos autocráticos e fanáticos desmoronassem rapidamente. Se o novel cristianismo for da mesma espécie, em breve terá um final idêntico, sem que o Sinédrio intervenha com sentenças de morte.
- 38/39** “Agora, vos digo: dai de mão a estes homens, soltai-os.” Com essa exclamação vigorosa, vinda do coração temeroso de um fariseu sério, Gamaliel encerra seu discurso: “De modo algum ser achado como lutador contra Deus.”
- 40** O partido dos sacerdotes não pode simplesmente ignorar o respeitado mestre teológico e seus companheiros de opinião no Sinédrio. Apesar de toda a sua fúria, deve ter havido também um resquício de insegurança em seu coração. Tampouco havia uma inequívoca base legal para uma sentença de morte. “Deixaram-se determinar por ele”. Gamaliel havia solicitado que os acusados saíssem, a fim de possibilitar uma deliberação sigilosa. Dessa maneira os personagens odiados estavam fora do campo de visão dos sacerdotes. Isso facilitou o veredicto rápido.
- Os apóstolos são chamados de volta, e reitera-se a proibição de que falem. Para aguá-la enfaticamente aplicam-se neles os açoites que nos são conhecidos como os “quarenta menos um” também da vida de Paulo (2Co 11.24), e que podiam ser aplicados como castigo em qualquer sinagoga. Então os apóstolos são liberados.
- 41/42** Na seqüência lemos a respeito deles as preciosas frases: “E eles se retiraram do Sinédrio regozijando-se por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome. E em nenhum dia cessavam de ensinar e proclamar o Messias Jesus no templo e de casa em casa.” Não consideravam importantes as agudas dores de um lombo ensangüentado. Elas nem mesmo são mencionadas. Contudo, sentiram profundamente a desonra que, aos olhos de seus inimigos, estava implícita nessa flagelação física dessas. Ainda assim, saem do Sinédrio não quebrados, nem se lamentando, e tampouco amargurados, mas “regozijando-se”. Diante das pessoas seu sofrimento obviamente era uma desonra, mas perante Deus era “uma dignidade que não é conferida a qualquer um”. Cumprem a palavra que o próprio Jesus lhes dissera como “bem-aventurança” (Mt 5.11s; Lc 6.22s). Notamos quando Pedro fala de uma experiência bem pessoal quando mais tarde escreve em sua carta: “Pois que glória há, se, pecando e sendo esbofeteados por isso, o suportais com paciência? Se, entretanto, quando praticais o bem, sois igualmente afligidos e o suportais com paciência, isto é grato a Deus.” (1Pe 2.20; cf. também At 4.14-16). Os apóstolos não foram açoitados “por terem pecado”, e sim “por esse nome”, pelo nome maravilhoso em favor do qual se consegue sofrer tudo com alegria. Destemidamente eles continuam sua atividade, no templo, diante dos olhares dos sacerdotes, e também nas diversas casas. Eles “evangelizavam”, disse Lucas literalmente, empregando aqui pela primeira vez essa bela palavra. O conteúdo da evangelização pode ser sintetizado naquelas duas palavras que nós sentimos apenas ainda como um “nome”: evangelizavam o “Messias Jesus”. Na verdade esse é o testemunho que é a base de todo o evangelho: Jesus é o Messias, Jesus é o Cristo, Jesus é o cumpridor de todas as promessas divinas, o Salvador da culpa e da morte, o Rei de Israel e o Consumador do mundo.

A ESCOLHA DOS SETE - Atos 6.1-7

- 1 – Ora, naqueles dias, multiplicando-se o número dos discípulos, houve murmuração dos helenistas contra os hebreus, porque as viúvas deles estavam sendo esquecidas na distribuição diária.**
- 2 – Então, os doze convocaram a comunidade dos discípulos e disseram: Não é razoável que nós abandonemos a palavra de Deus para servir às mesas.**
- 3 – Mas, irmãos, escolhei dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria, aos quais encarregaremos deste serviço;**
- 4 – e, quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério da palavra.**
- 5 – O parecer agradou a toda a comunidade; e elegeram Estêvão, homem cheio de fé e do Espírito Santo, Filipe, Prócoro, Nicanor, Timão, Pármenas e Nicolau, prosélito de Antioquia.**
- 6 – Apresentaram-nos perante os apóstolos, e estes, orando, lhes impuseram as mãos.**
- 7 – Crescia a palavra de Deus, e, em Jerusalém, se multiplicava o número dos discípulos; também muitíssimos sacerdotes obedeciam à fé.**

- 1 Lucas foi criticado porque estaria traçando uma imagem ideal demais do primeiro cristianismo. Nesse trecho, no entanto, ele relata tranqüilamente as consideráveis mazelas que levaram a uma tensão na jovem igreja e à murmuração explícita. A igreja era perpassada por uma diferença natural: havia “helenistas”, i. é, judeus dos países ocidentais, que falavam grego, e “hebreus”, os judeus de língua aramaica da Palestina (e do Oriente propriamente dito). Diferenças assim nunca deixam de ser significativas. A unidade da igreja de Jesus não se estabelece pelo fato de que as diferenças são simplesmente ignoradas. Os grupos de língua grega passavam por dificuldades nos encontros cristãos, nos quais se falava – inclusive por parte dos apóstolos – o aramaico. Deve ter surgido rapidamente uma tendência para realizar reuniões próprias no idioma familiar grego. Por outro lado, a beneficência da igreja, que de acordo com At 4.35 não podia mais ser um empreendimento meramente pessoal em vista do crescente número de cristãos, mas acontecia pela mediação dos apóstolos, não alcançou de maneira plena esses grupos “helenistas”. As viúvas “estavam sendo esquecidas na distribuição diária”. Mais uma vez notamos como toda a narrativa de Lucas é sucinta. “E se distribuía a cada um segundo a necessidade da pessoa” (At 4.35). Assim ele escrevera, sintetizando brevemente o essencial. Para ele deve ter sido evidente que entre os “necessitados” estavam em primeiro lugar as “viúvas”. De 1Tm 5.3-16 depreendemos que a previdência para as viúvas continuou sendo uma área central do serviço da igreja. Na Antigüidade simplesmente não havia uma possibilidade de ganho próprio para mulheres. Se uma viúva não tinha filhos que providenciassem seu sustento, ela se encontrava em grande aflição. Nessa situação, porém, estavam sobretudo as viúvas dos “helenistas”. Depois de velhos, casais haviam se mudado do exterior para a Terra Santa, sobretudo para Jerusalém. Estando morto o marido, e vivendo os filhos numa terra longínqua, o que seria da esposa agora? Começou o serviço beneficente da igreja, inicialmente da judaica, e agora também da cristã. Conseqüentemente, as diferenças lingüísticas e a grande extensão da igreja transformaram-se em empecilhos. Naquele tempo as viúvas viviam uma vida sossegada e recatada. Provavelmente os apóstolos conheciam melhor as viúvas do grupo aramaico e viam-nas com mais freqüência. As viúvas helenistas eram “esquecidas”. Tampouco Lucas relatou que essa “distribuição para cada um de acordo com sua necessidade” já levava a uma forma de ajuda regular. Uma atividade dessas se consolida inesperadamente numa instituição. Ao que parece, portanto, desenvolveu-se a prática de alimentar regularmente os necessitados, de realizar refeições diárias para as quais as viúvas helenistas não eram convidadas. Porém, a circunstância de que determinadas pessoas não apenas se viam excluídas de uma doação livre e eventual, mas de uma assistência regular, que parecia conceder também a elas um “direito” a determinados benefícios, gera especial tristeza e amargura. Todos sabemos com que rapidez nos sentimos magoados, com que facilidade suspeitamos de “intenções” por trás de esquecimentos que na realidade se explicam por razões bem inofensivas. Rapidamente generalizamos casos isolados, e o egoísmo coletivo acaba exacerbando tudo. “Houve murmuração dos helenistas contra os hebreus, porque as viúvas deles estavam sendo esquecidas na distribuição diária.”
- 2 Que bom que essa murmuração chega até os apóstolos! Representava uma acusação também contra eles, em cujas mãos estavam a aplicação e a distribuição das dádivas. Mas os apóstolos não reagem melindrados, e sim objetivamente. Não tomam simplesmente uma decisão por conta própria, mas envolvem a igreja toda na dificuldade que emergiu (como já fizeram em At 1.15ss e tornarão a fazer em At 15.4,22). “Convocam a multidão dos discípulos”, e os “Doze” dão a declaração unânime: “Não é agradável a Deus que nós negligenciemos a palavra de Deus para servir às mesas.” Que palavra cheia de clareza do Espírito Santo! Os apóstolos não estão primeiramente comovidos com a murmuração e as acusações. Não se desculpam nem prometem trazer uma solução imediata. Tampouco olham primeiro para a carência existente, por mais “cristã” que essa atitude poderia parecer. Imediatamente levantam os olhos para o Senhor e perguntam pela vontade dele. Isso é viver “com fé”! Esse olhar torna a pessoa livre e objetiva! Pois é evidente que “negligenciar a palavra” não pode ser a vontade e incumbência de Deus. Os apóstolos realmente honram a Deus como Deus, e confirmam que o ser humano não vive somente do pão, mas de toda palavra que procede da boca de Deus, e que a mensagem que lhes foi confiada compõe-se literalmente de “palavras desta vida” (At 5.20), das quais depende a vida eterna das pessoas. Essa mensagem precisa, pois, ser comunicada de qualquer maneira. A esse ministério precisam ser devotados todo o tempo e toda a energia dos mensageiros.

- 3 No entanto, os Doze não estavam menosprezando a assistência material. Não se pode simplesmente tolerar que viúvas padeçam fome. É preciso providenciar uma solução cabal. Porém – aí está a igreja! “Mas, irmãos, escolhei dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria, aos quais encarregaremos dessa tarefa”. Hoje escolheríamos mulheres da igreja para uma tarefa assim. A princípio, naquele tempo isso era impossível, ainda que a ruptura com os costumes da época tenha acontecido de maneira relativamente rápida justamente nesse ponto (Febe!). Para esse momento, portanto, é preciso escolher homens capazes. As pessoas a quem se confia dinheiro precisam ter “boa reputação”. Os apóstolos não dizem por que devem ser justamente “sete”. Contudo, nas comunidades judaicas a diretoria local geralmente era formada por sete homens, os quais eram chamados “os sete da cidade”. Por isso os apóstolos podem ter pensado involuntariamente nesse número. Seja como for, esses homens depois são denominados “os Sete” (At 21.8), mas não “diáconos”, como muitas vezes dizemos sem conferir as fontes. Agora é mencionado o pré-requisito interior: “cheios do Espírito e de sabedoria.” Também esse “serviço à mesa” é, numa igreja de Jesus, um “ministério espiritual”, e não mera “questão administrativa” que pudesse ser enfrentada simplesmente com forças e dons mundanos. Nessa circunstância fica singularmente claro como a frase dos apóstolos sobre seu próprio trabalho era de fato “objetiva”. Ela não significava, p. ex., que: pessoas mais insignificantes também podem cuidar de coisas tão simples, nós apóstolos somos grandes demais para isso. Não, a beneficência na igreja demandava homens primorosos, “cheios do Espírito e de sabedoria”. Na narrativa de Lucas ainda não existe qualquer escalonamento dos “cargos”, com o qual a igreja em breve se adequou ao “esquema” deste mundo, dando assim vazão a todas as pulsões da natureza humana que contradizem profundamente a palavra e essência de Jesus, a saber, a ambição, a ânsia por direitos e privilégios, a insistência em posições exteriores. Lucas não está descrevendo como um cargo “inferior”, o da “diaconia”, é criado ao lado do cargo mais alto de “apóstolo”. Não contribui para o “surgimento da constituição eclesiástica”. Pelo contrário, está mostrando como uma igreja viva sabe tomar providências práticas quando aparecem dificuldades e carências, vendo também em atividades dessa natureza repercussões do Espírito de Deus que nela habita.
- 4 Agora também apreciaremos a frase seguinte com sua límpida objetividade: “Quanto a nós, porém, perseveraremos na oração e no ministério da palavra.” Aliás, é com essa objetividade que também deveríamos ouvir essa frase para a situação atual! Teríamos muitas formulações edificantes para contradizer os apóstolos e lhes mostrar que de fato teriam cumprido a incumbência do Mestre se tivessem “servido às mesas” de modo humilde e amoroso. Essa teria sido a melhor e mais eficaz pregação! Pelo menos grande parte de nós pensa que hoje a ação de ajuda seria a única proclamação que de fato ainda “chega” nas pessoas, porque a “palavra” estaria esvaziada e impotente. Com toda a naturalidade esperamos que os “servos da palavra” dediquem considerável parcela de seu tempo e suas energias em “servir às mesas”. Para isso não carecemos de justificativas teológicas cristãs convenientes. Na verdade, o resultado desse sistema já deveria ter nos despertado há tempo. Deveríamos ouvir de forma nova o que os apóstolos expressam com tanta clareza e determinação. Em primeiro lugar citam a necessidade da oração! De fato, quanto tempo e quantas energias requer a vida de oração do servo da palavra, se tiver o propósito de corresponder pelo menos satisfatoriamente a tudo que está diante dele apenas na congregação que lhe foi confiada! Será que a flagrante impotência de nossa igreja não tem como raiz o fato de que nossos ministros não conseguem mais “perseverar na oração” por causa de tantas sobrecargas? Mais uma vez admiramos a força de formulação do Espírito Santo quando Pedro acrescenta à oração o “serviço da palavra”. Os apóstolos não visam esquivar-se do “servir” e assim manter-se aristocraticamente em altitudes edificantes. Estão conscientes de que Jesus os chamou para “servir”. Não querem servir menos do que os Sete que a seguir serão eleitos, não querem ser menos “diáconos” que eles. Porém seu serviço se realiza em outra área, exigindo tudo deles. O “serviço da palavra” simplesmente não deixa sobrar tempo e força para outro ministério. Será que isso realmente seria diferente nos dias de hoje?
- 5 “A palavra agradou a toda a multidão.” Lucas emprega uma expressão do AT conforme a encontrava em sua Bíblia grega (p. ex., em 2Sm 3.36). O AT já chamava toda a comunidade de Israel de “toda a multidão” (2Cr 31.18). “E elegeram...”; a multidão “elegeu”, sem que obtenhamos informação sobre o procedimento usado. Os nomes dos eleitos têm uma entonação grega. Devem ter sido nomeados justamente “helenistas” porque a negligência em relação às viúvas deles havia sido a causa de toda essa ação. Nicolau é chamado expressamente de “prosélito de Antioquia”. Pela primeira vez aparece

um grego de nascença, um “gentio” no âmbito da igreja de Jesus, ainda que pela via do ingresso na cidadania israelita. Pela primeira vez soa também o nome “Antioquia”, que mais tarde se torna tão importante em Atos dos Apóstolos. Sendo o próprio Lucas originário de Antioquia, ele dispunha de conhecimentos especialmente precisos. Em contrapartida, uma pessoa como Filipe, apesar do nome grego, dificilmente seria um helenista. Mais tarde, atuou intensamente na Samaria, ou seja, numa área de língua aramaica.

No caso desses homens ocorre algo semelhante como no caso dos apóstolos. Na seqüência ouviremos mais somente sobre Estêvão e Filipe; os demais não são mais citados em Atos dos Apóstolos. Prestaram o serviço para o qual foram eleitos neste momento, e isso basta. Porém descobrimos Estêvão e Filipe no serviço de evangelistas! Isso somente nos causará espécie enquanto ainda permanecermos presos à idéia dos “cargos”. Mas Schlatter tem razão: “Atos dos Apóstolos nos mostra que os encarregados que assumiam compromissos concretos junto com determinada incumbência não perdiam nada de seu direito de cristãos, e de forma alguma se pensava que Estêvão prepararia o sopão, e deixaria a palavra por conta dos outros. Pelo contrário, ele continua sendo o que é, servo da igreja, membro do corpo do Senhor, e por isso testemunha de sua graça, lutador pelo direito dele, e morre sem que fosse alvo da crítica: ‘Teu diaconato te enviou para a cozinha, e não ao posto de mártir’.”

6 “Apresentaram-nos perante os apóstolos, e estes, orando, lhes impuseram as mãos.” Cabe-nos observar ambos os aspectos. Por um lado são os apóstolos que investem os eleitos no serviço. A imposição das mãos mediante oração não é apenas uma confirmação formal da eleição. Para as pessoas do pensamento bíblico, desde o AT a imposição das mãos era uma transferência real de plenos poderes e força para o ministério (Nm 27.18-23; Dt 34.9), o que é enfatizado seriamente pela imagem negativa oposta, de transmissão real da culpa pela imposição das mãos (Êx 29.15; Lv 16.21; Nm 8.12). Nesse ato não apenas se indica simbolicamente, mas se age de modo eficaz. Por outro lado, porém, como mostra At 13.3, esse ato não tinha o sentido oficial e hierárquico de uma “função” puramente “apostólica”.

7 “E crescia a palavra de Deus.” Como também em 2Ts 3.1, “a palavra” é considerada como uma grandeza independente com vitalidade e poder vivificador próprios. Realmente não somos mais que “servos” dessa palavra, que não precisamos tornar grande e eficaz com base no nosso empenho e no nosso esforço. A Deus seja rendida sincera gratidão porque também nós podemos presenciar como a própria palavra “corre” e “cresce”. Isso nos compromete ainda mais a dedicar todo o nosso amor e energia no serviço, libertando ao mesmo tempo nosso serviço de qualquer supertensão temerosa.

“E, em Jerusalém, aumentava muito o número dos discípulos; também muitíssimos sacerdotes obedeciam à fé.” Lucas nos havia mostrado que a categoria dos sacerdotes era a verdadeira adversária de Jesus e depois também da mensagem de Jesus. Contudo, agora acontece o milagre (Jo 7.48s!) de que a palavra invade até as fileiras desse adversário. Justamente aqui Lucas formula de forma precisa: “Obedeciam à fé.” Esses sacerdotes não eram atraídos a Jesus por um entusiasmo súbito. A fé tinha de mostrar-se a eles com seu direito divino e sua necessidade interior, de sorte que davam o passo até Jesus como um passo de obediência, contrariando toda a sua postura anterior e todas as dificuldades. No idioma grego o imperfeito novamente assinala que esse “tornar-se obediente” diante da fé aconteceu apenas aos poucos, passo a passo. Nesse processo também a “multidão de sacerdotes” pode ter sido grande apenas em relação à atitude geral da categoria sacerdotal, e não um contingente numericamente “grande”. Porém no caso dos sacerdotes torna-se especialmente explícito o que é inerente à fé genuína. A fé autêntica não é arbitrária, não é “sentimento”; tampouco é apenas aceitar uma grande felicidade. Do contrário, com que rapidez poderíamos nos tornar novamente inseguros quando os sentimentos desaparecem ou quando, em lugar da felicidade, grandes aflições decorrem de nossa fé. A fé somente será clara e firme quando ela se submeter obedientemente a uma verdade que está diante de nós de modo irrefutável na ação de Deus em Jesus. Ao mesmo tempo, no entanto, a expressão também mostra que nunca chegamos à fé de forma mecânica, através de uma “subjugação” qualquer. Nosso coração acomodado muitas vezes deseja ser subjugado, de modo que ficaríamos isentos de crer. A verdade de Deus nos é mostrada com clareza; essa é a obra de Deus. Agora, porém, é a nossa tarefa “obedecer” pessoalmente à fé, superando consideráveis resistências em nós e em torno de nós.

- 8 – Estêvão, cheio de graça e poder, fazia prodígios e grandes sinais entre o povo.**
- 9 – Levantaram-se, porém, alguns dos que eram da sinagoga chamada dos Libertos, dos Cireneus, dos alexandrinos e dos da Cilícia e Ásia, e discutiam com Estêvão;**
- 10 – e não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito, pelo qual ele falava.**
- 11 – Então, subornaram homens que dissessem: Temos ouvido este homem proferir blasfêmias contra Moisés e contra Deus.**
- 12 – Sublevaram o povo, os anciãos e os escribas e, investindo, o arrebataram, levando-o ao Sinédrio.**
- 13 – Apresentaram testemunhas falsas, que depuseram: Este homem não cessa de falar contra o lugar santo e contra a lei;**
- 14 – porque o temos ouvido dizer que esse Jesus, o Nazareno, destruirá este lugar e mudará os costumes que Moisés nos deu.**
- 15 – Todos os que estavam assentados no Sinédrio, fitando os olhos em Estêvão, viram o seu rosto como se fosse rosto de anjo.**

8 Com habilidade literária, Lucas nos concedeu uma visão das condições da igreja antes de iniciar o relato do terceiro processo, de sangrenta gravidade. Pudemos tomar fôlego (como a própria igreja) antes de presenciar atentamente o destino de Estêvão. “Estêvão”, esse nome aparece diretamente no topo da nova passagem. Acabamos de conhecê-lo na eleição dos “Sete” como “homem cheio de fé e do Espírito”. Agora se afirma que era “cheio de graça e poder”. Os homens da Bíblia não são pensadores e teóricos, que desenvolvem sistemas de visão de mundo ou teológicos sobre Deus, mas são testemunhas do Deus vivo, por meio dos quais ele atua. Porque a graça de Deus, por sua vez, tampouco é mera intenção amigável dele, e sim uma ação poderosa de socorro. “Graça e poder” formam uma unidade. Graça impotente de nada adianta, e poder sem graça é terrível. Porém “graça e poder” fazem “grandes prodígios e sinais entre o povo”. Curas e outros auxílios de cunho admirável na atuação de Estêvão dirigem o olhar para Jesus.

Portanto, os apóstolos não são os únicos que Deus confirma através desses meios.

9 Deus não está amarrado a determinadas pessoas, nem mesmo quando lhes concedeu tarefas extraordinárias. Nada o impede de atuar também por meio de outras pessoas. Estêvão é autônomo também nos caminhos de sua evangelização. Em Jerusalém havia, além do templo, as “sinagogas”. Nelas a Escritura (i. é, o “AT”) era lida e explicada pelos escribas. No entanto, como sabemos fartamente da vida de Jesus e da história de Paulo, na sinagoga todo israelita podia ler da Escritura e comentar algo a respeito da leitura (cf. Mt 9.35; Lc 4.16-22; At 13.14-16; 17.2; 18.4; 19.8). Não nos surpreende que Estêvão faça uso desse direito, a fim de levar a mensagem de Jesus também desse modo para dentro do povo. Ele próprio era “helenista”, motivo pelo qual procurava as sinagogas helenistas de Jerusalém. Não depreendemos com certeza das palavras de Lucas se ele tem em mente cinco sinagogas diferentes ou apenas duas, de sorte que os “Libertos” usavam a mesma sinagoga junto com os judeus de Cirene e Alexandria, enquanto os da Cilícia e da província romana da “Ásia” (cf. acima o exposto sobre At 2.10) tinham à disposição uma segunda casa de oração. Com certeza também Saulo de Tarso estava na sinagoga dos cilícios naquela época, ouvindo assim a mensagem cristã pela primeira vez por meio de uma pessoa como Estêvão.

Uma sinagoga “helenista” parecia oferecer um campo de trabalho singularmente profícuo. Os judeus da diáspora ocidental tinham visão mais ampla e eram mais versáteis que os judeus de Jerusalém. O pensamento grego não deixou de exercer influência sobre eles. Contudo, em breve se constatou que justamente por isso também eram mais perigosos do que os “mestres da lei” do antigo tipo hebreu. Enquanto estes se interessavam mais por detalhes da interpretação da Escritura, aqueles captavam com maior rapidez e clareza as conseqüências de cada idéia no conjunto total. Os “prodígios e sinais” como tais novamente não foram capazes de conduzir à fé. Tão somente puderam despertar perguntas e incomodar uma falsa tranqüilidade. Essas perguntas começam a se manifestar. Homens das sinagogas helenistas “levantaram-se e discutiam com Estêvão”. Uma vez que em seguida a acusação contra Estêvão se concentrava em “temos ouvido esse homem proferir blasfêmias contra Moisés e Deus” e “esse homem não cessa de falar contra o lugar santo e a lei”, a discussão deve ter versado mais e mais sobre os dois pontos “templo” e “lei”. Ao que parece, aconteceu algo muito similar ao que sucedeu mais tarde com Martinho Lutero. Os arautos do novo evangelho falaram primeiramente com alegria do positivo, daquilo que Jesus traz, daquele a quem Deus “exaltou a Príncipe e Salvador, a fim de conceder a Israel o arrependimento e a remissão de pecados”

(At 5.31). O caso de Estêvão não deve ter transcorrido de outro modo que o dos apóstolos. Agora, porém, Estêvão, como depois Martinho Lutero, é obrigado pelos adversários a traçar as consequências negativas. E os “helenistas”, ágeis no raciocínio, conseguem impeli-lo para idéias cada vez mais ousadas de forma mais eficaz do que os hierosolimitas, que ficam atolados numa indignação genérica e proibem, sem justificativa clara, o “falar com base no nome de Jesus”. Os apóstolos associavam sua nova notícia com uma óbvia fidelidade ao templo e à lei, assim como Martinho Lutero também queria continuar sendo um bom católico depois de sua redescoberta do evangelho. Na discussão, porém, certas perguntas são dirigidas a Estêvão : se o perdão de todos os pecados é concedido em Jesus e sua cruz, que sentido ainda possuem o templo e todas as cerimônias no templo? Se a nova igreja está edificada sobre a “fé”, e se ela possui pela “fé” o relacionamento decisivo com Deus e sua justiça perante Deus, que, então, significa ainda a lei? São as questões que mais tarde também ocuparam vivamente as próprias igrejas cristãs (cf. as cartas aos Romanos, Gálatas, Hebreus!).

- 10 Nessas controvérsias acaloradas Estêvão experimenta a verdade da promessa de Jesus em Lc 21.35: “E não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito pelo qual ele falava.” O que mais tarde a irresistível limpidez e poder do Espírito nos apresenta nas cartas aos Romanos e aos Gálatas e o que constantemente gerou novas rupturas para a verdade e a liberdade em todos os séculos, já fora proferido naquele tempo por Estêvão. Interiormente Estêvão não podia ser derrotado. Sua palavra constantemente se apresentava cheia de Espírito e vida no recinto da sinagoga. Isso foi vivenciado naquela época por Saulo de Tarso!
- 11 Na sequência, porém, acontece o que sempre acontece quando, em questões candentes que afetam a vida de toda uma comunhão, as pessoas não conseguem vencer o portador de uma mensagem e não se deixam vencer pela mensagem dele. Recorrem ao ardil e à violência. “Então subornaram homens que disseram: Temos ouvido esse homem proferir blasfêmias contra Moisés e contra Deus.” Não se expõem pessoalmente. São teólogos requintados e não sabem manejar a artilharia pesada que é necessária para um procedimento violento. Sabem muito bem que Estêvão não pensou em “proferir blasfêmias” contra Moisés e contra Deus.
- 12 No entanto não é difícil descrever as afirmações de Estêvão para índoles primitivas, apegadas às coisas antigas, de forma que ouçam nelas, com indignação subjetivamente honesta, “blasfêmias”. O povo acredita sem muita reflexão nos indignados relatos desses homens, e pela primeira vez ouvimos que também eclode um movimento contra um discípulo de Jesus no contexto em que até então se olhava com respeito e alegria para os cristãos (At 2.47; 5.11; 5.26). Os “anciãos” e “escribas”, hostis aos cristãos, acolhem as notícias maldosas sobre Estêvão com tanto maior avidez. Os “anciãos” são também membros do Sinédrio, que com prazer fazem o relatório ao Sinédrio, dando motivo para uma sessão. Na hora combinada “investem contra Estêvão, prendem-no e o levam ao Sinédrio”.
- 13-15 Ali se providenciam imediatamente “falsas testemunhas”. Não precisam ter sido novamente homens que mente conscientemente e apresentam afirmações arbitrarias; isso teria pouco peso. Quando declararam: “Esse homem não cessa de falar contra o lugar santo e contra a lei; porque o temos ouvido dizer que esse Jesus, o Nazareno, destruirá este lugar e mudará os costumes que Moisés nos deu”, eles na realidade prestaram atenção nos pontos decisivos. Que significa ainda o templo, que significa ainda a lei, se Jesus e a fé nele são exclusivamente tudo? Ao que parece, Estêvão argumentou com a misteriosa palavra de Jesus sobre o templo (Jo 2.19-21; Mt 26.61; 27.40), que já tivera peso no processo contra o próprio Jesus. Da mesma forma poderia ter sido debatida a posição de Jesus frente ao sábado. Com quanta rapidez essas palavras podem ser entendidas equivocadamente! Por isso, na época da Reforma, muitos bons católicos podem ter pensado com sincera indignação que Lutero falava “blasfêmias” contra o papa e a santa igreja, arrasando e destruindo tudo em que se apegava o coração de uma pessoa devota. Era evidente que, ao contrário dos inqéritos anteriores contra os apóstolos, essas declarações de testemunhas mostravam pontos de acusação concretos contra o Sinédrio, os quais forçosamente atingiam os dois grupos componentes, os saduceus e os fariseus, e os enfureciam contra Estêvão. “E todos os que estavam assentados no Sinédrio fitaram os olhos nele, e viram seu rosto como se fosse rosto de anjo.” Com certeza não nos cabe explicar esse dado erroneamente de forma psicológica. Aqui havia mais do que mero “brilho” humano. Contudo, como no caso de Ananias (cf. acima, p. ... [112]) Deus também pode ter usado, para o juízo, o susto súbito do culpado que foi desmascarado, assim também no caso de Estêvão faz

parte de sua glorificação, nessa hora, tudo o que preencheu seu coração e sua vida com a alegria em Jesus, com a paz da plena certeza de salvação, com o amor que buscava e desejava salvar seu povo. Por essa razão, o Sinédrio não constata em seu rosto o medo da pessoa que se vê à mercê de uma turba agitada e do ódio de seus inimigos, nem a indignação de alguém que foi tratado com injustiça. Não a superioridade de alguém de maior conhecimento, mas o brilho de um mensageiro de Deus cheio de verdade, santidade e amor.

O DISCURSO DE ESTÊVÃO - Atos 7.1-53

- 1 – Então, lhe perguntou o sumo sacerdote: Porventura, é isto assim?**
- 2 – Estêvão respondeu: Varões irmãos e pais, ouvi. O Deus da glória (Sl 29.3; Lutero: “o Deus da honra”) apareceu a Abraão, nosso pai, quando estava na Mesopotâmia, antes de habitar em Harã (Gn 11.31; 15.7),**
- 3 – e lhe disse: Sai da tua terra e da tua parentela e vem para a terra que eu te mostrarei. (Gn 12.1).**
- 4 – Então, saiu da terra dos caldeus e foi habitar em Harã. E dali, com a morte de seu pai, Deus o trouxe para esta terra em que vós agora habitais (Gn 11.32; 12.5).**
- 5 – Nela, não lhe deu herança, nem sequer o espaço de um pé; mas prometeu dar-lhe a posse dela e, depois dele, à sua descendência, não tendo ele filho (Gn 12.7; 13.15; 17.8).**
- 6 – E falou Deus que a sua descendência seria peregrina em terra estrangeira, onde seriam escravizados e maltratados por quatrocentos anos;**
- 7 – eu, disse Deus, julgarei a nação da qual forem escravos; e, depois disto, sairão daí e me servirão neste lugar (Gn 15.13s; Êx 12.40; 3.12).**
- 8 – Então, lhe deu a aliança da circuncisão (Gn 17.10; 21.2-4) assim, nasceu Isaque, e Abraão o circuncidou ao oitavo dia; de Isaque procedeu Jacó, e deste, os doze patriarcas.**
- 9 – Os patriarcas, invejosos de José, venderam-no para o Egito (Gn 37); mas Deus estava com ele**
- 10 – e livrou-o de todas as suas aflições, concedendo-lhe também graça e sabedoria perante Faraó, rei do Egito, que o constituiu governador daquela nação e de toda a casa real (Gn 39.1-5; 41.38-46; 42.6; Sl 105.21).**
- 11 – Sobreveio, porém, fome em todo o Egito; e, em Canaã, houve grande tribulação, e nossos pais não achavam mantimentos.**
- 12 – Mas, tendo ouvido Jacó que no Egito havia trigo, enviou, pela primeira vez, os nossos pais (Gn 41.53s; 42.1-5).**
- 13 – Na segunda vez, José se fez reconhecer (ou: foi reconhecido) por seus irmãos, e se tornou conhecida de Faraó a família de José.**
- 14 – Então, José mandou chamar a Jacó, seu pai, e toda a sua parentela, isto é, setenta e cinco pessoas.**
- 15 – Jacó desceu ao Egito, e ali morreu ele e também nossos pais;**
- 16 – e foram transportados para Siquém e postos no sepulcro que Abraão ali comprara a dinheiro aos filhos de Hamor (Gn 23.16s; 33.18s; 50.13; Js 24.32).**
- 17 – Como, porém, se aproximasse o tempo da promessa que Deus jurou a Abraão, o povo cresceu e se multiplicou no Egito,**
- 18 – até que se levantou ali outro rei, que não conhecia a José.**
- 19 – Este outro rei tratou com astúcia a nossa raça e torturou os nossos pais, a ponto de forçá-los a enjeitar seus filhos, para que não sobrevivessem.**
- 20 – Por esse tempo, nasceu Moisés, que era formoso aos olhos de Deus. Por três meses, foi ele mantido na casa de seu pai;**
- 21 – quando foi exposto, a filha de Faraó o recolheu e criou como seu próprio filho (Êx 2.5,10; Hb 11.23).**
- 22 – E Moisés foi educado em toda a ciência dos egípcios e era poderoso em palavras e obras**
- 23 – Quando completou quarenta anos, veio-lhe a idéia de visitar seus irmãos, os filhos de Israel.**
- 24 – Vendo um homem tratado injustamente, tomou-lhe a defesa e vingou o oprimido, matando o egípcio. (Êx 2.11s).**

- 25 – Ora, Moisés cuidava que seus irmãos entenderiam que Deus os queria salvar por intermédio dele; eles, porém, não compreenderam.
- 26 – No dia seguinte, aproximou-se de uns que brigavam e procurou reconduzi-los à paz, dizendo: Homens, vós sois irmãos; por que vos ofendeis uns aos outros?
- 27 – Mas o que agredia o próximo o repeliu, dizendo: Quem te constituiu autoridade e juiz sobre nós?
- 28 – Acaso, queres matar-me, como fizeste ontem ao egípcio?
- 29 – A estas palavras Moisés fugiu e tornou-se peregrino na terra de Midiã, onde lhe nasceram dois filhos. (Êx 2.13-15.22; 18.3s).
- 30 – Decorridos quarenta anos, apareceu-lhe, no deserto do monte Sinai, um anjo, por entre as chamas de uma sarça que ardia.
- 31 – Moisés, porém, diante daquela visão, ficou maravilhado e, aproximando-se para observar, ouviu-se a voz do Senhor:
- 32 – Eu sou o Deus dos teus pais, o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó. Moisés, tremendo de medo, não ousava contemplá-la.
- 33 – Disse-lhe o Senhor: Tira a sandália dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa.
- 34 – Vi, com efeito, o sofrimento do meu povo no Egito, ouvi o seu gemido e descí para libertá-lo. Vem agora, e eu te enviarei ao Egito (Êx 3.1-10).
- 35 – A este Moisés, a quem negaram reconhecer, dizendo: Quem te constituiu autoridade e juiz? A este enviou Deus como chefe e libertador, com a assistência do anjo (literalmente: com a mão do anjo), que lhe apareceu na sarça.
- 36 – Este os tirou, fazendo prodígios e sinais na terra do Egito, assim como no mar Vermelho e no deserto, durante quarenta anos (Êx 7.11; 14.21-29; Nm 14.33s).
- 37 – Foi Moisés quem disse aos filhos de Israel: Deus vos suscitará dentre vossos irmãos um profeta semelhante a mim.
- 38 – É este Moisés quem estive na congregação no deserto, com o anjo que lhe falava no monte Sinai e com os nossos pais; o qual recebeu palavras vivas para no-las transmitir. (Êx 19.3,7,9,14; Dt 9.10).
- 39 – A quem nossos pais não quiseram obedecer; antes, o repeliram e, no seu coração, voltaram para o Egito,
- 40 – dizendo a Arão: Faze-nos deuses que vão adiante de nós; porque, quanto a este Moisés, que nos tirou da terra do Egito, não sabemos o que lhe aconteceu.
- 41 – Naqueles dias, fizeram um bezerro e ofereceram sacrifício ao ídolo, alegrando-se com as obras das suas mãos (Êx 16.3; Nm 14.3s; Êx 32.1,4-6,23s).
- 42 – Mas Deus se afastou e os entregou ao culto da milícia celestial, como está escrito no Livro dos Profetas: Ó casa de Israel, porventura, me oferecestes vítimas e sacrifícios no deserto, pelo espaço de quarenta anos,
- 43 – e, acaso, não levantastes o tabernáculo de Moloque e a estrela do deus Renfã, figuras que fizestes para as adorar? Por isso, vos desterrarei para além da Babilônia. (Jr 7.18; 8.2; 19.3; Am 5.25-27; 1Rs 11.7).
- 44 – O tabernáculo do Testemunho estava entre nossos pais no deserto, como determinara aquele que disse a Moisés que o fizesse segundo o modelo que tinha visto.
- 45 – O qual também nossos pais, com Josué (no texto grego escrito como “Jesus”), tendo-o recebido, o levaram, quando tomaram posse (da terra) das nações que Deus expulsou da presença deles, até aos dias de Davi. (Êx 25.8s,40; Js 3.14; 18.1; Êx 34.11).
- 46 – Este achou graça diante de Deus e lhe suplicou a faculdade de prover morada para o Deus (para a casa) de Jacó. (2Sm 7.2; Sl 132.5).
- 47 – Mas foi Salomão quem lhe edificou a casa. (1Rs 6).
- 48 – Entretanto, não habita o Altíssimo em casas feitas por mãos humanas (1Rs 8.27-30); como diz o profeta:
- 49 – O céu é o meu trono, e a terra, o estrado dos meus pés; que casa me edificareis, diz o Senhor, ou qual é o lugar do meu repouso?
- 50 – Não foi, porventura, a minha mão que fez todas estas coisas (Is 66.1s)?

- 51 – Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e de ouvidos, vós sempre resistis ao Espírito Santo; assim como fizeram vossos pais, também vós o fazeis. (Êx 32.9; 33.3; Lv 26.41; Jr 9.25; 6.10; Is 63.10).**
- 52 – Qual dos profetas vossos pais não perseguiram? Eles mataram os que anteriormente anunciavam a vinda do Justo, do qual vós agora vos tornastes traidores e assassinos,**
- 53 – vós que recebestes a lei por ministério de anjos e não a guardastes. (2Cr 36.16; Gl 3.19; Hb 2.2).**

- 1 Se quisermos compreender bem todo esse capítulo, precisamos nos conscientizar de que nesse terceiro processo contra os cristãos a situação é completamente diferente. Nas duas primeiras detenções os apóstolos haviam sido detidos pela própria autoridade. Depois do interstício da noite a própria autoridade podia conduzir a negociação. Tudo transcorreu de maneira relativamente calma e objetiva. Os pontos de acusação eram de natureza formal: agir e falar não-autorizados no templo, transgressão da proibição de falar. A fúria dos saduceus voltou-se contra o incessante discurso sobre Jesus. A importância desse Jesus executado por eles estava sendo discutida de maneira bem geral. Agora, porém, o acusado foi arrastado para frente do Sinédrio por uma multidão alvoroçada, as acusações mais graves são levantadas diante do Sinédrio (e nem sequer por ele!), e afirmações de testemunhas confirmam as arguições. No entanto, a acusação trazida ao Sinédrio possui um conteúdo bem definido: blasfêmia contra Deus, contra Moisés, rejeição do templo, rejeição da lei. Todos conheciam a determinação de Lv 24.16: “Aquele que blasfemar o nome do Senhor será morto; toda a congregação o apedrejará; tanto o estrangeiro como o natural, blasfemando o nome do Senhor, será morto.” Imediatamente estão em jogo vida e morte! E dessa vez o Sinédrio tampouco precisa temer “o povo”. Homens do povo apresentam-se como apaixonados acusadores de Estêvão diante do Sinédrio. O sumo sacerdote, porém, pode exercer o papel do mero presidente: “Então lhe perguntou o sumo sacerdote: Porventura, é isto assim?”
- 2 Estêvão responde. Também para ele a situação é completamente diferente do que para os apóstolos. Por isso não consegue refutar, como Pedro, determinadas acusações específicas com afirmações sintéticas, justificando sua ação com um breve testemunho dos feitos divinos através de Jesus. A mera afirmação “Eu não blasfemei” não levaria Estêvão a lugar algum em vista das declarações das testemunhas.

Começa dizendo: “Vós homens, irmãos e pais, ouvi!”. Desde o vocativo ele garante pertencer firmemente a Israel (“irmãos”), bem como sua respeitosa atitude frente aos que eram os “pais” no povo. Seu pedido para ser ouvido os prepara para um longo discurso.

Na sequência acontece uma exaustiva exposição da história de Israel com base em muitas palavras da Escritura. Exegetas ficaram admirados “de que os juízes não interromperam o orador após as primeiras frases, chamando-o de volta ao assunto em pauta”. Mas isso seria introduzir um sentimento moderno num mundo totalmente diferente! O oriental tem tempo. Todo israelita ouvia com devoção e alegria a um relato da sagrada história de seu povo, até mesmo numa hora dessas. “Senhor Estêvão, tudo isso são histórias antigas e conhecidas! Queira retornar ao tema!” Nenhum sumo sacerdote, nenhum fariseu, nenhum israelita era capaz de falar assim.

Mas tampouco é verdade que Estêvão não se refere à acusação contra ele. Novamente não devemos pensar apenas no pleito de modernos juristas. A acusação era “blasfêmia contra Deus, blasfêmia contra Moisés, rejeição da lei”. Estêvão responde “O Deus da glória apareceu a Abraão, nosso pai”. É assim que me situo em relação a Deus, assim me situo em relação aos pais, assim me situo em relação à Escritura! Temos de levar em conta que a palavra “lei” pode ter um sentido muito mais amplo. A “Torá”, “a lei”, eram os cinco livros de Moisés (e os livros históricos que lhe dão sequência). Os cinco livros de Moisés, porém, não continham apenas determinações legais, mas narravam a história de Israel e testemunhavam a revelação de Deus. Nesse sentido “a lei” era simplesmente “a Bíblia”. “Eu estaria ensinando ao arrepio da Escritura, desprezando a Bíblia? Não somente trago a Escritura, nada mais que a Escritura, eu vivo na Bíblia”, respondeu Estêvão, demonstrando isso justamente por seu discurso detalhado. Por essa razão ele não expõe raciocínios teológicos próprios, e tampouco aponta como Pedro para uma nova ação de Deus através de Jesus, mas lhe apresenta, começando por Abraão, um testemunho da Escritura após o outro. Não deseja ser outra coisa senão apenas teólogo da Escritura.

O leitor já notou, a partir das referências bíblicas no texto, de que copiosidade de passagens da Escritura se trata. Quem se dá o trabalho de verificar todas as passagens no AT obviamente nem

sempre encontrará ali exatamente o teor daquilo que Estêvão afirma. Por um lado, a razão para isso é que o helenista Estêvão citava de acordo com a “Septuaginta”, que ademais não tinha em mãos para verificação, mas reproduzia de memória (obviamente bem treinada). Por outro lado, Estêvão sintetizou aqui e acolá tradição doutrinária e interpretação judaica diretamente com o texto.

Em Gn 46.27 e Êx 1.5 lemos a respeito de setenta almas que vieram com Jacó ao Egito, enquanto no v. 14 Estêvão cita setenta e cinco. Porém já a Septuaginta acrescentara os nove filhos de José às sessenta e seis almas citadas em Gn 46.26, chegando a um número de setenta e cinco. No v. 16 o local de sepulcro comprado por Abraão em Manre para sepultar Sara, e no qual ele próprio foi sepultado, foi agregado à terra comprada por Jacó em Siquém aos filhos de Hamor (Gn 23.16-18; 33.18s). Aqui pode ter acontecido uma falha de memória no orador, visto que falava de Jacó. Contudo também pode ter havido uma tradição doutrinária que por razões que ignoramos realizou essa junção. No v. 19 os dados de Êx 1.22 foram interpretados de outro modo ao que nós o entendemos; naturalmente a construção da frase grega é complicada, motivo pelo qual sua tradução não é unívoca. Ademais, o fato de que Moisés teria sido instruído com toda a ciência dos egípcios é uma conclusão plausível, visto que cresceu como filho da filha do faraó, mas isso não é afirmado em Êx 2. E o dado de que Moisés era “poderoso em palavras” parece contradizer a informação de Êx 4.10; no entanto, “poderoso em palavras” não precisa em absoluto significar “eloqüente”! Também um homem “pesado de língua” pode ter o “poder” da palavra de que falou o centurião de Cafarnaum (Mt 8.8s). Por isso também são imediatamente acrescentadas as “obras”.

A questão mais difícil é a citação de Amós 5.25-27 e v. 42s. Em nossa Bíblia lemos nessa passagem de Amós: “Sim, levastes Sicute, vosso rei, Quium, vossa imagem, e o vosso deus-estrela, que fizestes para vós mesmos.” A Septuaginta leu o nome “Sicute” como “*skenē*” = “tenda” e a palavra “rei” = “*melek*” como “Moloque”. O nome do ídolo “Renfã” já ocorre nos manuscritos de Atos dos Apóstolos nas mais diversas formas. Não sabemos como se originaram todas essas formas do nome a partir do original “Quium”. Em Am 5.27 Amós fala do castigo de Deus como ser deportado “para além de Damasco”. Israel estava convicto de que também as dez tribos do reino do Norte não poderiam estar perdidas. Contudo, como não puderam ser localizadas na Babilônia, devem estar num local de desterro além da Babilônia. Assim a Bíblia grega já alterara o texto hebraico.

- 2-8** No entanto, tudo isso são detalhes pequenos que permanecem sem importância para o entendimento do próprio discurso de Estêvão. São duas grandes verdades que Estêvão lança contra seus acusadores e o Sinédrio, e com as quais o acusado se torna acusador, exatamente como Pedro, a partir da Escritura. Como não pode deixar de acontecer num olhar tão intensivo para a Escritura, em primeiro lugar e acima de tudo está diante de nós Deus com toda a sua soberania e liberdade. Estêvão começa assim: “O Deus da glória apareceu a nosso pai Abraão”. Nenhum “mérito” moveu Deus para manifestar-se justamente a ele. Naquele tempo Abraão ainda estava “na Mesopotâmia”, ou seja, no mundo gentio. A livre escolha de Deus o separou, começando assim a história de Israel mediante sua própria graça. Logo não existe nenhum “orgulho” justificado do judeu. Com essa afirmação Estêvão acerta imediatamente o ponto mais profundamente vulnerável, a partir do qual explode toda a fúria contra ele: é o orgulho falso que se rebela contra o chamado ao arrependimento. Também nesse aspecto Estêvão traçou a linha que mais tarde Paulo (ouvinte desse discurso de Estêvão!) retoma em Rm 9-11. Toda a vasta história de Israel situa-se sob esse poder determinante de Deus, que continua sendo, por meio de suas promessas e prenúncios na admirável história de José e no magnífico envio de Moisés, aquele que age e salva por livre iniciativa. Não é Estêvão que “blasfema contra Deus”, e sim seus acusadores, quando negam ao Deus da glória essa liberdade e o poder de sua graça, pelos quais voltou a agir quando enviou Jesus.

Conseqüentemente, Estêvão de fato conduziu sua defesa “cheio do Espírito e de sabedoria” (At 6.10) à profundidade, destacando a questão realmente determinante. Não o fez com palavras próprias, mas inteiramente com a Bíblia, confiando que seus juízes versados na Escritura o entenderiam. Nisso ele necessária e involuntariamente passou para o ataque.

- 9** Na seqüência se revela em toda a história de Israel, como segundo ponto, a mesma oposição antagônica à liberdade e graça de Deus que agora irrompe plenamente na rejeição a Jesus. Aqueles que veneramos como “patriarcas” tinham ciúme de José, do homem ao lado de quem Deus estava e por meio de quem Deus realizava feitos tão grandes que salvaram também Jacó e seus filhos. Somente na segunda vez que visitaram o Egito José foi reconhecido por seus irmãos.

- 39** E Moisés, contra o qual Estêvão teria blasfemado, foi “negado” e “repelido” precisamente por seus irmãos.
- 25** “Ora, Moisés cuidava que seus irmãos entenderiam que Deus os queria salvar por intermédio dele; eles, porém, não compreenderam.” Assim os líderes do povo ignoram e “negam” (At 3.14) hoje a Jesus, que teve cuidado por seus irmãos e que lhes foi enviado por Deus como Redentor.
- 35-39** O pretenso blasfemo contra Moisés mostra toda a grandeza de Moisés na impressionante expressão, cinco vezes repetida, “esse Moisés, esse, esse, esse, esse”. Ao mesmo tempo, porém, está revelando assim também toda a incompreensível e culposa teimosia de Israel, que no íntimo (“em seu coração”) “voltaram para o Egito” e que na grosseira idolatria de fato retorna para lá, sob o aspecto espiritual. Adversário de Moisés não é Estêvão, nem a igreja de Jesus, mas o próprio Israel! Também Estêvão (como Pedro em At 3.22s) recorda a palavra de Moisés sobre o “profeta vindouro como a mim”: a rebeldia de Israel torna-se novamente exacerbada por meio de sua hostilidade contra esse singular “profeta” que se apresenta diante deles na pessoa de Jesus.
- 40-43** Em vista disso, Estêvão também confronta seus ouvintes com a história do “bezerro de ouro”. Israel experimentou a miraculosa libertação do Egito que a poderosa mão de Deus realizou por intermédio de Moisés. Israel acabou de ser testemunha, ao pé do Sinai, da avassaladora santidade e glória do Deus vivo. Israel concordou unanimemente com a aliança de Deus e sua lei. E instantes depois é capaz de solicitar a Arão “faze-nos deuses”, sacrificando para um “bezerro” depois ter feito a experiência do Deus verdadeiro. E isso não aconteceu com certo receio ou desespero, mas “alegraram-se com as obras de suas mãos”. Assim é Israel, que agora tenta fazer o papel de advogado de Deus e de Moisés contra Jesus e as testemunhas de sua verdade! Deus, porém, transforma sua culpa em castigo. Aquele a quem desprezam e rejeitam vira-lhes as costas e os abandona à idolatria, acorrentando-os a ela. Dessa maneira também agora virá o juízo de Deus sobre Israel, se esse povo rejeitar a seu Senhor Jesus na pessoa de Estêvão e, por sua vez, na pessoa dele, ao próprio Deus.
- 44-45** No entanto, Estêvão teria falado contra o templo. Também nessa questão as opiniões pessoais não podem ser o critério decisivo. Somente a Escritura pode decidir. Por isso Estêvão passa a falar também do “tabernáculo” do testemunho – ó, Israel amou muito mais o “tabernáculo de Moloque”! – e do templo. Sim, Israel tinha de fato um “tabernáculo”, confeccionado por Moisés de acordo com um molde celestial, levando-o também na travessia para a terra prometida. E assim ele é preservado durante todo o tempo do crescimento e da ascensão até Davi. Na realidade esse “lhe suplicou encontrar uma morada para a casa de Jacó”. Porém, para Estêvão justamente o fato de Deus negar-lhe este pedido pode ter feito parte da “graça” que Davi obteve diante de Deus. Por mais sincero que tenha sido o sentimento de Davi: “Olha, eu moro em casa de cedros, e a arca de Deus se acha numa tenda.” (2Sm 7.2), inegavelmente havia nele um desconhecimento profundo de Deus: “Que casa me edificareis?”, “Ou qual é o lugar do meu repouso?” (v. 49). Deus preservou Davi da obra inútil. Porque “não habita o Altíssimo em casas feitas por mãos humanas”. Quem tenta acorrentar Deus ao templo desconhece quem Deus é e o que Deus afirmou sobre si mesmo. Se nos grandes tempos com Moisés e Davi Deus se contentou em ter como local de sua revelação o “tabernáculo do testemunho”, então não é “blasfemo” quem dá pouco valor ao templo.
- 51-53** Na seqüência Estêvão tira do abrangente testemunho bíblico as conseqüências para a atualidade. Realmente não devemos entender essas últimas frases de seu discurso como um “xingar”. O homem que com o semblante de um anjo encarava seus juízes, que os tratara conscientemente como irmãos e pais, agora no final não se deixa arrastar pela carne e pelo sangue para uma agressividade vulgar. Precisamos ouvir todas as suas palavras como ditas com uma dor ardente por seu povo e com profunda seriedade perante Deus. Assim também Paulo, quando levanta suas mais duras acusações contra Israel, continua sendo ao mesmo tempo aquele que tem “grande tristeza e incessante dor no coração” por seus irmãos de Israel (Rm 9.1-5). Não estamos lidando com um teólogo frio e ávido por ter razão, mas com homens que haviam recebido o amor de Jesus, embora fosse o amor que vê implacavelmente a realidade destrutiva. “Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e de ouvidos, vós sempre resistis ao Espírito Santo; assim como fizeram vossos pais, também vós o fazeis” Também essas gravíssimas acusações são, até na formulação, bíblicas! Novamente Estêvão afirma apenas o que afirma a Escritura. Ele vê e caracteriza “Israel” de ontem e de hoje como uma unidade. Vê os profetas rejeitados e perseguidos, justamente porque “anteriormente anunciaram a

vinda do Justo”. Não é surpreendente que agora os filhos desses assassinos de profetas se tornaram ainda piores, “traidores e assassinos” desse Justo que acabara de vir.

A acusação contra Estêvão e os cristãos brota de uma imagem profundamente mentirosa e autocomplacente que Israel elaborou de si mesmo e de sua história. Considera-se como o povo privilegiado por Deus que, com o templo e com a lei, se apresenta com uma bela religiosidade diante de Deus, e fica indignado quando essa vã presunção é atacada com a mensagem de Jesus. Porém é precisamente “a lei”, a Escritura, à qual se apegam, que destrói a mentirosa quimera e revela a verdadeira imagem de Israel. Sem dúvida eles têm a lei, também “a lei” no sentido mais restrito; foi “promulgada por meio de anjos” e a receberam por mediação sagrada (cf. Gl 3.19). Porém cumpri-la? Jamais o fizeram!

Esta é a exaustiva e profunda resposta de Estêvão à pergunta do sumo sacerdote. É assim que precisamos ler o AT como cristãos, e ver a história de Israel – de forma totalmente diferente como também o fazemos muitas vezes no cristianismo, quando num falso resplendor vemos Israel como “o povo da religião”. Sem dúvida oscilaremos entre a falsa glorificação de Israel e o “anti-semitismo” enquanto não reconhecermos, com genuíno arrependimento, como a mentira de Israel constitui também a quimera de nossa própria “piedade” e de nosso próprio orgulho eclesiástico, enraizado nas camadas mais profundas de nosso “*cor incurvatum in se ipsum*”, nosso “coração retorcido sobre si próprio” (Lutero). Por essa razão, reagimos como “pessoas religiosas” ao ataque do evangelho, ao chamado para nos converter a Jesus, à palavra da cruz, com a mesma indignação que naquele tempo eclodiu contra Estêvão. Por isso não podemos ler o discurso de Estêvão apenas sob enfoque “histórico-crítico”, mas temos de ouvi-lo com arrependimento, sendo pessoalmente atingidos por ela.

O FIM DE ESTÊVÃO E A PERSEGUIÇÃO DA IGREJA POR SAULO - Atos 7.54-8.3

54 – Ouvindo eles isto, enfureciam-se no seu coração e rilhavam os dentes contra ele.

55 – Mas Estêvão, cheio do Espírito Santo, fitou os olhos no céu e viu a glória de Deus e Jesus, que estava à sua direita,

56 – e disse: Eis que vejo os céus abertos e o Filho do Homem, em pé à destra de Deus.

57 – Eles, porém, clamando em alta voz, taparam os ouvidos e, unânimes, arremeteram contra ele.

58 – E, lançando-o fora da cidade, o apedrejaram. As testemunhas deixaram suas vestes aos pés de um jovem chamado Saulo.

59 – E apedrejavam Estêvão, que invocava e dizia: Senhor Jesus, recebe o meu espírito!

60 – Então, ajoelhando-se, clamou em alta voz: Senhor, não lhes imputes este pecado! Com estas palavras, adormeceu.

8.1 – E Saulo consentia na sua morte. Naquele dia, levantou-se grande perseguição contra a igreja em Jerusalém; e todos, exceto os apóstolos, foram dispersos pelas regiões da Judéia e Samaria.

2 – Alguns homens piedosos sepultaram Estêvão e fizeram grande pranto sobre ele.

3 – Saulo, porém, assolava a igreja, entrando pelas casas; e, arrastando homens e mulheres, encerrava-os no cárcere.

Uma palavra sucinta de Pedro em At 5.33 já havia “serrado” os corações do Sinédrio e suscitado o desejo de matar. O discurso de Estêvão, porém, representa um ataque bem diferente, e de antemão a situação está bem mais carregada de ressentimentos. Por isso, não nos podemos surpreender com as repercussões desse discurso, e Estêvão não deve ter esperado outra coisa. “Ouvindo eles isto, cortou-se-lhes o coração, e rilhavam os dentes contra ele.” Ainda se contém, primeiro é preciso decretar a sentença. Mas a irritação interior os leva a ranger os dentes. Comentaristas críticos sentiram falta de alguém como Gamaliel se levantando novamente e aconselhando a esperar. Contudo, a sessão do Sinédrio não chega ao fim, porque a exclamação seguinte de Estêvão faz eclodir o tumulto. Em segundo lugar, a situação toda e a colocação da acusação são completamente diferentes do que no capítulo 5. E, em terceiro lugar, o grupo fariseu também foi atingido pelo discurso de Estêvão de maneira bem diferente do que pela palavra e pelo testemunho de Pedro. “Não cumpristes a lei”, essa asserção retirava o chão em que se apoiava a existência dos fariseus. Alguém como Gamaliel podia ouvir com ponderação que Jesus ressuscitou e curou esse homem coxo, que Jesus é o Messias. “Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e de ouvidos, vós sempre resistis ao Espírito

Santo” – isso representava também para ele uma afronta desmedida e insuportável para Israel e seus fiéis. Agora a continência de alguém como Gamaliel chegou ao fim!

- 55** No entanto, nem sequer acontece uma deliberação e votação. Nesse instante é concedida a Estêvão, por meio do Espírito Santo, a visão do mundo de Deus. Ele vê “a glória de Deus e Jesus, parado à direita de Deus”. Tinha consciência de sua situação e da morte certa. Agora ele é arrebatado interiormente de tudo e confrontado com aquela realidade que ele aceitara e testemunhara com fé. A “glória” de Deus sempre é também o resplendor luminoso de Deus. Como ela resplandece maravilhosamente para Estêvão nas trevas da incompreensão e do ódio que o cercavam! Ele vê Jesus, que conforme o Sl 110.1 está sentado à direita de Deus, e espera (Hb 10.12s), “parado à direita de Deus”. Será que Jesus se levantou para saudar a primeira testemunha de sangue? Será que ele demonstra precisamente agora no início da primeira perseguição de sua igreja que ele não observa passivamente, mas que está agindo, já preparando-se para sua parusia? Isso são apenas suposições. Estêvão o vê dessa maneira, e Lucas não nos informa mais nada. Contudo, ele declara o que vê, esquecendo-se de sua situação e de seus inimigos:
- 56** “Eis que vejo os céus abertos e o Filho do Homem, em pé à destra de Deus.” Foi isso que o próprio Jesus declarou perante o mesmo Sinédrio: “Entretanto, eu vos declaro que, desde agora, vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso” (Mt 26.64). Naquela ocasião o sumo sacerdote rasgou sua veste, e o Sinédrio proferiu a sentença de morte. Agora a irritação explode com ímpeto ainda maior:
- 57** “Eles, porém, clamando em alta voz, taparam os ouvidos e, unânimes, arremeteram contra ele.” Não há mais sentença, nem a ponderação de que para uma execução era necessário o consentimento do procurador romano. A declaração de que um ser humano está à direita de Deus era uma insuportável violação da majestade e singularidade de Deus para qualquer ouvido judaico. E, ademais, esse ser humano deveria ser a pessoa que fora pendurada no madeiro maldito pelos líderes influentes de Israel? Essa blasfêmia era tão terrível para eles que taparam os ouvidos e gritaram em voz alta, em parte por pavor, em parte para encobrir as palavras de Estêvão. Quando arrastaram Estêvão para fora da cidade, não precisaram se lembrar expressamente da determinação legal de Lv 24.14; Nm 15.36; Dt 17.5. Aconteceu de forma bem natural. Obviamente o primeiro mártir cumpriu o que foi declarado em Hb 13.12s. O apedrejamento como tal não aconteceu de acordo com a regra que conhecemos da Mishná, a tradição judaica. Simplesmente se lançaram as pedras sobre Estêvão no campo aberto. Apenas se cumpriu a determinação de Dt 17.7: as testemunhas contra Estêvão jogaram as primeiras pedras.
- 58** A capa, que as atrapalhava no apedrejamento, foi depositada “aos pés de um jovem chamado Saulo”.
É assim que, com destreza de escritor, que Lucas introduz Paulo em sua obra histórica: “um jovem chamado Saulo”. Até então ninguém suspeita, muito menos ele próprio, o que será dele. Porém o leitor de Atos dos Apóstolos sente e estremece: uma vez que a primeira testemunha de Jesus morre como mártir, Jesus já escolheu para si o novo mensageiro, no meio da multidão de seus inimigos. A causa de Jesus não pode ser detida, não por processos, nem por ódio e derramamento de sangue. De acordo com a palavra e vontade de Jesus o evangelho precisa ser levado até os confins da terra. E precisamente o homem que está tentando aniquilá-lo seriamente terá de ser o cooperador central dessa expansão! O termo grego com o qual é caracterizado não significa um “jovem” conforme nós o entendemos, e sim o homem entre vinte e quatro e trinta anos. Em Israel não era possível que um homem assumisse um papel de liderança antes dos trinta anos. Não devemos imaginar esse Saulo que desencadeia a primeira perseguição da igreja como demasiadamente jovem. Aqui não lhe é atribuída nenhuma posição oficial, assim como ele tampouco a menciona em seu próprio retrospecto sobre seu passado em Fp 3.5s. No entanto, deve ter gozado de uma reputação especial, para que depositassem as vestes das testemunhas justamente aos pés dele. Por que, afinal, não haveria de ser assim, visto que podia dizer de si próprio: “E, na minha nação, quanto ao judaísmo, avantajava-me a muitos da minha idade, sendo extremamente zeloso das tradições de meus pais” (Gl 1.14)?
- 59** Estêvão ora sob as pedradas, a princípio ainda de pé, à semelhança da oração do Sl 31.5, com a qual, ao morrer, também Jesus formulou sua súplica ao Pai. Acontece, porém, que a oração do discípulo se dirige ao próprio Jesus e é formulada com mais modéstia: “Senhor Jesus, recebe o meu espírito.” Não podemos saber com detalhes o que está por trás da morte física. Nossas concepções

terrenas não o alcançam. Contudo há uma coisa que o cristão pode pedir ao morrer, na certeza de ser ouvido: Jesus está aí, Jesus acolhe nosso espírito.

- 60** Em seguida Estêvão cai de joelhos sob as pedradas, e em alta voz ressoa seu grito sobre seus adversários: “Senhor, não lhes imputes este pecado!” Confirma-se o que afirmamos acima a respeito do encerramento de seu discurso. Nem mesmo agora está buscando a vingança e punição de Deus sobre aqueles que o levam à morte de forma tão injusta. Por essa razão também esse morrer difícil e violento é um “adormecer” em profunda paz.
- 8.1a** “Saulo, porém, concordava com sua morte!” Assim pode ser o coração humano, quando pensa estar lutando com zelo próprio pela honra de Deus. O discurso de Estêvão não convenceu a Saulo, toda a atitude de Estêvão não o derrotou. Considerou justa perante Deus a eliminação violenta desse homem. Não há como constatar se a formulação de Lucas visa expressar também, além do consentimento interior de Saulo, algum tipo de aprovação oficial dessa execução. Seja como for, no entanto, de modo algum esqueceremos que o primeiro mártir não morre sob as pedradas do “mundo” ou sob a espada do Estado, e sim nas mãos de zelosos eclesiásticos. E o “devoto” Saulo “concordava com sua morte”.
- 1b** Na sequência o acontecimento agitado “daquele dia” desencadeou “uma grande perseguição contra a igreja em Jerusalém”. Assim como a investida contra Estêvão, a perseguição deve ter sido tumultuada. “E todos, exceto os apóstolos, foram dispersos pelas regiões da Judéia e Samaria” Neste versículo o “todos” – como em muitas passagens do NT – não deve ser compreendido em termos estatísticos. Não saíram de Jerusalém todos os cristãos até a última alma. Para que, então, os apóstolos deveriam ter permanecido ali? E para que Saulo ainda invadia as casas, se não existiam mais cristãos em Jerusalém? Os apóstolos ficaram, porque uma igreja perturbada e aflita precisava deles. “Todos” têm a possibilidade de fugir, os apóstolos não.
- 3** Porém uma leva de fugitivos se derrama na terra até a Samaria. Saulo não se dá por satisfeito com esse efeito de choque. “Tentava aniquilar a igreja, entrando pelas casas e arrastando homens e mulheres, e os encerrava no cárcere”. Ele é radical, ou seja, vai até a raiz, e não tem consideração. Foi assim que ele próprio se caracterizou, não apenas nos discursos de Atos dos Apóstolos, mas também em suas cartas. “Persegui a igreja de Deus” (1Co 15.9); “quanto ao zelo, perseguidor da igreja” (Fp 3.6); “era blasfemo, e perseguidor, e insolente” (1Tm 1.13). Em Gl 1.23 encontra-se a mesma palavra “aniquilar” como no presente texto.
- Levantou-se a objeção de que uma perseguição tão sistemática em Jerusalém não era possível sem o Sinédrio e, acima de tudo, sem a concordância da força de ocupação romana. Novamente não podemos medir a “sistemática” daquela perseguição com padrões modernos. Na Antigüidade, e sobretudo no Oriente, a fria exatidão com a qual hoje se processa a ação do Estado não era comum. Nem mesmo nas perseguições posteriores aos cristãos, encenadas pelo Estado romano, os cristãos não foram totalmente vitimados. Saulo invadia as casas – isso não significa nem de longe que ele fechava ruas inteiras com a polícia e fazia uma triagem completa! É verdade, porém, que o Sinédrio tinha de estar por trás dele e ter o consentimento dos romanos com esse tipo de medidas. “Encerrar os cristãos no cárcere” não visava a detenção como tal, mas servia para mover um processo que acabava com os açoitados até que renegassem (cf. At 26.11 “obriguei-os até a blasfemar”) e que, em caso de se negarem a aporatar, acabava na pena de morte. Isso não era viável sem a tolerância da força de ocupação. Como podemos afirmar hoje que essa tolerância não “podia” ser bem-vinda ao Sinédrio? Será que Pilatos teria algo contra judeus matando uns aos outros? Lucas não escreve nada a respeito do consentimento da autoridade romana. No entanto, quantas vezes, em sua exposição sucinta dos fatos, ele silencia sobre coisas que indubitavelmente precisam ter acontecido!
- 2** O dado de que o processo contra Estêvão não terminou com uma condenação clara e oficial, mas redundou num linchamento, é mostrado também pela observação de que “alguns homens piedosos, porém, sepultaram Estêvão e fizeram grande pranto sobre ele”. Um sepultamento e uma cerimônia fúnebre assim não eram permitidos para uma pessoa oficialmente executada como blasfema. Os cristãos naquela ocasião não puderam prestar esse serviço a seu irmão. Contudo entre os judeus havia homens que apreciavam Estêvão. Ousaram prestar-lhe agora a derradeira honra.

O EVANGELHO CHEGA A SAMARIA - Atos 8.4-25

4 – Entrementes, os que foram dispersos iam por toda parte (região) pregando a palavra.

- 5 – Filipe, descendo à cidade de Samaria, anunciava-lhes a Cristo.
- 6 – As multidões atendiam, unânimes, às coisas que Filipe dizia, ouvindo-as e vendo os sinais que ele operava.
- 7 – Pois os espíritos imundos de muitos possesores saíam gritando em alta voz; e muitos paralíticos e coxos foram curados.
- 8 – E houve grande alegria naquela cidade.
- 9 – Ora, havia certo homem, chamado Simão, que ali praticava a mágica, iludindo o povo de Samaria, insinuando ser ele grande vulto;
- 10 – ao qual todos davam ouvidos, do menor ao maior, dizendo: Este homem é o poder de Deus, chamado o Grande Poder.
- 11 – Aderiam a ele porque havia muito os iludira com mágicas.
- 12 – Quando, porém, deram crédito a Filipe, que os evangelizava a respeito do reino de Deus e do nome de Jesus Cristo, iam sendo batizados, assim homens como mulheres.
- 13 – O próprio Simão abraçou a fé; e, tendo sido batizado, acompanhava a Filipe de perto, observando extasiado os sinais e grandes milagres praticados.
- 14 – Ouvindo os apóstolos, que estavam em Jerusalém, que Samaria recebera a palavra de Deus, enviaram-lhe Pedro e João;
- 15 – os quais, descendo para lá, oraram por eles para que recebessem o Espírito Santo;
- 16 – porquanto não havia ainda descido sobre nenhum deles, mas somente haviam sido batizados em o nome do Senhor Jesus.
- 17 – Então, lhes impunham as mãos, e recebiam estes o Espírito Santo.
- 18 – Vendo, porém, Simão que, pelo fato de imporem os apóstolos as mãos, era concedido o Espírito Santo, ofereceu-lhes dinheiro,
- 19 – propondo: Concedei-me também a mim este poder, para que aquele sobre quem eu impuser as mãos receba o Espírito Santo.
- 20 – Pedro, porém, lhe respondeu: O teu dinheiro seja contigo para perdição, pois julgaste adquirir, por meio dele, o dom de Deus.
- 21 – Não tens parte nem sorte neste ministério, porque o teu coração não é reto diante de Deus.
- 22 – Arrepende-te, pois, da tua maldade e roga ao Senhor; talvez te seja perdoado o (mau) intento do coração;
- 23 – pois vejo que estás em fel de amargura e laço de iniquidade.
- 24 – Respondendo, porém, Simão lhes pediu: Rogai vós por mim ao Senhor, para que nada do que dissestes sobrevenha a mim.
- 25 – Eles, porém, havendo testificado e falado a palavra do Senhor, voltaram para Jerusalém e evangelizavam muitas aldeias dos samaritanos.

4-5 “Os que foram dispersos iam por toda a região pregando a palavra. Filipe, descendo à cidade de Samaria, anunciava-lhes o Messias.” Ao se despedir Jesus não havia realmente ordenado aos apóstolos que fizessem algo, mas dissera o que eles fariam como testemunhas dele. Por isso, os apóstolos também não deliberavam como haveriam de cumprir a ordem de Jesus, nem faziam planos de missão. Como pessoas que crêem, realizam dia após dia “o que a ocasião pedir” (1Sm 10.7). Lucas mostrou de maneira magistral que assim tudo “sucede” e que justamente assim o plano de Deus alcança a realização. Da tranqüila e despretensiosa ida ao templo em At 3.1 resulta a luta que agora levou à primeira execução de uma testemunha de Jesus e à primeira perseguição da igreja. Justamente por isso, porém, sem empreendimentos planejados pelos apóstolos, desenvolve-se a evangelização na Judéia e Samaria, da qual Jesus havia falado. De forma vigorosa Lucas colocou os dois aspectos lado a lado: Saulo tenta aniquilar a igreja – os dispersos anunciam a mensagem até a Samaria! Obviamente também se torna explícita a diferença nos destinos de cristãos: homens e mulheres jazem no cárcere em Jerusalém, sofrem e morrem – enquanto os fugitivos atuam livremente a serviço de seu Senhor. Quem ousará afirmar qual deles tirou a sorte melhor, e qual deles prestou o serviço mais importante?

Os dispersos “andavam por”. É uma palavra que Lucas usou com muita frequência. P. ex., em At 10.38 resume com ela também as peregrinações de Jesus. Os fugitivos não encontram rapidamente uma nova pátria. Provavelmente também contam com tempos mais calmos que lhes permitirão retornar a Jerusalém. Independentemente, porém, da forma que sua vida toma, eles “evangelizam”. Afinal, era muito plausível que fossem questionados a respeito dos motivos de sua fuga. Em toda a

região igualmente devem ter corrido boatos sobre tudo o que aconteceu. Do mesmo modo se poderia pensar que, depois de tudo por que tinham passado, esses homens e mulheres agora, com medo, se calassem a respeito dessa causa de Jesus. Porém, embora fugitivos, não são renegados. Falam sobre Jesus. Fazem-no de modo “evangelístico”, ou seja, com alegria ininterrupta e energia desafiadora. Portanto, já naquele tempo a “evangelização de pessoa para pessoa” se revestia de grande importância!

Na pessoa de Filipe – não o apóstolo, mas a pessoa eleita em At 6.5 como um dos “Sete” – encontra-se entre os fugitivos um homem eminente. Ele é conduzido pelo caminho – “descendo” de Jerusalém (760 metros de altitude) – para a “cidade da Samaria”. Não deve ter sido a velha “Samaria”, que depois de repetidas destruições, reconstruções e ampliações havia sido presenteada, no tempo helenista, pelo César Augusto a Herodes o Grande, e que fora chamada de “Sebasta” em honra ao imperador. Sebasta era uma cidade predominantemente gentílica. No entanto, antes de At 10 não houve missão aos gentios apoiada pelos apóstolos. Em vista disso, precisamos cogitar a cidade de Siquém. Ali viviam os “samaritanos”, no sentido que nos é familiar, constituindo uma comunidade religiosa judaica própria, separada de Jerusalém. Aqui Filipe estava seguro diante do Sinédrio. Aqui ele encontrava solo fértil para proclamar o “Messias”, pelo qual também os samaritanos esperavam (cf. Jo 4.25). Podia falar como “arauto” do grande Rei, ainda mais que muitos deles ainda deviam lembrar-se vividamente de Jesus. Agora chega a grande colheita, que Jesus já havia visto e que ele havia começado naquela ocasião.

6-8 Duas coisas atraíam a atenção de multidões inteiras para Filipe: por um lado, aquilo que ele afirmava e as pessoas ouviam, e por outro os milagres e atos de poder que presenciavam. Ambas estão estreitamente interligadas. Pelo v. 12 somos informados que Filipe “trazia a mensagem do reinado de Deus e do nome de Jesus, o Messias”. De forma insuficiente nos damos conta de que o evangelho foi desde o início o “evangelho do reino” e que o continuou sendo até o último livro da Bíblia. O senhorio de Deus intervém salvando, ajudando e curando dos poderes da desgraça e morte neste mundo. Esse é o traço “escatológico” básico de todas as afirmações bíblicas. Porém esse “tempo escatológico” já começou. O “reino de Deus” é futuro e, não obstante, já não é apenas futuro. O Messias, o Rei da salvação chegou. Ele se chama Jesus. Por isso o nome Jesus está repleto do poder da ajuda poderosa (cf. At 4.10-12). No entanto, não se pode proclamar isso com autoridade se isso de fato não acontecer concomitantemente à proclamação, tornando-se visível aos olhos de todos. Quando “espíritos imundos” saem “gritando em alta voz”, quando membros retorcidos se endireitam e pessoas aleijadas correm e saltam, então o nome de Jesus demonstra seu poder glorioso, e a soberania de Deus está presente. “E houve grande alegria naquela cidade”, algo que podemos imaginar com facilidade.

9-11 Tudo isso se revestia de particular importância para a entrada do evangelho nessa cidade. Porque ela não vivia apenas naquele “judaísmo” antigo, tradicional, de cunho samaritano, mas era dominada por uma nova religião, as forças ocultistas, cujo representante era um “homem chamado Simão”, que “praticava a feitiçaria e deixava estupefato o povo da Samaria, afirmando de si que era um grande”. É preciso que recordemos que, conforme Jo 8.48, já na época de Jesus os samaritanos eram considerados de modo geral como contaminados pelo ocultismo. Podemos imaginar por experiência própria o que Lucas está relatando. Conhecemos a credice e feitiçaria de múltiplas formas. Conhecemos a orgulhosa e estranha autoconsciência daqueles que “são alguém” nessa área. Porém também sabemos que isso não se limita a artes divinatórias isoladas, mas que agora as experiências ocultistas são inseridas num sistema de visão de mundo e religioso, que habilmente incorpora concepções de religiões conhecidas, inclusive do cristianismo. Nesse sistema a pessoa detentora de dons ocultistas passa a ter uma posição especial, que ela deixa transparecer por meio de obscuras alusões e que seus adeptos propagam com tanto maior fanatismo. É o que acontecia também na cidade da Samaria. Simão estava no centro das atenções. “Todos lhe davam ouvidos, do menor ao maior, dizendo: Este homem é o poder de Deus, chamado o Grande Poder.” Nessa cidade predominava um daqueles sistemas religiosos que se originaram de múltiplas formas do sincretismo religioso do Oriente helenista e que mais tarde encontramos como perigoso concorrente da igreja na chamada “gnose” com coloração cristã. Falava-se das diversas “emanações”, os “eflúvios” ou “irradiações” da divindade, e considerava-se que em determinados grupos ou também em pessoas isoladas as “forças” da divindade estavam atuando de diferentes maneiras. Em vista disso era possível que num personagem estivesse “o poder de Deus, chamado o Grande”. O próprio “mestre”

não o afirma, porém seus adeptos o divulgam. Ao mesmo tempo torna-se também visível aquela estranha mescla de conhecidos conceitos das antigas religiões. O próprio Simão “afirmava de si que era um grande”. Isso estabelece um flagrante paralelo com a autodefinição de Teudas, mencionada em At 5.36, que através dela reivindicou ser o Messias. Assim, é provável que também Simão tenha aludido à expectativa messiânica samaritana, insinuando que em sua pessoa ela teria sido cumprida. Naquele tempo, porém, como ainda hoje, o ser humano presta atenção avidamente quando, de modo tão drástico e barato, algo vem ao encontro de seu anseio por ajuda milagrosa e pela experiência do sobrenatural e misterioso. “Aderiam a ele porque havia muito os deixara estupefatos com suas mágicas.”

12 Desde o início o evangelho se encontrava numa situação de luta. Em Jerusalém ele teve de lutar contra o orgulho do relacionamento legalista com Deus. Tão logo, porém, ultrapassou os limites do judaísmo cumpridor da lei, não se deparou com algo como um espaço vazio, mas confrontou-se com a emaranhada mescla de religiões da época, que conseguira penetrar até no judaísmo samaritano. Lucas nos descreve a primeira controvérsia com uma religiosidade carregada desse ocultismo. A princípio tudo parece transcorrer de forma excelente. “Quando, porém, deram crédito a Filipe, que os evangelizava a respeito do reino de Deus e do nome de Jesus, o Messias, iam sendo batizados, assim homens como mulheres.” Sentimos nitidamente com que brilho e clareza a mensagem de Filipe incidiu no estranho lusco-fusco do mundo de idéias de Simão. Acima de tudo: em sua ação estava acontecendo um número maior de fatos, ainda mais admiráveis, do que com Simão.

13 Isso levou a um grandioso triunfo. O próprio Simão é tomado por essa realidade. “O próprio Simão abraçou a fé; e, tendo sido batizado, acompanhava a Filipe de perto, observando os sinais e grandes milagres praticados, ficou extasiado.” Isso não é maravilhoso?

Lucas não é um historiador moderno que agrega a seu relato sua própria avaliação crítica dos fatos. Descreve o que acontece. Tanto mais, porém, o leitor de sua obra precisa estar atento para os momentos em que na própria exposição deixa transparecer que também naquele tempo podiam estar acontecendo erros no trabalho. Deve chamar nossa atenção que a proclamação de Filipe prescinde completamente de uma coisa: o chamado ao arrependimento: “Convertei-vos!” Com que clareza ele podia ser sempre ouvido na proclamação dos apóstolos! E como um profundo arrependimento era necessário justamente nessa cidade, depois da enxurrada de opressões ocultistas! Com quanta determinação o estranho sincretismo em que as pessoas viviam tinha de ser reconhecido e eliminado como “inimizade contra o Deus vivo”. Nada disso acontece. Esses homens e mulheres parecem passar sem ruptura de Simão para Filipe. Com que precisão o Espírito de Deus leva Lucas a formular: “Quando, porém, chegaram à fé diante de Filipe”. Não é realmente diante de Jesus que se tornam crentes. Não é o próprio Jesus que está no centro. No fundo as pessoas apenas passam de uma pessoa para outra. Filipe “realiza” mais do que Simão, por isso agora se “crê” nele. Consequentemente, forma-se um “avivamento” que não é um movimento de arrependimento. Por isso, à “grande alegria na cidade” não se associa, como em Jerusalém (At 2.43; 5.11), o temor santo. Os “sinais e prodígios” desempenham um papel importante demais. Temos a impressão de que Simão apenas se curva diante do evangelho por ser um poder mais milagroso ainda. Também nesse caso é novamente Filipe, o mestre mais poderoso, junto ao qual Simão “acompanha de perto”, não ao próprio Jesus. Nessa situação a evangelização, por princípio, é deficiente.

14-17 Isso se torna manifesto quando os apóstolos realizam uma “visitação” em Samaria. “Ouvindo os apóstolos, que estavam em Jerusalém, que Samaria aceitou a palavra de Deus, enviaram-lhe Pedro e João” Que pasma alegria deve ter havido em Jerusalém quando a igreja aflita de lá ouviu dos grandes acontecimentos e vitória em Samaria: “Samaria aceitou a palavra de Deus.” De imediato os apóstolos querem convencer-se pessoalmente e ao mesmo tempo exercer a responsabilidade que tinham de forma muito especial nesse caso. Afinal, a inimizade entre samaritanos e judeus tinha raízes profundas, e para cada habitante de Jerusalém “Samaria” era muito suspeita. Agora “samaritanos” estariam participando integralmente da igreja una do Messias Jesus, tendo recebido a mesma vida de Deus!

Com os dois emissários Pedro e João aconteceu, a grosso modo, o que mais tarde sucedeu a Paulo em Éfeso na casa dos doze “discípulos” (At 19.2ss): notaram imediatamente que faltava algo decisivo na Samaria. O Espírito Santo “não havia ainda descido sobre nenhum deles”. Como eles notaram isso? Alguns exegetas remetem a At 10.40 e explicam imediatamente: faltava o falar em línguas. Contudo deveríamos ser cautelosos com essas inferências precipitadas. O fato de que

aprouve a Deus, no caso dos primeiros fiéis dentre os gentios, tornar o presente de sua vida divina através do falar em línguas e do efusivo louvor a Deus singularmente palpável aos cristãos israelitas ainda não significa que para os apóstolos falar em línguas tenha sido a consequência única e essencial do Espírito. Porque precisamente na própria primeira igreja não ouvimos nenhuma palavra sobre “línguas”, nem por ocasião de sua fundação nem depois nas diversas descrições de sua constituição e seu crescimento. Muito antes o amor transbordante é “a” característica da nova vida. E no caso de Simão a deficiência, segundo o juízo de Pedro (v. 21,23), evidentemente não era que ele não falava em línguas, mas que tinha um coração não purificado. A Samaria já estava agitada demais, não carecia de expressões tempestuosas do Espírito Santo. Porém faltava a verdadeira vida divina com uma profunda purificação e renovação do coração. Ainda que depois isso se exteriorizasse no louvor desinibido a Deus e na oração com a “língua”, o essencial era a transformação interior que estava por trás. Essa transformação acontece, pois, sob a oração e a imposição das mãos por parte dos apóstolos. “Então, lhes impunham as mãos, e recebiam estes o Espírito Santo.”

Na sequência evidencia-se em Simão toda a deficiência de sua “conversão”. Até aqui a narrativa de Lucas sempre descreveu o “vir a crer” como algo genuíno e verdadeiro. Agora presenciamos pela primeira vez que é possível “vir à fé” e “ser batizado” e apesar disso continuar sendo o velho ser humano sem ruptura. “Conversão” sem verdadeira meia-volta nem renovação do coração! Como essa renovação do coração teria sido necessária especialmente nesse Simão completamente deturpado pelo ocultismo! Em seguida fica evidente o que experimentamos muitas vezes justamente em pessoas e movimentos no cristianismo marcados pelo ocultismo e fanatismo: sob a capa “cristã”, o coração é governado pelo velho orgulho e pela ambição, e o dinheiro tem uma importância nefasta.

- 18-19** Simão não pede pelo Espírito Santo, não pela renovação em si, porém anseia pela milagrosa capacidade de causar a transformação visível das pessoas. Se ele tivesse esse poder, voltaria a ser “um grande”, e então eles o chamariam novamente “o grande poder de Deus”, então voltaria a superar Filipe, o qual apesar de todos os milagres não foi capaz de realizar o que Pedro e João conseguem. A partir de sua índole, Simão compreende a atuação dos apóstolos equivocadamente em sentido ocultista e mágico, e involuntariamente revela seu próprio estado de coração quando supõe com naturalidade que poderes tão misteriosos não se concede de graça, mas que por dinheiro se pode obter tudo.
- 20** Pedro, porém, responde com a necessária dureza: “Teu dinheiro vá contigo para a perdição, pois julgaste adquirir, por meio dele, o dom gratuito de Deus.” Apesar da “conversão” e do “batismo” ele constata, com implacável clareza:
- 21-22** “Não tens parte nem sorte neste ministério.” Porque, assim sentencia com forte repercussão do Sl 78.36s, “teu coração não é reto diante de Deus.” De nada adianta ser batizado, praticar sinais miraculosos (nem mesmo “falar em línguas”!), se nosso coração não está em ordem. Ao contrário, porém, do caso de Ananias e Safira, ainda se deixa aberta a possibilidade de uma “conversão” autêntica. Agora finalmente ouvimos neste capítulo o “arrepende-te!” e a palavra do perdão dos pecados!
- 23** Pedro não tem em mente apenas o destino pessoal de Simão, mas vê toda a influência perigosa desse homem, expressando-o numa formulação saturada de termos bíblicos baseada em Dt 29.18 e Is 58.6: “Pois vejo que estás em fel de amargura e laço de iniquidade.”
- 24** A resposta de Simão é típica. Não reconhece sua culpa e não se atemoriza diante de sua situação. Por isso também não deseja arrepender-se. Permanece preso à sua superstição, mas teme justamente a partir dela o “poderoso” Pedro e as eventuais consequências de suas ameaças. Por essa razão responde: “Rogai vós por mim ao Senhor, para que nada do que dissestes sobrevenha a mim.” A essa atitude corresponde o que sabemos de notícias posteriores sobre Simão. Justino, o mártir, que nasceu em Samaria por volta de 100 d. C., relata acerca de Simão. Venerado por muitos como “deus”, Simão se separou da igreja de Jesus e fundou uma igreja gnóstica própria. O fato de que se atribuem a ele terríveis perversões na área sexual também condiz com as experiências que muitas vezes fazemos em alguns movimentos carismáticos da atualidade: forças ocultistas se combinam com impureza na área financeira e sexual.
- 25** Depois de impor as mãos os apóstolos não consideraram seu trabalho como encerrado. Conversão, perdão de pecados, obtenção do Espírito – isso é um começo, e não um ponto final. Assim como em Jerusalém a consequência foi justamente o “perseverar na doutrina dos apóstolos” e assim como

Paulo em Tessalônica acolheu com cuidado espiritual dedicado e persistente precisamente os que haviam aceito a fé (1Ts 2.12; 4.6), assim também Pedro e João saem da Samaria apenas, “depois de haver testificado cabalmente e falado a palavra do Senhor”. O retorno a Jerusalém torna-se uma viagem evangelística pelas aldeias dos samaritanos.

UM ETÍOPE ACEITA A FÉ - Atos 8.26-40

- 26 – Um anjo do Senhor falou a Filipe, dizendo: Dispõe-te e vai para o lado do Sul (ou: pelo meio-dia), no caminho que desce de Jerusalém a Gaza; este se acha deserto. Ele se levantou e foi.**
- 27 – Eis que um etíope, eunuco, alto oficial de Candace, rainha dos etíopes, o qual era superintendente de todo o seu tesouro, que viera adorar em Jerusalém,**
- 28 – estava de volta e, assentado no seu carro, vinha lendo o profeta Isaías.**
- 29 – Então, disse o Espírito a Filipe: Aproxima-te desse carro e acompanha-o.**
- 30 – Correndo Filipe, ouviu-o ler o profeta Isaías e perguntou: Compreendes o que vens lendo?**
- 31 – Ele respondeu: Como poderei entender, se alguém não me explicar? E convidou Filipe a subir e a sentar-se junto a ele.**
- 32 – Ora, a passagem (ou: teor) da Escritura que estava lendo era esta: Foi levado como ovelha ao matadouro; e, como um cordeiro mudo perante o seu tosquiador, assim ele não abriu a boca.**
- 33 – Na sua humilhação, lhe negaram justiça; quem lhe poderá descrever a geração? Porque da terra a sua vida é tirada.**
- 34 – Então, o eunuco disse a Filipe: Peço-te que me expliques a quem se refere o profeta. Fala de si mesmo ou de algum outro?**
- 35 – Então, Filipe explicou; e, começando por esta passagem da Escritura, anunciou-lhe a Jesus.**
- 36 – Seguindo eles caminho fora, chegando a certo lugar onde havia água, disse o eunuco: Eis aqui água; que impede que seja eu batizado?**
- 37 – (Filipe respondeu: É lícito, se crês de todo o coração. E, respondendo ele, disse: Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus.)**
- 38 – Então, mandou parar o carro, ambos desceram à água, e Filipe batizou o eunuco.**
- 39 – Quando saíram da água, o Espírito do Senhor arrebatou a Filipe, não o vendo mais o eunuco; e este foi seguindo o seu caminho, cheio de júbilo.**
- 40 – Mas Filipe veio a achar-se em Azoto; e, passando além, evangelizava todas as cidades até chegar a Cesaréia.**

26 Será que Filipe merece ser criticado quanto à sua atuação na Samaria? O próprio curso do relato permite depreender que uma cidade onerada pelo ocultismo era um campo de missão difícil e que um homem como Simão requeria uma percepção espiritual muito especial que Filipe evidentemente não possuía. Porém Filipe fez o que podia, e era um mensageiro reconhecido e abençoado de seu Senhor. Seu trabalho não foi em vão, ainda que viesse a ser um fruto explícito pela mediação de Pedro e João. No entanto, não foi justamente na Samaria que Jesus ensinou a palavra do serviço diversificado dos operários da colheita (Jo 4.36-38)? Mesmo que o novo trecho não diga nada a respeito de onde e quando “um anjo do Senhor falou a Filipe”, o mais plausível é imaginá-lo ainda na Samaria. Nesse caso ele se encontrava num trabalho profícuo que sucede a uma evangelização frutífera. Do mesmo modo torna-se singularmente marcante como o próprio Deus é capaz de chamar alguém para fora de um trabalho intenso e premente. “Levanta-te e vai pelo meio-dia (ou: para o Sul) para a estrada que desce de Jerusalém para Gaza; esta se acha deserta.” “Levanta-te!” corresponde à nossa expressão “Mexa-se!” Ambas as formas “pelo meio-dia” ou “para o Sul” são possíveis. Contudo, não havia necessidade de destacar expressamente que Gaza ficava ao Sul, enquanto a instrução para procurar no calor do meio-dia a estrada que então estaria completamente sem pessoas salienta a aparente “irracionalidade” da ordem divina. O adendo: “Está deserta” pode referir-se à estrada ou à localidade de Gaza – que no grego é entendida como do gênero feminino. O rei de Jerusalém, Alexandre Jannai, havia conquistado Gaza no início daquele século após duras lutas, destruindo-a completamente. Independentemente de como devemos entender os detalhes dessa frase, certo é que Filipe é enviado a um local inóspito e ermo, no qual não se podia esperar ninguém, justamente no calor do meio-dia. Sim, tão estranhas podem ser as ordens de Deus! Contudo, Deus enviou um anjo para dar essa

incumbência aparentemente absurda, a fim de que Filipe estivesse certo de que realmente é Deus quem lhe dá essa instrução, que contradizia qualquer consideração sensata.

27/28 Filipe obedece, como declara de forma marcante a breve frase que repete as palavras da ordem do anjo como executadas: “Ele se levantou e foi.” Que há para ver na estrada quente junto às ruínas de Gaza? Talvez, por um longo tempo, nada. Então, porém, como tantas vezes na Bíblia, ouve-se: “Eis!” Há tempo vem se desenvolvendo um episódio do qual Filipe não pode imaginar coisa alguma. Os mensageiros de Deus quase nunca sabem a respeito das histórias que Deus já iniciou antes que este faça com que suas testemunhas encontrem pessoas de maneira decisiva. “Eis, um homem etíope, um eunuco, oficial da corte de Candace, rainha dos etíopes, o qual era superintendente de todo o seu tesouro.” A “Etiópia” da Bíblia não é a Abissínia, que hoje é muitas vezes designada com esse nome, mas refere-se aproximadamente à região da Núbia no Sudão [*Kush*], ou seja, bem ao sul do Egito. Era governada por rainhas, que ostentavam o título “Candace”, à semelhança dos soberanos egípcios, intitulados de “faraós”. A raça dos etíopes não era negra. Traduções como a de Lutero, com “terra dos negros”, poderiam sugerir isso. São pessoas de estatura alta e hábeis guerreiros, de tez escura. É assim que devemos imaginar, portanto, esse “homem etíope”. Ele é um oficial da corte com posição de responsabilidade especial, o “ministro das finanças” da rainha. Igualmente está sendo descrito como “eunuco” (castrado). De fato, por razões evidentes, homens na corte de governantes femininas com frequência eram incapacitados de gerar filhos. Porém, por essa razão a palavra, que originalmente tinha um sentido único, sofreu uma ampliação de significado, de modo que podia designar homens em geral que detinham uma alta posição na corte. Por isso, uma tradução como a de Lutero, com “tesoureiro”, não seria incorreta.

Esse homem eminente, influente e rico traz consigo uma comovente história pessoal. Ele “viera adorar em Jerusalém. Estava na viagem de volta e, assentado em seu carro, lia em voz alta o profeta Isaías”. De acordo com a criação, a busca por Deus, um anseio pelo Deus real e vivo, reside em cada coração humano. As religiões gentílicas não foram capazes de satisfazer esse anseio. Por isso houve e há em todas as religiões e visões de mundo pessoas que estão na busca. Riqueza, posição, arte e conhecimento não conseguem satisfazê-las. Naquele tempo a missão judaica ia ao encontro dessas pessoas. A mensagem do Deus único, a visão clara da vida verdadeiramente boa e correta nos mandamentos de Deus, as maravilhosas providências na história de Israel, tudo isso atraía poderosamente os corações. Aqui havia algo que nem as religiões gentílicas nem os sistemas filosóficos tinham a oferecer. Homens que se voltavam desse modo ao judaísmo podiam ser integralmente recebidos em Israel pela circuncisão e pelo batismo de prosélitos. Outros não davam esse passo, porém no íntimo viviam sob as influências da visão bíblica de Deus e da ética bíblica. O etíope do presente trecho não é designado como “prosélito”. Se de fato era castrado, de forma alguma, conforme Dt 23.1, podia ser incorporado na comunidade do povo de Israel. Provavelmente também sua posição na corte tornava impossível uma adesão direta ao judaísmo. Porém, em seu íntimo ele foi profundamente atingido. Não tão difícil é imaginar como, afinal, pôde entrar em contato com o judaísmo. No rio Nilo, próximo à divisa do Sudão, encontra-se a ilha Elefantina, na qual existia há séculos uma colônia judaica. A partir dela a influência das luzes do AT era irradiada para as regiões adjacentes. A partir daqui também deve ter sido realizada a missão israelita direta. Conseqüentemente, esse etíope ouviu a mensagem do AT. Seu anseio, agora, é estar uma vez em Jerusalém, da qual já ouviu tantas coisas, nessa “cidade do grande rei” (Sl 48.2). Por isso não teme a viagem de duas vezes dois mil quilômetros – como homem de alto posto viajava em sua própria carruagem – a fim de “adorar” na própria Jerusalém, no templo de lá, ainda que, como “incircunciso”, tivesse de ficar distante do santuário propriamente dito. No entanto, encontrava-se no centro daquele relacionamento com Deus que o atraía e cativara intimamente. Podemos imaginar que, como estrangeiro rico e proeminente, ele estabeleceu uma série de contatos com grupos judaicos e que manteve diálogos com os mestres de Israel. Isso se confirma pelo fato de que levava para casa um precioso tesouro: o rolo de um livro do profeta Isaías. Era suficientemente rico para adquirir um bem assim. Contudo não havia em Jerusalém uma “livraria” em que simplesmente se podia comprar “fascículos da Bíblia”. Somente através de escribas o etíope pode ter conseguido uma peça dessas da Escritura Sagrada.

28-29 Agora, pois, ele está a caminho de casa e aproveita as muitas horas silenciosas em sua carruagem para ler seu tesouro recém-comprado. Obviamente a pessoa da Antigüidade lê em voz alta. Vendo chegar a carruagem pela estrada deserta, Filipe deve ter prestado muita atenção em seu

íntimo. Nesse instante ele recebe do Espírito – agora não há necessidade de um anjo – a instrução: “Sim, por causa dessa carruagem foste enviado para cá”. “Aproxima-te desse carro e acompanha-o.” Ademais, a pesada carroça de viagem da Antigüidade numa estrada que não era nenhuma avenida moderna era bastante lenta. Como Filipe fica comovido, quando nota, depois de se aproximar, com que leitura o distinto senhor na carruagem está envolvido. Na sequência lhe é concedido fazer a pergunta apropriada, assim como em milhares de casos os emissários de Jesus receberam nos lábios a palavra certa que leva ao diálogo frutífero: “Compreendes o que vens lendo?” No idioma grego ocorre um trocadilho involuntário: “*ginoskeis, ha anaginoskeis?*” O cristão Filipe tem certeza de que o outro não consegue entender verdadeiramente o AT. Afinal, está encoberto pelo “véu” que somente “em Cristo é removido” (2Co 3.14). Imediatamente temos de simpatizar com o ministro das finanças: não há irritação por causa da interrupção, nenhuma indignação com essa pergunta do estranho, mas apenas a resposta franca: “Como poderei entender, se alguém não me explicar?” De imediato ele expressa o convite a Filipe, para que suba na carruagem e se sente ao lado dele.

32-34 O etíope chegou a Is 53.7s. Visto que a palavra “escritura” no singular já significa em si “passagem da Escritura, trecho” - a Bíblia toda se chama “as Escrituras” – pode-se dar preferência ao sentido de “*perioché*” como “teor”. O trecho é reproduzido em seu inteiro teor. Não são os v. 4-6 de Is 53, tão familiares e essenciais para nós, que o etíope está abordando. Poderíamos lamentar esse fato, uma vez que aqui a formulação grega do v. 8 é de difícil entendimento para nós: “Sua geração, quem a poderá descrever? Porque tirada foi da terra a sua vida.” Curiosamente a indicação, imediatamente subsequente, para o sofrimento vicário do servo de Deus pela iniquidade de seu povo não é mais citada. Seja como for, porém, estão sendo descritas a humilhação e a maravilhosa exaltação do Servo de Deus. Na humilhação o Servo de Deus é o Cordeiro calado de Deus, que suporta e sofre em silêncio. “Por isso, na humilhação, seu direito é anulado” e “sua vida é tirada da terra” para o alto, para a glória de Deus. Em seguida o etíope fez a pergunta que se apresentava a cada leitor sério de Is 53 e que também a pesquisa do AT sempre formula: “Peço-te que me expliques a quem se refere o profeta. Fala de si mesmo ou de algum outro?” Em sua resposta Filipe não elabora os problemas da teologia do AT. Ainda que em termos meramente históricos muitas coisas careçam de elucidação, o cristão sabe com certeza do Espírito Santo: aqui se está falando de Jesus.

35 Então “Filipe se pôs a explicar e, começando por essa passagem da Escritura, anunciou-lhe a mensagem de Jesus”. Que “evangelização” preciosa na solidão e no silêncio daquela viagem!

Não devemos supor que nessa explicação Filipe ficou constantemente pregando para o homem a seu lado. O alto funcionário seguramente estava acostumado a tomar a iniciativa da palavra. E quantas coisas ele tinha que perguntar. Pelo fato de que depois, ao ver a água, pensa imediatamente no batismo, vemos quão abrangente foi toda a mensagem exposta.

36 “Prosseguindo o caminho, chegaram a uma nascente d’água, e o eunuco disse: Eis aqui, água! Que impede que eu receba o batismo? [TEB]” Para o etíope é essa a verdadeira ruptura para render-se a Jesus. Não podia (Dt 23.1) ou não queria obter a circuncisão, porém agora deseja ser batizado. Tinha obtido a certeza de que Jesus não o rejeita por ser eunuco, como Moisés. Estava decidido a que sua posição na corte não seria um empecilho para ele pertencer a Jesus. Quem “foi cativado por Jesus Cristo” não conhece mais “impedimentos”. Porém – não há muitas coisas que impedem Filipe de realizar o batismo? Será que no lugar dele nós não teríamos muitíssimas ressalvas? Que missionário no mundo gentílico, afinal, batiza depois de um único diálogo? Não seria necessário primeiro um sólido curso de batismo, um tempo mais longo de aprovação? Será que é correto tornar um único homem cristão, que em sua terra não encontrará nenhuma igreja, nenhum apoio, nenhum cuidado espiritual?

37 Com base nesse tipo de objeções um copista posterior deve ter inserido o v. 37 no presente texto, o qual não está contido nos manuscritos mais importantes: “Disse-lhe, porém, Filipe: É lícito, se crês de todo o coração. E, respondendo ele, disse: Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus.” Não era preciso, como mais tarde se tornou costume geral na igreja, que o batizando proferisse uma confissão de fé antes de ser batizado? Nosso “Credo Apostólico”, afinal, resultou de uma “confissão batismal” da igreja romana. Entretanto, se tivermos razão na tese de que Filipe não ficou o tempo todo pregando para o eunuco, mas que ouviu as reiteradas e ávidas perguntas do homem, respondendo a elas e mantendo um diálogo com ele a partir da Bíblia, então ele estava vendo o nítido trabalho do Espírito Santo nessa pessoa e reconhecia sua “fé” muito melhor e com maior profundidade do que

podia acontecer se proferisse uma “confissão” oficial. “Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus” emanava de tudo o que o etíope estava dizendo no diálogo. Essa fé, no entanto, era suficiente para a entrega ao Senhor e para ser acolhido como membro de seu corpo. Pois o “cristianismo”, afinal, não é um complexo sistema de idéias que é preciso aprender e compreender mediante um penoso esforço, mas sim a ligação renovadora da vida com Jesus, que é concedida ao surgir a fé. O “ensino dos apóstolos”, o conhecimento cada vez mais exaustivo do Deus vivo na história de salvação do AT e NT é algo subseqüente (cf. At 2.41s) e perdura pela vida toda. Conseqüentemente, o texto original deve ter soado simplesmente:

- 38** “Então, mandou parar o carro, ambos desceram à água, e Filipe batizou o eunuco.” O passo decisivo em direção a Jesus é, por natureza, sempre – um passo! Em seu cerne toda a conversão é “súbita”, assim como também cada noivado é coisa de um momento, independente da duração que tiver sua história prévia e posterior. Ademais, se o etíope não encontraria em sua terra nenhuma igreja cristã, com o que Filipe haveria de consolar esse homem, ao qual trouxera a mensagem de Jesus e que agora cria nessa mensagem? Tornando-se ele propriedade do Jesus vivo e ressuscitado, seu Senhor também o preservaria e cuidaria dele.
- 39** Provavelmente é essa certeza e sua concretização imediata que a formulação da frase seguinte visa expressar com seu curioso “pois”. “Quando saíram da água, o Espírito do Senhor arrebatou a Filipe, não o vendo mais o eunuco; pois este foi seguindo o seu caminho, cheio de júbilo.” Como a Bíblia é completamente livre de sentimentalismo e repleta de séria objetividade divina! Não existe uma continuação do convívio desses dois homens. O Espírito de Deus “arrebata a Filipe”. Não é dito de que maneira isso aconteceu. Seja como for, o homem da Etiópia está novamente sozinho. No entanto, por mais grato que tenha sido àquele que o levou até Jesus, para ele o importante não é Filipe, mas unicamente Jesus. Com que nitidez se distingue, nesse caso, a conversão do etíope da de Simão. O etíope não foi convertido apenas a Filipe, motivo pelo qual também não se agarra a ele. Aqui tudo aconteceu exclusivamente a partir da palavra divina. O etíope não admirava Filipe como um milagreiro mais poderoso do que ele mesmo. Todo seu coração estava repleto de Jesus, o Cordeiro de Deus, que carregou o pecado do mundo. Não viu mais a Filipe nem precisa vê-lo, pois agora pode “seguir seu caminho cheio de júbilo”. Talvez esse repentino desaparecimento de Filipe representasse para ele um sinal singularmente poderoso de que de fato foi a intervenção miraculosa de Deus que proporcionou a guinada decisiva em sua vida. Ademais, neste caso a obtenção do Espírito – o etíope deve ser visto plenamente como cristão – aconteceu pela atuação de Filipe sem a imposição de mãos pelos apóstolos. E novamente o recebimento do Espírito não se evidencia no “falar em línguas” por parte do tesoureiro, e sim no júbilo com que até um etíope viaja para sua terra distante e ainda não alcançada pelo cristianismo.

Chama a atenção que Lucas, que escreve Atos dos Apóstolos de modo tão sucinto e contido, não relatando nada acerca de muitas coisas que gostaríamos de saber, insere esse relato isolado em sua obra, narrando-o com tantos detalhes. Porém, seu estilo é concretizar processos históricos importantes através de exemplos isolados. O mendigo aleijado na porta Formosa nos mostra o que ocorria nas numerosas curas por meio dos apóstolos. A partir da pregação de Pedro, relatada na seqüência, podemos obter uma idéia de como, afinal, os apóstolos pregavam nos primeiros tempos. No caso de Ananias e Safira experimentamos melhor do que através de relatos genéricos a seriedade que vigorava naquela primeira igreja, e no caso do feiticeiro Simão captamos de forma paradigmática a colisão do evangelho com o contexto religioso ocultista da época. Nesse sentido, Lucas nos está mostrando no caso de Filipe como Deus usa e conduz seus mensageiros, e que características tem a “evangelização” de pessoa para pessoa, que naquele tempo teve uma importância tão grande ao lado da atividade dos apóstolos. Não apenas isso, porém. Conforme já constatamos, Lucas construiu sua obra com habilidades literárias (cf. acima, p. ... [20]). No capítulo 10 ele nos descreverá a primeira conversão de gentios através de Pedro, na mesma Cesaréia à qual acompanhamos Filipe agora no final deste capítulo. É em direção dessa conversão de gentios que as coisas se encaminham, quando na presente narrativa um etíope chega à fé viva e ao batismo. Ele não é propriamente um “gentio”. Já tem um relacionamento sólido com Israel, assemelhando-se nisso a um “prosélito”. Mas apesar disso ele não é designado como prosélito e dificilmente era castrado, representando, por isso, algo como um gentio de uma terra distante. Sim, Deus conduz a mensagem de Jesus para além das fronteiras de Jerusalém e da Judéia, até Samaria, e agora permite que um de seus mensageiros já vivencie o cumprimento da antiga palavra do salmo: “A Etiópia corre a estender mãos cheias para Deus” [Sl

68.31]. Quanto deve ter comovido também a Filipe o fato de que a conversão desse homem era ao mesmo tempo o cumprimento da promessa divina em Is 56.3: “Não fale o estrangeiro que se houver chegado ao Senhor, dizendo: O Senhor, com efeito, me separará do seu povo; nem tampouco diga o eunuco: Eis que eu sou uma árvore seca.” Foi por isso que Filipe teve de deixar sua atividade para correr até aquela localidade distante e deserta, porque Deus não deseja que nenhuma de suas palavras caia por terra.

- 40** Diante de Filipe descortina-se um novo e fértil trabalho: “Filipe, porém, foi achado em Azoto, e passando além, evangelizava todas as cidades até chegar a Cesaréia.” De Azoto, na planície litorânea ao norte de Gaza, Filipe, a caminho de Cesaréia, passou pelas cidades de Jafa, Lida, Jope, Apolônia e Antípatri. Podemos supor que a partir daquele tempo passaram a existir nessas cidades pequenas igrejas de cristãos. Em Cesaréia, Filipe ficava próximo dessas igrejas, assim como também de seu primeiro campo de trabalho na Samaria.

A CONVERSÃO E VOCAÇÃO DE SAULO - Atos 9.1-19a

- 1 – Saulo , respirando ainda ameaças e morte contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao sumo sacerdote**
- 2 – e lhe pediu cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de que, caso achasse alguns que eram do Caminho, assim homens como mulheres, os levasse presos para Jerusalém.**
- 3 – Seguindo ele estrada fora, ao aproximar-se de Damasco, subitamente uma luz do céu brilhou ao seu redor,**
- 4 – e, caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues?**
- 5 – Ele perguntou: Quem és tu, Senhor? E a resposta foi: Eu sou Jesus, a quem tu persegues;**
- 6 – mas levanta-te e entra na cidade, onde te dirão o que te convém fazer.**
- 7 – Os seus companheiros de viagem pararam emudecidos, ouvindo a voz, não vendo, contudo, ninguém.**
- 8 – Então, se levantou Saulo da terra e, abrindo os olhos, nada podia ver. E, guiando-o pela mão, levaram-no para Damasco.**
- 9 – Esteve três dias sem ver, durante os quais nada comeu, nem bebeu.**
- 10 – Ora, havia em Damasco um discípulo chamado Ananias. Disse-lhe o Senhor numa visão: Ananias! Ao que respondeu: Eis-me aqui, Senhor!**
- 11 – Então, o Senhor lhe ordenou: Dispõe-te, e vai à rua que se chama Direita, e, na casa de Judas, procura por Saulo, apelidado de Tarso; pois ele está orando**
- 12 – e viu (em visão) entrar um homem, chamado Ananias, e impor-lhe as mãos, para que recuperasse a vista.**
- 13 – Ananias, porém, respondeu: Senhor, de muitos tenho ouvido a respeito desse homem, quantos males tem feito aos teus santos em Jerusalém;**
- 14 – e para aqui trouxe autorização dos principais sacerdotes para prender a todos os que invocam o teu nome.**
- 15 – Mas o Senhor lhe disse: Vai, porque este é para mim um instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel;**
- 16 – pois eu lhe mostrarei quanto lhe importa sofrer pelo meu nome.**
- 17 – Então, Ananias foi e, entrando na casa, impôs sobre ele as mãos, dizendo: Saulo, irmão, o Senhor me enviou, a saber, o próprio Jesus que te apareceu no caminho por onde vinhas, para que recuperes a vista e fiques cheio do Espírito Santo.**
- 18 – Imediatamente, lhe caíram dos olhos como que umas escamas, e tornou a ver. A seguir, levantou-se e foi batizado.**
- 19a – E, depois de ter-se alimentado, sentiu-se fortalecido.**

A trajetória de Paulo antes de sua primeira viagem missionária: marcha para Damasco (At 9.1-9); permanência na Arábia (Gl 1.17); retorno para Jerusalém (At 9.26-28; Gl 1.18s); permanência em Tarso (At 9.30; Gl 1.21); viagem para Antioquia (At 11.25s); viagem a Jerusalém com a oferta da igreja da Antioquia e retorno (At 11.30; Gl 2.1-10).

- 1/2** Fomos conduzidos às imediações da missão aos gentios. Nosso olhar não apenas se dirigiu de Jerusalém a Samaria, mas já para uma terra remota, a Núbia, para a qual retorna uma pessoa que aceitou a fé em Jesus. Será que agora não haverá continuidade? Acaso não seguirá o relato de que

Pedro é conduzido até verdadeiros gentios, presenciando neles a irrupção da graça de Deus? At 10.1 se conectaria nitidamente a At 8.40! Mas Lucas interpõe um retrospecto. Diante do júbilo pelo etíope não devemos esquecer: “Saulo, respirando ainda ameaças e morte contra os discípulos do Senhor.” Jesus leva avante sua causa, mas quem é cristão continua correndo risco de vida. Em Jerusalém os cristãos sofrem. De forma ameaçadora o perigo segue se projetando para regiões mais afastadas. Porque Saulo “dirigiu-se ao sumo sacerdote e lhe pediu cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de que, caso achasse alguns que eram do Caminho, assim homens como mulheres, os levasse presos para Jerusalém”. Damasco era uma cidade importante no declive oriental do Antilíbano. Ela é mencionada no AT já em tempos antigos: Elieser, servo de Abraão, é originário de Damasco, em Gn 15.2; Naamã louva “Abana e Farfar, rios de Damasco” em detrimento de todas as águas de Israel (2Rs 5.12). Damasco era a capital do reino da Síria, que se tornou bastante perigoso para Israel (Is 9.10s, naturalmente também em Is 7.3-9). Parece ter havido um contato especialmente estreito entre os judeus de Damasco e de Jerusalém para que Paulo suspeite que justamente ali haja cristãos e para que por outro lado o sumo sacerdote possa pressupor ali obediência segura às suas ordens. Também a reação de Ananias no v. 13 revela essa ligação: Ananias foi informado a respeito de Saulo e dos acontecimentos em Jerusalém por “muitos”. Saulo não tem muita certeza se já existem “cristãos” em Damasco e se seu número é grande ou pequeno: “caso achasse alguns que eram do Caminho”. Esse dado combina bem com a circunstância de que ali ainda não fora realizada nenhuma missão direta a partir dos apóstolos. Damasco faz parte das localidades – à semelhança de outras cidades importantes como Antioquia e Roma – em que o cristianismo “se infiltrou”, sem ter acesso através de uma evangelização por parte de homens notáveis. Não sabemos por que Saulo, depois de destruir a igreja em Jerusalém, dirige seu olhar precisamente para Damasco. Mas também nesse caso está levando o extermínio dos “cristãos” terrivelmente a sério. Por isso ele planeja deter tanto as mulheres como os homens. Esse detalhe deixa claro que desde o começo a mulher obteve no cristianismo uma importância bem diferente do que em Israel ou nas religiões gentílicas. Saulo também precisa aniquilar as mulheres crentes se planeja acabar com o cristianismo.

Até At 13.9 o apóstolo Paulo é designado unicamente com seu nome hebraico “Saulo”. Como Paulo possuía a cidadania romana por nascimento (At 22.28), desde o início ele também deve ter usado o nome romano “Paulo” (= o pequeno) junto com seu nome judaico “Saulo”. Em Atos dos Apóstolos também encontramos outros nomes duplos: José, chamado Barsabás, cognominado Justo (At 1.23), João-Marcos (At 12.12), Silas e Silvano (At 15.40; 1Ts 1.1). No contexto helenista, homens judeus gostavam de se chamar por um nome grego. Agora, porém, ao agir ardorosamente, Paulo está no meio de seu povo judeu como “Saulo”, do mesmo modo como mais tarde estará na missão aos gentios como “Paulo”.

- 1-6** Ele “respira ameaça e morte contra os discípulos do Senhor”, isso é uma expressão significativa. Todo seu ser está ardente e mortalmente repleto do antagonismo aos cristãos. Isso corresponde exatamente à sua própria descrição em Gl 1.13. Embora ele fosse aluno de Gamaliel (At 22.3), nessa questão ele divergia radicalmente de seu mestre. O temperamento e propensão natural têm importância. Por que deveríamos menosprezar essas forças? Sem dúvida, a mão formadora do artista é decisiva, porém o artista sabe muito bem que material ele utiliza para cada uma de suas obras! O ímpeto e a paixão fazem parte das grandes realizações históricas, também na igreja de Deus. Como professor, alguém como Felipe Melanchthon era capaz de realizar coisas proeminentes para a Reforma, mas não podia tornar-se um reformador que abalasse o mundo. Também nesse sentido Saulo de Tarso foi um “instrumento escolhido”. O próprio Jesus não poderia ter desencadeado o que fez através de Paulo com alguém como Gamaliel, mesmo depois de sinceramente convertido. Por natureza, Gamaliel via um lado da verdade: contra a vontade de Deus não se pode investir nem negativa nem positivamente. Saulo via o outro lado: à vontade de Deus temos de nos entregar com empenho total! Cumpre defender a honra de Deus com todos os meios contra os que blasfemam contra ela. Saulo testemunhou e expôs isso de forma suficientemente clara com base na lei: Lv 24.10-16; Êx 32.26-28; Nm 25.1-5. Via a inevitável opção: ou esse Jesus era de fato o Messias de Israel, e nesse caso era preciso servir-lhe com cada gota de sangue, ou ele era um falso Messias, um blasfemo, pendurado com razão no madeiro maldito, e nesse caso era imperioso castigar com a morte e aniquilar a todos que ainda continuavam a propagá-lo como o Messias. Afinal, eram filhos de Israel que andavam nesse “Caminho”, nesse terrível descaminho. Por essa razão o “fariseu” Saulo se dirige

sem rodeios ao sumo sacerdote, o líder dos “saduceus”. É unânime com ele no desejo de aniquilar os cristãos.

Esse Saulo é “convertido”? De que modo? O ser humano moderno tem a predileção de procurar por mediações psicológicas. Será que naquele tempo Paulo já sentia pessoalmente a aflição da lei, que ele mais tarde delineia de forma tão clara e aguçada? Não! Paulo não foi um Martinho Lutero! Não é Rm 7.7ss, mas Fp 3.3ss que constitui sua autobiografia. “Quanto à justiça que há na lei, irrepreensível”, era assim que o fariseu Saulo se considerava, motivo pelo qual via na última frase do discurso de Estêvão uma blasfêmia que merecia a morte. Contudo, será que a morte de Estêvão causou nele uma impressão negativa profunda? Acaso não ficou inseguro? Em At 8.1; 9.1 Lucas nos atesta o contrário. Com razão Lucas intercepta todos esses raciocínios modernos. A conversão de Saulo é exclusivamente obra de Jesus por meio da súbita intervenção na vida de seu inimigo. Em todos os sentidos reveste-se de um caráter incrivelmente objetivo, o qual temos de perceber se queremos compreender corretamente o relato bíblico e toda a “teologia” de Paulo. Ela não se processa pela ruptura de novas idéias. A derrubada completa do arcabouço intelectual anterior e a construção de uma nova “teologia” se processa somente como consequência da conversão. Essa, porém, tampouco é uma efervescência de sentimentos profundos. Aqui – como sempre na Bíblia – os sentimentos não passam de acessórios do verdadeiro acontecimento, sendo referidos apenas de maneira muito reservada. Não, contra a convicção motora básica de Saulo: “Jesus – o Cristo, Jesus, o Messias – isso é a blasfêmia!” Jesus oferece a verdadeira contraprova: “Jesus – o Cristo, Jesus, o Messias – isso é a realidade divina”. Diante disso a existência de Saulo ruiu completamente. Contudo esse mesmo Jesus apossou-se dessa existência destruída e de seu serviço. E Saulo obedeceu. Essa é a conversão de Paulo. É assim que Lucas a descreve: “Seguindo ele estrada fora, ao aproximar-se de Damasco, subitamente uma luz do céu brilhou ao seu redor, e, caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? Ele perguntou: Quem és tu, Senhor? E a resposta foi: Eu sou Jesus, a quem tu persegues; mas levanta-te e entra na cidade, onde te dirão o que te convém fazer.”

- 7 “Os seus companheiros de viagem pararam emudecidos, ouvindo a voz, não vendo, contudo, ninguém.” Em At 22.9 o fenômeno é descrito de forma contrária: “Os meus companheiros viram bem a luz, mas não ouviram a voz que me falava” [TEB]. O primeiro cristianismo podia relatar o mesmo acontecimento com total despreocupação pelos detalhes! Como os narradores não eram apreensivos, como tinham certeza da causa que relatavam! Em ambos os casos atesta-se o mesmo fato: a revelação de Jesus propriamente dita foi recebida apenas por Saulo; contudo ela não é mera visão interior. Ela é um episódio tão objetivo que também os companheiros de Saulo notam algo dele e depois ficam perplexos. O próprio Paulo distinguiu o encontro com Jesus de todas as simples “visões”, acrescentando-o às experiências da Páscoa, obviamente como uma aparição final e extraordinária após a Ascensão (1Co 15.8). Com isso ele se insere na série de “testemunhas da ressurreição”, alicerçando sobre esse fato sua autoridade apostólica (At 1.22; 1Co 9.1).
- 4 “Saulo, Saulo, por que me persegues?” A insistência da interpelação dupla também pode ser encontrada em outros textos da Bíblia (Gn 22.11; Êx 3.4). A repreensão de Jesus não apenas expressa que ele se posiciona integralmente ao lado de sua igreja perseguida e que sente tudo o que ela tem de sofrer como se fosse cometido contra ele próprio. Antes fulmina certeira e no centro de todo o empreendimento de Saulo. Ele tenta deter os cristãos, porém na realidade visa unicamente – a Jesus! Em seu coração já está lidando o tempo todo com o próprio Jesus. Por isso seu zelo é marcado por aquele absurdo que caracteriza muitas perseguições até hoje: o ardente ódio se dirige contra o Deus e contra o Cristo que supostamente nem sequer existem, e que acabam sendo confessados como realidade justamente por meio de seu ódio. A mim tentas aniquilar e exterminar, Saulo – por quê? Que fiz a ti? Ao mesmo tempo, citando esse antigo nome honorífico hebreu da Bíblia, Jesus já estabelece uma sólida relação com seu inimigo. Tu me odeias – eu não te odeio, eu te chamo pelo nome. Recordamos o que já aprendemos (acima, p. ... [81]) sobre a estreita relação entre “nome” e “pessoa”.
- 5 Como resposta, Saulo apenas gagueja: “Quem és tu, Senhor?” O perseguidor Saulo é incapaz de reconhecer a Jesus, assim como o discípulo e testemunha Estêvão o reconhece de imediato (At 7.55). Saulo foi cegado pelo clarão, e não obstante já pode ter havido em sua pergunta a conotação: “Jesus – realmente és tu? Portanto, de fato és – o Senhor?” Então, como resposta a essa pergunta, ouve-se o grande “Eu sou!” da boca do Senhor ressuscitado e exaltado. Quando estava na terra Jesus já dissera

a seus adversários fariseus: “Se não credes que eu sou, morrereis nos vossos pecados” (Jo 8.24). Saulo, crê agora que “eu sou”, e sê salvo! Com essa palavra Jesus já conquistou a vitória sobre seu perseguidor e está tão plena e tranqüilamente seguro que ele inicia imediatamente aquele relacionamento com Paulo que a partir desse instante configurará toda a vida desse homem. Jesus dispõe de Paulo:

- 6** “Mas levanta-te e entra na cidade, onde te dirão o que te convém fazer.” Em sua auto-apresentação em At 26.16s Paulo reproduziu o episódio sucintamente como se, na seqüência, o próprio Jesus tivesse pronunciado a vocação e o envio de Saulo. Aqui, porém, somos informados de que Jesus remete seu servo ao que lhe será dito na cidade. Por um lado isso significa um exercício de obediência, necessário a essa pessoa forte e voluntariosa. Contudo, significa também misericórdia: a Saulo é dado tempo para trabalhar intimamente a derrocada de toda a sua vida antes de obter a nova incumbência.
- 8-9** “Saulo se levantou do chão, mas embora tivesse os olhos abertos, não enxergava mais nada, e foi conduzindo-o pela mão que os seus companheiros o fizeram entrar em Damasco [TEB].” Talvez devêssemos traduzir: “Saulo, porém, foi levantado do chão”. Não tinha condições de se erguer sozinho. Acontece com todos nós que abalos interiores também repercutem e se documentam fisicamente. Corpo e alma estão estreita e profundamente interligados. “Esteve três dias sem ver, durante os quais nada comeu, nem bebeu.” Havia acontecido uma “conversão” que de fato revolvía a vida de um homem tão radicalmente, tão profundamente como raramente ocorre. A vida que estava sendo quebrantada não trazia em si a marca nítida do pecado, razão pela qual já soubesse no fundo do coração de sua perdição. Aqui repentinamente se manifestou como pecado e hostilidade contra Deus o que até aquele instante parecia ser a mais sublime justiça, a mais verdadeira devoção, o mais desprendido zelo por Deus. Saulo de Tarso teve de passar pela experiência que mais tarde expõe aos romanos, em Rm 7.13: justamente na justiça imaculada que ele pensava ter alcançado o pecado se tornara “sobremaneira maligno”, e o mais devoto dos homens de Israel se tornara “o principal entre todos os pecadores” (1Tm 1.15). E somente um único aspecto surpreendente permaneceu como fato nessa noite de lamento: Jesus não o havia aniquilado nem rejeitado! O interrogatório a que ele foi submetido não incluía ira e juízo, mas misericórdia e amor!
- O próprio Jesus afirmou sobre Saulo nesses dias de cegueira: “Eis que ele está orando.” Saulo tenta organizar os fatos através da oração e do jejum. De imediato, forçosamente estas duas perguntas devem tê-lo assediado, firmando-se como vértices de seu pensamento: “Por que o Messias se tornou o Crucificado?” e “O que significa a lei?” Contudo essas perguntas não eram questões “teológicas” atacadas por um pensador audacioso e impassível sua escrivãzinha - eram perguntas sobre sua própria existência. Ambas as perguntas estão estreitamente interligadas e foram solucionadas em conjunto. Pelo fato de que nossa justiça se torna, mediante a lei, um pecado mortal, o Messias morre no madeiro maldito, efetuando assim a justiça completamente nova e verdadeira, que vale perante Deus, a justiça mediante a fé. Visto que precisamos ser conduzidos para essa verdadeira justiça que vale perante o santo Deus, a lei “interveio para que proliferasse a falta” (Rm 5.20 [TEB]).
- 10-12** Na seqüência Jesus age na vida de Saulo através de Ananias, assim como repetidamente realiza sua obra em um irmão por intermédio de outro irmão. Comunica-se com Ananias através de uma “visão”, que dificilmente podemos imaginar como uma visão em sonho, pois Ananias vai imediatamente até Saulo, e não poderia ter entrado numa casa estranha à noite. Ao mesmo tempo, Saulo recebe uma visão correspondente, que o prepara para a vinda de Ananias. Isso era necessário ao abalado Saulo. A “rua Direita” era conhecida como suntuosa avenida larga. Os judeus da cidade evidentemente eram ricos e respeitados, de sorte que um homem como Judas tinha meios de morar nessa rua.
- 13-16** Instintivamente Ananias levanta objeções. A intenção de Lucas não deve ter sido afirmar que Ananias queria dizer a Jesus: “Para lá não quero ir, tenho medo.” Pelo contrário, o diálogo entre Ananias e seu Senhor trata do “nome” de Jesus. Ananias alega: “Afim, esse homem merece transigência e graça?” “E para aqui trouxe autorização dos principais sacerdotes para prender a todos os que invocam o teu nome.” Também Ananias percebe que no ataque de Saulo aos cristãos o alvo real é o nome de Jesus. Apenas a partir desse dado a resposta de Jesus ganha impacto e magnitude: “Vai, porque este é para mim um instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel.” Precisamente aquele que queria exterminar o nome de

Jesus da terra levará esse nome para dentro do mundo como mais ninguém. Agora ele expõe cristãos ao sofrimento, porque professam o nome de Jesus. Porém “eu mesmo lhe mostrarei quanto precisará sofrer pelo meu nome” [TEB]. Vemos que o conceito do “nome” de Jesus perpassa todas as frases. Isso corresponde precisamente à importância que o “nome de Jesus” também tinha nas ações, nas lutas e nos sofrimentos dos apóstolos e da primeira igreja nos capítulos 3-5.

O “sofrer pelo nome de Jesus” aqui prenunciado não é uma circunstância ocasional derivada da atuação que, afinal, terá de ocorrer. Pelo contrário, o sofrimento é parte necessária da atuação e como tal constitui uma parcela essencial dessa atuação. O sofrimento não tolhe nem debilita o “instrumento escolhido”, mas na verdade o produz. Foi exatamente assim que o próprio Paulo encarou a situação, afirmando isso em poderosas declarações sobre si próprio: 1Co 4.9-13; 2Co 4.7-12; 11.23-30; Fp 3.10. Mais uma vez Lucas prova ser um autêntico seguidor de Paulo, ao mostrar repetidamente em sua narrativa que é justamente sofrendo que Paulo atua e vence.

Não deixa de ser importante a circunstância de que Saulo não é eleito apenas o “apóstolo dos gentios”. Não, ele também deve levar o nome de Jesus “perante os filhos de Israel”. A grande distribuição geográfica que Paulo e os homens dirigentes em Jerusalém fizeram conforme Gl 2.9 é um acerto humano que tão somente demarcou as grandes linhas, mas não proibiu Paulo de falar sobre Jesus também a seus irmãos israelitas. Ele não teria sido capaz, conforme Rm 9.1-4, de passar por eles calado, silenciando diante de Israel sobre a notícia de seu Messias crucificado! Sua vocação lhe proporcionava uma boa consciência nisso, por meio da palavra do próprio Senhor Jesus, quando até mesmo nas “nações” se dirigia primeiro à sinagoga e somente então, com a rejeição desta, obtinha livre espaço para a “missão aos gentios”. Ele mesmo declara exatamente esse princípio em Rm 11.11-15.

- 17** Depois disso Ananias obedece, e o faz de modo cordial e cabal. Imediatamente concede a esse inimigo e perseguidor o nome de irmão e “impôs sobre ele as mãos... para que recuperes a vista e fiques cheio do Espírito Santo”. Esse aspecto explicita duas coisas. A cura da cegueira e a concessão do Espírito Santo são vinculados à imposição das mãos pelo irmão. Tão importante é para Jesus a irmandade dos seus. Ao mesmo tempo, a ação de Jesus adquire determinação e clareza inequívocas. A cura não é “acaso” ou “natureza”, mas a dádiva do próprio Jesus pela mão do irmão. Para isso, no entanto, não há necessidade da mão de um importante apóstolo. Um simples cristão como Ananias pode fazê-lo. Com isso se combate qualquer equívoco quanto à narrativa de At 8.15-17. A imposição de mãos não é “sacramental” nem “hierárquica”.
- 18** “Imediatamente lhe caíram dos olhos como que umas escamas, e tornou a ver. A seguir, levantou-se e foi batizado.” Pela imposição de mãos de Ananias Saulo obteve não apenas a cura, mas também o Espírito Santo. Com isso ele não tem tudo de que precisa? Não obstante, para ele é óbvio que “levantou-se e foi batizado”, ao que parece como ato contínuo por parte de Ananias. O batismo não é um “problema”, nem está onerado com complexas questões teológicas. Ele documenta que alguém pertence a Jesus e sua igreja. Saulo não espera que somente pelo batismo se torne cristão e obtenha a graça de Jesus e o Espírito Santo. Ele já é propriedade de Jesus, recebeu a graça de seu Senhor e o Espírito Santo, ele é “instrumento escolhido”. Contudo, por essa razão não despreza o batismo. Por meio dele sepulta toda a sua vida antiga na morte do Senhor (Rm 6.3s), deixa selar-se no fato de estar crucificado “com” Cristo (Gl 2.19) e, conseqüentemente, considera-se morto perante o pecado e vivo para Deus em Cristo Jesus, seu Senhor (Rm 6.11). Ao mesmo tempo, o batismo o insere na igreja.
- 19a** Com o batismo acaba seu jejum: “Alimentou-se e recuperou as forças.” Não era mais tempo de luto. Tomou sua primeira refeição, com certeza do mesmo modo como o primeiro cristianismo em Jerusalém: louvando a Deus com júbilo e singeleza de coração (At 2.46). Cumpre supor que para ele essa refeição também se tornou ao mesmo tempo a celebração da “ceia do Senhor”. Então o “recuperar as forças” era físico e espiritual, fortalecendo, na unidade de “refeição” e “celebração da ceia do Senhor”, toda a pessoa de Saulo para o imenso serviço que começaria imediatamente.

A PRIMEIRA ATUAÇÃO DE SAULO EM DAMASCO E JERUSALÉM E SEU TÉRMINO - Atos 9.19b-30

19b – Então, permaneceu em Damasco alguns dias com os discípulos.

20 – E logo pregava, nas sinagogas, a Jesus, afirmando que este é o Filho de Deus.

- 21 – Ora, todos os que o ouviam estavam atônitos e diziam: Não é este o que exterminava em Jerusalém os que invocavam o nome de Jesus e para aqui veio precisamente com o fim de os levar amarrados aos principais sacerdotes?**
- 22 – Saulo, porém, mais e mais se fortalecia e confundia os judeus que moravam em Damasco, demonstrando que Jesus é o Cristo.**
- 23 – Decorridos muitos dias, os judeus deliberaram entre si tirar-lhe a vida;**
- 24 – porém o plano deles chegou ao conhecimento de Saulo. Dia e noite guardavam também as portas, para o matarem.**
- 25 – Mas os seus discípulos tomaram-no de noite e, colocando-o num cesto, desceram-no pela muralha.**
- 26 – Tendo chegado a Jerusalém, procurou juntar-se com os discípulos; todos, porém, o temiam, não acreditando que ele fosse discípulo.**
- 27 – Mas Barnabé, tomando-o consigo, levou-o aos apóstolos; e contou-lhes como ele (Paulo) vira o Senhor no caminho, e que este lhe falara, e como em Damasco pregara ousadamente em nome de Jesus.**
- 28 – Estava com eles em Jerusalém, entrando e saindo, pregando ousadamente em nome do Senhor.**
- 29 – Falava e discutia com os helenistas; mas eles procuravam tirar-lhe a vida.**
- 30 – Tendo, porém, isto chegado ao conhecimento dos irmãos, levaram-no até Cesaréia e dali o enviaram para Tarso.**

19b Saulo convertido e batizado – como a história continua? Da forma mais natural: “Permaneceu em Damasco alguns dias com os discípulos.” Saulo não conhecia um cristianismo particular. Jesus não é simplesmente um Salvador pessoal para indivíduos, mas, como seu Redentor, é ao mesmo tempo seu “Kyrios” e o “Messias”. Conseqüentemente, Saulo pertence aos irmãos e busca sua comunhão. Que situação deve ter sido aquela, para ambos os lados! Saulo partira para aprisioná-los e arrastá-los para o processo capital em Jerusalém. Agora está como irmão entre eles, e faz parte deles.

20 Nisto, porém, Saulo revela-se por inteiro: “E logo pregava, nas sinagogas, a Jesus.” É próprio de sua natureza empenhar-se resolutamente. Ao mesmo tempo, porém, ele também entendeu sua conversão da forma correta. Afinal, desde o início ela não foi simplesmente sua própria salvação e bem-aventurança, mas vocação para o serviço. E para Paulo esse serviço não era um adendo amargo para a doce salvação recebida. Ele sempre percebia a profundidade da misericórdia que lhe fora concedida (2Co 4.1; 1Tm 1.12s) justamente na incumbência do serviço. Por essa razão ele imediatamente se torna o “arauto” de seu Rei. Novamente usa-se o termo “ser arauto” para “proclamar”. As sinagogas – nas cidades grandes com numerosa população de judeus havia sempre várias casas de oração judaicas – são o local em que deve soar o grito do arauto para o Rei de Israel.

O conteúdo de sua proclamação é uma única frase de significado imensurável: “Este é o Filho de Deus.” Pedro falara aos israelitas acerca do “Servo de Deus”. Não tocara no mistério da pessoa de Jesus. Paulo, porém, imediatamente vai além. Sua experiência no encontro com Jesus e o que entendeu sobre Jesus a partir disso fez com que captasse a ligação integral de Jesus com Deus. De acordo com o entendimento judaico o Messias também podia ser um simples ser humano. Paulo, porém, viu: o Messias Jesus não se encontrava entre as pessoas, nem mesmo como a maior e mais gloriosa delas. Ele veio de Deus e subsistia “em forma de Deus” (Fp 2.6).

21-22 Entre os judeus de Damasco formam-se perplexa confusão e consternação, porque Paulo não se deteve em reflexões teóricas acerca de Jesus, mas “demonstrou que esse é o Messias”. Assim, cada israelita estava sendo confrontado com a decisão prática. É preciso estar à disposição do Messias de Israel com todo o coração e toda a vida. Paulo “demonstrou” isso com base na Sagrada Escritura. Lucas ainda há de mostrar isso em exemplos de discursos de Paulo em sinagogas.

21-23 Porventura os judeus não precisam se dar por convencidos se um homem como Saulo, o outrora perseguidor dos cristãos, lhes diz e demonstra a verdade? É assim que nós pensamos! Contudo, freqüentemente fica provado que nem os mais admiráveis milagres nem as guinadas na vida de personalidades influentes vencem o coração humano renitente. A resistência do coração contra a conversão é profunda demais. Paulo está experimentando pela primeira vez o que mais tarde expressou em 2Co 3.15s: também a prova da Escritura de nada adianta na sinagoga, porque sobre o AT paira o “véu” que somente é retirado através da conversão a Jesus. No entanto, essa mensagem

não pode deixar ninguém indiferente. Se ela não levar à conversão, levará – o que Saulo bem sabe – à rejeição ferrenha. “Decorridos muitos dias, os judeus deliberaram entre si tirar-lhe a vida.” Saulo não pode festejar seu primeiro triunfo em Damasco, mas de imediato precisa conhecer o sofrimento por causa de Jesus. Experimenta, porém, também sua salvação, como ele descreveu pessoalmente em 2Co 11.32-33. Esse primeiro perigo de morte ficou inesquecivelmente gravado em sua memória, mas na listagem de seus sofrimentos em 2Co 11 ele ainda o acrescenta de forma especial. Igualmente foi a primeira vez que experimentou que a pessoa que Deus planeja usar não está perdida, ainda que sua situação pareça humanamente insolúvel e que um poderoso governante vigie cautelosamente todos os portões.

- 26** “Tendo chegado a Jerusalém...” A narrativa dos vv. 26-30 parece estar em contradição com o que o próprio Paulo afirmou em Gl 1.18-20 sobre sua primeira permanência em Jerusalém. Ainda que tenham transcorrido “muitos” dias até o atentado e a fuga de Damasco (v. 23), eles de forma alguma perfazem “três anos”, como Paulo escreve em Gl 1.18. Porém Lucas, que em muitos pontos de seu livro deixa de apresentar em detalhe tudo o que indubitavelmente aconteceu, não menciona o que nos informa o próprio Paulo: “Parti para as regiões da Arábia e voltei, outra vez, para Damasco” (Gl 1.17). Saulo não permaneceu ininterruptamente em Damasco, mas de lá foi para a “Arábia”. Essa região não era a Arábia de hoje, que representa apenas um remanescente do grande reino dos nabateus, mas que no tempo dos apóstolos se estendia até Damasco, tendo como capital Petra (a antiga Edom). Diversas pessoas levantaram a suposição de que Paulo teria vivido ali alguns anos de silêncio e reclusão, a fim de refletir sobre toda a sua concepção do cristianismo, e preparando-se assim para seu ministério futuro. Porém a “Arábia” não era um deserto tranqüilo: no tempo dos nabateus era uma região civilizada conquistada diante do deserto, com cidades ativas; por outro lado, nessa hipótese Paulo é visto erroneamente como teólogo cismador. O Saulo que “logo” atua como arauto de Jesus nas sinagogas e que “demonstra” sua dignidade de Messias e de Filho de Deus não carecia desse tempo de quietude. Não, ele esteve atuando como missionário nas cidades da Arábia. E somente então, quando “voltou outra vez a Damasco” e deu prosseguimento à atividade evangelística, o conflito extremo eclodiu.
- 27** O informe pessoal de Paulo sobre sua permanência em Jerusalém leva a supor, a princípio, apenas uma breve e tranqüila visita a Pedro. E, com base em Gl 1.19 certamente temos de corrigir a referência sintética de Lucas: “Mas Barnabé, tomando-o consigo, levou-o aos apóstolos”: Paulo viu na ocasião somente a Pedro e o irmão do Senhor, Tiago. É o que ele assevera expressamente. Do mesmo modo, porém, a breve nota da carta aos Gálatas é incompleta, porque no contexto da carta o interesse de Paulo se concentra numa única coisa, que é explicitar toda sua autonomia e independência em relação aos primeiros apóstolos. Num ponto, no entanto, o relato de Lucas não suscita dúvidas: Paulo chega aos apóstolos como cristão e testemunha de Jesus de forma totalmente independente: “E contou-lhes como ele vira o Senhor no caminho, e que este lhe falara, e como em Damasco pregara ousadamente em nome de Jesus.” É compreensível que mesmo depois dos três anos de trabalho em Damasco e na Arábia houvesse suspeitas e rejeição entre os cristãos de Jerusalém contra o perseguidor de outrora. Haviam sofrido demais por meio dele. Não é explicado por que Barnabé o avaliou de outra maneira e foi tomado de plena confiança nele. Entretanto, essas coisas não acontecem com grande frequência? Mais tarde o vínculo especial entre Paulo e Barnabé fica flagrante.
- 28-30** Por que a amizade não poderia ter surgido assim como Lucas relata agora? Contudo - Saulo proclamando em Jerusalém? Gl 1.18-20 não diz nada a respeito. No entanto, sempre é questionável tirar “conclusões do silêncio” das fontes. E temos do próprio Paulo um testemunho de seu trabalho evangelístico em Jerusalém. Ele descreve seu trabalho aos romanos, dizendo: “De maneira que, desde Jerusalém e circunvizinhanças até ao Ilírico, tenho divulgado o evangelho de Cristo” (Rm 15.19). “Desde Jerusalém” – ele pode ter prestado esse serviço de evangelização em Jerusalém nessa primeira visita e outra vez por ocasião do concílio dos apóstolos. Conforme Gl 1.18, esteve “quinze dias com Pedro”. Afinal, esse período incluía dois sábados, nos quais ele podia declarar, no mesmo local em que Estêvão falara aos “helenistas” (cf. acima, p. ...[136]), por que o rigoroso oponente de Estêvão agora estava crendo em Jesus. É óbvio que no caso dele isso levou a “discussões”. O resultado não era diferente daquele em Damasco: “Mas eles procuravam tirar-lhe a vida.” Um “renegado” desse porte e tão importante não pode continuar vivo. Por mais que o tinham prezado no passado, tanto mais indignados estão agora. Os irmãos “levaram-no até Cesaréia e dali o enviaram

para Tarso”. A circunstância de que o próprio Paulo menciona “as regiões da Síria e Cilícia” (Gl 1.21) de forma mais ampla e indefinida deve estar relacionada ao fato de que ele na verdade procurou sua cidade natal Tarso como primeiro local de refúgio, mas que não continuou inativo por lá. Pelo contrário, a partir de Tarso anunciava a mensagem para toda a província. Outra razão é que ele insere a atividade em Antioquia que aconteceria em breve (At 11.25s), em sua visão panorâmica. Informações sobre as igrejas na Síria e Cilícia são dadas em At 15.23 e 15.41. Devem ter surgido durante o tempo em que Paulo se pôs a atuar a partir de Tarso. Muitas perguntas que gostaríamos de ver respondidas permanecem abertas: será que naquele tempo os pais de Paulo ainda viviam? Será que acolheram o filho? Conseguiu conquistá-los para Jesus? Qual era a situação das “igrejas” fundadas naquele tempo? Será que sua composição já era basicamente “gentílico-cristã”? Precisamos supô-lo de acordo com At 15.3,12,23ss. Porém, como gostaríamos de saber maiores detalhes!

26-30 Resta uma tensão perceptível entre a descrição de Lucas e as frases sucintas de Paulo na carta aos Gálatas. De acordo com Gl 1.18-20 não se imaginaria uma atividade tão viva e intensa de Paulo em Jerusalém como a descreve a presente passagem; e diante deste trecho não se pensaria que se tratou de uma breve visita somente a Pedro, na qual Paulo não viu nem falou com outro apóstolo além deste. No entanto, enquanto vivermos neste mundo e tempo, essas diferenças permanecerão inevitáveis na descrição de eventos do passado. Cada um de nós pode fazer o teste, solicitando a seus filhos que relatem os eventos de sua vida familiar. Quantas coisas se apresentam de outro modo na perspectiva deles do que na recordação dos pais! Apesar disso, ambas as partes presenciaram aquele evento e informam a seu respeito conforme seu melhor conhecimento e sua consciência. Portanto, também precisamos suportar a diferença dos relatos de Atos dos Apóstolos e carta aos Gálatas. Ela é sinal de que não temos diante de nós construções da história, mas memória viva de uma história de fato vivenciada. A rigor, também em Lucas se pode constatar uma diferença considerável na narrativa desses dias em Jerusalém. At 9.29s não nos permite esperar nada do que é relatado em At 22.17-21. Apesar disso, não reputaremos Lucas como uma pessoa de mente confusa que no capítulo 22 não sabe mais o que escreveu no capítulo 9! A realidade sempre é mais rica e multifacetada do que imaginamos, em vista do que ocasiona descrições muito diferenciadas que até podem escorregar para a “contradição”.

Independentemente de qual seja, porém, a realidade de Gl 1.18s e At 9.26ss, o fato de que Paulo agora se dirige a Jerusalém e conhece pessoalmente os homens dirigentes da primeira igreja possui importância fundamental para toda a história posterior do incipiente cristianismo. Havia uma relação de confiança entre as “colunas” em Jerusalém e Paulo, que não foi abalada nem mesmo em graves provas de fidelidade (Gl 2.7-10; 1Co 15.11; At 15.24-26). Ao mesmo tempo, Paulo soube da boca do discípulo dirigente e do irmão de sangue de Jesus detalhes da história do Senhor que ele repassou às igrejas; cf. a expressão já cunhada no contexto rabínico: “recebi – entreguei” em 1Co 11.23; 15.3. Como isso é importante para nós e nossa certeza histórica a respeito de Jesus! Paulo não construiu um mundo de concepções esquisitas de diversos elementos estranhos diante do “evangelho singelo”, mas examinou e formulou sua mensagem pelo menos durante 14 dias num convívio especial com Pedro e Tiago, com base nas experiências e nos conhecimentos desses homens que conheciam Jesus de longos anos de contato estreito, e constatou: “Seja eu ou sejam eles, assim pregamos” (1Co 15.11).

A ATUAÇÃO DE PEDRO EM LIDA E JOPE E A RESSURREIÇÃO DE TABITA - Atos 9.31-

43

- 31 – A igreja, na verdade, tinha paz por toda a Judéia, Galiléia e Samaria, edificando-se e caminhando no temor do Senhor, e, no conforto do Espírito Santo, crescia em número.**
- 32 – Passando Pedro por toda parte, desceu também aos santos que habitavam em Lida.**
- 33 – Encontrou ali certo homem, chamado Enéias, que havia oito anos jazia de cama, pois era paralítico.**
- 34 – Disse-lhe Pedro: Enéias, Jesus Cristo te cura! Levanta-te e arruma o teu leito. Ele, imediatamente, se levantou.**
- 35 – Viram-no todos os habitantes de Lida e (na planície de) Sarona, os quais se converteram ao Senhor.**
- 36 – Havia em Jope uma discípula por nome Tabita, nome este que, traduzido, quer dizer Dorcas (= Gazela); era ela notável pelas boas obras e esmolas que fazia.**

- 37 – Ora, aconteceu, naqueles dias, que ela adoeceu e veio a morrer; e, depois de a lavarem, puseram-na no cenáculo.**
- 38 – Como Lida era perto de Jope, ouvindo os discípulos que Pedro estava ali, enviaram-lhe dois homens que lhe pedissem: Não demores em vir ter conosco.**
- 39 – Pedro atendeu e foi com eles. Tendo chegado, conduziram-no para o cenáculo; e todas as viúvas o cercaram, chorando e mostrando-lhe túnicas e vestidos que Dorcas fizera enquanto estava com elas.**
- 40 – Mas Pedro, tendo feito sair a todos, pondo-se de joelhos, orou; e, voltando-se para o corpo, disse: Tabita, levanta-te! Ela abriu os olhos e, vendo a Pedro, sentou-se.**
- 41 – Ele, dando-lhe a mão, levantou-a; e, chamando os santos, especialmente as viúvas, apresentou-a viva.**
- 42 – Isto se tornou conhecido por toda Jope, e muitos creram no Senhor.**
- 43 – Pedro ficou em Jope muitos dias, em casa de um curtidor chamado Simão.**

31 Paulo havia sido a principal força motora da perseguição à igreja. Sem dúvida os saduceus estavam cheios de profundo desprezo contra o cristianismo. Uma pessoa como Estêvão era capaz de arrastar a categoria sacerdotal e os escribas a uma inflamada indignação. Com gosto o sumo sacerdote dava todas as credenciais necessárias a um homem decidido como Saulo de Tarso. Porém uma perseguição sistemática não era do feitio dessas pessoas distintas, teologicamente liberais e politicamente cautelosas. Por isso, a perseguição acabara com a conversão de Saulo. E, considerando que entre essa conversão e a primeira visita do cristão Saulo a Jerusalém se passaram cerca de três anos, a narrativa de Lucas se torna plenamente compreensível. “A igreja passava por um período de paz em toda a Judéia, Galiléia e Samaria” [NVI]. Lucas não relatou uma evangelização específica na Galiléia. Mais uma vez constatamos quantos pormenores ele deixa de informar, ainda que os considere como acontecidos. É compreensível que justamente na Galiléia, o grande campo de ação de Jesus e terra natal dos apóstolos, os caminhos estivessem abertos para a mensagem.

Neste texto Lucas emprega a palavra “igreja” no sentido de reunião de muitas “congregações” em um grande corpo pela primeira e única vez em sua obra historiográfica. Ele o faz de maneira muito espontânea e sem dar maiores explicações. Isso corresponde a uma poderosa circunstância simplesmente dada pela atuação de Deus, e não por todas as ponderações dogmáticas ou pelo direito eclesiástico. Sem dúvida o jovem cristianismo – também ainda sob Paulo – vivia de modo “congregacionalista”, ou seja, em igrejas locais isoladas e independentes. Porém, por princípio ela somente podia ser a igreja una do único Senhor e Messias, assim como também havia somente um único Israel de Deus. Conseqüentemente, é a igreja una, atravessando toda a Judéia, Galiléia e Samaria, que desfruta de paz.

Obviamente é uma paz de duração muito limitada, sendo rapidamente substituída em At 12.1 por nova aflição, agora vinda do rei Herodes Agripa. Contudo, nessa paz ela “se edificava”. Lucas nos mostrou os dois aspectos, repetidamente comprovados pela história da igreja. Aflição e perseguição não aniquilam a igreja de Jesus, como seus inimigos esperam (At 8.3), porém a fortalecem e servem justamente à sua expansão. Contudo, a “edificação” da igreja também precisa de tempos de calma, e na paz acontece um “crescimento” inviável em meio a tempestades.

Não obstante, também agora, no tranqüilo momento para tomar fôlego que Deus concede, a igreja anda “no temor do Senhor”. Para ela Deus não é uma idéia teológica, mas “Deus está presente”, e nessa santa e reluzente presença de Deus a vida, apesar de toda alegria, torna-se profundamente séria, temendo qualquer contaminação. A presença de Deus é real no Espírito Santo. Seu “conforto” está sempre presente. Em razão disso a igreja não “cresce” apenas interiormente. O termo aqui empregado por Lucas deve estar se referindo sobretudo ao crescimento visível. O “conforto” não foi em vão em muitos dos diálogos dos cristãos com seus concidadãos, porque o silencioso poder do Espírito o confirmava nos corações e nas consciências.

32 Nessa situação Pedro tem a liberdade de sair de Jerusalém e empreender uma viagem de missão e de visitação. “Passando Pedro por toda parte, desceu também aos santos que habitavam em Lida.” De novo nos deparamos com o termo “andar por” (cf. acima, p. ...[157]), que significa tanto “visitar” como “fazer missão”. “Passando por tudo” escreve Lucas, deixando por nossa conta acrescentar “igrejas” ou “regiões” ou “cristãos”. Nessas andanças ele vem “descendo” de Jerusalém, situada no alto, para a cidade de Lida, já localizada na planície costeira, 40 km a noroeste de Jerusalém. Ali já vivem cristãos. São designados aqui (como já os cristãos em At 9.13 e depois novamente em At 9.41)

de “santos”. Lucas torna a empregar essa expressão apenas em At 26.10. Conhecemos a designação das cartas de Paulo. Não visa caracterizar pessoas de acordo com suas qualidades morais ou religiosas, mas designá-las como propriedade de Deus em Cristo. Pessoas em Lida pertencem a Deus como já deveriam pertencer como membros do povo de Israel, mas passam a sê-lo em verdade apenas através da conversão a Jesus.

- 33** Pedro “encontra ali certo homem, chamado Enéias, que havia oito anos jazia de cama, pois era paralítico”. “Ali” pretende referir-se ao grupo dos santos, não porém genericamente à localidade de Lida. Conseqüentemente, temos de imaginar o Enéias como cristão. Não é o enfermo que de acordo com Tg 5.14 suplica pela ajuda de Pedro, mas Pedro age conforme a instrução de seu Senhor em Mc 16.18b.
- 34** Por sua iniciativa e certo de sua incumbência, ele se dirige ao enfermo: “Enéias, Jesus Cristo te cura.” De maneira ainda mais nítida do que na cura do mendigo aleijado em At 3, aqui Jesus é imediatamente destacado como o verdadeiro e único doador da cura. O nome de Jesus podia ser citado imediatamente, porque Jesus era conhecido pela fé nessa casa cristã. Pedro acrescenta: “Levanta-te e arruma o teu leito!” A formulação da solicitação a Enéias conforme a tradução acima é controversa. Literalmente consta apenas: “Espalha tu mesmo.” Precisamos acrescentar o que Enéias deve “espalhar”. Contudo, será de fato que Lucas se refere à “cama”? Uma vez que o aleijado já está deitado sobre o leito, ele não a precisa “espalhar”. Teria feito mais sentido o contrário: “Enrola teu leito e vai para casa.” Porém Pedro está na casa de Enéias e não tem motivo para afirmar isso. Talvez ele se refira a “espalhar” o tapete sobre o qual as pessoas se assentavam conforme o costume oriental. Nesse caso a solicitação teria o belo sentido: agora não precisas mais ficar deitado longe de nós sobre o leito! Aproxima-te de nós como uma pessoa saudável, que pode participar outra vez plenamente na vida da casa.
- 35** Enéias se levanta, curado. Essa milagrosa cura em nome de Jesus torna-se conhecida não somente na cidade de Lida, mas em toda a planície de Saron; “todos” viram o curado, “os quais se converteram ao Senhor”, acrescenta Lucas. Aqui parece que o milagre como tal causa a fé e a conversão. Contudo, na realidade não foi assim: a proclamação da palavra foi anterior. Agora esse Jesus proclamado estava no meio das pessoas com sua realidade misericordiosa. Por isso eles lhe abrem o coração.
- 36-38** Entrementes acontece na cidade próxima de Joaze, a 18 km de Lida, um doloroso caso de falecimento. “Uma discípula de nome Tabita”, em grego Dorcas, em português “gazela”, vivia integralmente dedicada à beneficência e à ajuda ao próximo. Ela cuidava especialmente das viúvas (cf. acima, p. ...[129]). Justamente naqueles dias ela adoece e morre. É incomum deitar o corpo no “cenáculo”. Será que os cristãos de Joaze lembraram de Elias e Eliseu (1Rs 17.19; 2Rs 4.10,21,32) e, a partir deles, de Pedro, acalentando uma grande esperança em seus corações? Afinal, em momentos especiais uma palavra da Escritura, lida ou conhecida de outras ocasiões, pode tornar-se viva, com um poder peculiar, conduzindo e determinando divinamente nosso agir. Para eles, o fato de Tabita adoecer e morrer justamente “naqueles dias” em que Pedro estava na região pode ter sido significativo e um “sinal”, uma indicação de Deus. Seja como for, agora enviam “dois homens que lhe pedissem: Não demores em vir ter conosco.” Não informam detalhe algum, não expressam o pedido por um milagre. Com que autenticidade e vivacidade isso está sendo narrado, assim como também nós muitas vezes já começamos a crer e esperar, e apesar disso não conseguimos formular em palavras o que vai dentro de nós! Unicamente Deus deve determinar o que deseja fazer. Será que Pedro tinha idéia de que se encaminhava para algo grandioso?
- 39** Fato é que ele atende ao chamado e encontra em Joaze toda tristeza, sobretudo das viúvas, que, “chorando, lhe mostram as roupas de baixo e as túnicas que Dorcas fizera, enquanto ainda estava com elas”.
- 40** Ele ordena a todos que saiam, ainda que o lamento das viúvas fosse algo bem diferente do alvoroço das mulheres carpideiras na casa de Jairo (Mc 5.38s). Precisa estar sozinho com Deus e obter em oração a certeza de que Deus está querendo realizar algo tão grandioso. A oração acontece de joelhos. Depois ele se volta para a defunta com uma palavra muito breve e singela: “Tabita, levanta-te!” Que diferença fundamental em relação a todas as práticas feiticeiras e milagreiras de cunho ocultista! Aqui não são sussurradas fórmulas mágicas, não se cita nenhum nome misterioso, nem se realizam estranhas benzeduras. Emite-se uma ordem cordial, e espera-se com fé que essa ordem,

impossível como tal, será cumprida pela ação de Deus. Por essa razão, Lucas continua descrevendo o acontecimento com toda a contenção e sobriedade: “Ela abriu os olhos e, vendo a Pedro, sentou-se.” Não diz palavra alguma sobre quaisquer experiências assombrosas no tempo em que esteve na morte. A rigor, na verdade é apenas como acordar do sono. Pedro, “tomando-a pela mão, ajudou-a a pôr-se em pé. Então, chamando os santos e as viúvas” para se alegrarem com ele, “apresentou-a viva” [NVI], assim como um dia, em sua parusia, o Senhor Jesus há de “apresentar” a todos nós perante sua face e perante o Pai (Cl 1.22; 2Co 4.14).

Um fato dessa grandeza não pode ficar oculto. Antes disso os “santos” em Jope também não haviam se calado acerca de Jesus. Agora seu poder redentor tornou-se visível entre eles em sua própria cidade. “E muitos creram no Senhor.” Muitos, não todos. Contudo, Pedro tem motivos para permanecer um tempo mais longo em Jope e levar adiante o movimento desencadeado pelo avivamento de Tabita. Por maior que fosse a alegria dos cristãos, sobretudo das viúvas, de terem a “Gazela” de volta, o mais importante não era esse avivamento corporal, mas o subsequente avivamento espiritual. Tabita teria de morrer em outro dia. Porém quem aceitava a fé agora ganhava a vida eterna. Durante essa época Pedro morava “na casa de um curtidor chamado Simão”. Naquele tempo os curtidores eram pessoas desprezadas e moravam fora da cidade propriamente dita. Pedro, “o alto apóstolo”, não temeu o ofício malcheiroso de seu irmão de fé, aceitando sua hospitalidade. Assim pode ser facilmente encontrado quando os emissários de Cornélio o procuravam.

Em suma, a atuação do evangelho se estende de Jerusalém até Samaria e até a costa do mar, subindo de Azoto até Cesaréia! Boa parcela do “plano” de Jesus conforme At 1.8 já se cumprira de maneira espantosa. Será que agora ouviremos como Paulo leva o evangelho definitivamente para a vastidão do mundo? Não, antes Lucas descreve um fato diferente, e o faz de maneira pormenorizada e enfática. O próprio Paulo mais tarde estava consciente, já no primeiro auge de sua atuação, de “correr ou ter corrido em vão” se os apóstolos em Jerusalém não dessem seu consentimento à sua obra entre as nações (Gl 2.2). Nesse ponto não podemos raciocinar ingenuamente a partir de nossas condições modernas. Estamos acostumados a que cada pessoa pode construir sua própria obra livremente, desde que tenha a força e a capacidade de realizá-la. Naquele tempo, porém, as pessoas decisivas – inclusive o próprio Paulo – encontravam-se séria e integralmente debaixo de Deus. No entanto, o povo e a obra de Deus no mundo era Israel. A ele pertencia o Messias Jesus e a dádiva do Espírito Santo (cf. At 2.39). Nenhuma pessoa podia simplesmente tomar a iniciativa de reunir uma igreja do Messias Jesus entre os gentios. Em Rm 11 Paulo caracterizou, na metáfora da oliveira nobre, em cujo tronco são enxertados ramos bravos, o fato inaudito e praticamente “antinatural” da conversão dos gentios. Para isso, o próprio Deus teria de agir! Ninguém além de Deus poderia abrir o caminho para a missão entre os gentios. Por isso Lucas narra como Deus fez isso, antes de nos levar, em companhia de Paulo, para seus itinerários evangelísticos.

CONVERSÃO E BATISMO DOS PRIMEIROS GENTIOS NA CASA DE CORNÉLIO - Atos 10.1-48

- 1 – Morava em Cesaréia um homem de nome Cornélio, centurião da coorte chamada Italiana,**
- 2 – piedoso e temente a Deus com toda a sua casa e que fazia muitas esmolas ao povo e, de contínuo, orava a Deus.**
- 3 – Esse homem observou claramente durante uma visão, cerca da hora nona do dia, um anjo de Deus que se aproximou dele e lhe disse:**
- 4 – Cornélio! Este, fixando nele os olhos e possuído de temor, perguntou: Que é, Senhor? E o anjo lhe disse: As tuas orações e as tuas esmolas subiram para memória diante de Deus.**
- 5 – Agora, envia mensageiros a Jope e manda chamar Simão, que tem por sobrenome Pedro.**
- 6 – Ele está hospedado com Simão, curtidor, cuja residência está situada à beira-mar.**
- 7 – Logo que se retirou o anjo que lhe falava, chamou dois dos seus domésticos e um soldado piedoso dos que estavam a seu serviço**
- 8 – e, havendo-lhes contado tudo, enviou-os a Jope.**
- 9 – No dia seguinte, indo eles de caminho e estando já perto da cidade, subiu Pedro ao eirado, por volta da hora sexta, a fim de orar.**
- 10 – Estando com fome, quis comer; mas, enquanto lhe preparavam a comida, sobreveio-lhe um êxtase;**

- 11 – então, viu o céu aberto e descendo um objeto como se fosse um grande lençol, o qual era baixado à terra pelas quatro pontas,
- 12 – contendo toda sorte de quadrúpedes, répteis da terra e aves do céu.
- 13 – E ouviu-se uma voz que se dirigia a ele: Levanta-te, Pedro! Mata e come.
- 14 – Mas Pedro replicou: De modo nenhum, Senhor! Porque jamais comi coisa alguma comum e imunda.
- 15 – Segunda vez, a voz lhe falou: Ao que Deus purificou não consideres comum.
- 16 – Sucedeu isto por três vezes, e, logo, aquele objeto foi recolhido ao céu.
- 17 – Enquanto Pedro estava perplexo sobre qual seria o significado da visão, eis que os homens enviados da parte de Cornélio, tendo perguntado pela casa de Simão, pararam junto à porta;
- 18 – e, chamando, indagavam se estava ali hospedado Simão, por sobrenome Pedro.
- 19 – Enquanto meditava Pedro acerca da visão, disse-lhe o Espírito: Estão aí dois homens que te procuram;
- 20 – levanta-te, pois, desce e vai com eles, nada duvidando; porque eu os envie
- 21 – E, descendo Pedro para junto dos homens, disse: Aqui me tendes; sou eu a quem buscais? A que viestes?
- 22 – Então, disseram: O centurião Cornélio, homem reto e temente a Deus e tendo bom testemunho de toda a nação judaica, foi instruído por um santo anjo para chamar-te a sua casa e ouvir as tuas palavras.
- 23 – Pedro, pois, convidando-os a entrar, hospedou-os. No dia seguinte, levantou-se e partiu com eles; também alguns irmãos dos que habitavam em Jope foram em sua companhia.
- 24 – No dia imediato, entrou em Cesaréia. Cornélio estava esperando por eles, tendo reunido seus parentes e amigos íntimos.
- 25 – Aconteceu que, indo Pedro a entrar, lhe saiu Cornélio ao encontro e, prostrando-se-lhe aos pés, o adorou.
- 26 – Mas Pedro o levantou, dizendo: Ergue-te, que eu também sou (apenas) homem.
- 27 – Falando com ele, entrou, encontrando muitos reunidos ali,
- 28 – a quem se dirigiu, dizendo: Vós bem sabeis que é proibido a um judeu ajuntar-se ou mesmo aproximar-se a alguém de outra raça; mas Deus me demonstrou que a nenhum homem considerasse comum ou imundo;
- 29 – por isso, uma vez chamado, vim sem vacilar. Pergunto, pois: por que razão me mandastes chamar?
- 30 – Respondeu-lhe Cornélio: Faz, hoje, quatro dias que, por volta desta hora, estava eu observando em minha casa a hora nona de oração, e eis que se apresentou diante de mim um varão de vestes resplandecentes
- 31 – e disse: Cornélio, a tua oração foi ouvida, e as tuas esmolas, lembradas na presença de Deus.
- 32 – Manda, pois, alguém a Jope a chamar Simão, por sobrenome Pedro; acha-se este hospedado em casa de Simão, curtidor, à beira-mar.
- 33 – Portanto, sem demora, mandei chamar-te, e fizeste bem em vir. Agora, pois, estamos todos aqui, na presença de Deus, prontos para ouvir tudo o que te foi ordenado da parte do Senhor.
- 34 – Então, falou Pedro, dizendo: Reconheço, por verdade, que Deus não faz acepção de pessoas;
- 35 – pelo contrário, em qualquer nação, aquele que o teme e faz o que é justo lhe é aceitável.
- 36 – Esta é (ou: ouçam; ou: conheceis) a palavra que Deus enviou aos filhos de Israel, anunciando-lhes o evangelho da paz, por meio de Jesus Cristo. Este é o Senhor de todos.
- 37 – Vós conheceis a palavra que se divulgou por toda a Judéia, tendo começado desde a Galiléia, depois do batismo que João pregou,
- 38 – como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com poder, o qual andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele;
- 39 – e nós somos testemunhas de tudo o que ele fez na terra dos judeus e em Jerusalém; ao qual também tiraram a vida, pendurando-o no madeiro.

- 40 – A este ressuscitou Deus no terceiro dia e concedeu que fosse manifesto,**
41 – não a todo o povo, mas às testemunhas que foram anteriormente escolhidas por Deus, isto é, a nós que comemos e bebemos com ele, depois que ressurgiu dentre os mortos;
42 – e nos mandou pregar ao povo e testificar que ele é quem foi constituído por Deus Juiz de vivos e de mortos.
43 – Dele todos os profetas dão testemunho de que, por meio de seu nome, todo aquele que nele crê recebe remissão de pecados.
44 – Ainda Pedro falava estas coisas quando caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra.
45 – E os fiéis que eram da circuncisão, que vieram com Pedro, admiraram-se, porque também sobre os gentios foi derramado o dom do Espírito Santo;
46 – pois os ouviam falando em línguas e engrandecendo a Deus. Então, perguntou Pedro:
47 – Porventura, pode alguém recusar a água, para que não sejam batizados estes que, assim como nós, receberam o Espírito Santo?
48 – E ordenou que fossem batizados em nome de Jesus Cristo. Então, lhe pediram que permanecesse com eles por alguns dias.

1 “Um homem, porém, em Cesaréia.” Começa de modo singelo o poderoso acontecimento em que o próprio Deus abre a porta para a missão entre os povos. Já no final de At 8 ouvimos o nome Cesaréia. No passado havia ali uma pequena colônia de Sidom, de nome “Torre de Estratom”. Herodes Magno a ampliara por volta de 25 a. C. para ser uma cidade suntuosa, que ele chamou de “Cesaréia” = “cidade imperial” em honra a César Augusto. É no magnífico porto, protegido por moles, que chegam os governadores romanos, tendo em Cesaréia sua residência de fato (cf. At 23-26). Por isso a cidade possui uma base militar romana. Ali fica estacionada a “coorte itálica”. E o “homem em Cesaréia” é Cornélio, um “centurião” nessa “coorte itálica”.

2 Pessoalmente ele é religioso e temente a Deus, ou seja, mais um daqueles homens que, insatisfeitos com as religiões gentílicas e com a filosofia de seu tempo, se deparavam com a fé em Deus e com a ética de Israel, sendo tocados por ela. Na posição que ocupava, ele não podia tornar-se um verdadeiro “prosélito” (cf. acima, p. ...[171]). Mas interiormente estava aberto para Deus. Era uma questão realmente séria para ele. Por isso ele organizava sua vida de acordo com as regras da devoção judaica, com “orações” que observavam determinados horários e com “esmolas”, que beneficiavam o povo judeu. A narrativa salienta: “Fazia muita beneficência ao povo.” Com gratidão ele cuidava dos judeus, dos quais recebera tanto. Ajudava-os por meio de sua posição militar (e simultaneamente policial!). “Orava persistentemente a Deus.” É evidente que no caso dele, o oficial de serviço, essa oração “persistente” não tem sentido quantitativo. Porém, observando os três horários mais importantes (cf. Dn 6.11; Sl 55.17) ele alinhavava cada dia com o fio dourado do diálogo com Deus.

Cabe uma atenção muito especial ao adendo “com toda a sua casa”. Ao contrário de nosso atual mundo individualista, naquele tempo uma “casa” (da qual faziam parte os escravos, assim como a família propriamente dita) constituía uma unidade exterior e interior integralmente determinada pelo senhor da casa. Por essa razão, naquele tempo “toda a casa” podia ser batizada imediatamente com o dono da casa quando este aceitava a fé. Cf. At 16.33s. De acordo com isso, também Cornélio incluiu “toda a sua casa” na devoção que o preenchia pessoalmente, dando um novo conteúdo à sua vida. A isso se associava uma influência interior e pessoal sobre os membros da casa. Os v. 7 e 22 permitem depreender algo da comunhão do capitão com sua família.

Cornélio nos faz lembrar vivamente o “centurião de Cafarnaum” (Lc 7.1-10). O NT na verdade nos mostra uma série de soldados, mas (Lc 7.1-10; 23.47; At 23.18ss; 27.1,3,43) numa ótica positiva, naturalmente não por amor ao “militarismo”! Porém na natureza do verdadeiro soldado há retidão, objetividade, disposição para a obediência e espírito resoluto, qualidades que convergem com a mensagem bíblica. Por isso o centurião de Cafarnaum compreende o evangelho de forma tão mais simples e objetiva que os israelitas devotos. Em vista disso, é possível que na casa de um centurião aconteça a primeira conversão extensiva de gentios.

3-8 Conseqüentemente, também nesse dia ele cumpre o horário judaico usual de oração às três da tarde (At 3.1). Nesse momento lhe chega um anjo e o chama pelo nome. O oficial “fixa nele atentamente os olhos”, mas ainda assim sente o “temor” de que é tomada qualquer criatura que se encontra com um emissário do mundo eterno. Contudo ele ouve uma boa notícia: “As tuas orações e tuas esmolas subiram para memória diante de Deus.” Como gentio ele deve ter se perguntado repetidamente: não

precisaria pertencer plenamente ao povo de Deus por meio da circuncisão e pela observação de toda a lei antes que Deus pudesse olhar para ele? Agora ele ouve uma resposta diferente, aprendendo à sua maneira a bendita verdade que também iluminará a Pedro no decorrer desta história (v. 34s). Contudo, Deus envia seu anjo não para conferir uma boa nota a um ser humano. Ele tem uma incumbência para Cornélio. O sentido e a importância dessa incumbência não são ditos a Cornélio. Contudo, como soldado ele sabe o que fazer diante de “ordens”, e obedece sem perguntar. Chama “dois de seus servos e um soldado devoto dos que estavam sempre em volta dele e, havendo-lhes contado tudo, enviou-os a Jope”. Portanto, deve ter anunciado sua descoberta de Deus também perante sua tropa, conquistando para essa fé alguns de seus homens, com os quais convivia com frequência.

9-16 Deus tem seu plano. Para que seja executado, ele escolhe Cornélio. Agora, enquanto seus mensageiros já estão a caminho e se aproximam de Jope, Deus se dirige a Pedro. Para poder orar sem interrupções Pedro – que conforme At 9.43 ainda morava em Jope na casa do curtidor Simão – subiu ao eirado da casa por volta do meio-dia. Então “teve fome e quis comer. Mas, enquanto lhe preparavam a comida, sobreveio-lhe um êxtase.” A ele Deus não envia um anjo. Deus não é monótono. Pedro é presenteado com uma percepção visionária. No texto grego o termo é “*ekstasis*” que, além de repetido no relato de At 11.5, volta a ocorrer com esse sentido apenas em At 22.17 Esse “êxtase”, porém, é ao mesmo tempo muito sóbrio, mostrando a Pedro algo que se relaciona com sua situação momentânea: do céu aberto um lençol de linho é baixado pelas quatro pontas, cheio de toda sorte de animais. Ao mesmo tempo ouve-se a solicitação: “Levanta-te, Pedro! Mata e come!” Pedro se recusa com veemência. Para ele, as expressões “comum” e “imunda” vêm carregadas de um forte estremecimento. Todos conhecemos essas sensações, profundamente arraigadas em nós por longos anos de educação e costume, de modo que ressaltam instintivamente contra quaisquer ponderações tão logo algo seja violado. No caso de Pedro associa-se à repugnância contra o “impuro” também o orgulho, igualmente emocional, do judeu fiel à lei: “... porque jamais comi coisa alguma comum ou imunda.” A voz respondeu a Pedro com a palavra enigmática: “Ao que Deus purificou não consideres comum.” O que o Senhor está dizendo? Será que toda a ordem da lei referente às comidas foi anulada? Desde quando? Ou será que Jesus visa dizer muito mais, confrontando seu discípulo com uma comparação visível? Nesse caso, pela concomitância de revelação e ocultação, o episódio constitui uma parábola genuína de acordo com as palavras de Jesus em Mc 4.10-12,25. Somente se Pedro “tiver”, ser-lhe-á “dado” pelo próprio Deus, no acontecimento do reino, que compreenda a parábola e, com ela, o episódio. A tríplice repetição do fato exorta Pedro diante da importância daquilo que lhe é mostrado. Na sequência o lençol é novamente recolhido ao céu. A circunstância de que o lençol foi baixado do céu e recolhido outra vez até lá visava dizer a Pedro que ele recebeu uma instrução do alto, da parte de Deus.

17-27 Agora Deus faz convergir as duas histórias iniciadas, tornando uma eficaz e clara através da outra. Pedro ainda se encontra numa profunda reflexão sobre o que essa visão deve significar para ele, quando os homens de Cornélio chegam à porteira da propriedade. Ninguém ouve seu chamado, nem Pedro, que está totalmente absorto em seus pensamentos. Mas a direção do Espírito de Deus o faz descer do eirado: “Eis que sou aquele a quem buscais.” Ele ouve o que Cornélio pede dele e recebe com hospitalidade os emissários. Obviamente é Pedro, e não o curtidor Simão que age e se responsabiliza pelo ato.

Revelando grande arte literária, Lucas deixa de explicar como Pedro se apercebe do sentido da visão que teve; percebemos a mudança de atitude na sua ação. Pedro se confronta com uma revelação que lhe parecia completamente “impossível” a partir de uma longa vida como judeu. Acolhe na casa os homens gentios de um oficial da força de ocupação; vai com eles em direção da casa desse gentio e está disposto a entrar nela. Ali dirá a mensagem a gentios e então, forçado pela ação de Deus, também dará o último passo inaudito, acolhendo gentios incircuncisos na igreja do Messias de Israel por meio do batismo. Em toda essa trajetória acompanham-no alguns cristãos de Jope, que depois se tornam importantes testemunhas do acontecido nas negociações no círculo dos apóstolos. Cornélio podia calcular o horário aproximado da chegada de seu hóspede. Não sabe o que, afinal, deve acontecer através desse Simão Pedro. O anjo não disse nada a esse respeito, assim como também o próprio Pedro segue seu caminho sem ter uma incumbência mais precisa de Deus. Deus mantém tudo em sua mão. No entanto, uma pessoa apontada por um anjo representa algo muito especial também para um gentio devoto. Por isso Cornélio reuniu seus familiares e seus amigos mais íntimos, para que

experimentem com ele essa hora significativa. E saúda o visitante que chega, prostrando-se e “adorando-o”, algo que para ele como gentio e como homem do império daquele tempo era algo muito mais familiar do que para nós. Para ele Pedro é um ser divino, conforme os gentios daquele tempo definiam a muitos. Pedro afasta bruscamente esse modo de pensar: “Ergue-te! Também eu sou apenas um ser humano!” As cerimônias de acolhida de um hóspede são concluídas num diálogo amigável (cf. Lc 7.44-46).

28-33 Na sequência Pedro se encontra diante da platéia cheia de expectativa. A vida de Pedro havia se transformado estranhamente: o pescador do lago de Genezaré – o orador diante de grandes multidões – o detido e açoitado perante o Sinédrio – e agora o eminente e venerado hóspede na casa de um oficial gentílico, sobre quem os olhares de todos convergem com expectativa!

Pedro descreve a situação estranha em que se encontra: “Vocês sabem muito bem que é contra a nossa lei um judeu associar-se a um gentio ou mesmo visitá-lo. Mas Deus me mostrou que eu não deveria chamar impuro ou imundo a homem nenhum. Por isso, quando fui procurado, vim sem qualquer objeção. [NVI]” Para ele, a condução de Deus chega até esse ponto, até esse ponto ele compreende a visão agora: não se trata de leis sobre a comida e de animais puros ou impuros. Tudo isso era apenas metafórico. Tratava-se de seres humanos. No caso deles a questão de “puro” ou “impuro” era algo muito mais sério e profundo. Será que não havia de fato as numerosas pessoas “impuras”, com as quais não se podia ter nada em comum como judeu, e que por isso também eram inadmissíveis na igreja dos que crêem no Messias Jesus? Sobre isso tu não decides, Pedro; sobre isso decide Deus. O que Deus purifica tu não podes declarar impuro. Foi isso que Pedro compreendeu. Contudo, ele ainda não sabe qual é o objetivo de Deus com tudo isso. Ele quebrou o tabu, encontra-se numa casa gentílica, a despeito de toda a mentalidade e todo o sentimento judaicos. Mas agora gostaria de ouvir de Cornélio o que, afinal, deve fazer aqui? “Pergunto, pois: por que razão me mandastes chamar?” Mas Cornélio somente relata outra vez sucintamente os fatos, diz ao hóspede que é cordialmente bem-vindo e em seguida transfere completamente para ele o que, afinal, deve acontecer nessa hora: “E fizeste bem em vir. Agora, pois, estamos todos aqui, na presença de Deus, prontos para ouvir tudo o que te foi ordenado da parte do Senhor.” Como ele, o gentio, haveria de saber algo das intenções de Deus nesse curioso episódio, se o próprio homem de Deus não o sabia? Não obstante, sem saber, ele colocou com sua palavra no coração de Pedro a incumbência de Deus: “Diz aqui a mensagem completa!” Querem e hão de ouvi-la.”

34/35 Nesse momento Pedro se dá conta da importância e da magnitude dessa hora. Então é isso que Deus quer, é para isso que o próprio Deus engendrou tudo: ele deve testemunhar a gentios o evangelho de Jesus da mesma maneira como o anunciou até então a Israel, e convocar gentios para chegarem a Jesus e à igreja do Messias Jesus, sem que primeiro se tornem membros de Israel pela circuncisão. “Então Pedro tomou a palavra e disse” [TEB]. Pedro está consciente da importância de sua fala. E nós, cristãos de hoje, de todas as nações, deveríamos aquilatar que o fato de podermos ser cristãos tem sua raiz nesse discurso de Pedro. “Na verdade, eu me dou conta de que Deus é imparcial, e de que, em toda nação, quem quer que o tema e pratique a justiça é acolhido por ele” [TEB]. Agora ele se apercebe com toda a concretude daquilo que aos poucos já vinha clareando em sua mente. Assim já dissera a Escritura em Dt 10.17; 1Sm 16.7. Pedro o sabia. Mas a posição especial de Israel parecia incluir uma “preferência com parcialidade” por parte de Deus, que o judeu usufruía e defendia apaixonadamente. Agora, porém, a verdade da Escritura é desvelada com toda a magnitude. Também nessa hora de guinada histórica inaudita Pedro pode saber que está alicerçado na Escritura. Será que simultaneamente se lembrava de que agora, através dele, também começava, com inesperada grandeza, a execução da última ordem de Jesus no dia da Ascensão: “... e até os confins da terra”?

A pessoa grega olhava com o máximo desprezo para os “bárbaros.” Para ele não eram realmente seres humanos. O judeu via no “mundo dos gentios” tão-somente trevas, incredulidade e sujeira. Também nós temos a tendência a considerar como inferior e pervertido tudo que está fora de nosso ambiente nacional, racial, social, ideológico, religioso, eclesiástico e teológico. E justamente como pessoas de devoção sincera corremos o perigo de atribuir a nossa opinião também a Deus ou até deduzi-la de Deus. Porém Deus é diferente! “Quem o teme e pratica a justiça lhe é bem-vindo” [tradução do autor]. Contudo, não foi o próprio Deus que separou Israel, erigiu a severa cerca da lei em torno de Israel, proibindo-lhe qualquer mescla com as nações? Essa havia sido uma medida pedagógica necessária de Deus, que era imprescindível para que Israel viesse a ser o que Deus

planejava. Mas essa medida pedagógica era provisória, e desde o começo o verdadeiro alvo havia sido o mundo inteiro: “Em ti serão benditas todas as famílias da terra” (Gn 12.3). Agora chegou a hora de atingir esse alvo.

Contudo, qual é esse alvo? Será que já foi cabalmente atingido com esse reconhecimento: “Quem o teme e pratica a justiça, lhe é bem-vindo”? Acaso já se pode constatar a idéia que mais tarde domina o iluminismo: todas as religiões positivas são obsoletas, inclusive o cristianismo; a única coisa que importa é a fé em Deus e a virtude? Essa é uma questão diretamente relevante também para nós. O que acontece com as numerosas pessoas excelentes e sérias, que temem a Deus, fazem o bem e oram, mas que também se sentem pessoalmente satisfeitas com isso e não conseguem compreender a mensagem integral do evangelho, considerando-a supérflua? Pedro diz: elas são bem-vindas para Deus. Ou seja, será que Deus também não espera mais do ser humano, satisfazendo-se com uma devoção assim? Não há mais necessidade de crer no Crucificado e Ressuscitado, ser salvo, obter perdão dos pecados, e renascer no Espírito Santo?

36-43 Pedro sabe que é completamente diferente. Pessoas desse tipo são bem-vindas para Deus – precisamente para a mensagem de Cristo. Por essa razão Pedro prossegue de modo inabalável: “Ouçam a palavra que ele enviou aos filhos de Israel, anunciando paz por meio de Jesus Cristo. Este é o Senhor de todos.” Também Israel, o povo da aliança, que conhecia a Deus de forma muito diferente, que orava e lutava para cumprir os mandamentos de Deus, precisava do anúncio da “paz por meio de Jesus Cristo” e da aceitação dessa paz pelo arrependimento e pela fé. Por que um homem como Cornélio não haveria de ter necessidade de tudo isso? Porém esse Jesus é “Senhor de todos”, como Pedro declara enfaticamente. Por essa razão ele também está presente para alguém como Cornélio e lhe impõe as mãos. Jesus não é totalmente desconhecido na Cesaréia. “Vós conheceis a palavra que se divulgou por toda a Judéia, tendo começado desde a Galiléia, depois do batismo que João pregou.”

Em seguida é dado um breve relato sobre Jesus de Nazaré. De maneira simples e, não obstante, impactante explica-se aos gentios, que não têm como saber algo do “Messias” de Israel, do “Ungido”: “Jesus de Nazaré, como Deus o ungiu com o Espírito Santo e com poder.” O conteúdo do evangelho é exposto sumariamente: “... o qual andou por toda a parte, fazendo o bem e curando todos os violentados do diabo, pois Deus era com ele”. Com grande clareza é expresso por que as curas, libertações e milagres ocupam um espaço tão grande nos evangelhos. Se o relato sobre Jesus tivesse soado: “Que andou por toda parte, ensinando nobres e profundas idéias sobre Deus e a vida humana”, que significado isso teria para Cornélio, e o que teria a nos dizer hoje? O ser humano não carece de “pensamentos” e “doutrinas”; dispomos disso de modo suficiente e abundante. O que ele precisa é de ajuda, cura, libertação, renovação de sua vida. Por isso precisa daquele que realiza obras com a autoridade de Deus! Precisamos ser capazes de entoar: “Veio Jesus, e romperam-se os laços, e toda força da morte findou”. É por isso que ouvimos avidamente nos evangelhos as “testemunhas de tudo o que ele fez”. Na seqüência, Pedro refere o enigma da cruz. A ele, esse benfeitor e Libertador, “tiraram a vida, pendurando-o no madeiro”. Porém Deus interveio poderosamente: “A este ressuscitou Deus no terceiro dia e concedeu que fosse manifesto, não a todo o povo, mas às testemunhas que foram anteriormente escolhidas por Deus, isto é, a nós que comemos e bebemos com ele, depois que ressurgiu dentre os mortos.” Pedro não pode nem deseja trazer uma comprovação da Escritura diante dos gentios. É por isso que sua fala transcorre de modo muito diferente do que no dia de Pentecostes ou perante seus compatriotas judaicos no templo. Aqui ele simplesmente relata os fatos como tais. E não resume seu significado, como no dia de Pentecostes com as palavras “Kyrios e Messias”, mas expõe a Cornélio e seu grupo (como Paulo fez mais tarde aos atenienses e a Félix): “Ele é quem foi constituído por Deus Juiz de vivos e de mortos.” Nessa casa Pedro não precisa se confrontar com judeus endurecidos, fixos na justiça própria. Pode esperar que uma pessoa sincera e interiormente aberta sabe o que esse juízo significa para ele, apesar de toda a “beneficência” e toda a veneração de Deus, e que por isso anseia pela “paz”, pelo perdão dos pecados. Conseqüentemente, a palavra de Pedro conclui com o evangelho pleno: “Dele todos os profetas dão testemunho: Perdão dos pecados recebe por meio de seu nome todo aquele que nele crê.”

44-46 “Ainda Pedro falava estas coisas...” Naturalmente Pedro não se limitou a simplesmente proferir numa breve frase esse dado mais importante e maravilhoso. Lucas apenas menciona a evangelização. E durante essa evangelização acontece: “Ainda Pedro falava estas coisas quando caiu o Espírito

Santo sobre todos os que ouviam a palavra.” Agora eles não somente ouvem a palavra como relato de uma realidade objetiva, agora o Espírito Santo lhes transfigura Jesus (Jo 16.14) e lhes concede a apropriação da certeza muito pessoal: “Também a mim, também a mim ele salvou”, Jesus, “meu Senhor, que redimiu a mim, pessoa perdida e condenada”. Essa verdade se apodera tão profundamente dessas pessoas que a gratidão e o louvor rompem a linguagem comum, e eles “falam em línguas e engrandecem a Deus”.

Nessa situação Deus torna o efeito do Espírito Santo tão perceptível para que também “os fiéis que eram da circuncisão, que vieram com Pedro”, tenham de reconhecer que “também sobre os gentios foi derramado o dom do Espírito Santo”. Isso é algo tão inconcebível para todo o seu modo de pensar até aquele momento que eles, de espanto, “ficam fora de si”. Sem circuncisão, sem ser incorporados em Israel, gentios recebem o Espírito Santo. Esse Espírito Santo, porém, não é um “poder religioso” qualquer que naturalmente pudesse sobrevir também a gentios. Ele é o dom escatológico (At 2.16-18) que Deus havia prometido ao povo da sua aliança (At 2.39). E essa participação escatológica na própria vida de Deus é concedida incondicionalmente a gentios incircuncisos, até antes do batismo, por intermédio do “ouvir com fé”, como Paulo testemunha mais tarde aos Gálatas (Gl 3.2) e Efésios (Ef 1.13).

- 47 Pedro, no entanto, chega à límpida conclusão: “A seguir Pedro disse: Pode alguém negar a água, impedindo que estes sejam batizados? Eles receberam o Espírito Santo como nós!” [NVI]. Nem ele nem Cornélio e seu grupo chegam à pergunta tipicamente “moderna” e egocêntrica se, afinal, o batismo ainda seria “necessário”, visto que esses gentios já receberam o dom do Espírito. Pois o batismo não é um fardo, mas presente! Obviamente não é um ato mágico que concede o Espírito através de sua mera execução. Nesse caso ele de fato teria sido supérfluo. O batismo é o selo de que alguém pertence à igreja do Cristo Jesus. Todos na casa de Cornélio ansiavam de coração por esse lacre claro e público. O batismo é ao mesmo tempo também ação do próprio Jesus, por meio da qual ele acolhe pessoas como sua propriedade, documentando-lhes que participam de sua morte e ressurreição. Agora que seus corações ardem por Jesus, agora que reconhecem sua glória pelo Espírito Santo, agora é seu desejo mais íntimo que Jesus lhes assegure pelo batismo: Sim, vocês me pertencem, e eu pertenço inteiramente a vocês!
- 48 Conseqüentemente, Pedro ordena o batismo. Contudo não o preside pessoalmente, assim como também Paulo, na medida do possível, não batiza pessoalmente (1Co 1.14-17). Provavelmente Pedro tinha a mesma preocupação que também se evidencia em Paulo: “Para que ninguém diga que fostes batizados em meu nome”. Justamente no contexto “helenista” facilmente poderia surgir um mal-entendido desses. Isso não demonstra nenhuma depreciação do batismo em si, mas colocar-se no lugar que lhe cabe. Através de sua evangelização Paulo “gerou” os cristãos coríntios “em Cristo Jesus por meio do evangelho”. A pregação de Pedro transformou os ouvintes na casa de Cornélio em pessoas plenas do Espírito. Isso é e continua sendo o ponto decisivo. Batizar pode ser a tarefa de outro.

Na seqüência Pedro cede ao pedido de permanecer na casa mais alguns dias. Quase somos levados a lamentar a parcimônia e reserva de Lucas, que não diz mais do que essas poucas palavras a respeito. Como devem ter sido alegres aqueles dias! Que “estudos bíblicos”, que comunhão de oração, que cantoria! Pela primeira vez acontecia a reunião concorde de uma igreja de Jesus formada de judeus e gentios, louvando a Deus.

Ao analisarmos esse relato cabe observar ainda o seguinte: que liberdade de ação da parte de Deus se revela aqui, cordatamente respeitada pelo primeiro cristianismo! Nos dias de Pentecostes a conversão e o batismo conduziam diretamente ao recebimento do Espírito, sem que ali se manifestasse o “orar em línguas”. Em Samaria a conversão e o batismo ainda não trazem o Espírito Santo; ele é dado somente por oração e imposição das mãos. E aqui na casa de Cornélio Deus concede o Espírito mediante manifestações de poder já antes do batismo e sem uma “conversão” expressa! Como nós substituímos esse agir soberano de Deus por um sistema teológico rígido que tem de funcionar por si mesmo de qualquer maneira e que de forma alguma pode funcionar de modo diferente!

- 1 – Chegou ao conhecimento dos apóstolos e dos irmãos que estavam na Judéia que também os gentios haviam recebido a palavra de Deus.
- 2 – Quando Pedro subiu a Jerusalém, os que eram da circuncisão o argüíram, dizendo:
- 3 – Entraste em casa de homens incircuncisos e comeste com eles.
- 4 – Então, Pedro passou a fazer-lhes uma exposição por ordem, dizendo:
- 5 – Eu estava na cidade de Jope orando e, num êxtase, tive uma visão em que observei descer um objeto como se fosse um grande lençol baixado do céu pelas quatro pontas e vindo até perto de mim.
- 6 – E, fitando para dentro dele os olhos, vi quadrúpedes da terra, feras, répteis e aves do céu.
- 7 – Ouvi também uma voz que me dizia: Levanta-te, Pedro! Mata e come.
- 8 – Ao que eu respondi: de modo nenhum, Senhor; porque jamais entrou em minha boca qualquer coisa comum ou imunda.
- 9 – Segunda vez, falou a voz do céu: Ao que Deus purificou não consideres comum.
- 10 – Isto sucedeu por três vezes, e, de novo, tudo se recolheu para o céu.
- 11 – E eis que, na mesma hora, pararam junto da casa em que estávamos três homens enviados de Cesaréia para se encontrarem comigo.
- 12 – Então, o Espírito me disse que eu fosse com eles, sem hesitar. Foram comigo também estes seis irmãos; e entramos na casa daquele homem.
- 13 – E ele nos contou como vira o anjo em pé em sua casa e que lhe dissera: Envia a Jope e manda chamar Simão, por sobrenome Pedro,
- 14 – o qual te dirá palavras mediante as quais serás salvo, tu e toda a tua casa.
- 15 – Quando, porém, comecei a falar, caiu o Espírito Santo sobre eles, como também sobre nós, no princípio.
- 16 – Então, me lembrei da palavra do Senhor, quando disse: João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo.
- 17 – Pois, se Deus lhes concedeu o mesmo dom que a nós nos outorgou quando cremos no Senhor Jesus, quem era eu para que pudesse resistir a Deus?
- 18 – E, ouvindo eles estas coisas, apaziguaram-se e glorificaram a Deus, dizendo: Logo, também aos gentios foi por Deus concedido o arrependimento para vida.

1 O que sucedia numa cidade como Cesaréia não permanecia oculto em Jerusalém. A notícia surpreendente penetra até as comunidades judaicas: “Também os gentios haviam aceitado a palavra de Deus.” Portanto, também para os cristãos de Jerusalém não se trata simplesmente da conversão de uma pessoa isolada e seus amigos. Aqui aconteceu algo fundamentalmente inédito. Isso distingue o episódio em Cesaréia da conversão do etíope. Lá uma pessoa isolada segue como cristão para sua distante terra natal. Isso atrai a atenção, mas pode ser uma exceção. Agora, na própria terra judaica, um grupo inteiro de gentios havia chegado a Jesus, sendo acolhida na igreja de Jesus e convivendo ali, sob os olhares do apóstolo, com os cristãos de Israel. Como deveriam posicionar-se diante disso? O que haveria de acontecer quando isso avançasse e os “gentios aceitassem a palavra de Deus” em grandes proporções? Anuncia-se o problema básico da jovem igreja: o que será de “Israel”, o que será da “velha aliança” e da “lei”, se gentios podem tornar-se, sem circuncisão, membros plenos da igreja do Messias?

É compreensível que essas perguntas profundas não receberam imediatamente uma solução abrangente e duradoura, mas que ainda moveram o novel cristianismo por muito tempo, em renovadas controvérsias e lutas, levando a posicionamentos muito distintos.

2/3 Precisamos levar em consideração como começa a disputa no presente trecho. Não é fácil argumentar contra o fato de que também gentios “aceitam a palavra de Deus”. Os cristãos judaicos tampouco acusam Pedro: “Como foste capaz de anunciar o evangelho a gentios?” Nem tampouco: “Como pudeste simplesmente batizar gentios?” De modo algum já formulam a questão toda de modo teológico fundamental. A princípio vêem apenas o que era diretamente escandaloso para seu agir e sentir costumeiros: “Entraste em casa de homens incircuncisos e comeste com eles!” Essa é exatamente a pergunta que mais tarde voltará a ser debatida em Antioquia (Gl 2.11). Tudo bem que os gentios se tornem cristãos. Mas será que por isso israelitas crentes precisam ter plena comunhão de mesa com eles? Podia Pedro entrar na casa de Cornélio e conviver ali durante dias com os homens incircuncisos?

Nesse episódio é digno de nota que até mesmo um apóstolo, alguém como Pedro, não possui simplesmente “autoridade apostólica”. A igreja tem o direito de questioná-lo. E o próprio Pedro não lhe nega esse direito. Encara as perguntas e acusações da igreja. Por outro lado, a igreja não aceita simplesmente de forma passiva os atos e as decisões, nem mesmo do apóstolo líder, mas tem consciência de sua própria participação nos acontecimentos e de que é chamada para formar seu próprio juízo. Pois os membros da igreja eram “os da circuncisão”. Começa a formar-se aquele grupo de cristãos fiéis à lei, que mais tarde combate Paulo de forma ardorosa (cf. Gl 2.4; 2.12; At 15.1). Temos de compreender esse grupo a seu modo: com que tenacidade também nós muitas vezes nos apegamos às coisas antigas, a que estamos acostumados há muito! E, afinal, na perspectiva deles estavam em jogo a própria palavra e lei de Deus!

14-16 Pedro responde às perguntas e acusações com teologia fundamental. Relata mais uma vez suas experiências e mostra como tudo foi conduzido de maneira diferente e exclusivamente por Deus. Não estão em jogo a “teologia”, “opiniões” ou “concepções” sobre as quais se pode discutir teologicamente. Pedro tampouco visa “ter razão” com sua teoria e prática. Pelo contrário, trata-se da ação do próprio Deus, e por conseqüência, de fatos que o próprio Deus criou. A justificativa de Pedro, por isso, consiste simplesmente de um relatório dos fatos, não de uma discussão.

No formato do relato predomina novamente toda a liberdade despreocupada que constatamos a cada passo nos tempos bíblicos. Enquanto em At 10.20 se fala apenas de dois homens, agora no v. 11 – como em At 10.7 – são citados três homens. O soldado que os acompanhava foi deixado de lado numa das ocasiões, e na outra ele é mencionado. O número de cidadãos de Jope que os acompanham é referido no v. 12. Para abreviar a recapitulação sobre o anjo, Lucas faz com que agora Cornélio já diga o que na verdade se conclui apenas no curso deste acontecimento cheio de tensões. Pedro “te dirá palavras mediante as quais serás salvo, tu e toda a tua casa”. No intuito de salientar especialmente que não foi ele que teria trazido Cornélio à fé com seu discurso insistente e, assim, realizado uma obra por autoridade própria, Pedro formula “Quando, porém, comecei a falar, caiu o Espírito Santo sobre eles, como também sobre nós, no princípio”. Isso não é uma deturpação. Justamente no retrospecto sobre o acontecido o próprio Pedro relembra mais uma vez como a ação de Deus era surpreendente: na realidade ele apenas havia “começado” a expor o evangelho aos ouvintes estranhos, quando o Espírito já realizou sua obra. Na seqüência também somos informados do que passou pelo coração de Pedro quando viu diante de si a multidão tomada pelo Espírito de Deus. Recordou-se imediatamente da palavra do Senhor na Ascensão (At 1.5). Naquela ocasião eles a haviam relacionado somente consigo mesmos, e nem podiam agir de outra forma. Agora, porém, Pedro se depara com a magnitude avassaladora da ação divina: também gentios estranhos recebem esse batismo do Espírito, do mesmo modo como os apóstolos.

17 Obviamente é algo inédito, mas, afinal, um fato: “Pois Deus lhes concedeu o mesmo dom que a nós nos outorgou quando cremos no Senhor Jesus Cristo.” Com essa formulação Pedro involuntariamente lembra seus irmãos de fé judaicos de uma verdade que se revestia de grande importância para toda a questão em debate: também eles, os apóstolos e os demais da circuncisão, haviam recebido o Espírito Santo não em virtude de serem circuncidados, mas por causa de sua fé. No entanto, no texto grego é possível relacionar a frase relativa “... quando cremos/creram no Senhor Jesus Cristo” igualmente ao “lhes”, i. é, aos gentios, assim como ao “nós” imediatamente precedente. Não é possível ter certeza absoluta sobre qual sentido Lucas desejava. Em todos os casos, porém, na substância havia plena igualdade entre os apóstolos de Israel e aqueles gentios: sobre o mesmo fundamento eles recebiam o mesmo presente gratuito da parte de Deus! Diante desse fato Pedro destaca: “Quem era eu para impedir a Deus de agir?” [TEB]. Em termos de conteúdo, Pedro deixa completamente em aberto em que ele não “podia resistir” a Deus. No momento ele não cita o batismo, porque tampouco fora citado pelos outros apóstolos. Sintetiza o evento todo. Enfatiza singularmente o “mesmo dom que a nós”. Deus revelou aqui uma grande igualdade: a mesma perdição, a mesma conversão, a mesma fé, o mesmo perdão de pecados, o mesmo Espírito derramado. Será que Pedro podia introduzir diferenças nessa igualdade por iniciativa própria, negando a comunhão de mesa àqueles que o próprio Deus havia inserido na plena participação da mesma experiência?

Pedro não podia “impedir a Deus de agir”. Será que com sua descrição Lucas abandona “a realidade em que são tomadas as autênticas decisões de fé” e, “ao invés de nos deixar perceber o agir de Deus”, faz dele “uma série de eventos miraculosos”? O cristão moderno talvez tome “decisões de fé” com liberdade pessoal, razão pela qual pode contentar-se em sentir a ação de Deus. O que, porém,

teriam dito seus companheiros e amigos judeus-cristãos se Pedro lhes tivesse explicado: “Eu me decidi a dar esse passo, de acolher gentios incircuncisos plenamente na igreja do Messias Jesus, e nisso senti a ação de Deus”? Diante dele estavam homens que tampouco “sentiam o agir de Deus” de um modo indeterminado no estudo do AT, mas que tinham essa ação inequivocamente diante de si na vida de Abraão e dos patriarcas, na história de Moisés, e na dos profetas “numa série de eventos miraculosos”. O próprio Pedro era uma pessoa versada no AT. Ainda que nós hoje tenhamos “progredido”, Pedro estava contente por ter a condução e ação do próprio Deus diante de si de forma tão palpável, nesse passo inédito que parecia abolir praticamente toda a história prévia de Israel, e porque de sua parte precisava fazer apenas esta única coisa: não impedir Deus de agir!

- 18** O desfecho da questão corresponde à situação. Os que questionam não confessam que obtiveram uma solução teológica convincente para suas objeções, tendo se tornado agora amigos convictos da missão aos gentios livre da lei. Porém, em vista dos fatos, silenciam. Isso já é muito. Desviam o olhar de suas indagações e problemas para a magnitude e glória dessa realidade divina: “Logo, também aos gentios foi por Deus concedido o arrependimento para vida!” É algo grandioso quando nos alegamos de coração, sem inveja, com a misericórdia que acontece aos outros. Jesus havia convidado os judeus devotos para essa alegria conjunta (Lc 15.31s) – em vão. Os da circuncisão que aceitaram a fé em Jesus tornaram-se capazes dessa alegria conjunta que glorifica a Deus. Contudo suas dúvidas ainda não estavam solucionadas com isso, mais precisamente a questão da comunhão de vida plena entre judeus cristãos e gentios cristãos, da qual partira a discussão com Pedro. O próprio Pedro ainda não tinha uma clareza completa nessa questão. Não tinha mais do que a explicação bem prática: tive de fazer tudo isso, afinal, eu não podia “impedir a Deus”.

O COMEÇO DE UMA IGREJA GENTIA CRISTÃ NA ANTIOQUIA COSMOPOLITA - Atos 11.19-26

- 19 – Então, os que foram dispersos por causa da tribulação que sobreveio a Estêvão se espalharam até à Fenícia, Chipre e Antioquia, não anunciando a ninguém a palavra, senão somente aos judeus.**
- 20 – Alguns deles, porém, que eram de Chipre e de Cirene e que foram até Antioquia, falavam também aos gregos, anunciando-lhes o evangelho do Senhor Jesus.**
- 21 – A mão do Senhor estava com eles, e muitos, crendo, se converteram ao Senhor.**
- 22 – A notícia a respeito deles chegou aos ouvidos da igreja que estava em Jerusalém; e enviaram Barnabé até Antioquia.**
- 23 – Tendo ele chegado e, vendo a graça de Deus, alegrou-se e exortava a todos a que, com firmeza de coração, permanecessem no Senhor.**
- 24 – Porque era homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé. E muita gente se uniu ao Senhor.**
- 25 – E partiu Barnabé para Tarso à procura de Saulo;**
- 26 – tendo-o encontrado, levou-o para Antioquia. E, por todo um ano, se reuniram naquela igreja e ensinaram numerosa multidão. Em Antioquia, foram os discípulos, pela primeira vez, chamados “cristãos”.**

Lucas estabelece um retrospecto. Literalmente faz conexão com At 8.4. Precisamos, pois, acostumar-nos com uma peculiaridade do escritor Lucas: o poderoso evento, praticamente decisivo para todo o resto, inclusive a viagem de Paulo a Roma, o começo de uma igreja gentia cristã na cidade cosmopolita Antioquia - tudo é relatado em poucas e sucintas frases, enquanto a conversão de Cornélio é narrada com grande detalhamento e com várias repetições. Nós teríamos procedido de maneira exatamente oposta. No entanto, dessa forma Lucas nos expõe o quadro correto. Em At 10.1 e 11.18 não se tratava apenas da conversão de um capitão romano como tal, mas de conquistar o apóstolo mais importante para a missão aos gentios propriamente dita. O novo começo em Antioquia jamais teria podido avançar tanto se Pedro entretimentos não tivesse sido levado, pelas ações e direções especiais de Deus, a considerar gentios incircuncisos como irmãos plenos na igreja de Cristo unicamente com base em sua conversão a Jesus. É o que o próprio Paulo sentencia muitos anos mais tarde em Gl 2.2. Por isso foi necessário apresentar aqui uma ilustração abrangente e detalhada. A fundação da igreja gentia cristã em Antioquia aconteceu de modo bem modesto, por meio de homens desconhecidos. E somente então se evidencia o caráter significativo desse acontecimento. A isso corresponde o modo condensado e sereno com que Lucas relata.

- 19** “Entretanto, aqueles que a tormenta sobrevinda por causa de Estêvão dispersara...” [TEB]. Portanto, ainda havia “dispersos” daquele tempo. E agora somos informados de que ao fugir não haviam chegado apenas até Samaria, mas que “foram até a Fenícia e Chipre e Antioquia”. A “Fenícia” é a longa e estreita faixa costeira da Palestina do Carmelo até o Líbano, com as importantes cidades litorâneas de Ptolemaida, Tiro, Sarepta, Sidom. Chipre é a extensa ilha localizada no ângulo do mar Mediterrâneo formado pela Síria e pela Cilícia. Mais importante, porém, é Antioquia. É uma cidade relativamente nova, fundada pelos diádocos, sucessores de Alexandre Magno, situada entre o Líbano e a montanha do Tauro no fértil vale do Orontes, 300 km a norte de Damasco. “Ela se transformara rapidamente numa metrópole, na terceira maior cidade do Império depois de Roma e Alexandria, num crisol de culturas e religiões, obviamente também uma cidade de má fama à semelhança de Corinto. Ainda hoje dão testemunho de sua grandeza de outrora o antigo muro da cidade, que se estende, hoje amplo demais, em torno da moderna Antioquia (Antakya), agora encolhida para uma cidade provincial média, e sobretudo o museu com seus maravilhosos mosaicos, oriundos, entre outras, daquela época áurea” (Stählin, op. cit., p. 161). Em Antioquia vivia um contingente numeroso de judeus, ativos na missão, aos quais aderiam muitos prosélitos. Entre os “Sete” de At 6.1-6 foi arrolado um desses “prosélitos de Antioquia”, Nicolau.
- Já soubemos em At 8.4 que, apesar de toda a aflição da qual procediam, os dispersos não silenciavam acerca de sua fé. Contudo, a princípio era algo muito óbvio para eles que “não anunciassem a ninguém a palavra, senão somente aos judeus”. Neste caso o “ponto de conexão” para a proclamação surgia obrigatoriamente. Os fugitivos tinham de falar de sua situação, citando o motivo da fuga. Assim chegavam inevitavelmente à mensagem sobre Jesus.
- 20** Na seqüência, porém, sem qualquer planejamento, e com certeza algo inicialmente secundário, é dado um passo de extrema importância: “Alguns” dos fugitivos – trata-se de homens “de Chipre e de Cirene”, que estavam acostumados ao convívio com gregos – “falavam também aos gregos”, “anunciado-lhes o Senhor Jesus” [tradução do autor]. Podem ter mantido, ou estabelecido agora, contatos pessoais ou comerciais com moradores gregos de Antioquia, aproveitando esse relacionamento para “evangelizar o Senhor Jesus”. Também nessa situação acontece novamente a “evangelização pessoa-a-pessoa”. O conteúdo da evangelização e, conseqüentemente, o tema de qualquer evangelização é definido aqui, diante da audiência gentia, sem quaisquer premissas, com a fórmula muito sucinta e simples que ainda repercute em 1Co 12.3 como o testemunho originário de um cristão: “*Kyrios Iesous*” = “Senhor é Jesus.” Na situação não era possível trazer provas da Escritura do AT, nem partir da lei ou do culto sacrificial. Contudo, em Antioquia qualquer pessoa sabia o que é um “*kyrios*”, um “senhor”. Havia muitos “senhores” de cunho secular e religioso. Agora aqueles fugitivos testificam: Temos “um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós também, por ele” (1Co 8.6). Ele é de fato e realmente o “Senhor”, que reivindica para si toda a nossa vida, mas ao qual nós também podemos confiar toda a nossa vida para agora e para a eternidade. É provável que os fugitivos tenham falado sobre esse “Senhor Jesus” de modo análogo ao que Pedro usou diante do oficial gentio.
- 21** Essa evangelização foi facilitada pela vida cultural desinibida dessa metrópole, rica em famosas escolas de filosofia, medicina e retórica, com uma magnífica biblioteca, teatros, estádios esportivos e balneários. A evangelização era dificultada pela proverbial licenciosidade moral da população, com sua vida gentia degenerada. Para surpresa dos que se arriscavam a dialogar com gentios sobre Jesus, a mensagem obteve considerável aceitação: “Muitos creram e se converteram ao Senhor” [NVI]. Será que aquelas pessoas de Cirene e Chipre eram missionários tão habilidosos, tão convincentes, pessoas tão cheias do poder do Espírito? Lucas não nos diz nada a esse respeito, porque constata a causa do sucesso num ponto completamente diferente: “A mão do Senhor estava com eles.” Em última análise esse é sempre e em todos os lugares o verdadeiro motivo de uma proclamação eficaz. Foi assim que esses homens desconhecidos do povo, sem formação, sem ordenação, sem sociedade missionária, sem plano estratégico se tornaram pioneiros decisivos da missão aos gentios. A hora de Deus havia chegado. Arriscaram-se a testemunhar, e “a mão do Senhor estava com eles”.
- 22** Como foi bom e necessário, porém, que o acontecimento em Cesaréia tenha acontecido anteriormente! Quando “a notícia a respeito deles chegou aos ouvidos da igreja que estava em Jerusalém”, de que em Antioquia grandes multidões de gentios incircuncisos, apenas com base em sua conversão a Jesus e de sua fé nele, teriam sido acolhidos na igreja, ela não era mais uma novidade assustadora. Ao mesmo tempo também não era um fato tão diretamente provocante, já que

não fora o líder principal da primeira igreja, como antigo israelita, que mantivera comunhão de mesa com homens incircuncisos. Tudo acontecera numa distância muito maior. Mesmo assim, a notícia agita não apenas os apóstolos, mas toda a congregação de Jerusalém. Ela se considera responsável por todos os que se congregam em torno de Jesus Cristo em qualquer lugar. “E enviaram Barnabé até Antioquia.” Desta feita os apóstolos não podem ir pessoalmente, Antioquia está distante demais. Barnabé, oriundo de Chipre, está intimamente mais próximo daquelas pessoas de Antioquia. Na pessoa dele, o “filho da consolação”, chega à igreja recém-surgida alguém que por natureza é um homem de plena confiança.

- 23** Por isso ele também chega a Antioquia não como observador crítico, mas “tendo ele chegado e, vendo a graça de Deus, alegrou-se”. No grego essa breve frase é ainda mais eloquente por causa da semelhança de som entre as palavras “graça” = “*charis*” e “alegrou-se” = “*echáre*”. Barnabé não vê em primeira instância coisas “questionáveis” e “problemáticas”. Ele vê como a graça soberana de Deus acolhe também gentios na igreja. Como poderia reagir de outra forma do que se alegrar porque a graça de Deus vai tão longe e realiza coisas tão inesperadas? Isso é bem mais do que a palavra de Pedro: “Não pude impedir Deus de agir.” Barnabé não apenas deixou de “impedir”, mas ele “alegrou-se”. Obviamente também viu o perigo de que esses gregos intelectualmente versáteis podiam facilmente esmorecer outra vez. Por isso “exortava a todos a que, segundo o propósito do coração, permanecessem no Senhor” [tradução do autor]. Quantas dessas exortações para “permanecer” perpassam todo o NT! De forma alguma é ponto pacífico que todos os convertidos também “permanecerão” na fé! “Certeza de salvação” não é “despreocupação”! A certeza da salvação olha para o poder e a fidelidade do Senhor. O cuidado pastoral correto também vê soridamente todas as ameaças externas e internas do ser humano, motivo pelo qual exorta para “permanecer” com seriedade e constância!
- 24** Em seu relato Lucas dificilmente elogia pessoas individuais. Aqui, porém, ele não deixa de acrescentar: “Porque era homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé.” Acontece que para o grego a palavra “bom” não tinha a conotação que nós facilmente lhe atribuímos, de “benigno”, mas sobretudo o significado de “esforçado”. Sua alegria pela nova igreja, bem como sua exortação cordial, acontecem pela “fé” e são conduzidas e impulsionadas pelo Espírito Santo. Do contrário teria adiantado pouco que ele fosse uma “boa pessoa”. Agora, porém, não é de admirar que durante sua presença o crescimento da igreja progrida: “E muitas pessoas foram acrescentadas ao Senhor” [NVI].
- 25/26** Contudo, Barnabé não apenas presta o bom serviço para a continuação da história da igreja de simplesmente se “alegrar” com a igreja de gentios livre da lei, ele não apenas favorece o crescimento dessa igreja para dentro e para fora, mas ele dá outro passo de grande consequência: busca Paulo para o trabalho em Antioquia, lançando desse modo o fundamento para toda a obra da vida de Paulo. Reconhece a importância especial da igreja nesse centro do Oriente. Para edificá-la procura por um colaborador com capacidades especiais, lembrando-se de Saulo de Tarso. Conhece sua ação resoluta tanto como perseguidor quanto como cristão e testemunha de Jesus. Em Jerusalém ele mesmo o apresentou aos apóstolos (At 9.27). Provavelmente também percebeu que a igreja dessa cidade cosmopolita necessitava de um teólogo formado e pensador eficiente. Sabia que naquela vez Saulo fora enviado para sua cidade natal Tarso. Será que ainda estaria por lá? “E partiu Barnabé para Tarso à procura de Saulo; tendo-o encontrado, levou-o para Antioquia.” Na sequência acontece naquele local um ano inteiro de profícua cooperação. Acima de tudo é trabalho de ensino. Uma igreja de Jesus se forma e cresce exteriormente apenas através de “evangelização”, através da proclamação despertadora da mensagem da salvação. Uma vez formada, porém, ela precisa da consolidação e do crescimento interior por meio da “doutrina”. Em Jerusalém os cristãos haviam permanecido “perseverantes na doutrina dos apóstolos” (At 2.42). Do mesmo modo Barnabé e Saulo ensinavam agora em Antioquia “numerosa multidão”. Lucas diz: “E aconteceu-lhes que, até por todo um ano, se uniram naquela igreja e ensinaram...” [tradução do autor]. Esse não era o plano ao enviar Barnabé, e ninguém se lembrara de Saulo. Agora, pois “aconteceu-lhes” assim. Para eles e para a igreja isso era um presente. Quanto Saulo terá aprendido pessoalmente nesse longo e exaustivo “ensino”! Uma coisa ele aprendeu de maneira completamente nova: a comunhão de trabalho com um irmão, o serviço em “equipe”. No fundo os grandes mestres de Israel eram pessoas solitárias, cada qual formando sua própria “escola”, mas posicionando-se criticamente diante de outros. Agora Paulo tinha o privilégio de experimentar o que significa desempenhar o serviço na comunhão com um irmão. Paulo não quis mais prescindir dessa experiência, nem mesmo quando aconteceu a dolorosa

ruptura com Barnabé. Quantas imagens preciosas, de cordial comunhão de serviço, nos mostram suas cartas, sobretudo também a lista de saudações em Rm 16.

- 26** Outro fato significativo sucede em Antioquia: Os “discípulos” receberam ali um nome próprio! A princípio haviam sido simplesmente “judeus” e também desejavam sê-lo pessoalmente. Para eles cumpriu-se em Jesus a grande esperança de Israel. Justamente por isso sentiam-se como os verdadeiros judeus e esperavam ser capazes de conduzir todo o Israel até Jesus. Eles representavam um problemático cisma judaico para os grupos dirigentes de seu povo, “a seita dos nazarenos”, como diz, com ira e desprezo, o promotor do Sinédrio perante Félix (At 24.5). Também o mundo gentio os considera simplesmente como “judeus”. Sucedeu, porém, que em Antioquia um grande número de “gregos” havia aderido à igreja. Não podiam considerar-se pessoalmente como “judeus”, nem ser assim tratados por seus concidadãos helênicos. Que eram eles? “Nazarenos”, como os judeus os insultavam? Mas essa referência era completamente incompreensível para as pessoas de Antioquia. Jamais haviam ouvido falar de “Nazaré”. Ou “discípulos, alunos”? Essa expressão, porém, nessa cidade com os numerosos centros de ensino, era formal demais. Quantos tipos de “alunos” havia ali! Então os antioquenos se fixam no nome que surgia constantemente em todos os diálogos com eles e que tinha importância decisiva, passando a chamá-los, de acordo com Jesus Cristo, os “cristianos”, a “gente do Cristo”. Esse nome era prático e se consolidou rapidamente. Em 1Pe 4.16 ele já é usado com toda a naturalidade. Obviamente essa passagem também permite pressentir algo das dificuldades que se aproximavam da igreja de Jesus por meio desse nome. O judaísmo tinha no Império Romano o status de “*religio licita*”, uma religião oficialmente reconhecida. Como “judeus” os discípulos eram ao mesmo tempo pessoas “legais”. Como, porém, era a situação dos “cristianos”? Muito em breve, sob Nero, a palavra “cristão” se torna uma palavra de desprezo e ódio. E na correspondência entre o imperador Trajano e seu governador Plínio no ano de 111-113 d. C. já se aborda a pergunta se o simples nome de cristão como tal era merecedor de punição. Tertuliano (nascido por volta de 150 d. C.) conhece o terrível grito que se levantava com cada tragédia pública: “*Christianos ad leonem!*” – “Lancem aos leões os cristianos!” Os que se alegravam com o novo e claro nome em Antioquia não podiam prever isso.

A PRIMEIRA COLETA GENTIA CRISTÃ PARA JERUSALÉM - Atos 11.27-30

- 27** – Naqueles dias, desceram alguns profetas de Jerusalém para Antioquia
28 – e, apresentando-se um deles, chamado Ágabo, dava a entender, pelo Espírito, que estava para vir grande fome por todo o mundo, a qual sobreveio nos dias de Cláudio.
29 – Os discípulos, cada um conforme as suas posses, resolveram enviar (algumas coisas a título de serviço de) socorro aos irmãos que moravam na Judéia;
30 – o que eles, com efeito, fizeram, enviando-o aos presbíteros por intermédio de Barnabé e de Saulo.

Entre as pessoas de dons especiais com que Deus presenteia as igrejas Ef 4.11 e também 1Co 12.28 citam os “profetas”. A narrativa sobre a reunião da igreja em Corinto revela que se contava com um grande grupo de “profetas” numa igreja, que se alternam nos discursos (1Co 14.29-32). Por isso não é motivo de surpresa que também da igreja de Jerusalém chegue um grupo de profetas para Antioquia. Não sabemos por que realizam essa longa viagem até uma igreja em que o dom profético já estava presente ativamente (At 13.1). Mas será que temos de saber de tudo? A exposição de Lucas é breve e sumária em muitos momentos. Um do grupo de profetas, Ágabo, que encontraremos outra vez em At 21.10s em Cesaréia, “pelo Espírito predisse que uma grande fome sobreviria a todo o mundo romano” [NVI]. Seguramente não era a única nem a principal tarefa dos profetas, nem do AT nem do NT, predizer eventos futuros (cf. 1Co 14.24s). Contudo, por outro lado é difícil negar que o olhar para o futuro faça parte da essência do profetismo. É esse tipo de previsão que a presente seção narra. Refere-se a uma grande epidemia de fome que deve sobrevir “todo o mundo”. Lucas emprega um termo que nós conhecemos hoje como “ecúmene” num sentido diferente. Naquele tempo ele designava a terra “habitada”, “cultivada”, sobretudo também a terra dominada e administrada pelo Império Romano. Frequentemente aconteciam situações de fome localizadas. Agora Ágabo vê chegar uma época de carestia que abrange todo o Império Romano.

- 29** Carências gerais desse tipo atingem tanto os filhos de Deus como as pessoas afastadas de Deus. Também os cristãos antioquenos não pensam que os crentes ficariam milagrosamente isentos da

fome. Por isso precisam ser convocados para ajudar. Nesse momento acontece algo “milagroso”: esses cristãos não pensam em primeiro lugar em si mesmos e não tomam providências de como podem preparar-se para o tempo de dificuldade em Antioquia. Pensam na primeira igreja na terra judaica. Por meio de Barnabé, assim como agora também pelos profetas de Jerusalém, eles sabem das dificuldades que a primeira igreja já está passando com seus numerosos pobres (cf. acima, p. ... [75]). O que será deles quando a carestia geral fizer os preços dispararem? Conseqüentemente, decidem realizar imediatamente uma coleta de dinheiro, na qual cada um se compromete com a quantia que seus recursos permitem, para depois enviar o dinheiro “como serviço aos irmãos que moram na Judéia” [tradução do autor]. E de fato executam a coleta. Como é grande essa solicitude num momento em que o espectro ameaçador da fome está diante de todos e razão humana lhes dizia que justamente agora nada poderiam partilhar!

- 30** E eles “enviaram-no aos presbíteros por intermédio de Barnabé e Saulo”. Agora subitamente aparecem “presbíteros” em Jerusalém. Por que a coleta não é enviada aos apóstolos? Devemos recordar que já em At 6 todo o serviço de assistência tinha sido entregue em outras mãos. E precisamos notar que a oferta não era destinada exclusivamente para a própria igreja de Jerusalém, mas se dirigia de modo mais abrangente “aos irmãos que moravam na Judéia”. Não causa surpresa que as igrejas nessa terra tinham “presbíteros” conforme o exemplo de Israel. Também agora Lucas não relata de forma minuciosa o que não lhe parecia imprescindível mencionar, dado o formato limitado de sua obra. Mas também na grande igreja da própria cidade de Jerusalém pode ter surgido rapidamente a necessidade de instituir, para as muitas tarefas práticas da direção da igreja, os “presbíteros”, assim como inicialmente os “Sete” para o “serviço às mesas”. Essas tarefas não podiam ser desempenhadas adicionalmente pelos apóstolos, se o propósito era preservar o princípio de Pedro em At 6.4.

Barnabé e Saulo dirigem-se a Jerusalém. Será que isso está correto? Na carta aos Gálatas, o próprio Paulo conta apenas a respeito de sua presença no concílio dos apóstolos (Gl 2.1) além de sua primeira visita em Jerusalém (Gl 1.18). Será que isso não contradiz o dado de Lucas no presente texto? Contudo, será que Paulo realmente teve intenção de registrar na carta aos Gálatas todas as ocasiões em que esteve em Jerusalém? Isso seria necessário para alcançar o objetivo de sua exposição aos gálatas? Os judeus cristãos haviam dito aos gálatas que Paulo nem sequer era um verdadeiro apóstolo com autoridade própria; que ele teria ingressado somente mais tarde no serviço e seria dependente dos reais e verdadeiros apóstolos em Jerusalém, os Doze. Agora Paulo demonstra sua total independência aos gálatas. Para isso era de importância decisiva que depois de sua conversão causada diretamente pelo próprio Jesus tenha estado três anos no trabalho, sem primeiro tornar-se um discípulo dos apóstolos, e que depois, em sua primeira visita, permanecera pouco tempo em Jerusalém e não vira nenhum apóstolo além de Pedro e de Tiago, o irmão do Senhor, e ainda que sua participação no concílio dos apóstolos transcorreria da maneira relatada em Gl 2. No entanto, será que sua autonomia e autoridade apostólica eram negadas pelo fato de uma vez levar uma oferta de Antioquia a Jerusalém e nem sequer a entregar aos apóstolos, mas aos “presbíteros”? Dificilmente seus adversários usaram isso como “prova” contra ele. Em vista disso Paulo também não tinha motivo para abordar esse aspecto em sua carta.

Ágabo não deu uma referência cronológica exata para o início da fome. Lucas ainda acrescenta que ela de fato aconteceu sob o imperador Cláudio. Cláudio governou de 41 a 54 d. C. A partir de informações do historiador judaico Josefo sabemos que a Palestina sofreu pesada carestia sob o governo de Tito Alexandre, o segundo governador depois da morte do rei Agripa (no ano de 44). Isso não pode ter sido antes do ano 46. Lucas localiza a coleta e o envio da ajuda de Antioquia já no ano de 44, uma vez que em seguida descreve a morte do rei Herodes Agripa. No entanto, sua narrativa nem mesmo afirma que o socorro às igrejas da Judéia tenha acontecido apenas quando a carestia eclodiu. Seu acréscimo: “Ela (de fato) sobreveio nos dias de Cláudio” visa mostrar que ele mesmo separa o início da fome cronologicamente do momento em que foi predita. A igreja, porém, deixou-se mobilizar imediatamente para a ação, justamente porque a visão profética não permitiu determinar a proximidade da catástrofe.

Para nós reveste-se de importância a consonância dessa primeira coleta de uma igreja gentia cristã para Jerusalém com a posterior atividade de arrecadação de Paulo. Ainda que a escassez caia “sobre toda a terra”, somente Jerusalém e Judéia se tornam objeto do cuidado assistencial. A primeira igreja tinha uma importância e dignidade que era prontamente reconhecida justamente pelas igrejas

formadas em outras nações – e igualmente por Paulo –, sendo confirmada por essa coleta. O imposto do templo, pago por cada judeu na diáspora, pode ter influído inconscientemente. A coleta, porém, permanece algo completamente espontâneo, ao contrário do imposto obrigatório do templo. Foi o que mais tarde Paulo também sempre preservou (2Co 8). Portanto, Antioquia foi pioneira também nessa questão importante, traçando a linha básica da evolução subsequente. Quando o serviço da arrecadação foi instituído, Paulo aprendeu também nesse caso algo fundamental para toda sua obra posterior.

A MILAGROSA LIBERTAÇÃO DE PEDRO DA PRISÃO - Atos 12.1-19

- 1 – Por aquele tempo, mandou o rei Herodes prender alguns da igreja para os maltratar,**
- 2 – fazendo passar a fio de espada a Tiago, irmão de João.**
- 3 – Vendo ser isto agradável aos judeus, prosseguiu, prendendo também a Pedro. E eram os dias dos pães asmos.**
- 4 – Tendo-o feito prender, lançou-o no cárcere, entregando-o a quatro escoltas de quatro soldados cada uma, para o guardarem, tencionando apresentá-lo ao povo depois da Páscoa.**
- 5 – Pedro, pois, estava guardado no cárcere; mas havia oração incessante a Deus por parte da igreja a favor dele.**
- 6 – Quando Herodes estava para apresentá-lo, naquela mesma noite, Pedro dormia entre dois soldados, acorrentado com duas cadeias, e sentinelas à porta guardavam o cárcere.**
- 7 – Eis, porém, que sobreveio um anjo do Senhor, e uma luz iluminou a prisão; e, tocando ele o lado de Pedro, o despertou, dizendo: Levanta-te depressa! Então, as cadeias caíram-lhe das mãos.**
- 8 – Disse-lhe o anjo: Cinge-te e calça as sandálias. E ele assim o fez. Disse-lhe mais: Põe a capa e segue-me.**
- 9 – Então, saindo, o seguia, não sabendo que era real o que se fazia por meio do anjo; parecia-lhe, antes, uma visão.**
- 10 – Depois de terem passado a primeira e a segunda sentinela, chegaram ao portão de ferro que dava para a cidade, o qual se lhes abriu automaticamente; e, saindo, enveredaram por uma rua, e logo adiante o anjo se apartou dele.**
- 11 – Então, Pedro, caindo em si, disse: Agora, sei, verdadeiramente, que o Senhor enviou o seu anjo e me livrou da mão de Herodes e de toda a expectativa do povo judaico.**
- 12 – Considerando ele a sua situação, resolveu ir à casa de Maria, mãe de João, cognominado Marcos, onde muitas pessoas estavam congregadas e oravam.**
- 13 – Quando ele bateu ao postigo do portão, veio uma criada, chamada Rode, ver quem era;**
- 14 – reconhecendo a voz de Pedro, tão alegre ficou, que nem o fez entrar, mas voltou correndo para anunciar que Pedro estava junto do portão.**
- 15 – Eles lhe disseram: Estás louca. Ela, porém, persistia em afirmar que assim era. Então, disseram: É o seu anjo.**
- 16 – Entretanto, Pedro continuava batendo; então, eles abriram, viram-no e ficaram atônitos.**
- 17 – Ele, porém, fazendo-lhes sinal com a mão para que se calassem, contou-lhes como o Senhor o tirara da prisão e acrescentou: Anunciai isto a Tiago e aos irmãos. E, saindo, retirou-se para outro lugar.**
- 18 – Sendo já dia, houve não pouco alvoroço entre os soldados sobre o que teria acontecido a Pedro.**
- 19 – Herodes, tendo-o procurado e não o achando, submetendo as sentinelas a inquérito, ordenou que fossem justicadas. E, descendo da Judéia para Cesaréia, Herodes passou ali algum tempo.**

- 1** A situação da igreja sofreu uma séria mudança. No ano de 41 d. C., o imperador Cláudio declarou Herodes Agripa rei de Jerusalém em gratidão por méritos políticos – ele fora mediador entre o Senado e o novo imperador proclamado pelas tropas. Conseqüentemente, Agripa dominava todo o reino de seu avô, Herodes o Grande. Por isso a primeira igreja não vivia mais sob um governador romano, do qual sempre se podia esperar uma certa proteção legal, mas sob uma déspota oriental, a cuja arbitrariedade estava exposta. A história secular não é irrelevante para a igreja de Jesus! Ao mesmo tempo, porém, mudou também a atitude dos judeus frente à igreja. No início Lucas afirmava: “Contava com a simpatia de todo o povo” (At 2.47). Mesmo na época subsequente o Sinédrio tinha

de levar o ânimo do povo, que era favorável aos apóstolos (At 4.21; 5.26), em conta. Contudo, isso mudou após o tumulto do episódio de Estêvão. Agora, o rei encontra até entre os judeus uma viva simpatia quando toma medidas contra os apóstolos. Porventura isso nos surpreende? O ânimo do povo é sempre muito volúvel. Ademais, a longo prazo a atitude séria e consagrada do cristianismo dificilmente podia agradar a grande massa. Seja como for, “por aquele tempo, mandou o rei Herodes prender alguns da igreja para os maltratar”. Como muitas vezes em Lucas, a definição cronológica é incerta. Será que Paulo e Barnabé já estavam em Jerusalém? Porventura tudo isso representava um contra-ataque de Satanás às grandes repercussões dos fatos que deram início, em Antioquia, à expansão da mensagem de Cristo por todo o mundo? De qualquer forma, a contraposição é marcante: lá em Antioquia há uma igreja em crescimento, aqui em Jerusalém uma nova perseguição, que desta vez atinge precisamente o círculo dos apóstolos. Desde o começo os destinos na igreja de Jesus não são uniformes. Antioquia passa por um período de alegre florescimento, Jerusalém passa por angústia e sofrimento. Pedro é liberto milagrosamente da prisão e devolvido à vida e à atuação, enquanto Tiago morre sem qualquer intervenção redentora do alto. O Senhor, porém, distribui tudo de acordo com a sua vontade. Isso conforta tanto nos sucessos quanto nas aflições.

- 2 “E mandou matar à espada Tiago, irmão de João” [NVI]. Sob um governante oriental, uma ordem dessas é dada e executada com rapidez. Tiago experimenta o que Jesus lhe predissera certa vez (Mc 10.39): agora bebe o cálice do sofrimento e recebe o batismo de sangue. Contudo, é significativo que não se note qualquer glorificação do mártir. Quanta brevidade e sobriedade caracterizam novamente o relato de Lucas! Não é comunicada a verdadeira razão que levou Herodes a tomar essas providências, e porque mandou prender e executar justamente em primeiro lugar a Tiago.
- 3/4 Quando Herodes nota que suas investidas contra os cristãos lhe rendem a popularidade que um tirano autocrático, afinal, necessita constantemente, “prosseguiu, prendendo também a Pedro”. Não se trata de uma perseguição da toda a grande igreja. Herodes mira em seu notório líder. Assim devem ter raciocinado também os grupos do Sinédrio: “Acabemos com os líderes desse movimento repugnante, e ele desfalecerá por si”.
- “Eram os dias dos pães asmos.” Portanto, a detenção do discípulo acontece na mesma época em que seu Mestre foi preso. Porém, enquanto no caso de Jesus o Sinédrio realiza o processo às pressas, ainda antes do começo da festa, Herodes evidentemente pensa num grande processo espetacular, a ser realizado calmamente após a festa. Pedro é vigiado rigorosamente na prisão. “Quatro escoltas de quatro soldados” se revezam na vigilância a cada três horas, conforme o costume romano. Talvez o Sinédrio tenha alertado Herodes para os constrangedores acontecimentos de At 5.17-26.
- 5 Essa é, portanto, a situação que Lucas descreve com aquela frase sucinta que desde então se tornou realidade viva na história da igreja de Jesus pelos séculos: “Pedro, então, ficou detido na prisão, mas a igreja orava intensamente a Deus por ele” [NVI]. O mundo brutal luta com seus recursos e poder contra a frágil igreja de Jesus: encarcera, vigia, mata e envolve tudo em ofuscante propaganda. A igreja não pode nem deve buscar o emprego de armas da mesma espécie. Através de Pedro, seu Senhor lhe disse de uma vez por todas: “Embainha a tua espada” [Mt 26.52]. Contudo, ela possui uma arma poderosa, desprezada e ridicularizada pelo mundo, e não obstante mais poderosa que todo o poder de um Herodes: a incessante e sincera oração. É dessa arma que ela se utiliza naquela situação. É óbvio que para isso não era possível reunir toda a grande igreja. Contudo, na casa de Maria, mãe de João Marcos, “muitas pessoas estavam congregadas e oravam”, sem cessar, também durante a noite (v. 12). Mesmo numa situação humanamente sem saídas eles oravam “intensamente”, tanto com persistência quanto com fervor. Será que, conforme os v. 14s, não esperavam de fato que suas orações fossem atendidas? É o que constatamos também em nossa vida: quando rogamos por coisas grandiosas e “impossíveis”, não somos capazes de captar o fato de que subitamente nos deparamos com seu cumprimento. Com razão A. Schlatter aponta ao mesmo tempo para a circunstância de que aqui também se evidenciou o modo submisso e sóbrio da oração dessa igreja. Sem dúvida a prece com fé move o braço do Todo-Poderoso. Contudo, não deixa de ser um “pedido”, e o braço do Todo-Poderoso não deixa de ser o braço de Deus, que executa os planos pessoais de Deus, que podem contradizer todos os nossos mais intensos e sinceros desejos. Já na primeira ameaça o ponto principal para os que oravam não foi: “Senhor, protege teu mensageiro!” Pelo contrário: “Concede aos teus servos que anunciem com toda a intrepidez a tua palavra” (At 4.29). Por que isso não estaria também agora no centro das orações?

6 É nesse sentido que a oração da igreja é atendida em primeiro lugar. Que situação deve ter sido a de Pedro, arrancado de sua atuação, e encaminhando-se à morte violenta! “Ainda que me seja necessário morrer contigo...” [Mc 14.31]: agora essa possibilidade é real. E acaso o próprio Senhor não tinha apontado, naquela inesquecível manhã da época da Páscoa, a Pedro, “com que gênero de morte Pedro havia de glorificar a Deus” (Jo 21.18s)? Era chegada a hora? A última noite antes da execução chegou. Será que Pedro vigiava com o coração comovido, atribulado de muitos temores, em ardente oração? Não. A igreja vigia e ora por seu apóstolo. Ele pode repousar em profunda paz. “Naquela noite, Pedro dormia entre dois soldados, acorrentado com duas cadeias.” Dorme tão firmemente que o anjo precisa acordá-lo com um forte empurrão! “Em paz me deito e logo pego no sono, porque, Senhor, só tu me fazes repousar seguro.” Essa palavra do Sl 4.8 vale, com Jesus, até mesmo para uma pessoa que está acorrentada entre dois soldados e passa sua última noite na terra, enquanto se ouvem os passos da sentinela diante de sua porta.

7-11 Na seqüência Lucas descreve a libertação de Pedro através do anjo com grande plasticidade. Pedro está tão atordoado que o anjo precisa ordenar cada detalhe: “Levanta-te depressa!... Cinge-te e calça as sandálias! Põe a capa e segue-me!” Pedro “não sabia que era real o que se fazia por meio do anjo; parecia-lhe, antes, uma visão.” Afinal, tudo não deixa de ter um aspecto de “sonho”: as correntes caem de suas mãos, as portas se abrem e fecham automaticamente, as sentinelas não vêem nem percebem nada.

Na rua o anjo se separa de Pedro. Os mensageiros celestiais de Jesus são rigorosamente objetivos em seu serviço. Executam sua tarefa e desaparecem imediatamente depois de finalizá-la. Não podem ser detidos por nenhum interesse pessoal em pessoas ou coisas. Da forma mais viva, porém, Lucas descreve como Pedro de repente acorda para a realidade plena depois dos incríveis acontecimentos milagrosos: “E Pedro, tornando a si, disse: Agora, sei, verdadeiramente, que o Senhor enviou o seu anjo e me livrou da mão de Herodes e de tudo o que o povo dos judeus esperava” [RC]. Sim, também um povo “devoto” pode se alegrar com a expectativa cruel do espetáculo de uma execução.

12-17 Quando Pedro havia obtido clareza de sua situação, “dirigiu-se à casa de Maria, mãe de João, também chamado Marcos” [NVI] Diferente das outras, essa Maria não é designada pelo nome de seu pai ou marido, mas de acordo com o filho. Ao que parece, Lucas supõe que seus leitores conhecem João Marcos como um cristão eminente. Pedro experimentou uma libertação milagrosa pela mão do anjo. Agora a ação lhe cabe outra vez, e ele faz o mais óbvio: vai ao local em que sabe que, mesmo na noite avançada, irmãos de fé estão reunidos.

Como Lucas descreve a cena que acontece em seguida! A criada (chamada “Rode”, ou seja, algo como “Rosinha”) chega para verificar quem está batendo – a vistosa casa tem um pátio na rua – e, reconhecendo a voz de Pedro, com alegre espanto esquece de abrir a porta. Ao anunciá-lo aos que estavam reunidos em oração é chamada de insensata, mas insiste em afirmar firmemente que Pedro de fato estava lá fora. Na seqüência, Pedro rejeita as ruidosas manifestações de alegria, informa brevemente sobre sua libertação, pede que dêem notícia a Tiago e aos irmãos e depois se retira “para outro lugar”. Repetindo: verdadeiras pessoas de oração não são como a teoria devota poderia imaginá-los. Oram com máxima seriedade, e apesar disso não conseguem conceber que de repente o cumprimento está diante deles, “maior que as preces e a compreensão”. Para eles, o fenômeno sobrenatural, a aparição de um anjo que, como anjo da guarda de Pedro, assumiu a figura e voz dele [v. 15], ainda é mais provável do que a verdadeira libertação do apóstolo da prisão.

Pedro sabe que agora não deve haver alvoroço em frente à conhecida casa dos cristãos, porque chamaria atenção. Aliás, ele passa a agir com toda a sobriedade. Não acredita que tenha de demonstrar um heroísmo especial, nem de especular com outros milagres de Deus. Se Deus o salvou assim, é porque ainda precisa dele. Logo é seu dever ir a um lugar em que esteja seguro de Herodes. Ao nem mesmo dizer ao leitor o lugar a que Pedro se dirige, Lucas nos permite presenciar vivamente como também esse grupo em oração precisa permitir imediatamente que o apóstolo libertado siga para local incógnito.

Pedro dá a instrução de que “Tiago e os irmãos” sejam imediatamente notificados do acontecido. Será que naquele tempo Tiago já assumira uma posição de liderança ao lado dos apóstolos? Por que, e de que modo? Ou será que somente agora Pedro o coloca nessa posição, transferindo justamente a ele a direção em seu lugar, porque está se retirando? Porventura Pedro age assim porque Tiago é o único homem importante da igreja que, como judeu especialmente cumpridor da lei, poderia ser considerado relativamente seguro diante de uma investida? Sabemos tão pouco acerca da história do

primeiro cristianismo! Lucas não considerou necessário informar-nos a respeito. Em Gl 2 vemos que também depois do retorno de Pedro a Jerusalém Tiago é citado antes dele.

- 18/19** “O que teria acontecido a Pedro?” perguntam perplexos os soldados no dia seguinte. Herodes não se deixa impressionar com o nebuloso desaparecimento de seu prisioneiro, como tampouco o fizeram os sumo sacerdotes na ocasião da libertação dos apóstolos (At 5.19-24). Não pode ter havido um milagre, uma intervenção direta de Deus. Eles teriam de se assustar e curvar diante dele. Consequentemente, os soldados são acusados, inquiridos e levados à execução. O rei, porém, aborreceu-se de Jerusalém. Vai a Cesaréia e permanece ali.

A MORTE DE HERODES - Atos 12.20-25

- 20** – Ora, havia séria divergência [intensa ira] entre Herodes e os habitantes de Tiro e de Sidom; porém estes, de comum acordo, se apresentaram a ele e, depois de alcançar o favor de Blasto, camarista do rei, pediram reconciliação, porque a sua terra se abastecia do país do rei.
- 21** – Em dia designado, Herodes, vestido de trajo real, assentado no trono, dirigiu-lhes a palavra;
- 22** – e o povo clamava: É voz de um deus, e não de homem!
- 23** – No mesmo instante, um anjo do Senhor o feriu, por ele não haver dado glória a Deus; e, comido de vermes, expirou.
- 24** – Entretanto, a palavra do Senhor crescia e se multiplicava.
- 25** – Barnabé e Saulo, cumprida a sua missão, voltaram de Jerusalém, levando também consigo a João, apelidado Marcos.

- 20** Na seqüência Lucas nos relata o fim do homem que agira com tamanha arbitrariedade contra os apóstolos. A exposição de Lucas é corroborada pelo que o historiador judaico Josefo informa sobre a morte de Herodes Agripa. Na cidade portuária de Cesaréia Herodes se lembra singularmente dos grandes e autônomos portos de Tiro e Sidom, contra os quais cultivava uma intensa ira. A razão disso não é informada por Lucas. Empreender uma guerra contra eles está fora de cogitação. Roma não teria tolerado tal coisa numa de suas províncias. Contudo Herodes pode praticar uma guerra fria. As cidades na estreita faixa litorânea diante do Líbano dependem da importação de alimentos da área controlada por Herodes. Por isso, uma delegação das duas cidades consegue conquistar o tesoureiro Blasto. O dinheiro das ricas cidades mercantis deve ter desempenhado um papel importante. O resultado é o término da guerra fria. Herodes manda festejar o resultado com toda a pompa. “Em dia designado, Herodes, vestido de trajo real, assentado no trono, dirigiu-lhes a palavra.” Uma vez que Herodes desistiu de sua “intensa ira” diante dos conselhos de seu tesoureiro, ele deseja pelo menos brilhar em público. Seu discurso deve ter-se referido aos acontecimentos políticos e ao seu próprio mérito no estabelecimento da paz. Tudo isso podia acontecer sem problemas: Deus deixa o mundo e seus poderosos agirem tranquilamente nessas coisas. Mas agora acontece algo que viola a honra de Deus: “O povo o aclamava: É a voz de um deus, não de um homem!” [TEB]. Também Josefo relata a vestimenta suntuosa do rei, bordada em prata, que brilhava e cintilava sob o sol matinal, fazendo com que o rei parecesse um luminoso personagem celestial. O mesmo povo, que dias mais tarde, insultaria o rei após a súbita morte dele, explode em entusiasmas ovações: “Voz de um deus!”
- 23** O Oriente havia contaminado o mundo inteiro com a veneração divina dos soberanos. Herodes, porém, era um rei judaico, que há pouco havia dado como pretexto ter de defender a “velha fé” contra os revolucionários cristãos. Sua responsabilidade é muito diferente da de governantes gentios. Se ele tolera a divinização de sua pessoa, está quebrando o Primeiro Mandamento, o que provoca o juízo de Deus. “Um anjo do Senhor o feriu”, não por causa da execução de Tiago, não por causa da detenção de Pedro, mas pelo fato de “não haver dado glória a Deus” como rei de Israel. Também Josefo diz que Herodes deixou o luxuoso dia da festa subitamente como um moribundo. “E, comido de vermes, expirou.”
- 24** Formando um contraste marcante, Lucas acrescenta as últimas frases do capítulo a esse relato: “Entretanto, a palavra do Senhor crescia e se multiplicava.” Desse modo nos faz rever todo o capítulo. No começo, um rei pensa ter em sua mão todo o poder, e age arbitrariamente contra pessoas da igreja que de um ou outro modo o incomodam. Quando termina, vemos esse rei perecer repentinamente, e nenhuma veste cintilante de prata pode mais ocultar a miséria do corpo fustigado

pela dor, repleto de pústulas. “Entretanto, a palavra de Deus crescia e se multiplicava.” Um poderoso tenta destruir o cristianismo, mediante aplausos do povo, investindo contra os apóstolos. A igreja sofre grave aflição. “Entretanto a palavra de Deus crescia e se multiplicava.” Muito distinta é a sorte dos mensageiros: Tiago, filho de Zebedeu, morre, e nenhum anjo o protege diante da espada do carrasco. Não se faz alarde disso. Pedro é salvo e pode continuar a agir – até que venha também a sua hora de morrer como mártir. Contudo, ainda que através da narrativa da libertação milagrosa de Pedro Lucas vise fortalecer a igreja de seu tempo e de todos os tempos na certeza de que nenhum poder do mundo, por mais totalitário que seja, pode atingir os mensageiros de Deus enquanto este precisa deles em seu serviço, o principal de forma alguma são esses milagres. O principal é que, através de vitórias e derrotas, através das ajudas milagrosas divinas ou da prontidão de sofrer e sangrar “cresça e se multiplique a palavra do Senhor”. Ela é como uma grandeza independente com poder próprio para vida e eficácia, obviamente transmitida apenas por mensageiros humanos mediante o empenho de sua vida, e, não obstante, independentemente dos destinos daqueles que a comunicam. Com essa breve frase Lucas justifica porque seus “Atos” não são uma história exata de todos os apóstolos e suas experiências e feitos, como nós, pessoas modernas, gostaríamos de obter. Na história que ele descreve, a única coisa que importa é que “a palavra do Senhor cresça e se multiplique”.

Justamente nesse ponto de sua obra historiográfica Lucas proferiu a constatação sobre o “crescimento da palavra” por sua própria força vital e glória, porque esse ponto – ainda mais claramente do que At 6.5 – é um ponto de virada. Pois Lucas está encerrando a narrativa da formação da igreja de Jerusalém e da atuação de Pedro. Quando somos levados novamente a Jerusalém, em At 15, isso ocorre no contexto da história da missão paulina, que principia em At 13. Presenciamos fatos grandiosos nestes 12 capítulos. Da espera silenciosa e clandestina do grupo de discípulos chegamos ao poderoso evento do dia de Pentecostes (At 1-2). A igreja da cidade crescer por meio da palavra e do milagre, com alegria e julgamento, por ataques e salvamentos (At 3-5). Jorra o sangue do primeiro mártir, eclode a primeira perseguição propriamente dita, mas justamente dessa maneira o evangelho é levado até lugares remotos, a Samaria, à costa, até Cesaréia. Lampeja um indício de que gentios distantes serão chamados à salvação (At 6-8). O ardente líder da perseguição, Saulo de Tarso, é convertido e convocado como ferramenta para grandes planos futuros do Senhor. Um intervalo propicia a oportunidade para que Pedro, expressamente dirigido por Deus, dê o passo para incorporar gentios incircuncisos na igreja do Messias Jesus. Através dos fugitivos, o evangelho chega até a distante Antioquia, atingindo ali também gregos e criando numa igreja viva da importante metrópole a base para a grande missão de Paulo aos gentios (At 9-11). Antioquia, porém, permanece em comunhão com Jerusalém através do envio de Barnabé e pelo socorro material, que Barnabé e Saulo levam a Jerusalém. A ameaçada situação do cristianismo na Jerusalém hostil e igualmente a mão protetora de Deus sobre ele são ilustradas por meio de episódios concretos (At 11-12).

- 25** Na seqüência, mencionando novamente Barnabé e Saulo, Lucas torna a enfocar o que iniciou em At 11 e que será relatado agora na segunda seção principal de seu livro. “E Barnabé e Saulo, havendo terminado aquele serviço, voltaram de Jerusalém” [RC]. É motivo de controvérsia se Barnabé e Saulo estiveram em Jerusalém justamente no tempo da perseguição. Contudo, não devemos esquecer que naquela ocasião ainda não se tratava de uma “perseguição” real da igreja. Naquele momento, apenas os apóstolos corriam perigo. Contudo, mesmo numa situação diferente homens como Barnabé e Saulo dificilmente teriam dado meia-volta com sua dádiva em dinheiro, que seria tanto mais bem-vinda exatamente num tempo de aflição.

“Levaram consigo João, também chamado Marcos” [NVI]. Pelo que se nota, Pedro tinha um relacionamento especial com esse jovem adulto. Vai até a casa da mãe dele depois de sua libertação. Mais tarde, em carta, chama Marcos de “meu filho” (1Pe 5.13). A tradição da igreja antiga conta que esse é o Marcos que redigiu o evangelho de mesmo nome, baseando-se nos ensinamentos que ouviu da boca de Pedro. Era um primo de Barnabé. Na pessoa dele, novamente um cristão de Jerusalém ingressa no trabalho da vasta missão aos gentios.

Será que João Marcos também é importante para a redação de Atos? A. Schlatter chama atenção para o fato de que, conforme Cl 4.10,14 Lucas esteve com Marcos na equipe de Paulo. Será que Marcos foi uma testemunha para esta primeira parte de Atos? Será que Lucas obteve de Marcos as informações essenciais para ela? Será que é também por essa razão que ele interrompe o relato sobre Jerusalém e a Palestina nesse momento em que Marcos sai de Jerusalém e ingressa na missão paulina

aos gentios? No caso da história de Estêvão, o próprio Paulo pode ser considerado como testemunha, e para a eleição dos “Sete” e a evangelização em Samaria havia Filipe. Lucas esteve junto com Filipe em Cesaréia (At 21.8). Independentemente de como opinamos sobre as considerações de Schlatter, de qualquer forma temos de nos conscientizar da estreita relação em que estavam muitos dos homens conhecidos desse tempo e quanto intercâmbio de notícias e relatos era possível por isso. Nossa idéia do primeiro cristianismo será completamente aistórica se para nós um grande Paulo segue solitariamente pelos países, se um grande Pedro realiza sozinho feitos quaisquer, se Lucas pesquisa sozinho fontes escritas para sua obra, e se alguns episódios acontecem isoladamente aqui e acolá.

A PRIMEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA

O ENVIO DE BARNABÉ E PAULO

1 – O TRABALHO EM CHIPRE - Atos 13.1-12

- 1 – Havia na igreja de Antioquia profetas e mestres: Barnabé, Simeão, por sobrenome Níger, Lúcio de Cirene, Manaém, colação de Herodes, o tetrarca, e Saulo.**
- 2 – E, servindo eles ao Senhor e jejuando, disse o Espírito Santo: Separai-me, agora, Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado.**
- 3 – Então, jejuando, e orando, e impondo sobre eles as mãos, os despediram.**
- 4 – Enviados, pois, pelo Espírito Santo, desceram a Selêucia e dali navegaram para Chipre.**
- 5 – Chegadas a Salamina, anunciavam a palavra de Deus nas sinagogas judaicas; tinham também João como auxiliar.**
- 6 – Havendo atravessado toda a ilha até Pafos, encontraram certo judeu, mágico, falso profeta, de nome Barjesus,**
- 7 – O qual estava com o procônsul Sérgio Paulo, que era homem inteligente. Este, tendo chamado Barnabé e Saulo, diligenciava para ouvir a palavra de Deus.**
- 8 – Mas opunha-se-lhes Elimas, o mágico (porque assim se interpreta o seu nome), procurando afastar da fé o procônsul.**
- 9 – Todavia, Saulo, também chamado Paulo, cheio do Espírito Santo, fixando nele os olhos, disse:**
- 10 – Ó filho do diabo, cheio de todo o engano e de toda a malícia, inimigo de toda a justiça, não cessarás de perverter os retos caminhos do Senhor?**
- 11 – Pois, agora, eis aí está sobre ti a mão do Senhor, e ficarás cego, não vendo o sol por algum tempo. No mesmo instante, caiu sobre ele névoa e escuridade, e, andando à roda, procurava quem o guiasse pela mão.**
- 12 – Então, o procônsul, vendo o que sucedera, creu, maravilhado com a doutrina do Senhor.**

- 1** Através da última frase de At 12, acerca do retorno de Barnabé e Saulo, fomos novamente levados a Antioquia. Também Barnabé, que por enquanto ainda era o visitador de Jerusalém em Antioquia, já não considera Jerusalém, e sim Antioquia como o lugar ao qual pertence. Contudo, ele e Saulo não dirigem a igreja sozinhos. Não há nada de “episcopal” a fazer ali! Há “profetas e mestres” na direção. Não devemos distinguir entre “ministérios” e determinadas “competências”, pois nesse caso deveríamos ter sido informados quem dos cinco cristãos citados por nome seria, enfim, “profeta”, e quem “mestre”. Pelo contrário, fica claro que a igreja possuía entre suas pessoas dirigentes as duas mais importantes formas da “palavra”: a proclamação diretamente provocada pelo Espírito, com perspicácia em relação aos corações e antevisão do futuro, e a exposição doutrinária, apoiada em determinado conhecimento, decisiva nas questões práticas e pastorais. O “carisma” e o “ministério” ainda estão completamente entrelaçados, porque tudo ainda é vida dada e dirigida por Deus. Há homens poderosos no Espírito, agindo. Questões organizacionais, delimitação de competências, problemas da constituição eclesial não têm nenhuma importância, motivo pelo qual tampouco se tornam perceptíveis. Mas Barnabé de fato é o primeiro da lista, e Saulo está no final, como o mais jovem. Aprender a ver “historicamente” faz parte da leitura correta de Atos: o “grande Paulo” também foi um jovem iniciante, que constava como último na lista, depois de outras personalidades dirigentes. Neste 13º capítulo poderemos acompanhar por um longo período como Paulo “se fez”. A liderança deve ter sido exercida pelos cinco, “em conselho fraterno”. Aliás, não há nenhum antioqueno recém-convertido entre eles. “Simeão” tem um nome judeu; não se pode saber por que

tem o cognome “Níger” = “o negro”. Ao que parece, Simeão faz parte dos homens de Cirene, citados em At 11.20. Manaém pode ser de fato o filho da ama-de-leite de Herodes Antipas ou recebeu a designação de “irmão de leite” como um título, que nas cortes gregas era conferido até mesmo sem essas ligações naturais. Seja como for, isso o caracteriza como palestino e como homem mais idoso e também humanamente importante. A jovem igreja em Antioquia precisava de homens experientes, que possuíam, através de sua relação com a primeira igreja, conhecimentos suficientes de Jesus, sua história e sua palavra. Como gostaríamos de saber mais sobre eles! De que maneira um homem do convívio de alguém como Herodes Antipas chegou à fé em Jesus? Que história divina sucedeu ali? No entanto, Lucas não tinha condições de relatar tudo isso em seu breve livro.

- 2 Em seguida acontece algo substancialmente novo na história da missão do incipiente cristianismo. Já notamos que os apóstolos não elaboravam nenhum plano de como haveriam de cumprir a incumbência de Jesus. A expansão da mensagem “dava-se” de oportunidade em oportunidade, chegando assim até mesmo à distante Antioquia. Agora, porém, há o envio expresso de “missionários”, que recebem como tarefa principal a incumbência de proclamar o evangelho mundo afora. Obviamente isso não aconteceu após reflexões e deliberações da direção da igreja, nem segundo as exigências de uma “estratégia missionária”. É o Espírito do próprio Deus que ordena esse modo completamente novo de evangelização. Isso aconteceu “servindo eles ao Senhor e jejuando”. No contexto não fica inequivocamente claro se “eles” são apenas os cinco homens citados ou uma reunião celebrativa da igreja. Com certeza esse “serviço a Deus” é sobretudo um culto de oração. Dele agora faz parte o “jejum”, não mais como realização meritória, mas como um meio essencial para nos prepararmos, com liberdade e concentração, para falar com Deus e deixá-lo falar conosco. Numa dessas reuniões de oração “disse o Espírito Santo: Separai-me, agora, Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado.” O Espírito fala. Mas o Espírito de Deus fala e age através de pessoas. Conseqüentemente, também neste caso temos de imaginar que “profetas” na igreja ficam tomados de certeza sobre essa incumbência de Deus e em seguida a pronunciam claramente. Nessa instrução do Espírito cabe observar tudo. “Separai-me”. Portanto, os eleitos não pertencem mais à igreja local nem a desejos e planos pessoais ou comunitários, mas diretamente ao próprio Espírito Santo. Não está sendo requisitado um “grande homem” isolado, mas dois homens são incumbidos do serviço itinerante, assim como também Jesus enviou seus discípulos “dois a dois” (Mc 6.7; Lc 10.1). Quem já esteve pessoalmente num ministério assim sabe como ajuda não precisar ficar totalmente sozinho nas aflições e alegrias, lutas e dificuldades, mas ter o irmão a seu lado para a comunhão de oração, a proclamação da palavra, o aconselhamento e a avaliação. Acontece que os escolhidos não são Barnabé e Simeão, que constam lado a lado na lista, mas o primeiro e o último da lista. O Espírito de Deus leva em consideração a história dirigida por Deus, que já havia ligado “Barnabé e Saulo” de modo singular (At 9.27; 11.25). E, como na vocação de Abraão, nada de mais específico é dito a respeito do alvo do chamado. “Para a obra a que os tenho chamado”, isso basta. Provavelmente nem a igreja nem Barnabé e Saulo imaginaram naquela hora como essa “obra” seria enorme. “Servos” não precisam saber antecipadamente o que seu Senhor planeja fazer com eles. Ademais, é a misericórdia do Senhor quem mantém ocultas a magnitude e a gravidade daquilo que está diante de nós, até que venham a ser reveladas dia após dia e ano após ano, no agir e sofrer, nas vitórias e tribulações. Para Saulo, porém, a nova incumbência coincide com o que após sua conversão Jesus já lhe dissera sobre sua vida por meio de Ananias. Ele havia esperado, sem agir por conta própria – ainda que não ficasse inativo, cf. acima, p. ... [183ss] – por fim em sua cidade natal Tarso. Então começou o cumprimento. Veio o chamado para Antioquia, para uma atividade importante no círculo dos irmãos. Saulo deve ter ficado muito atento quando seu nome foi pronunciado por ocasião do chamado para a “obra” do Espírito Santo, a qual começava a descortinar-se diante de seu olhar como uma longínqua cordilheira!
- 3 O acontecimento de At 9 começa a ter uma continuação real. A preparação para o envio é exaustiva; obviamente não como em nossas deliberações e planejamentos, mas na sincera oração, outra vez corroborada pelo jejum. “Impuseram sobre eles as mãos”. Assim é selada a certeza do envio de ambos e concedida a autorização (quanto à imposição das mãos, cf. acima, p. ...[133]).
- 4/5 Começa, pois, a “primeira viagem missionária” de Paulo. É assim que estamos acostumados a dizer. Contudo, não se trata de meras “viagens”, mas de períodos inteiros de missão, com tempos de trabalho, às vezes longos, em locais importantes. Aos poucos, a Antioquia passa cada vez mais para segundo plano como “ponto de partida” de “viagens”. Forma-se um mundo “evangélico”

completamente independente, com uma série de igrejas para as quais somente Jerusalém continua sendo um local de importância singular. Por isso, muda também o estilo narrativo de Lucas. É bem verdade que episódios paradigmáticos isolados ainda são relatados; mas agora estão inseridos integralmente em relatos abrangentes dos grandes períodos missionários, até a trajetória de Paulo para Roma.

“Enviados, pois, pelo Espírito Santo, desceram a Selêucia.” Selêucia é a cidade portuária de Antioquia, situada a 25 km por terra. Tem o nome a partir do fundador de ambas as cidades, Seleuco I Nicator (300 a. C.). Os enviados seguem esse primeiro itinerário de uma grande viagem na certeza de sua “ordenação” (cf. acima, Nota 289). Depois partem de navio até Chipre. Essa ilha é a terra natal de Barnabé. Talvez fosse por isso que escolheram esse rumo. Talvez, porém, resida na ênfase expressa “enviados pelo Espírito Santo” também um indício de que essa rota de viagem igualmente havia sido estabelecida pelo próprio Espírito de Deus. Chegam à cidade portuária de Salamina, na orla oriental da ilha, e aproveitam a oportunidade para proclamar a palavra de Deus nas sinagogas. Nada é informado quanto a um efeito positivo ou negativo. “Tinham também João como auxiliar.” O termo empregado para “auxiliar, servo” designa algo como o que hoje chamamos de “assistente”. Sem dúvida João tinha de executar também uma série de tarefas práticas, mas não se limitava a isso.

- 6 Partindo de Salamina, “atravessaram toda a ilha até Pafos”, o porto na costa oposta, a sudoeste. Lucas não fornece nenhum relato acerca dessa caminhada por um trecho de 160 km. No entanto, a expressão “atravessar, percorrer” é, em todas as ocorrências em Atos, uma palavra específica para a atividade evangelística (cf. acima, p. ...[157]). Não sabemos se havia, a partir da evangelização por meio de fugitivos (como em At 11.19), igrejas ou pelo menos alguns grupos de cristãos, com os quais Barnabé e Saulo podiam estabelecer contato. Seja como for, os mensageiros não chegaram a organizar igrejas como tais. Mesmo quando o próprio Deus envia pelo Espírito Santo e quando a mensagem é dita com clareza, não é forçoso que se constatem “sucessos” imediatamente.
- 7 Em contrapartida, Lucas nos permite participar, através de uma história isolada, da aflição e promessa do trabalho missionário em contexto gentio. Pafos é a sede de um procônsul romano e a capital da ilha. Um traço essencial em todo o trabalho de Paulo começa a tornar-se manifesto. A partir da narrativa de Lucas, temos a impressão de que os dois seguem por botes até a localidade principal, o centro influente da ilha, e que Paulo deve ter sido o mais impetuoso. Foi assim que Paulo de fato fez missão nos anos posteriores. Quando, nos locais principais, existia o “castiçal” com a chama do evangelho, quando uma “corrente de castiçais” de igrejas nas cidades importantes atravessava o território, então “tudo estava preenchido com o evangelho de Cristo” (Rm 15.19). Por essa razão o alvo de Paulo agora também era Pafos, a sede do procônsul. O detentor do cargo na época, Sérgio Paulo, era um “homem inteligente”, romano afeito ao raciocínio sóbrio e lúcido. Isso, no entanto, não o impedia de ter próximo de si, em meio a toda a mistura de religiões e na grande insegurança interior daquele tempo, um “mago”, i. é, algo como um “teólogo da corte” e astrólogo oficial. Numa proporção maior ou menor, todos os gentios são “supersticiosos”, também os romanos. Justamente o homem civilizado e esclarecido do Ocidente romano estava impressionado com a “misteriosa sabedoria” do Oriente. Se esse Barjesus era um “judeu, falso profeta”, como é dito literalmente, tanto melhor. Afinal, sabe-se que os judeus são detentores de antiquíssimas tradições sagradas. Divinação demoníaca e feitiçaria, afinal, não são simplesmente “tolice”. Também Barjesus pode ter feito diversas previsões corretas e prestado vários auxílios eficazes ao alto mandatário.

Barnabé e Saulo chegam, portanto, a Pafos. Também o procônsul ouve falar de sua atuação. Como o etíope ou Cornélio, ele é um dos muitos homens em busca que havia naquele tempo. Por isso “convidou Barnabé e Saulo e manifestou o desejo de ouvir a palavra de Deus” [TEB].

- 8 Uma das grandes oportunidades da missão ocorre quando ela atinge esse tipo de gentios. Porém, à semelhança de Samaria (At 8) e, por outro lado, de modo muito diferente, o poder contrário entra imediatamente em ação. “Mas Elimas, o mágico – pois assim se traduz o seu nome –, opunha-se a ele e procurava desviar da fé o procônsul” [TEB]. Esse “filho de Jesus” não é mero impostor e charlatão, porque nesse caso não teria sido capaz de se manter junto de Sérgio Paulo. Paulo o caracteriza com profunda seriedade. Ao “filho de Jesus” ele chama “filho do diabo”, “inimigo de toda a justiça”. Vê que está “cheio de todo o engano e toda a malícia”. Justamente por esse homem não ser um charlatão, por empregar o ideário bíblico, profético, e usar o nome do Deus vivo, ele “perverte os retos caminhos do Senhor”. Repetidamente o perigo do ocultismo, justamente em suas formas mais “sublimes”, está em parecer tão “profundamente religioso”, até “cristão”, mas não obstante distorce

da pior maneira o singelo e claro evangelho do arrependimento e da fé, e confunde as pessoas de forma irremediável. Por trás disso está, habilmente camuflado, o poder de Satanás. Esse homem, pois, vê irromper a luz da verdade e liberdade divinas na pregação de Barnabé e Saulo e que, por meio dela, o romano que buscava está sendo impressionado e cativado. Toda a sua posição na corte corre perigo; afinal, todo ocultismo é ávido por reconhecimento, influência, posição e, em geral, também dinheiro. “A fé”, que salva e que rompe todas as trevas satânicas, não pode tornar-se senhora sobre Sérgio Paulo. Ao contrário de Simão em Samaria, Elimas “se opõe” aos mensageiros do evangelho e luta por sua posição, “procurando desviar da fé o procônsul”. A fé bíblica constitui o fim de todo enfeitamento ocultista.

- 9/10** Na realidade nenhum exegeta consegue captar corretamente o que acontece nessa ocasião se já não esteve pessoalmente na luta contra os poderes das trevas, conhecendo os fatos por experiência própria. Do contrário, o relato de Lucas lhe parecerá estranho, talvez até repulsivo, e ele tenderá a considerá-lo imediatamente como uma “lenda”. No entanto, a narrativa realmente é precisa. Diante do poder das trevas não existe contemporização. Nada será obtido por meio da discussão ou de esclarecimentos. É preciso agir. Pela sua índole, Barnabé não deve ter sido a pessoa certa para isso. Por isso agora Saulo se destaca, sendo designado a partir nesse instante com seu nome mundialmente conhecido, “Paulo”. É claro que nem mesmo seu jeito “natural” como tal seria capaz de conseguir algo! Porém seu caráter enérgico e aplicado é agora perpassado e requisitado pelo Espírito Santo, arrancando a máscara do astrólogo da corte: “Saulo, também (chamado) Paulo, cheio do Espírito Santo, fixando nele os olhos, disse: Ó filho do diabo, cheio de todo o engano e de toda a malícia, inimigo de toda a justiça, não cessarás de perverter os retos caminhos do Senhor? Isso não é “ofensa gratuita”. Os ocultistas sabem portar-se de maneira nobre, impressionante e religiosa, naquele tempo, como “judeus”, e hoje, como “cristãos”! Por isso precisam ser desmascarados sem escrúpulos, tanto hoje como naquela época.
- 11** Contudo, não basta apenas desmascará-los. De fato está em jogo o “poder”! Sérgio Paulo compreendeu isso corretamente quando depois ficou “profundamente impressionado com o ensino do Senhor” [NVI], da mesma maneira como as pessoas na sinagoga de Cafarnaum, após a libertação do endemoninhado, admiram a “nova doutrina” de Jesus (Mc 1.27). Na mensagem de Jesus trata-se desde logo de um “ensino” que possui poder salvador e libertador e que por isso também se mostra vitorioso diante de todos os poderes das trevas. É “a mão do Senhor” que está estendida para fazer curas (At 4.30), é “a mão do Senhor” que gera, na proclamação em Antioquia, a conversão dos gregos (At 11.21). Sobre essa “mão” poderosa, que julga e arrasa, vale agora também: “Pois, agora, eis aí está sobre ti a mão do Senhor, e ficarás cego, não vendo o sol até o tempo determinado” [tradução do autor]. Também nesse caso mantém-se aberto o espaço para o arrependimento, o juízo é cronologicamente delimitado. Mas passa a vigorar instantaneamente: “No mesmo instante, a escuridão e as trevas o invadiram [TEB], e, andando à roda, procurava quem o guiasse pela mão.” Derrotado, o emissário das trevas precisa cair fora. Seu campo é a escuridão e as trevas. O poder sedutor cedeu à dependência total. O juízo nela realizado não é arbitrário, mas de profunda justiça.
- 12** Nada é dito sobre os efeitos do castigo divino no mago. Em contrapartida, “vendo o que tinha passado, o procônsul abraçou a fé”. É verdade que nada é dito sobre seu batismo. Uma vez que o passo claro e decidido em direção a Jesus, como acontece no batismo, é relatado expressamente tanto no caso do etíope quanto no de Cornélio – e também mais tarde outra vez no caso do carcereiro em Filipos –, não se deve supor que no presente caso Lucas teria deixado de mencionar o batismo por ser “óbvio”. Mais correto é deduzir que o importante magistrado romano na verdade ficou profundamente impressionado pelo que vivenciou, abrindo amplamente seu coração à mensagem de Jesus, mas que não consegue dar o último passo e arcar com todas as conseqüências. Lucas não teria silenciado sobre a adesão oficial ao cristianismo justamente no caso de um homem nessa posição. Até hoje acontece freqüentemente que pessoas “crêem” em Jesus e, comovidas, se deparam com seu poder e sua graça, porém ainda assim não chegam a uma verdadeira conversão nem à adesão responsável a uma igreja de Jesus. A dor representada por um desfecho assim pode ser constatada justamente no presente caso. O que poderia ter acontecido com alguém como Sérgio Paulo, se tivesse dado o último passo até Jesus! Assim, porém, ele desaparece completamente de nosso horizonte.

- 13 – E, navegando de Pafos, Paulo e seus companheiros dirigiram-se a Perge da Panfília. João, porém, apartando-se deles, voltou para Jerusalém.
- 14 – Mas eles, atravessando de Perge para a Antioquia da Pisídia, indo num sábado à sinagoga, assentaram-se.
- 15 – Depois da leitura da lei e dos profetas, os chefes da sinagoga mandaram dizer-lhes: Irmãos, se tendes alguma palavra de exortação para o povo, dizei -a.
- 16 – Paulo, levantando-se e fazendo com a mão sinal de silêncio, disse: Varões israelitas e vós outros que também temeis a Deus, ouvi.
- 17 – O Deus deste povo de Israel escolheu nossos pais e exaltou o povo durante sua peregrinação na terra do Egito, donde os tirou com braço poderoso;
- 18 – e suportou-lhes os maus costumes por cerca de quarenta anos no deserto;
- 19 – e, havendo destruído sete nações na terra de Canaã, deu-lhes essa terra por herança,
- 20 – vencidos cerca de quatrocentos e cinquenta anos. Depois disto, lhes deu juízes, até o profeta Samuel.
- 21 – Então, eles pediram um rei, e Deus lhes preparou Saul, filho de Quis, da tribo de Benjamim, e isto pelo espaço de quarenta anos.
- 22 – E, tendo tirado a este, levantou-lhes o rei Davi, do qual também, dando testemunho, disse: Achei Davi, filho de Jessé, homem segundo o meu coração, que fará toda a minha vontade.
- 23 – Da descendência deste, conforme a promessa, trouxe Deus a Israel o Salvador, que é Jesus,
- 24 – havendo João, primeiro, pregado a todo o povo de Israel, antes da manifestação dele, batismo de arrependimento.
- 25 – Mas, ao completar João a sua carreira, dizia: Não sou quem supondes; mas após mim vem aquele de cujos pés não sou digno de desatar as sandálias.
- 26 – Irmãos, descendência de Abraão e vós outros os que temeis a Deus, a nós nos foi enviada a palavra desta salvação.
- 27 – Pois os que habitavam em Jerusalém e as suas autoridades, não conhecendo de Jesus (ou: da palavra) nem os ensinamentos dos profetas que se lêem todos os sábados, quando o condenaram, cumpriram as profecias;
- 28 – e, embora não achassem nenhuma causa de morte, pediram a Pilatos que ele fosse morto.
- 29 – Depois de cumprirem tudo o que a respeito dele estava escrito, tirando-o do madeiro, puseram-no em um túmulo.
- 30 – Mas Deus o ressuscitou dentre os mortos;
- 31 – e foi visto muitos dias pelos que, com ele, subiram da Galiléia para Jerusalém, os quais são agora as suas testemunhas perante o povo.
- 32 – e foi visto muitos dias pelos que, com ele, subiram da Galiléia para Jerusalém, os quais são agora as suas testemunhas perante o povo.
- 33 – como Deus a cumpriu plenamente a nós, seus filhos, ressuscitando a Jesus, como também está escrito no Salmo segundo: Tu és meu Filho, eu, hoje, te gerei.
- 34 – E, que Deus o ressuscitou dentre os mortos para que jamais voltasse à corrupção, desta maneira o disse: E cumprirei a vosso favor as santas e fiéis promessas feitas a Davi.
- 35 – Por isso, também diz em outro Salmo: Não permitirás que o teu Santo veja corrupção.
- 36 – Porque, na verdade, tendo Davi servido à sua própria geração, conforme o desígnio de Deus, adormeceu, foi para junto de seus pais e viu corrupção.
- 37 – Porém aquele a quem Deus ressuscitou não viu corrupção.
- 38 – Tomai, pois, irmãos, conhecimento de que se vos anuncia remissão de pecados por intermédio deste;
- 39 – e, por meio dele, todo o que crê é justificado de todas as coisas das quais vós não pudestes ser justificados pela lei de Moisés.x
- 40 – Notai, pois, que não vos sobrevenha o que está dito nos profetas:
- 41 – Vede, ó desprezadores, maravilhai-vos e desvanecei, porque eu realizo, em vossos dias, obra tal que não creereis se alguém vo-la contar.
- 42 – Ao saírem eles, rogaram-lhes que, no sábado seguinte, lhes falassem (outra vez) estas mesmas palavras.
- 43 – Despedida a sinagoga, muitos dos judeus e dos prosélitos piedosos seguiram Paulo e Barnabé, e estes, falando-lhes, os persuadiam a perseverar na graça de Deus.

- 44 – No sábado seguinte, afluiu quase toda a cidade para ouvir a palavra de Deus.
- 45 – Mas os judeus, vendo as multidões, tomaram-se de inveja e, blasfemando, contradiziam o que Paulo falava.
- 46 – Então, Paulo e Barnabé, falando ousadamente, disseram: Cumpria que a vós, em primeiro lugar, fosse pregada a palavra de Deus; mas, posto que a rejeitais e a vós mesmos vos julgais indignos da vida eterna, eis aí que nos volvemos para os gentios.
- 47 – Porque o Senhor assim no-lo determinou: Eu te constituí para luz dos gentios, a fim de que sejas para salvação até aos confins da terra.
- 48 – Os gentios, ouvindo isto, regozijavam-se e glorificavam a palavra do Senhor, e creram todos os que haviam sido destinados para a vida eterna.
- 49 – E divulgava-se a palavra do Senhor por toda aquela região.
- 50 – Mas os judeus instigaram as mulheres piedosas de alta posição e os principais da cidade e levantaram perseguição contra Paulo e Barnabé, expulsando-os do seu território.
- 51 – E estes, sacudindo contra aqueles o pó dos pés, partiram para Icônio.
- 52 – Os discípulos (do lugar), porém, transbordavam de alegria e do Espírito Santo.

13 “E, navegando de Pafos” – quantas coisas podem ser expressas numa breve palavra! Na verdade os “sucessos” em Chipre não são relatados, e no caso de Sérgio Paulo a última decisão não aconteceu. Apesar disso, e talvez justamente por isso, teria sido plausível que Barnabé e Paulo continuassem o trabalho na ilha ou inicialmente retornassem para Antioquia. Porém agora Paulo assumiu a direção. “Paulo e seus companheiros”: essa é a formulação agora. Pelo que se nota, raiou sobre ele a clareza que determina toda a sua atuação posterior: não é tarefa dos missionários pioneiros trabalhar uma região toda em profundidade, mas sempre levar a mensagem para regiões e cidades novas, “até os confins da terra”. Ele, que não esteve presente no dia da Ascensão, apesar disso ouviu essa ordem de seu Senhor de modo poderoso e inequívoco. Por isso sente o ímpeto – Barnabé e sobretudo João Marcos podem ter apresentado ressalvas – de deixar a ilha, avançando da terra natal de Barnabé para a sua própria terra natal Ásia Menor, tão ampla e grande. Conquista os outros dois para seu plano. Conseqüentemente, embarcam num navio que rumo para o norte, para a costa da Ásia Menor. De quantas coisas grandiosas e difíceis estão se aproximando!

“Perge da Panfília” é a primeira localidade citada. Não é uma cidade portuária, mas fica situada no rio Questro, 12 km acima de sua foz no mar Mediterrâneo. O rio não era navegável para navios grandes. Os viajantes tinham de descer do navio em Atália. Não começam ali nenhum trabalho específico. De acordo com At 14.25, somente na volta que o evangelho é anunciado também em Perge. Paulo se sente impelido mais para o interior do território. Agora João Marcos não os acompanha mais: “João, porém, apartando-se deles, voltou para Jerusalém.” Lucas não fala sobre as razões. Contudo, a expressão que Paulo usa em At 15.38 para sua “separação” traz a conotação de “abandono”, e a crítica acrescentada, de que ele “não os acompanhara na obra”, evidencia que Marcos recebeu esse trabalho. É possível que – talvez a partir de sua “mentalidade de Jerusalém” – lhe tenha parecido exagerado e ousado demais. Também deve ter havido bastante incompreensão ao retornar e relatar da viagem em Jerusalém.

14 “Mas eles, atravessaram de Perge para a Antioquia da Pisídia.” Como essa breve frase soa simples. Contudo, eram 160 km de uma penosa e perigosa caminhada por montanhas, que na melhor das hipóteses podia ser realizada em oito dias. Havia tribos assaltantes habitando as montanhas. A lista em 2Co 11.26: “em jornadas, muitas vezes; em perigos de rios, em perigos de salteadores” deve lembrar também esse primeiro caminho difícil numa região completamente estranha. Como deve ter sido a hospedagem para as noites e a alimentação!

Finalmente chegaram a Antioquia da Pisídia. Também essa cidade foi fundada por Seleuco I Nicator e chamada de “cidade de Antíoco” em honra a Antíoco o Grande. Os selêucidas haviam assentado aqui – como em toda a Panfília e Licaônia – muitos judeus, a fim de dispor de uma população confiável para seu domínio nessa região limítrofe. Desde 25 d. C. essa cidade era colônia romana, de sorte que ela foi administrada conforme o direito romano. Em termos geográficos ficava situada na Frígia, na fronteira com a Pisídia, sendo, porém, administrativamente integrante da província romana da Galácia. Antioquia é um ativo centro de comércio na grande estrada de Éfeso até a porta da Cilícia, sede da administração civil e militar para o sul da província. O fato de que Paulo se esforça para chegar aqui, iniciando aqui seu trabalho, demonstra novamente sua descoberta: somente cidades maiores poderiam ser “castiçais” que irradiam luz para longe em uma região. Por

isso Paulo as procurou. A evangelização das amplas áreas em redor tinha de ser, então, tarefa dessas igrejas urbanas centrais.

- 15** É natural que no sábado os dois israelitas procurem a sinagoga, “assentam-se” nela e celebram o culto com os demais, que consiste sobretudo da “leitura pública da lei e dos profetas”. Na sequência chega o momento em que o dirigente da sinagoga pode convidar qualquer judeu habilitado a fazer um comentário. Por isso agora também é perguntado aos dois homens estranhos, que causam a impressão de ser mestres (rabinos), se eles “têm uma palavra de exortação para o povo”. Paulo faz uso da palavra. Barnabé domina a nobre arte de permanecer em segundo plano. Lucas nos transmitiu em detalhes esse discurso de Paulo perante uma comunidade sinagoga, para que soubéssemos que era assim que Paulo evangelizava quando se encontrava diante de ouvintes judeus. Sempre teremos de lembrar esse discurso quando virmos Paulo começar seu serviço, num lugar qualquer, pelos seus concidadãos judeus.
- 16** Uma visão panorâmica do discurso todo chama nossa atenção para um traço característico essencial, que contrasta com nosso modo costumeiro de proferir palestras, pregações e discursos. Nós gostamos das apreciações fundamentais, das exposições “de visão do mundo”, das provas sistemáticas. Paulo, porém, narra a história e relata feitos de Deus e os fatos deles decorrentes. No final desafia seus ouvintes a “crer” nesses fatos, isto é, a dar-lhes importância e apropriar-se deles perante Deus para sua própria vida e sua condição pessoal. Esse aspecto torna o discurso de Paulo “bíblico”. Porque também a Bíblia é – para estranheza e decepção de muitos que buscam por “sabedoria” (1Co 1.22) – essencialmente um livro de história, que relata os meros fatos que Deus realizou. Por isso é necessário que passemos por uma transformação de todo nosso pensamento se quisermos ler a Bíblia corretamente e tornar-nos de fato “crentes” no sentido bíblico.
- 17** Se, nos discursos das testemunhas do NT, falarmos de uma “comprovação pela Escritura”, estaremos seguindo nosso próprio pensamento teológico e desconhecendo a realidade história. O intuito de Paulo não é buscar uma “prova” do AT para determinados pensamentos dogmáticos. Ele nem possui “pensamentos dogmáticos”. Seu propósito é inserir seus concidadãos na história de Deus, que começou na Antiga Aliança e agora encontra em Jesus sua continuação e consumação. Por causa da necessidade intrínseca, ele começa com “nossos pais”, que “Deus escolheu”. Essa é a ação fundamental de Deus, sobre a qual se alicerça todo o resto. Dessa forma Paulo salienta – como Estêvão e como ele mesmo em Rm 9-11, com clareza assustadora – que não são “mérito” e “realização”, mas a graça que escolhe livremente que determina toda a história de Israel.
- 18-22** Ele dirige o olhar para a ação maravilhosa de Deus: “Exaltou o povo durante sua peregrinação na terra do Egito, donde os tirou com braço poderoso. E suportou-lhes os maus costumes por cerca de quarenta anos no deserto. E, havendo destruído sete nações na terra de Canaã, deu-lhes essa terra por herança, vencidos cerca de quatrocentos e cinquenta anos.” Concedeu-lhes juízes, e a seu pedido também o primeiro rei, Saul, e depois da rejeição de Saul, a Davi. Em tudo Deus é aquele que age e concede. Paulo tem uma “teologia teocêntrica”, porque é assim que a Escritura coloca a divindade de Deus diante de nós.
- 23** Assim se descortina a história de Deus com Israel diante dos ouvintes. Todos os “filhos da descendência da Abraão” ainda ouviam isso de forma diferente (v. 26)! De que maneira diferente isso é relatado por alguém que era pessoalmente um “Saulo da tribo de Benjamim”? Agora, porém, com Davi, chegou-se ao momento crítico da história de Israel. Sem dúvida Davi era “homem segundo o coração de Deus, que fará toda a vontade dele”. Certamente valem para ele e sua descendência grandes promessas. Porém – o que foi feito disso? Onde permaneceu o cumprimento? Onde ficou o “filho de Davi”? Onde estava a “aliança perpétua” que Isaías (55.3) havia anunciado, pela qual Deus daria a Israel “as fiéis misericórdias prometidas a Davi”? Essas eram perguntas que mexiam com todo israelita e que ardiam na expectativa messiânica. Por isso Paulo começa diretamente com a proclamação de seu cumprimento: “Da descendência deste, conforme a promessa, trouxe Deus a Israel o Salvador, que é de Jesus.” Mais uma vez Deus agiu como nos dias dos pais, e Israel, que vive dos feitos de Deus em sua história antiga, não pode nem deve distanciar-se dessa nova ação de Deus.
- 23-25** Ao que parece, Paulo notou que as notícias sobre o movimento de João Batista também chegaram às colônias judaicas na Ásia Menor, movendo ali os corações. Corrige as concepções

erradas a este respeito com a afirmação de João. O expresso “Não sou” corresponde ao poderoso testemunho de Jesus a respeito de si mesmo: “Eu sou”!

26-30 Na sequência ele recomeça com uma nova interpelação cordial, porque agora precisa falar daquilo que torna sua mensagem tão dura. Novamente os prosélitos são mencionados: justamente em relação a eles, que haviam chegado a Israel como pessoas em busca da verdade divina, era decisivo que não fossem enganados, mas encontrassem a verdadeira revelação da verdade e graça de Deus em Jesus. Os líderes de Israel em Jerusalém haviam condenado Jesus e mandado executá-lo através dos romanos.

Sem dúvida foi exatamente dessa maneira que agora “nos foi enviada a palavra desta salvação”. Paulo antecipa esse resultado positivo e tão salutar para seus ouvintes antes de abordar os próprios eventos em Jerusalém. Não obstante, que enigma sombrio para ouvidos judaicos: o “Salvador para Israel” não foi reconhecido em Jerusalém, mas, “embora não achassem nenhuma culpa merecedora de morte, pediram a Pilatos que ele fosse morto”. Em seguida, “tirando-o do madeiro, puseram-no em um túmulo”. Paulo ainda não está resolvendo o enigma por meio de uma “doutrina da cruz”. Na medida em que consegue fazê-lo a partir de sua experiência pessoal, ele isenta Jerusalém: eles “não reconheceram Jesus (ou: a palavra) e nem as vozes dos profetas que se lêem todos os sábados”. O “manto” encobria seus corações, dirá Paulo mais tarde (2Co 3.14). Contudo, de que maneira maravilhosa Deus leva sua causa até o alvo! Justamente por isso eles, “quando o condenaram, cumpriram as vozes dos profetas”, cumpriram em Jesus “tudo o que a respeito dele estava escrito”.

31-37 Obviamente tudo isso não poderia ser afirmado desse modo se Deus, de sua parte, não tivesse executado a ação decisiva! “Mas Deus o ressuscitou dentre os mortos. E foi visto muitos dias pelos que, com ele, subiram da Galiléia para Jerusalém, os quais são agora as suas testemunhas perante o povo.” E agora ele anuncia a mensagem muito feliz: a promessa dada aos pais “Deus a cumpriu plenamente a nós, seus filhos.” Paulo aponta para o Sl 2.7 e – como Pedro já fizera na pregação de Pentecostes – para o Sl 16.10. Essa palavra não vale a respeito do próprio Davi: Porque “tendo Davi servido à sua própria geração conforme o desígnio de Deus, adormeceu, foi para junto de seus pais e viu corrupção”. A importância de Davi é limitada; ele permaneceu refém do destino de todas as pessoas e “viu corrupção”. “Porém aquele a quem Deus ressuscitou não viu corrupção!” Nessa expressão reside a constatação de que na Páscoa não se trata apenas do avivamento de um morto, e sim da ação de Deus, por meio da qual ele deu a Jesus uma forma de existência completamente nova, “incorrutível”, livre de toda determinação para a morte (cf. Rm 6.9).

38/39 Essas são verdades que podem ser testemunhadas somente como tais. Esses fatos, porém, possuem importância porque Deus está agindo neles. Precisamente desse ápice da cegueira e do pecado humanos Deus produz, pela ressurreição de Jesus, a oferta do perdão! “Tomai, pois, irmãos, conhecimento de que se vos anuncia remissão de pecados por intermédio deste.” Na sequência ocorrem as formulações bem “paulinas”. Como me tornarei justo perante Deus? Essa é a pergunta que abala cada ser humano que de fato é colocado diante da realidade do Deus santo e vivo. Por isso cada judeu era atribulado por ela. Os devotos sérios em Jerusalém se esforçavam para alcançar essa “justiça” através do cumprimento rigoroso da lei de Moisés. Será que assim a alcançarão? Ao anunciar a seus ouvintes que “não pudestes ser justificados pela lei de Moisés”, Paulo contava com a possibilidade de que em muitos deles a consciência teria de lhe dar razão nessa frase. Então a mensagem será naturalmente feliz: “Por meio de Jesus todo o que crê é justificado.”

40/41 Está claro que Paulo também espera oposição e vê as justificativas muito nitidamente. Nosso conhecimento de Deus é capaz de despertar em nós, com ímpeto indomável, a pergunta extrema que somente obtém a resposta real na mensagem do Jesus crucificado e ressuscitado por nós. Contudo, nosso conhecimento de Deus também é capaz de nos levar para uma devoção a que estamos acostumados e que nos convém, e da qual não queremos ser despertados. Por isso Paulo recorre nesse instante à palavra de Hc 1.5. Também naquela época Israel havia envolvido Deus num sistema que tornava Deus “inofensivo”. Porém Deus há de acabar com essa quimera e “nos dias deles fazer algo que jamais creriam se alguém lhes contasse” [NVI]. No passado essa novidade assustadora, que deu um fim a toda a segurança e comodidade, era o surgimento dos caldeus como potência mundial e sua aparição na Palestina. Agora o Deus vivo destroça toda a autoconfiança da pessoa devota, toda a devoção autocrática e parcial, ao permitir que o Salvador de Israel seja rejeitado e executado pelos líderes de Israel, e ao, em seguida, restituí-lo aos que nele crêem como Redentor por meio do

inconcebível acontecimento de sua ressurreição dentre os mortos. Agora cada um se depara com a grande decisão: ser um “desprezador” ou tornar-se um “crente”.

42/43 Ao saírem da sinagoga os mensageiros são abordados com o pedido de “que, no sábado seguinte, lhes falassem (outra vez) estas mesmas palavras”. Ocorre novamente aquela expressão que, de acordo com o idioma hebraico, pode significar tanto “palavra” quanto “coisa”. É compreensível que queiram ouvir mais sobre esse tema marcante e que agora nem sequer o consigam captar. Mas, quando todos se dispersam da sinagoga, “bom número de judeus e de prosélitos adoradores acompanharam Paulo e Barnabé que, em suas conversas com eles, os exortavam a que ficassem fiéis à graça de Deus” [TEB]. Neste momento – e seguramente também nos próximos dias – são mantidos muitos diálogos de aconselhamento, nos quais Paulo e Barnabé tentaram mover os que perguntavam e buscavam para uma firme e duradoura adesão à graça manifesta por meio de Jesus. Sim, a expressão “ficar” pode até apontar para o fato de que uma série de pessoas abraçou a fé em Jesus e se renderam a ele, já se encontrando, portanto, sob o cuidado pastoral dos mensageiros, para serem preservados e crescerem. Por isso vários manuscritos falam expressamente do batismo de tais pessoas e da divulgação da mensagem por toda a cidade – sem dúvida algo objetivamente correto, mas justamente por isso uma provável “melhora” involuntária ou intencional do texto original.

44/45 “No sábado seguinte, afluiu quase toda a cidade para ouvir a palavra de Deus.” Novamente esse dado não deve ser entendido “estatisticamente”. Também nós usamos esses termos para falar de uma evangelização que movimenta toda uma localidade, ainda que numericamente apenas uma fração da população de fato tenha aceito o convite. Do mesmo modo, também a evangelização de Paulo em Antioquia era a notícia da cidade. Multidões de pessoas dirigiam-se, de todos os lados, à sinagoga. Essas “multidões”, porém, eram em grande parte de “gentios”. Isso provoca a inveja dos judeus. Agora torna-se claro para eles que a mensagem de Paulo é um fanatismo que perturba a antiga e venerável tranquilidade, e que ameaça a preferência de Israel. Nessa situação contradizem em alta voz as declarações depreciadoras de que Israel não teria reconhecido seu Messias, pregando-o na cruz, bem como os relatos fantasiosos da ressurreição de Jesus dentre os mortos. Na irritação chegam a “blasfemar”. As blasfêmias não se dirigiam contra os dois mensageiros. Pode-se difamar ou injuriar pessoas, mas não realmente “blasfemar” contra elas. É Jesus que sofre blasfêmias. O “*anáthema Iesous*” = “maldito é Jesus” (1Co 12.3) ecoa pela sinagoga, da maneira como o próprio Saulo gritava no passado, tentando forçar os cristãos detidos por ele a amaldiçoar também (At 26.11).

46 Paulo e Barnabé viram que seu trabalho na sinagoga havia acabado. Não vieram para contender. Não se pode discutir sobre o evangelho. Somente podemos aceitá-lo ou rejeitá-lo. Contudo não se retiram em silêncio. “Paulo e Barnabé tiveram então a intrepidez de declarar: É a vós por primeiro que devia ser dirigida a palavra de Deus. Mas, visto que a rejeitais e a vós mesmos vos julgais indignos da vida eterna, então nós nos voltamos para os pagãos” [TEB]. Até a carta aos Romanos esta foi e continuou sendo a convicção do apóstolo das nações: “Primeiro aos judeus” (Rm 1.16). Isso determinou a base de seu trabalho, como Lucas também evidencia em todos os locais em que Paulo chega nas viagens missionárias. Mas é claro que ninguém pode ser forçado por meio da proclamação. Toda pessoa continua tendo a liberdade de “rejeitar” a palavra. É verdade que, assim, faz algo terrível: pronuncia a sentença sobre si própria, ou seja, “julgada indigna da vida eterna.” Priva-se pessoalmente da vida. Essa é a profunda gravidade que faz parte da liberdade que nos foi dada diante da palavra anunciada.

Prestemos atenção ao comportamento dos mensageiros! Não tentam insistir cada vez mais com os que rejeitam a mensagem, pressionando-os com pedidos e imprecações. Mas tampouco buscam assustados pelos erros que cometeram em sua pregação e com que métodos melhores talvez poderiam chegar-se aos muitos que os rejeitam. Pelo contrário, Paulo estava consciente de que a proclamação é “cheiro de morte para morte; para com aqueles, aroma de vida para vida” (2Co 2.16). Por essa razão os emissários também não desanimam, mas agem com muita “intrepidez”. Se Israel não quer ouvir, eis que existem os “gentios”, para os quais podem se voltar agora.

47 Essa é a incumbência já dada, em Isaías 49.6, ao “servo de Deus”: “Eu te constituí para luz dos gentios, a fim de que sejas para salvação até aos confins da terra”! De forma ousada Paulo relaciona essa palavra, dita ao “servo de Deus”, a seu próprio serviço de mensageiro. Isto é possível porque o Senhor entra pessoalmente em cena por meio do enviado. Em toda a evangelização o verdadeiro

evangelista é o próprio Jesus. Sendo ele a “luz dos gentios”, é também por meio de seus mensageiros que ele gera “salvação até aos confins da terra”.

48 “Os gentios, ouvindo isto, regozijavam-se e glorificavam a palavra do Senhor.” Sim, esse é também a situação “nova” e incrível que Deus produz: israelitas repelem a palavra de Deus e blasfemam, gentios a acolhem com alegria e dão glórias! “E abraçaram a fé...” [TEB] – não é por acaso nem apenas um modo de falar, quando tanto Atos como todo o NT chamam o tornar-se cristão repetidamente de “vir a crer”, “abraçar a fé”. Assim como a “obra” necessariamente faz parte da “lei”, assim a “fé” necessariamente faz parte do “evangelho”. A mensagem daquilo que Deus realizou e realiza por nós por meio de Jesus demanda uma condição única, mas inegociável: que “creiamos”. A expressão “abraçar a fé” mostra, ademais, que esse “crer” não é um comportamento que se acrescenta ao restante de nossa vida, mas um direcionamento e uma configuração que abrange toda a nossa vida e que determina todo o nosso ser. “Vir a crer” é uma guinada fundamental em nossa vida. Por isso, não é surpreendente que haja gentios se alegrando de modo genérico com a mensagem e glorificando a palavra do Senhor, mas que depois não são simplesmente “todos” que abraçam a fé, mas apenas “todos que haviam sido destinados para a vida eterna”. Lucas não visa elaborar uma doutrina da predestinação. Muito menos está interessado em todas as ilações teóricas que logo gostaríamos de fazer a partir dela: que os outros, que não se decidiram a crer, portanto não têm culpa disso - não eram “destinados para a vida eterna”. Conseqüentemente, eu não tenho culpa de minha incredulidade: Deus é responsável por ela, se ele não me “escolheu”. Também neste momento Lucas visa tão somente descrever “história”, a história com o maravilhoso mistério do agir divino. O sentido que visa expressar é positivo, assim como cada um de nós diz que “abraçou a fé” pessoalmente: nenhum de nós se gloria a si mesmo, de ter sido tão dedicado e devoto para se converter e, pela fé, tomar posse da salvação (isso seria novamente “obra” e não “fé”). Cada um de nós enaltece necessariamente o amor incompreensível de Deus, que o destinou para a vida e o fez renascer para uma fé ativa. Contudo cada um de nós também sabe que negar-se a crer teria sido nossa própria culpa que nos levaria à morte.

49 Paulo agiu bem quando escolheu a cidade de Antioquia como ponto de entrada de seu trabalho: “E divulgava-se a palavra do Senhor por toda aquela região.” O que acontecia em Antioquia não ficava escondido. Em todos os lugares e nas aldeias da região se falava da nova mensagem, mencionando o nome do Libertador Jesus. Mais ainda: os que haviam abraçado a fé não podiam nem queriam silenciar. Eles mesmos, como novos “evangelistas” difundiam a mensagem pela região.

50-52 Separar-se da sinagoga não acarretou paz para os mensageiros. Pelo contrário, para os judeus a poderosa atuação de Paulo e Barnabé se tornava ainda mais intolerável. Através de senhoras de alta posição, que se mantinham fiéis à sinagoga e rejeitavam a nova mensagem como um abalo de toda a sua vida anterior, eles conseguiram influência sobre os “principais da cidade”. Era fácil explicar aos chefes da administração que a agitação que percorria toda a cidade e irradiava para toda a região representava um fato delicado, perturbador da paz. Conseqüentemente, ordena-se a expulsão de Paulo e Barnabé. Visto que em 2Co 11.25 Paulo afirma que foi três vezes castigado com varas, conforme era o costume justamente dos magistrados “romanos”, enquanto Atos informa apenas um caso em Filipos (At 16.22), é possível que também no presente caso a expulsão de Antioquia tenha acontecido dessa forma dura e dolorosa. A afirmação de Lucas, de que “levantaram perseguição contra Paulo e Barnabé”, também pode indicar isso. Tanto mais maravilhoso é que os que abraçaram a fé não foram confundidos por esse episódio: “Quanto aos discípulos (do lugar), ficavam cheios de alegria e do Espírito Santo” [TEB]. Isso corresponde à experiência em Tessalônica: receberam “a palavra com alegria do Espírito Santo” (1Ts 1.6), ainda que em meio a muita tribulação. De tais coisas só Deus é capaz!

Paulo e Barnabé são obrigados sair de Antioquia. Agem de acordo com a instrução de Jesus: “sacodem contra aqueles o pó dos pés”. Se por meio dessa expulsão a cidade declara que ela não quer saber dos mensageiros de Jesus, os mensageiros respondem com um gesto, por meio do qual também confirmam que nem sequer querem levar consigo o pó da cidade nos pés, entregando a cidade ao juízo de Deus. Para onde, pois? Se Paulo e Barnabé não quiserem retornar, abrem-se para eles três caminhos: para o norte, em direção do Mar Negro, onde, porém, não há localidades maiores; a rota comercial para oeste, em direção a Éfeso; ou a rota comercial para o oriente, rumo a Icônio. Nessa ocasião ainda não empreendem o avanço para o oeste. Contudo, precisam distanciar-se bastante de Antioquia, motivo pelo qual optam por Icônio como alvo seguinte.

3 – Paulo e Barnabé em Icônio - Atos 14.1-7

- 1 – Em Icônio, Paulo e Barnabé entraram juntos na sinagoga judaica e falaram de tal modo que veio a crer grande multidão, tanto de judeus como de gregos.**
- 2 – Mas os judeus incrédulos incitaram e irritaram os ânimos dos gentios contra os irmãos.**
- 3 – Entretanto, demoraram-se (ali) muito tempo, falando ousadamente no Senhor, o qual confirmava a palavra da sua graça, concedendo que, por mão deles, se fizessem sinais e prodígios.**
- 4 – Mas dividiu-se o povo da cidade: uns eram pelos judeus; outros, pelos apóstolos.**
- 5 – E, como surgisse um tumulto dos gentios e judeus, associados com as suas autoridades, para os ultrajar e apedrejar,**
- 6 – sabendo-o eles, fugiram para Listra e Derbe, cidades da Licaônia e circunvizinhança,**
- 7 – onde anunciaram o evangelho.**

- 1 Em Icônio as coisas transcorrem “de tal modo” como em Antioquia: Paulo e Barnabé entram na sinagoga não apenas por razões práticas, mas por causa da noção fundamental: “primeiro aos judeus”, como Paulo escreve na carta aos Romanos (Rm 1.16). A proclamação gera a fé em muitos, “judeus” e “gregos”. Lucas relata de modo tão sumário que é impossível constatar se esses gregos já se encontram na sinagoga, como prosélitos ou “tementes a Deus”, ou se a proclamação atrai também verdadeiros “gentios”, que aceitam a fé. Essa última alternativa com certeza ocorreu quando “se divide o povo da cidade” (v. 4). Na ocasião, o elemento causador eram novamente os judeus.
- 2 Lucas os designa de “os judeus que se tinham recusado a crer” [NVI]. Pelo fato de que a fé se submete aos grandes feitos de Deus a “incredulidade” sempre é também “desobediência”, rebelião contra a ação do próprio Deus. Isso vale de modo singular para os que, como membros do povo da aliança, tinham sobretudo o dever de ouvir e obedecer. Entre eles, porém, o orgulho pela “justiça própria” perante Deus torna a submissão voluntária à sentença de Deus e a abertura do coração para a graça soberana de Deus especialmente difíceis. A forma grega da palavra deixa claro que também a “incredulidade”, como “desobediência”, é uma atitude ativa e intencional. Frequentemente nós ignoramos isso diante de tanta “problemática”, pela qual justificamos a “incredulidade” como uma espécie de destino, justamente deixando de prestar um serviço benéfico ao incrédulo! Igualmente, é salutar que notemos: até mesmo sob a atuação dos grandes e plenipotenciários mensageiros de Jesus acontece a “divisão” na cidade. Portanto, a “divisão” não é o resultado de inabilidade e fracasso na proclamação, mas um acontecimento tão doloroso quanto inevitável diante da mensagem que demanda decisão e produz vários tipos de cisão.
- 3 A princípio os incitamentos dos judeus ainda dão espaço para uma permanência mais longa dos dois irmãos. Obviamente percebem o que está sendo tramado. Mas, por enquanto, continuam na cidade e dão prosseguimento a seu trabalho. “A firmeza deles se fundava no Senhor, que dava testemunho da palavra de sua graça, concedendo-lhes realizar com as próprias mãos sinais e prodígios” [TEB]. Jesus cumpre a promessa que ele dera ao enviar seus discípulos ao mundo (Mc 16.17-20). Concede “sinais e prodígios”, mas eles acontecem, então, pelas “próprias mãos” dos mensageiros. Constantemente nos deparamos com a característica bíblica básica de que Deus vincula seu próprio falar e agir aos ouvidos e lábios, corações e mãos de pessoas. Esses milagres são “sinais” que apontam para o Senhor, não “provas”. Não convencem os adversários, mas seguramente causam neles certo receio de atacar esses homens que não apenas proferem discursos.
- 4 A proclamação não deixa ninguém indiferente. Em todos os lugares da cidade toma-se partido, a favor da sinagoga ou dos apóstolos.
- 5 Tensões dessa espécie facilmente se intensificam por si mesmas. Os adversários pressionam por medidas violentas, com maus tratos e apedrejamento. Quando os apóstolos percebem isso, eles se esquivam da explosão de paixões e fogem. No serviço a Jesus não se trata de salvar a vida a qualquer custo nem de um “heroísmo” humano. A questão sempre será tão somente o que o Senhor quer naquele exato instante. Paulo e Barnabé estão certos de que desafiar o conflito e sacrificar a vida em Icônio não serve nem ao conjunto da igreja nem à causa do Senhor propriamente dita.
- 6 “Fugiram para Listra e Derbe, cidades da Licaônia, e circunvizinhança”.
- 7 Nesses locais, porém, continuam o serviço de evangelização, apesar das experiências graves em Antioquia e Icônio. Novamente Paulo confirma em sua carta mais antiga a narrativa de Lucas:

“Apesar de maltratados e ultrajados em Filipos, como é do vosso conhecimento, tivemos ousada confiança em nosso Deus, para vos anunciar o evangelho de Deus, em meio a muita luta” (1Ts 2.2). Ainda que essa declaração também se refira a outros lugares, ela revela a mesma postura fundamental de Paulo.

Lucas, portanto, nos fornece um primeiro quadro da missão de Paulo aos gentios, com seus gloriosos frutos e suas graves lutas e aflições. Missão e evangelização é “história”, executada por Deus com seus enviados, impossível de ser previamente construída ou posteriormente enquadrada num sistema, nunca sem perigos e sofrimentos, mas também jamais sem vitórias e alegrias.

4 – Evangelização em Listra - Atos 14.8-20

- 8 – Em Listra, costumava estar assentado certo homem aleijado, paralítico desde o seu nascimento, o qual jamais pudera andar.**
 - 9 – Esse homem ouviu falar Paulo, que, fixando nele os olhos e vendo que possuía fé para ser curado,**
 - 10 – disse-lhe em alta voz: Apruma-te direito sobre os pés! Ele saltou e andava.**
 - 11 – Quando as multidões viram o que Paulo fizera, gritaram em língua licaônica, dizendo: Os deuses, em forma de homens, baixaram até nós.”**
 - 12 – A Barnabé chamavam Júpiter, e a Paulo, Mercúrio, porque era este o principal portador da palavra.**
 - 13 – O sacerdote de Júpiter, cujo templo estava em frente da cidade, trazendo para junto das portas touros e grinaldas, queria sacrificar juntamente com as multidões.**
 - 14 – Porém, ouvindo isto, os apóstolos Barnabé e Paulo, rasgando as suas vestes, saltaram para o meio da multidão, clamando:**
 - 15 – Senhores, por que fazeis isto? Nós também somos homens como vós, sujeitos aos mesmos sentimentos, e vos anunciamos o evangelho para que destas coisas vós vos convertais ao Deus vivo, que fez o céu, a terra, o mar e tudo o que há neles;**
 - 16 – o qual, nas gerações passadas, permitiu que todos os povos andassem nos seus próprios caminhos;**
 - 17 – contudo, não se deixou ficar sem testemunho de si mesmo, fazendo o bem, dando-vos do céu chuvas e estações frutíferas, enchendo o vosso coração de fartura e de alegria.**
 - 18 – Dizendo isto, foi ainda com dificuldade que impediram as multidões de lhes oferecerem sacrifícios.**
 - 19 – Sobrevieram, porém, judeus de Antioquia e Icônio e, instigando as multidões e apedrejando a Paulo, arrastaram-no para fora da cidade, dando-o por morto.:**
 - 20 – Rodeando-o, porém, os discípulos, levantou-se e entrou na cidade. No dia seguinte, partiu, com Barnabé, para Derbe.**
- 8** Lucas ilustra a seu modo a breve síntese em At 14.7. Apresenta uma viva história que acontece em Listra. Listra fica 30 km a sudoeste de Icônio. Seu nome também é citado numa inscrição romana como “*Col (onia) Lustra*”. Ao que parece, é uma cidade puramente gentia. Não se fala de judeus, não aparece nenhuma sinagoga. A população – emocionalmente fácil de instigar e influenciar – entende a língua franca do grego helenista, de modo que Paulo consegue comunicar-se, mas, no mais, fala a língua local “licaônica”.
- 9/10** Entre a multidão de ouvintes está sentado um homem “que não podia ficar de pé; sendo inválido de nascença, ele nunca tinha andado” [TEB]. Paulo olha para ele e vê em seu rosto a intensa expectativa de receber desse pregador da “salvação” milagrosa uma ajuda em sua miséria. Quantas coisas podem passar-se no coração de uma pessoa que ouve pela primeira vez o evangelho! Nesse instante Paulo lhe diz “com alta voz: Apruma-te direito sobre os pés!” “Com isso, ele deu um salto e começou a andar” [NVI].
- 11/12** Nesse ambiente gentio o efeito do milagre é completamente diferente do que na porta do templo de Jerusalém. Facilmente emocionável, a população entende o acontecimento imediatamente de maneira “gentia”. Para os gentios “a diferença qualitativa entre Deus e ser humano” (Kierkegaard) é totalmente desconhecida. Com facilidade eles elevam pessoas proeminentes a “deuses” e com a mesma facilidade fazem deuses aparecer em forma humana. O que na Bíblia, que tem conhecimento do Deus vivo, é o acontecimento extraordinário da história da salvação: Deus se torna ser humano, é

para os gentios uma coisa simples. Por que “Júpiter” e “Mercúrio” não poderiam aparecer uma vez em Listra e realizar um belo milagre? Eles “gritaram em língua licaônica: Os deuses, em forma de homens, baixaram até nós!” Não será por acaso que precisamente naquela região corre a lenda de “Filemom e Bauce”, o devoto casal devoto que é visitado por deuses em figura humana.

- 13** “A Barnabé chamavam Júpiter, e a Paulo, Mercúrio, porque era este o principal portador da palavra.” Essa associação dos conhecidos nomes de deuses aos dois mensageiros de Jesus nos proporciona involuntariamente uma boa imagem de ambos: Barnabé com certeza é o mais velho, calmo e respeitável, um personagem “paternal”, motivo pelo qual deve ser identificado com o nome do deus Júpiter. Paulo que, viva e agilmente, faz uso da palavra, é o “emissário dos deuses”, Mercúrio. Que boa complementação mútua eles representavam, assim, em seu ministério!

- 14/15** Lucas não esclarece o que estava por trás da ação do sacerdote que serve no templo a Júpiter em frente à cidade. Talvez fosse simplesmente arrastado pela excitação geral. Talvez quisesse capitalizar para si e para seu templo toda a agitação. Seja como for, ele aparece com “touro” e “grinaldas” na porta da cidade e quer “sacrificar juntamente com as multidões”. Preferia-se “sacrificar” a esses “deuses”, que aparecem com uma admirável ajuda milagrosa, e dos quais ainda se pode esperar muitas vantagens. Um evento desses deixa claro como essa espécie de “religião”, com todos seus “sacrifícios” e seu entusiasmo, não passa de “carne”.

Herodes aceitou com satisfação que o povo exclamasse: “Voz de um Deus, não de homem” (At 12.21-23). Os apóstolos, que não entendiam o idioma licaônico e que a princípio não sabiam como explicar a movimentação do povo, saltam agora para o meio da multidão, fazendo a demonstração judaica de horror diante de uma blasfêmia, o “rasgar das vestes” (Mt 26.25): “Homens, por que vocês estão fazendo isso! Nós também somos humanos como vocês” [NVI]. É a mesma rejeição total a qualquer conceito errado encontrada em At 3.12; 10.26. No entanto, eles não são apenas “humanos”, mas também “evangelistas”. Seu objetivo é justamente que as pessoas “se convertam destas coisas vãs ao Deus vivo”. Da mesma maneira Paulo considerou também a conversão dos tessalonicenses: “deixando os ídolos, vos convertestes a Deus, para servirdes o Deus vivo e verdadeiro” (1Ts 1.9).

- 16-18** Depois de grandes pregações diante de judeus e prosélitos em Antioquia, apresenta-se agora o esboço de sua primeira “pregação” perante gentios. É verdade que não se trata de uma “pregação” de fato. Nem havia tempo para isso nesse instante. Por isso qualquer comparação com o discurso no Areópago [At 17.16ss] e qualquer crítica teológica estariam deslocadas! Diante de uma multidão agitada, cheia de entusiasmo nos moldes de uma religião gentia, agora é possível dizer, em contornos simples e claros, apenas o que é absolutamente necessário. Não se aplica aqui nenhuma citação da Escritura, nem mesmo quando Paulo involuntariamente usa as palavras de Êx 20.11. Nessa situação ainda não se pode falar tampouco de pecado e redenção; por isso o nome “Jesus” também deixa de ser mencionado. Unicamente o testemunho do verdadeiro Deus vivo pode ser contraposto às “coisas vãs” e à religião vã.

Nesse instante Paulo sente profundamente: ele está se dirigindo às pessoas das “nações” que, como tais, não têm, como Israel, uma história com Deus, e não se têm uma relação histórica com Deus, sobre a qual ele pudesse se basear. Afinal, Deus “permitiu que todas as nações seguissem os seus próprios caminhos” [NVI]. Apesar disso havia um relacionamento firme e perceptível de Deus também com as pessoas que estavam ali diante de Paulo. Deus “não se deixou ficar sem testemunho de si mesmo, fazendo o bem.” Primeiramente Deus é reconhecido por fazer o bem! Também agora, diante desses gentios, a proclamação de Paulo é inteiramente “evangelística”, não “legalista”. Não fala das exigências e dos mandamentos de Deus. Descreve Deus pelo que ele concede e pelos seus benefícios, porque somente a partir desse ponto é possível reconhecer a demanda de Deus por gratidão e reverência, bem como a equivalência entre ingratidão e culpa (Rm 1.21).

Obviamente no presente caso a “bondade de Deus” [NVI] não eram a eleição e libertação do Egito e o pacto. No entanto, ela tinha importância fundamental para a vida também das pessoas em Listra: “... dando-vos do céu chuvas e estações frutíferas, enchendo o vosso coração de fartura e alegria.”

Voltem-se das coisas vãs para esse Deus, que vos fez tanto bem! Esse é o chamado da presente hora. Sem dúvida, a partir dele também era preciso levantar a acusação de Rm 1.21 e despertar o reconhecimento do pecado: por que não honrastes o grande benfeitor e não lhe agradecesteis? A mensagem da ira e do juízo tinha de ser trazida em seguida, para que então o verdadeiro evangelho pudesse ser pregado e Jesus e de seu sacrifício pudessem ser proclamados. Tudo isso ainda haveria de acontecer também em Listra. O fato de que “discípulos” da cidade puderam rodear o Paulo

apedrejado e de que Timóteo era oriundo de Listra (At 16.1) evidenciam claramente que também em Listra se constituiu uma autêntica igreja de Jesus. No momento descrito por Lucas, porém, tratava-se de um único esforço dos dois mensageiros: “Dizendo isto, foi ainda com dificuldade que impediram as multidões de lhes oferecerem sacrifícios.”

- 19** Em breve evidenciou-se qual era a situação da população de Listra. “Vieram então de Antioquia e Icônio judeus que aliciaram a multidão aos seus intentos” [TEB]. Essa constatação é antiga: quando não concordamos prontamente com o entusiasmo de pessoas, ele pode, por causa da decepção, reverter em hostilidade e ódio. Conseqüentemente, os judeus encontram em Listra o chão preparado para sua propaganda contra Paulo e Barnabé. Conseguem perpetrar aqui o que não fora mais possível em Icônio. A população irritada ataca subitamente. Nessa situação o ódio dos judeus já se volta certamente contra Paulo. Barnabé fica completamente em segundo plano. A importância destacada de Paulo já ficou clara para inimigos e amigos. Não se trata de um “processo” contra Paulo. Em Listra não havia nenhuma comunidade judaica que pudesse conduzir os trâmites. É provável que os judeus tenham lançado pedras sobre Paulo, gritando “blasfemo!”, e a multidão agitada pela difamação segue o exemplo. Paulo sucumbe, ensanguentado. Será que nesse momento ele se lembrou de Estêvão, cujo apedrejamento presenciara com satisfação? Paulo é tido por morto e arrastado para fora da cidade. Mais tarde Paulo também recordou essas graves experiências (2Co 6.9; 11.25; 2Tm 3.11).
- 20** Quanto, porém, o grupo – talvez bem pequeno – de discípulos o cerca, “levantou-se e entrou na cidade”. Que homem era esse Paulo! Numa situação assim, nós aceitaríamos com naturalidade um cuidadoso transporte em ambulância e um exaustivo tratamento médico, a fim de recuperar as forças num longo período de resguardo. Paulo, porém, levanta-se e entra na cidade, como se não tivesse acontecido nada. Também parece que não estava nem um pouco preocupado em ser reconhecido e atacado novamente. Que fortalecimento na fé, que exemplo de coragem desprendida isso representava para os novos cristãos! Contudo Paulo e Barnabé não podem permanecer mais tempo. “No dia seguinte, partiu, com Barnabé, para Derbe.”

5 – Retorno pelas igrejas fundadas - Instalação de presbíteros - Volta para Antioquia com o relato diante da igreja - Atos 14.21-28

- 21 – E, tendo anunciado o evangelho naquela cidade e feito muitos discípulos, voltaram para Listra, e Icônio, e Antioquia,**
- 22 – fortalecendo a alma dos discípulos, exortando-os a permanecer firmes na fé; e mostrando que, através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus.**
- 23 – E, promovendo-lhes, em cada igreja, a eleição de presbíteros, depois de orar com jejuns, os encomendaram ao Senhor em quem haviam crido.**
- 24 – Atravessando a Pisídia, dirigiram-se a Panfília.**
- 25 – E, tendo anunciado a palavra em Perge, descenderam a Atália**
- 26 – e dali navegaram para Antioquia, onde tinham sido recomendados à graça de Deus para a obra que haviam já cumprido.**
- 27 – Ali chegados, reunida a igreja, relataram quantas coisas fizera Deus com eles e como abrisse aos gentios a porta da fé.**
- 28 – E permaneceram não pouco tempo com os discípulos.**
- 21** Paulo e Barnabé seguiram outra vez um pouco para o leste, até Derbe. “Evangelizaram naquela cidade” e dessa maneira também ali “fizeram muitos discípulos”. Como em muitas passagens traduzidas por “grande”, “muito” ou “longo tempo”, Lucas emprega uma palavra que originalmente significa “bastante”, “suficiente”. Desse modo enfatiza-se o caráter relativo do dado. “Muitos” discípulos não precisam ser necessariamente um grande número em termos estatísticos. Mas, com vistas ao porte da localidade e o grande número de dificuldades dessa primeira evangelização, eles eram “suficientes”, eram “muitos”. De forma alguma devemos imaginar as igrejas paulinas como muito grandes em termos puramente numéricos. Até mesmo em Corinto, p. ex., era concebível que a igreja toda fosse reunida num só lugar (1Co 14.23), mesmo sem ter um “templo” ou “centro comunitário”.

Depois de fundar a igreja em Derbe Paulo e Barnabé fazem o trajeto de volta. A obra de Lucas corresponde muito pouco às expectativas da historiografia moderna! Neste ponto nós abordaríamos

exaustivamente os motivos que levaram à decisão de interromper o trabalho missionário agora e não retornar para Antioquia via Tarso, pela porta da Cilícia, mas de arriscar-se mais uma vez no caminho pelas cidades em que haviam sido expulsos pela violência. Lucas não diz palavra alguma a esse respeito. Podemos fazer suposições. Sem dúvida era bastante plausível considerar que essas novas igrejas precisavam muito de um fortalecimento na fé e uma ordem de vida no contexto hostil. Todo evangelista, todo missionário conhece o ardente anseio de voltar o quanto antes, depois de seu primeiro trabalho, para ver a situação daqueles que teve o privilégio de conduzir a Jesus. Se Paulo escreve aos tessalonicenses (1Ts 2.17; 3.13) da sua preocupação a respeito deles, como são ardentes seus desejos e suas orações para poder vê-los brevemente outra vez, na primeira viagem missionária essa certamente foi também a disposição de seu coração. Em vista disso visitam Listra, Icônio e Antioquia, não mais para uma atuação evangelística pública, mas apenas para trabalho pastoral com os já conquistados.

- 22** “Fortaleciam as almas dos discípulos, exortando-os a permanecer firmes na fé.” A mais decidida e clara conversão não deixa de ser apenas um começo! É um equívoco perigoso pensar que agora tudo continua “automaticamente”. Justamente nessa situação acontecem as lutas, as provações, as perguntas. Uma vida cristã não é um passeio edificante sobre caminhos de rosas, mas uma perigosa jornada por terra hostil! Por isso as almas dos discípulos precisam de fortalecimento e encorajamento! Paulo levou a sério essa tarefa de exortar a cada um “como um pai a seus próprios filhos”, de “conjurá-los” a viver de modo digno de Deus e de seu chamado (1Ts 2.11; At 20.31)! Os dois aspectos que parecem se contradizer pela lógica estão sempre presentes de forma simultânea no NT, como verdade viva: a bem-aventurada certeza de que ninguém e nada pode nos arrancar da mão do Bom Pastor, e a grave necessidade de, com todo o empenho, “permanecer firmes na fé”. Quem separa um aspecto do outro, numa consequência errônea, cai em perigosa segurança ou em zelo irrequieto, igualmente perigoso.

Os dois missionários dizem às igrejas o que nós há tempo dizemos de maneira absolutamente insuficiente: “... que através de muitas tribulações nos importa entrar no reino de Deus.” Mais uma vez a primeira carta aos tessalonicenses (1Ts 3.3s) confirma esse dado de Lucas. Não se tem em vista os sofrimentos que, independentemente da posição de fé, atingem todas as criaturas neste mundo de morte. Afinal, não se entra no reino de Deus por meio deles! Pelo contrário, estão sendo mencionadas as “tribulações” que nos sobrevêm justamente por causa de nossa fé em Jesus. Essas “tribulações” não são decorrentes de uma inabilidade constrangedora que poderia ser evitada, nem incidem apenas rara e transitoriamente sobre os cristãos. Não, o caminho para o reino de Deus leva obrigatoriamente através delas. Se não nos deparamos com tais tribulações cabe perguntar-nos se de fato estamos no caminho certo para o reino de Deus. Por essa razão, porém, o alvo desse caminho por sua vez também nos fortalece para suportarmos o que for preciso para atingir o alvo. Porque esse alvo reveste-se de singular magnitude e glória: “a soberania de Deus”. “Entrar no reino de Deus” não é “ir para o céu”. Sem dúvida também nos foram prometidas coisas boas para a “situação interina” depois da morte física (Lc 23.43; Rm 14.7s; 2Co 5.8; Fp 1.23; Jo 14.3), mas na perspectiva das pessoas do NT isso realmente era apenas “situação interina”, na qual o olhar não se fixava de fato. “Reino de Deus” são os poderosos acontecimentos nos quais Deus consuma seu plano universal por intermédio de Jesus. Diante dessa glória os sofrimentos do presente século não pesam nada (Rm 8.18; 2Co 4.17).

- 23** Os dois mensageiros, porém, não preenchem seus dias apenas com aconselhamento pastoral. “Promovem-lhes, em cada igreja, a eleição de presbíteros.” As cartas paulinas citam “presbíteros” somente em 1Tm 5.17 e Tt 1.5. A primeira carta aos tessalonicenses fala dos “que vos presidem no Senhor e vos admoestam” (1Ts 5.12), a carta aos filipenses cita “supervisores e servos” (Fp 1.1). Apesar disso, é provável que Barnabé e Paulo tenham aderido inicialmente à ordem que lhes era familiar, a das comunidades dos judeus, e instituído “presbíteros”, uma vez que era uma regulamentação muito óbvia. As igrejas, que tinham de viver e subsistir por um tempo mais longo, precisavam de uma direção claramente organizada. A proclamação da palavra deve continuar, é preciso praticar a permanente “exortação”, isto é, o cuidado pastoral, e as reuniões demandam uma ordem exterior e interior. Tudo isso não acontece “automaticamente”. É preciso que haja aqueles que “presidem no Senhor e admoestam” (1Ts 5.12). O título não importa. Não lhes entregaram em mãos um “estatuto eclesiástico” com artigos e parágrafos. Porém os apóstolos selecionam pessoas em que podiam confiar para que mantivessem a igreja unida e cuidassem de suas necessidades.

O final da frase pode ser entendido de diversas maneiras. Primeiramente, “eles os encomendaram ao Senhor” poderia referir-se de modo específico a esses “presbíteros”, descrevendo sua “instalação no cargo”. Nesse caso, porém, seria estranho o adendo “em quem haviam crido”. Essa não era uma peculiaridade que valia apenas para esses homens. Contudo, o “eles” pode retomar igualmente o “lhes” do início da frase do v. 23. Nesse caso, refere-se a todos os discípulos e não descreve a instalação dos presbíteros, mas a despedida de cada igreja como um todo. Nessa acepção, o final da frase ganha sentido pleno: Paulo e Barnabé “oravam e jejuavam e os encomendaram ao Senhor, em quem haviam crido”. Os dois precisam partir, deixando para trás essas jovens igrejas. Mas Jesus está ali e permanece em Derbe, Listra, Icônio e Antioquia. E os membros das igrejas abraçaram a fé nesse Senhor, possuem uma ligação de vida pessoal com ele. Conseqüentemente, os apóstolos podem deixá-los entregues a esse Senhor, assim como todo missionário e todo evangelista encontra paz nessa certeza.

- 24/25** Com certeza os dois “atravessaram” a inóspita região montanhosa da Pisídia, na qual não se falava o grego. Obviamente também no presente caso a palavra “atravessar” pode apontar para o fato de que no caminho aproveitavam todas as oportunidades de falar sobre Jesus às pessoas (cf. p. ...[157]). Contudo, agora “anunciam a palavra em Perge”, sem que se fale do êxito e da fundação de uma igreja.
- 26** Na sequência, descem para “Atália”, que é o porto do qual a travessia de navio os leva diretamente para Antioquia (aliás, primeiramente até Selêucia). Lucas acrescenta, de forma significativa: “Onde tinham sido recomendados à graça de Deus para a obra que haviam já cumprido”. Sim, quantas coisas movem nosso coração quando retornamos ao ponto de partida de uma viagem missionária, de um itinerário evangelístico, depois que aquilo que na partida estava à nossa frente apenas como “plano” ou até mesmo como futuro completamente desconhecido tornou-se uma rica e viva história. Havia sido “recomendados à graça de Deus”, e essa graça se evidenciara como gloriosa. Não em sucessos fáceis e indolores, não na proteção diante dores e aflições, mas em ricos frutos de meses perigosos e penosos, na perseverança em ameaças mortais e graves sofrimentos. Realmente tiveram o privilégio de “cumprir a obra” para a qual haviam sido enviados. Se antes, ao enviá-los, o Espírito Santo deixara essa “obra” tão encoberta como a terra prometida para Abraão, no passado, agora essa “obra” estava diante deles concluída, em toda a sua magnitude. A eles mesmos devia parecer um milagre que haviam avançado tão longe no mundo dos povos e que ali de fato estava agora uma primeira e luminosa corrente de igrejas de Jesus.
- 27** Tudo isso, porém, não diz respeito apenas a eles pessoalmente, mas da mesma forma à igreja, pela qual haviam sido comissionados por meio da imposição das mãos, mediante jejum e oração. Por isso, é bem natural para eles que, “ali chegados, reuniram a igreja” e lhe “relataram quantas coisas fizera Deus com eles”. Acontece, assim, a primeira “celebração missionária” de uma igreja com o primeiro “relatório de missão” de seus missionários. Os grandes homens de Deus, assim reconhecidos, não são personagens solitários, vivendo para si, mas pertencem integralmente a uma igreja, cientes de que são responsáveis perante ela. Naturalmente a igreja tampouco é dona deles, chamando-os por sua iniciativa a prestar contas. Os dois enviados convidam pessoalmente a igreja, a fim de torná-la participante do acontecido, no qual a mesma já se envolvera durante todos esses meses, por meio de sua intercessão. Não falam nem de suas realizações nem de seus sofrimentos. Novamente falta ao relato de Lucas o menor traço de “glorificação cristã de heróis”. Não, seu relatório de atividades perante a igreja versa sobre o que “Deus fizera com eles”. É esse o verdadeiro tema de seu relatório, porque é a soma decisiva de suas vivências e experiência: “Deus abriu aos gentios a porta da fé.” A expressão “porta da fé”, aqui introduzida, possui um duplo sentido: primeiramente aponta para o fato de que essas pessoas que até então eram completamente desconhecidas e viviam no contexto gentio corrente obtiveram acesso à fé, à mesma fé em que vivem a igreja de Antioquia e seus mensageiros. Que milagre! Este é o milagre da missão de todos os tempos. Contudo, ao mesmo tempo essa “porta da fé” é o acesso livre ao próprio Deus (Rm 5.2). Durante séculos a circuncisão vigorou como “porta” em Israel, levando legítima e eficazmente ao povo de Deus e ao próprio Deus da aliança de Israel. Agora, a própria ação de Deus demonstra em grandes proporções: o acesso livre a Deus existe para gentios, não pelo desvio da circuncisão e incorporação em Israel, mas diretamente por meio da “fé”. A fé em Jesus, somente essa fé sem qualquer feito pessoal, é a “porta” de acesso que o próprio Deus abriu aos povos. Isso corresponde à experiência limitada, embora também pioneira e fundamental, que Pedro fez na casa de Cornélio (Ap 11.18).

28 Após esse relatório – em seu modo reservado, Lucas abre mão de mencionar a admiração, a alegria, o louvor a Deus por parte da igreja – Paulo e Barnabé “permaneceram não pouco tempo com os discípulos”. Ao serviço itinerante, que exigiu todo o empenho, segue-se um período de maior tranquilidade, à solidão lá fora segue-se o aconchego num grupo de discípulos, ao permanente desgastar-se na pregação incessante sucede o silêncio de receber pessoalmente, ouvindo a palavra dos irmãos. Mais tarde, Paulo terá essas oportunidades apenas quando permanece durante um período mais longo em uma das igrejas iniciadas por ele mesmo.

O CONCÍLIO DOS APÓSTOLOS - Atos 15.1-35

- 1 – Alguns indivíduos que desceram da Judéia ensinavam aos irmãos: Se não vos circuncardes segundo o costume de Moisés, não podeis ser salvos.**
- 2 – Tendo havido, da parte de Paulo e Barnabé, contenda e não pequena discussão com eles, resolveram que esses dois e alguns outros dentre eles subissem a Jerusalém, aos apóstolos e presbíteros, com respeito a esta questão.**
- 3 – Enviados, pois, e até certo ponto acompanhados pela igreja, atravessaram as províncias da Fenícia e Samaria e, narrando a conversão dos gentios, causaram grande alegria a todos os irmãos.**
- 4 – Tendo eles chegado a Jerusalém, foram bem recebidos pela igreja, pelos apóstolos e pelos presbíteros e relataram tudo o que Deus fizera com eles.**
- 5 – Insurgiram-se, entretanto, alguns da seita dos fariseus que haviam crido, dizendo: É necessário circuncidá-los e determinar-lhes que observem a lei de Moisés.**
- 6 – Então, se reuniram os apóstolos e os presbíteros para examinar a questão.**
- 7 – Havendo grande debate, Pedro tomou a palavra e lhes disse: Irmãos, vós sabeis que, desde há muito, Deus me escolheu dentre vós para que, por meu intermédio, ouvissem os gentios a palavra do evangelho e cressem.**
- 8 – Ora, Deus, que conhece os corações, lhes deu testemunho, concedendo o Espírito Santo a eles, como também a nós nos concedera.**
- 9 – E não estabeleceu distinção alguma entre nós e eles, purificando-lhes pela fé o coração.**
- 10 – Agora, pois, por que tentais a Deus, pondo sobre a cerviz dos discípulos um jugo que nem nossos pais puderam suportar, nem nós?**
- 11 – Mas cremos que fomos salvos pela graça do Senhor Jesus, como também aqueles o foram.**
- 12 – E toda a multidão silenciou, passando a ouvir a Barnabé e a Paulo, que contavam quantos sinais e prodígios Deus fizera por meio deles entre os gentios.**
- 13 – Depois que eles terminaram, falou Tiago, dizendo: Irmãos, atentai nas minhas palavras:**
- 14 – expôs Simão como Deus, primeiramente, visitou os gentios, a fim de constituir dentre eles um povo para o seu nome.**
- 15 – Conferem com isto as palavras dos profetas, como está escrito:**
- 16 – Cumpridas estas coisas, voltarei e reedificarei o tabernáculo caído de Davi; e, levantando-o de suas ruínas, restaurá-lo-ei.**
- 17 – Para que os demais homens busquem o Senhor, e também todos os gentios sobre os quais tem sido invocado o meu nome,**
- 18 – diz o Senhor, que faz estas coisas conhecidas desde séculos.**
- 19 – Pelo que, julgo eu, não devemos perturbar aqueles que, dentre os gentios, se convertem a Deus,**
- 20 – mas escrever-lhes que se abstenham das contaminações dos ídolos, bem como das relações sexuais ilícitas, da carne de animais sufocados e do sangue.**
- 21 – Porque Moisés tem, em cada cidade, desde tempos antigos, os que o pregam nas sinagogas, onde é lido todos os sábados.**
- 22 – Então, pareceu bem aos apóstolos e aos presbíteros, com toda a igreja, tendo elegido homens dentre eles, enviá-los, juntamente com Paulo e Barnabé, a Antioquia: foram Judas, chamado Barsabás, e Silas, homens notáveis entre os irmãos,**
- 23 – escrevendo, por mão deles: Os irmãos, tanto os apóstolos como os presbíteros, aos irmãos de entre os gentios (residentes) em Antioquia, Síria e Cilícia, saudações.**
- 24 – Visto sabermos que alguns (que saíram) de entre nós, sem nenhuma autorização, vos têm perturbado com palavras, transtornando a vossa alma,**

- 25 – pareceu-nos bem, chegados a pleno acordo, eleger alguns homens e enviá-los a vós outros com os nossos amados Barnabé e Paulo,**
- 26 – homens que têm exposto a vida pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo.**
- 27 – Enviamos, portanto, Judas e Silas, os quais pessoalmente vos dirão também estas coisas.**
- 28 – Pois pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor maior encargo além destas coisas essenciais:**
- 29 – que vos abstenhais das coisas sacrificadas a ídolos, bem como do sangue, da carne de animais sufocados e das relações sexuais ilícitas; destas coisas fareis bem se vos guardardes. Saúde.**
- 30 – Os que foram enviados desceram logo para Antioquia e, tendo reunido a comunidade, entregaram a epístola.**
- 31 – Quando a leram, sobremaneira se alegraram pelo conforto recebido.**
- 32 – Judas e Silas, que eram também profetas, consolaram os irmãos com muitos conselhos e os fortaleceram.**
- 33 – Tendo-se demorado ali por algum tempo, os irmãos os deixaram voltar em paz aos que os enviaram.**
- 35 – Paulo e Barnabé demoraram-se em Antioquia, ensinando e pregando, com muitos outros, a palavra do Senhor.**

1 Enquanto Paulo e Barnabé usufruíam de dias mais calmos na igreja em Antioquia, após as intensas alegrias e os sofrimentos da primeira viagem missionária, acontece algo de que temos de nos conscientizar imediatamente, em vista de sua importância fundamental, porque constantemente influi dolorosamente na história da igreja de Jesus. “Alguns indivíduos desceram então da Judéia com o intento de doutrinar os irmãos” [TEB]. Como já notamos, a comunicação entre a primeira igreja e Antioquia era viva. Deve ter havido visitantes freqüentes da Judéia em Antioquia. Agora, porém, chegam “alguns”, cujos nomes não são ditos nem aqui nem na carta aos Gálatas, mas que tentavam “doutrinar”, i. é, defendiam sua convicção não apenas ocasionalmente em diálogos pessoais, mas expressa e publicamente como sendo a opinião correta. Essa convicção era: “Se não vos circuncidardes segundo o costume de Moisés, não podeis ser salvos.” Os homens que ensinam desse modo são cristãos e querem ser cristãos! Crêem em Jesus como o Messias de Israel e portador do reino de Deus. Contudo afirmam que isso não anula a exigência divina de que todos que querem fazer parte do povo de Deus e participar da salvação do fim dos tempos precisam ser circuncidados. Nem mesmo combatem a missão aos gentios como tal. Aceitam os gentios que se converteram a Jesus. Entretanto, isso ainda não seria suficiente e desse modo eles ainda não estariam verdadeiramente salvos. Somente a circuncisão os tornaria membros plenos, seguramente redimidos da igreja da salvação. Seu lema é: “Jesus e circuncisão”. Nisso, porém, torna-se imediatamente visível que o segundo fator se torna involuntariamente preponderante. Jesus sozinho não é capaz de salvar. Portanto, a circuncisão se reveste de muita importância!

Na história da igreja esse fenômeno se repete até hoje constantemente. O cristianismo não apenas é contestado e atacado de fora, mas na própria igreja levantam-se os homens que ensinam com ênfase e determinação total: se não fizerdes isso ou aquilo que, afinal, pode ser comprovado biblicamente como mandamento de Deus, não podeis ser salvos. “Jesus e ...” – repetidamente a fórmula é essa. Não bastam unicamente Jesus e unicamente a fé nele. Apenas quando for acrescentada uma ou outra ação ou produção, obteremos a vida cristã plena e verdadeira. De modo ingênuo, essa opinião sobrevive amplamente em muitos cristãos: “Crer em Jesus e cumprir os mandamentos”, isso é ser cristão.

Todos notamos a força capciosa de uma “doutrina” assim. Afinal, queremos ser cristãos verdadeiros e completos. Acima de tudo, queremos ter clareza e certeza de estar salvos! É isso que torna todas as perguntas no âmbito da igreja tão graves e acaloradas, porque a redenção das almas está sempre em jogo. Ao mesmo tempo, isso é uma questão tão complicada porque esses novos mestres possuem por trás de si uma poderosa autoridade: “Segundo o costume de Moisés”, afirmam eles. Não foi Moisés o grande homem de Deus? O AT não estava baseado sobre ele? Não era possível e imperioso que o costume tivesse valor ao lado de Jesus e com ele? Conseqüentemente, não nos surpreende que os novos cristãos de Antioquia tenham ficado profundamente inquietos. Será que ainda não são verdadeiros cristãos? Será que ainda não estavam realmente salvos? Será que têm

razão os homens que, afinal, vêm da Judéia, a verdadeira terra-mãe do cristianismo, e do círculo dos apóstolos? O que eles afirmam soa tão sério! Estão interessados em nossa salvação plena.

- 2 Paulo e Barnabé se opõem aos novos mestres. Para Paulo deve ter sido uma grande ajuda para Paulo ter a seu lado também o levita Barnabé, oriundo de Jerusalém. A controvérsia se torna ferrenha. Lucas emprega o termo “*stasis*” = “sedição”, como em Lc 23.19,25; At 19.40. Novamente mostra-se algo que perpassa toda a história da igreja até hoje. Um conflito assim não pode ser solucionado simplesmente com argumentos “bíblicos”. Ambas as partes se apóiam na Bíblia. A controvérsia se torna tão exacerbada justamente porque cada um acredita ter a favor de si a límpida palavra bíblica. Por isso, é preciso apelar para a decisão daqueles que possuem reconhecimento incontestado. “Decidiu-se que Paulo e Barnabé e alguns outros subissem a Jerusalém para entrevistarem-se com os apóstolos e os anciãos a respeito dessa contenda” [TEB].
- 3 Não é dito como os emissários, solenemente “acompanhados pela igreja” numa parte do caminho, realizam a viagem, se percorrem um trecho de navio a partir de Selêucia, ou se seguem apenas por terra. Depois, porém, passam pela Fenícia e Samaria. Para Paulo e Barnabé é importante visitar as diferentes igrejas cristãs e relatar em todos os lugares sobre suas experiências na missão aos gentios. Dessa forma “causaram grande alegria a todos os irmãos”. A esse respeito, Schlatter observa: “Essa coesão que se estendia de igreja para igreja naquele tempo ainda não estava formalizada em instituições e cargos. Pelo contrário, estruturava-se por meio dos numerosos contatos pessoais que formavam expressamente as viagens dos apóstolos de igreja para igreja.”
- 4 Em Jerusalém eles são “recebidos pela igreja, pelos apóstolos e pelos presbíteros”. Também em Jerusalém se tem a percepção de que esse momento é algo diferente do que a visita de irmãos, que ocorria com frequência. Pela primeira vez está sendo apelado, numa questão fundamental da salvação, para a decisão da igreja como um todo, representada de forma singular “pela igreja, pelos apóstolos e pelos presbíteros” em Jerusalém. É, porém, um fato precioso que “negociações” formais com princípios e teses teológicas não acontecem de imediato, mas que também nessa situação Paulo e Barnabé têm a oportunidade de simplesmente relatar “tudo o que Deus fizera com eles”. Paulo e Barnabé não estão tomados e agitados pelo conflito em Antioquia e de suas conclusões teológicas e seu acerto. Seu olhar está afastado de si mesmos e voltado para os grandes feitos de Deus. Na verdade, esse é o diferencial entre este assim chamado concílio dos apóstolos e os sínodos e concílios da época posterior: a palavra de peso não é dos “teólogos”, mas das “testemunhas”, e o decisivo não são princípios dogmáticos, mas os fatos concedidos por Deus. Apenas acontece que precisamente esses fatos tornam a posição de Paulo e Barnabé necessária e irrenunciável no conflito deflagrado: a favor da graça soberana de Deus em Jesus como único fundamento da salvação, a favor da plena liberdade perante a lei, a favor da irrestrita amplitude da missão.
- 5 Após esse relato intervêm “alguns” e dizem: “É necessário circuncidá-los e determinar-lhes que observem a lei de Moisés.” Agora são informados mais detalhes sobre esses “alguns”, de modo que os possamos compreender melhor. Eram cristãos “do partido dos fariseus que haviam crido” [NVI]. Esses homens não haviam sido quebrantados pelo encontro com Jesus até a essência de seu ser, como Paulo (cf. At 9.3s). Sua justiça própria ainda não havia sido destroçada completamente. Continuavam sendo “fariseus”, devotos severos, apegados à lei, que somente “haviam crido” quando reconheceram em Jesus o prometido Messias de Israel. Para eles era algo totalmente inconcebível que agora gentios pudessem vir ao Messias Jesus e ser salvos sem pertencer ao povo eleito de Deus pela circuncisão e pela aceitação da lei. Até hoje é decisivo que as pessoas experimentem diante de Deus que toda a sua vida desmorona, sendo assim radicalmente desprendidos de si mesmos e de todas as suas ações! O evangelho somente pode ser compreendido de fato por “consciências profundamente atemorizadas”, como diziam os reformadores.
- 6 É um belo indício da liberdade e franqueza reinantes no primeiro cristianismo que tanto Paulo e Barnabé podem relatar sem obstrução, quanto também esses membros da igreja, de pensamento legalista, têm a liberdade de expor publicamente suas opiniões. Na sequência também se leva tudo para uma deliberação aberta. “Então, se reuniram os apóstolos e os presbíteros para examinar essa palavra” [tradução do autor]. “Essa palavra”, ou seja, a reivindicação manifesta de tornar a circuncisão obrigatória aos gentios cristãos, tinha um significado múltiplo. Por princípio era importante saber com clareza se coisas como a circuncisão eram ou não necessárias para a salvação. Nisso estava implícita a questão – embora ainda não venha a ser abordada – sobre o sentido e a

importância da lei como tal. Mas a decisão dessas questões fundamentais tinha consequências extremas para o destino da igreja de Jesus em Jerusalém! Se de fato se tomasse a decisão de que o acesso a Jesus somente seria possível pela da lei, ela traria um enorme alívio aos cristãos na Judéia. Com isso estariam reabilitados perante todos como verdadeiros israelitas. Contudo, se ficassem irmanados com multidões de gentios incircuncisos, se reconhecessem essas pessoas “impuras” como membros plenos da igreja do Messias, então o abismo em relação a seu contexto judaico ficaria intransponivelmente profundo, ainda que eles pessoalmente vivessem fiéis à lei. Ao mesmo tempo, porém, estava em jogo a unidade da jovem igreja! Naquele tempo já poderia ter acontecido o que mais tarde aconteceu com muita frequência na história da igreja: o cisma. Então viveriam lado a lado, e em contradição, uma igreja gentia paulina e uma igreja judaica petrina, um cristianismo antioqueno livre da lei e um cristianismo legalista em Jerusalém. Conseqüentemente, neste momento significativo agora “se reúnem os apóstolos e os presbíteros” – certamente na presença da igreja, como revelam os v. 12 e 22. Lucas expressa isso de modo magnífico em sua obra pelo fato de que o cap. 15 se encontra exatamente no centro do livro. É preciso tomar uma decisão de gravidade extrema para a salvação, com as maiores consequências práticas.

7-10 Que sucede agora? Como é difícil e comprometedora a tradução! Será que o início da frase diz: “Havendo, porém, grande conflito” (Haenchen) ou “Após ter decorrido uma longa apreciação” (Schlatter)? Porventura temos de levar em consideração uma acalorada “discussão” também no grupo dos “apóstolos e presbíteros” [TEB]? Será que a igreja presente manifestou-se agitadamente? Ou será que o ponto de controvérsia foi nitidamente definido, de acordo com o conhecido método das “investigações” dos escribas (esse é o significado básico do termo que consta no presente texto), abordando-se os prós e contras das soluções opostas? Não temos condições de chegar a uma conclusão definitiva sobre a questão. De qualquer forma, porém, é Pedro quem toma a palavra após um debate. Será que agora ouviremos uma “palestra sobre fundamentos teológicos”? Será que Pedro pelo menos trará uma “prova da Escritura”? Não, Pedro não se envolve com nada que somente prolongaria a “apreciação” anterior, e apenas aprofundaria o “conflito” havido. Em exata consonância com o relato de At 10 e 11, ele expõe diante da congregação os fatos criados pelo próprio Deus. Não são “opiniões” que podem decidir, nem mesmo opiniões “biblicamente fundamentadas”. Somente fatos em que o próprio Deus tomou sua decisão podem ser decisivos. Pedro destaca três desses fatos. O próprio Deus selecionou justamente Pedro para que “os gentios ouvissem de seus lábios a mensagem do evangelho e cressem” [NVI]. Essa decisão de Deus estava estabelecida “desde antigos (ou: desde primeiros) dias”. Não é nenhum apêndice tardio. O próprio Deus concedeu a tais gentios incircuncisos na casa de Cornélio o Espírito Santo, a suprema dádiva messiânica. Desse modo o próprio Deus “lhes deu testemunho”. Deus, porém, “conhece os corações”, motivo pelo qual seu “testemunho” tem validade como nenhum outro. E Deus pessoalmente os “purificou”. Os homens que exigem a circuncisão dos gentios têm razão no seguinte: gentios são “impuros” perante Deus. Por isso têm de ser “purificados”. Contudo, no caso daqueles gentios em Cesaréia o próprio Deus realizou essa purificação. De fato, realizou-a de um modo como a circuncisão e as leis sobre comidas jamais poderiam fazê-lo, como uma “purificação do coração”. Enfim, Pedro compreendera a instrução de Jesus sobre a “impureza”, conforme Mc 7.14-23!

Portanto o próprio Deus já decidira a questão em jogo. Os defensores da circuncisão disseram, estremecendo interiormente: vocês não podem, contrariamente à lei, reunir “indistintamente” gentios incircuncisos e impuros numa mesma igreja com israelitas circuncidados e fiéis à lei! Pedro responde: o próprio Deus “não estabeleceu distinção alguma”! Essa “aceitação indistinta” foi realizada pelo próprio Deus. Nesse ponto fica arrasadoramente claro que quem torna a estabelecer “diferenças” e exige a circuncisão dos gentios não luta contra Paulo e Barnabé e os antioquenos, mas “tenta a Deus”, conduz à luta contra o próprio Deus! Com que vigor e profundidade Pedro conduziu tudo ao ponto decisivo!

10/11 É por isso que ele finaliza com uma palavra que torna essa “distinção alguma” também explícita para o outro lado, para o lado judaico. Eles tentam impor lei como “um jugo sobre a cerviz dos discípulos”. Contudo – será que como israelitas eles foram capazes de carregar esse jugo? É possível que Pedro esteja pensando no poderoso chamado de seu Senhor, que ele ouvira com os próprios ouvidos: “Tomai sobre vós o meu jugo... e achareis descanso para a vossa alma” (Mt 11.29). O jugo da lei não lhes havia trazido “descanso”, mas os tornara aqueles “que ficam exaustos de trabalhar e

carregar fardos” (sentido literal de: “cansados e sobrecarregados”), os quais Jesus chama para junto de si. Em vista disso, vale para eles, como judeus, o mesmo princípio único e simples da salvação que para os gentios: “Mas cremos que fomos salvos pela graça do Senhor Jesus, como também aqueles o foram.” Essa afirmação ao mesmo questiona aqueles fariseus que haviam chegado à fé: por que, afinal, vocês vieram a Jesus? O que vocês buscavam junto dele? A adesão a Jesus apenas será profunda e inabalável se encontrarmos unicamente em Jesus a salvação de toda a nossa perdição!

- 12** O discurso de Pedro tem o mesmo efeito que sua palavra tivera no passado após os acontecimentos na casa de Cornélio. Naquela ocasião “apaziguaram-se” (At 11.18). Agora “toda a multidão silenciou”. Isso de forma alguma significa que todos já estivessem convictos. Mas a contestação “silenciou”. Não havia nada a argüir contra o que Pedro havia exposto. E na seqüência a palavra novamente é dada a Barnabé e Paulo. É significativo que Paulo também não se reporte à palavra final de Pedro, desenvolvendo pensamentos teológicos, mas que prossegue na linha básica de Pedro. Aos “fatos” que Pedro colocou diante da congregação Barnabé e Paulo acrescentam os “fatos” trazidos do campo de missão entre os gentios. Aliás, o levita Barnabé, antigo membro benquisto da primeira igreja, é novamente citado por primeiro. Com satisfação Paulo lhe entrega nesse momento a primeira palavra. Agora eles de fato também são ouvidos: “E passaram a ouvir a Barnabé e a Paulo, que contavam quantos sinais e prodígios Deus fizera por meio deles entre os gentios.” Também no presente caso os “prodígios” são “sinais”: Deus não rejeitou a missão independente da lei de Paulo e Barnabé entre os gentios, mas a confirmou expressamente através de suas múltiplas e maravilhosas intervenções.
- 13-19** Novamente evidencia-se o papel de liderança de Tiago (cf. acima, p. ... [228]). Ele não expressa simplesmente sua palavra a respeito de tudo, mas profere a palavra conclusiva, que leva a uma resolução, e que obviamente também era necessária. Com o “atentai nas minhas palavras” ele próprio constata a importância daquilo que ele dirá a seguir. Acrescenta aos fatos divinos a palavra divina da Escritura. Pois “estas coisas que Deus faz” lhe são “conhecidas desde sempre” [TEB]. Por isso, aquilo que contradiz a palavra de Deus na Escritura nunca pôde ser designado de “ação de Deus”. Contudo, com o que “expôs Simão...” “conferem... as palavras dos profetas”. Isso é muito importante para os judeus fiéis à Bíblia e para o próprio Tiago. Com certeza Tiago não escolheu em vão uma palavra profética que fala primeiramente do “voltar-se de Deus” para Israel e da “restauração do tabernáculo caído de Davi” e que considera a busca de Deus por parte das “demais pessoas” e “dos gentios” mais como um aperfeiçoamento ou uma moldura para o povo restaurado da aliança. De nossa parte temos de nos libertar do menosprezo não-bíblico de Israel e da ênfase excessiva nos gentios. Igualmente temos de lembrar que também alguém como Paulo considerou a raiz de toda a igreja em Israel e os cristãos gentios como haste enxertada no tronco de Israel (Rm 11.15-17). Independentemente do quadro das coisas que Tiago tinha dentro de si com base na Escritura, ele viu a autonomia das “demais pessoas” e dos “gentios”, que vêm a Deus sem primeiro serem introduzidos no “tabernáculo de Davi”. Por isso sua proposta primeiramente constata: “Pelo que, julgo eu, não devemos perturbar aqueles que, dentre os gentios, se convertem a Deus.” Assim, também Tiago aprova a missão aos gentios sem a lei. Foi isso que Paulo também escreveu aos Gálatas: “Esses que me pareciam ser alguma coisa nada me acrescentaram” (Gl 2.6), sendo que a seguir, no v. 9, cita Tiago em primeiro lugar.
- 20** No entanto, será que isso ainda está em sintonia com a continuação da proposta: “Mas prescrever-lhes que se abstenham das maculações dos ídolos, bem como da imoralidade, da carne asfíxiada e do sangue” [tradução do autor]? O que significa isso? Acaso representa um “acordo”? Será que, apesar de tudo, Tiago agora pretende fazer valer um pouco de “lei” para apaziguar o grupo oposto? Pois bem, Tiago deveria ser suficientemente prudente para saber que em geral os “acordos” decepcionam ambos os lados. Contudo, quando se afirmava a liberdade da lei, impunha-se necessariamente uma pergunta que exigiu muita reflexão do próprio Paulo: acaso essa “liberdade” significa desenfreamento e arbitrariedade absolutos? Essa ilação foi combatida claramente por alguém como Paulo. Também ele era capaz de recordar aos tessalonicenses “as instruções que vos demos da parte do Senhor Jesus (1Ts 4.2)”. Quando Tiago exige “abstinência das maculações dos ídolos”, Paulo concorda: “Não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demônios; não podeis ser participantes da mesa do Senhor e da mesa dos demônios” (1Co 10.21). Enquanto Tiago requer “abstinência da imoralidade”, também Paulo escreve aos coríntios: “Fugi da impureza” (1Co 6.18). Até esse ponto Paulo podia concordar com a proposta de Tiago sem restrições e não via nela nada

“imposto”. Porém, abster-se de “carne asfíxiada” e “sangue”? De acordo com sua carta, Tiago é uma pessoa com visão clara da vida prática. Por isso, ele percebeu que, justamente quando se reconhece os gentios cristãos livres da lei ao lado dos judeus cristãos fiéis a ela, a convivência de ambas as partes, p. ex., a simples comunhão de mesa, demandava uma consideração desinteressada dos “mais livres” pelos “mais presos”. Certas coisas eram insuportáveis para os judeus, e agora também precisam ser expressamente coibidas para os cristãos dentre as nações. Dessas coisas fazem parte, além do contato com a idolatria e com a prostituta, sobretudo o consumo de “carne asfíxiada e de sangue”. Também nesse ponto Paulo não precisava discordar! Ele próprio combateu resolutamente aquela “liberdade” arrogante que se agrada a si mesma e não tem consideração pela consciência do irmão (cf. Rm 14.13-21; 15.1). Também nesse aspecto ele não via na proposta de Tiago uma “imposição” legalista que ele tivesse de rejeitar por amor do evangelho.

- 21** De difícil compreensão para nós é a frase que Tiago acrescenta: “Desde muitas gerações, com efeito, Moisés dispõe de pregadores em cada cidade, visto que o lêem em todos os sábados nas sinagogas” [TEB]. Em que sentido ele afirmou isso? Pode ser uma palavra em direção aos cumpridores da lei. Talvez desse para ler em suas faces a pergunta: “Diante de tudo isso, o que resta de Moisés? Será que ele não tem mais valor algum?” Tiago lhes responde: “Não se preocupem de que Moisés fique em desvantagem com a presente resolução e com o surgimento de um cristianismo livre da lei. Moisés não será esquecido. Em todas as cidades sua palavra e sua lei são lidas a cada sábado. Ali todo cristão de Israel poderá continuar ouvindo Moisés.”

Contudo, cabe ponderar uma interpretação diferente. Foi lembrado que precisamente essas quatro reivindicações, a abstinência de sacrifícios aos ídolos (Lv 17.7-9), a “imoralidade”, no sentido de casamentos proibidos entre parentes (Lv 18.6ss; 26), e a “carne asfíxiada e de sangue” (Lv 17.10-12 e 13-15), vigoram de maneira expressa não apenas para o próprio Israel, mas também para o “estrangeiro que peregrina entre vós”. Será que foi isso que Tiago tinha em mente, expressando-o com sua moção: a lei como tal vale somente para Israel, motivo pelo qual não deveria ser imposta a cristãos dentre as nações; contudo há na própria lei quatro prescrições que vigoram também para os estrangeiros; o cumprimento dessas prescrições, portanto, precisa ser exigido também dos gentios cristãos, para que tenhamos comunhão com eles? Nesse caso sua última frase poderia apontar para o fato de que pela proclamação de Moisés em todas as cidades essas quatro reivindicações com sua vigência para os “estrangeiros” também são conhecidas. Em vista disso, com razão haveria escândalo entre os judeus se elas não fossem observadas no cristianismo. No entanto – será que Tiago de fato desenvolveu um raciocínio tão complexo naquela hora?

- 22-29** Agora a decisão é tomada. Na formulação escrita, depois, os congregados apenas conseguiram explicá-la com a maravilhosa expressão: “Pois pareceu bem ao Espírito Santo e a nós.” Desse modo também costumavam falar mais tarde. Aqui, porém, não se trata de uma fórmula eclesial, aqui é algo verdadeiro. A reunião não tem esse desfecho porque Tiago teria falado, p. ex., como uma espécie de ditador e todos teriam se conformado silenciosamente com seu veredicto. Porém tampouco se realiza uma “votação”, na qual a “proposta de Tiago” é aceita com ampla maioria. Ambas maneiras “mundanas” de tomar uma decisão são alheias a uma autêntica reunião de fiéis. O que se afirmou na reunião ficou tão limpidamente claro à luz do Espírito de Deus para todos, apóstolos, anciãos e igreja, que a resolução conjunta simplesmente foi uma dádiva para eles. É a ação do Espírito Santo em todos eles. É uma resolução no Espírito Santo.

Em vista da importância da questão e diante da afluente confusão em Antioquia, o resultado da deliberação e o posicionamento dos apóstolos não deveriam ser transmitidos apenas por Barnabé e Paulo e pelos antioquenos que os acompanhavam. Isso poderia ser encarado com suspeita por parte dos que pensavam diferentemente, no sentido de terem ouvido e relatado de forma unilateral e a seu próprio favor. Pelo contrário, a decisão é fixada por escrito, e com os enviados de Antioquia devem dirigir-se a Antioquia dois “homens, líderes entre os irmãos”, “Judas, chamado Barsabás, e Silas” e confirmar tudo “oralmente” (a rigor, “por palavra”), respondendo a eventuais perguntas.

- 23** O texto escrito tem uma forma que nos parece um pouco estranha na tradução literal, mas que corresponde exatamente ao estilo de carta da época: após a menção do remetente segue-se o nome do destinatário e a breve saudação com a única palavra “alegria!” (Esquema idêntico ocorre na carta do comandante Cláudio Lísias ao procurador romano em At 23.25.) A seguir a carta aborda a situação em Antioquia, mas já na saudação havia incluído os cristãos da Síria e Cilícia. O que acontecia em Antioquia tinha repercussões imediatas na Síria e na Cilícia. Em contrapartida, as igrejas do sul da

Galácia (respectivamente da Licaônia: Icônio, Listra, Derbe) ficavam a longa distância. Não era necessário nem benéfico envolvê-las em questões que nem sequer tinham sido levantadas entre eles. Os enviados de Jerusalém tampouco podiam alcançá-los, enquanto com certeza podiam encontrar representantes das igrejas da Síria e Cilícia em Antioquia. Por isso o Sul da Galácia não é mencionado na carta.

- 24** Os apóstolos e anciãos lamentam a perturbação e confusão que surgiu por “alguns de entre nós” e se distanciam expressamente desses “alguns”, sem naturalmente chamá-los de “falsos irmãos”, como Paulo. De qualquer forma, não possuíam qualquer “incumbência” oficial, em que poderiam ter-se apoiado.
- 25/26** Esse posicionamento acontece em “pleno acordo”. Na seqüência é inserido de forma elegante o reconhecimento explícito de Barnabé e Paulo na comunicação sobre a resolução de enviar pessoas de confiança especial para Antioquia: eles, os atacados e criticados, são para os dirigentes em Jerusalém “nossos amados”, e lhes é atestado que eles são “homens que têm exposto a vida pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo”. Em todas as diferenças de opinião no cristianismo – muitas vezes inevitavelmente profundas – é importante que se preserve o reconhecimento do empenho por Jesus e que ele seja considerado essencial. “Entregar a alma” [tradução do autor] foi a ação de Jesus pela qual “reconhecemos o amor”. “Entregar a alma pelos irmãos” é um mandamento decorrente para nós (1Jo 3.16). No entanto, há também uma “entrega da alma” pelo nome daquele que nos amou primeiro ao se entregar por nós. É grandioso que também uma pessoa como Tiago e os cristãos de Jerusalém, oriundos de Israel, reconheçam isso em Paulo e Barnabé e o demonstrem publicamente com profunda consideração perante a primeira igreja. Também Paulo enfatizou de modo especial o reconhecimento fraterno por parte das pessoas dirigentes em Jerusalém como resultado das negociações (Gl 2.9).
- 27** As pessoas de confiança selecionadas são apresentadas na carta, e confirma-se sua tarefa de “anunciar oralmente a mesma coisa” [tradução do autor].
- 28/29** Somente agora vem a comunicação da resolução como tal. Os quatro pontos em que também se espera dos gentios cristãos determinada atitude não recebem uma justificativa maior, mas simplesmente são designados como necessários. A formulação evita cautelosamente qualquer impressão de que, afinal, voltaria a vigorar uma “lei”. Isso ficaria singularmente claro se entendermos, como na linguagem comum, as palavras da frase final como “assim estareis bem, assim vivereis bem”. Mas também a tradução “Fareis bem” sublinha que se espera uma adesão livre a circunstâncias necessárias, e não cumprimento estrito de uma lei. A breve saudação “Passem bem” constitui novamente a expressão corrente.
- 30-32** Numa reunião da igreja em Antioquia a carta é entregue e lida. Lucas não se demora nem nos atrasa com a informação exata sobre quem recebeu a carta e por quem ela foi lida. Muito mais importante é que ela cumpre sua finalidade: “Sobremaneira se alegraram pelo conforto recebido.” Está claro que também os antioquenos não viram nos quatro pontos uma “imposição” que pudesse turbar sua alegria. Os representantes de Jerusalém aproveitam a visita para “consolar os irmãos com muitos conselhos e fortalecê-los”. “Com muitos conselhos” significa “em muitas alocações”. Igrejas vivas podem e querem ouvir muito, uma vez que estão sendo visitadas por irmãos. E Lucas acrescenta sobre esses irmãos “que eram também profetas”. Portanto, o que têm a dizer era oriundo do Espírito de Deus, brotando por isso com frescor e vitalidade. Valia a pena escutá-los. Lucas está mostrando ao mesmo tempo a compreensão correta da “profecia”, de cuja falta muitos se ressentem em At 11.27: ela não é em primeira linha previsão do futuro, mas um discurso conduzido pelo Espírito de Deus que atinge os corações e as consciências.
- 33** Então “os irmãos os deixaram voltar em paz aos que os enviaram”.
- 35** Paulo e Barnabé retomam seu trabalho de ensino e proclamação em Antioquia. Faz-se uma distinção objetiva entre “ensinar” e “evangelizar”. Porém não devemos ter a impressão errada de que somente Paulo e Barnabé tenham atuado solitariamente em Antioquia. Não, “muitos outros” participam tanto do trabalho de ensino quanto da evangelização. Uma igreja como Antioquia tinha abundância de forças ativas, e ali a figura do “corpo” com numerosos membros ativos não era uma fórmula dogmática, mas a descrição de uma realidade viva.
- O “concílio dos apóstolos” e o “decreto dos apóstolos” não encerravam simplesmente as dúvidas e aflições em relação à “lei”. A decisão havia sido tomada somente para os crentes das nações, não para os cristãos de Israel. Mesmo quando os gentios cristãos observam integralmente os quatro

pontos, a comunhão plena de vida entre judeus fiéis à lei e eles continua cheia de dificuldades. Gl 2.11-13 ilustra essa situação. Mas também continuaram ativos aqueles grupos que consideravam necessária a incorporação dos gentios em Israel através da circuncisão e do cumprimento da lei. No entanto, isso é o que acontece sempre de novo na história. A “Declaração de Barmen” contra as medidas do 3º Reich de forma alguma já assegurava a trajetória sem tortuosidades e tensões da igreja não-conformista da época. Seria de um racionalismo ingênuo que ignora as pulsões profundas do ser humano concluir: “Afim, se em Barmen tudo havia sido dito com tanta clareza e aprovado por unanimidade, então não seria possível que ...” Por essa razão, porém, também cai por terra a objeção que afirma, contra toda a exposição de Lucas: se At 10 de fato aconteceu dessa maneira, então não “seria possível” que surgissem dúvidas e dificuldades com vistas à missão aos gentios em Antioquia. At 10 tornaria At 15 desnecessário, isto é, o pano de fundo histórico de At 15 evidenciaria At 10 como totalmente aistórico. Da mesma forma poderíamos e teríamos de concluir que as acaloradas lutas posteriores de Paulo com os judaístas evidenciam que a exposição de Gl 2.1-10 é “aistórica”. A realidade da história é muito mais “colorida” do que o pesquisador histórico inteligente imagina.

Justamente no presente capítulo constata-se múltiplas variantes nos manuscritos. Já no v. 1 alguns manuscritos designam “os que desceram de Jerusalém” como “os que haviam crido do grupo dos fariseus”, identificando-os assim com os interlocutores do v. 5. No v. 2 o Códice D descreve a resistência de Paulo e faz com que a solicitação de subir a Jerusalém parta dos adversários. No v. 5 aqueles que agora fazem uso da palavra são identificados expressamente como os mesmos homens que antes haviam atuado em Antioquia e que haviam exigido a presença de Paulo e Barnabé em Jerusalém. No v. 12, D acrescenta uma expressão usada várias vezes por ele: “Enquanto os anciãos concordavam com o que Pedro dissera.” Também o complicado v. 18 sofreu múltiplas melhorias: “conhecida é desde eternidade ao Senhor sua obra”, escreve D; e o texto *Koiné* diz: “conhecidas são desde a eternidade a Deus todas as coisas”. Já fizemos menção do adendo da “regra de ouro” ao decreto dos apóstolos por parte do Códice D, bem como da observação que é apresentada por D como v. 34.

Sobre todas essas variantes do texto temos de afirmar que são “adendos” ou “correções”, cujo acréscimo posterior por um copista pode ser muito bem entendido, enquanto sua exclusão de um texto original ficaria incompreensível. Não possuem qualquer peso para o conjunto. Portanto contribuem somente para o entendimento do decreto dos apóstolos. Mas precisamente nesse aspecto elas se evidenciam como equívocos de um tempo posterior, que não conhecia mais a situação original.

EXCURSO: A relação entre At 15 e Gl 2.1-10

Paulo também abordou o “concílio dos apóstolos” em Gl 2.1-10 sob sua própria ótica. No próprio comentário olhamos constantemente para essas declarações de Paulo, destacando as principais concordâncias objetivas com o que Lucas relatou. Em retrospecto, queremos agora apenas realçar mais uma vez a unidade decisiva e fundamental: nas dúvidas que afloraram quanto à missão aos gentios é preciso que se apele para Jerusalém como instância determinante, e Jerusalém reconheceu o cristianismo dos gentios isento da lei. Também Paulo sabe que o fundamento desse posicionamento não é formado por considerações teológicas, mas pela submissão aos fatos gerados pelo próprio Deus (Gl 2.8). Apesar disso, acontece também no presente caso algo análogo à comparação de At 9.26-30 e Gl 1.18-23: quem lê despercebidamente ambos os relatos (At 15 e Gl 2.1-10) sem dúvida percebe a forte diferença, menos nos detalhes reais e mais no quadro geral. Contudo, precisamente em Gl 2 temos de ponderar que também Paulo não pretendia fornecer um simples relato histórico sobre todo o acontecimento. Numa perceptível excitação – as frases são várias vezes interrompidas, para depois serem retomadas, como se fala na agitação – ele destaca aquilo que lhe é mais decisivo em vista das dificuldades atuais nas igrejas da Galácia. Sua preocupação é sobretudo o reconhecimento de seu apostolado autônomo. Dessa maneira é imperioso que, no caso dele, se forme uma visão de conjunto diferente da de Lucas, cujo objetivo é narrar, sem influência por parte de dificuldades específicas, a hora decisiva no “centro” da história do primeiro cristianismo, na qual a unidade da igreja foi preservada e o reconhecimento em Jerusalém da missão sem a lei aos gentios foi conquistado. Para Paulo é essencial que “Tito não foi obrigado a se circuncidar”. Isso também era importante para os gálatas, de cujas fileiras Tito saiu. Para Lucas isso foi um detalhe sem importância, que não precisava ser incluído em sua obra historiográfica. Lucas olhou para a situação geral dos gentios cristãos e

citou as quatro “abstenções” esperadas deles. Paulo olhou para aquilo que lhe foi imposto como obrigação, a coleta em favor dos pobres da Judéia. Teria sido algo indelicado se essa coleta tivesse sido incluída no “decreto dos apóstolos” como “exigência” de Jerusalém aos gentios cristãos. Paulo se refere a uma “revelação”, que o levou a fazer a viagem a Jerusalém. Justamente no tema “meu apostolado autônomo” era bastante penoso admitir diante dos gálatas que apesar de tudo tinha de apresentar seu evangelho aos de Jerusalém se não quisesse “ter corrido em vão”. Por isso é importante para ele que houvesse um sinal expresso de seu Senhor motivando essa viagem. Contudo, ele próprio diz que foi a Jerusalém “com Barnabé”, que, no entanto, não podia “levar consigo” da maneira como levou a Tito! Portanto, deve ter havido uma resolução conjunta para viajarem. Por que ela não poderia estar fundamentada no envio pela igreja de Antioquia, narrado por Lucas? Em conformidade com seu modo de ser, Paulo podia ter apresentado inicialmente consideráveis ressalvas: “Chegaremos a bom termo sozinhos nessas questões, não precisamos dos de Jerusalém. Somos apóstolos autônomos de Jesus.” Mas seu Senhor lhe disse numa revelação: “Sim, Paulo, vai! Precisas do consentimento fraterno dos de Jerusalém se não quiseses realizar em vão teu trabalho missionário.” Assim é possível conciliar At 15 e Gl 2.1-10. No entanto, não podemos esquecer que, em todos os tempos, a narrativa de eventos pessoalmente experimentados resulta distinta e cheia de tensões, de acordo com a característica pessoal de cada autor e com a finalidade de seu relato. Há uma grande diferença quando um escritor apresenta uma narrativa sintética num livro, e quando uma pessoa, no meio da luta, se reporta numa carta ao que experimentou.

A SEGUNDA VIAGEM MISSIONÁRIA

1 – A NOVA PARTIDA - Atos 15.36-41

36 – Alguns dias depois, disse Paulo a Barnabé: Voltemos, agora, para visitar os irmãos por todas as cidades nas quais anunciamos a palavra do Senhor, para ver como passam.

37 – E Barnabé queria levar também a João, chamado Marcos.

38 – Mas Paulo não achava justo levarem aquele que se afastara desde a Panfília, não os acompanhando no trabalho.

39 – Houve entre eles tal desavença, que vieram a separar-se. Então, Barnabé, levando consigo a Marcos, navegou para Chipre.

40 – Mas Paulo, tendo escolhido a Silas, partiu encomendado pelos irmãos à graça do Senhor.

41 – E passou pela Síria e Cilícia, confirmando as igrejas.

36 Na seqüência entra em foco a grande segunda viagem missionária! Como as coisas são livres e assistemáticas no NT! Não é preciso que o Espírito de Deus sempre dê suas incumbências sob oração e jejum. Nossas próprias considerações também têm sua razão de ser perante Deus. Essa viagem, que depois levará à travessia para a Europa, começa bem singelamente com o desejo de Paulo de visitar outra vez as igrejas recém-fundadas no sul da Galácia. Obviamente o Espírito de Deus terá muito a corrigir precisamente nessa viagem; há de “impedir” e conduzir para alvos inesperados! De 1Ts 2.1s e 3.8 sabemos como o próprio Paulo se posicionou frente a uma igreja nascida de seu ministério: ela era uma parte de sua própria vida (cf. também a bela palavra de 2Co 7.3b). Ademais Paulo era uma pessoa repleta da Escritura: não lhe bastava o mero “trazer no coração”, por mais que o exercitasse (Fp 1.7). Tinha desejo ardente pela comunhão física real. Por isso sente a urgência de visitar as cidades do sul da Galácia. Obviamente ele se dirige com o plano a Barnabé: “Voltemos, agora, para visitar os irmãos por todas as cidades nas quais anunciamos a palavra do Senhor, para ver como passam.” Não se fala de uma expansão da viagem para novas áreas de missão. A visita e o fortalecimento de igrejas existentes sem dúvida constitui a vontade de Jesus. É correto fazer planos a esse respeito. O avanço para campos missionários novos é assunto do Senhor, que não pode ser antecipado com “planejamento”. Lucas ainda mostrará isso de modo muito claro.

37-39 Barnabé está disposto a viajar, porém quer levar novamente João Marcos. Paulo se opõe. No “separar-se” de que acusa Marcos ressoa algo de “abandonar”, desertar. A palavra de Barnabé, de “levar consigo”, é formulada por Paulo em grego de tal maneira que tenha também a conotação de “tê-lo sempre em sua companhia”. Como ele deixaria uma pessoa falar a seu lado naquelas cidades às quais se negara de acompanhá-los anteriormente como missionário? Acontece um sério

desentendimento. Os dois companheiros se separam. Como precisamos ser gratos por At relatar com tanta franqueza um fato assim! Também os grandes homens do primeiro cristianismo não são pessoas infalíveis e podem ficar “amargurados” e separar-se. Seja como for, não podem mais pensar em trabalhar em conjunto. Barnabé vai com Marcos para sua terra natal, Chipre. Não ouvimos mais nada sobre ele em At. Porém o Senhor transforma até esse conflito em torno de sua causa em algo positivo: agora são duas equipes em lugar de uma que saem a seu serviço, e um homem como Silas se torna uma nova conquista para colaborar na missão.

- 40** Paulo leva Silas consigo. Ele continua dando valor ao “de dois em dois” no serviço de testemunhas e está feliz por ter novamente a seu lado uma pessoa de Jerusalém, o qual, conforme At 15.22,27, ao mesmo tempo estava próximo dele nas convicções fundamentais. Contudo, desde o princípio sua posição nessa segunda viagem é diferente: ele passa a ser aquele que de fato dirige e determina, que realiza sua obra com liberdade, mas que naturalmente também é capaz de conquistar colaboradores e envolvê-los no trabalho (cf. 2Co 1.19; Fp 2.19-21). Sem dúvida ele ainda é expressamente “encomendado à graça do Senhor” pelos de Antioquia. Também retorna outra vez para Antioquia (At 18.22s). Contudo, ele não é mais o missionário enviado por Antioquia e responsável perante aquela igreja. De agora em diante ele é o “Paulo” que involuntariamente surge em nossa mente quando seu nome é citado. É verdade que com isso ele se encaminha para aquela solidão expressa de maneira arrasadora na segunda carta a Timóteo (2Tm 1.15; 4.9,10,11,16).
- 41** Nessa viagem Paulo opta pelo caminho terrestre pela Cilícia. “Percorrendo a Síria e Cilícia, Paulo confirmava as igrejas” [TEB]. Nessa oportunidade ele visita igrejas que devem ter sido fundadas nos primeiros anos de sua atividade partindo de Damasco e Tarso (At 9.27,30; Gl 1.17-21). Como elas carecem do fortalecimento! Afinal, devem ter sido grupinhos numericamente pequenos num ambiente estranho e hostil. Mais uma vez desejaríamos obter um quadro concreto das penosas caminhadas, das perigosas trilhas, das difíceis e gratificantes experiências junto dos irmãos. Contudo, Lucas não o fornece. Mais uma vez ele sintetiza uma vida rica e diversificada numa frase sumária.

2 – NAS ANTIGAS IGREJAS. A VOCAÇÃO DE TIMÓTEO - Atos 16.1-5

- 1 – Chegou também a Derbe e a Listra. Havia ali um discípulo chamado Timóteo, filho de uma judia crente, mas de pai grego;**
 - 2 – dele davam bom testemunho os irmãos em Listra e Icônio.**
 - 3 – Quis Paulo que ele fosse em sua companhia e, por isso, circuncidou-o por causa dos judeus daqueles lugares; pois todos sabiam que seu pai era grego.**
 - 4 – Ao passar pelas cidades, entregavam aos irmãos, para que as observassem, as decisões tomadas pelos apóstolos e presbíteros de Jerusalém.**
 - 5 – Assim, as igrejas eram fortalecidas na fé e, dia a dia, aumentavam em número.**
- 1/2** Paulo vem do leste em direção a Derbe e depois Listra. Quantas recordações estavam vivas diante dele! Agora é precisamente Listra que lhe concede aquele colaborador, sobre o qual declara, já em avançada idade, na carta aos Filipenses: “Porque a ninguém tenho de igual sentimento que, sinceramente, cuide dos vossos interesses” (Fp 2.20). De modo semelhante opina sobre ele em 1Co 4.17: “Por esta causa, vos mandei Timóteo, que é meu filho amado e fiel no Senhor, o qual vos lembrará os meus caminhos em Cristo Jesus, como, por toda parte, ensino em cada igreja.” Afirma com isso que Timóteo foi conquistado pessoalmente por ele para Jesus. A opinião de Paulo depois de muitos anos de aprovação confirma o “testemunho” que já naquele tempo os “irmãos em Listra e também em Icônio” emitiam a favor do jovem adulto. O fato de que também os cristãos em Icônio o conheciam tão bem revela que já naquela época ele se encontrava num serviço ativo e se destacava dentre muitos outros.
- 3** Timóteo se encontra numa situação muito difícil, não por sua culpa. Ele é filho de um casamento misto que, segundo o direito judeu, não era reconhecido como verdadeiro matrimônio. Por um lado, o filho de uma união assim era considerado israelita, que tinha de ser circuncidado, por outro lado era desprezado como bastardo. Mas Timóteo não havia sido circuncidado. Portanto, se Paulo o aceitava como colaborador, não apenas o próprio Timóteo tinha grandes entraves no serviço a pessoas judaicas, mas também caía sobre toda a obra missionária uma mácula que a propaganda judaica podia explorar com todas as forças: vejam, pois, esse colaborador de Paulo, esse judeu bastardo incircunciso, e vocês saberão como devem qualificar esse “cristianismo”! Por isso Paulo tomou a

decisão de circuncidar a Timóteo. Não devemos julgar isso como “temor”, como um meio barato para aliviar o trabalho, ou como uma condescendência indigna para com pessoas, que seria algo inconciliável com a maneira franca de Paulo. Pelo contrário, nesse fato reside um exemplo vivo daquilo que Paulo na prática queria comunicar em 1Co 9.20 com sua afirmação de “proceder para com os judeus como um judeu, a fim de ganhar os judeus”. Paulo escreveu aos gálatas: “De novo, testifico a todo homem que se deixa circuncidar que está obrigado a guardar toda a lei” (Gl 5.3). Por isso, a circuncisão também compromete Timóteo a considerar-se integralmente como “israelita”, como membro do povo da aliança, e arcar com todas as consequências desse fato. Porém era precisamente isso que Paulo queria: Timóteo não devia ser meio grego e meio judeu, mas uma das duas coisas plenamente, ainda que “em Cristo Jesus, nem a circuncisão, nem a incircuncisão tenha valor algum, mas a fê que atua pelo amor” (Gl 5.6). Por isso a circuncisão de Timóteo tampouco se contrapõe de forma alguma à recém-conquistada liberdade da lei para os gentios cristãos. No caso, não há a disputa pela circuncisão de gentios por ser necessária para a salvação, mas o filho de uma mãe judaica obtém a circuncisão para que possa ser clara e integralmente aquilo que seu nascimento já fez dele.

- 4 O “decreto dos apóstolos” era dirigido apenas “aos irmãos em Antioquia e Síria e Cilícia”. Mas Paulo conclui com razão que ele valia fundamentalmente para todos os cristãos de todas as nações. Por isso ele não espera até que essa decisão de Jerusalém se torne conhecida por outras vias. Na pessoa de Silas chegava também ao sul da Galácia a pessoa que a própria igreja de Jerusalém havia escolhido como representante nessa questão. Por isso “entregavam aos irmãos, para que as observassem, as decisões tomadas pelos apóstolos e presbíteros em Jerusalém”.
- 5 A viagem atinge a finalidade inicialmente prevista: “Assim, as igrejas eram fortalecidas na fê e, dia a dia, aumentavam em número.” Também mais tarde Paulo considerou o “regar”, depois do “plantar”, e o “edificar” sobre o fundamento lançado (1Co 3.6,11-15) como uma obra essencial, imprescindível e sumamente responsável.

Lucas não informa nada sobre aflições e novas perseguições. Mas muitas vezes é assim: a tempestade de indignação e hostilidade, uma vez desencadeada a primeira agitação, não se repete. Aqui ela de fato também havia sido uma causa judaica. Entrementes a população como um todo e as autoridades tinham outros assuntos que as moviam. Há muito haviam se acostumado com a existência das (pequenas) congregações de cristãos. Mas no geral Lucas também está novamente abrindo mão de nos envolver nos numerosos aspectos que leríamos com grande emoção numa narrativa moderna de missão acerca de um reencontro desses mensageiros com suas igrejas.

3 – A ENIGMÁTICA CONDUÇÃO ATÉ TRÔADE - Atos 16.6-10

- 6 – **E, percorrendo a região frígio-gálata, tendo sido impedidos pelo Espírito Santo de pregar a palavra na Ásia,**
- 7 – **defrontando Mísia, tentavam ir para Bitínia, mas o Espírito de Jesus não o permitiu.**
- 8 – **E, tendo contornado Mísia, desceram a Trôade.**
- 9 – **À noite, sobreveio a Paulo uma visão na qual um varão macedônio estava em pé e lhe rogava, dizendo: Passa à Macedônia e ajuda-nos.**
- 10 – **Assim que teve a visão, imediatamente, procuramos partir para aquele destino, concluindo que Deus nos havia chamado para lhes anunciar o evangelho.**
- 6 O propósito de Paulo em At 15.36 foi concretizado. O que fazer agora? Hoje faríamos cuidadosas análises, colheríamos informações, elaboraríamos um plano responsavelmente examinado, e depois pediríamos ao Senhor que abençoasse nosso empreendimento. Tampouco devemos imaginar Paulo como alguém que vivia a esmo pelos dias, esperando por oráculos e intuições súbitas. Porém ele de fato era uma pessoa que orava. E de fato considerava com toda a seriedade Jesus como seu Senhor, cujo “escravo” (Fp 1.1) ele era. Por isso apreciava seus planos, de antemão e de imediato, ao concebê-los, não somente consigo, e tampouco apenas com seus companheiros, mas primeiramente com seu Senhor. Desse modo deve ter obtido a convicção de que a vontade de Deus não era “retornar para Antioquia”, e sim “mais missão”.

Onde, porém, ela deveria acontecer? Já na primeira viagem, em Antioquia da Pisídia, Paulo estivera na grande estrada imperial que levava para o oeste, para a “Ásia”, a província romana da “Ásia”, que compreendia sobretudo a região costeira da Ásia Menor, com Éfeso como capital.

Encontravam-se ali muitas cidades de idioma grego, com vida ativa e forte irradiação para o território adjacente. Nessa área Paulo contava com as oportunidades de missão que procurava, ainda mais que havia também comunidades de judeus e sinagogas como bons pontos de contato. É provável, porém, que naquele tempo a tarefa nessa área ainda tenha parecido grande demais para o iniciante Paulo. Talvez a expulsão de Antioquia [At 13.50] tampouco lhe deixasse outra opção. Em todos os casos, daquela vez a trajetória da missão o levava para leste: a Icônio, Listra e Derbe. Agora, porém, o que seria mais óbvio do que, vindo do leste, ousar a investida para oeste, para dentro da “Ásia”? Contudo Paulo e Silas não são “senhores” de suas decisões. São “impedidos pelo Espírito de Deus de pregar a palavra na Ásia”. Por isso se voltam para o norte, ou melhor, para nordeste, e “percorreram a Frígia e a região gálata” [TEB]. Eles tinham tão somente o não por parte do Senhor em relação à Ásia, mas nenhuma outra instrução positiva. Sim, Jesus de fato é “Senhor”, a ponto de nos fazer esperar, também quando achamos que temos de saber urgentemente o que deve acontecer em seguida.

A “região gálata” refere-se nitidamente à região que de fato foi colonizada pelos antigos celtas, tendo a partir deles seu nome, não à província romana “Galácia”, cuja parte meridional já havia sido evangelizada na primeira viagem. Já conhecemos o conceito “percorrer” como expressão para a atividade evangelística. Como Lucas é sucinto! Não diz uma palavra sequer sobre o sucesso desse “percorrer”, sobre o nascimento de igrejas. Apesar disso, algo deve ter acontecido naquela área, porque de acordo com At 18.23 e 19.1, na “terceira viagem missionária” para Éfeso, Paulo não optou pelo caminho mais simples pelo mar, mas submeteu-se à longa e penosa caminhada “pela região gálata e frígia”. Ele deve tê-lo feito unicamente porque ali havia igrejas que tinham necessidade de sua carta. Devem ter sido as igrejas às quais se destina a carta aos gálatas. Não havia ali cidades de renome; e é precisamente por isso que a carta aos gálatas não cita nomes de localidades.

- 7 Na sequência os mensageiros se aproximam da “Mísia”, que constituía a parte setentrional da “Ásia”. Mas estão impedidos de ir nessa direção. Portanto, voltam-se novamente para nordeste e “tentavam ir para Bitínia”. Lá na região costeira do Mar Negro atraem-nos cidades como Nicéia e Nicomédia, Calcedônia e Bizâncio. Como a história da igreja teria sido diferente se esse plano tivesse sido executado! Mas – novamente a providência divina nega seu consentimento: “mas o Espírito de Jesus não o permitiu”. Como devem ter ficado perplexos, como devem ter perguntado novamente com insistência diante de seu Senhor: “Afinal Senhor, o que queres? Para onde devemos ir segundo a tua vontade?”
- 8 Conseguem apenas “atravessar a Mísia” [TEB], sem tentar realizar ali um trabalho. Então se encontram em Trôade – a antiga e lendária Tróia – diante do mar e no fim de qualquer caminho viável. No curso da história das igrejas e das missões Deus inúmeras vezes levou justamente seus instrumentos eleitos ao “fim”, ao ponto em que qualquer possibilidade pessoal estava vedada e restava unicamente uma surpreendente solução da parte do próprio Deus.
- 9 É essa solução que se apresenta também no presente caso: “À noite, sobreveio a Paulo uma visão na qual um varão macedônio estava em pé e lhe rogava, dizendo: Passa à Macedônia e ajuda-nos!” Às vezes Deus nos faz esperar até o extremo por sua condução, numa demora quase insuportável. Contudo, a direção é dada com maravilhosa precisão no último instante. Lucas não diz em que Paulo reconheceu o “homem da Macedônia” [NVI]. Contudo em sonhos e visões sempre “sabemos” com muita exatidão o que está diante de nós, sem poder mencionar uma razão convincente para essa certeza.
- 10 Pela manhã, quando Paulo relata a seus companheiros a visão noturna, “eles concluem que Deus os havia chamado para lhes anunciar o evangelho”. Pois esse chamado inesperado e impensável de Deus faz com que agora todo o seu impedimento anterior fique subitamente compreensível. O menor e mais imediato foi negado por causa de algo muito maior. O planejamento humano teria apreciado evangelizar na Ásia e em Éfeso – quem sabe se depois não se estabeleceriam até ligações com a Grécia. Deus projeta seus mensageiros audaciosamente para a Europa e quer ter a firme base na Macedônia, antes de investir sobre a difícil Grécia. Éfeso, Colossos, Laodicéia e as demais igrejas na Ásia (cf. Ap 1.4 e 2-3) ainda terão sua hora.

Em seguida acontece “imediatamente” seu empenho prático: “Imediatamente procuramos partir para aquele destino (a Macedônia).” Não convocam primeiramente uma comissão de especialistas em Europa, não examinam com cuidado que condições encontrarão no “além-mar” e como poderiam abordar europeus com a mensagem. Obedecem e agem. É tarefa unicamente de Deus abrir uma

“porta da palavra” (At 14.27) para o evangelho até mesmo no outro lado, no continente desconhecido. Tarefa dos emissários é testemunhar esse evangelho único, íntegro e imutável.

Nesse ponto ocorre em At pela primeira vez o “nós”, com o qual nos depararemos diversas vezes nos textos seguintes (At 16.10-17; 20.5; 21.18; 27.1-28.15). Sem dúvida ele “atua como recurso estilístico de poder impactante”. Justamente nesse decisivo ponto de virada da missão de repente nos encontramos como que pessoalmente no meio dos acontecimentos, vivenciando-os diretamente. Porém, ele se desgastaria como mero recurso estilístico ao ser usado repetidamente. Não, o leitor de At não deve ver no “nós” um “recurso estilístico” que visa envolvê-lo com maior vivacidade nos acontecimentos. Não há alternativa que não perceber que aqui o autor do livro estava presente, aqui ele insere a si mesmo diretamente na história e na vivência. Se o autor meramente tivesse recorrido a uma fonte “nós” estranha, ele teria de se precaver expressamente contra essa impressão óbvia, expressando de uma maneira ou outra que pessoalmente ele não participava desse “nós”, mas faz uso do relato de viagem de uma terceira pessoa. O relato em “nós” começa em Trôade, mas leva somente até Filipos, reiniciando apenas em At 20.6 – outra vez em Filipos. Certamente podemos inferir disso que Lucas se integrou à equipe missionária de Paulo apenas em Trôade, sendo depois deixado em Filipos para dar continuidade ao trabalho de lá. Lucas procede como João em seu evangelho. Sem dúvida insinua que pessoalmente foi testemunha ocular, porém silencia completamente sobre si mesmo. Podemos confiar plenamente nele!

4 – O COMEÇO EM FILIPOS - Atos 16.11-15

11 – Tendo, pois, navegado de Trôade, seguimos em direitura a Samotrácia, no dia seguinte, a Neápolis

12 – e dali, a Filipos, cidade da Macedônia, primeira do distrito e colônia. Nesta cidade, permanecemos alguns dias.

13 – No sábado, saímos da cidade para junto do rio, onde nos pareceu haver um lugar de oração; e, assentando-nos, falamos às mulheres que para ali tinham concorrido.

14 – Certa mulher, chamada Lídia, da cidade de Tiatira, vendedora de púrpura, temente a Deus, nos escutava; o Senhor lhe abriu o coração para atender às coisas que Paulo dizia.

15 – Depois de ser batizada, ela e toda a sua casa, nos rogou, dizendo: Se julgais que eu sou fiel ao Senhor, entrai em minha casa e aí ficai. E nos constrangeu a isso.

11/12 Haviam “procurado imediatamente partir para a Macedônia”. Encontram um navio para a travessia à Europa e “partiram”. Naquela época a navegação com os pequenos navios muitas vezes significava um empreendimento penoso. Os mensageiros de Jesus são gratos e sentem a mão de seu Senhor no fato de que desta vez a viagem transcorre sem dificuldades com vento favorável “diretamente para a Samotrácia” [NVI], uma ilha cuja alta montanha há muito já havia surgido diante deles no mar. Durante a noite o navio lançou âncora ali, chegando “no dia seguinte a Neápolis”. Não sabemos por que razão nem mesmo tentam evangelizar essa bela cidade com o excelente porto. Provavelmente Paulo queria seguir seu desejo de começar com o trabalho diretamente na metrópole da região. Sem delongas, os mensageiros de Jesus prosseguem imediatamente “a Filipos, que é colônia romana e a principal cidade daquele distrito” [NVI].

Quando a Macedônia se tornou província romana em 167 a. C., foi subdividida em quatro distritos, a fim de dificultar rebeliões contra a dominação romana. A “principal cidade” naquela parte da província era Filipos. Ela se tornou famosa na história romana. Foi ali que Otaviano e Antônio derrotaram os assassinos de César; e o jovem Otaviano deu com isso o passo decisivo no caminho que faria dele o imperador Augusto. Como recordação e gratidão ele emancipou Filipos para ser “colônia”. Conseqüentemente, a cidade possuía administração autônoma, isenção de todos os impostos e tributos, bem como direito itálico. Nela eram assentados soldados romanos que estavam diretamente submetidos a Roma e eram independentes da administração provincial em Anfípolis.

12/13 Paulo não se demorou na localidade portuária Neápolis (Cidade Nova), mas permanece em Filipos. Agora está entre os macedônios, aos quais deve ajudar, segundo a incumbência de Deus. Será que agora ele se lança ao trabalho? Será que organiza reuniões? Não, com toda a calma, “ali ficamos vários dias” [NVI]. Também aqui, na primeira cidade da Europa, Paulo continua com seu método de procurar o ponto de contato para seu serviço em Israel. O grupo de judeus dessa colônia romana é tão pequeno que no início Paulo nem o encontra. Não existe sinagoga na cidade. Em suas

caminhadas pela cidade Paulo parece nem sequer ter encontrado judeus. Pois “no dia de sábado, saímos fora das portas, para a beira do rio, onde julgávamos haver um lugar para oração” [RC]. Esse rio, o Gangitis, não passa pela cidade em si, mas a 2 km dali. Dificilmente deve ter havido ali uma sinagoga. As pessoas se reuniam para orar na beira do rio porque precisavam da água para as abluções instituídas (cf. Sl 137.1). Paulo não se equivocou. É ali o local de oração judaico. Reúnem-se algumas mulheres. Ao que parece, a princípio, não havia homens presentes. Em seguida temos um cenário muito instrutivo. Nas grandes regiões da Ásia Menor Deus tornou inviável qualquer atuação. Deus obstruiu o caminho para Éfeso e as localidades promissoras da Ásia. Deus conduziu seus mensageiros para cá, para a Macedônia, para a Europa. Que dispêndio por parte de Deus! Será que agora não precisam suceder fatos grandiosos? Não é necessário que agora sejam alcançados os macedônios, os “europeus”? O que poderão fazer algumas mulheres devotas lá fora diante da cidade? Contudo, a mensagem é anunciada a essas mulheres. Paulo agora se dedica integralmente a essas mulheres. É exatamente isso que significa encontrar-se sob a condução de Deus, a saber, que se pode abrir mão de todos os grandes planos e engajar-se com dedicação concentrada nas coisas pequenas e insignificantes. É empreendimento de Deus desenvolver, a partir de começos tão pequenos, algo grandioso. “O reino de Deus é como um grão de mostarda que uma pessoa tomou e semeou em sua terra” (Mt 13.31).

- 14** Entre as mulheres há uma não-judia, uma “temente a Deus”. Ela é oriunda de “Tiatira” (Ap 2.18), uma cidade da Ásia, onde Deus não deixara seus mensageiros entrar. O comércio com tecidos de púrpura havia levado essa mulher até Filipos. Tecidos de púrpura são artigos de luxo. Pelo que se vê, “Lídia” é uma mulher laboriosa e enérgica, que galgou destaque em sua profissão e agora possui uma grande casa na cidade (cf. v. 15). Contudo, as pessoas não se contentam com negócios e ganhos, nem com viver na riqueza. Sua busca interior a conduziu até o judaísmo, cujo Deus maravilhoso a atrai. Lídia não se envergonha de ficar no sábado à beira do rio em meio a algumas mulheres. Ela “escutava”. A forma da palavra pode assinalar que isso não acontecia apenas naquele primeiro sábado, mas repetidas vezes. Seja como for, é assim que sempre começa: uma pessoa “presta atenção”. Na seqüência acontece aquele processo misterioso que só pode ser descrito da maneira como Lucas faz: “O Senhor lhe abriu o coração para atender às coisas que Paulo dizia.” Quantas coisas podemos escutar sem “ouvir”, sem “atender”, sem captar o que está sendo dito, o que significa para nós. O ouvir genuíno, o ouvir que compreende já é uma dádiva da graça. É o oposto daquele juízo descrito em Mt 13.10-15. Já em At 8.10s encontramos o mesmo termo “atender a” ou “aderir a”. Significa mais do que “prestar atenção”. Justamente na presente passagem constitui uma expressão contida para a adesão de fé à palavra. Sempre resultou dele o imediato “chegar à fé”, algo não referido expressamente aqui por Lucas.

De novo Lucas é extremamente sumário. Nada é dito sobre quando ela aceitou a fé e foi batizada, se Lídia foi a única ou se outras mulheres também foram conquistadas. Como nos alegraríamos em poder presenciar esse comovedor dia de batismo dessas primícias na Europa! Para Lucas outra coisa tem importância. Paulo permaneceu firme no princípio de não aceitar para si e seus colaboradores nenhuma subsistência das igrejas (cf. 1Co 9.15-18). Seu propósito sério era não apenas livrar sua obra de qualquer desconfiança de proveito pessoal, mas também honrar, no contexto grego, que desprezava o trabalho, o empenho para ganhar seu próprio pão e ser independente dos outros (cf. 1Ts 2.9; 4.11; 2Ts 3.7-12). Somente em Filipos ele agiu excepcionalmente de maneira diferente: Fp 4.10,15s. Lucas nos descreve que isso se deve a Lídia.

- 15** No dia de seu batismo “rogou, dizendo: Se julgais que eu sou fiel ao Senhor, entrai em minha casa e aí ficai”. Ela fecha um círculo: confiou-se ao Senhor com tudo o que possui e é. Os mensageiros de Jesus confiam nela, crendo que de fato é assim com sua vida. Agora os mensageiros podem e devem também confiar-se a ela, passando a morar com ela em sua casa. Paulo hesita, em vista de seu princípio muito bem refletido. Mas ela “nos constrangeu a isso”. Como é maravilhoso que um homem tão poderoso como Paulo seja capaz de ambas as atitudes: perseguir com dura coerência um caminho reconhecido como necessário, mas também deixar-se convencer pela fé e pelo amor de uma mulher, permitindo assim que uma igreja toda cuidasse dele.

Foram batizadas Lídia “e sua casa”. A “casa” não se refere apenas à família pessoal. Lídia deve ter sido solteira. São sobretudo os escravos, provavelmente numerosos, que formam a “casa”. Será que todos eles aceitaram pessoalmente a fé em Jesus? Provavelmente temos de aceitar como um fato que

Paulo considerou a união de uma “casa” tão estreita e tão viva que, junto com a dona da casa, submeteu à soberania de Jesus também todos os seus servos (cf. Nota 378).

Portanto, o grande cristianismo da Europa começa com essa uma mulher decidida! As “primícias” da Europa não são um homem, nem mesmo uma “européia” legítima. Mas é na casa de Lídia que surge agora o primeiro centro de missão e de igreja na Europa. Como discípula de Jesus, Lídia é tão ativa e enérgica como costumava ser em sua profissão secular. Deus pode muito bem empregar também os capazes e abastados em sua grande causa.

5 – O CARCEREIRO DE FILIPOS - Atos 16.16-40

- 16 – Aconteceu que, indo nós para o lugar de oração, nos saiu ao encontro uma jovem possessa de espírito adivinhador, a qual, adivinhando, dava grande lucro aos seus senhores.**
- 17 – Seguindo a Paulo e a nós, clamava, dizendo: Estes homens são servos do Deus Altíssimo e vos anunciam o caminho da salvação.**
- 18 – Isto se repetia por muitos dias. Então, Paulo, já indignado, voltando-se, disse ao espírito: Em nome de Jesus Cristo, eu te mando: retira-te dela. E ele, na mesma hora, saiu.**
- 19 – Vendo os seus senhores que se lhes desfizera a esperança do lucro, agarrando em Paulo e Silas, os arrastaram para a praça, à presença das autoridades;**
- 20 – e, levando-os aos pretores, disseram: Estes homens, sendo judeus, perturbam a nossa cidade,**
- 21 – propagando costumes que não podemos receber, nem praticar, porque somos romanos.**
- 22 – Levantou-se a multidão, unida contra eles, e os pretores, rasgando-lhes as vestes, mandaram açoitá-los com varas.**
- 23 – E, depois de lhes darem muitos açoites, os lançaram no cárcere, ordenando ao carcereiro que os guardasse com toda a segurança.**
- 24 – Este, recebendo tal ordem, levou-os para o cárcere interior e lhes prendeu os pés no tronco.**
- 25 – Por volta da meia-noite, Paulo e Silas oravam e cantavam louvores a Deus, e os demais companheiros de prisão escutavam.**
- 26 – De repente, sobreveio tamanho terremoto, que sacudiu os alicerces da prisão; abriram-se todas as portas, e soltaram-se as cadeias de todos.**
- 27 – O carcereiro despertou do sono e, vendo abertas as portas do cárcere, puxando da espada, ia suicidar-se, supondo que os presos tivessem fugido.**
- 28 – Mas Paulo bradou em alta voz: Não te faças nenhum mal, que todos aqui estamos!**
- 29 – Então, o carcereiro, tendo pedido uma luz, entrou precipitadamente e, trêmulo, prostrou-se diante de Paulo e Silas.**
- 30 – Depois, trazendo-os para fora, disse: Senhores, que devo fazer para que seja salvo?**
- 31 – Responderam-lhe: Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua casa.**
- 32 – E lhe pregaram a palavra de Deus e a todos os de sua casa.**
- 33 – Naquela mesma hora da noite, cuidando deles, lavou-lhes os vergões dos açoites. A seguir, foi ele batizado, e todos os seus.**
- 34 – Então, levando-os para a sua própria casa, lhes pôs a mesa; e, com todos os seus, manifestava grande alegria, por terem crido em Deus.**
- 35 – Quando amanheceu, os pretores enviaram oficiais de justiça, com a seguinte ordem: Põe aqueles homens em liberdade.**
- 36 – Então, o carcereiro comunicou a Paulo estas palavras: Os pretores ordenaram que fôsseis postos em liberdade. Agora, pois, saí e ide em paz.**
- 37 – Paulo, porém, lhes replicou: Sem ter havido processo formal contra nós, nos açoitaram publicamente e nos recolheram ao cárcere, sendo nós cidadãos romanos; querem agora, às ocultas, lançar-nos fora? Não será assim; pelo contrário, venham eles e, pessoalmente, nos ponham em liberdade.**
- 38 – Os oficiais de justiça comunicaram isso aos pretores; e estes ficaram possuídos de temor, quando souberam que se tratava de cidadãos romanos.**
- 39 – Então, foram ter com eles e lhes pediram desculpas; e, relaxando-lhes a prisão, rogaram que se retirassem da cidade.**

40 – Tendo-se retirado do cárcere, dirigiram-se para a casa de Lúdia e, vendo os irmãos, os confortaram. Então, partiram.

No final do presente trecho são citados “irmãos” dos quais Paulo se despede. Em vista do espaço limitado para sua obra historiográfica de grande amplitude, Lucas não relatou como continuou o trabalho dos mensageiros de Jesus em Filipos e como se formou uma igreja de Jesus que tinha como local de reunião a casa de Lúdia. No entanto, precisamos supor um tempo de atuação mais longo em Filipos, e não sustentar a idéia de que com as conversões de Lúdia e do carcereiro já teriam acontecido todos os fatos importantes em Filipos. Lucas descreve tão somente o começo e o final do trabalho de Paulo em Filipos.

16-18 Outra vez os mensageiros de Jesus entram em choque com o mundo ocultista dos gentios. Uma escrava tem um “espírito adivinhador”. Ela pertence a um consórcio de “senhores” que obtêm boas receitas por meio de sua adivinhação. Até hoje é um fato peculiar que justamente pessoas com ônus ocultistas são atraídas por discípulos de Jesus. Por isso, também essa moça “perseguiu a Paulo e a nós” [TEB], e ouve-se sua ruidosa e agitada gritaria: “Estes homens são servos do Deus Altíssimo e vos anunciam o caminho da salvação.” Isso não seria verdade e, portanto, simultaneamente um apoio eficaz para Paulo e sua causa? Paulo não deveria ficar contente que até mesmo uma adivinha aponta para ele? “Paulo ficou indignado” [NVI]. Não está nem lisonjeado nem interessado. Ele sabe quem está por trás desses gritos. Não tolera nenhuma propaganda do diabo para a causa de Jesus. Ainda que os poderes das trevas se disfarcem de “religiosas” ou até “cristãs”, não deixam de ser poderes perniciosos do inimigo. Basta imaginarmos os mal-entendidos a que a população gentia chegaria se os mensageiros de Jesus forem postos no mesmo nível desse ocultismo. Por isso “Paulo se volta” e profere a palavra de poder: “Em nome de Jesus Cristo eu te mando: Retira-te dela! E ele, na mesma hora, saiu.” Frente aos poderes das trevas não se admite condescendência, mas tampouco temor. O discípulo de Jesus só tem uma forma de falar com eles: em tom de ordem, como fez seu Senhor (p. ex., Mc 1.25; 5.8). Enquanto, porém, o próprio Jesus podia proferir o simples “ordeno-te”, o discípulo somente tem autoridade quando o faz “em nome de Jesus Cristo”, com o olhar de fé para a vitória na cruz e o poder do Senhor vivo e presente, naquele tempo e hoje.

19-24 A moça foi liberta, porém os lucros fáceis “se retiraram”, da mesma maneira como o espírito adivinhador. Quando os proprietários da escrava notaram que ela não podia mais “adivinhar”, não lhes proporcionando mais ganhos, e quando ouvem o que aconteceu, ficam indignados. Que lhes importa a saúde e libertação de uma escrava! Por que se preocupariam com questões da verdade divina? Foi violado seu ganho, seu dinheiro. Que atrevimento! Quando o dinheiro entre em jogo, o ser humano se torna insuportável. Quem são, afinal, esse Paulo e esse Silas? Naturalmente “judeus”! Desperta o anti-semitismo que existia intensamente no Império Romano daquele tempo. Até podemos ouvir a indignação moral dos laboriosos comerciantes. Por causa desses “judeus” já aconteceram muitos distúrbios na cidade. Vamos dar uma lição nesses malandros! Por isso ficam à espreita de Paulo e Silas numa rua “e os arrastaram para a praça, à presença das autoridades; e levaram-nos aos pretores”. Naturalmente não se queixam da cura da escrava. Em todos os tempos as pessoas souberam que precisavam apelar para a “ordem” e para o sentimento nacional, quando na realidade está em jogo o ganho pessoal! “Esses homens lançam a perturbação em nossa cidade; são judeus e pregam normas de comportamento que não é permitido a nós, romanos, nem admitir nem seguir” [TEB]. Não dizem especificamente que “normas de comportamento” são essas, que Paulo e Silas proclamam. Isso tampouco interessa. Afinal, basta apenas indispor as autoridades e a população contra esses agitadores judeus estrangeiros. Têm sucesso nisso. Não há nenhuma investigação, na qual Paulo pudesse argumentar com sua cidadania romana. De um lado, esses senhores ricos, conhecidos na cidade, e de outro, esses insignificantes e desconhecidos judeus. O povo, que consistia em grande parte de colonos romanos, posiciona-se contra Paulo e Silas, num apogeu de orgulho romano. Os pretores acenam para os lictores, e imediatamente se arrancam as roupas dos dois em plena praça, os golpes de vara são desferidos, até que as costas sangrem. Então Paulo e Silas são lançados ao cárcere. Num recinto escuro no interior do prédio seus pés são presos num tronco de madeira, de sorte que precisam agüentar imóveis, hora após hora, com as costas doloridas, nessa posição extremamente incômoda.

25 Como Deus pode permitir isso? A obra missionária, para a qual Deus os tinha chamado especialmente a esse lugar, encaminhará-se de forma tão bela. E agora tudo acabou repentinamente. Por causa de um “benefício”! (cf. At 4.9). Não é um motivo para desesperar? “Por volta da meia-

noite Paulo e Silas estavam orando e cantando hinos a Deus” [NVI]. Nesse caso cumpriu-se o que Jó declara sobre o louvor que Deus concede na noite, inclusive na noite de tais sofrimentos e perplexidades (Jó 35.10; também Sl 42.8; 119.55). São incontáveis os homens e as mulheres que, ao longo de todos os séculos da história da igreja, foram consolados e encorajados por esse relato. O que terão imaginado os outros presos, que somente conheciam gemidos, xingações e palavrões, e que agora prestavam atenção na oração e no cântico de louvor de Paulo e Silas?

26-28 Nesse instante a ajuda de Deus chega por meio de um terremoto. Essas catástrofes súbitas revelam o coração das pessoas. O encarregado do cárcere – provavelmente um velho oficial romano – acordado aos sobressaltos, vê somente uma coisa: “As portas da prisão estão abertas”. Pensa somente uma coisa: “Os prisioneiros fugiram”. Conhece somente uma saída: “Não posso sobreviver a essa vergonha como oficial responsável!” “Puxou a espada e ia suicidar-se.” Então é alcançado pelo grito de Paulo: “Não te faças nenhum mal, que todos aqui estamos!” Com uma tocha, acesa às pressas, ele se precipita para dentro do cárcere – ali estão seus prisioneiros! Que pessoas são essas? Uma ajuda divina chegou poderosamente para elas – e elas ficaram ali, e lhe falaram de modo tão cordial, protegendo-o contra a ação apressada.

29-31 “Então, o carcereiro, tendo pedido uma luz, entrou precipitadamente e, trêmulo, prostrou-se diante de Paulo e Silas. Depois, trazendo-os para fora, disse: Senhores, que devo fazer para que seja salvo?” Também nesse caso precedeu aos fatos uma história de Deus que desconhecemos. Não sabemos quanto esse homem ouvira da atuação de Paulo nas semanas anteriores. Lucas é muito reservado. Mas a pergunta pela salvação não é gerada em poucos minutos de abalo físico num coração morto. Sem dúvida a pessoa cai em si em instantes como esses, e finalmente se manifesta a pergunta que há tempo vinha inquietando ocultamente um coração desperto. E a preciosidade no evangelho é que ele têm diante dessa pergunta a resposta simples e inequívoca: “Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua casa.” Isso distingue o evangelho de todas as demais religiões e visões de mundo, pelo fato de que não exige qualquer realização do ser humano, não recomenda novos métodos religiosos, não transmite conhecimentos misteriosos, mas conclama para um passo, fácil até para crianças: aqui está Jesus – confia-lhe tua vida! Nisso reside toda a salvação. Como, porém, devemos entender o adendo: “tu e tua casa”? Será que estamos diante de uma promessa específica para esse caso, porque Paulo e Silas tinham a certeza de que todos os membros da casa igualmente chegariam à fé redentora? Ou será que cada pessoa que vem a Jesus pode apropriar-se da certeza: também minha mulher, também meus filhos hão de se tornar crentes? Temos de levar em conta a peculiaridade de uma casa no mundo antigo. Ela não abrangia apenas a esposa e os filhos, mas sobretudo também a multidão dos escravos pertencentes à “casa”. O presente texto evidentemente pensa num grupo de pessoas adultas, às quais é “dita a palavra de Deus”. Essas pessoas presenciaram os acontecimentos da noite, e agora estavam debaixo da proclamação, sendo assegurado também a elas, como ao dono da casa: a salvação está disponível para vocês, se arriscarem a dar o passo até Jesus. A palavra dos mensageiros de Jesus não visa afirmar que quando o dono da casa chega à fé mecanicamente estaria incluída a salvação de todos os moradores da casa. No caso de Onésimo, que pertencia à “casa” de Filemom, fica bem explícito que ela não era viável sem a decisão pessoal por Jesus. Onésimo não estava salvo tão logo Filemom se tornara cristão, mas somente quando ele próprio abraçou a fé com auxílio de Paulo em Roma. Contudo, na verdade podemos ter a certeza consoladora de que Deus nos vê como pessoas firmemente ligadas com nossa casa, motivo pelo qual mantém cordialmente pronta sua graça libertadora para nossos familiares, atendendo nossa oração em favor deles. Por outro lado não podemos esquecer o que o próprio Senhor afirmou sobre a ruptura que, por amor de seu nome, passará justamente também por casas e famílias.

32/33 Pelo fato de que o evangelho é essa resposta única e simples à pergunta vital de nosso coração, as coisas também podem transcorrer tão rapidamente. Não é necessário um curso de longas semanas, mas numa hora noturna “lhe pregaram a palavra de Deus e a todos de sua casa”. A glória de Jesus não pode ser esgotada nem de longe numa vida inteira de leitura da Bíblia, reflexão e oração, e apesar disso pode ser exposta numa hora de tal maneira às pessoas que seus corações captem tudo que é essencial e estejam prontos para se entregar a Jesus. Por isso o carcereiro pôde “sem mais esperar, receber o batismo, ele e todos os seus” [TEB]. O relato é hábil ao dizer que ele não pede a realização do batismo sem antes ter prestado seu serviço aos mensageiros de Jesus e lhes ter lavado as costas feridas. Eles, porém, haviam realizado o serviço amoroso e vivo da proclamação sem se lembrar de sua fome, suas dores, enfim, de si mesmos.

34 É bonito notar que o relacionamento do carcereiro com os mensageiros se torna cada vez mais cordial e livre: primeiro se prostra diante deles na prisão. Depois os leva para fora até o pátio, para lhes lançar, sem perturbação, sua ardente pergunta. Em seguida “cuida deles” e lhes lava os vergões. Agora, após realizado o batismo, “levou-os para sua própria casa e lhes pôs a mesa (ofereceu-lhes uma refeição)”. Contudo, não se trata apenas de uma crescente afeição pessoal. Não estaremos equivocados se subentendermos que essa refeição inclui a celebração da ceia do Senhor, que une todos a Jesus e, somente assim, inteiramente uns com os outros. No velho soldado a alegria rompe com grande júbilo, e toda a sua casa alegra-se com ele.

Esse júbilo pela salvação constitui a recompensa gratificante dos mensageiros de Jesus no passado e hoje. Deus pode abrir o coração de alguém como Lídia em silêncio. Deus pode fazer um coração romper-se por meio do sofrimento de seus mensageiros e pelo “terremoto”. É assunto dele. Nós somente podemos estar preparados e adequar-nos ao seu agir, quer no singelo serviço da palavra no “gueto eclesiástico”, quer numa evangelização noturna, em dores, no pátio de um cárcere.

35 “Ao amanhecer, os estrategos mandaram dizer pelos lictores ao carcereiro: Solta esses homens” [TEB]. Talvez os magistrados romanos não tinham mais tanta convicção das medidas impetuosas que haviam tomado. Igualmente podiam considerar os açoites e a noite no cárcere como punição suficiente para pessoas que não se podia incriminar de atos específicos. Cheio de alegria o carcereiro leva essa feliz solução a seus irmãos. Quantos pensamentos de preocupação tivera, de modo crescente, apesar de toda a alegria pelo seu relacionamento com esses prisioneiros, que estavam agora resolvidos de súbito pela maravilhosa bondade de Deus. Não havia mais conflito entre seu dever como funcionário romano e irmão cristão.

37-39 Contudo, agora o carcereiro passa a conhecer um aspecto totalmente novo de Paulo. Sem dúvida Paulo tinha em seu coração o que mais tarde recomendaria a Timóteo como disposição de “suportar as aflições” (2Tm 4.5). Mas nem por isso deixa de chamar injustiça de injustiça, ainda mais quando é praticada por aquele que, em altos cargos oficiais, têm o dever de preservar o direito. Igualmente não deveria cair sobre a jovem igreja, que nessa colônia romana haveria de sofrer numerosas agruras, a mácula de que seus fundadores tiveram de se contentar em escapar secretamente da cidade após uma flagelação pública e o encarceramento. Por isso Paulo sai com o carcereiro até onde estão os lictores: “Sem ter havido processo formal contra nós, nos açoitaram publicamente e nos recolheram ao cárcere, sendo nós cidadãos romanos; querem agora, às ocultas, lançar-nos fora? Não será assim; pelo contrário, venham eles e, pessoalmente, nos ponham em liberdade!” Ele não insiste em ficar, depois que a “expulsão” agora se transformou em “pedido” para que “se retirassem da cidade”. Constata no episódio o fim colocado por Deus para sua atuação do mesmo modo como no passado em Antioquia da Pisídia ou em Icônio. A igreja de Jesus em Filipos foi criada, o primeiro luzeiro na Macedônia está em pé e irradia a luz da notícia de Jesus para as redondezas. Paulo pode e deve seguir adiante. Pode declarar, depois, aos tessalonicenses: “Apesar de maltratados e ultrajados em Filipos, como é do vosso conhecimento, tivemos ousada confiança em nosso Deus, para vos anunciar o evangelho de Deus, em meio a muita luta” (1Ts 2.2). No entanto, parece que deixou Lucas em Filipos. Porque o “nós” da narrativa é interrompido com At 16.18 e voltará a ocorrer somente em At 20.6, e ali também outra vez em Filipos. Por isso é provável que Lucas tenha dado seguimento ao trabalho em Filipos, partindo depois com Paulo para a viagem a Jerusalém.

40 Paulo visita mais uma vez a jovem igreja na casa de Lídia, encoraja os irmãos e segue adiante para Oeste, penetrando mais na Macedônia e na Europa.

6 – A EVANGELIZAÇÃO EM TESSALÔNICA E BERÉIA - Atos 17.1-15

- 1 – Tendo passado por Anfípolis e Apolônia, chegaram a Tessalônica, onde havia uma sinagoga de judeus.**
- 2 – Paulo, segundo o seu costume, foi procurá-los e, por três sábados, arrazoou com eles acerca das Escrituras,**
- 3 – expondo e demonstrando ter sido necessário que o Cristo padecesse e ressurgisse dentre os mortos; e este, dizia ele, é o Cristo, Jesus, que eu vos anuncio.**
- 4 – Alguns deles foram persuadidos e unidos a Paulo e Silas, bem como numerosa multidão de gregos piedosos e muitas distintas mulheres.**

- 5 – Os judeus, porém, movidos de inveja, trazendo consigo alguns homens maus dentre a malandragem, ajuntando a turba, alvoroçaram a cidade e, assaltando a casa de Jasom, procuravam trazê-los para o meio do povo.
- 6 – Porém, não os encontrando, arrastaram Jasom e alguns irmãos perante as autoridades, clamando: Estes que têm transtornado o mundo chegaram também aqui,
- 7 – os quais Jasom hospedou. Todos estes procedem contra os decretos de César, afirmando ser Jesus outro rei.
- 8 – Tanto a multidão como as autoridades ficaram agitadas ao ouvirem estas palavras;
- 9 – contudo, soltaram Jasom e os mais, após terem recebido deles a fiança estipulada.
- 10 – E logo, durante a noite, os irmãos enviaram Paulo e Silas para Beréia; ali chegados, dirigiram-se à sinagoga dos judeus.
- 11 – Ora, estes de Beréia eram mais nobres que os de Tessalônica; pois receberam a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato, assim.
- 12 – Com isso, muitos deles creram, mulheres gregas de alta posição e não poucos homens.
- 13 – Mas, logo que os judeus de Tessalônica souberam que a palavra de Deus era anunciada por Paulo também em Beréia, foram lá excitar e perturbar o povo.
- 14 – Então, os irmãos promoveram, sem detença, a partida de Paulo para os lados do mar. Porém Silas e Timóteo continuaram ali.
- 15 – Os responsáveis por Paulo levaram-no até Atenas e regressaram trazendo ordem a Silas e Timóteo para que, o mais depressa possível, fossem ter com ele.

- 1 Viajaram “passando por Anfípolis e Apolônia.” Novamente utilizaram uma grande estrada imperial, a “Via Egnatia”, que saía de Bizâncio, atravessava a Trácia, Macedônia e Ilíria até Dirráquio, no Mar Adriático. Anfípolis é uma cidade antiga, iniciada em 436 a. C. pelos atenienses na foz do rio Estrimom, cerca de 50 km a sudoeste de Filipos. É a capital oficial da província. Apolônia fica no istmo de Calcídica, novamente pouco menos de 50 km a sudoeste de Anfípolis. Nada é dito sobre uma atividade missionária ali. Mais tarde tampouco se fala de igrejas nessas cidades, às quais fossem necessário dirigir cartas ou visitas. Não se analisa por que Paulo e Silas não tentam um trabalho e, pelo menos, não conseguem fundar igrejas. Isso, no entanto, não exclui qualquer atividade nem a conquista de pessoas isoladas para Jesus. Em vista de que já na primeira carta aos tessalonicenses Paulo enaltece que com seu amor fraterno “se tornaram modelo para todos os crentes na Macedônia” [1Ts 1.7], dificilmente deve ter em mente apenas Filipos e Beréia. É uma característica de Lucas deixar de lado muitos aspectos importantes, a fim de ilustrar concretamente o curso da história no foco dos acontecimentos. Por isso também nos leva de imediato até Tessalônica. Essa é a capital do segundo distrito da província, localizada na Via Egnatia e, ao mesmo tempo, no mar, uma cidade importante com um grande grupo de judeus. Tessalônica é sede de um procônsul romano, mas é uma “cidade livre”, com administração autônoma. À sua frente encontram-se 5 a 6 “senadores”. Mais uma vez os mensageiros de Jesus tiveram de percorrer de Apolônia quase 50 km para oeste, a fim de chegar em Tessalônica.
- 2 Aqui Paulo encontra outra vez uma sinagoga. “Segundo o seu costume, Paulo foi à sinagoga e por três sábados discutiu com eles com base nas Escrituras” [NVI]. A palavra grega “*dialegesthai*” = “discutir”, da qual é derivado nosso termo “diálogo”, com o tempo passa a ter o sentido de “falar a alguém”, “pregar”. Contudo, Lucas com certeza deve estar dizendo que, pelo menos após a pregação, aconteceram diálogos. O tema em questão é destacado com clareza singular. É um tema duplo, conectado em seu conteúdo. Será que a Bíblia proclama um Messias que sofre, morre e ressuscita? Será que justamente por isso Jesus, rejeitado pelas autoridades judaicas, crucificado pelos romanos e ressuscitado segundo o testemunho dos discípulos, é o Messias esperado?
- 3 Esse debate tinha de acontecer “com base nas Escrituras” e ser “exposto e demonstrado” a partir delas. A “exposição” das Escrituras leva à “demonstração” da grande mensagem de Jesus (como também nos discursos em At 3-13,) sendo que, ao mesmo tempo, apenas a notícia dos grandes feitos de Deus em Jesus faz com que as Escrituras sejam bem compreendidas. Porém, à demonstração “objetiva” pela Escritura associa-se o testemunho pessoal, que Lucas torna palpável no presente trecho pelo fato de passar a relatar na primeira pessoa, da fala direta: “... que eu vos anuncio”. Ainda não havia “Escrituras” a respeito de Jesus às quais se pudesse apelar, mas somente a proclamação oral.

4/5 Em retrospecto sobre sua atuação, mais tarde Paulo fala de “alguns” que visara salvar, fazendo-se, com todo o empenho, “tudo para com todos” (1Co 9.22b). Em consonância, são também nesse caso “alguns” dentre os judeus que “foram persuadidos” e se unem a Paulo e Silas. Muito mais forte é a repercussão entre os “gregos tementes a Deus” [NVI], que obviamente pertenciam em grande número à sinagoga e dentre os quais é conquistada “numerosa multidão”. Lucas sublinha que nesse grupo não eram poucas as “mulheres da alta sociedade” [NVI]. É isso que provoca o ciúme dos judeus de maneira especial. É preciso entender isso humanamente. Para os judeus não era fácil que pregadores de fora introduzissem agora a discórdia na vida da sinagoga, até então tranqüila e unida, e que havia atraído muitos gregos. Além disso, faziam isso com uma doutrina que destroçava o pensamento usual sobre o Messias e que era decididamente rejeitada pelas instâncias decisórias em Jerusalém. E, na seqüência, até mulheres influentes e abastadas se voltam para essa novidade, enquanto até então seu dinheiro e sua influência eram dirigidos em benefício da sinagoga. Não se pode tomar a “heresia” dos mensageiros de fora e a tensão entre os antigos freqüentadores da sinagoga como motivos para qualquer processo. O judaísmo não conhecia o conceito da “heresia”, porque se orientava pela “lei” e, portanto, pela “ação”. É preciso que aconteçam “blasfêmias” antes que possam intervir de maneira punitiva. Por isso os judeus agem agora de modo diferente. Numa metrópole como Tessalônica existem andarilhos, que podem ser contatados no burburinho da praça. Com ajuda deles desencadeia-se na cidade, com as respectivas palavras de ordem, uma agitação, à qual se confere também no presente caso uma conotação política e nacional. Lança-se a palavra “agitação”, “rebelião”, extremamente aterradora para cidadãos pacatos.

5/6 Os adversários, que sabem que há reuniões na casa de Jasão, ajuntam diante da casa uma turba e a vistoriam, a fim de trazer Paulo e Silas “para o meio da multidão” [NVI]. “*Contudo, não os achando, arrastaram Jasão e alguns outros irmãos para diante dos oficiais da cidade*” [NVI]. Na seqüência se encena a mesma jogada como no processo de Jesus em Jerusalém. Os judeus, que afinal esperam pessoalmente pela vinda do Messias, que há de aniquilar todos os poderes estatais gentios, interpretam a mensagem do “Rei Jesus” como alta traição contra o imperador. Gritam: “Estes que têm transtornado o mundo chegaram também aqui.” Portanto, os mensageiros de Jesus são “revolucionários mundiais”. – A turba instigada nem sequer imagina em que sentido profundo ela tem razão!

7 “Todos estes procedem contra os decretos de César, afirmando ser Jesus outro rei.” Cumpre saber que naquela época a palavra “rei” não designava, como atualmente, um grau de soberania inferior, mas também era usada oficialmente pelo imperador em Roma (1Pe 2.13). Quando Pilatos se posicionou contra a condenação injusta de Jesus, bastou a frase: “Se soltas a este, não és amigo de César! Todo aquele que se faz rei é contra César!” (Jo 19.12), para amolecer a Pilatos.

8 Conseqüentemente, corre também agora uma agitação medrosa “pela multidão e pelos oficiais da cidade ao ouvirem estas palavras”. Sedição contra o imperador romano – com isso não se brinca, justamente por parte de uma cidade livre e seus administradores. Por sorte Paulo e Silas não se encontram no local. Eles teriam sido submetidos a um processo sumário. Mas ao que parece Jasão é um homem respeitado e abastado na cidade, que afiança que em toda essa gritaria não há nada de verdadeiro. Provavelmente ele teve de assumir igualmente o compromisso de que os homens maus deixariam urgentemente sua casa e a própria cidade. Isso foi suficiente para os manipuladores judaicos. De qualquer forma, o motim chega ao surpreendente desfecho:

9 “E as autoridades soltaram Jasão e os outros, depois que eles pagaram a quantia exigida para isso (como fiança)” [BLH].

O trabalho em Tessalônica chegou ao fim para Paulo e Silas. Será que durou apenas um pouco mais de três semanas? Frequentemente se infere esse prazo a partir da menção dos “três sábados”. Nesse caso, porém, estaríamos ignorando a peculiaridade na forma de exposição de Lucas, que sempre esboça apenas quadros isolados, preferindo descrever somente o começo e o fim da atuação de Paulo (em Filipos, p. ex., apenas “Lídia” e o “carcereiro”). Paulo fala com gratidão de que diversas vezes os filipenses enviaram algo para seu sustento a Tessalônica (Fp 4.16). A distância entre Filipos e Tessalônica perfazia 150 km. Um mensageiro carregado de donativos – ainda que tenha sido apenas dinheiro, mas certamente dinheiro de metal – tinha de viajar, no caminho de ida e volta, pelo menos oito dias. E antes do primeiro envio de auxílios era preciso que primeiramente chegassem notícias sobre o desenrolar dos fatos de Tessalônica a Filipos. Uma coleta também

demanda tempo. Tudo isso já torna necessário um período de mais de três a quatro semanas para repetidas remessas de auxílio. Acima de tudo, porém, o próprio Paulo nos permite visualizar o quadro de seu trabalho na primeira carta aos tessalonicenses. A igreja é lembrada de como ele, com Silas e Timóteo, dedicou “labor e fadiga; e de como, noite e dia labutando para não vivermos à custa de nenhum de vós, vos proclamamos o evangelho de Deus.” (1Ts 2.9). Na verdade a igreja só poderia constatar isso depois que houvesse se formado (não antes do final dos três sábados), participando de toda a vida dos três mensageiros agora numa comunhão estreita prolongada. Também o aconselhamento individual para os crentes, salientado por Paulo (1Ts 2.12), deve ter ocupado um período de tempo maior após a criação da igreja. Lucas não descreve todo esse cotidiano da missão, com seu labor e fadiga, embora ele tenha conhecimento dele, segundo At 18.3; 20.31,34.

Conseqüentemente, também se torna compreensível por que Paulo conseguiu instruir a igreja sobre a escatologia de forma tão precisa, até nos menores detalhes (1Ts 5.1s; 2Ts 2.5s). Deve ter sido exatamente essa instrução escatológica que forneceu aos judeus a matéria para atizar a população. Satisfazer “necessidades religiosas” é questão particular. Jesus como “Senhor e Salvador” em quaisquer regiões celestiais ainda não incomoda as esferas dos poderes terrenos. Porém, quando a realidade de que Jesus é “Senhor universal” e “consumador do mundo”, que há de chegar e possuir e governar este mundo após derrubar o anticristo, se torna óbvia, então ela representa um “perigo para o Estado”.

- 10 “E logo, durante a noite, os irmãos enviaram Paulo e Silas para Beréia.” Essa é uma pequena cidade nos contrafortes do famoso Olimpo, cerca de 70 km a oeste de Tessalônica. Aqui, longe da grande via de tráfego, num local tranqüilo, os mensageiros são considerados seguros. Mas a Paulo não interessa a segurança, para ele importa a mensagem, mesmo nessa pequena cidade, que ele mesmo não teria escolhido para a proclamação. Por isso, apesar das experiências recém-sofridas, ele rumo imediatamente outra vez para a sinagoga. “São israelitas. Pertence-lhes a adoção e também a glória, as alianças, a legislação, o culto e as promessas” (Rm 9.4). Por essa razão é preciso levar-lhes a mensagem de seu Messias. Agora os mensageiros experimentam uma grata surpresa.
- 11 “Ora, estes de Beréia eram mais nobres que os de Tessalônica; pois receberam a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato, assim.” É isso que todo pregador de verdades bíblicas gostaria de alcançar: não acolhida “entusiasmada”, emocional, mas exame exaustivo com base na palavra da Escritura, que depois leve a uma decisão fundamentada e clara por Jesus.
- 12 “Com isso, muitos deles creram, mulheres gregas de alta posição e não poucos homens.” Novamente forma-se uma igreja mesclada de judeus e gregos que crêm em Jesus.
- 13 Em vista da estreita ligação entre os judeus e o intenso intercâmbio daquele tempo, não demora para que “os judeus de Tessalônica soubessem que a palavra de Deus era anunciada por Paulo também em Beréia”. Como de Antioquia e Icônio para Listra, agora “foram lá”, de Tessalônica para Beréia, “excitar e perturbar o povo”. Novamente Paulo tem de interromper um trabalho promissor. Que seqüência de sofrimentos é sua vida e seu serviço!
- 14/15 Agora a igreja não espera até que aconteçam medidas contra Paulo, mas “os irmãos promoveram, sem detença, a partida de Paulo para os lados do mar.” O mar dista mais de 40 km. Ali não há propriamente um porto. Mas um barco a velas certamente poderá ser encontrado, que levará Paulo até Atenas. Silas e Timóteo, que somente agora volta a ser mencionado, permanecem em Beréia, mas os membros da igreja que acompanharam Paulo até Atenas lhes levam a instrução de que “o mais depressa possível, fossem ter com ele”. De acordo com At 18.5, Silas e Timóteo alcançaram Paulo somente em Corinto. Conforme 1Ts 3.1s Timóteo – se bem que obviamente apenas ele – esteve com Paulo em Atenas, sendo dali enviado a Tessalônica, a fim de fortalecer a igreja em sua aflição e levar notícias para Paulo, enquanto Silas continuou realizando a obra em Beréia. Sabemos muito pouco sobre os pormenores para poder dizer como essas diferentes notícias podem ser harmonizadas. Isso também não é tão importante. De qualquer forma, o elemento essencial que inicia o próximo trecho, “Paulo sozinho em Atenas”, é confirmado pelo próprio Paulo em 1Ts 3.1.

7 – PAULO EM ATENAS - Atos 17.16-34

16 – Enquanto Paulo os esperava em Atenas, o seu espírito se revoltava em face da idolatria dominante na cidade.

- 17 – Por isso, dissertava na sinagoga entre os judeus e os gentios piedosos; também na praça, todos os dias, entre os que se encontravam ali.
- 18 – E alguns dos filósofos epicureus e estóicos contendiam com ele, havendo quem perguntasse: Que quer dizer esse tagarela? E outros: Parece pregador de estranhos deuses; pois pregava a Jesus e a ressurreição.
- 19 – Então, tomando-o consigo, o levaram ao Areópago, dizendo: Poderemos saber que nova doutrina é essa que ensinas?
- 20 – Posto que nos trazes aos ouvidos coisas estranhas, queremos saber o que vem a ser isso.
- 21 – Pois todos os de Atenas e os estrangeiros residentes de outra coisa não cuidavam senão dizer ou ouvir as últimas novidades.
- 22 – Então, Paulo, levantando-se no meio do Areópago, disse: Senhores atenienses! Em tudo vos vejo acentuadamente religiosos;
- 23 – porque, passando e observando os objetos de vosso culto, encontrei também um altar no qual está inscrito: AO DEUS DESCONHECIDO. Pois esse que adorais sem conhecer é precisamente aquele que eu vos anuncio.
- 24 – O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, sendo ele Senhor do céu e da terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas.
- 25 – Nem é servido por mãos humanas, como se de alguma coisa precisasse; pois ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais;
- 26 – de um só fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da terra, havendo fixado os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação;
- 27 – para buscarem a Deus se, porventura, tateando, o possam achar, bem que não está longe de cada um de nós;
- 28 – pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos, como alguns dos vossos poetas têm dito: Porque dele também somos geração.
- 29 – Sendo, pois, geração de Deus, não devemos pensar que a divindade é semelhante ao ouro, à prata ou à pedra, trabalhados pela arte e imaginação do homem.
- 30 – Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam;
- 31 – porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos.
- 32 – Quando ouviram falar de ressurreição de mortos, uns escarneceram, e outros disseram: A respeito disso te ouviremos noutra ocasião.
- 33 – A essa altura, Paulo se retirou do meio deles.
- 34 – Houve, porém, alguns homens que se agregaram a ele e creram; entre eles estava Dionísio, o areopagita, uma mulher chamada Dâmaris e, com eles, outros mais.
- 16 “Enquanto Paulo os esperava em Atenas...” Agora Paulo está em Atenas! Não foi seu plano pessoal que o conduziu até o centro intelectual daquele tempo. Foi o plano de Deus. Havia sido empurrado adiante, de cidade em cidade, de fato “empurrado” pelas reiteradas oposições e perseguições que não lhe permitiam permanecer em nenhum lugar. Timóteo está com ele nos primeiros dias, até que o envie com muitas preocupações para Tessalônica (1Ts 3.1s). Era difícil para ele ficar sem os companheiros e irmãos de oração nesse mundo estranho. Aquilo que ele vê em Atenas “revolta seu espírito”, enche seu coração de tristeza e ira. Não consegue contemplar os numerosos templos e as estátuas de deuses com um catálogo turístico na mão, deleitando-se como entendido da arte. Sendo alguém que conhece o Deus santo e vivo, ele constata aqui todo o descaminho da humanidade. Ainda que naquele tempo Atenas não fosse mais a grande Atenas clássica, mas uma cidade relativamente pequena, não obstante era “a cidade universitária” da época, o lugar em que muitos buscavam sua formação intelectual. E as pessoas de um lugar assim passavam ao largo de Deus, apesar da abundância de suas “religiões” e de suas “visões de mundo”. Por isso “seu espírito se revoltava em face da idolatria dominante na cidade”.
- 17 Paulo não despende os dias com espera ociosa e revolta interior. Procura as pessoas e o diálogo com elas. Ele é e não deixa de ser missionário. Também Atenas possui uma comunidade judaica e uma sinagoga. Como sempre, Paulo vai primeiramente até eles e “discutia na sinagoga com judeus e com gregos tementes a Deus” [NVI]. Não ouvimos nada sobre um sucesso como em Tessalônica ou Beréia. Contudo, também o movimento na praça lhe oferece oportunidade para falar “todos os dias

com aqueles por ali se encontravam” [NVI]. Será que Teófilo, ao ler a presente passagem do livro dedicado a ele, se lembrou de Sócrates, que muito tempo antes também falara dessa forma com as pessoas em Atenas? Sem dúvida Sócrates era pobre em comparação com o que Paulo possuía em sua mensagem para as pessoas!

- 18** Nesses diálogos ele rapidamente encontra “filósofos”. A filosofia, “amor pela verdade”, é em si algo grandioso. Faz parte da nobreza do ser humano que ele pergunte, busque pela causa e natureza do mundo, busque por sua própria existência, pelo alvo e sentido de sua vida. Não deixa de ser significativo quando esse questionamento acaba, como no caso de Sócrates, na confissão “Eu sei que nada sei”. Perigosas, porém, tornam-se a filosofia e a visão de mundo quando proporcionam à pessoa um abrigo para a medrosa e orgulhosa proteção de seu eu, no qual ele se esquia justamente das perguntas que pressionam sua existência. Obviamente é diferente se o ser humano busca o sentido da existência com os “epicureus”, realizando-o ao desfrutar a vida com requinte, dando somente de ombros para tudo o que vai além disso, ou se ele reconhece com os “estóicos” uma razão universal acima das coisas, tentando, através de seu engajamento em prol da virtude, libertar a pessoa da coerção dos destinos extrínsecos e do domínio de suas pulsões e paixões. Contudo, nenhum dos dois acerta a verdade essencial, ainda que estóicos como Sêneca ou o imperador Marco Aurélio humanamente possam conquistar nossa sincera admiração. Ambas as filosofias conhecem tão somente o ser humano desprendido de Deus e baseado sobre si mesmo, que jamais poderá encontrar sua verdade real, uma vez que ela reside – como Paulo depois evidenciará – justamente em seu relacionamento com o Deus vivo.

Além disso, não havia naquela época em Atenas nenhum mestre realmente importante da filosofia. Todos tinham um aspecto precário e epigônico, sendo justamente por isso repletos do orgulho da ingenuidade. É o que aparece imediatamente nas controvérsias com Paulo. Alguns são rápidos em sentenciar: “Que quer dizer, afinal, esse catador de grãos?” [tradução do autor]. A zombeteira ofensa “catador de grãos” foi tomada da imagem do pássaro que recolhe seus grãos aqui e acolá. Um “catador de grãos” é, portanto, uma pessoa que, sem pensamento próprio e sem clareza sistemática, se apropriou de uma porção de idéias pelo ouvir e pela leitura, as quais ele passa a transmitir aleatoriamente como verdade sua. É assim que essas pessoas vêm justamente alguém como Paulo! Outros ouvem apenas superficialmente o que Paulo afirma sobre Jesus e a “Anástasis” (a “ressurreição”). Afinal, haviam ouvido dizer que das bandas do Oriente sempre surgiam novos deuses e deusas, cujos cultos misteriosos eram propagados em uma geração cansada e decepcionada. Logo, esse “Jesus” e essa “Anástasis” também devem ser um novo casal de deuses. Nessa opinião também pode estar contida uma ameaça velada: será que esse judeu também estava trazendo uma “*religio licita*”, uma religião permitida pelo Estado? O Estado romano era muito disposto a fazer concessões às religiões de outros povos. No entanto, o mínimo exigido era que se tivesse essa concessão quando se queria divulgar “novos deuses”.

- 19/20** Será que na seqüência realizou-se um processo oficial? Esta é a interpretação preferencialmente dada à frase seguinte: “Então, tomando-o consigo, o levaram ao Areópago, dizendo: Poderemos saber que nova doutrina é essa que ensinas? Posto que nos trazes aos ouvidos coisas estranhas.” Nesse “tomar” e “levar” de Paulo – são expressões que de fato também ocorrem na linguagem do tribunal – estaria expressa uma espécie de “aprisionamento” e nas “coisas estranhas”, uma acusação. Nesse caso, o “Areópago” não seria tanto o local sobre a “colina de Ares” a noroeste da Acrópole, a famosa fortaleza de Atenas, mas uma autoridade que nos tempos romanos aparentemente exercia uma certa supervisão sobre as religiões, as escolas e os bons costumes. No entanto, as referências a esse respeito são incertas e controvertidas. Acima de tudo: a descrição de Lucas caracteriza a situação de forma bem diferente. Após concluir seu discurso “Paulo se retirou do meio deles”. Isso não combina com um “interrogatório”, por mais brando que possa ser. E, como justificativa, a pergunta “Poderemos saber que nova doutrina é essa que ensinas?” não é seguida por uma referência a quaisquer determinações oficiais, mas uma descrição da desperta curiosidade da população ateniense.

- 21** “Pois todos os de Atenas e os estrangeiros residentes de outra coisa não cuidavam senão dizer ou ouvir as últimas novidades.” Paulo chamou a atenção de uma série de pessoas com seus diálogos. Não estão entendendo bem o que ele diz. Há o desejo de ouvir “o que vem a ser isso” de uma forma conexa e básica, explicando o que, afinal, está querendo dizer com tudo isso. Opta-se, para tanto, por um local de reuniões nobre e até certo ponto oficial, o Areópago. É um momento memorável este,

quando Paulo precisa expor sua mensagem nesse local de Atenas! Agora ele realmente está na “Europa”. Sem dúvida é uma Europa degenerada. Não existe a busca séria e sincera pela verdade. Aqui prevalece a avidez pela novidade e pelo novíssimo. Na melhor das hipóteses, o evangelho poderá ser “interessante” por alguns dias, como novidade sensacional, dando rapidamente lugar a outra atração. O “insucesso” em Atenas pode ser esperado de antemão. A manifestação pública de alguém como Paulo nessa cidade não traz consigo nenhuma guinada decisiva, mas permanece um episódio sem grande repercussão. Apesar disso Lucas se encontrava sob a direção do Espírito Santo quando descreveu esse “episódio” de modo tão exaustivo e com todo o vigor literário. Porque também o “insucesso” possui um significado profundo para a causa de Deus. O evangelho sempre é também “cheiro de morte para morte” [2Co 2.16]. O “não” do ser humano vale perante Deus da mesma forma como seu “sim”. Em Atenas Deus torna eternamente claro o que Paulo depois declara aos coríntios, em 1Co 1.26ss: Deus escolheu “aquelas que não são, para reduzir a nada as que são.” Cumpre-se a jubilosa oração de gratidão de Jesus, de que Deus o “ocultou aos sábios e instruídos e as revelou aos pequeninos” [Mt 11.25]. Nós constantemente queremos conquistar justamente “Atenas” e desprezamos as “mulheres de Filipos”. Deus, porém, sem dúvida também leva pessoas como Paulo até Atenas, fazendo com que lutem com todo o empenho pela cidade. Porém Paulo não escreve uma “carta aos atenienses”, enquanto sua carta aos filipenses lança até hoje sua luz radiante.

Agiremos bem se não analisarmos imediatamente os pensamentos do discurso de Paulo. Poderíamos ouvi-los de modo demasiado abstrato e, conseqüentemente, sem vivacidade, e não como testemunho de um pregador autêntico, que permite que sua palavra seja moldada pelo local em que ele se encontra e pelo que ele tem diante dos olhos ali. Permitamos que um cristão que esteve pessoalmente no Areópago nos descreva o impacto sofrido ali. “Um mundo de indescritível beleza se estende a nossos pés. Numa estimulante diversidade alternam-se morros e planícies, terra e mar. Lá embaixo, a cidade, cujo quadro revela singularmente o templo de Teseu, com seu mármore de coloração vermelha e dourada, e a planície de Ática, com seus jardins e hortos de oliveiras e os dois rios Quefisor e Iliso. Como uma ampla auréola acomodam-se em redor as montanhas vestidas de perfume colorido, o Himeto, o Pentêlico, a cúpula audaciosa e repentina do Licobeto e, ao norte, fechando o círculo, o Parnaso. A oeste, porém, lampeja o mar, o vasto e majestoso golfo de Egina.

Nessa colina postou-se Paulo, cercado por muitos atenienses. Cerca de cem pessoas podem assentar-se lá no alto. Paulo não viu apenas a beleza da natureza. Diante de seus olhos descortinavam-se também com esplendor cativante as obras mais belas e magníficas que a arte humana jamais construiu e elaborou sobre a face da terra.

Paulo tinha olhos abertos para todas as coisas. É como se ele apenas lesse seu famoso discurso do Areópago a partir dessa natureza, dessa arte e desse povo que o fitava de todos os lados” (D. L. Schneller, “Paulus”. Leipzig 1926, p. 210).

Na seqüência, vejamos o próprio discurso do Areópago, com o qual Lucas obviamente não queria apenas caracterizar uma hora histórica, mas ao mesmo tempo visava mostrar como Paulo evangelizava de forma geral no mundo grego.

- 22** Os pontos de conexão e introdução da evangelização eram ao mesmo tempo amáveis e hábeis. Enquanto inicialmente a distorção e o obscurecimento, com os quais pessoas no auge da cultura trocam “a glória do incorruptível pela imagem de homem corruptível” (Rm 1.23; cf. o comentário sobre esse texto na Série Esperança, p. 46ss) o irritaram, ele agora, ao questionar as pessoas, constata nisso uma conotação “religiosa”. De fato Atenas era considerada na Antigüidade como “cidade devota”. Toda a “religião” é ambígua com tal. Pensa falar de “Deus” de algum modo, mas ao mesmo tempo é cega para Deus.
- 23** Parece a Paulo que os próprios gentios se aperceberam dessa ambigüidade, quando erigem altares para “deuses desconhecidos”. Com isso eles mesmos admitiam que, apesar de todos os seus templos, imagens e sacrifícios, não chegavam à certeza grata e tranqüila que tinha uma consciência clara de Deus. É com essa incerteza e com o anseio que inconscientemente lhe subjaz que Paulo estabelece contato: “Aquilo que adorais assim, sem o conhecer, é o que eu vos venho anunciar” [TEB]. Também hoje a evangelização entre pessoas “religiosas” não poderá proceder de outro modo. No entanto, ocorre imediatamente a séria palavra sobre o “desconhecimento”, que retorna com clareza no final do discurso (v. 30). Uma palavra dura. Toda a “filosofia” e “ciência”, das quais Atenas (e todo o mundo civilizado do Império Romano!) se orgulhavam tanto, não deixa de ser “desconhecedora” em relação ao mais sublime e mais necessário, e sobre o que é preciso ter plena certeza! “Anseio e busca”

religiosos não constituem distinção, mas miséria e culpa! O mensageiro de Jesus, porém, não acaba com essa “ignorância” pelo fato de, por sua vez, trazer o verdadeiro “conhecimento”, a “filosofia religiosa” superior, mas por “anunciar”. Aqui no Areópago, diante de filósofos, Paulo não pode agir diferentemente do que fazia também na sinagoga de Tessalônica ou de Antioquia: anunciar a mensagem (At 13.32; 17.3). Pois também Israel é “desconhecedor” como Atenas, motivo pelo qual teve de cumprir as palavras dos profetas justamente por não compreendê-las (At 13.27). Em toda a humanidade, portanto, o evangelista terá de afirmar: “Aquilo que adorais assim, sem o conhecer, é o que eu vos venho anunciar.”

- 24** Na seqüência o discurso adquire imediatamente sua característica decisiva. Sem dúvida também a filosofia e visão de mundo gregas eram em grande medida “religiosas” e falavam de “deus”. Mas nessa visão de mundo religiosa o ser humano e o mundo aparecem sempre como algo certo e claro, a partir do qual o “divino” surge no horizonte do pensamento como o incerto e duvidoso. Contra essa circunstância se projeta o testemunho do mensageiro de Deus. Ele não tem opiniões, conclusões, raciocínios que se ocupam do imenso desconhecido, mas ele depõe diante de seus ouvintes com certeza plena, jubilosa e respeitosa: “Deus!” Deus é a única coisa certa, firme e clara. Somente a partir dele o mundo, a humanidade e o indivíduo passam a ter firmeza e sentido. “Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe” – o mundo com toda sua esplendorosa beleza, que pode ser visto do Areópago, apenas possui consistência na palavra criadora de Deus. “Ele, o Senhor do céu e da terra” – de máquina gigantesca que gira sem sentido e sem rumo em torno de si mesma o mundo somente passa a ser uma construção com sentido porque possui esse Senhor.
- 25** Conseqüentemente, será sem sentido toda a “religião” que deseja prestar serviços a Deus, construir belas casas para Deus e lhe fazer gentilezas, “como se de alguma coisa precisasse”, enquanto ele, afinal, é totalmente aquele que dá, e não aquele que necessita, uma vez que sua natureza divina reside justamente em criar e doar. Com essas palavras, qualquer “religião”, a grosseira e a refinada, está sendo arrancada pela raiz, e abre-se espaço para o evangelho, para a palavra de Deus que doa e presenteia.
- 26** Em seguida o olhar se volta para o ser humano e sua história. Com que desprezo Atenas, com todas as suas glórias culturais, flagrantes a cada pessoa no Areópago, olhava para os povos “bárbaros”! Como os homens gregos, que estavam escutando a Paulo, tendiam a nem sequer reconhecê-lo plenamente como pessoa! Porém diante de Paulo a humanidade aparece como uma única grande unidade: “De um só fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da terra.” É óbvio que isso não transforma a humanidade numa massa indiferenciada. O missionário Paulo já conheceu muitas etnias, ouvindo sobre sua história, e agora encontra-se em chão eminentemente histórico na colina do Ares. Mas também essa história não é nada em si mesma. Novamente é Deus o fundamento claro e firme até mesmo nas imprevisíveis ondas e tempestades da história da humanidade: “Fixou os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação.”
- 27** Além disso, o “sentido” da história de todos os povos e raças é somente um único: “Buscar a Deus se, porventura, Tateando, o possam achar”. No entanto, será que Deus pode ser achado? Independentemente das dificuldades que possamos ter com isso, Paulo estava convicto de que sim. Em Rm 1.19s ele o escreveu de próprio punho: “Porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas”. Da mesma maneira, embora de forma muito simples para pessoas sem estudo, ele o disse em Listra (At 14.15-17). Agora expressa o mesmo fato de forma diferente:
- 28** “Bem que não está longe de cada um de nós, pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos.” A rigor, aqui isso está sendo dito de modo mais penetrante do que na carta aos Romanos. De fato não existe uma verdadeira “incredulidade para com Deus”! Todo ser humano é abrangido por Deus e se depara com o poder eterno e com a divindade de Deus não somente nas obras, mas também pode ter cada pulsação vital, cada movimento muscular, cada segundo de sua existência unicamente “em Deus” e por meio dele! É isso que Paulo vê expresso no verso do poeta grego Arato: “Também somos descendência dele” [NVI]. Porque justamente a vida interior, as emoções e o interior da pessoa também são dádiva de Deus. A citação é audaciosa! O sentido dado pelo próprio poeta é o daquele parentesco natural e inato com Deus, daquele “Deus em nós” que constitui o exato oposto da

mensagem bíblica. Por essa razão é que a pessoa religiosa moderna também não consegue ouvir o evangelho, porque ela imediatamente se escuda por trás desse pensamento: de qualquer modo sou parte de Deus, encontro Deus na natureza, trago Deus dentro de mim mesmo! Paulo, porém, vê a mesma verdade numa luz completamente diferente. A percepção de Deus na natureza torna-se acusação inescapável contra o ser humano, tornando-o indesculpável (Rm 1.20). Ademais, a condição real do ser humano como imagem de Deus (Gn 1.27) nada mais produz do que revelar todos os descaminhos e trevas do atual ser humano “gentio”.

- 29** Que descaminho e deturpação quando se pensa agora que “a divindade é semelhante ao ouro, à prata ou à pedra, trabalhados pela arte e imaginação do homem.” O mesmo vale para situações em que as imagens de Deus não são mais feitas de ouro, prata e pedra, mas de idéias e opiniões. O mais nobre “deus dos filósofos” não passa de um “fabrico da arte e imaginação do homem”. Também nesse caso acontece aquela “inversão” própria de todas as religiões: o “fabrico”, o ser humano, torna-se “fabricante” de Deus em pedra ou em pensamentos. O Deus vivo é transformado em “imagem divina” que o ser humano adapta segundo sua conveniência. O Único, integral e completamente “Sujeito”, é transformado em “objeto” do ser humano, de sua filosofia da religião, de sua teologia, de seu culto a Deus.
- 30** Na seqüência a evangelização desemboca em seu verdadeiro alvo: o chamado ao arrependimento, lançado aos gregos eruditos com a mesma seriedade que a Israel no dia de Pentecostes. Enquanto naquela ocasião o chamado designava Israel como uma “geração corrompida” [NVI], e sua suposta justiça como pecado, ele agora chama a orgulhosa cultura e sabedoria dos gregos e toda a sua “religião”, com todos os templos e cultos, de “ignorância”. Deus “não levou em conta os tempos da ignorância”. Será que a carta aos Romanos fala de outro modo? Sem dúvida, ele diz que o mundo dos povos foi “entregue” à degradação moral por terem mudado a verdade de Deus em mentira. Paulo não afirma isso agora, no Areópago. No entanto, é obrigado a dizer tudo em todos os lugares? Será que um evangelista não tem todo o direito de, vez ou outra, deixar de pronunciar certas verdades numa situação? Por outro lado, também a carta aos Romanos está ciente de que Deus se contém, “tolerando” temporariamente os pecados (Rm 3.25), e que somente “no tempo presente” traz o desfecho de tudo. Esse “agora” decisivo é proclamado por Paulo também no Areópago!
- 31** Esse “agora” possui peso total porque Deus “estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça”. Essa mensagem do juízo constitui de fato uma verdade, que se demonstra “à consciência de todo homem, na presença de Deus” (2Co 4.2). Paulo conta com o fato de que também no peito dos atenienses, que o escutam por curiosidade, a testemunha dessa poderosa verdade poderá levantar sua voz. Em tempos antigos se realizava julgamentos de sangue aqui sobre a colina do Ares. Todo juízo humano, porém, constitui tão somente uma sombra antecipada do juízo infalível que o próprio Deus realizará. Ali no escuro penhasco do Areópago se prestava sacrifício às “erínias”, aquelas terríveis deusas da vingança, que perseguiam implacavelmente todo ímpio. Também nessa prática residia um pressentimento “do dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus” (Rm 2.5). Essa verdade obviamente não é uma “novidade” artística ou filosófica, sobre a qual se pode discutir com interesse! Paulo realça toda a realidade e proximidade desse juízo com o fato de que o Juiz já foi nomeado e incumbido. De novo Deus ocupa o centro da cena como aquele que age. Por isso ninguém poderá escapar desse juízo. Deus julga todo o “mundo”. E o faz “com justiça”. Nele não prevalecerá o renome da pessoa, a fama literária, um relacionamento influente, uma anedota elegante. Todos eles, os quais Paulo tem diante de si, terão de responder por sua vida diante desse juízo e de sua insubornável justiça.

O texto subsequente permite duas interpretações diferentes. Literalmente consta: “fê oferecendo a todos”. Isso pode ter o significado de “tornar digno de crédito a todos”, “fornecer uma prova a todos”. Nesse caso, Paulo teve a intenção de afirmar que o fato de Deus ter realmente autorizado esse homem e nenhum outro como Juiz do juízo universal é comprovado pelo fato de que o fez ressurgir dentre os mortos. Como mais tarde perante Félix, com o encerramento, assim formulado, de seu discurso, Paulo teria salientado a gravidade da responsabilidade perante Deus, chamando a partir dele para o arrependimento, sem mostrar o caminho da salvação desde já em pormenores. Isso poderia e deveria ser feito somente quando também aqui brotasse a pergunta: o que haveremos de fazer para ser salvos? O discurso do Areópago ficaria exatamente paralelo à pregação de Pedro em Pentecostes. No entanto, também pode-se fundamentar a compreensão antiga: “A todos Deus oferece a fê redentora.” Nesse caso, Paulo anuncia, no fim de seu discurso, o evangelho propriamente dito e

mostra a seus ouvintes que o Juiz universal instituído por Deus agora ainda é o Salvador vivo ressuscitado da morte, ao qual podem vir todos, a fim de obter perdão e salvação. Esse entendimento é plausível porque, diferente da pregação de Pedro em Pentecostes, o chamado ao arrependimento constitui o verdadeiro vetor do discurso do Areópago. No dia de Pentecostes o “arrependei-vos” vem a ser somente a resposta à aflita pergunta dos ouvintes. Aqui, com toda a ênfase de que “todos, em toda parte” se arrependam, ele constitui o conteúdo da própria proclamação. Nesse caso, porém, era preciso dizer para onde, afinal, esse “arrependimento” deve levar. Do contrário ele se tornaria uma manobra moral arbitrária, incapaz de ajudar a alguém. Um chamado ao arrependimento sem citar o Salvador ao qual podemos chegar seria outra vez uma “lei”, e não “evangelho”. É por essa razão que também no dia de Pentecostes consta, além do “arrependei-vos”, imediatamente o segundo elemento “e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados”. Diante de gentios, porém, era cabalmente necessário citar de modo concreto aquele em quem de fato podiam encontrar o “Deus desconhecido”. Nessa situação a “ressurreição” desse “um varão” se revestia de importância decisiva. Somente podemos “chegar” e “dar meia-volta” em direção de uma pessoa viva e presente. Do contrário o chamado ao arrependimento se torna uma frase devota, e seu cumprimento uma mera emoção da vida interior, sem verdade e sem poder.

Obviamente o discurso de Paulo no Areópago não durou os poucos minutos de que necessitamos para ler hoje o presente texto. Recordamo-nos aquilo que ficou claro já na p. ... [42] sobre a transcrição que Lucas faz dos discursos em Atos. Especialmente na decisiva parte final Paulo não disse apenas uma frase, que da forma como está teria de ser completamente incompreensível para os ouvintes. Lucas somente fornece o “lema” dessa parte. De qualquer forma, seu conteúdo estava claro para os leitores de At. De maneira extensa, porém, Lucas reproduziu a “introdução” e a primeira parte do discurso, porque visava mostra-nos com isso que assim Paulo falava a “gentios”, assim ele abria o caminho, assim ele trazia seus ouvintes até o ponto em que ele podia apresentar sua mensagem propriamente dita. A prova de que nem mesmo em Atenas, com seus “filósofos”, Paulo deixou essa mensagem central à margem é trazida pelo relato sobre seus diálogos na praça: “Jesus” e “a ressurreição” evidentemente estavam no centro deles (cf. v. 18). Porventura agora, na análise mais detalhada, ele repentinamente deixaria fora de seu ensino, para o qual fora expressamente convidado, essas “coisas estranhas” [v. 20], justamente sobre as quais estava sendo perguntado?!

- 32** De forma cordial Paulo fez uma conexão com a situação em que se encontravam seus ouvintes, mas em seguida não os poupou de nada: ao invés de discussões interessantes, o chamado ao arrependimento; ao invés de pensamentos elaborados, o duro fato do juízo universal; ao invés de moral e religião pessoais, a ressurreição de um Salvador, no qual é preciso crer. Não é de surpreender que a maioria dos atenienses permaneceu incompreensiva, utilizando a palavra da ressurreição de mortos para zombar publicamente. Mas outros, apesar de tudo, se tornaram pensativos e declaram: “A respeito disso te ouviremos noutra ocasião.” É claro que isso pode muito bem ser uma maneira cortês de se esquivar, como mais tarde no caso de Félix (At 24.25). A “outra ocasião” nunca se concretizou, o hoje se tornou uma oportunidade perdida. Nenhum evangelista, nem mesmo alguém tão poderoso quanto Paulo, pode evitar isso.
- 33** “Com isso, Paulo retirou-se do meio deles.” Não acontecem novos diálogos como no dia de Pentecostes ou como em Antioquia da Pisídia. Por sua iniciativa Paulo tampouco tenta concretizar esses diálogos a qualquer custo. “Ele se retira do meio deles”. Outra vez ocorre a atitude “apostólica” que já encontramos em At 13.46. Os mensageiros de Jesus conhecem a árdua luta pela salvação de pessoas perdidas, até com o empenho da própria vida (1Ts 2.8), mas não “correm atrás”, não “mercadejam” o evangelho a qualquer custo. Têm consciência de toda a magnitude da dádiva que trazem; quem não deseja obtê-la, há de correr imperiosamente para a morte. “A palavra da cruz é loucura para os que se perdem”, escreveu Paulo aos coríntios (1Co 1.18). É por isso que os mensageiros de Jesus sabem “retirar-se”, como fez o próprio Senhor Jesus, o que significa uma sentença de morte (Jo 8.21).
- 34** Na seqüência, porém, acontece o fato admirável que nos impede falar de um “insucesso” de Paulo em Atenas: “Houve, porém, alguns homens que se agregaram a ele e creram; entre eles estava Dionísio, o areopagita, uma mulher chamada Dâmaris e, com eles, outros mais.” Um membro do supremo tribunal foi atingido e comovido pelo anúncio do juízo final, e com ele uma mulher de renome e mais alguns. Não chegou a ser formada uma igreja completa; não temos conhecimento de uma “carta aos atenienses” escrita por Paulo. Contudo, quando Paulo saúda aqueles cristãos da

Grécia que em seus lugares “invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo” na primeira carta aos coríntios (1Co 1.2), ele também tinha em mente aqueles que viviam com fé em Jesus em Atenas.

8 – PAULO EM CORINTO - Atos 18.1-17

- 1 – Depois disto, deixando Paulo Atenas, partiu para Corinto.**
- 2 – Lá, encontrou certo judeu chamado Áqüila, natural do Ponto, recentemente chegado da Itália, com Priscila, sua mulher, em vista de ter Cláudio decretado que todos os judeus se retirassem de Roma. Paulo aproximou-se deles.**
- 3 – E, posto que eram do mesmo ofício, passou a morar com eles e ali trabalhava, pois a profissão deles era fazer tendas.**
- 4 – E todos os sábados discorria (ou: pregava) na sinagoga, persuadindo tanto judeus como gregos.**
- 5 – Quando Silas e Timóteo desceram da Macedônia, Paulo se entregou totalmente à palavra, testemunhando aos judeus que o Cristo é Jesus.**
- 6 – Opondo-se eles e blasfemando, sacudi Paulo as vestes e disse-lhes: Sobre a vossa cabeça, o vosso sangue! Eu dele estou limpo e, desde agora, vou para os gentios**
- 7 – Saindo dali, entrou na casa de um homem chamado Tício Justo, que era temente a Deus; a casa era contígua à sinagoga.**
- 8 – Mas Crispo, o principal da sinagoga, creu no Senhor, com toda a sua casa; também muitos dos coríntios, ouvindo (a Paulo), criam e eram batizados.**
- 9 – Teve Paulo durante a noite uma visão em que o Senhor lhe disse: Não temas; pelo contrário, fala e não te cales;**
- 10 – porquanto eu estou contigo, e ninguém ousará fazer-te mal, pois tenho muito povo nesta cidade.**
- 11 – E ali permaneceu um ano e seis meses, ensinando entre eles a palavra de Deus.**
- 12 – Quando, porém, Gálio era procônsul da Acaia, levantaram-se os judeus, concordemente, contra Paulo e o levaram ao tribunal,**
- 13 – dizendo: Este persuade os homens a adorar a Deus por modo contrário à lei.**
- 14 – Ia Paulo falar, quando Gálio declarou aos judeus: Se fosse, com efeito, alguma injustiça ou crime da maior gravidade, ó judeus, de razão seria atender-vos;**
- 15 – mas, se é questão de palavra, de nomes e da vossa lei, tratai disso vós mesmos; eu não quero ser juiz dessas coisas!**
- 16 – E os expulsou do tribunal.**
- 17 – Então, todos agarraram Sóstenes, o principal da sinagoga, e o espancavam diante do tribunal; Gálio, todavia, não se incomodava com estas coisas.**

- 1** “Depois disto, deixando Paulo Atenas, partiu para Corinto.” Quantas coisas estão contidas nessa frase tão sucinta! Quando e como Paulo tomou a decisão de não esperar, como era sua intenção inicial (At 17.16), em Atenas, pela chegada de seus companheiros, mas já sair antes de Atenas? Como ele obteve a certeza de que devia ir para Corinto? Sem dúvida Corinto era a cidade maior mais próxima de Atenas. Mas será que era um local promissor para uma missão cristã? A antiga cidade de Corinto, famosa por seus “jogos ístmicos”, fora completamente destruída em 146 a. C., quando foi conquistada pelas legiões romanas, permanecendo em ruínas durante um século. Júlio César providenciara a reconstrução, e assim surgira uma cidade muito moderna, que em 27 a. C. se tornou capital da província “Acaia” e sede do procônsul. Era uma importante cidade comercial com dois portos, que davam acesso para o mar Jônico a oeste, e para o mar Egeu a leste. Assim Corinto se tornou local de traslado do comércio entre as partes oriental e ocidental do âmbito do Mediterrâneo, que naquele tempo representava “o mundo” (“a ecúmene”)! Os contrastes sociais manifestavam-se com todos os seus extremos: ao lado dos ricos comerciantes e armadores mercantes havia a grande massa dos escravos, que realizava o trabalho de remadores nos navios e as múltiplas tarefas nos portos e estabelecimentos de exportação, nos estaleiros e casas comerciais. Povos e raças do Oriente e Ocidente se misturavam nesse local sem população autóctone. A imoralidade e a vida dissoluta em Corinto eram proverbiais. “Corintizar” era a expressão para extravasar sem escrúpulos. A copiosidade de religiões e cultos não alterava nada disso. Pelo contrário, entre os gentios orientais a vida sexual com seu êxtase havia sido sentida como algo “religioso”, sendo por isso incorporada ao culto. No templo se praticava a prostituição em homenagem à divindade, no templo ficavam as

“hierodulas” dispostas a se entregar. Em Corinto havia um templo assim, da deusa “Ártemis” – uma antiga divindade grega que havia sido mesclada com a “Astarte” do Oriente, contando com um sem-número de “sacerdotisas”! Não é de admirar que a questão da “pureza” tenha tanta importância justamente em 1Co 5.7. Será que para Paulo de fato era tão atraente ir para lá? Fazia sentido proclamar a mensagem de Jesus numa cidade assim? Em 1Co 2.3 o próprio Paulo nos relatou como chegou a Corinto temeroso. Na verdade, apenas pela “demonstração do Espírito e do poder” de Deus seria possível que houvesse nessa cidade uma ruptura em direção da fé. E há uma boa razão para que Jesus fortalecesse seu mensageiro de modo especial para perseverar e falar justamente em Corinto (v. 9). Muitos aspectos das cartas aos coríntios se tornam inteligíveis para nós somente a partir desse contexto sombrio.

Agora, porém, Paulo navega para Corinto pelo mar Egeu, até o porto de Cencréia. De longe avista diante de si, elevando-se sobre a cidade, o monte do castelo, de 600 m de altura, o “Acrocorinto”. Depois, após aportar em Cencréia, entra na cidade estranha, ruidosa e medonha. Desta vez, Lucas permite que observemos a maneira pela qual Paulo em geral começa a agir numa cidade desse tipo. De resto aceitamos sem muita reflexão que Paulo acaba de chegar nessa ou naquela cidade. Porém, onde encontraria um abrigo? De que se manteria ele? Afinal, não era um homem rico que pudesse alugar um quarto no hotel e tomar refeições no restaurante? Agora presenciamos algo prático: Paulo “pega no pesado”. Ele é formado em trabalhar com couro (“fazedor de tendas”), e procurou um mestre de seu ofício, de preferência entre os judeus, a fim de conseguir junto dele trabalho e hospedagem.

- 2/3** Conseqüentemente, ele também deve ter percorrido as ruas de Corinto, perguntando, e “encontrou certo judeu chamado Áqüila, natural do Ponto, recentemente chegado da Itália, com Priscila, sua mulher”. “E, posto que eram do mesmo ofício, passou a morar com eles.”

É por causa do casal Áqüila e Priscila que Lucas nos relatou esse fato. Eles são personagens conhecidos no primeiro cristianismo. “Áqüila (um homem chamado Águia) é o modelo exemplar de um judeu internacional, a quem a vida varreu para lá e para cá por quase todo o mundo daquele tempo; ele nunca viveu somente na própria Palestina” (G. Stählin, p. 243). Ele é oriundo do Ponto, uma região na orla sul do Mar Negro, mas depois vive na capital do Império, Roma. Banido, chega a Corinto, vai com Paulo para Éfeso, na época da carta aos romanos está de volta a Roma (Rm 16.3) e, conforme 2Tm 4.19, no fim da vida de Paulo, de novo em Éfeso. Paulo fornece ao casal o mais belo atestado na carta aos romanos: “Saúdei Priscila e Áqüila, meus cooperadores em Cristo Jesus, os quais pela minha vida arriscaram a sua própria cabeça; e isto lhes agradeço, não somente eu, mas também todas as igrejas das nações” (Rm 16.3s). Também em Roma, onde voltaram a viver, eles formaram uma igreja caseira (Rm 16.5). Sua esposa Priscila – nas cartas Paulo não emprega esse diminutivo, mas o verdadeiro nome dela “Prisca” – pode ser romana. O casal está tão unido que é sempre citado apenas desse modo, em conjunto. Em quatro das seis ocorrências, porém, o nome da mulher aparece primeiro. Deve ter sido ela a intelectual e espiritualmente mais importante.

O casal viveu primeiro em Roma. Então, porém, o decreto do imperador Cláudio, também mencionado pelo historiador romano Suetônio, os expulsou de lá com outros judeus. Havia, pois, “recentemente chegado da Itália”. Que alegria para Paulo, encontrar um empregador e hospedeiro assim na cidade estranha!

- 4** Paulo inicia o trabalho de proclamação da maneira usual: “Cada sábado, tomava a palavra (ou: pregava) na sinagoga, e procurava convencer judeus e gregos.” O termo grego “*dialogomai*” significa originalmente “dialogar”, mas também designa de modo geral o “falar” e, no caso de temas religiosos, passa a ter o sentido de “pregar”. Dificilmente Paulo terá conduzido apenas diálogos, mas também uma proclamação conexa, sendo que depois essa proclamação causava novas perguntas, controvérsias e diálogos.

[5] Nesse trabalho acontece uma nítida cisão “quando Silas e Timóteo desceram da Macedônia”. Agora “Paulo se entregou totalmente à palavra”. Também poderíamos traduzir: “Paulo se envolveu integralmente na proclamação da palavra.” Há vários aspectos por trás disso. Paulo leva a fraternidade a sério. Somente na comunhão com os irmãos se desenvolve toda a sua força. Por isso, em retrospecto, vê também o trabalho fundamental em Corinto como “trabalho em equipe” (2Co 1.19). Contudo, nesse ponto também teremos de levar em conta tudo o que ele escreveu em 1Ts 3.1-8, justamente a partir de Corinto: “E agora revivemos, pois vos mantendes firmes no Senhor” [TEB]. Liberto das torturantes preocupações com Tessalônica por intermédio das boas notícias dos irmãos,

ele consegue dedicar-se de modo muito diferente e de coração livre ao serviço de proclamação. Contudo, igualmente teremos de ver na frase de Lucas uma sombra daquilo que o próprio Paulo lembra aos coríntios em 2Co 11.9: “Estando entre vós, ao passar privações, não me fiz pesado a ninguém; pois os irmãos, quando vieram da Macedônia, supriram o que me faltava.” Silas e Timóteo trouxeram uma oferta tão abundante que Paulo não precisou trabalhar pelo sustento durante um certo tempo, mas podia dedicar todo o seu tempo e suas energias ao trabalho missionário. Ela continua se dirigindo aos judeus: “Testemunhava aos judeus que Jesus era realmente o Messias” [tradução do autor].

- 6 Contudo, justamente por causa da atuação redobrada de Paulo e seus companheiros a resistência também eclode com maior intensidade, culminando até em “blasfêmias”. É uma consequência praticamente inevitável. Quem não se submete de coração a Jesus como o verdadeiro Messias de Israel tem de rejeitá-lo como falso Messias, como blasfemo, como maldito.

Novamente constatamos que Paulo não se pergunta, perplexo, até que ponto é culpado de um insucesso desses por meio de suas falhas e que métodos melhores se poderia aplicar para, apesar de tudo, ainda conquistar os judeus. Outra vez ele responsabiliza os próprios opositores por sua decisão: “Sacudiu as vestes de disse-lhes: Sobre a vossa cabeça, o vosso sangue!” E Paulo chega à conclusão missionária: “Eu estou limpo e, desde agora, parto para os gentios” [RC].

- 7 Obviamente não podia mais permanecer na sinagoga. Encontra espaço para sua atuação na “casa de um homem temente a Deus chamado Tício Justo, cuja casa era contígua à sinagoga” [tradução do autor]. Paulo não temia o desafio que representava esse “lar-igreja cristão” diretamente ao lado da sinagoga. No seu trabalho era a vantagem especial que os “gregos tementes a Deus” constantemente notassem a mensagem de Paulo acerca de Cristo, encontrando facilmente o caminho até ela. O serviço não deixou de registrar sucessos:
- 8 “Mas Crispo, o principal da sinagoga, creu no Senhor, com toda a sua casa.” Paulo o cita em 1Co 1.14 como um dos poucos que ele batizou pessoalmente em Corinto. Será que, na seqüência, a frase diz: “Muitos coríntios, ouvindo ‘isso’, criam e eram batizados”? Acaso a conversão do presidente da sinagoga era um fato tão impressionante que muitos foram levados à fé por meio dela? Será que isso teria sido aceitável para Paulo? Também é correto traduzir: “Muitos ouvintes coríntios criam e eram batizados.” Trata-se, de forma muito genérica, de habitantes da cidade que haviam ouvido a pregação de Paulo durante todo o tempo e agora se decidiam em favor de Jesus.
- 9/10 Porventura já não estava concluído o trabalho em Corinto? Será que Paulo não podia, ou até tinha de ir adiante? Ou será que ele tinha de aguardar outra vez a tempestade que o expulsaria pela violência? Talvez Paulo tenha se defrontado com esse tipo de perguntas em oração diante de seu Senhor, obtendo agora a resposta: “Teve Paulo durante a noite uma visão em que o Senhor lhe disse: Não temas; pelo contrário, fala e não te cales! Porquanto eu estou contigo, e ninguém ousará fazer-te mal, pois tenho muito povo nesta cidade.” Essa palavra proporciona a Paulo, bem como a todos que se encontram no ministério da evangelização, a visão realista e profunda para a verdadeira natureza da sua ação. Não são eles que conquistam um povo para o Senhor Jesus por seu próprio empenho. Gostamos de pensar dessa forma por causa do egoísmo inato em nosso coração. Na realidade, porém, Jesus esteve em Corinto muito antes de Paulo, elegendo ali para si um grande povo.
- Esse povo ainda não suspeita de nada disso, mas o olhar de Jesus já está repousando sobre ele. Afinal, essa foi a razão por que Jesus conduziu Paulo até Corinto, a fim de chamar esse seu povo para fora pelo evangelho. Paulo, porém, ainda não alcançou a todos que Jesus deseja ter ali como sua propriedade. Por isso o Senhor o incentiva a permanecer e proclamar com confiança. Ele compreende a aflição no coração, até mesmo de alguém como Paulo, após uma série de experiências gravíssimas: Antioquia, Icônio, Listra, Filipos, Tessalônica, Beréia. Também os grandes mensageiros da antiga aliança tiveram medo diante da magnitude e dificuldade de sua tarefa e do ódio ameaçador dos ímpios ou do mundo devoto. Por isso, quantas vezes ouvimos “Não temas!” e “Eu estou contigo!” da boca de Deus (cf. Êx 3.11s; Js 1.6s,9; Is 41.10; 43.5; Jr 1.8). Agora Jesus, o Senhor exaltado, fala a linguagem de Deus, declarando a mesma coisa a Paulo: “Eu estou contigo.” Ele lhe concede a promessa de sua proteção, de modo que em Corinto será diferente do que naquelas cidades.
- 11 Paulo não será expulso de Corinto. Na realidade os judeus em Corinto, depois que a igreja se separou deles, não tiveram coragem para um ataque. Sem ser incomodado, “Paulo ali permaneceu um ano e seis meses, ensinando entre eles a palavra de Deus”. Finalmente ele pode executar a

organização de uma igreja pessoalmente e de maneira exaustiva. E depois das duas cartas escritas a ela, a igreja em Corinto também permaneceu sem aflições graves e perseguições. Por isso obviamente também foi incapaz de compreender Paulo com seus permanentes sofrimentos (cf. 1Co 4.8ss; 2Co 4.7-12).

- 12** A promessa de Jesus também se cumpre quando os judeus finalmente tentam neutralizar a atuação de Paulo. Para isso aproveitam-se da instalação do novo procônsul Gálio.
- 13** O procedimento é muito mais moderado do que conhecemos das outras cidades. Não se faz a tentativa de agitar as massas. Ainda assim, “levantaram-se os judeus, concordemente, contra Paulo” e o convencem ou forçam a ir com eles até a “cátedra de juiz” do procônsul, onde levantam acusação contra ele. Essa queixa perante Gálio, porém, não é, como em Tessalônica, de ação altamente traidora contra o imperador, mas somente visa subtrair de Paulo a proteção da permissão estatal para o exercício da religião. O judaísmo é “*religio licita*”, uma religião reconhecida pelo Estado romano. Quando, porém, Paulo “persuade os homens a adorar a Deus por modo contrário à lei”, ele próprio se posiciona fora dessa “religião permitida”. Conseqüentemente, o procônsul deve proibi-lo no mínimo de continuar com as pregações. Em tempos posteriores esse tipo de acusação tinha sucesso garantido nas instâncias estatais.
- 14** Gálio, porém, num flagrante anti-semitismo nem sequer permite que o acusado Paulo possa falar, mas simplesmente repele toda a queixa. Evidentemente não se trata de um delito civil, do contrário “de razão seria atender-vos”.
- 15-17** No entanto, dessas polêmicas “sobre doutrina, nome e a lei vigente entre vocês tratai vós mesmos! “Não quero ser juiz dessas coisas.” Rudemente Gálio despede os judeus de diante de sua cátedra de juiz e assiste tranqüilamente como espectadores anti-semitas ou também os próprios judeus decepcionados espancam o novo presidente da sinagoga Sóstenes diante de seus olhos.

O FIM DA SEGUNDA E O COMEÇO DA TERCEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA - ATOS 18.18-23

- 18 – Mas Paulo, havendo permanecido ali ainda muitos dias, por fim, despedindo-se dos irmãos, navegou para a Síria, levando em sua companhia Priscila e Áqüila, depois de ter raspado a cabeça em Cencréia, porque tomara voto.**
- 19 – Chegados a Éfeso, deixou-os ali; ele, porém, entrando na sinagoga, pregava aos judeus.**
- 20 – Rogando-lhe eles que permanecesse ali mais algum tempo, não acedeu.**
- 21 – Mas, despedindo-se, disse: Se Deus quiser, voltarei para vós outros. E, embarcando, partiu de Éfeso.**
- 22 – Chegando a Cesaréia, desembarcou, subindo a Jerusalém; e, tendo saudado a igreja, desceu para Antioquia.**
- 23 – Havendo passado ali algum tempo, saiu, atravessando sucessivamente a região da Galácia e Frígia, confirmando todos os discípulos.**

Depois do episódio com Gálio, Paulo ainda permaneceu “algum tempo” [NVI] (cf. Nota 258) em Corinto, e depois “despediu-se dos irmãos e navegou para a Síria”. Também Áqüila e Priscila deixam com ele a cidade. Como eram flexíveis, como eram pouco apegados às coisas terrenas os cristãos daquele tempo! Ao que parece, na verdade Áqüila e Priscila eram pessoas de posses, que possuíam um empreendimento artesanal autônomo maior. Não era tão simples desfazer-se de tudo e recomeçar em outra cidade. Deve ter havido certos planos de missão por trás desse passo, instruções do Senhor, ao qual se sacrificava com alegria a segurança da existência terrena.

Quais eram esses planos? Não é fácil entender o presente trecho justamente por causa da brevidade. Tudo ficaria claro se depois do v. 18 a continuação imediata fosse o v. 23, com a menção de Antioquia. Assim, porém, somos informados que os que partiram “para a Síria” no versículo seguinte, surpreendentemente, “chegam a Éfeso”. É verdade que temos de ter em mente que naquele tempo não havia linhas de navegação fixas com transporte regular de passageiros. Paulo não podia simplesmente adquirir em Cencréia um bilhete até a Síria. Na medida do possível se navegava ao longo da costa, buscando o trecho mais curto possível para atravessar o mar aberto. Olhemos o mapa – o caminho por Éfeso deve ter sido praticamente o mais normal. Provavelmente Paulo conseguiu em Cencréia apenas um navio até Éfeso, tendo de procurar lá por outra oportunidade de prosseguir até a

Síria. Ao mesmo tempo, porém, Éfeso já deve ter ocupado sua perspectiva inquiridora e de oração. Áqüila e Priscila não querem ir com ele para a Síria, mas pretendem mudar-se para Éfeso. Na sequência, vemos Paulo novamente a caminho, desta vez para lá, e todo o capítulo subsequente será dedicado ao grande trabalho em Éfeso.

Antes de partir “raspou a cabeça em Cencréia, porque tomara voto”. De acordo com a posição das palavras essa frase pode ser primeiramente relacionada com Áqüila. Também se poderia pensar que Áqüila está sendo mencionado depois de Priscila, porque raspar a cabeça se refere mais claramente a Áqüila. Contudo, seria possível que Lucas, tão parcimonioso com informações, relataria um fato desses sobre um personagem secundário do livro? Em vista disso, temos de imaginar o próprio Paulo cumprindo o voto numa cerimônia solene em Cencréia. É verdade que todo o processo permanece bastante nebuloso. Pode ter sido um “nazireado” de acordo com Nm 6.1-21; Jz 13.4-7. Nesse caso, o cabelo cortado tinha de ser sacrificado mediante determinados procedimentos de um sacerdote no templo em Jerusalém. O v. 22 também fala de uma visita de Paulo em Jerusalém, na qual era viável realizar essa cerimônia. Talvez, porém, Paulo apenas tivesse a intenção – na viagem até Corinto? em dificuldades e perigos especiais nessa cidade? após a manifestação noturna do Senhor? – de se destacar por uma promessa, de deixar crescer o cabelo, singularmente como um homem consagrado ao serviço a Deus, até que pudesse deixar novamente seu campo de trabalho depois de um serviço bem realizado. Nessa hipótese, ao cortar o cabelo em Cencréia, Paulo estaria dizendo, por meio de um “sinal”: “Senhor, realmente tive o privilégio de cumprir todo esse serviço difícil e frutífero!” Será que Paulo, livre da lei, era capaz de uma “promessa” assim? Precisamente por causa dessa liberdade ele podia assumir determinações da lei e votos como pontos de referências e demarcações de seu caminho voluntariamente e sem o antigo “pensamento meritório”. Seja como for, faremos bem em não nos precipitar demais em tentar saber o que Paulo “podia” ou “não podia”. Essa nota breve, intercalada, não tem aspecto de uma “invenção” de Lucas. Lucas mencionou o voto de Paulo à margem simplesmente porque constituía um fato.

- 19** “Chegados a Éfeso, deixou-os ali; ele, porém, entrou na sinagoga.” Não devemos dar um peso excessivo ao termo grego “porém”. É uma palavra curta, intercalada sem qualquer ênfase, que em muitos casos nem deveríamos reproduzir na tradução, porque nosso “porém” é demasiado enfático. Obviamente não há contraste em deixar Áqüila e Priscila em Éfeso e Paulo ir para a sinagoga. O fato notável, que deveríamos registrar, é que Áqüila e Priscila se fixaram em Éfeso por um tempo mais longo. Isso, “porém”, não significa que Paulo por sua vez não se preocupasse com Éfeso. Não, também aqui ele toma o tempo de procurar a sinagoga e entabular diálogos com os judeus, respectivamente anunciar-lhes o evangelho. Aqui ele até encontra uma receptividade bem maior do que jamais experimentara antes.
- 20/21** “Rogaram-lhe que permanecesse mais algum tempo.” De novo o presente trecho causa surpresa. Pela primeira vez um grupo de judeus de fato está aberto para ouvir. Não obstante, apesar do pedido expresso para que ficasse mais tempo, “não acedeu, mas, despedindo-se, disse: Se Deus quiser, voltarei para vós. E partiu de Éfeso”. A dificuldade foi notada rapidamente. Por isso o texto “*Koiné*” acrescentou: “Preciso festejar a próxima festa em Jerusalém de qualquer forma.” De fato Paulo deve ter estado convicto de que um novo trabalho prolongado não seria sua tarefa agora, mas que ele teria de retomar e fortalecer a ligação com a primeira igreja em Jerusalém, assim como com a igreja de Antioquia. Quantos fatos haviam ocorrido desde que ele estivera no concílio dos apóstolos em Jerusalém e depois deixara Antioquia para a segunda viagem missionária! Filipos, Tessalônica, Beréia, Corinto, toda essa parte da Europa havia sido acrescentada à igreja de Jesus. E quanto interesse Paulo tinha em que justamente agora não se formasse uma igreja “paulina” independente, mas que tudo continuasse sendo o mesmo corpo de Cristo, o mesmo povo do Senhor, e que também fosse visto assim a partir de Jerusalém e Antioquia! Contudo, seu olhar permanece voltado para a Ásia, para a peça intermediária que faltava entre as igrejas do leste e a nova corrente de igrejas na Europa. Por isso promete retornar, se suas esperanças entenderam corretamente a vontade de Deus. Ademais, essa “ressalva de Tiago” (Tg 4.15) também pairava sobre todos os pensamentos e planos de Paulo.
- 22** Sua viagem não segue para Selêucia, mas para Cesaréia. Isso pode ter sido simplesmente causado pelas condições do vento, das quais a navegação daquele tempo dependia em muito maior grau do que a de hoje. Contudo a afirmação do v. 22: “Ele subiu e saudou a igreja” dificilmente pode referir-se ao trajeto curto do porto de Cesaréia até a cidade para saudar a igreja daquele local. Que motivo

teria Paulo para visitar justamente essa igreja de maneira tão solene? Não, o “subir” designa tradicionalmente o caminho para Jerusalém (cf. Lc 18.31). Ali ele saúda a primeira igreja. No entanto, se mais tarde tem tanto medo de uma visita naquela cidade (Rm 15.25s,30-32) e somente a empreende porque tem de levar para lá a grande oferta de suas igrejas, será que agora sua viagem era menos perigosa? Por um lado, não sabemos de fato qual era a situação naquele tempo. Por outro, pode tratar-se de um “saudar” realmente breve e realizado apenas no seio da própria igreja, de modo que disso ainda não tinha de resultar um perigo sério para ele. Ademais: quando Paulo evitaria um perigo, se ele considerava um caminho perante Deus como necessário e ordenado?

- 23** De Jerusalém ele “desceu para Antioquia”. Também essa expressão somente faz sentido se seu caminho levava de Jerusalém e não de Cesaréia para Antioquia. Paulo permanece ali apenas “algum tempo”. Novamente precisamos ver por trás dessa informação condensada e sóbria uma história rica e viva. Quantas coisas um autor cristão moderno teria narrado sobre esses dias em Antioquia! Quanto Paulo tinha a relatar! E quanto ouviu sobre a evolução em Antioquia, a viagem missionária de Barnabé e Marcos! Como devem ter compartilhado a Bíblia, que comunhão de oração tiveram! Em seguida Paulo volta a viajar. Ele começa a assim chamada “terceira viagem missionária”. Paulo não segue rapidamente por mar até a Ásia, mas opta pelo penoso caminho por terra e, passando pela Cilícia, “atravessou sucessivamente a região da Galácia e Frígia, confirmando todos os discípulos”. Poderíamos ler essa pequena frase de modo superficial, avançando rapidamente para Éfeso. Contudo, quanto significa, em termos de agruras, essa caminhada de semanas de duração! Parece que Paulo não passou dessa vez de novo por Derbe, Listra, Icônio, Antioquia da Pisídia, mas que tomou imediatamente o rumo mais ao norte pela Galácia até a Frígia. Visto que nesse percurso não “evangelizava”, mas “fortalecia os discípulos”, é preciso que tenha havido “igrejas na Galácia”. Voltamos nosso pensamento para At 16.6. Confirma-se o que lá suspeitávamos a respeito da fundação de pequenas igrejas gálatas na zona rural. Também Gl 4.13 distingue entre sua “primeira” evangelização na Galácia e uma posterior segunda visita. Pelo que se evidencia, Paulo gostava de dedicar um “segundo benefício” às igrejas fundadas por ele (2Co 1.15). Na seqüência seu caminho leva pela grande via comercial, passando por Antioquia da Pisídia, até Éfeso.

A TERCEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA

1 – APOLO EM ÉFESO E CORINTO - Atos 18.24-28

- 24 – Nesse meio tempo, chegou a Éfeso um judeu, natural de Alexandria, chamado Apolo, homem eloqüente e poderoso nas Escrituras.**
25 – Era ele instruído no caminho do Senhor; e, sendo fervoroso de espírito, falava e ensinava com precisão a respeito de Jesus, conhecendo apenas o batismo de João.
26 – Ele, pois, começou a falar ousadamente na sinagoga. Ouvindo-o, porém, Priscila e Áquila, tomaram-no consigo e, com mais exatidão, lhe expuseram o caminho de Deus.
27 – Querendo ele percorrer a Acaia, animaram-no os irmãos e escreveram aos discípulos para o receberem. Tendo chegado, auxiliou muito aqueles que, mediante a graça, haviam crido;
28 – porque, com grande poder, convencia publicamente os judeus, provando, por meio das Escrituras, que o Cristo é Jesus.

Temos diante de nós uma passagem breve, mas de grande significado para nosso conhecimento do primeiro cristianismo, e de forma alguma devemos lê-la superficialmente, às pressas. Acontece algo muito importante e muito complicado: um novo homem aparece no campo de missão de Paulo. Não é um colaborador convocado pelo próprio Paulo e subordinado a ele, mas “missionário livre”, independente, de características próprias, um homem de projeção e um mensageiro equipado pelo próprio Deus. Para Paulo e as igrejas paulinas resultava disso a tarefa que surge constantemente no curso da história da igreja: reconhecer com alegria a diversidade dos dons, distribuir bem o trabalho e, nesse empenho, preservar a unidade integral. Paulo cumpriu essa tarefa de modo exemplar (1Co 3.5-10; 4.6s; 16.12), a igreja de Corinto fracassou em grande extensão (1Co 1.11s; 3.4,21).

A respeito de Apolo lemos coisas importantes e interessantes. Ele é natural de Alexandria. Com isso nosso olhar se dirige para Alexandria, a segunda maior cidade do Império Romano e, de forma diferente e mais profunda do que Atenas, um centro de vida cultural e científica. Famosa era sua biblioteca, e judeus e gregos mantinham ali seus importantes centros de erudição. Também o

incipiente cristianismo recebeu mais tarde em Alexandria alguns de seus grandes mestres: Clemente, Orígenes, Atanásio, Cirilo. Em Alexandria ensinava o pensador judaico Filo (fal. 45 d. C.), que tentava interpretar o AT como quintessência de uma sabedoria profunda, que fosse ainda superior à filosofia grega, e correspondesse às indagações desta. Será que Apolo teve aulas com Filo e recebeu dele instruções decisivas para sua compreensão da Bíblia (“poderoso nas Escrituras”)? Seja como for, de acordo com toda a sua característica, Apolo também era um “alexandrino”. O adjetivo básico “*logios*” que lhe é dado pode destacar tanto sua eloquência quanto sua erudição.

25a Ele era “instruído no caminho do Senhor; e, sendo fervoroso de espírito, falava e ensinava com precisão a respeito de Jesus”. Essas são afirmações grandiosas a respeito dele. Conhecia a doutrina sobre Jesus e necessariamente também o caminho de Jesus até a cruz, bem como sua ressurreição. Sabia ensinar sobre tudo isso “com precisão”. Ele não tinha apenas notícias imprecisas sobre Jesus. A partir de seu exaustivo conhecimento do AT ele reconhecia em Jesus o Messias prometido. Essa certeza de que em Jesus chegara o cumprimento do AT, incendiava-o interiormente e o tornava “fervoroso de espírito” também quando pregava.

Quando Apolo se tornou cristão? Ainda em Alexandria? Será que veio diretamente de lá para Éfeso? Ou será que esteve antes em Jerusalém, tendo ali pertencido à sinagoga dos alexandrinos (cf. At 6.9)? Foi lá que aceitou a fé? Contudo, nesse caso dificilmente teria parado no “batismo de João”. Também o presente texto revela: o interesse biográfico no primeiro cristianismo era pequeno; Lucas não informa nada sobre as coisas que nós consideramos essenciais.

25b De que maneira devemos, porém, entender que para esse homem ainda faltava algo decisivo? Se ele “ensinava com precisão a respeito de Jesus”, por que ainda era preciso que lhe fosse exposto “com mais exatidão, o caminho de Deus”? Lucas diz: “Conhecia apenas o batismo de João.” O que significa isso? Somos tolhidos no entendimento de passagens como essas por causa da característica acadêmica, profundamente arraigada, de nossa dogmática cristã e eclesial. Por isso acreditamos que alguém tem de conhecer todo esse sistema doutrinário coeso, ou que não possui “conhecimento preciso” algum. Contudo, justamente naqueles primeiros tempos podia haver uma ardente fé em Jesus como Messias, que apesar disso se mantinha completamente dentro dos parâmetros do judaísmo. Jesus é o Messias, Jesus há de vir e inaugurar o reino. Pelo menos já podemos nos preparar para isso agora, como ensinou João Batista com seu batismo preparatório. Nessa oportunidade, quantas coisas podiam ser ensinadas com precisão e fervor sobre Jesus! Porém, Apolo ainda não sabia o que os próprios discípulos ouviram apenas no dia de Pentecostes e depois experimentaram passo a passo em sua concretização: que antes da vinda de Jesus em plenitude vem a efusão do Espírito, e no poder desse Espírito acontece o serviço das testemunhas no mundo inteiro. Esse serviço incorpora pessoas na nova igreja por meio de um batismo de natureza completamente diferente e nova, presenteando-os, mediante o renascimento, já agora com a vida eterna no Espírito Santo (cf. o exposto sobre At 1.5)

Como vemos no começo do capítulo 19, essa orientação interior não representava apenas uma posição particular de Apolo. Naquele tempo deve ter havido vários grupos – talvez até “congregações” – que, provenientes do movimento de João Batista, conheciam os ensinamentos e as curas, a morte e a ressurreição de Jesus, considerando Jesus como Messias de Israel, mas apesar disso se apegavam de forma especial a João Batista, reputando como essencial seu batismo de arrependimento. Longe da Palestina, p. ex., no Egito ou na Ásia, esse tipo de variedade do cristianismo podia ocorrer e ser preservada.

26 De conformidade com essa sua posição, Apolo ensina conscientemente na sinagoga. Áquila e Priscila ouvem ali sua pregação. Na sequência, acontece algo raro e belo. Os “leigos” Áquila e Priscila se alegram pelo que o teólogo erudito de Alexandria afirma; mas rapidamente percebem que está “faltando” algo. No entanto, não criticam por trás de suas costas o que está falando, nem comentam com outros sobre ele, dando de ombros e lamentando, porém “tomaram-no consigo e, com mais exatidão, lhe expuseram o caminho de Deus”. E Apolo aceita o convite e não se envergonha de ficar sentado na singela casa do artesão, permitindo que o fazedor de tendas, e ainda mais sua mulher, o introduzam com maior profundidade na fé viva em Jesus. Bendita uma igreja que tiver “leigos” e uma “mãe em Cristo” assim, que têm coragem de abordar, até com o pregador eloquente e versado nas Escrituras, aquilo que lhe falta. E bendito o teólogo que não for orgulhoso demais para permitir que membros da igreja assim lhe digam algo e o ajudem a avançar!

27 Apolo não se detém muito tempo em Éfeso, seu objetivo é prosseguir até a Acaia. Os irmãos em Éfeso lhe fornecem uma carta de recomendação aos cristãos em Corinto. Disso depreendemos que havia um grupo de cristãos em Éfeso, talvez já pela atuação de Paulo, talvez pela continuidade desenvolvida por Áquila e Priscila. Tendo chegado na Acaia, o que significa praticamente em Corinto, Apolo desenvolve uma atividade dupla: por um lado “auxiliou muito aqueles que, mediante a graça, haviam crido”. É possível relacionar a expressão “mediante a graça” com a palavra “que haviam crido” [como faz RA]. Contudo, é muito mais provável que devamos ver essa graça na atuação de Apolo, de modo que ele por meio dela consegue ajudar muito aos crentes. Nesse caso “graça” significa o “carisma” especial de Apolo. Toda a maneira de Apolo e sobretudo sua interpretação original e profunda do AT podiam atingir e favorecer pessoas que ainda não obtinham de Paulo tudo de que precisavam. Talvez fossem justamente os “eruditos” daquela época que conseguiram progredir significativamente por meio do ensino de Apolo. O próprio Paulo reconheceu isso sem ciúmes. Por outro lado, Apolo ajuda a nova igreja vigorosamente por meio de sua constante disputa com os numerosos judeus da cidade: “Pois refutava vigorosamente os judeus em debate público, provando pelas Escrituras que Jesus é o Messias” [NVI]. Fica a dúvida se isso ainda acontecia na própria sinagoga, aberta para ele como judeu e que depois das experiências de sua frustrada queixa contra Paulo pode ter-se tornado mais tolerante. No entanto, como a casa de reunião dos cristãos continuava ao lado da sinagoga, também seria possível que depois da partida de Paulo viessem professores judeus e tentassem recuperar membros judeus cristãos. Agora a igreja tinha com Apolo um eminente combatente, que conquistou diversos judeus para o Messias Jesus. De 1Co 1.12 sabemos que Apolo trabalhou com eficácia em Corinto, de sorte que todo o grupo conduzido por até ele Jesus se reportava expressamente a ele como seu pai espiritual.

2 – PAULO E OS DISCÍPULOS DE JOÃO EM ÉFESO - Atos 19.1-7

- 1 – Aconteceu que, estando Apolo em Corinto, Paulo, tendo passado pelas regiões mais altas, chegou a Éfeso e, achando ali alguns discípulos**
- 2 – perguntou-lhes: Recebestes, porventura, o Espírito Santo quando crestes? Ao que lhe responderam: Pelo contrário, nem mesmo ouvimos que existe o Espírito Santo.**
- 3 – Então, Paulo perguntou: Em que, pois, fostes batizados? Responderam: No batismo de João.**
- 4 – Disse-lhes Paulo: João realizou batismo de arrependimento, dizendo ao povo que cresse naquele que vinha depois dele, a saber, em Jesus.**
- 5 – Eles, tendo ouvido isto, foram batizados em o nome do Senhor Jesus.**
- 6 – E, impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo; e tanto falavam em línguas como profetizavam.**
- 7 – Eram, ao todo, uns doze homens.**

Enquanto Apolo já está trabalhando em Corinto, Paulo concluiu seu itinerário pelas “regiões mais altas” e chega a Éfeso. Agora Paulo de fato está na Ásia! Não sabemos se já naquele tempo fundou ao longo do caminho algumas das igrejas com que nos deparamos em Ap 2 e 3 ou nas cartas do mártir Inácio, ou se todas essas igrejas surgiram como repercussão do trabalho em Éfeso. No entanto, a última alternativa é a provável, visto que até mesmo a igreja mais próxima, em Colossos, deve seu surgimento a Epafras, aluno de Paulo (Cl 1.7; 2.1; 4.12). A expansão do cristianismo transcorreu de maneira muito mais viva e diversificada do que imaginamos com base em nossos parâmetros a respeito de “grandes homens”.

Seja como for, de acordo com seu método de missão, o alvo de Paulo é Éfeso, capital da província. Naquela época Éfeso tinha um porto – hoje há tempo assoreado. Da cidade partiam rotas comerciais para a Ásia Menor e até o longínquo Oriente. A grandeza e importância de Éfeso haviam motivado os romanos a conceder a essa cidade uma certa autonomia política com um senado próprio e uma assembléia do povo. É por isso que no levante dos ourives não intervém o procônsul romano, mas o chanceler da própria cidade. Ele respeita os direitos da “assembléia do povo” à sua maneira. Em virtude de sua localização e seu comércio, Éfeso era um local especial de vida dinâmica e de múltiplas mesclas de influências greco-ocidentais com elementos orientais. Não surpreende que Paulo não se depare aqui apenas com um grupo mais forte de judeus, mas também com um sistema de magia bem desenvolvido, entrando em atrito com toda a categoria que vivia do mundialmente

famoso templo de “Ártemis” (na realidade: de Cibele). No entanto também é compreensível que Paulo pudesse desenvolver precisamente aqui uma atuação longa e intensiva.

- 1 Em Éfeso ele encontra “alguns discípulos”, ou seja, alguns “cristãos”. Novamente não somos informados sobre muitos aspectos que gostaríamos de conhecer: quem tornou esses homens “discípulos”? Não havia somente aqueles cristãos que existiam em Éfeso após a atuação de Áquila e Priscila, e de Apolo, e depois do primeiro trabalho de Paulo (At 18.19s). Deve ter-se tratado de um grupo especial, à parte da sinagoga e à parte da igreja propriamente dita. De onde vinha ele? E como Paulo o “achou”? Nado disso é contado. Contudo, já estamos acostumados com essa peculiaridade de Lucas e temos de nos contentar em acolher fatos para os quais não obtemos maiores explicações. Isso vale também para a surpreendente percepção que obtemos a respeito da condição interior desses homens. São “cristãos”, porém Paulo nota rapidamente que há algo errado com seu cristianismo. Faltam-lhes as características da vida espiritual.
- 2 Paulo lhes propõe a clara pergunta: “Recebestes, porventura, o Espírito Santo quando crestes?” Mais uma vez se torna claro que se trata de “cristãos”. Esses homens “abraçaram a fé”, o que no NT significa inequivocamente “a fé em Jesus como o Messias”. Contudo, de modo bem diferente do que com Apolo, evidencia-se a profunda deficiência dessa fé em Jesus. Esses homens conhecem a história de Jesus só até a ressurreição. Estavam integralmente arrebatados pela proclamação de João Batista, de quem evidentemente receberam o batismo durante o grande movimento de avivamento. Para eles, Jesus continuou sendo o Messias vindouro, que ainda haveria de realizar sua verdadeira obra como o “homem com a pá que limpa a eira”, como o homem com o “batismo de fogo e Espírito” [Mt 3.11s]. Não haviam ouvido nada do evangelho propriamente dito, do sofrimento redentor do Messias Jesus, do cumprimento já concedido da salvação messiânica pela efusão do Espírito Santo, mas contentaram-se com seu batismo de João e sua expectativa escatológica. É isso que faz parte de sua resposta à indagação de Paulo: “Pelo contrário, nem mesmo ouvimos que existe o Espírito Santo (ou: que o Espírito Santo já chegou).” Obviamente sabiam a respeito do Espírito Santo pela Escritura. Ainda mais, tinham ouvido justamente de João Batista que o Messias vindouro “batizará com o Espírito Santo”. Contudo, não sabiam que o Espírito Santo já “existe” para nós desde já, que o Espírito Santo já foi derramado e chegou, e que por meio do Espírito Santo é possível que tenhamos uma nova vida divina e um novo servir com os dons do Espírito.
- 3-5 Em seguida, uma segunda pergunta de Paulo traz à tona que eles somente foram batizados “no batismo de João” e, por isso, nem sequer foram atingidos por toda a verdadeira história de Jesus. Por isso Paulo lhes demonstra o mero caráter preparatório do batismo de João e a verdadeira natureza da “fé em Jesus”. Um novo mundo se descortina para eles. De fato “ouvem”. Com admiração e alegria vêem que através de Jesus Deus já cumpriu muitas das coisas que eles esperavam apenas para o futuro. Abraçam essas verdades com a fé e “foram batizados em o nome do Senhor Jesus”.
- 6 Na seqüência, “impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo; e tanto falavam em línguas como profetizavam”. Fica claramente visível e audível que uma nova vida interior tomou conta deles. Foram-lhes concedidos os dois dons do Espírito que Paulo distingue em sua explicação de 1Co 14, avaliando-os pelo valor que têm para a vida comunitária.
- 7 Eram apenas “uns doze homens” com os quais acontece esse fato. Apesar disso Lucas nos falou a respeito deles. Talvez tenha sido motivado para isso pelo fato de que em sua época ainda havia em vários lugares tais “cristãos discípulos de João”, os quais visava alcançar com esse relato. O Espírito Santo, porém, sabia o que fez quando induziu Lucas a escrever esse trecho. É algo grandioso quando pessoas são trazidas de um “cristianismo” precário e limitado para a verdade e plenitude reais da vida em Cristo. Para todos os tempos e justamente também para nossa atualidade é decisivo que saibamos que a vida cristã verdadeira é receber o Espírito e viver no Espírito Santo. A quantos “batizados” é preciso incutir no coração a pergunta: “Recebestes (o) Espírito Santo?”

Cabe dar atenção à grande liberdade que vigorou na ação dos mensageiros de Deus naqueles primeiros tempos, porque naquela época ainda não se pensava que a ação do Deus vivo poderia ser presa em sentenças e ordens eclesiásticas. Lucas não viu problemas em relatar, em espaços tão próximos, a respeito de Apolo, que também “conhecia somente o batismo de João” e apesar disso já “falava fervorosamente no Espírito e ensinava com precisão a respeito de Jesus” e não foi novamente batizado no nome de Jesus, e a respeito desses doze homens, que tiveram de refazer o batismo agora no nome do Senhor Jesus e somente então receberam o Espírito pela imposição de mãos por Paulo.

Em At 10 Lucas apresenta gentios que recebem o Espírito quando ainda não eram batizados. Em At 8 descreveu pessoas em Samaria que ouvem o evangelho pleno, abraçam a fé, são batizadas no nome de Jesus e aos quais somente depois, pela imposição de mãos por parte dos apóstolos, é presenteada a vida a partir de Deus. Para nós isso é muito desconfortável. Gostamos tanto de ter ordenanças claras e esmero dogmático. Contudo, cabe-nos tomar conhecimento de que Deus gosta da sua liberdade. Entretanto deve constituir um paralelo a At 8, intencionalmente ressaltado por Lucas, que também neste caso é apenas a imposição apostólica das mãos que concede o Espírito, e não o batismo como tal.

3 – A ATUAÇÃO DE PAULO EM ÉFESO - Atos 19.8-12

- 8 – Durante três meses, Paulo frequentou a sinagoga, onde falava ousadamente, dissertando e persuadindo com respeito ao reino de Deus.**
- 9 – Visto que alguns deles se mostravam empedernidos e descrentes, falando mal do Caminho diante da multidão, Paulo, apartando-se deles, separou os discípulos, passando a discorrer diariamente na escola de Tirano.**
- 10 – Durou isto por espaço de dois anos, dando ensejo a que todos os habitantes da Ásia ouvissem a palavra do Senhor, tanto judeus como gregos.**
- 11 – E Deus, pelas mãos de Paulo, fazia milagres extraordinários,**
- 12 – a ponto de levarem aos enfermos lenços e aventais do seu uso pessoal, diante dos quais as enfermidades fugiam das suas vítimas, e os espíritos malignos se retiravam.**

8-9 Na sequência Paulo retoma a proclamação na sinagoga. O tema, em torno do qual gira tudo, é o reinado de Deus. Um tema conhecido e privilegiado no judaísmo daquele tempo! Contudo, faz uma grande diferença se refletimos sobre um reino de Deus provável e desejado com base na Escritura, ou se testemunhamos que ele veio numa determinada pessoa, por meio de acontecimentos muito bem definidos, e nos submetemos a esse senhorio. Por um lado, numa metrópole como Éfeso, até mesmo na sinagoga as pessoas eram mais flexíveis e abertas do que em outros lugares. Paulo consegue realizar sua pregação na sinagoga durante três meses. Por outro lado, diante da nitidez da mensagem, não é possível ficar nas perguntas e discussões genéricas. É preciso que se tomem decisões. Como em Icônio (cf. o comentário à p. ... [254]) Lucas fala de obediência, ou melhor, de desobediência. Na primeira opção, Deus agiu dessa maneira, concretizando seu reino pela cruz e ressurreição de Jesus, como a mensagem afirma. Nesse caso tenho de “obedecer” e me submeter entregando toda a minha vida ao Senhor Jesus. E isso vale não somente para o indivíduo israelita, mas para a congregação da sinagoga como um todo. A outra opção é rejeitar essa mensagem desafiadora como “mentira” e presunção e “falar mal” dela, apesar da tolerância geral em questões doutrinárias. Em “alguns deles” isso começa com a clara negativa de obedecer pela fé, bem como com a difamação do “Caminho”. “A multidão”, porém, ouve as difamações sem se posicionar contra elas. Isto já corresponde a ficar ao lado da rejeição. Vigora o que o próprio Jesus já afirmara: “Quem não é por mim é contra mim; e quem comigo não ajunta espalha” [Mt 12.30].

Paulo percebe esses fatos. Ainda não está sendo expulso da sinagoga. Afinal, apenas “alguns deles” o contradizem em voz alta e com veemência. No entanto, não espera que sucedam fatos como em Tessalônica ou Corinto. A decisão foi clara, a oferta a Israel aconteceu e foi rejeitada. Conseqüentemente, “apartando-se deles, separou os discípulos”. Aluga um auditório, no qual realiza diariamente suas palestras e debates, “pelo espaço de dois anos”. A separação da sinagoga traz consigo uma vantagem imediata: agora Paulo tem um recinto em que não pode apenas falar uma vez por semana aos sábados, mas diariamente.

10 Paulo dedicou a Éfeso um tempo especialmente longo de sua atuação. Deve tê-lo feito porque a partir de Éfeso a mensagem penetrava às demais cidades da Ásia de forma bem diferente do que a partir das cidades da Macedônia e até mesmo de Corinto, “dando ensejo a que todos os habitantes da Ásia ouvissem a palavra do Senhor, tanto judeus como gregos”. Certamente Lucas não visa afirmar que em termos estatísticos cada morador da Ásia tenha ouvido a palavra do Senhor, assim como em Cl 1.28 o próprio Paulo não pode ter afirmado que ensinou “a todo homem” do mundo daquele tempo. Porém a proclamação avançou para dentro da província e alcançou a “todos”, tanto judeus como gregos. Todos os moradores da província estavam sob a influência da palavra de Deus (Cl 1.28). Não sabemos até que ponto o próprio Paulo foi de Éfeso até as redondezas e evangelizou ali.

Um argumento a favor disso poderia ser que Filemom foi levado à fé em Jesus em Colossos pelo próprio Paulo. Contudo, um argumento contrário é que a igreja em Colossos como um todo é obra de Epafra. Seja como for, neste contexto há mais pessoas alcançadas por Jesus do que em Antioquia da Pisídia (cf. p. ...[252]). Elas divulgam a mensagem para toda a redondeza. E, por outro lado, muitas pessoas que vinham da Ásia para a capital freqüentavam as palestras desse homem notável, do qual se falava tanto, levando consigo para a terra natal o que ouviram de Paulo. Judeus dirigiam-se a judeus, gregos procuravam seus amigos e familiares gregos. Novamente o método de missão de Paulo obteve sucesso.

- 11** A proclamação era acompanhada de singulares “manifestações do poder de Deus”. Isso faz parte da essência do evangelho. O evangelho não visa ser instrução teológica sobre a natureza de Deus e suas qualidades, mas notícia de vitória pela intervenção salvadora de Deus, que vale para todo o ser humano, incluindo por isso também a libertação de destruições físicas e amarras demoníacas. Por essa razão, o próprio Paulo inclui em 2Co 12.12 “sinais, prodígios e poderes miraculosos” no seu credenciamento como apóstolo. O próprio Deus continua sendo nitidamente aquele que age, que atua “pelas mãos de Paulo”. Contudo, de fato também comprova seu “poder”, curando e libertando. O “reino de Deus”, do qual Paulo falava (v. 8), não consiste de palavras, mas de poder (1Co 4.20). Agora ele irrompe poderosamente no reino de Satanás.
- 12** Em Éfeso sucedem “manifestações de poder pouco comuns” [tradução do autor]. Assim como no passado Pedro (At 5.15) simplesmente não conseguia mais corresponder ao afluxo de pessoas, assim também se tornou impossível para Paulo ir pessoalmente até todos os enfermos. E como na situação de Pedro as pessoas deitavam os enfermos de tal maneira que, ao passar, a sombra do apóstolo caísse sobre eles, assim no caso de Paulo “levavam aos enfermos lenços e aventais do seu uso pessoal”, obtendo o resultado de que “as enfermidades fugiam das suas vítimas, e os espíritos malignos se retiravam”. Será que estamos admirados de que Paulo não combatia essas “práticas supersticiosas”? Pensamos que Lucas no mínimo deveria ter dito uma palavra de crítica a esse respeito? Acaso acompanhamos intérpretes modernos que consideram tudo isso invenção de uma época posterior, ávida de milagres, que não era mais capaz de distinguir claramente entre fé e superstição? Contudo, não somos peritos dos corações, capazes de reconhecer onde até mesmo nessas práticas há uma fé genuína em busca do auxílio de Deus. O Senhor Jesus não acusou aquela mulher com hemorragia, que tão somente desejava tocar a orla do manto de Jesus, de “supersticiosa”, mas lhe assegurou: “Tua fé te salvou” [Mc 5.34]. Lucas informa fatos sem se importar com nossa crítica teológica. Deus se agradou em responder à ansiosa busca por auxílio e libertação em Éfeso com curas e livramentos reais. Desse modo abriu caminhos para a proclamação de Paulo. As pessoas davam ouvidos à mensagem sobre Jesus, que se revelava de forma tão poderosa em seu mensageiro. No entanto, nessas curas pelos lenços e aventais de Paulo prevalece a verdade: “Manifestações do poder de Deus, pelas mãos de Paulo.” Foi justamente aqui em Éfeso que aconteceu a ruptura com todo o sistema de feitiçaria. Os efésios, portanto, haviam compreendido que na pessoa de Paulo não se acrescentava um novo mágico às muitas feitiçarias antigas, a que estavam acostumadas em Éfeso, mas que em Paulo estava atuando um Salvador vivo, que não deixava de recompensar a confiança em sua misericórdia e ajuda, ainda que agora somente pudessem obter de seu servo Paulo o lenço e o avental de trabalho. Já no trecho seguinte Lucas nos mostrará como isso não tem nada a ver com “magia”.

4 – A VITÓRIA SOBRE A FEITIÇARIA EM ÉFESO - Atos 19.13-20

- 13 – E alguns judeus, exorcistas ambulantes, tentaram invocar o nome do Senhor Jesus sobre possesores de espíritos malignos, dizendo: Esconjuro-vos por Jesus, a quem Paulo prega.**
- 14 – Os que faziam isto eram sete filhos de um judeu chamado Ceva, sumo sacerdote.**
- 15 – Mas o espírito maligno lhes respondeu: Conheço a Jesus e sei quem é Paulo; mas vós, quem sois?**
- 16 – E o possesso do espírito maligno saltou sobre eles, subjugando a todos, e, de tal modo prevaleceu contra eles, que, desnudos e feridos, fugiram daquela casa.**
- 17 – Chegou este fato ao conhecimento de todos, assim judeus como gregos habitantes de Éfeso; veio temor sobre todos eles, e o nome do Senhor Jesus era engrandecido.**
- 18 – Muitos dos que creram vieram confessando e denunciando publicamente as suas próprias obras**

19 – Também muitos dos que haviam praticado artes mágicas, reunindo os seus livros, os queimaram diante de todos. Calculados os seus preços, achou-se que montavam a cinquenta mil denários.

20 – Assim, a palavra do Senhor crescia e prevalecia poderosamente.

- 13** A “magia” ocorre sempre quando objetos sagrados, costumes sagrados, nomes santos devem causar, por si próprios, efeitos miraculosos. Esse pensamento “mágico” está infinitamente difundido, indo ao encontro do velho ser humano porque promete participação em poderes e socorros transcendentais sem arrependimento e fé. Por isso, também um grupo de exorcistas judeus entende os milagres na atuação de Paulo de maneira mágica. Se os “lenços e aventais” de Paulo são eficazes, tanto mais deverá ser eficaz invocar o nome “Jesus” e reportar-se a “Paulo”.

“Exorcistas”, i. é, pessoas que expulsam poderes demoníacos e, conseqüentemente, trazem auxílio e saúde, na Antigüidade eram tão numerosos como ainda hoje abertamente entre todos os gentios e, mais clandestinamente, em vastas regiões “cristãs”. No mundo antigo sobretudo os feiticeiros judaicos eram respeitados. Afinal, por trás deles estava a religião mais antiga do mundo, e a “sabedoria” de Salomão havia sido entendida cada vez mais como uma misteriosa arte que penetrava no mundo dos espíritos. No uso mágico, o “nome” Salomão era tido como poderoso. Não é de admirar que precisamente essas pessoas chegassem a supor que com o nome “Jesus”, associado a esse extraordinário Paulo, tinham encontrado uma fórmula de encantamento. Pois sobre toda a magia paira até hoje essa peculiar inquietude: a pessoa tem orgulho de seu “poder”, ela experimenta efeitos surpreendentes, e apesar disso está permanentemente em busca de maneiras novas e mais eficazes de atuar, ficando alerta a novos métodos e experiências mágicas surgidos de onde quer que seja. Uma prova de que também o jovem cristianismo foi visto desse modo está documentada num papiro de magia encontrado: “Eu te esconjuro por Jesus, o Deus dos hebreus.”

- 14** É isso que os “filhos de Ceva” também tentam agora: “Esconjuro-vos pelo nome de Jesus, a quem Paulo prega.” Querem ser bem “ortodoxos”. Não conhecem pessoalmente a Jesus, mas precisa ser o Jesus que Paulo anuncia e por cujo nome Paulo realiza seus milagres. Toda a “magia” se sustenta na exatidão da repetição de fórmulas. Agora, porém, evidencia-se que o evangelho não trata de “nomes” e “fórmulas”. Os demônios se pronunciam pessoalmente sobre a questão. “Conheço a Jesus e sei quem é Paulo; mas vós, quem sois?” Os poderes das trevas não temem meros “nomes”, eles conhecem e temem pessoas, a pessoa de Jesus (cf. Mc 1.24!), mas também a pessoa de alguém como Paulo, que tantas vezes interferiu em seu espaço! Por essa razão perguntam também a esses sete, que se lhes opõem, pela sua identidade pessoal: “Mas vós, quem sois?”

Quem não possui experiência na área do ocultismo, poderá descartar rapidamente esse relato, porque consegue ver nele somente uma improvável e estranha narrativa da Antigüidade supersticiosa, inserida aqui por Lucas. Entretanto, quem está consciente dos poderes das trevas e da tarefa de aconselhamento da qual também hoje não podemos nos esquivar, no sentido de enfrentá-los e libertar pessoas cativas de suas amarras, há de se deter atentamente no presente relato. Porventura o “nome de Jesus” não constitui também para nós a única e singular arma na luta que nos foi ordenada? Também nós não damos ordens ao mundo dos demônios em nome de Jesus? Nesse caso, podemos constatar algo análogo ao que acontece aqui com os filhos de Ceva? Será que, de fato, tudo depende de nós mesmos, de nossa pessoa e nossa constituição pessoal? Quem, então, ainda poderá se arriscar num serviço desses? Porém o próprio Jesus, quando a autoridade faltou em seus discípulos, não apontou para a sua pessoa e sua condição pessoal “ético-religiosa”, mas lhes declarou: “Por causa da pequenez da vossa fé não fostes capazes de expulsar o mau espírito” (Mt 17.20). Conseqüentemente, também no presente relato a pergunta dos demônios não se refere à qualificação moral geral dos filhos de Ceva, e sim a seu relacionamento com Jesus, sua “fé” pessoal. O nome de Jesus é verdadeiramente seu “nome”, ou seja, sua presença eficaz, sua vitória realizada no evento da fé. “Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé” (1Jo 5.4). Somente podemos ter essa “fé” quando nos tornamos pessoalmente crentes em Jesus e entregamos a Jesus o coração e a vida. Ninguém que desempenha sinceramente o serviço para Jesus tem necessidade de temer os demônios e seu questionamento. Pode responder-lhes sem preocupação: “Já que vocês perguntaram – sou uma propriedade de Jesus, meu Senhor.” Então pode e deve recorrer com ousadia e destemor à vitória conquistada por Jesus, e dar ordens, em nome de Jesus, ao poder das trevas. Ele há de experimentar que Jesus de fato é o vencedor, tanto hoje como no passado. Os filhos de Ceva, no entanto, não têm nenhuma resposta à assustadora pergunta por sua própria posição.

- 16** Por isso experimentam que “o possesso do espírito maligno saltou sobre eles, subjugando a ambos, e de tal modo prevaleceu sobre eles, que, desnudos e feridos, tiveram de fugir daquela casa”.
- 17** O episódio se torna conhecido, e agora também aqui em Éfeso, como no passado em Jerusalém, “veio temor sobre todos eles”. A autenticidade, porém, de todo o acontecimento se expressa no fato de que agora não é mais o nome de Paulo, como feiticeiro mais poderoso, que está nos lábios de todos, mas “o nome do Senhor Jesus era engrandecido”.
- 18** Conseqüentemente, justamente entre “os que creram” acontece um novo movimento de arrependimento. Muitos deles vieram “confessando e denunciando publicamente as suas próprias práticas”. No caso, nem é preciso pensar em objetos de feitiçaria, destacados propriamente apenas na frase seguinte. Precisamente a igreja crente carece sempre de novos “avivamentos”, que podem ser desencadeados por esses eventos especiais, levando então ao arrependimento mais profundo. Éfeso conhecia aquela “gentilidade” de que Paulo escreve em sua carta aos Efésios: “Como também andam os gentios, na vaidade dos seus próprios pensamentos, obscurecidos de entendimento, alheios à vida de Deus por causa da ignorância em que vivem, pela dureza do seu coração” (Ef 4.17s). Constitui um racionalismo equivocado pensar que tudo simplesmente desaparece pela conversão a Jesus. Nesse caso Paulo não teria necessidade de exortar com tanta seriedade. Até mesmo numa conversão autêntica ainda restam, ocultos, muitos pecados antigos. Raízes de pecados permanecem no coração. Por essa razão também seguidores de Jesus de longa data com frequência têm ainda muito a confessar, inclusive culpas do passado, que somente agora vêm à tona. Isso não traz nenhum dano à condição plena de salvação, à certeza plena da redenção. Para todos que entregam sua vida perdida a Jesus vale que: “Mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus” (1Co 6.11). Precisamente, porém, por serem “eleitos de Deus, santos e amados”, Deus trabalha neles, desvela partes cada vez mais profundas e submete a vida à sua luz. E agora é preciso que pecados ocultos e amarras clandestinas sejam trazidos à tona em confissão aberta perante o conselheiro espiritual.
- Nos casos de pecados por feitiçaria é imprescindível confessá-los. O conselheiro espiritual experiente não considerará “estranho” que somente agora os fiéis em Éfeso decidem confessar esses pecados. Ele sabe que justamente entre os fiéis Satanás leva precisamente essas questões ao esquecimento, de sorte que somente depois de muitos anos sob a palavra de Deus, em determinadas oportunidades, subitamente a recordação de antigos pecados de feitiçaria é despertada, e a pessoa é levada a confessá-los. É o que também acontece em Éfeso.
- 19** “Também muitos dos que haviam praticado artes mágicas, reunindo os seus livros (de magia), os queimaram diante de todos.” Na Antigüidade existiam “papiros de magia” em grande quantidade, e justamente os “escritos de magia de Éfeso” eram famosos. Não é de admirar que seja reunida uma montanha deles. O distanciamento de toda essa esfera tenebrosa é documentado pela cremação pública. “Quando se calculou o valor deles, verificou-se que chegava a cinquenta mil dracmas de prata” [TEB]. Obviamente não foi feita uma relação estatisticamente correta com o catálogo de preços na mão! Contudo, toda a “feitiçaria” é cara! Cinquenta mil dracmas de prata são uma soma bem considerável, levando em conta que naquela época uma dracma de prata era o salário usual diário de um trabalhador (cf. Mt 20.2). Entretanto, avaliemos apenas quanto dinheiro também hoje pessoas, inclusive pessoas pobres, carregam às benzedeiras e aos adivinhos.
- 20** Através de tudo isso “crescia” não a fama de Paulo ou dos cristãos, nem simplesmente o número dos membros da igreja, mas “a palavra”: “Pela força do Senhor” [TEB] ela ganha cada vez mais influência também sobre aqueles que ainda não chegaram à fé pessoal. Comparemos isso àquilo que nos é relatado sobre todos os movimentos de avivamento. Ainda que apenas uma parte da aldeia de fato se converta, toda a vida da aldeia indubitavelmente passa a ter um aspecto diferente. Por isso temos de pressupor também em Éfeso um efeito de amplo alcance da palavra de Deus. Somente desse modo pode-se explicar que os ourives da cidade tenham percebido o declínio sensível de seus negócios com as imagens do templo de Diana.

5 – PLANOS DE VIAGEM DO APÓSTOLO - Atos 19.21-22

21 – Cumpridas estas coisas, Paulo resolveu, no seu espírito, ir a Jerusalém, passando pela Macedônia e Acaia, considerando: Depois de haver estado ali, importa-me ver também Roma.

22 – Tendo enviado à Macedônia dois daqueles que lhe ministravam, Timóteo e Erasto, permaneceu (ainda) algum tempo na Ásia.

- 21** “Cumpridas estas coisas” é uma formulação que Lucas provavelmente usa para fazer um retrospecto sobre toda a atuação de Paulo em Éfeso. Aqui de fato havia sido “cumprida” a tarefa: a palavra de Jesus havia sido dita com tanta eficácia que se tornou conhecida em toda a província. Judeus e gregos haviam ouvido a mensagem. Uma grande igreja fora constituída e acabara de ser purificada e firmada por um novo arrependimento mais profundo. O límpido poder de Jesus se opusera à feitiçaria que contaminava tudo. O nome de Jesus foi engrandecido em Éfeso. Paulo pensa na despedida. “Tomou a decisão, no Espírito, de ir a Jerusalém, passando pela Macedônia e a Acaia” [TEB]. O alvo da viagem, “Jerusalém”, era imperioso para que fosse preservada a unidade da igreja. A regra de fazer uma segunda visita às igrejas fundadas por ele era sábia e necessária. Nesse momento o próprio Paulo podia “tomar uma decisão”. Contudo, ele o faz “no Espírito”, sob a direção interior de seu Senhor. Para um cristão isso é normal. O Espírito Santo não nos transforma em máquinas, mas conta com nossa própria vitalidade; por sua vez, nosso pensar e planejar carecem do Espírito Santo que governa por meio deles. Essa direção do Espírito está atuando particularmente em vista do fato de que agora o olhar de Paulo se estende do campo de trabalho anterior para além, sendo citado pela primeira vez o nome “Roma”. Aqui nos deparamos com a peculiar certeza de Paulo de “ser necessário” chegar a Roma. Com certeza era lógico que o apóstolo dos povos visse a capital das nações e conhecesse a igreja de lá. Paulo tinha o forte desejo de fazer isso (Rm 1.8-15). No entanto, aparentemente para ele reside nesse projeto uma incumbência divina, perceptível nesse “é necessário” [NVI] bíblico (cf. At 23.11).

Na primeira carta aos coríntios, escrita em Éfeso, Paulo também fala a respeito desse seu plano, de chegar à Acaia (Corinto) através da Macedônia (1Co 16.5-9). Depois o plano sofreu alterações (2Co 1.15). Paulo permanece flexível. De fato Paulo, depois de entretimentos ter estado na igreja em Corinto sem solucionar definitivamente as dificuldades, chegou a Corinto via Macedônia, e novamente se dirigiu pela Macedônia até Jerusalém (2Co 2.12s; At 20.1ss). Nesse ínterim, Tito, que surpreendentemente não é mencionado em lugar algum de At, conseguiu solucionar em boa parte a situação complicada em Corinto (2Co 2.12s; 7.6; 8.16ss), no que Timóteo (1Co 16.10), enviado antes, não obtivera sucesso. Ademais, cumpre lembrar que os dolorosos acontecimentos em Corinto chegaram ao conhecimento de Paulo em Éfeso pelas pessoas da casa de Cloe (1Co 1.11s). A luta por essa igreja amada se desenrolou em Éfeso e a partir de Éfeso! Que fardo pesado Paulo suportou por causa dela durante o grande e desgastante trabalho em Éfeso! Lucas não diz palavra alguma a esse respeito. Novamente notamos quantas coisas importantes não constam em At e como todo o nosso conhecimento da história do primeiro cristianismo permanece fragmentário.

- 22** Igualmente Lucas não nos relata toda a coleta para Jerusalém, tão importante para Paulo, e sobre a qual Lucas está muito bem informado, como mostra em At 24.17. Até mesmo quando Timóteo e Erasto são enviados na frente, ele não a menciona. Quando os dois estão sendo descritos como pessoas que “lhe serviam” [tradução do autor], naturalmente não se deve pensar num serviço pessoal para Paulo. Pelo contrário, é preciso que se entenda a expressão assim como Paulo a formula a respeito de Timóteo em Fp 2.22 com preciosa delicadeza, de que “serviu ao evangelho, junto comigo, como filho ao pai”. Em 1Co 3.5 Paulo designa a si próprio e a Apolo como “servos por meio de quem crestes”. Timóteo e Erasto, portanto, estiveram em Éfeso como colaboradores de Paulo. Na passagem seguinte também Gaio e Aristarco são citados como tais auxiliares de Paulo. Não devemos imaginar Paulo como “eminência solitária”, mas inserido num grande grupo de colaboradores. A lista de saudações em Rm 16 nos fornece um quadro impressionante desse fato. Já falamos acima sobre Timóteo (cf. p. ... [287s]). Difícilmente Erasto será a mesma pessoa de Corinto que saúda em Rm 16.23 e é chamada de “tesoureiro da cidade (de Corinto)”. Um homem dessa posição não podia ficar afastado durante meses ou anos de Corinto e de seu trabalho como colaborador do apóstolo. Do mesmo modo a informação em 2Tm 4.20, de que Erasto “ficou” em Corinto, não deve se referir ao tesoureiro ali residente, mas ao mesmo (mais jovem) “auxiliar” de Paulo, também citado na presente passagem.

Paulo projetou seu plano mediante orientação do Espírito, fazendo os preparativos para a viagem. Agora, porém, ele não se apressa. Ele, uma pessoa enérgica, incansavelmente ativa, é capaz de esperar e deter-se ainda “algum tempo na Ásia”. Não determina autonomamente a data definitiva da partida. Em breve se evidencia o sentido dessa delonga. De acordo com o juízo humano Paulo

permaneceu “tempo demais”. Seu Senhor lhe reservara uma experiência de que não devia se esquivar.

6 – TUMULTO CONTRA O EVANGELHO EM ÉFESO - Atos 19.23-40

23 – Por esse tempo, houve grande alvoroço acerca do Caminho.

24 – Pois um ourives, chamado Demétrio, que fazia, de prata, nichos de Diana e que dava muito lucro aos artífices,

25 – convocando-os juntamente com outros da mesma profissão, disse-lhes: Senhores, sabeis que deste ofício vem a nossa prosperidade

26 – e estais vendo e ouvindo que não só em Éfeso, mas em quase toda a Ásia, este Paulo tem persuadido e desencaminhado muita gente, afirmando não serem de Deus os que são feitos por mãos humanas.

27 – Não somente há o perigo de a nossa profissão cair em descrédito, como também o de o próprio templo da grande deusa, Diana, ser estimado em nada, e ser mesmo destruída a majestade daquela que toda a Ásia e o mundo adoram.

28 – Ouvindo isto, encheram-se de furor e clamavam: Grande é a Diana dos efésios!

29 – Foi a cidade tomada de confusão, e todos, à uma, arremeteram para o teatro, arrebatando os macedônios Gaio e Aristarco, companheiros de Paulo.

30 – Querendo este apresentar-se ao povo, não lhe permitiram os discípulos.

31 – Também asiarcas, que eram amigos de Paulo, mandaram rogar-lhe que não se arriscasse indo ao teatro.

32 – Uns, pois, gritavam de uma forma; outros, de outra; porque a assembléia caíra em confusão. E, na sua maior parte, nem sabiam por que motivo estavam reunidos.

33 – Então, tiraram Alexandre dentre a multidão, impelindo-o os judeus para a frente. Este, acenando com a mão, queria falar ao povo.

34 – Quando, porém, reconheceram que ele era judeu, todos, a uma voz, gritaram por espaço de quase duas horas: Grande é a Diana dos efésios!

35 – O escrivão da cidade, tendo apaziguado o povo, disse: Senhores, efésios: quem, porventura, não sabe que a cidade de Éfeso é a guardiã do templo da grande Diana e da imagem que caiu de Júpiter?

36 – Ora, não podendo isto ser contraditado, convém que vos mantenhais calmos e nada façais precipitadamente;

37 – porque estes homens que aqui trouxestes não são sacrílegos, nem blasfemam contra a nossa deusa.

38 – Portanto, se Demétrio e os artífices que o acompanham têm alguma queixa contra alguém, há audiências e procônsules; que se acusem uns aos outros.

39 – Mas, se alguma outra coisa pleiteais, será decidida em assembléia regular.

40 – Porque também corremos perigo de que, por hoje, sejamos acusados de sedição, não havendo motivo algum que possamos alegar para justificar este ajuntamento

23 Após a partida dos dois emissários o próprio Paulo “permaneceu algum tempo na Ásia”. Também em Éfeso teve de passar por uma tempestade, que lhe mostrou (e mostra a nós) que a igreja de Jesus continua ameaçada pelos poderes do mundo e por Satanás, que está por trás deles. Isso vale mesmo quando “a palavra cresce pela força do Senhor, demonstrando o poder dele”. “Foi nessa época que se deram perturbações bastante graves a respeito do Caminho” [TEB]. Como em Filipos, os distúrbios surgiram no ponto que o próprio Jesus já designara muito seriamente de um dos mais perigosos para nosso relacionamento com Deus: as “riquezas”, o dinheiro. Em Éfeso havia o templo, mundialmente famoso, de “Ártemis”, o “*Artemision*”. O primeiro templo queimara na noite em que nasceu Alexandre Magno. Depois disso, ele fora reconstruído maior e mais suntuoso. Com suas 128 colunas de 19 m de altura e seus ricos ornatos artísticos, é considerado como uma das sete maravilhas mundiais da Antigüidade. Num nicho encontrava-se a imagem da deusa supostamente caída do céu, de madeira negra.

24 Quem vinha a Éfeso – o tráfego marítimo e a grande via comercial para o leste traziam muitas pessoas para a ativa cidade – gostava de levar consigo, como “lembrança” de viagem, uma pequena réplica do templo. Foram encontradas réplicas dessas de terracota. Lucas informa que também eram

confeccionadas, em grande número, de prata. Um grande setor da indústria local vivia desse comércio de lembranças, sob a direção de Demétrio. A repercussão da proclamação de Paulo é tão forte que se pode percebê-la nos negócios, e esse é um ponto muito sensível nas pessoas.

- 25** Demétrio convoca uma reunião da corporação, dirigindo-se a seus colegas ourives. Entre eles a questão dos “negócios” e do dinheiro pode ser destacada abertamente. Contudo, Demétrio sabe, assim como os donos da escrava adivinhadora em Filipos, que a luta em público exige motes diferentes. Na colônia romana o sentimento nacionalista romano fora projetado, agitando os corações genuinamente romanos. Aqui Demétrio habilmente transfere a questão monetária para o sentimento religioso e para o patriotismo local dos efésios.
- 26-27** Apresenta apenas o lado negativo da proclamação de Paulo, a inevitável rejeição de “deuses que são feitas por mãos humanas”, bem como a visível diminuição do paganismo até nos rincões da província. Na seqüência ele mostra a seus colegas que “não somente há o perigo de a nossa profissão cair em descrédito, como também o de o próprio templo da grande deusa, Diana, ser estimado em nada, e ser mesmo destruída a majestade daquela que toda a Ásia e o mundo adoram”. Obviamente Demétrio não falou apenas essas três frases. Novamente Lucas nos fornece somente uma indicação sucinta do conteúdo. Os orientais, facilmente instigáveis, vêem diante de si, como Éfeso perde sua “maravilha mundial”, como é privada de sua grande deusa, e sobretudo como eles próprios são lesados em seus polpudos lucros.
- 28-29** “Encheram-se de furor”, e na seqüência repercute na reunião da categoria o grito que deve ter sido ouvido com muita freqüência nas turbulentas procissões pela grande avenida do templo até o porto: “Grande é a Ártemis de Éfeso!” [TEB]. A agitada turba de artesãos espalha sua indignação contra Paulo por toda a cidade. “A agitação alastrou-se por toda a cidade, e precipitaram-se em massa para o teatro, apoderando-se, de passagem, dos macedônios Gaio e Aristarco, companheiros de viagem de Paulo” [TEB]. O teatro daquele tempo e contexto não era um edifício fechado, como conhecemos no clima nórdico europeu, mas uma espécie de “estádio”, com fileiras ascendentes de bancos, que em Éfeso comportava quase 26.000 pessoas. Ou seja, era o local ideal para uma grande assembléia popular. As ruínas remanescentes ainda hoje nos transmitem uma impressão da magnitude dessa construção. Paulo não foi encontrado pela multidão. Contudo seus companheiros de viagem Gaio e Aristarco foram arrastados por ela. Com certeza não os trataram com excessiva delicadeza.
- 30-31** O próprio Paulo pretendia dirigir-se à assembléia no teatro. Provavelmente não refletiu se seria ou não capaz de atingir e demover as pessoas por meio de sua palavra. Era suficientemente conhecedor de pessoas para não ter ilusões sobre a capacidade de ouvir de uma massa enfurecida. Para ele simplesmente deve ter sido insuportável permanecer escondido em segurança enquanto seus companheiros estavam expostos ao perigo extremo. Paulo, afinal, era um ser humano e, ainda mais, um cristão! Contudo, os membros da igreja não o soltam. Com razão visam evitar o sacrifício inútil. Talvez teriam obtido tão pouco sucesso como em At 21.12-14, se “alguns asiarcas, que simpatizavam com ele,” não “o avisassem, exortando-o a não se arriscar a ir ao teatro” [tradução do autor]. Ainda que esses “asiarcas” tivessem sobretudo a incumbência de favorecer o culto ao imperador em exercício e à deusa Roma, mantendo assim a coesão político-religiosa do Império, alguns deles podiam simpatizar pessoalmente com Paulo e, de qualquer forma, não desejar seu linchamento por uma turba agitada. Com razão também podiam temer que, se ele aparecesse no teatro, a massa perderia todo o autocontrole.
- 32** Lucas descreve a multidão aglutinada no grande teatro de forma precisa: “Uns, pois, gritavam de uma forma; outros, de outra; porque a assembléia caíra em confusão. E, na sua maior parte, nem sabiam por que motivo estavam reunidos.” Ao que parece, Demétrio não tem mais coragem de manifestar-se. Uma vez que mais tarde ele e seu pleito são conhecidos pelo “secretário” da cidade, Lucas, seguindo seu estilo condensado, deixa o próprio leitor chegar à conclusão de que Demétrio havia sido intimado pelo escrivão da cidade por ser o instigador de toda a agitação, tendo de ouvir dele o que em seguida também é dito em público. Demétrio não gostaria de ser submetido a uma acusação de sedição, motivo pelo qual desaparece de cena.
- 33** Em seu lugar, porém, outros passam a se movimentar: os judeus. Também em Éfeso eles são adversários ferrenhos de Paulo e da jovem igreja cristã. Eles “empurraram Alexandre para frente”. Com que intenção o fizeram? Quem era Alexandre? Será que era judeu, devendo agora “defender” o

grupo de judeus, e direcionar o furor do povo contra os “cristãos”? Ou então era ele um líder judeu cristão? Será que os judeus, ao “empurrá-lo para frente”, visam provocar a turba agitada a investir contra os cristãos? Não o sabemos, ainda mais que a primeira parte da frase possui vários sentidos. Inicialmente, o termo que consta nesse texto teria o sentido de: “Alguns da multidão instruíram a Alexandre”, ou: “esclareceram a Alexandre”. Porém, dá para imaginar pessoas nessa situação e nessa massa de gente tendo tempo e interesse para “esclarecer” tranquilamente uma pessoa isolada, trazida à frente pelos judeus? Por isso os manuscritos “ocidentais”, pela alteração do prefixo, oferecem um termo que significa “empurrar para o primeiro plano”. Pode-se imaginar melhor que uma massa popular perplexa tome um homem, que chama sua atenção por ser empurrado para frente, e o leve até o pódio, esperando dele uma palavra?

- 34** Porém Alexandre nem sequer consegue falar, de modo que assim também somos impedidos de descobrir em que sentido ele “queria falar ao povo”, dando uma explicação. Basta notarem no teatro superlotado “que ele era judeu”, e sentem novamente a ameaça à deusa de Éfeso da parte dessas pessoas repugnantes que desprezam os “gentios” e suas “imagens”. Por isso, ergue-se das fileiras de bancos um único grito: “Grande é a Ártemis dos efésios!” E durante duas horas as palavras de ordem e os gritos da massa na grande assembléia são ouvidas repetidamente: “Grande é a Ártemis dos efésios!”
- 35** Na assembléia está também o “secretário” da cidade. A tradução de Lutero com “chanceler” é bem precisa. Para nós, um “escrivão da cidade” (a tradução literal) seria um personagem bastante insignificante. Na Antigüidade, porém, “escrever” representava uma arte nobre e misteriosa e por isso o título “escrivão” designava os magistrados mais elevados dentre os governantes. O “escrivão da cidade” de Éfeso era um dos homens influentes da administração da cidade, presidia as assembléias legais do povo e supervisionava o patrimônio do templo do santuário mundialmente famoso. Esse homem sábio e hábil em conduzir assembléias esperou até que chegasse sua hora. Depois que as pessoas ficaram sentadas, realmente por nada, sobre bancos duros e se cansaram de gritar, a multidão agitada aos poucos se acalma e até se torna grata quando alguém praticamente a livra dessa situação sem sentido.
- 35-39** Assim, “o secretário da cidade apaziguou o povo” e na seqüência constata com muita habilidade três coisas: ninguém precisa se preocupar com a fama mundial de Éfeso de ser “a guardiã do templo da grande Ártemis e de sua imagem que caiu do céu” [tradução do autor], uma fama “incontestável”. Não existe acusação decorrente de um delito religioso contra os dois homens arrastados pela massa. Queixas particulares, porém, são competência das audiências e dos procônsules. Se a multidão pretende uma ação de maior alcance, é preciso que seja deliberada e decidida numa assembléia ordinária.
- 40** Afinal, uma ação assim – e com esse argumento o chanceler joga seu verdadeiro trunfo – agora poderia render uma acusação de sedição por parte da cidade junto ao Imperador. O Estado romano dava grande importância à tranquilidade e ordem na província. Justamente as cidades da Ásia, porém, competiam entre si pelo favor do Imperador, que poderia conceder-lhes privilégios e vantagens de ordem política e financeira. Disso estavam conscientes também os cidadãos de Éfeso. O que aconteceria se Éfeso viesse a ser alvo da malevolência? Conseqüentemente, o magistrado consegue dissolver a assembléia sem que aconteça algo com Gaio e Alexandre ou mesmo com Paulo, sem que qualquer decisão seja tomada.

O próprio Paulo escreveu em 1Co 15.32: “De que me teria servido combater contra as feras em Éfeso se eu me ativesse a propósitos humanos?” [TEB]. Alguns exegetas pensam que isso deve ser interpretado de modo literal. Nesse caso Paulo, apesar de tudo, ainda teria chegado ao teatro de Éfeso, para ali lutar pela vida, como um condenado. Contudo, esse acontecimento não se enquadraria na descrição que Lucas nos fornece sobre o trabalho de Paulo em Éfeso. Será que, depois desse desfecho do tumulto causado por Demétrio ainda se levantou um processo contra Paulo, entregando-o às feras? Acima de tudo, porém, Paulo não teria omitido um sofrimento assim em sua relação de 2Co 11.23-33! Conseqüentemente, a expressão deve ter sentido figurado. É claro que, também nesse caso, ele nos mostra que a situação foi muito mais séria para Paulo – precisamente por causa dessa assembléia tempestuosa – do que o relato comedido de Lucas, que evita qualquer glorificação humana, permite reconhecer à primeira vista. Paulo deve ter ouvido a multidão uivante que procurava por ele. E diante dos olhos da multidão incitada no teatro estava a arena, na qual ela muito

freqüentemente havia visto homens se esvaindo em sangue sob as patas e mandíbulas das feras. Sem dúvida, somente uma ordem do procônsul podia abrir as jaulas. Mas quando toda uma assembléia popular o exigia tempestuosamente, e tinha em seu poder a pessoa que desafiava sua grande Ártemis, um procônsul podia facilmente achar por bem sacrificar um judeu estrangeiro à vontade do povo.

Apesar disso não seria correto relacionar as afirmações de Paulo sobre “as tribulações na Ásia” (2Co 1.8s) com os acontecimentos narrados por Lucas. Pelo contrário, ali Paulo deve ter-se encontrado em perigo de vida direto, humanamente sem saída. Mas ele não cita, como em 1Co 15.32, a cidade Éfeso, e sim fala da “Ásia”. Não conseguimos depreender de suas alusões em que local e de que modo esse singular perigo de vida se abateu sobre ele. Novamente notamos quantos fatos importantes da vida de Paulo desconhecemos, os quais com certeza teriam preenchido um capítulo inteiro numa moderna biografia a seu respeito. Lucas não informa nada que dizia respeito apenas pessoalmente aos homens do primeiro cristianismo. Seu olhar enfocava a formação do cristianismo em dimensões mundiais, e essa formação é exposta em frases sucintas e sintéticas, bem como em algumas ilustrações vivamente narradas.

O FINAL DA TERCEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA E O COMEÇO DA VIAGEM A JERUSALÉM - Atos 20.1-12

- 1 – Cessado o tumulto, Paulo mandou chamar os discípulos, e, tendo-os confortado, despediu-se, e partiu para a Macedônia.**
 - 2 – Havendo atravessado aquelas terras, fortalecendo os discípulos com muitas exortações, dirigiu-se para a Grécia,**
 - 3 – onde se demorou três meses. Tendo havido uma conspiração por parte dos judeus contra ele, quando estava para embarcar rumo à Síria, determinou voltar pela Macedônia.**
 - 4 – Acompanharam-no (até à Ásia) Sópatro, de Beréia, filho de Pirro, Aristarco e Secundo, de Tessalônica, Gaio, de Derbe, e Timóteo, bem como Tíquico e Trófimo, da Ásia.**
 - 5 – Estes nos precederam, esperando-nos em Trôade.**
 - 6 – Depois dos dias dos pães asmos, navegamos de Filipos e, em cinco dias, fomos ter com eles naquele porto, onde passamos uma semana.**
 - 7 – No primeiro dia da semana, estando nós reunidos com o fim de partir o pão, Paulo, que devia seguir viagem no dia imediato, exortava-os e prolongou o discurso até à meia-noite.**
 - 8 – Havia muitas lâmpadas no cenáculo onde estávamos reunidos.**
 - 9 – Um jovem, chamado Êutico, que estava sentado numa janela, adormecendo profundamente durante o prolongado discurso de Paulo, vencido pelo sono, caiu do terceiro andar abaixo e foi levantado morto.**
 - 10 – Descendo, porém, Paulo inclinou-se sobre ele e, abraçando-o, disse: Não vos perturbeis, que a vida nele está.**
 - 11 – Subindo de novo, partiu o pão, e comeu, e ainda lhes falou largamente até ao romper da alva. E, assim, partiu.**
 - 12 – Então, conduziram vivo o rapaz e sentiram-se grandemente confortados.**
- 1** Paulo ainda teve de suportar a turbulência em Éfeso. Essa turbulência era um sinal significativo e grave pelo fato de que desta vez não partia dos judeus. Portanto, também os gentios eram capazes de se levantar com ímpeto contra a igreja de Jesus e seus mensageiros, quando viam ameaçado seu interesse vital, que, na perspectiva da religião gentia, abrange tenazmente o importante dinheiro e a fama, igualmente importante, de toda uma cidade com seu templo. Contudo não foi a turbulência como tal que afastou Paulo de Éfeso. “Cessado o tumulto, Paulo mandou chamar os discípulos, e, tendo-os confortado, despediu-se, e partiu.” Aconteceu uma despedida planejada (At 19.21) da congregação reunida. A palavra “*parakalein*” = “exortar” é difícil de traduzir para nosso idioma. A simples lembrança de que o termo “*paracleto*” [Almeida: Consolador] para o Espírito Santo é derivada do termo “*parakalein*” nos mostra que Paulo não compareceu apenas com “exortações” perante os discípulos. A expressão simplesmente se refere a todo o “sermão de despedida”, que deve ter abordado testemunho, incentivo, exortação e consolo, à semelhança de sua fala aos presbíteros em Mileto (cf. At 20.17-35). De fato é a sua despedida da igreja, porque no caminho de volta da Grécia, a caminho de Jerusalém, ele torna a ver apenas os presbíteros.

- 2 O destino inicial da viagem de Paulo é a Macedônia. “Viajou por aquela região, encorajando os irmãos com muitas palavras e, por fim, chegou à Grécia” [NVI]. Já conhecemos bem o estilo de Lucas, de sintetizar em poucas frases períodos trabalhosos e cheios de acontecimentos. De acordo com 1Co 16.5-8 Paulo deseja ficar em Éfeso até Pentecostes, chegar a Corinto via Macedônia, permanecendo ali no inverno e viajar na primavera, depois de iniciada a navegação, para Jerusalém. Por isso, chegou novamente em Corinto no outono do ano 55. Se ele de fato saiu de Éfeso logo após Pentecostes, ele tinha, até o outono, 4 meses para as igrejas de Filipos, Tessalônica, Beréia. Será que ele gastou todo esse tempo apenas na Macedônia? Será que se dirigiu de Éfeso diretamente para Filipos? Já conhecemos o “atravessar” como expressão de uma atividade de viagem evangelística. De 2Co 2.12s depreendemos que, no trajeto até a Macedônia, começou um trabalho promissor pelo menos em Trôade, prematuramente interrompido por causa de sua intensa preocupação pelos coríntios. Então chegou à Macedônia. Podemos imaginar como era o reencontro com suas igrejas. O próprio Paulo, porém, descreve o quadro de forma muito diferente: “Chegando nós à Macedônia, nenhum alívio tivemos; pelo contrário, em tudo fomos atribulados: lutas por fora, temores por dentro.” (2Co 7.5). O serviço às igrejas não é brincadeira de criança e não representa um prazer para a “carne”! É cheio de renúncias e decepções, é penoso e difícil, e nos proporciona uma participação séria nos “sofrimentos do Cristo” (2Co 1.5; Fp 3.10). Então a chegada de Tito finalmente trouxe o grande alívio nas preocupações por Corinto (2Co 7.6). Quantas coisas, porém, havia para organizar também nas igrejas da Macedônia, para ajudar, lutar, consertar, suportar! Como gostaríamos de possuir um quadro concreto dessas semanas da vida de Paulo! De qualquer forma, ele deixaria muitos de nós envergonhados por causa de nossa despreocupação e lerdeza espiritual. Lucas, porém, condensa tudo somente na breve expressão: “Fortalecendo os discípulos com muitas exortações...”

Chegou, pois, a “Hellas”. Somente aqui encontramos esse nome clássico antigo para a Grécia no NT. De resto emprega-se o nome da província romana “Acaia”. Como, porém, “chegou” até lá? Em sua carta aos romanos, redigida pouco depois em Corinto, ele escreve que “desde Jerusalém e circunvizinhanças até ao Ilírico, tem divulgado o evangelho do Cristo” (Rm 15.19). Porém só teria sido possível para ele chegar à “Ilíria” durante essa última viagem. Nesse caso andou da Macedônia para oeste, em direção da costa do Mar Adriático, percorrendo depois a costa oeste da Grécia e chegando a Corinto via Epiro. Nessa ocasião deve ter sido fundada a igreja de Nicópolis no golfo de Arta, que Paulo conhecia tão bem, a ponto de numa viagem posterior querer passar ali o inverno (Tt 3.12). Será talvez por isso que se usa o abrangente nome “Hellas”, já que “Acaia” se refere apenas à parte sul da península?

Seja como for, o ponto final da viagem é Corinto. Lucas estimou que “três meses” seria um período breve demais para permanência ali. Até mesmo se Paulo chegasse apenas no final do outono, decorreriam mais de três meses até a reabertura da navegação. Quantas coisas preencheram esses meses na igreja tão intensamente questionada! Além disso é preciso lembrar que foi nessa época que Paulo escreveu a carta aos romanos!

- 3 Somos testemunhas de como os planos de viagem do apóstolo mudam sem sua culpa. Deseja seguir de Corinto por navio até a Síria. Contudo “havia ameaça de um atentado contra ele por parte dos judeus, quando estava para embarcar rumo à Síria”. Será que o assassinato de Paulo deveria acontecer no tumulto do porto ou no navio? Não sabemos. Seja como for, depois que fracassara a acusação perante Gálio, os judeus apelam para o homicídio. Para o fanático, o fim sempre justifica todos os meios. O plano de assassinato chegou ao conhecimento de Paulo. Por isso “resolveu passar de novo pela Macedônia” [TEB]. De Corinto Paulo traz consigo o fruto da grande coleta para Jerusalém. O plano do “atentado dos judeus” também pode ter tido como alvo esse dinheiro.
- 4 Por causa dessa coleta Paulo viajou desta vez com um grupo especialmente grande de acompanhantes. De acordo com 2Co 8.16-24, inicialmente Tito, além de dois irmãos não nominados, estava previsto “para ser nosso companheiro no desempenho desta graça ministrada por nós”. No entanto, desse plano original deve ter surgido a resolução de permitir que fosse acompanhado por uma pessoa de cada comunidade que participara da coleta. Não apenas para “procedermos honestamente, não só perante o Senhor, como também diante dos homens” (2Co 8.21), mas também como testemunhas da vitalidade do cristianismo de origem gentia perante os irmãos de Jerusalém. Por isso Lucas menciona sete homens: “Sópato, filho de Pirro, da Beréia, Aristarco e Secundo, de Tessalônica, Gaio, de Derbe, e Timóteo, bem como Tíquico e Trófimo, da Ásia.” Em Filipos Lucas volta a acompanhá-lo, como se pode reconhecer pelo reaparecimento do da terceira pessoa do plural

nos v. 5s. Não sabemos por que não se cita nenhum representante de Corinto. Diante da menção expressa da “Acaia” em Rm 15.26 é impossível concluir que a coleta não tenha sido feita em Corinto, apesar de todas as advertências em 1Co 16.1-4 e 2Co 8.9, motivo pelo qual não haveria necessidade de representantes coríntios.

- 5 Não há como verificar se todo o grupo de acompanhantes ou apenas os dois citados por último, Tíquico e Trófimo, “nos precederam, esperando-nos em Trôade”. Seja como for, Lucas está tão integrado ao grupo mais próximo de Paulo que não é enviado na frente com os outros, mas permanece do lado de Paulo.
- 6 Na sequência o relato volta a ser muito preciso: “Depois dos dias dos pães asmos, navegamos de Filipos e, em cinco dias, fomos ter com eles naquele porto, onde passamos uma semana.” “Depois dos dias dos pães asmos” deve ser mera indicação cronológica. Dificilmente Paulo teria celebrado o *passá* judaico na igreja essencialmente gentia cristã de Filipos. Desta feita a travessia durou cinco dias (cf., no entanto, acima, p. ... [293]). Em Trôade Paulo solicita a seus companheiros que permaneçam uma semana. Ali ele reunira uma igreja por ocasião da viagem de Éfeso para a Macedônia (2Co 2.12s). E agora obtemos uma visão viva do culto de despedida.
- 7-12 Ele é realizado “no primeiro dia da semana”, ou seja, no domingo. Ao lado da observação de 1Co 16.2 encontramos aqui pela primeira vez um indício de que nas igrejas gentias cristãs o primeiro dia da semana era celebrado de modo especial, por ser o dia da ressurreição do Senhor Jesus. A igreja se congrega “com o fim de partir o pão”. A refeição comunitária com a celebração da ceia do Senhor está no centro. Mas “Paulo está falando a eles (ou: com eles)”. É provável que principalmente o próprio Paulo tenha discursado, uma vez que tinha muito a dizer. Considerando ser a última ocasião antes de sua separação, que Paulo começa a ver cada vez mais como definitiva (cf. v. 38), “prolongou a palavra até à meia-noite”. Sim, após a celebração noturna da ceia Paulo continuou falando à congregação até o romper da manhã (v. 11). A verdade de Deus com suas muitas e preciosas correlações é tão importante para ele que não apenas renuncia pessoalmente ao sono antes de partir para a viagem, mas também espera dos membros da igreja que sacrifiquem as horas noturnas. Notamos como é séria sua exortação, em Cl 4.2, de “vigiar”, em vista da oração.

No entanto, para nosso consolo também constatamos: até mesmo quando Paulo falava era possível adormecer! Isso não é visto de forma alguma em termos “morais”, mas é anotado como um fato natural. Um jovem que trabalhou o dia todo simplesmente adormece quando um discurso se prolonga até perto da meia-noite. As pessoas estão reunidas no tranquilo “cenáculo” de um andar superior, como o primeiro grupo de discípulos em Jerusalém (At 1.13). Nessa casa, evidentemente grande, ele fica no 3º andar. “Muitas lâmpadas” estão acesas. O “jovem” está sentado sobre o parapeito da janela aberta. “Vencido pelo sono, caiu do terceiro andar abaixo e foi levantado morto.” Que interrupção dolorosa ameaçava esse último encontro. Agora, porém, Paulo pode realizar o que no passado Elias e Eliseu fizeram. Precisamente na comparação com esses relatos do AT, porém, chama atenção como tudo transcorre de modo contido e simples aqui no caso de Paulo. Não se faz nenhum alarde do milagre do reavivamento, Paulo não é glorificado. Paulo age com plena determinação e, não obstante, sem nervosismo. Tranqüilamente compenetrado, ele retorna à congregação e se dedica a ela como se nada tivesse acontecido. A única coisa importante é apenas que não surja nenhuma perturbação, mas que a ceia e a pregação prossigam com todo o seu significado. Somente no final ainda se diz algo a respeito da alegria pelo milagre. Talvez o Códice D tenha acertado o sentido do texto quando o amplia, escrevendo: “Quando, porém, estavam se despedindo, (Paulo) conduziu vivo o rapaz e sentiram-se grandemente confortados.” Nessa situação esse “consolo” não se dirige aos familiares do jovem, que já sabem há horas que não lhe aconteceu nada, mas à igreja toda nessa hora de despedida. O milagre experimentado, o jovem ileso em seu meio, é para eles um “sinal” consolador do poder e da graça do Senhor, que preserva em sua mão seu amado apóstolo, a eles e sua vida eclesial, que agora passa integralmente à responsabilidade deles mesmos.

EM VIAGEM PARA JERUSALÉM

1 - O ITINERÁRIO - Atos 20.13-16

- 13 – Nós, porém, prosseguindo, embarcamos e navegamos para Assôs, onde devíamos receber Paulo, porque assim nos fora determinado, devendo ele ir por terra.**
- 14 – Quando se reuniu conosco em Assôs, recebemo-lo a bordo e fomos a Mitilene;**
- 15 – dali, navegando, no dia seguinte, passamos defronte de Quios, no dia imediato, tocamos em Samos e, um dia depois, chegamos a Mileto.**
- 16 – Porque Paulo já havia determinado não aportar em Éfeso, não querendo demorar-se na Ásia, porquanto se apressava com o intuito de passar o dia de Pentecostes em Jerusalém, caso lhe fosse possível.**
- 13** Recorrendo ao mapa, observamos o itinerário que, ao contrário das demais vezes em Atos, é informado com tanta precisão. Aqui Lucas incorporou à sua obra um breve trecho de seu diário de viagem. Paulo “determinou” que seus companheiros fossem de navio à frente dele para Assôs, 25 km ao sul de Trôade, recebendo-o no navio somente ali. Ele mesmo percorre o trajeto por terra. Lucas não informa a razão dessa determinação. Contudo, não estaremos equivocados se presumirmos que desse modo Paulo queria obter um dia de sossego ininterrupto, sem no entanto perder tempo para sua viagem. Quantas coisas havia para refletir e orar: todo o enorme campo de trabalho, no qual havia “terminado” sua atividade (Rm 15.23), e “Jerusalém”, “Roma” e “Espanha”, descortinando-se diante dele de modo ameaçador e convocador (Rm 15.22-32).
- 14-15** Na seqüência a viagem passa pelas ilhas da costa da Ásia Menor, por Mitilene e Quios, até os contrafortes de Trogiliom, que também são especialmente mencionados nos manuscritos ocidentais. Aqui Paulo tinha de decidir se desembarcaria e iria até Éfeso, ou se seguiria viagem no mesmo navio.
- 16** Mas “Paulo estava, com efeito, resolvido a evitar a escala em Éfeso, para não perder tempo na Ásia. Ele só tinha uma urgência: estar em Jerusalém, se possível, para o dia de Pentecostes” [TEB]. Novamente não é mencionado o motivo principal de toda a viagem, a entrega da grande coleta para a igreja de Jerusalém, que tinha necessidades financeiras. Porém Paulo deseja estar em Jerusalém no próximo grande dia festivo, o Pentecostes, porque então poderá encontrar um número especialmente grande de membros da igreja, até mesmo das redondezas de Jerusalém. Talvez lhe pareça mais discreto visitar a cidade hostil em meio ao alvoreço da festa. Dependemos desse tipo de conjeturas, uma vez que Lucas não fornece motivos para esse insistente desejo de Paulo. Na verdade, justamente Éfeso teria demandado uma permanência mais demorada, por causa de sua importante igreja e de seus contatos com o interior da Ásia. Portanto a viagem prossegue até Mileto.

2 – A DESPEDIDA DOS PRESBÍTEROS EM MILETO - Atos 20.17-38

- 17 – De Mileto, mandou a Éfeso chamar os presbíteros da igreja.**
- 18 – E, quando se encontraram com ele, disse-lhes: Vós bem sabeis como foi que me conduzi entre vós em todo o tempo, desde o primeiro dia em que entrei na Ásia,**
- 19 – servindo ao Senhor com toda a humildade, lágrimas e provações que, pelas ciladas dos judeus, me sobrevieram,**
- 20 – jamais deixando de vos anunciar coisa alguma proveitosa e de vo-la ensinar publicamente e também de casa em casa,**
- 21 – testificando tanto a judeus como a gregos o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus (Cristo).**
- 22 – E, agora, constrangido em meu espírito, vou para Jerusalém, não sabendo o que ali me acontecerá,**
- 23 – senão que o Espírito Santo, de cidade em cidade, me assegura que me esperam cadeias e tribulações.**
- 24 – Porém em nada considero a vida preciosa para mim mesmo, contanto que complete a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus para testemunhar o evangelho da graça de Deus.**
- 25 – Agora, eu sei que todos vós, em cujo meio passei pregando o reino, não vereis mais o meu rosto.**
- 26 – Portanto, eu vos protesto, no dia de hoje, que estou limpo do sangue de todos;**
- 27 – porque jamais deixei de vos anunciar todo o desígnio de Deus.**

- 28 – Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos [supervisores], para pastoreardes a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue (ou: pelo sangue de seu próprio [Filho]).
- 29 – Eu sei que, depois da minha partida, entre vós penetrarão lobos vorazes, que não pouparão o rebanho.
- 30 – E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles.
- 31 – Portanto, vigiai, lembrando-vos de que, por três anos, noite e dia, não cessei de admoestar, com lágrimas, a cada um.
- 32 – Agora, pois, encomendo-vos ao Senhor e à palavra da sua graça, que tem poder para vos edificar e dar herança entre todos os que são santificados.
- 33 – De ninguém cobicei prata, nem ouro, nem vestes;
- 34 – vós mesmos sabeis que estas mãos serviram para o que me era necessário a mim e aos que estavam comigo.
- 35 – Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é mister socorrer os necessitados e recordar as palavras do próprio Senhor Jesus: Mais bem-aventurado é dar que receber.
- 36 – Tendo dito estas coisas, ajoelhando-se, orou com todos eles.
- 37 – Então, houve grande pranto entre todos, e, abraçando afetuosamente a Paulo, o beijavam,
- 38 – entristecidos especialmente pela palavra que ele dissera: que não mais veriam o seu rosto. E acompanharam-no até ao navio.

- 17 Naquele tempo Mileto, cerca de 60 km a sul de Éfeso, era uma cidade importante por causa de seus quatro portos. Provavelmente Paulo teve ali uma parada mais longa – talvez para trocar de navio. Até que seus emissários chegassem a Éfeso e novamente voltassem a Mileto com os presbíteros transcorreriam dois a três dias, mesmo sob condições favoráveis de navegação. Ainda assim, isso consumiu menos tempo para Paulo do que se retornasse outra vez pessoalmente a Éfeso. Assim sendo, “mandou a Éfeso chamar os presbíteros da igreja”. Nada nos foi dito de que haviam sido instituídos. Lucas pressupõe que após At 14.23 obviamente partiríamos do princípio de que Paulo providenciava “anciãos” para todas as igrejas fundadas por ele, de acordo com o modelo judaico, entregando às mãos deles a direção e administração da igreja. Para Paulo está claro que as igrejas precisavam de uma ordem firme, ainda que numericamente não fossem muito grandes. Não é de surpreender que, ao estabelecê-la, seguisse o comprovado exemplo das congregações judaicas. O fato de simultaneamente chamar esses presbíteros de “supervisores” (em grego “*epískopos*”, donde se formou nossa palavra “bispo”) nos lembra que também no mundo grego havia essas funções necessárias em associações e comunidades, seculares ou religiosas, os “supervisores” = “*epískopoi*”. O número desses presbíteros em Éfeso não é informado. Naquela época tais detalhes da ordem eclesiástica nem sequer tinham importância. Por isso o discurso de Paulo aos presbíteros também é uma palavra puramente espiritual e não entra de forma alguma nas “questões da estrutura”.
- 18 Agora Lucas nos brinda com um exemplo – o único em sua obra – de Paulo falando diante de cristãos. Por isso não surpreende que esse discurso contenha muitas semelhanças às cartas dele. “Vós bem sabeis como foi que me conduzi entre vós em todo o tempo, desde o primeiro dia em que entrei na Ásia.” Paulo não começa com princípios, regras ou instruções, mas com seu próprio exemplo. Foi assim que também escreveu aos filipenses: “Irmãos, sede imitadores meus e observai os que andam segundo o modelo que tendes em nós” (Fp 3.17). Isso faz parte da essência do evangelho, em contraposição a toda a “lei”: Da realidade concreta pode-se depreender como se conduz uma vida cristã. Não é o rígido cumprimento de prescrições, mas a “imitação” viva de uma vida atraente (cf. também 1Co 11.1; Ef 5.1s) que nos leva à configuração correta de nossa própria vida. Por conseguinte, também agora na despedida Paulo não entrega aos presbíteros uma “ética cristã”, mas lhes lega seu exemplo.
- 19 Nesse legado aparece em primeiro lugar um único traço fundamental: “servindo ao Senhor”, um “escravo do Cristo Jesus”, como ele afirma diante dos filipenses (Fp 1.1), mas também dos gálatas (Gl 1.10). Ter encontrado um “Senhor”, poder viver a vida integralmente como “serviço” a esse Senhor, é isso que caracteriza a nova existência do cristão propriamente dito, bem como do “ministro” em particular. Paulo ressaltava três aspectos desse “serviço”: “humildade, lágrimas e provações”. Qualquer “função” na igreja de Jesus estará deturpada se não for integral e resolutamente “serviço”. Afinal, a “humildade” é “coragem de servir”. Qualquer leitor atento das cartas de Paulo

poderá constatar pessoalmente com que direito ele podia remeter à sua “humildade”. Ademais, o serviço na igreja não é viável sem dores ardentes. Em absoluto representa sempre “alegria”, mas requer “lágrimas”. Também disso ele fala em suas cartas, em 2Co 2.4; Fp 3.18. E o serviço conduz para a luta e “provações”, não porque exercemos o serviço com erros e mau desempenho, mas precisamente quando o realizamos com sinceridade e amor. Paulo o descreveu pessoalmente em 2Co 6.4-10; 11.23-29; 1Ts 2.2,15. Contudo nessas “provações” nos tornamos pessoas firmes e aprovadas. Paulo não diz com queixas e lamentos, mas com plena aprovação aquilo que preencheu seus anos em Éfeso. Considerou-o como “exemplar”.

- 20** Tribulações e dificuldades não o levaram a “omitir nada do que vos seja salutar, de vos anunciar e ensiná-lo” [tradução do autor]. Paulo praticou as duas modalidades de serviço que constantemente se tornam necessárias: “anunciar” a mensagem e “ensinar” em todas as questões que surgem da mensagem para a fé e a vida de cada pessoa e da comunhão. Com zelo intenso ele aproveitou cada oportunidade para agir “publicamente e também nas casas”[tradução do autor].
- 21** Dirigiu-se “tanto a judeus como a gregos”. Atualmente poderíamos dizer: pessoas ligadas à igreja e afastadas, pessoas religiosas e secularizadas. Conteúdo e alvo de sua proclamação eram simples, ainda que poderosos. Estava em jogo nada mais e nada menos que “o arrependimento para Deus e a fé em nosso Senhor Jesus”. Novamente não havia uma instrução detalhada “sobre” Deus, mas a ação pessoal decisiva de voltar-se para Deus, “deixando os ídolos” (1Ts 1.9), libertos do “império das trevas” (Cl 1.13), de volta ao único e legítimo Senhor e Criador. E o principal novamente não é o conhecimento teológico correto de Jesus, mas a “fé” em Jesus como o “Senhor”, a entrega confiante e obediente da vida a ele. Paulo também esperou esse “arrependimento para Deus” incondicionalmente dos “judeus” (ou seja, das pessoas religiosas e ligadas à igreja), do mesmo modo como Pedro fez no dia de Pentecostes (At 2.38). Também o judeu devoto estava “morto para Deus” (Ef 2.3), precisando “salvar-se desta geração perversa” (At 2.40). No entanto, também para o “grego” (para o afastado, a pessoa do mundo secularizado) essa salvação é viável de modo imediato e sem o desvio pela “lei”. Isso significa, inicialmente para rebater os judaístas: o “grego” não precisa tornar-se “judeu” antes que possa alcançar a salvação. Ao mesmo tempo, porém, também significa: “o ser humano de fora” não precisa tentar tornar-se “melhor” ou “mais devoto” pelo cumprimento de quaisquer mandamentos, por exercícios místicos ou ascéticos, ou pela submissão a cerimônias eclesiais. A libertação plena e integral encontra-se também para ele unicamente na “fé em nosso Senhor Jesus” (At 16.31).
- 22** Do passado, o olhar se dirige para a gravidade do presente. Plenamente convicto, Paulo segue seu caminho. Desconhecido é somente o fim desse caminho. Ele está “constrangido pelo Espírito”. Ao andar nesse caminho, ele se encontra sob a direção do Espírito de Deus, ao qual obedece sem questionar. Essa certeza firme e tranqüila também paira sobre suas palavras correspondentes aos romanos (Rm 15.15-28). Sua viagem a Jerusalém não representa um risco incerto e arbitrário. Ele sabe pelo Espírito Santo que precisa realizá-la.
- 23** Por essa razão tampouco constitui um abalo de sua certeza que “o Espírito Santo de cidade em cidade, me assegura, que me esperam cadeias e tribulações”. Estando “constrangido no Espírito”, também pode tornar-se de fato constrangido com cadeias de ferro. A “cruz”, a “morte de Jesus” nunca representou uma mera grandeza dogmática para Paulo, mas sempre um poder que configurou sua vida de forma concreta (2Co 4.10; Fp 3.10,18). Os caminhos de Deus não são marcados por sucesso e felicidade. Novamente Paulo expõe sua vida interior como “exemplar” perante as pessoas que assumiram o serviço na igreja em Éfeso.
- 24** “Aliás, eu na verdade não atribuo valor algum à minha vida. Minha meta é levar a bom termo a minha carreira e o serviço que o Senhor Jesus me confiou” [TEB]. Muitas vezes Paulo caracterizou a existência do cristão com a metáfora da “corrida para o alvo” (1Co 9.24-27; Fp 3.13s; 2Tm 4.7). Estava profundamente preocupado em “consumar” a corrida até o alvo. Além disso, o “serviço” não era para ele um dever penoso, mas a expressão da admirável graça que seu Senhor lhe “confiou” (1Tm 1.12s; 2Co 4.1). Apesar de seus múltiplos aspectos, esse serviço é somente um único: “testemunhar o evangelho da graça de Deus”. A única coisa que importa é que esse serviço confiado a ele e do qual depende a vida eterna de pessoas seja executado. Diante da magnitude e importância desse serviço, “não atribui valor algum” ao destino pessoal. Para Paulo a vida não tem um valor em

si mesma, em detrimento de seu serviço. Aqui a palavra de Jesus de Mc 8.35 foi cumprida de forma genuína, e não como “moral cristã”.

- 25** Em vista disso Paulo pode afirmar, na sequência, com toda a clareza: “Agora, eu sei que todos vós, em cujo meio passei pregando o reino, não vereis mais o meu rosto.” Mais uma vez é por meio dessa forma de expressão que o caráter universal da mensagem se torna perceptível. A igreja de Jesus não precisa esforçar-se artificialmente para construir o “caráter público” de sua atuação. Quando fala do “reino”, ela aborda a questão mais pública que existe, aquilo que abrange toda a criação, a humanidade inteira, céus e terra, presente e futuro. Por isso sua proclamação, conforme descrita aqui por Paulo, é “pregar”, anunciar como arauto. Os mensageiros de Jesus não são mestres místicos secretos, mas “arautos”, que anunciam no mercado e nas ruas, da forma mais simples e audível possível, o que Deus tem a dizer a cada pessoa.
- 26** Como alguém que se despede, é importante para Paulo que ele esteja “limpo do sangue de todos”. Que responsabilidade repousa sobre os mensageiros de Jesus! Porque ambas as coisas são simultaneamente verdadeiras: unicamente Deus desperta para a fé viva (1Co 3.7), e apesar disso o pregador pode tornar-se culpado do “sangue”, da perdição daqueles que o ouvem. Amabilidade falsa, agradar a pessoas, indecisão, lerdeza, temor diante do espírito da época e outras coisas mais podem enleá-lo em culpa desse tipo. Esse pergunta se-nos apresenta de forma singularmente difícil por ocasião de nossa última despedida, quando largamos definitivamente nossa obra, quando não podemos “recuperar” nada, “consertar” nada. Paulo sabe que está “limpo do sangue de todos”. Quando seres humanos que o ouviram se perdem, será culpa deles mesmos. Paulo não “deixou de anunciar” nada. Pode agora se despedir.
- 27** Ele “anunciou todo o desígnio de Deus”. Talvez isso tenha sido formulado enfaticamente por Paulo porque via chegar aquele grande movimento que mais tarde abalou profunda e especialmente as igrejas da Ásia Menor: a “gnose”. Ela pretendia conhecer mistérios divinos que os pregadores teriam “deixado de anunciar” ou “ocultado”. Em Corinto os fiéis também já haviam ficado insatisfeitos com Paulo, procurando por mestres com maior “sabedoria”. Não, diz Paulo com vistas a tais pensamentos, o que precisa ser dito sobre Deus e sua obra abrangente e gloriosa de salvação, desde a criação até a consumação, tudo isso eu preguei. Por isso também nós podemos saber: na proclamação de alguém como Paulo encontramos tudo o que é necessário para a salvação e não precisamos de outros conhecimentos, independente de quem os oferece.
- 28-30** Com essas palavras Paulo já chegou ao futuro da igreja: não se ilude sobre a gravidade desse futuro. Agora, porém, não está temendo o ódio judeu, nem as aflições e perseguições por parte de um mundo hostil. Paulo estava convicto de que “havíamos de sofrer aflições” que existem para que justamente nelas a igreja confirme sua fé (1Ts 3.3s). No entanto, preocupa-se com a invasão dos hereges, que como “lobos vorazes não pouparão o rebanho”. Além do mais, prevê funestamente que das próprias fileiras dos presbíteros “se levantarão homens falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles”. Assim ele já alertara os romanos quando estava em Corinto (Rm 16.17s). Esses temores também o movem agora, quando pensa em Éfeso e na Ásia. Mesmo em cristãos verdadeiros o “eu” poderá retomar o comando, projetar-se com novas doutrinas e descobertas, tentando assumir um papel dominante. Em todos nós estão profunda e tenazmente arraigados o orgulho e a vaidade. Até agora o próprio Paulo representava uma poderosa proteção por meio de sua autoridade espiritual e apostólica. Contudo, o que acontecerá “depois de sua partida”, independentemente se essa palavra se refere à sua atuação na distante Itália e Espanha ou à sua morte? Por isso, brota de seu coração a insistente advertência: “Cuidai de vós mesmos e de todo o rebanho” [TEB]. A despreocupação é algo impróprio neste tempo e mundo. Até mesmo com vistas à nossa própria vida e obra. Sendo “presbíteros”, não estão menos, e sim mais ameaçados do que os demais. O inimigo, o verdadeiro “lobo”, que se esconde atrás dos “lobos” (Jo 10.12), tem a intenção de vitimar especialmente a eles. Terá conquistado muito se fizer a natureza egocêntrica flamejar no coração de um presbítero, tirando assim muitos membros da igreja do caminho da verdade límpida!
- Da mesma forma, porém, o cuidado vigilante também vale para a igreja. Ela também não se desenvolve simplesmente “por si mesma” da maneira correta. Até mesmo uma conversão e um renascimento genuínos representam um começo, não um final, a entrada na arena de lutas, a largada, contudo não a chegada ao alvo e a conquista do prêmio. Por quantos perigos e ameaças também passa uma igreja de “fiéis”! É precisamente nessa situação que os presbíteros foram “constituídos

supervisores”. Essa eleição deu-se pelo Espírito de Deus, e não por pessoas ou instituições eclesiásticas. Naquele tempo já valia para cada presbítero o que Paulo escreve a Timóteo em 1Tm 4.14: “Não desprezes o dom que há em ti, o qual te foi dado por profecia, com a imposição das mãos do presbitério.” Sob a liderança do Espírito, Paulo e seus colaboradores agiram em At 14.23 e também nas demais ocasiões em que instituíram presbíteros. Como se torna grande sua responsabilidade em vista desse seu verdadeiro empregador; no entanto, também podem ter certeza da necessária preparação para sua tarefa, ainda que os “lobos vorazes” tentem invadir ou que no próprio grupo se levante a heresia! O que lhe foi confiado não é nada menos que “a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue (ou: pelo sangue de seu próprio Filho)”. Como é precioso aquilo em que Deus investiu seu próprio sangue, o sangue de seu Filho! No caso, é indiferente a que variação dos manuscritos nos apegamos. Pai e Filho estão ligados tão íntima e essencialmente que o sangue do Filho também é o sangue do coração do Pai. E Deus pode derramar seu “sangue” apenas em seu Filho que se tornou ser humano. Um grupo de pessoas que custou tão caro para Deus precisa ser conduzido com muita seriedade e cuidado! Paulo enfatiza: “todo” o rebanho. Também em suas cartas pode-se ouvir o insistente “todos... todos...” (p. ex., Fp 1.1; 4.21; 1Ts 5.27). Na igreja de Deus também existem os “desordeiros”, os “de pouco ânimo”, os “fracos” (1Ts 5.14). Tantos filhos de Deus não têm nada de impressionante e animador! Não obstante, fazem parte do rebanho e foram comprados por preço, e por isso todo o nosso cuidado e amor têm de ser devotados a eles. Por isso não é função nossa falar criticamente e lamentar muito sobre os filhos de Deus. Não me cabe irritar-me com aquilo em que Deus investiu seu sangue.

- 31** Novamente Paulo pode remeter a seu próprio exemplo. “Portanto, vigiai, lembrando-vos de que, por três anos, noite e dia, não cessei de admoestar, com lágrimas, a cada um.” Paulo, o fundador de igrejas, que em muitos locais levou multidões a aceitar Jesus, preocupou-se, portanto, individualmente com cada pessoa (cf. também 1Ts 2.12). Noite e dia, incessantemente, teve tempo para cada um. Levou cada pessoa plenamente a sério, investindo nela o coração. Nesse empenho o homem duro, acostumado a sofrimentos, podia derramar lágrimas. Nele de fato vivia Cristo, o bom Pastor, que não abria a mão facilmente de uma ovelha, só porque tinha as noventa e nove outras, porém que procurava exatamente essa uma de modo incansável, até tê-la encontrado.
- 32** Paulo exortou e mostrou aos presbíteros a magnitude de sua responsabilidade. Agora, porém, ao despedir-se, ele não olha para a fidelidade e competência desses homens, mas abriga-os pessoalmente sob uma proteção diferente: “Agora, pois, encomendo-vos ao Senhor e à palavra da sua graça.” Foi assim que ele também agiu em At 14.23, nas igrejas da primeira expedição missionária. O Senhor ressuscitou, vive e atua, e a própria palavra possui em si o poder de edificar a igreja e até de levar àquele alvo final em que pecadores, antes perdidos, recebem “a herança entre todos os que são santificados”. Como “filhos de Deus”, afinal, também são “herdeiros”, “herdeiros de Deus e co-herdeiros do Cristo” (Rm 8.17).
- 33-34** Paulo faz mais um retrospecto sobre sua atuação e ressalta o que também expôs com muita insistência aos tessalonicenses (1Ts 2.9). “De ninguém cobicei prata, nem ouro, nem vestes; vós mesmos sabeis que estas mãos serviram para o que me era necessário a mim e aos que estavam comigo.” Justamente no mundo grego, que menosprezava o trabalho corporal, Paulo levava a sério o propósito de que os membros da igreja de Jesus comessem seu próprio pão e que o amor que socorre de fato se limitasse aos “fracos”. Também nesse caso o exemplo pessoal era mais importante do que quaisquer ensinamentos e exortações. Com certeza o exemplo do dirigente da grande e trabalhosa missão, que não aceitava sustento da igreja, mas adquiria com seus companheiros o mais necessário através do trabalho manual, era poderoso. Quem ainda poderia, pois, abusar da beneficência cristã sem se envergonhar? Precisamos visualizar esta cena, quando Paulo levanta as mãos – “estas mãos” – e os mostra a todos como mãos calejadas pelo trabalho.
- 35** “Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é mister socorrer os necessitados.” Em seguida Paulo acrescenta uma palavra do Senhor que não foi transmitida em nenhum outro texto: “Mais bem-aventurado é dar que receber.” A presente palavra não nega que também o receber pode ser algo bem-aventurado. O fraco pode aceitar auxílio com alegria, exercitando a arte de receber com gratidão. Afinal, receber é a atitude básica que todos nós temos de assumir perante Deus. Contudo, o egoísta temeroso em nós pode constatar que “dar” não é uma obrigação que exige que nos superemos

a nós mesmos, mas que é algo “bem-aventurado”, ainda “mais bem-aventurado que receber”. Nesse aspecto podemos ser “imitadores” de nosso Deus, que é doador.

36-38 Paulo, o mensageiro de Jesus, encerrou com uma palavra do Senhor Jesus, não com sua própria palavra. Na sequência acontece a oração de joelhos com todo o grupo. O aconselhamento espiritual resulta na oração, e esse “retiro de presbíteros” é finalizado com a comunhão de oração de joelhos. Que cena, esse grupo de homens com Paulo, de joelhos, em oração! Isso era um fruto visível de seu trabalho. Na sequência acontece a despedida. “Então, houve grande pranto entre todos, e, abraçando afetuosamente a Paulo, o beijavam.” Pessoas santificadas por Deus não se transformam em seres sobrenaturais que transitam dura e friamente pelos acontecimentos desta vida. Vivenciam tudo com um coração humano caloroso e vivo, conhecendo, por isso, as alegrias e os sofrimentos de nossa existência nesta terra não de forma limitada, mas bem mais rica e profunda. O fato de ser assim e de poder ser assim é evidenciado pela descrição dessa despedida. Em vista disto, temos de ser cautelosos com um julgamento precipitado de “apego a pessoas”! Mensageiros de Jesus que levaram a outros a melhor coisa que existe hão de ser amados por eles também humanamente, como Paulo (cf. também Gl 4.13-15). É verdade, porém, que até mesmo um amor assim é sacrificado por ambas as partes em prol daquele que por sua incomparável ação de amor na cruz conquistou integralmente o direito sobre todo o nosso coração e nossa vida. Por isso, os efésios não retêm o amado apóstolo, mas “acompanharam-no até o navio”.

Neste ponto Lucas não fez uma subdivisão clara em seu livro, mas permite que a terceira viagem missionária se ligue sem maiores interrupções à última viagem para Jerusalém. Nós, porém, procederemos bem, se lançarmos agora, quando o apóstolo se despede definitivamente de todo o seu campo de trabalho, um retrospecto sobre a obra missionária de Paulo.

O que, afinal, aconteceu? Será que aqui não foram realizadas apenas viagens interessantes de um homem muito ativo, nas quais sucedeu uma série de episódios? Em 2Co 5.19-21 Paulo incluiu diretamente na obra de reconciliação de Deus o fato de que ele “nos confiou a palavra da reconciliação” [NVI]. Deus reconciliou o mundo consigo mesmo na cruz, mas a reconciliação ali consumada chega às pessoas apenas quando é anunciada por mensageiros da parte de Cristo e crida por pessoas. Ocorre que essa “palavra da reconciliação” não é um “querigma” que paira no ar, agora disponível no mundo por meio do evangelho, podendo ou não ser ouvida pelos humanos. Pelo contrário, a proclamação dessa palavra é em si agir do Deus vivo, que se realiza numa história bem específica, de forma plenamente real. Precisamente esse “exortar” do Deus vivo, esse “rogar” do Cristo ressuscitado, aconteceu na obra da vida de Paulo. Por essa razão ele é narrado por Lucas em At 13-20 como “história” com uma solidez impossível de inventar, tendo acontecido com pessoas bem específicas e de um modo bem determinado. No entanto, novamente não é uma história humana variada, em cujo decorrer aprendemos a admirar um homem de nome Paulo, mas como história ela constitui ao mesmo tempo “revelação”, ação do próprio Deus vivo, no qual a salvação consumada na cruz é levada a pessoas concretas.

Essa ação de Deus vale “primeiro aos judeus”. Por essa razão, sempre que pode, Paulo dirige-se primeiramente às sinagogas. Isso não é um esquema narrativo de Lucas, mas algo que Paulo declarou pessoalmente em Rm 1.16.

Essa ação de Deus é “proclamação”. É proclamação com um conteúdo claramente definido (cf. também 1Co 1.23s; 2.2; Gl 3.1), e proclamação que não possui eficácia a partir de uma qualidade retórica qualquer, mas no poder do Espírito Santo. Por isso também pode acontecer exclusivamente sob a direção do Espírito. A exposição de Lucas é confirmada pelas afirmações do próprio Paulo (1Co 2.1-3; 2Co 2.14-17).

Pelo fato de que a proclamação redentora como tal já constitui uma ação maravilhosa de Deus, ela também vem quase “naturalmente” acompanhada de sinais e prodígios de múltiplas espécies. Acima de tudo, fazem parte do serviço do apóstolo as curas e a libertação de pessoas cativas, como já fizeram parte da vida de Jesus. Novamente o próprio Paulo o confirma (2Co 12.12).

Da mesma forma, proclamar um Cristo que sofre e é crucificado forçosamente leva à participação nos sofrimentos de Cristo, transformando a trajetória do mensageiro num caminho de constantes dificuldades, aflições e perigos. Lucas mostrou isso de forma impactante em todas as expedições missionárias de Paulo. O próprio Paulo teve um cuidado quase ciumento, na controvérsia com os coríntios, para que esse lado de sua profissão apostólica não fosse esquecido (1Co 4.9-13; 2Co 4.7-12; 2Co 11.23ss).

As pessoas salvas pela proclamação formam “igreja”, sem que tenham de ser especialmente convidadas e instruídas para isso. E na igreja vivem na expectativa daquele dia em que Deus plenificará sua obra na nova revelação de Jesus. Isso não exclui que haja muitos esforços, preocupações e lutas em torno dessa igreja, como o próprio Paulo declarou aos presbíteros de Éfeso.

PARTINDO DE MILETO: PAULO EM TIRO, PTOLEMAIDA E CESARÉIA - Atos 21.1-14

- 1 – Depois de nos apartarmos, fizemo-nos à vela e, correndo em direitura, chegamos a Cós; no dia seguinte, a Rodes, e dali, a Pátara.**
- 2 – Achando um navio que ia para a Fenícia, embarcamos nele, seguindo viagem.**
- 3 – Quando Chipre já estava à vista, deixando-a à esquerda, navegamos para a Síria e chegamos a Tiro; pois o navio devia ser descarregado ali.**
- 4 – Encontrando os discípulos, permanecemos lá durante sete dias; e eles, movidos pelo Espírito, recomendavam a Paulo que não fosse a Jerusalém.**
- 5 – Passados aqueles dias, tendo-nos retirado, prosseguimos viagem, acompanhados por todos, cada um com sua mulher e filhos, até fora da cidade; ajoelhados na praia, oramos.**
- 6 – E, despedindo-nos uns dos outros, então, embarcamos; e eles voltaram para casa.**
- 7 – Quanto a nós, concluindo a viagem de Tiro, chegamos a Ptolemaida, onde saudamos os irmãos, passando um dia com eles.**
- 8 – No dia seguinte, partimos e fomos para Cesaréia; e, entrando na casa de Filipe, o evangelista, que era um dos sete, ficamos com ele.**
- 9 – Tinha este quatro filhas donzelas, que profetizavam.**
- 10 – Demorando-nos ali alguns dias, desceu da Judéia um profeta chamado Ágabo;**
- 11 – e, vindo ter conosco, tomando o cinto de Paulo, ligando com ele os próprios pés e mãos, declarou: Isto diz o Espírito Santo: Assim os judeus, em Jerusalém, farão ao dono deste cinto e o entregarão nas mãos dos gentios.**
- 12 – Quando ouvimos estas palavras, tanto nós como os daquele lugar, rogamos a Paulo que não subisse a Jerusalém.**
- 13 – Então, ele respondeu: Que fazeis chorando e quebrantando-me o coração? Pois estou pronto não só para ser preso, mas até para morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus.**
- 14 – Como, porém, não o persuadimos, conformados, dissemos: Faça-se a vontade do Senhor!**

- 1** Como somos gratos a Lucas porque ele, capaz de condensar numa única frase toda uma caminhada trabalhosa de Paulo pela Ásia Menor (At 18.23), permite agora, com base em seu diário de viagem, que participemos de modo tão exato da última viagem de Paulo. Provavelmente faz isto porque é a última viagem do apóstolo antes de ser preso. Isso estabeleceria uma relação com o fato de que também os evangelhos relatam, de forma mais detalhada que o restante, a história da paixão do Senhor. Para Lucas – e para nós, que temos de aprender essa visão – o caminho de sofrimento de Paulo não é perturbação e interrupção, mas auge de sua atuação. Por isso também paira sobre a presente seção uma semelhança entre o discípulo e seu Mestre, que certamente não foi destacada apenas de modo inconsciente. Anos antes, Paulo havia dito: “Sede meus imitadores, como também eu, do Cristo” (1Co 11.1). Sempre considerou essa “imitação” na circunstância de ele “trazer sempre por toda parte a mortificação do Senhor Jesus no seu corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também em seu corpo” (2Co 4.10). Agora essa realidade evolui para gravidade máxima.

As estações da viagem são fáceis de identificar no mapa. Não havia ligações marítimas diretas para o fluxo de passageiros. As pessoas viajavam em navios mercantes, cujo roteiro era estabelecido pelo destino da carga. Conseqüentemente, foi preciso procurar um outro navio em “Pátara”.

- 3-4** Encontraram uma embarcação que não seguiu pela rota usual, demorada, ao longo da costa, mas que foi diretamente até a Fenícia – rodeando Chipre pelo sul – e aportou em Tiro para descarregar. Dessa maneira Paulo mais uma vez passou ao lado de Chipre e viu Pafos à distância. Deve ter-se recordado de sua primeira viagem missionária e de tudo que seu Senhor desde então permitira que se desenvolvesse! Estava viajando com irmãos e colaboradores de sua confiança. Quanto tinha a relatar-lhes de suas experiências! Em Tiro existe uma igreja, aparentemente muito pequena, a qual é preciso “encontrar” primeiro. Então, porém, Paulo e seus companheiros permanecem sete dias completos com ela. Isso constitui um certo contraste com a informação de At 20.16, segundo a qual Paulo

“passou adiante de Éfeso, para não gastar tempo na Ásia. Apressava-se, pois, para estar, se lhe fosse possível, em Jerusalém no dia de Pentecostes”.

Agora Paulo tem uma semana de tempo para uma igreja pequena, que nem sequer foi fundada por ele. A razão disso não precisa ser necessariamente uma resolução de Paulo por motivos pessoais. Talvez visasse prosseguir com o mesmo navio para Ptolemaida, tendo de esperar para que fosse descarregado. Ou procuraram outro navio, que no entanto partiu somente após sete dias. Paulo havia previsto tais paradas, evitando justamente por isso uma visita – necessariamente longa – em Éfeso.

- 4 Aqui em Tiro os discípulos dizem “pelo Espírito Santo que não fosse a Jerusalém”. Lucas não está se referindo a uma instrução do Espírito que impeça Paulo de ir a Jerusalém, contradizendo assim a certeza espiritual inabalável em que Paulo se encontrava. Lucas apenas está ilustrando de modo concreto o que Paulo mencionou de forma geral em suas palavras aos presbíteros de Éfeso: “Senão o que o Espírito Santo, de cidade em cidade, me revela, dizendo que me esperam prisões e tribulações” [At 20.23]. São esses acontecimentos que também os cristãos em Tiro vêem diante de si, entendendo-os como advertência de que Paulo não deveria ir a Jerusalém. Naturalmente nossos corações sempre levantam um “não” contra o sofrimento. Um sofrimento renunciado pelo Espírito de Deus se torna imediatamente uma “advertência” para nós.
- 5 Passados os dias, porém, Paulo parte para prosseguir viagem, assim como no passado seu Senhor “manifestou o firme propósito de ir a Jerusalém” (Lc 9.51). A igreja – também agora visivelmente pequena e unida – acompanha, com todos os membros, inclusive mulheres e filhos, os viajantes para fora da cidade. Que imagem, todos eles “ajoelhados na praia” e orando, e despedindo-se em seguida! Como as crianças devem ter vivenciado isso plenamente! Em seguida separam-se.
- 6 “Embarcamos; e eles voltaram para casa.” São distintos também os caminhos e destinos daqueles que como membros de um corpo pertencem e servem ao mesmo Senhor.
- 7 “Quanto a nós, concluindo a viagem de Tiro, chegamos a Ptolemaida.” Ptolemaida é a antiga Aco, mencionada em Jz 1.31. Também ali existe uma igreja de Jesus, sobre cuja fundação não temos nenhuma informação. Contudo “os que andavam dispersos iam por toda parte anunciando a palavra” (At 8.4) e “os que foram dispersos pela perseguição que sucedeu por causa de Estêvão caminharam até à Fenícia” (At 11.19). Contudo, também é possível que o evangelho tenha chegado a Ptolemaida vindo de Cesaréia. De qualquer forma, constatamos como o cristianismo já estava disseminado naquele tempo. Aqui, onde não é preciso esperar por um navio, Paulo se detém apenas um dia, chegando depois a Cesaréia.
- 8-9 Essa cidade já é conhecida pela história de Filipe (At 8.40) e do importante episódio com Cornélio (At 10.1-11.18). Aqui Paulo se hospeda na casa do mesmo Filipe que, como “um dos sete”, no passado teve de fugir diante do perseguidor Saulo. Agora esses dois homens estão juntos como irmãos, o perseguidor como hóspede na casa do perseguido! Nessa ocasião somos informados de que Filipe já estava casado há mais tempo e que agora tem quatro filhas adultas que renunciaram ao casamento e possuem o dom espiritual da profecia. Quantas coisas a esposa de Filipe e seus filhos podem ter sofrido na fuga, até que a família construísse uma nova existência em Cesaréia! Contudo, não se fala desses dramas pessoais. A menção das “filhas que profetizavam” mostra que até mesmo na Palestina a proclamação pública por mulheres era admitida na igreja. O historiador da igreja Eusébio informa que mais tarde Filipe viveu em Hierápolis, onde também suas filhas profetizas eram muito estimadas. Lá sua sepultura ainda teria sido honrada por longo tempo.
- 10-11 Também nessa cidade eles permaneceram durante mais tempo. Será que Paulo desistiu de sua resolução de estar em Jerusalém por ocasião do Pentecostes? Porventura a viagem transcorreu tão rápida e tranqüilamente que ele agora pode incluir essa permanência? Ele se encontra à beira do passo decisivo de subir para Jerusalém, e agora ocorre a última e mais categórica advertência, por meio de Ágabo, que é apresentado mais uma vez, embora na realidade já o conheçamos de At 11.28. Assim como também fizeram os antigos profetas (cf. Is 20.2-3; Jr 13.1-11; 19.10s), Ágabo demonstra sua profecia através de uma ação simbólica. Com o “cinto” dele, i. é, com um pano comprido que é atado à cintura como um cinto, ele “amarra as suas próprias mãos e pés” [NVI]. “Isto diz o Espírito Santo: Assim os judeus, em Jerusalém, farão ao dono deste cinto e o entregarão nas mãos dos gentios.” A autenticidade dessa profecia é confirmada pelo simples fato de que não se cumpriu em seu sentido literal. Os judeus de forma alguma amarraram Paulo, entregando-o aos romanos; mas teriam assassinado Paulo se os romanos não tivessem intervindo para salvá-lo, como o próprio Lucas

informará em At 21.30-34. Não obstante, Ágabo teve uma visão correta: por meio do ódio dos judeus Paulo cai nas mãos dos romanos e, com isso, por fim, na mão de Nero, sob cujas ordens sofreu a morte.

Igualmente nesse aspecto a linha do Mestre determinou a do discípulo. Sobre Jesus é dito: “Há de ser entregue aos gentios” (Lc 18.32). “Tomando-o vós, o crucificastes e matastes pelas mãos de injustos” (At 2.23). O mesmo vale também para o discípulo: eles “o entregarão nas mãos dos gentios”. Em razão disso, a atitude do discípulo nesse acontecimento também não poderá ser diferente da do Mestre. É verdade que, nos caminhos que percorreu em seu ministério, Paulo até agora se desviara diversas vezes da morte (At 9.25; 13.51; 14.6; 14.20; 16.40; 17.10; 17.14) – exatamente como o próprio Jesus (Mt 12.15; 14.13; 15.21; cf. também At 10.23). De forma alguma se trata de heroísmo humano, nem mesmo da atitude do discípulo como tal. Trata-se unicamente da causa de Deus e do cumprimento da incumbência. Por isso, “desviar-se” é necessário enquanto servir à execução da tarefa, e torna-se impossível tão logo a própria incumbência exige o sofrimento e a morte. É por isso que Jesus não pede ao Pai, no Getsêmani, pelas doze legiões de anjos, porque “como se cumpririam as Escrituras, que dizem que assim convém que aconteça?” (Mt 26.54). E por essa razão Jesus vê nas boas intenções de Pedro, que deseja vê-lo protegido de um destino tão terrível, o próprio Satanás em ação, a fim atrapalhar os planos de Deus (Mt 16.23).

- 12-13** Essa também é a razão por que em Cesaréia Paulo responde aos sinceros pedidos de seus companheiros de viagem e dos cristãos locais somente com a amável repreensão: “Que fazeis chorando e quebrantando-me o coração?” Ele não nega o risco de seu caminho, não questiona a veracidade das profecias, mas somente consegue pedir-lhes que não dificultem ainda mais seu caminho inevitável. Ele somente pode permanecer firme em sua resolução: “Estou pronto não apenas para ser amarrado, mas também para morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus.” A posição das palavras destaca de maneira bela e enfática que esse sofrer e morrer, afinal, não acontecem sem alvo e em vão, mas “pelo nome do Senhor Jesus”. Será que esse nome não merece que tudo seja empenhado por ele? É desse modo que Paulo transmite a seus colaboradores e amigos a palavra de ânimo que na realidade ele deveria receber deles.

Lucas não diz por que o “nome de Jesus” tornava necessária essa perigosa ida a Jerusalém. Curiosamente, também neste texto ele não fala da grandiosa dádiva do cristianismo das nações para a igreja-mãe em Jerusalém, que, afinal, era para Paulo a verdadeira razão inadiável para sua viagem (Rm 15.25-32). Não é possível dizer por que ele não o faz, embora At 24.17 permita reconhecer que ele naturalmente tem conhecimento dessa coleta (cf., porém, p. ... [390]). Tivemos muitas oportunidades para constatar que Lucas silencia sobre eventos importantes, cujo conhecimento ele revela depois em “acrêscimos”. Nessa viagem a Jerusalém ele talvez esteja tentando excluir qualquer “razão” que ainda possa parecer “humana” e, assim, obter avaliações diferentes. Por isso talvez se limite a esse “é preciso” que também paira, inicialmente sem qualquer “justificativa”, sobre a trajetória de sofrimento do Senhor e sobre suas profecias de paixão.

Não é possível discutir essa certeza “no Espírito”. Nossa razão poderia dizer, de modo muito convincente: “Paulo, o dinheiro também pode ser entregue pelos representantes das igrejas. Tu, porém, de fato és indispensável no serviço. Pensa em Roma, pensa na Espanha. Unicamente tu poderás realizar essa grande obra! Por isso, evita o perigo do mesmo modo como também o fizeste em outros casos! Afinal, é para isso que Deus está te advertindo com todos os oráculos dos profetas! A quem, afinal, serves com teu sofrimento em Jerusalém?”

- 14** Tudo isso é correto e muito razoável. Contudo “não pudemos dissuadir” a Paulo. Sua certeza é diferente e fundamenta-se de outro modo. Então seus amigos ficaram “conformados” diante dessa clara determinação e disseram: “Faça-se a vontade do Senhor!”

PAULO EM JERUSALÉM

1 – UMA TENTATIVA DIPLOMÁTICA DE SALVAÇÃO - Atos 21.15-26

15 – Passados aqueles dias, tendo feito os preparativos, subimos para Jerusalém;

16 – e alguns dos discípulos também vieram de Cesaréia conosco, trazendo consigo Mnasom, natural de Chipre, velho discípulo, com quem nos deveríamos hospedar.

- 17 – Tendo nós chegado a Jerusalém, os irmãos nos receberam com alegria.**
- 18 – No dia seguinte, Paulo foi conosco encontrar-se com Tiago, e todos os presbíteros se reuniram.**
- 19 – E, tendo-os saudado, contou minuciosamente o que Deus fizera entre os gentios por seu ministério.**
- 20 – Ouvindo-o, deram eles glória a Deus e lhe disseram: Bem vês, irmão, quantas dezenas de milhares há entre os judeus que creram, e todos são zelosos da lei;**
- 21 – e foram informados a teu respeito que ensinas todos os judeus entre os gentios a apostatarem de Moisés, dizendo-lhes que não devem circuncidar os filhos, nem andar segundo os costumes da lei (judaica).**
- 22 – Que se há de fazer, pois? Certamente saberão da tua chegada.**
- 23 – Faze, portanto, o que te vamos dizer: Estão entre nós quatro homens que, voluntariamente, aceitaram voto.**
- 24 – Toma-os, purifica-te com eles e faz a despesa necessária para que raspem a cabeça; e saberão todos que não é verdade o que se diz a teu respeito; e que, pelo contrário, andas também, tu mesmo, guardando a lei.**
- 25 – Quanto aos gentios que creram, já lhes transmitimos decisões para que se abstenham das coisas sacrificadas a ídolos, do sangue, da carne de animais sufocados e das relações sexuais ilícitas.**
- 26 – Então, Paulo, tomando aqueles homens, no dia seguinte, tendo-se purificado com eles, entrou no templo, acertando o cumprimento dos dias da purificação, até que se fizesse a oferta em favor de cada um deles.**
- 15** Começa a subida para Jerusalém. O relato de viagem declara expressamente: “Passados aqueles dias, fizemos os preparativos.” O termo empregado no texto pode ser um indício de que providenciou-se montarias para esse trecho de 100 km de distância. Mesmo assim ele podia ser vencido somente em dois dias, e era preciso pernoitar.
- 16** Por esse motivo alguns irmãos de Cesaréia acompanharam os viajantes, apresentando-os na casa de um cipriota Mnasom, em cuja casa deveria pernoitar. Ele é um “velho discípulo”. Portanto, deve ter pertencido desde o início à primeira igreja, como também seu compatriota Barnabé. Era significativo que uma pessoa assim acolhesse a Paulo, ainda que para isso fosse necessária a recomendação dos cristãos de Cesaréia. Também aqui cabe observar que, incluído entre os “nós” hospedados na casa desse “velho discípulo”, está o próprio Lucas, ainda que apenas uma noite. Quantas coisas ele podia ouvir, mesmo num tempo tão breve, de um homem como Mnasom!
- 17** Em seguida Paulo se encontra com seus companheiros em Jerusalém. “Os irmãos nos receberam com alegria.” Isso não significa que toda a primeira igreja saudou cordialmente a Paulo. Em primeiro lugar, porque a igreja não estava reunida no exato instante da chegada de Paulo, e, em segundo lugar, Tiago fala com grande preocupação da profunda desconfiança contra Paulo nas fileiras dos judeus de Jerusalém que aceitaram a fé. Agora Lucas passa a citar do diário de viagem. Lucas anotou a recepção cordial na casa dos irmãos, em que moravam – com certeza em vista de antigas amizades.
- 18** No dia imediato acontece a visita a Tiago, presenciada por “todos os presbíteros”. Pelo que se vê, Tiago é o homem determinante. Vir à primeira igreja em Jerusalém significa ir até Tiago. O fato, porém, de que não é dita nenhuma palavra sobre Pedro, João e os demais apóstolos, deve levar à conclusão de que não estavam em Jerusalém naquele tempo. Paulo com certeza trouxe toda a delegação das igrejas do campo de missão e a grande oferta para a primeira igreja.
- 19** Conseqüentemente, acontece uma “recepção” oficial na presença de todos os presbíteros. Junto com seus colaboradores, Paulo “saúda” expressamente os anciãos, e isso certamente significa: ele transmite as saudações do cristianismo do mundo todo à primeira igreja. E depois ele não procura primordialmente informações sobre a “situação”, sobre o que o espera em Jerusalém, nem sobre o estado de ânimo na cidade. Seu coração está cheio da grande causa de Deus. Por isso ele apresenta antes de tudo um relato minucioso sobre aquilo que não ele, mas Deus realizou através de seu serviço entre os povos. Filipos, Tessalônica, Beréia, Atenas, Corinto, Éfeso, a Ásia, Trôade – tudo isso agora estava “minuciosamente” exposto diante de Tiago e dos presbíteros.
- 20** “Ouvindo-o, deram eles glória a Deus.” É para isso que servem esses relatórios: para que os feitos de Deus se tornem conhecidos, e o louvor possa ser rendido a Deus. Contudo, da exposição de Lucas

podemos depreender que não surge uma alegria real e profunda em Tiago e os presbíteros, mas que imediatamente se manifestam grandes preocupações, que oneram sensivelmente a Tiago e aos presbíteros aqui em Jerusalém, apesar de todo o apreço pessoal por Paulo (que evidentemente sempre existiu em Tiago) e apesar de toda a alegria pelos feitos de Deus lá fora no vasto mundo.

Nós, cristãos atuais, temos de nos esforçar bastante para entender a situação daquela época e todo o presente trecho, bem como o conselho de Tiago. A direção da igreja em Jerusalém encontra-se em meio a uma grande multidão, “entre os judeus que creram” – “miríades”, diz Tiago com uma expressão corriqueira forte, que novamente não tem sentido estatístico – e que combinam a fé em Jesus como o Messias com o “zelo pela lei”. Não é correto falarmos de imediato de “incompreensão” e coisas análogas. Temos de nos lembrar com que tenacidade nós mesmos muitas vezes nos apegamos a ordens antigas e situações a que estamos acostumados justamente em nossa religião. E no presente caso tratava-se da lei dada pelo próprio Deus – será que cumpri-la com esmero não deveria ser uma honra e alegria para cada israelita, ainda que reconhecesse a Jesus como o Messias esperado de Israel? Ao mesmo tempo, disso dependia a possibilidade da primeira igreja de se manter em Jerusalém e advogar a causa de Jesus como o Messias. Não devemos esquecer: quanto mais se aproxima a catástrofe de 70 d. C., tanto maior influência os elementos radicais ganham em Jerusalém. Tampouco esqueçamos: poucos anos depois desse diálogo o próprio Tiago foi apedrejado por judeus (62 d. C.)! Em vista desses fatos, dissipa-se nosso afã de descartar as preocupações de Tiago e dos presbíteros com a visita de alguém como Paulo como falsa timidez e estreiteza de coração.

- 21** Ocorre que nos círculos cristãos apegados à lei circularam informações terríveis sobre Paulo: “foram informados a teu respeito que ensinas todos os judeus (residentes) entre os gentios a apostatarem de Moisés, dizendo-lhes que não devem circuncidar os filhos, nem andar segundo os costumes da lei (judaica).” Tiago e seu pessoal não acreditam nessas notícias, mas apesar disso vêem a grande dificuldade. Não é possível ocultar o fato de que Paulo chegou à cidade. “Certamente saberão da tua chegada.” O que fazer? Obviamente Paulo não ensinou a “apostatar de Moisés” e tampouco aconselhou aos judeus de Corinto ou Éfeso a não circuncidarem mais os filhos. Contudo, o ensinamento de Paulo acerca da lei não era de fato difícil de entender? Entrementes Paulo havia escrito as cartas aos Gálatas e Romanos. “A lei foi introduzida [secundariamente] para que a transgressão fosse ressaltada. Mas onde aumentou o pecado, transbordou a graça” (Rm 5.20 – NVI). “Agora, porém, libertados da lei, estamos mortos para aquilo a que estávamos sujeitos, de modo que servimos em novidade de espírito e não na caducidade da letra” (Rm 7.6). “De Cristo vos desligastes, vós que procurais justificar-vos na lei; da graça decaístes” (Gl 5.4). Como essas frases deviam soar nos ouvidos de judeus cumpridores da lei! A carta aos gálatas havia sido lida nas aldeias da Galácia, e a carta aos romanos, em Roma. Com que facilidade podiam circular a partir destas regiões formulações radicais desse tipo! Ademais, será que Paulo não pregava constantemente desse modo? Quem não tinha um bom alicerce espiritual nem acompanhava o raciocínio com muita seriedade e persistente afínco, sendo israelita, podia ouvir essas frases somente com veemente indignação, ainda mais quando lhe eram transmitidas fora do contexto. Com que facilidade isso acontece entre nós, seres humanos! Pessoas simples são capazes de notificar Jerusalém com toda a convicção: esse Paulo está agitando de modo incrível contra nossa sagrada lei! É possível que vários judeus que abraçaram a fé em meio às igrejas gentias cristãs tirassem a conclusão: pois bem, liberto-me da lei que, afinal, não tem mais nenhum significado para a minha salvação. Enfim, o próprio Pedro em Antioquia a princípio havia vivido como “gentio” (Gl 2.14), deixando de lado “os costumes” (judaicos). Conseqüentemente, é possível que num ou noutro caso judeus cristãos de fato tenham deixado de circuncidar seus filhos. Até hoje facilmente generalizamos alguns episódios isolados, e em seguida os imputamos a determinada pessoa!
- 23** Todos nós sabemos que em situação assim as discussões gerais não levam a nada, que o debate em geral apenas separa e amargura cada vez mais as pessoas. Por isso Tiago traz uma sugestão completamente diferente. Paulo deve simplesmente demonstrar através de uma ação visível que ele, pessoalmente, vive fielmente à lei. Para isso se escolhe justamente uma parte da lei cerimonial que podia valer apenas para israelitas. Quatro homens da primeira igreja fizeram um voto de nazireu conforme Nm 6.1-21. O tempo de sua consagração chegou ao fim, e na seqüência precisam oferecer no templo os sacrifícios prescritos conforme a lei. Uma vez que tais sacrifícios eram dispendiosos, já

se tornara costume em Jerusalém que pessoas de mais recursos assumiam as despesas para nazireus pobres.

24 Era isso que Paulo agora deveria fazer pelos quatro homens. Desse modo ele se declarava publicamente favorável à lei, e esses quatro homens podiam ser chamados a qualquer momento como testemunhas disso. Para o ato Paulo também tinha de se “purificar” pessoalmente. Retornou a Jerusalém depois de muitos anos de permanência entre as nações, tivera comunhão de mesa com gentios, pelo que era altamente “impuro” conforme os conceitos levitas. “Ele não podia ser purificado disso apenas por um banho ao pôr-do-sol do mesmo dia, mas, de acordo com Nm 19.12, o sacerdote tinha de aspergi-lo duas vezes com água da purificação, no terceiro e no sétimo dias” (A. Schlatter, “Erläuterungen”). Tiago e os presbíteros esperam que: “Saberão todos que não é verdade o que se diz a teu respeito; e que, pelo contrário, andas também, tu mesmo, guardando a lei.”

25 A questão dos cristãos das nações não é afetada por esse gesto, ela foi decidida pelo “decreto dos apóstolos”, como Tiago torna a lembrar expressamente. Portanto, Paulo não precisa se preocupar de que, obedecendo à sugestão feita por Tiago, poria em perigo a liberdade da lei de suas igrejas formadas em outras nações. Esse esclarecimento se tornava muito mais necessário em vista do fato de que os representantes dessas igrejas rodeavam a Paulo e acompanhavam todo o diálogo.

Será que tudo isso era uma jogada humana, que teria de fracassar merecidamente? Paulo errou ao envolver-se nisso? Por que nem mesmo agora nos é dito algo sobre a grande oferta de amor trazida das igrejas gentias e de sua aceitação na primeira igreja? Por mais premente que fosse a necessidade do dinheiro, era preciso evitar, naquela situação extremamente tensa, que as pessoas se deixassem subornar por dinheiro para fechar os olhos diante da infidelidade à lei. Somente quando a fidelidade de Paulo perante a lei estava provada acima de qualquer suspeita, era possível aceitar a grande doação de suas mãos. Talvez Lucas não quisesse abordar em seu livro todas essas complicações, de difícil compreensão para o leitor grego, silenciando por isso completamente sobre a coleta, de cuja existência tem conhecimento, conforme At 24.17. No entanto, também para Paulo era muito importante que essa oferta, recolhida com tanto entusiasmo e amor por suas igrejas, não fosse rejeitada. Uma ruptura assim com a igreja primitiva e seus líderes em Jerusalém teria representado um abalo para toda a sua obra. Basta lembrar acontecimentos na Galácia, mas igualmente em Corinto, onde se questionava, com fortes repercussões dentro da igreja, sua aceitação como apóstolo verdadeiro. Se ali seus adversários pudessem noticiar: vosso “apóstolo” Paulo foi completamente rejeitado pela primeira igreja, nem mesmo nosso dinheiro penosamente economizado foi aceito por ela de sua mão, então podia cumprir-se seu temor de “ter corrido em vão” (Gl 2.2). O consentimento claro e integral dos cristãos de Jerusalém era vital para ele e sua obra. Por essa razão ele deve ter concordado integralmente com a sugestão de Tiago. Basicamente ele tinha a convicção de que um judeu de fato deveria continuar sendo judeu, assim como também um gentio devia continuar sendo integralmente um “gentio” (1Co 7.17-24). Com toda a liberdade ele era capaz de ser um judeu para os judeus (1Co 9.20). Sem renegar sua fé, era capaz de apoiar cristãos que espontaneamente haviam assumido um voto de nazireu. Era interesse pessoal dele que sua frase sobre sentido e eficácia da lei não fosse entendida como oposição à lei em si. Para ele continuava valendo o que havia declarado expressamente: “A lei é santa; e o mandamento, santo, e justo, e bom” (Rm 7.12) e “Anulamos, pois, a lei pela fé? Não, de maneira nenhuma! Antes, confirmamos a lei” (Rm 3.31). Para ele teria de ser muito bem-vindo que essa verdade fosse expressa publicamente num ato inequívoco, perante testemunhas. Por essa razão, depois que esse plano fracassou, ele evidentemente também prosseguiu em seu duro caminho com uma consciência tranqüila, sem ser torturado pelo pensamento: “Se ao menos não tivesse concordado com o plano de Tiago!” Jamais podemos saber como certas circunstâncias evoluíram se não tivéssemos dado determinados passos.

22 Seja como for, Tiago tinha razão: a presença de Paulo em Jerusalém não podia permanecer ignorada. Ele teria entrado no templo mesmo sem sua ligação com os quatro nazireus. Nessa oportunidade ele poderia tanto ser reconhecido e atacado pelos judeus vindos da Ásia, ou Deus também poderia mantê-lo incógnito no sétimo dia – como na purificação no terceiro dia. Mas ainda que evitasse totalmente freqüentar o templo, o ódio fanático contra esse renegado mundialmente conhecido teria encontrado uma ocasião para um atentado, no qual os romanos não estariam a postos para intervir com a mesma rapidez como no templo. Também nesse episódio podemos afirmar como os cristãos em Cesaréia: “Faça-se a vontade do Senhor!”

2 – TUMULTO NO TEMPLO E APRISIONAMENTO PELOS ROMANOS - Atos 21.27-40

- 27 – Quando já estavam por findar os sete dias, os judeus vindos da Ásia, tendo visto Paulo no templo, alvoroçaram todo o povo e o agarraram,**
- 28 – gritando: Israelitas, socorro! Este é o homem que por toda parte ensina todos a serem contra o povo, contra a lei e contra este lugar; ainda mais, introduziu até gregos no templo e profanou este recinto sagrado.**
- 29 – Pois, antes, tinham visto Trófimo, o efésio, em sua companhia na cidade e julgavam que Paulo o introduzira no templo.**
- 30 – Agitou-se toda a cidade, havendo concorrência do povo; e, agarrando a Paulo, arrastaram-no para fora do templo, e imediatamente foram fechadas as portas.**
- 31 – Procurando eles matá-lo, chegou ao conhecimento do comandante da força que toda a Jerusalém estava amotinada.**
- 32 – Então, este, levando logo soldados e centuriões, correu para o meio do povo. Ao verem chegar o comandante e os soldados, cessaram de espancar Paulo.**
- 33 – Aproximando-se o comandante, apoderou-se de Paulo e ordenou que fosse acorrentado com duas cadeias, perguntando quem era e o que havia feito.**
- 34 – Na multidão, uns gritavam de um modo; outros, de outro; não podendo ele, porém, saber a verdade por causa do tumulto, ordenou que Paulo fosse recolhido à fortaleza.**
- 35 – Ao chegar às escadas, foi preciso que os soldados o carregassem, por causa da violência da multidão,**
- 36 – pois a massa de povo o seguia gritando: Mata-o!**
- 37 – E, quando Paulo ia sendo recolhido à fortaleza, disse ao comandante: É-me permitido dizer-te alguma coisa? Respondeu ele: Sabes o grego?**
- 38 – Não és tu, porventura, o egípcio que, há tempos, sublevou e conduziu ao deserto quatro mil sicários?**
- 39 – Respondeu-lhe Paulo: Eu sou judeu, natural de Tarso, cidade não insignificante da Cilícia; e rogo-te que me permitas falar ao povo.**
- 40 – Obtida a permissão, Paulo, em pé na escada, fez com a mão sinal ao povo. Fez-se grande silêncio, e ele falou em língua hebraica, dizendo:**
- 27** O plano de Tiago estava quase concluído. “Já estavam por findar os sete dias.” Provavelmente Paulo podia entrar novamente no interior do santuário, quando “os judeus vindos da Ásia o viram no templo”. Temos de compreender a ira desses homens. Foi exatamente em Éfeso que Paulo se separou rapidamente da sinagoga e construiu uma grande igreja própria. Se, conforme a doutrina de Paulo, era possível pertencer à igreja do Messias sem se tornar membro de Israel por meio da circuncisão, sem cumprir a lei, sem buscar no templo de Jerusalém a reconciliação com Deus – que restava, afinal, “do povo, da lei e deste lugar”? O próprio Paulo confrontou-se com essa pergunta, refletindo sobre ela e respondendo-a em seguida para os romanos em Rm 3.1,9; 9.1-5. Porém, será que isso era fácil de compreender?
- 28** Aquilo que em Éfeso se desenrolava diante dos olhares de fiéis membros da sinagoga facilmente causaria em seus corações a impressão de que “esse Paulo destrói tudo o que é nossa mais antiga e sagrada propriedade”.
- 29** E agora vêem esse homem no interior do santuário! Já o viram antes na cidade praticamente de braços dados com o grego Trófimo. Imediatamente concluem com clareza: certamente ele o trouxe consigo ao templo, profanando o santuário! O “átrio dos gentios” era rigorosamente separado do verdadeiro “átrio interior” do templo. Placas de proibição advertiam todos os não-israelitas a não adentrarem esse pátio interior: “Quem é flagrado nesse ato torna-se pessoalmente responsável por sua morte, que o segue.” Assim estava escrita com letras vermelhas numa pedra de calcário branco. Por isso, é compreensível que esses judeus da Ásia imediatamente “agarraram” a Paulo, “gritando: Israelitas, socorro!” Sem dúvida, a cena é grotesca do ponto de vista objetivo: Paulo está no templo como filho obediente de Israel, e ajudou quatro homens a terminar seus votos de nazireu em conformidade com a lei. Os judeus da diáspora, porém, gritam por socorro, como se o pior sacrilégio estivesse sendo perpetrado diante de seus olhos. “O templo foi profanado!” É esse o grito que imediatamente “alvoroçou todo o povo”. “O templo foi profanado!” Esse grito também penetra sem

demora na cidade, que cercava o templo por três lados. “O templo foi profanado!” Isso fez com que de imediato acessem pessoas da cidade toda.

- 30** “Aagitou-se toda a cidade, havendo concorrência do povo.” No recinto do templo não pode ser derramado sangue, isso está profundamente enraizado nos corações judaicos. É por isso que arrastam Paulo para fora. “Imediatamente foram fechadas as portas.” E fora, no pátio externo do templo, a multidão tenta linchar Paulo. Espancam-no. Será que nesses minutos Paulo se lembrou especialmente de Estêvão? Também ele foi arrastado assim à morte, no tumulto, por judeus da diáspora – e naquela ocasião Paulo o aprovou! Seja como for, deve ter-se sentido firmemente conduzido por seu Senhor. Deve ter estado cheio da certeza: isso não pode ser o fim, afinal “é necessário” que eu vá até Roma. No entanto, é significativo que At não informe nada sobre os sentimentos no íntimo de Paulo, que com certeza não poderiam faltar numa narrativa moderna. Para a Bíblia não há nada de especial no que as pessoas “sentem” ou “pensam”.

Que radical mudança houve desde os dias em que no mesmo local uma multidão entusiasmada se aglutina em torno de Pedro, ouvindo atentamente a mensagem (At 3.26), quando o capitão do templo tem de se esforçar pessoalmente para trazer os apóstolos perante o Sinédrio, temendo ser apedrejado pelo povo (At 5.26)! Onde estão agora “as miríades de judeus que creram”, dos quais Tiago havia falado? Será que nenhum judeu cristão viria socorrer seu irmão Paulo? Realmente não devem ter-se arriscado naquela hora para defender Paulo. E nesses instantes talvez tenha passado pela mente de muitos judeus cristãos a idéia (conhecemos isso da época da luta da igreja não-conformista na Segunda Guerra Mundial): esse Paulo de fato levou as coisas aos extremos. Realmente não podemos arriscar a difícil existência de nossa igreja (e nossa própria vida!) em favor de uma pessoa tão extremada!

- 31** O socorro para Paulo vem de um lado completamente diferente. Não acontece nenhum “milagre”, não surge nenhum anjo. Os fatos acontecem de modo totalmente sóbrio e “profano”, e assim o Senhor preserva milagrosamente seu servo, cuja tarefa ainda não está cumprida. Ele não o protege do sofrimento, o qual lhe anunciou pessoalmente (At 9.15s), porém preserva sua vida, que parece humanamente perdida: “Procuram matá-lo.” Contígua à esquina a noroeste da área do templo, ligada com ele por meio de uma escada, encontra-se a fortaleza “Antônia”, quartel-general da força de ocupação romana em Jerusalém, sob o comando do tribuno (“quiliarca” = “comandante de mil”, algo como “coronel”) Cláudio Lísias. Da torre de vigia da fortaleza o tumulto na área do templo e o afluxo das pessoas agitadas da cidade podem ser imediatamente observados, sendo nitidamente audível a algazarra. Naquele tempo os romanos se encontravam, bem mais do que no passado, numa permanente preocupação desconfiada perante o povo indecifrável e fanático dos judeus. Por isso a notícia chega instantaneamente ao comandante: “Toda a Jerusalém está amotinada!”
- 32** O tribuno leva o caso muito a sério, reúne rapidamente soldados e oficiais (“centuriões”, como Cornélio) e corre até o foco do tumulto. Quando a força militar se aproxima, os judeus param de agredir sua vítima. Paulo é imediatamente detido e algemado com duas correntes.
- 33-34** Na sequência o comandante tenta descobrir o que, afinal, está ocorrendo. Da multidão alvoroçada, porém, ele ouve apenas uma confusão de gritos, que não lhe permitem obter uma explicação. Por isso dá ordens aos soldados que escoltem Paulo e o trazem à fortaleza.
- 35** Quando a multidão constata que o alvo de sua fúria está sendo retirado, ela o segue com tanta violência que os soldados finalmente têm de carregar o prisioneiro. Talvez Paulo, que na verdade havia sido espancado por certo tempo até a chegada dos romanos, nem sequer podia mais caminhar com a necessária rapidez.
- 36** Atrás dele levanta-se repetidamente o grito: “Acaba com ele!” [NVI]. Outra vez o discípulo está seguindo os passos de seu Mestre: foi isso que certa vez também gritaram a respeito de Jesus: “Acaba com esse e solta Barsabás!” (Lc 23.18). E mais uma vez cumpre-se a dolorosa palavra do Senhor sobre Jerusalém: “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados!” (Lc 13.34)
- 37** Acreditamos que Paulo, endurecido por árduos sofrimentos, é capaz de até mesmo agora, após todos os maus tratos, dirigir-se, no portão do quartel, com um pedido calmo e respeitoso ao tribuno: “É-me permitido dizer-te alguma coisa?”
- 38** Como todos nós fazemos, o comandante tinha formado uma concepção provisória dos fatos. Conforme já soubemos em At 5.36s no discurso de Gamaliel, em Jerusalém ocorriam freqüentemente

movimentos políticos e messiânicos, sobre os quais precisamos estar informados se quisermos entender bem diversos aspectos da história de João Batista e do próprio Senhor Jesus. Do partido dos “zelotes” haviam surgido os “sicários” [“homens de punhal”], que viam no homicídio político, justamente também de compatriotas não-confiáveis, o meio correto de preparar o povo para o grande dia da libertação de Deus. E “profetas” fanáticos levavam multidões esperançosas para o “deserto”, onde viria a elas o Messias, que em seguida libertaria Israel de forma maravilhosa (cf., sob esse aspecto, a advertência de Jesus em Mt 24.11,26). Especialmente Oséias apontou para o “deserto” como local da restauração do povo (Os 2.14). Porém Isaías (Is 40.3; 41.18) e Jeremias (Jr 31.2) igualmente haviam falado disso. Também João Batista se apresentara no deserto. O historiador judaico Josefo informa sobre um “pseudoprofeta egípcio” que havia marchado até o Monte das Oliveiras com quatro mil iludidos. Em outra ocasião ele fala de alguém que alega ser profeta e aconselha a multidão a marchar com ele até o Monte das Oliveiras. Lá eles observariam como os muros de Jerusalém haveriam de ruir. Tais movimentos “messiânicos” e a atividade dos “sicários” na realidade eram coisas muito distintas. Contudo é compreensível que um tribuno romano não seja capaz de distinguir tudo isso, motivo pelo qual entende que o egípcio marchou com quatro mil “sicários” para o deserto. Mais tarde ambos os grupos de fato se aliaram. O comandante imaginava que no centro de todo o motim popular estaria aquele “egípcio”, ao qual tivera a felicidade de prender. Por isso fica totalmente surpreso quando Paulo se dirige a ele em grego impecável.

- 39** Paulo se apresenta ao comandante, mencionando apenas seu direito de cidadania da importante cidade da Cilícia, Tarso, contudo ainda não sua cidadania romana. Pede permissão para falar ao povo. O oficial lhe concede a permissão. Provavelmente dessa maneira espera descobrir algo mais específico sobre todo esse episódio. Afinal, nada mais pode acontecer, uma vez que seu prisioneiro se encontra em segurança com os soldados sobre o degrau superior da escada diante da entrada da fortaleza.
- 40** Talvez fiquemos surpresos pelo fato de que agora, quando Paulo acena com a mão e começa a falar, imediatamente “fez-se grande silêncio”. No entanto, as massas populares são constelações imprevisíveis. Devem ter ficado completamente perplexas porque aquele que quase mataram agora se levanta e lhes dirige a palavra. Cada qual está ávido para ouvir o que esse homem tem a dizer. Desse modo acontece essa curiosa cena, que certamente inspiraria um pintor a reproduzi-la: Paulo no alto da escada, cercado de soldados e oficiais. Atrás dele a fortaleza, diante dele a grande multidão silenciosa e, adiante, o impressionante complexo arquitetônico do templo. Mais uma vez, pela última vez, ele tem a oportunidade de anunciar o evangelho em Jerusalém a seu amado povo de Israel (Rm 9.1-4!) e lhe dizer pelo testemunho pessoal por que, embora sendo um filho fiel desse povo, se transformou de fariseu cumpridor da lei em crente em Jesus e apóstolo dos gentios.

3 – O ÚLTIMO DISCURSO A SEU POVO - Atos 22.1-21

- 1 – “Irmãos e pais, ouvi, agora, a minha defesa perante vós.**
- 2 – Quando ouviram que lhes falava em língua hebraica, guardaram ainda maior silêncio. E continuou:**
- 3 – Eu sou judeu, nasci em Tarso da Cilícia, mas criei-me nesta cidade e aqui fui instruído aos pés de Gamaliel, segundo a exatidão da lei de nossos antepassados, sendo zeloso para com Deus, assim como todos vós o sois no dia de hoje.**
- 4 – Persegui este Caminho até à morte, prendendo e metendo em cárceres homens e mulheres,**
- 5 – de que são testemunhas o sumo sacerdote e todos os anciãos. Destes, recebi cartas para os irmãos; e ia para Damasco, no propósito de trazer manietados para Jerusalém os que também lá estivessem, para serem punidos.**
- 6 – Ora, aconteceu que, indo de caminho e já perto de Damasco, quase ao meio-dia, repentinamente, grande luz do céu brilhou ao redor de mim.**
- 7 – Então, caí por terra, ouvindo uma voz que me dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues?**
- 8 – Perguntei: Quem és tu, Senhor? Ao que me respondeu: Eu sou Jesus, o Nazareno, a quem tu persegues.**
- 9 – Os que estavam comigo viram a luz, sem, contudo, perceberem o sentido da voz de quem falava comigo.**

- 10 – Então, perguntei: que farei, Senhor? E o Senhor me disse: Levanta-te, entra em Damasco, pois ali te dirão acerca de tudo o que te é ordenado fazer.
- 11 – Tendo ficado cego por causa do fulgor daquela luz, guiado pela mão dos que estavam comigo, cheguei a Damasco.
- 12 – Um homem, chamado Ananias, piedoso conforme a lei, tendo bom testemunho de todos os judeus que ali moravam,
- 13 – veio procurar-me e, pondo-se junto a mim, disse: Saulo, irmão, recebe novamente a vista. Nessa mesma hora, recobrei a vista e olhei para ele.
- 14 – Então, ele disse: O Deus de nossos pais, de antemão, te escolheu para conheceres a sua vontade, veres o Justo e ouvires uma voz da sua própria boca,
- 15 – porque terás de ser sua testemunha diante de todos os homens, das coisas que tens visto e ouvido.
- 16 – E agora, por que te demoras? Levanta-te, recebe o batismo e lava os teus pecados, invocando o nome dele.
- 17 – tendo eu voltado para Jerusalém, enquanto orava no templo, sobreveio-me um êxtase,
- 18 – e vi aquele que falava comigo: Apressa-te e sai logo de Jerusalém, porque não receberão o teu testemunho a meu respeito.
- 19 – Eu disse: Senhor, eles bem sabem que eu encerrava em prisão e, nas sinagogas, açoitava os que criam em ti.
- 20 – Quando se derramava o sangue de Estêvão, tua testemunha, eu também estava presente, consentia nisso e até guardei as vestes dos que o matavam.
- 21 – Mas ele me disse: Vai, porque eu te enviarei para longe, aos gentios.

1-2 O silêncio da multidão torna-se mais profundo quando as primeiras palavras passam a ecoar pelo local em idioma hebraico (ou: aramaico). “Irmãos e pais”, começa Paulo. Formalmente isso é uma “*captatio benevolentiae*”, uma “conquista da benevolência”, como prescrevia a arte clássica da retórica para o começo de um discurso. No entanto, assim como Paulo deu novo vigor à antiga forma da carta, ele também procede com essa regra da retórica. Energicamente deixa de lado em seu íntimo tudo o que acabava experimentar nessa massa. Esses fanáticos carregados de ódio, que quase o trucidaram, apesar disso são, como israelitas, seus “irmãos e pais”. É unicamente assim que agora deseja vê-los e interpelá-los. Essa é a mesma atitude que ele também assumiu em Rm 9.1-15.

“Escutai a defesa que eu tenho para vos apresentar agora” [TEB]. Nos capítulos subsequentes ainda encontraremos diversas vezes essa palavra-chave “defesa”: At 24.10; 25.8,16; 26.1,2; 26.24; e seu teor também em At 28.17ss. Ela praticamente constitui o título dessa seção de Atos. Contudo, com que Paulo está se “defendendo”? Não alude com palavra alguma à imputação da “profanação do templo”. Essa acusação absurda somente pôde surgir e obter crédito porque uma acusação de ordem muito mais profunda havia estimulado cada vez mais o ódio contra ele. O que atíça o fervor da revolta contra ele é sua apostasia do judaísmo e, ainda mais, sua ida aos gentios. Por isso são esses dois pontos decisivos que Paulo aborda em seu discurso. Para ambas as acusações ele tem a mesma resposta e “defesa” claras: ambos os passos não foram sua própria decisão, gerados por desejos ou ponderações pessoais. Em ambos foi o próprio Senhor que agiu, de tal modo que Paulo tão somente podia obedecer. Por isso o discurso de Paulo tem a mesma estrutura básica que já constatamos nos discursos de Pedro diante do povo, perante o Sinédrio e perante o “concílio dos apóstolos” e que é simplesmente “bíblica”, i. é, corresponde à essência de toda a Bíblia: são apresentados fatos, fatos criados por Deus, e agora obviamente é preciso obedecer mais a esses fatos divinos do que a todas as idéias, desejos e exigências dos humanos. Conseqüentemente, o presente discurso também não é exposição de idéias, apreciação de questões e problemas, demonstração de certas teses, mas testemunho pessoal de fatos divinos.

3 Paulo salienta – como em sua “defesa” perante os gálatas em Gl 1.13s – seu passado como judeu fervoroso. Nessa ocasião somos informados de que na verdade nasceu “em Tarso da Cilícia”, “mas criei-me nesta cidade (de Jerusalém)”. Será, portanto, que os pais, com o filho e filha, se mudaram muito cedo de Tarso para Jerusalém? Será também por isso que a irmã de Paulo está casada em Jerusalém (At 23.16)? Ou será que o “criei-me” não tem esse sentido literal? Sabemos muito pouco para poder responder a essas perguntas. Em contraposição, é clara a declaração seguinte: “Fui instruído aos pés de Gamaliel, segundo a exatidão da lei de nossos antepassados.” Já ouvimos sobre Gamaliel (cf. acima, p. ... [125]). Não paira nenhuma dúvida de que Paulo obteve a mais meticulosa

instrução na lei que existia naquela época. Dela resultou seu “zelo para com Deus” (Fp 3.6), aquele “zelo por Deus” que ele conhece bem demais (Rm 10.2) e que também é subjacente ao fanatismo, pelo qual o povo busca matá-lo agora.

- 4-5** Como pode compreendê-los bem! Impelido por esse “zelo”, também “persegui este Caminho até à morte.” O fato de não poupar nem mesmo as mulheres é significativo para o radicalismo de seu afã de perseguição. E, se seus piores inimigos, os judeus da diáspora, não presenciaram esses fatos e talvez não lhe dêem pleno crédito, podem perguntar o sumo sacerdote e o conselho de anciãos, que são testemunhas disso. Para sair desse “zelo”, não havia, para Paulo, iniciativa própria. O que o tirou da trajetória não foram dúvidas pessoais, não foi “apostasia” pessoal, mas a intervenção de Deus perante Damasco.
- 6-11** Em seguida Paulo narra pessoalmente esse episódio decisivo de sua vida, que já conhecemos de At 9. Leves traços tornam-se mais nítidos: a luz ofuscante que incide justamente “quase ao meio-dia” é mais clara, e totalmente diferente, do ardor do sol do meio-dia. Por essa razão se fala da “glória” dessa luz, usando-se na ocasião o termo “*doxa*”, que sempre se refere ao fulgor radiante de Deus. Pequenos traços são divergentes: “Os que estavam comigo viram a luz, sem, contudo, perceberem o sentido da voz de quem falava comigo.” Enquanto isso, At 9.7 informava: “Ouviram a voz, não vendo, contudo, ninguém.” Tais diferenças na exposição sempre ocorrem quando se faz um relatório vivo. Elas são de pequena importância para o que está imbuído da grande causa. Em ambos os informes, porém, uma coisa fica clara: aquilo que sucedeu a Paulo não foi, p. ex., um processo em seu íntimo. Foi tão real que também seus companheiros o notaram. No entanto, a manifestação do Senhor exaltado destinava-se exclusivamente a Paulo. Seus companheiros ouviram uma voz, viram uma luz radiante, porém não mais que isso.
- 12-16** Também o que Paulo afirma sobre Ananias tem a característica de relato autêntico. Não é mera repetição, simples cópia de At 9.10-18! Como qualquer relato de um acontecimento, é plenamente coincidente nos traços básicos, mas diferente nos detalhes realçados. Em At 9.17 Ananias destaca que o próprio Jesus o enviou até Paulo. Agora é importante para Paulo mostrar a seus ouvintes judaicos que precisamente “o Deus dos pais”, o Deus em quem também eles crêem, “escolheu” Paulo “para conhecer a sua vontade”. Não cita aqui o nome Jesus, mas fala do “Justo”, a quem Deus lhe permitiu ver e ouvir na entrada de Damasco. Como nos sermões de Pedro, a acusação contra Israel reside no fato de que expulsou esse “Justo”, pendurando-o no madeiro maldito. Agora, por meio da experiência de Damasco, Paulo foi transformado em “testemunha”, uma pessoa capaz de informar pessoalmente, como os primeiros apóstolos, o que ele próprio “viu e ouviu” de Jesus, e que também tem o dever de prestar essa informação. Novamente evidencia-se que no “cristianismo” não se trata das nossas idéias e opiniões sobre Deus, mas de fatos impossíveis de serem inventados, fatos criados e concedidos pelo próprio Deus, que poderemos “testemunhar” apenas quando os tivermos visto e ouvido.

Na seqüência, Paulo pôde fazer em Damasco o que ele próprio mais tarde chamou tantas vezes de evento salvador: “invocar o nome do Senhor” e receber no batismo a resposta de Jesus e a ablução de seus pecados, de toda a sua vida de rebelde. Curiosamente, nem aqui nem qualquer outro texto de Paulo narra a obtenção do Espírito por ocasião do batismo, documentada por meio do falar em línguas. Pelo contrário, aparentemente o batismo de Saulo de Tarso aconteceu da forma silenciosa e sóbria como Lucas descreve em At 9.18. No entanto, uma diferença na exposição chama particularmente a atenção: enquanto At 9.15 imediatamente cita os “gentios” como o alvo real do envio de Paulo, aqui ele ainda os mantém ocultos diante dessa multidão pela expressão genérica “terás de ser sua testemunha diante de todos os homens”.

- 17** Na seqüência Paulo pretende falar mais exaustivamente desse ponto arriscado, o seu envio aos gentios. Em 2Co 12 Paulo escreveu meramente de modo contido e apenas alusivamente sobre as “visões e revelações do Senhor”. Igualmente nesse aspecto sua vida se tornou infinitamente mais rica e poderosa do que podemos saber. Ele recebeu uma “revelação do Senhor” como essa em sua primeira visita a Jerusalém depois de sua conversão, recebendo-a ao orar no templo. Paulo diferenciou claramente essas “visões” do encontro real com Jesus diante de Damasco! Nesse ponto ele não admitiria confusões. Por isso, também estaríamos distorcendo totalmente o acontecimento de Damasco se nós o chamássemos de uma “visão de Cristo” por parte de Paulo. Também no relato do presente momento Paulo tem plena consciência de que no templo lhe “sobreveio um êxtase”, ou seja,

aquele estado de que ele fala em 2Co 12.2s: “Se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe.” Foi por isso que no templo ninguém, além dele, ouviu algo. Para ele, porém, significou uma “revelação do Senhor” válida.

- 18** “E vi aquele que falava comigo: Apressa-te e sai logo de Jerusalém, porque não receberão o teu testemunho a meu respeito.” Jesus no templo, Jesus, o Senhor também do templo – que fato terrível isso era novamente para os ouvintes de Paulo. Provavelmente por isso ele também torna a evitar o nome de Jesus e fala apenas “daquele”. “Apressa-te!”, diz Jesus. Como essa “pressa”, esse ímpeto de avançar, caracterizou todo o trabalho de Paulo!
- 19** Paulo, porém, sublinha inicialmente que também agora, divergindo do Senhor, ainda pensava de modo diferente, querendo permanecer em Jerusalém. Seus ouvintes precisam saber com que tenacidade ele se apegava a Israel e a Jerusalém! De forma alguma escolheu pessoalmente tornar-se apóstolo das nações.
- 20** Não era precisamente em Jerusalém que tinha tanto a compensar? Ademais, um perseguidor conhecido de todos que agora atua em favor do evangelho não terá de convencer a todos exatamente em Jerusalém? Contudo, Jesus sabe mais. Paulo não deve consumir sua energia com lutas infrutíferas em Jerusalém.
- 21** Seu Senhor tem outros planos para ele, ordenando-lhe, pois, com toda a determinação: “Vai, porque eu te enviarei para longe, aos gentios.” Paulo teve de obedecer, ainda que preferisse arriscar a própria bem-aventurança para salvar seu povo Israel, e isso significasse principalmente salvar Jerusalém.

4 – PAULO PROTEGIDO NA PRISÃO DOS ROMANOS - Atos 22.22-29

- 22 – Ouviram-no até essa palavra e, então, gritaram, dizendo: Tira tal homem da terra, porque não convém que ele viva!**
- 23 – Ora, estando eles gritando, arrojando de si as suas capas, atirando poeira para os ares,**
- 24 – ordenou o comandante que Paulo fosse recolhido à fortaleza e que, sob açoite, fosse interrogado para saber por que motivo assim clamavam contra ele.**
- 25 – Quando o estavam amarrando com correias, disse Paulo ao centurião presente: Ser-vos-á, porventura, lícito açoitar um cidadão romano, sem estar condenado?**
- 26 – Ouvindo isto, o centurião procurou o comandante e lhe disse: Que estás para fazer? Porque este homem é cidadão romano.**
- 27 – Vindo o comandante, perguntou a Paulo: Dize-me: és tu romano? Ele disse: Sou.**
- 28 – Respondeu-lhe o comandante: A mim me custou grande soma de dinheiro este título de cidadão. Disse Paulo: Pois eu o tenho por direito de nascimento.**
- 29 – Imediatamente, se afastaram os que estavam para o inquirir com açoites. O próprio comandante sentiu-se receoso quando soube que Paulo era romano, porque o mandara amarrar.**
- 22** Paulo conseguiu aquietar a multidão agitada. Também ouviu calada o relato de seu encontro com Jesus às portas de Damasco. Um grupo de judeus crentes em Jesus vivia em seu meio e era tolerado. Portanto, nada impedia que também esse Paulo crescesse em Jesus. Mas quando Paulo passa a falar de seu envio, não para Jerusalém, mas para longe, entre os gentios, o orgulho judaico torna a ser violado. “Ouviram-no até essa palavra e, então, gritaram, dizendo: Tira tal homem da terra, porque não convém que ele viva!” O tumulto explode como antes.
- 23** “Ora, estavam eles gritando, arrojando de si as suas capas, atirando poeira para os ares.” Sua fúria ardente precisa expressar-se, ainda mais que aquele a quem odiavam não podia ser atingido por trás do muro de legionários.
- 24** O tribuno está perplexo diante desse episódio todo. Surpreso pelo grego fluente de seu prisioneiro, ele havia autorizado o discurso, esperando por uma solução qualquer para a situação. Não entendeu muita coisa do discurso, mesmo na hipótese de Paulo não ter falado hebraico, mas aramaico. Ainda assim houve silêncio. As pessoas prestavam atenção. Mas agora a tempestade volta a explodir subitamente. A situação se tornava delicada. Que homem, afinal, era este que prendera? É sobre isso que finalmente queria obter clareza, ordenando por isso o que naquele tempo era usual com habitantes de províncias subordinadas: para dentro da fortaleza e interrogatório, mediante uso da tortura!

- 25** Paulo provavelmente não entendeu a ordem dita em latim. Somente quando os soldados o agarram na fortaleza, visando esticá-lo para a flagelação, ele nota a intenção dos romanos. Dirige-se ao centurião que comandaria o inquérito, perguntando: “Ser-vos-á, porventura, lícito açoitar um cidadão romano, sem estar condenado?”
- 26** Imediatamente o oficial “informa” o tribuno. Um caso fatal! Açoitar um cidadão romano acarretava pena de morte! E até mesmo acorrentar um “romano” era rigorosamente proibido.
- 27-29** Por isso o tribuno se apressa a vir pessoalmente. Que época era aquela, em que bastava a simples palavra de um homem e se dava crédito à sua afirmação. Pois Paulo com certeza não trazia consigo um passaporte com “fotografia” e carimbo. Sem dúvida o tribuno está admirado. Como esse homem evidentemente pobre conseguiu o título da cidadania romana, que ele próprio comprara por “grande soma de dinheiro”? No entanto Paulo pode declarar: “Pois eu o tenho por direito de nascimento.” O oficial se assusta: já se tornara culpado ao algemar Paulo e, ao ordenar os açoites, cometera um crime que podia custar sua cabeça. Imediatamente os soldados envolvidos se afastam. “*Civis romanus sum*” i. é, “sou cidadão romano”, de fato era uma palavra mágica naquele tempo. Paulo fez uso dela, no episódio em Filipos (At 16.37) e agora aqui no quartel romano. Trazia no corpo suficientes “marcas de Jesus” (Gl 6.17). E agora tinha de lutar pela vida e pela liberdade para a grande incumbência que seu Senhor lhe dera. Em Paulo Lucas nos mostra ambos os aspectos: a disposição plena de sofrer e morrer pelo nome do Senhor Jesus, mas também a defesa serena e meticulosa da própria vida e de suas possibilidades de atuação, igualmente em prol do nome do Senhor Jesus.

5 – NEGOCIAÇÃO PERANTE O SINÉDRIO - Atos 22.30-23.11

- 30** – No dia seguinte, querendo certificar-se dos motivos por que vinha ele sendo acusado pelos judeus, soltou-o (das correntes) e ordenou que se reunissem os principais sacerdotes e todo o Sinédrio, e, mandando trazer Paulo, apresentou-o perante eles.
- 1** – Fitando Paulo os olhos no Sinédrio, disse: Varões, irmãos, tenho andado diante de Deus com toda a boa consciência até ao dia de hoje.
- 2** – Mas o sumo sacerdote, Ananias, mandou aos que estavam perto dele que lhe batessem na boca.
- 3** – Então, lhe disse Paulo: Deus há de ferir-te, parede branqueada! Tu estás aí sentado para julgar-me segundo a lei e, contra a lei, mandas agredir-me?
- 4** – Os que estavam a seu lado disseram: Estás injuriando o sumo sacerdote de Deus?
- 5** – Respondeu Paulo: Não sabia, irmãos, que ele é sumo sacerdote; porque está escrito: Não falarás mal de uma autoridade do teu povo.
- 6** – Sabendo Paulo que uma parte do Sinédrio se compunha de saduceus e outra, de fariseus, exclamou: Varões, irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseus! No tocante à esperança e à ressurreição dos mortos sou julgado!
- 7** – Ditas estas palavras, levantou-se grande dissensão entre fariseus e saduceus, e a multidão se dividiu.
- 8** – Pois os saduceus declaram não haver ressurreição, nem anjo, nem espírito; ao passo que os fariseus admitem todas essas coisas.
- 9** – Houve, pois, grande vozeria. E, levantando-se alguns escribas da parte dos fariseus, contendiam, dizendo: Não achamos neste homem mal algum; e será que algum espírito ou anjo lhe tenha falado?
- 10** – Tomando vulto a celeuma, temendo o comandante que fosse Paulo despedaçado por eles, mandou descer a guarda para que o retirassem dali e o levassem para a fortaleza.
- 11** – Na noite seguinte, o Senhor, pondo-se ao lado dele, disse: Coragem! Pois do modo por que deste testemunho a meu respeito em Jerusalém, assim importa que também o faças em Roma.
- 30** O presente trecho traz consideráveis dificuldades à nossa compreensão. Se Cláudio Lísias teve de interromper o interrogatório sob tortura, teria ele, depois de tudo que aconteceu, tão pouca confiança em Paulo que não o interrogava pessoalmente a fundo sobre tudo? De fato parece que Paulo era de certa forma “temível” para ele e que preferia obter de outra fonte uma imagem “objetiva” da acusação contra o prisioneiro. No entanto, será que o comandante da cidade de Jerusalém tinha

poderes de dar uma “ordem” ao sumo sacerdote e ao Sinédrio? Talvez Lucas tenha usado os termos militares involuntariamente, enquanto o tribuno na verdade teria solicitado essa sessão. Os saduceus gostavam de atender um pedido desses, esperando que com isso pudessem apoderar-se de Paulo. O procedimento do tribuno também é contraditório pelo fato de que por um lado ficou assustado “porque mandara amarrar” a Paulo, (v. 29) mas somente no dia seguinte “soltou-o” das correntes. Também nesse aspecto transparece uma desconfiança que fez com que o oficial, por via das dúvidas, ficasse cauteloso. Entretanto permitiu que Paulo fosse sem algemas à sessão do Sinédrio. Nesse gesto também deve demonstrar que Paulo não está comparecendo ali para ser condenado como criminoso, mas que o tribuno visa tão somente buscar orientações sobre a acusação contra Paulo. Lísias e seus ajudantes presenciam pessoalmente a sessão. “Apresentou Paulo perante eles”, concedendo-lhe assim a palavra.

- 1 “Paulo, fixando os olhos no Sinédrio, disse: Meus irmãos, tenho cumprido meu dever para com Deus com toda a boa consciência, até o dia de hoje!” Ficamos surpresos. Será Paulo capaz de falar dessa maneira, ele, o perseguidor da igreja, o primeiro de todos os pecadores (1Tm 1.15)? Não houve nenhuma ruptura em sua vida? Se quisermos compreender bem essa frase de Paulo, temos de prestar atenção em duas coisas: por um lado, na forma de sua conversão, e, por outro, na situação na qual está falando. Aquilo que na carta aos romanos (Rm 10.2) ele reconhece em todo o Israel, isso ele podia atribuir a si próprio diante desse círculo: uma vida que desejava servir a Deus. Nesse momento não levaria a nada detalhar ao Sinédrio o quanto esse “serviço para Deus” apesar disso se tornara uma culpa imensurável. Aqui ele não estava sendo acusado por causa de sua vida anterior, mas por tudo o que fizera desde sua conversão. Para as pessoas diante das quais se encontrava, sua vida na verdade se apresentava como a inexplicável mudança de uma conduta correta e devota de um judeu rigoroso para essa sociedade blasfema e infame dos cristãos. Atrás dessa mudança poderia haver somente motivos sombrios e malignos. Pedro e João haviam sido “iletrados e incultos” (At 4.13), podendo até certo ponto ser desculpados por isso. Contudo, alguém como Paulo somente podia apresentar-se de consciência pesada àqueles ao lado dos quais no passado lutara contra o “devaneio” cristão. É por isso que Paulo profere agora sua primeira frase: “Sei como vocês estão olhando para mim, porém estou livre e com toda a boa consciência diante de vocês!”
- 2 O sumo sacerdote confirma que nossa interpretação foi correta. Para ele essa frase representa a petulância de um criminoso empedernido, pela qual merece um tapa na boca.
- 3 Novamente presenciamos como Paulo, à semelhança de At 16.37; 22.25, se posiciona com firmeza contra toda a injustiça, sobretudo de instâncias oficiais. Exclama ao que preside o Sinédrio: “Tu estás aí sentado para julgar-me segundo a lei e, contra a lei, mandas agredir-me?” Essa frase é associada a uma palavra que não sai de seu próprio coração e que não devemos entender como uma agressão irritada: “Deus há de ferir-te, parede branqueada!” Paulo não era uma pessoa que praguejava quando estava furioso! Ele está proferindo uma profecia que se cumpriu. O presidente, a quem Paulo não conhece e que não usa os trajes de sumo sacerdote, é Ananias. Ele fora constituído sumo sacerdote no ano de 48 d. C. “Perdeu o cargo por causa do conflito sangrento que surgiu entre os judeus e os samaritanos. Por isso o regente da Síria, Umídio Quadrato, o enviou ao tribunal imperial em Roma. Depois de retornar a Jerusalém, tornou-se aos poucos o mais rico e poderoso entre os sumo sacerdotes. Como os saduceus tinham forte interesse em que Paulo não lhes escapasse agora, não causa surpresa que encarregaram o homem mais violento de seu grupo do processo contra Paulo” (Schlatter, “Erläuterungen”). Paulo leva muito a sério o comportamento desse homem. Porque ele mesmo está aqui como apóstolo e testemunha do Messias Jesus! Nessa sessão estão em jogo as verdades mais sublimes e decisivas para Israel. Agora trata-se de uma culpa imperdoável que o dirigente dessa negociação é uma “parede branqueada”, um homem que foge da seriedade da questão, e que sob o verniz de “fazer justiça” tenta imediatamente estigmatizar o indefeso mensageiro de Jesus como criminoso petulante. Deus não deixará de punir isso: “Deus há de ferir-te, parede branqueada!” Essa palavra se cumpriu. Ananias foi assassinado poucos anos depois, no começo do levante judaico contra Roma, por ser amigo dos romanos.
- 4-5 “Os que estavam a seu lado disseram: Estás injuriando o sumo sacerdote de Deus?” Paulo não conhecia pessoalmente Ananias, que comparecia agora sem as insígnias. Paulo se desculpa: “Respondeu Paulo: Não sabia, irmãos, que ele é o sumo sacerdote; porque está escrito: Não amaldiçoarás a autoridade superior do teu povo” [tradução do autor]. Não que o comportamento de

Ananias fosse abrandado por ele ser sumo sacerdote. Pelo contrário. Porém Paulo considerava a palavra da lei “Não amaldiçoarás a autoridade superior do teu povo” como uma instrução correta e séria de Deus, que ele, como cristão, também observava de bom grado.

- 6** A continuação é novamente surpreendente e inicialmente estranha para nós. “Então Paulo, sabendo que alguns deles eram saduceus e os outros fariseus, bradou no Sinédrio: Irmãos, sou fariseu, filho de fariseu! Estou sendo julgado por causa da minha esperança na ressurreição dos mortos!” [NVI]. Será que Paulo ingressou no clube dos diplomatas? Nessa situação, será que joga uma cartada astuta? E será que uma corporação como o Sinédrio cai imediatamente no artilho? Mais tarde, na negociação oficial perante o governador Félix, na presença de Ananias e dos anciãos de Israel, Paulo se reportou a essa frase (At 24.21). Ele jamais poderia ter feito isso se a frase tivesse sido apenas um artilho. Paulo deve ter falado seriamente. Como, porém, podia Paulo afirmar isso com convicção?

Não é correto analisar essa palavra dissociada da situação. Paulo se encontra pela primeira e – como certamente prevê – também pela última vez perante a instância suprema de seu amado povo de Israel. Será que está diante dela apenas como “cristão”, como estranho que não se envolve nas questões? Será que sua conversão representa seu desligamento de Israel? Nós, cristãos atuais, sempre avaliamos esse passo deste modo. No entanto, tudo o que Paulo escreveu em Rm 9-11 contradiz essa concepção. Israel não foi rejeitado por Deus. Israel é a oliveira nobre, da qual apenas foram quebrados ramos, mas cuja raiz continua santa. Mesmo como apóstolo dos gentios Paulo não deixou de ser israelita. Será que, portanto, deve permitir que o expulsem de Israel sem se defender? Acaso não existe mais nenhuma base comum entre o israelita Paulo e os israelitas no Sinédrio? Entre os saduceus e ele obviamente há um abismo. Porém, será que esses saduceus de fato ainda são “Israel”? No entanto, no Sinédrio encontram-se os fariseus – acaso não existem pontes autênticas com eles? “Pois os saduceus declaram não haver ressurreição, nem anjo, nem espírito; ao passo que os fariseus admitem a ambos.” Os fariseus conhecem uma esperança autêntica. Crêem sinceramente na ressurreição. Podem rejeitar a mensagem de Jesus como um engano questionável e considerar a expansão dela como uma desgraça. Contudo não podiam constatar um crime punível com a morte quando alguém crê na ressurreição de um homem de fato causada por Deus e afirma ter sido vencido por uma revelação celestial. Paulo não pode nem deve ser condenado unicamente por Israel. Por isso grita na reunião: “Apesar de tudo sinto-me ligado a vocês fariseus, estou do lado de vocês, com vocês partilho a esperança de Israel, que os saduceus abandonaram há tempo. Ao lado de vocês tenho a confiança de que o Deus vivo de fato ressuscita mortos, e estou perante o tribunal tão somente porque levo terminantemente a sério o que vocês na essência também professam.”

- 7-9** Pelo fato de que Paulo não usou sua palavra como “cartada”, mas como último esforço para preservar um vínculo com Israel, ela causa impacto. Podemos lembrar que justamente alguém como Gamaliel não podia consentir com uma simples condenação do apóstolo, mas contava com a possibilidade de que a ação de Deus estivesse por trás daquilo que Pedro e João testemunharam. E a causa de Jesus realmente não “pereceu” (At 5.38). Novamente são obrigados a tratar dessa questão no Sinédrio. Ela experimentou uma incrível expansão pela vastidão do mundo. “Mas, se a obra é de Deus, não podereis destruí-los” (At 5.39), dissera naquela ocasião o eminente rabino Gamaliel. Será que Deus de fato estava por trás de todos esses acontecimentos? Conseqüentemente, os fariseus, lembrados da “esperança” de Israel e da “ressurreição dos mortos” não podem agora simplesmente somar-se aos saduceus para condenar Paulo. Novamente manifesta-se o cisma existente. Os ânimos se incendeiam em antigas controvérsias, e o recinto se enche de gritaria. Não que todos os fariseus tenham defendido Paulo à uma voz. Mas pelo menos “levantaram-se alguns escribas da parte dos fariseus, e contendiam, dizendo: Não achamos neste homem mal algum; e será que algum espírito ou anjo lhe tenha falado?”

- 10** Com quanta incompreensão o tribuno deve ter observado esse acontecimento! Novamente fracassou sua tentativa de obter clareza nessa questão. Mais uma vez depara-se com o enigma de seu prisioneiro, em torno do qual também aqui se incendeia esse tumulto, sem que fique claro do que, afinal, acusavam esse Paulo! De qualquer forma, não se trata de nenhum crime concebível para um soldado romano. Pelo menos isso ficou claro. Trata-se de conflitos incompreensíveis existentes em Israel, sobre os quais não se pode obter clareza. É isto que o comandante escreverá depois em seu relato ao governador. Agora, porém, precisa tomar providências para que seu prisioneiro não seja dilacerado. Envia seu ajudante e comanda a vinda de “um pelotão” – ou seja, provavelmente a guarda – para “arrancar Paulo do meio deles e levá-lo para a fortaleza” [tradução do autor].

11 Paulo conseguiu evitar uma condenação unânime pelo Sinédrio. Os romanos também não poderão condená-lo rapidamente. Uma perseguição a toda a igreja não tornará a acontecer, uma vez que o Sinédrio está dividido. Mas a situação de Paulo está totalmente indefinida. O que há de acontecer? O próprio Paulo não deve ter passado por tudo com uma tranquilidade impassível, por mais calmo e superior que ele se tenha mostrado. Nessa hora lhe é dada novamente uma “revelação do Senhor” (2Co 12.1). “Na noite seguinte, o Senhor, pondo-se ao lado dele, disse: Coragem! Pois do modo por que deste testemunho a meu respeito em Jerusalém, assim importa que também o faças em Roma!” Jesus confirma a seu mensageiro que sua ida a Jerusalém fora correta, apesar das graves e conturbadas conseqüências. Paulo teve de testemunhar a causa de Jesus em Jerusalém, perante a multidão e o Sinédrio de seu povo. Não é correto alegar que no Sinédrio ele não tenha dito palavra alguma de Jesus. Nesse ambiente ele não precisava asseverar que tinha fé em Jesus como o Messias de Israel e em sua ressurreição. Todos sabiam disso. Mas seu testemunho consistia em mostrar com profunda seriedade a seus antigos companheiros fariseus que seu evangelho não é outra coisa senão o pleno cumprimento de tudo o que também eles ensinavam e que por essa razão também eles estavam convocados a crer nos feitos de Deus através de Jesus. Fazia parte do plano do Senhor com Paulo que ele declarasse isso em Jerusalém. Agora, porém “é necessário” que ele também ainda chegue até Roma como testemunha de Jesus. Por isso pode ter bom ânimo no meio de toda a confusão que ele é incapaz de solucionar. Seu Senhor tem poder de levá-lo a Roma e há de fazê-lo.

Mais tarde, Paulo escreveu de Roma a Timóteo, dizendo acerca de seu processo: “Todos me abandonaram... mas o Senhor me assistiu” (2Tm 4.16s). Agora ele experimentava isso pela primeira vez. Onde estava Tiago, onde os “milhares entre os judeus que haviam crido”? Onde estavam seus companheiros das igrejas gentias cristãs? Não lemos nem sobre uma tentativa feita para ajudar Paulo. Nem mesmo somos informados sobre uma visita de irmãos a Paulo, embora At 23.16 mostre que tais visitas eram possíveis. Muitas testemunhas de Jesus tiveram de experimentar esse abandono por parte de seus amigos e da “igreja”. Como deve ter sido difícil para alguém como Paulo, que amava os irmãos de coração! Mas Jesus não abandona seu mensageiro. Ele está tão presente em Jerusalém e na fortaleza Antônia como esteve em Corinto e como estará no mar tempestuoso e, um dia, no processo perante Nero em Roma.

OUTRO ATENTADO CONTRA PAULO

TRANSFERÊNCIA DO APÓSTOLO PARA CESARÉIA - Atos 23.12-35

- 12 – Quando amanheceu, os judeus se reuniram e, sob anátema, juraram que não haviam de comer, nem beber, enquanto não matassem Paulo.**
- 13 – Eram mais de quarenta os que entraram nesta conspirata.**
- 14 – Estes, indo ter com os principais sacerdotes e os anciãos, disseram: Juramos, sob pena de anátema, não comer coisa alguma, enquanto não matarmos Paulo.**
- 15 – Agora, pois, notificaí ao comandante, juntamente com o Sinédrio, que vo-lo apresente como se estivésseis para investigar mais acuradamente a sua causa; e nós, antes que ele chegue, estaremos prontos para assassiná-lo.**
- 16 – Mas o filho da irmã de Paulo, tendo ouvido a trama, foi, entrou na fortaleza e de tudo avisou a Paulo.**
- 17 – Então, este, chamando um dos centuriões, disse: Leva este rapaz ao comandante, porque tem alguma coisa a comunicar-lhe.**
- 18 – Tomando-o, pois, levou-o ao comandante, dizendo: O preso Paulo, chamando-me, pediu-me que trouxesse à tua presença este rapaz, pois tem algo que dizer-te.**
- 19 – Tomou-o pela mão o comandante e, pondo-se à parte, perguntou-lhe: Que tens a comunicar-me?**
- 20 – Respondeu ele: Os judeus decidiram rogar-te que, amanhã, apresentes Paulo ao Sinédrio, como se houvesse de inquirir mais acuradamente a seu respeito.**
- 21 – Tu, pois, não te deixes persuadir, porque mais de quarenta entre eles estão pactuados entre si, sob anátema, de não comer, nem beber, enquanto não o matarem; e, agora, estão prontos, esperando a tua promessa.**

- 22 – Então, o comandante despediu o rapaz, recomendando-lhe que a ninguém dissesse ter-lhe trazido estas informações.
- 23 – Chamando dois centuriões, ordenou: Tende de prontidão, desde a hora terceira da noite, duzentos soldados, setenta de cavalaria e duzentos lanceiros para irem até Cesaréia;
- 24 – preparai também animais para fazer Paulo montar e ir com segurança ao governador Félix.
- 25 – E o comandante escreveu uma carta nestes termos:
- 26 – Cláudio Lísias ao excelentíssimo governador Félix, saúde.
- 27 – Este homem foi preso pelos judeus e estava prestes a ser morto por eles, quando eu, sobrevivendo com a guarda, o liberei, por saber que ele era romano.
- 28 – Querendo certificar-me do motivo por que o acusavam, fi-lo descer ao Sinédrio deles;
- 29 – verifiquei ser ele acusado de coisas referentes à lei que os rege, nada, porém, que justificasse morte ou mesmo prisão.
- 30 – Sendo eu informado de que ia haver uma cilada contra o homem, tratei de enviá-lo a ti, sem demora, intimando também os acusadores a irem dizer, na tua presença, o que há contra ele. *Saúde.*
- 31 – Os soldados, pois, conforme lhes foi ordenado, tomaram Paulo e, durante a noite, o conduziram até Antipátride;
- 32 – no dia seguinte, voltaram para a fortaleza, tendo deixado aos de cavalaria o irem com ele;
- 33 – os quais, chegando a Cesaréia, entregaram a carta ao governador e também lhe apresentaram Paulo.
- 34 – Lida a carta, perguntou o governador de que província ele era; e, quando soube que era da Cilícia,
- 35 – disse: Ouvir-te-ei quando chegarem os teus acusadores. E mandou que ele fosse detido no pretório de Herodes.

12-15 O que acontecerá agora? Como continuará o caso? A solução chega – como tantas vezes nas pessoas que servem a Deus – de forma totalmente inesperada, e justamente por parte dos inimigos mortais de Paulo. Precisamos outra vez imaginar concretamente a situação em Jerusalém. Quando mais tenso e acalorado o sentimento nacionalista e religioso do povo judeu, acercando-se do grande levante, tanto mais incapaz ele ficava de fazer ponderações tranquilas e justas. Veredictos radicais como “traidor”, “inimigo do povo” eram acolhidos com paixão e incendiavam o ódio. E o “Acaba com ele!” não se restringia a desejo e gritaria. Cada vez mais intenso tornava-se o terror dos “homens do punhal”, que ocultavam a arma de lâmina curva nas dobras das vestes e estavam presentes em todos os lugares, mas ruelas estreitas, nas caravanas de peregrinos, e até mesmo no templo, eliminando com rápidos golpes os “nocivos” e “amigos dos romanos”. Levavam isso dura e fanaticamente a sério. Conseqüentemente, também agora se discute agitadamente em grupos radicais o fracasso do Sinédrio no caso desse renegado, desse traidor Paulo. A decisão é agir por conta própria. Mais de quarenta homens fazem o juramento de que serão malditos se comerem ou beberem algo antes de terem assassinado Paulo. Contudo, como poderão chegar a ele? Muito simples: o próprio comandante deseja decifrar qual é o problema com esse Paulo. Por isso lhe prometem uma segunda reunião do Sinédrio, melhor organizada, para investigar a questão. Pedem que envie Paulo a essa sessão. No curto trajeto romperiam inesperadamente pela fileira de soldados que escoltam Paulo, apunhalando-o. Ainda que um ou outro deles sucumba ao golpe de uma espada romana, os sicários também são capazes de morrer, desde que libertem Israel de uma mácula dessas. Naturalmente é necessário que para isso se obtenha a ajuda do Sinédrio, que precisa dirigir-se ao tribuno. Em geral os saduceus, simpatizantes dos romanos, não aprovavam as ações dos sicários, o homicídio direto contrariava toda a sua maneira “refinada” e “civilizada”. No entanto, eles mesmos ficariam de fora da ação. O homicídio aconteceria “antes que Paulo chegue” até vocês. Também eles alimentavam ódio contra Paulo. Por isso, concordam com o plano, ainda mais que era pouco sábio opor-se aos terroristas.

16-22 O plano foi elaborado com astúcia e representava um perigo mortal para Paulo. Contudo Deus é capaz de proteger seus mensageiros. Quando quarenta fanáticos fazem um juramento, não é possível manter sua decisão em segredo. O filho de uma irmã de Paulo fica sabendo do atentado e o relata sollicitamente a Paulo. Para isso não precisa ter sido pessoalmente um cristão. Paulo tem permissão de receber a visita do sobrinho. Seu direito à cidadania romana repercute precisamente entre os

centuriões. Um deles leva o jovem adulto prontamente até o tribuno. O comandante teve transtornos de sobra com esse estranho prisioneiro e decide transferi-lo imediatamente ao governador em Cesaréia, que de qualquer modo é o único competente para tomar uma decisão nessa questão confusa.

23-24 Conforme bons critérios militares ele disponibiliza para a transferência do prisioneiro tamanha força militar que qualquer ataque dos adversários se torne de antemão inviável. Paulo até recebe uma montaria e deve ter sido posicionado no meio dos setenta cavaleiros. Desse modo Paulo experimenta o que pessoas sob a orientação de Deus vivenciam repetidamente: tudo transcorre de forma completamente diferente do que jamais poderia ter imaginado. Paulo recebera o prenúncio de sofrer “tribulação e cadeias, e ser entregue aos gentios”. Deve ter pensado, então: Como jamais retornarei de Jerusalém? Agora sai de Jerusalém com uma escolta militar na calada da noite. Às nove da noite as tropas estão prontas. Durante a noite marcham até Antipátride. São quase 50 km, uma marcha considerável. Ali Paulo está em segurança. O grande contingente de tropas pode retornar a Jerusalém. Para Paulo a viagem sob a proteção da cavalaria continua imediatamente até Cesaréia.

25-30 Cláudio Lísias enviou com os soldados uma carta ao governador. Ela mostra o formato típico de uma carta na Antigüidade. Ele dirige-se ao governador Félix como “ilustre” ou como “excelência”. A saudação com “saúde!” significa literalmente “muita alegria!”, mas tornou-se tão gasto e inexpressivo como nosso “bom dia” ou “adeus!”, no qual ninguém de fato deseja ao outro um “bom dia” ou pensa seriamente em entregá-lo “a Deus”. A carta sintetiza rapidamente o que o tribuno experimentou com Paulo, enfatiza a cidadania romana do prisioneiro, que obriga as autoridades a protegê-lo, e indica – de forma reservada e sem antecipar um posicionamento – que aparentemente se trata de conflitos religiosos internos dos judeus, e não de qualquer crime civil. Que o governador decida, pois, o que fazer! Lísias também remeteu a ele os acusadores judeus. Também isso faz parte do estilo da antiga carta, de ser escrita do ponto de vista do destinatário, isto é, expressando na forma do passado o que na hora de escrever a carta ainda é presente ou futuro. Nós escreveríamos: “Envio-te o prisioneiro e instruirei seus acusadores que levem a ti sua ação contra ele.” Mas quando Félix chegar a ler a carta, Lísias já “terá feito” tudo isso.

33-35 Paulo é imediatamente apresentado a Félix. O governador solicita informações sobre sua província natal, porém em seguida decide assumir pessoalmente o processo. Paulo deveria ser vigiado no “pretório”, sede oficial do governador, que residia no castelo de Herodes em Cesaréia, até que comparecessem também seus acusadores. Não sabemos se isso já era uma prisão “amena”. Um castelo assim também podia ter cárceres sombrios. Por isso mais tarde se destaca expressamente o abrandamento da prisão (At 24.23). Agora Paulo está novamente em Cesaréia, numa situação muito distinta do que catorze dias antes (At 21.8-14). Ágabo teve razão com sua profecia. Naquela ocasião Paulo não duvidara disso. Contudo, ainda não foi exigido dele que morresse pelo nome do Senhor Jesus em Jerusalém. Inicialmente ele de fato “escapou aos incrédulos da Judéia” (Rm 15.31[TEB]). Nisso foram atendidas as orações até mesmo dos irmãos de Roma. Como o Senhor conduzirá seu caminho até Roma? Será que Paulo de fato ainda poderá chegar “com alegria” à igreja de Roma e “recrear-se com ela”? (Rm 15.32). Quantas coisas terá ele imaginado, esperado, feito e orado em sua cela! Como sabemos pouco sobre isso!

PAULO EM CESARÉIA

1 – A AUDIÊNCIA PERANTE O GOVERNADOR FÉLIX - Atos 24.1-23

- 1 – Cinco dias depois, desceu o sumo sacerdote, Ananias, com alguns anciãos e com certo orador, chamado Tértulo, os quais apresentaram ao governador libelo contra Paulo.**
- 2 – Sendo este chamado, passou Tértulo a acusá-lo, dizendo: Excelentíssimo Félix, tendo nós, por teu intermédio, gozado de paz perene, e, também por teu providente cuidado, se terem feito notáveis reformas em benefício deste povo,**
- 3 – sempre e por toda parte, isto reconhecemos com toda a gratidão.**
- 4 – Entretanto, para não te deter por longo tempo, rogo-te que, de conformidade com a tua clemência, nos atendas por um pouco.**

- 5 – Porque, tendo nós verificado que este homem é uma peste e promove sedições entre os judeus esparsos por todo o mundo, sendo também o principal agitador da seita dos nazarenos,
- 6 – o qual também tentou profanar o templo, nós o prendemos com o intuito de julgá-lo segundo a nossa lei.
- 7 – (Mas, sobrevindo o comandante Lísias, o arrebatou das nossas mãos com grande violência,
- 8 – ordenando que os seus acusadores viessem à tua presença). Tu mesmo, examinando-o, poderás tomar conhecimento de todas as coisas de que nós o acusamos.
- 9 – Os judeus também concordaram na acusação, afirmando que estas coisas eram assim.
- 10 – Paulo, tendo-lhe o governador feito sinal que falasse, respondeu: Sabendo que há muitos anos és juiz desta nação, sinto-me à vontade para me defender,
- 11 – visto poderes verificar que não há mais de doze dias desde que subi a Jerusalém para adorar;
- 12 – e que não me acharam no templo discutindo com alguém, nem tampouco amotinando o povo, fosse nas sinagogas ou na cidade;
- 13 – nem te podem provar as acusações que, agora, fazem contra mim.
- 14 – Porém confesso-te que, segundo o Caminho, a que chamam seita, assim eu sirvo ao Deus de nossos pais, acreditando em todas as coisas que estejam de acordo com a lei e nos escritos dos profetas,
- 15 – tendo esperança em Deus, como também estes a têm, de que haverá ressurreição, tanto de justos como de injustos.
- 16 – Por isso, também me esforço por ter sempre consciência pura diante de Deus e dos homens.
- 17 – Depois de anos, vim trazer esmolas à minha nação e também fazer oferendas,
- 18 – e foi nesta prática que alguns judeus da Ásia me encontraram já purificado no templo, sem ajuntamento e sem tumulto,
- 19 – os quais deviam comparecer diante de ti e acusar, se tivessem alguma coisa contra mim.
- 20 – Ou estes mesmos digam que iniquidade acharam em mim, por ocasião do meu comparecimento perante o Sinédrio,
- 21 – salvo estas palavras que clamei, estando entre eles: Hoje, sou eu julgado por vós acerca da ressurreição dos mortos.
- 22 – Então, Félix, conhecendo mais acuradamente as coisas com respeito ao Caminho, adiou a causa, dizendo: Quando descer o comandante Lísias, tomarei inteiro conhecimento do vosso caso.
- 23 – E mandou ao centurião que conservasse a Paulo detido, tratando-o com indulgência e não impedindo que os seus próprios o servissem.

1 O mais provável é que no dia seguinte após a transferência de Paulo Ananias tenha ouvido de Lísias que Paulo estaria agora em Cesaréia e que era preciso tramitar a questão contra ele lá, diante de Félix. Se já depois de cinco dias comparece perante Félix, acompanhado do advogado, precisando de pelo menos dois dias para a viagem, deve ter agido com rapidez e rigor. Não queria que Paulo lhe escapasse para mais longe. O “orador” Tértulo é algo como um “advogado”, perito na arte da apresentação retórica e na prática de lidar habilidosamente com pessoas.

2-3 Conforme nos descrevem também outras situações na Antigüidade, a audiência começa com a convocação do acusado. Agora Paulo não pode simplesmente fazer uso da palavra como diante do Sinédrio. Primeiro ouve-se a acusação. A “*captatio benevolentiae*” (cf. acima, p. ... [397]) é uma cena de bajulação. De forma alguma corresponde aos fatos que justamente sob Félix os judeus tenham “desfrutado de um longo período de paz” e que seu “providente cuidado resultou em reformas nesta nação” [NVI]. Contudo, esse tipo de formulação faz parte do estilo dos discursos retóricos. Ao mesmo tempo, porém, Tértulo prepara a acusação contra o “perturbador” Paulo com grande habilidade, ao enfatizar o cuidado do governador pela “paz”. De fato Félix investiu energicamente contra a atuação dos “sicários”. Agora deve liquidar esse causador de distúrbios entre os judeus, esse Paulo, com o mesmo rigor. Félix era um ex-escravo, alforriado pelo imperador Cláudio, que mandou instituí-lo como procônsul no ano de 52 d. C. por meio de Quadrato, o governador da Síria. Nessa nomeação a influência pessoal de seu irmão Palas na corte deve ter sido eficaz. Ao que parece Félix era um arrivista inescrupuloso. Um historiador romano (Tácito) diz dele

que, como procônsul, “exerceu o poder de um rei com a mentalidade de um escravo”, pleno de arbitrariedade e crueldade.

- 4 Depois do palavreado de “não importunar demais” [TEB], de não querer abusar desnecessariamente de seu precioso tempo, como diríamos nós, Tértulo desenvolve a acusação propriamente dita em três pontos:
- 5-9 Em todo o Império, Paulo é um perturbador da paz entre os judeus que se encontram sob a proteção romana e, por conseguinte, “uma peste” que precisa urgentemente ser eliminada pelo governador. Ele é o cabeça da seita dos nazarenos. Por fim, até tenta profanar o templo. Félix obterá a confirmação de que a acusação é correta do próprio Paulo, ao interrogá-lo, ou de Lísias. Em seguida os judeus que o acompanham apóiam o ataque de Tértulo, asseverando “que estas coisas eram assim”.
- 10 “O governador fez sinal a Paulo que falasse”. O proeminente senhor não desperdiça nenhuma palavra dirigindo-se ao acusado. A resposta de Paulo aborda diretamente os pontos da acusação. Também ele domina o estilo retórico da época a ponto de também começar com a “*captatio benevolentiae*”. Contudo, é de uma calma e objetividade contrastantes com a verborragia inverídica do orador! Paulo apenas aponta para a circunstância de que Félix exerce o cargo de procônsul por um período extraordinariamente longo. “Sei que há muitos anos tens sido um juiz nesta nação; por isso, de bom grado faço minha defesa” [NVI].
- 11-13 Félix conhece a realidade, conhece os judeus. Isso facilita a defesa de Paulo. A imputação de perturbação e da tentativa de profanação do templo pode ser refutada pelo curto período, de fácil verificação, que Paulo permaneceu em Jerusalém. Contando o dia da chegada e o da transferência para Cesaréia Paulo esteve ali apenas doze dias. Não foi encontrado nem no templo, nem na sinagoga, nem em outros locais da cidade discutindo com outros ou agitando para a mobilização do povo. Conseqüentemente, as acusações do Sinédrio carecem de qualquer fundamento e são impossíveis de comprovar.
- 14 Obviamente confessa aberta e claramente perante o governador que pertence ao “cristianismo”. No entanto, não se trata de uma “seita”, um “grupo dissidente”, mas de um “Caminho”. Nessa passagem constatamos com especial nitidez por que o primeiro cristianismo cunhou a expressão “Caminho” (cf. acima, Nota 208). Tanto na acusação como na defesa estava em jogo apenas uma questão jurídica decisiva: será que os que crêem em Jesus ainda pertencem à “*religio licita*”, à religião oficialmente permitida do judaísmo, ou será que não têm mais direito a essa proteção legal, porque se separaram, se “seccionaram” do judaísmo? Era compreensível que os judeus dissessem: não temos nada a ver com esses “cristãos”, a proteção de nossa religião não pode nem deve mais beneficiá-los.
- 14/15 Paulo, porém, enfatiza, de modo muito circunspecto: continuo sendo um israelita como antes, “sirvo ao Deus de nossos pais, acreditando em todas as coisas que estejam de acordo com a lei e nos escritos dos profetas”, apego-me à grande esperança judaica “de que haverá ressurreição, tanto de justos como de injustos”. Por meio dessas palavras Paulo não apenas afirma: “Apesar de tudo também continuo ainda sendo judeu.” Pelo contrário, declara: “Agora sim e de fato sou muito mais seriamente israelita do que meus acusadores. Creio real e cabalmente no AT, conto com a ressurreição e não a considero apenas uma teoria teológica. Ando no “Caminho” de Deus com toda a clareza e determinação, o Caminho que o Deus dos pais mostrou, abriu e ordenou a Israel pelo envio do Messias Jesus.”
- 16 Pelo fato de que a esperança da ressurreição se tornou uma “viva esperança” (1Pe 1.3) por meio de seu Filho, a “escatologia” se torna diretamente eficaz para a “ética”. Pelo fato de que Paulo vive na esperança da verdadeira “ressurreição, tanto de justos quanto de injustos”, “por isso também se esforça por ter sempre consciência pura diante de Deus e dos homens”. Paulo sempre levou a “consciência” muito a sério, justamente também perante os que ainda não crêem (cf. Rm 2.15; 2Co 4.2). Ela não é simplesmente “a voz de Deus” em nós, porém o órgão com o qual percebemos o desafio de Deus para nós. Quanto mais próximos estivermos de Deus, tanto mais sensível e corretamente reagirá nossa consciência. Contudo, ela pode ser facilmente “ferida”. Por isso o cristão Paulo pratica um persistente “esforço” para pensar, falar e agir de tal maneira que sua consciência permanecesse “pura” e inviolada tanto perante Deus como também diante das pessoas. A partir de uma posição assim é completamente impossível que Paulo seja o criminoso inescrupuloso que a acusação judaica projeta.

- 17** Paulo aborda mais uma vez a perigosa acusação da tentativa de profanação do templo. Agora ele também menciona a grande coleta. “Depois de estar ausente por vários anos vim (a Jerusalém) para trazer esmolas ao meu povo e apresentar ofertas” [NVI]. Precisamente porque Paulo se considera firmemente como israelita e considera a primeira igreja em Jerusalém como o verdadeiro Israel, ele é capaz de afirmar de sua consciência perante o governador que essa coleta era destinada a “seu povo”. Ela é e continua sendo uma dádiva dos gentios cristãos especificamente para “Jerusalém”. Paulo planejava participar do culto no templo, também independentemente de seu apoio aos nazireus. Ele sabia que para isso tinha de se “purificar” e trazer “oferenda” após viver anos entre as nações. Consequentemente, não há nada de inverossímil na presente afirmação.
- 18/19** Tértulo não tem provas para imputar a Paulo que tenha causado distúrbios em todo o Império. Isso poderia ser feito no máximo pelos “judeus da Ásia” que o viram e assediaram no templo. Eles “deveriam comparecer diante de Félix e acusar, se tivessem alguma coisa contra mim”. Porém, por cautela não estão presentes. A acusação de “incitar tumultos” rapidamente cairia sobre eles próprios. Mas isso Paulo não pronuncia. Na realidade ele abre mão de qualquer contra-ataque. Também agora, ao se defender, procede como “cristão”, como seguidor sincero de Jesus Cristo, que “quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças” (1Pe 2.23).
- 20/21** Os judeus da Ásia não compareceram. Contudo os judeus de Jerusalém estão diante dele. Lembra-os da audiência no Sinédrio. Ali não encontraram nem apresentaram nenhuma “iniquidade” clara e determinada. Também agora Paulo volta a afirmar apenas o que declarou lá na reunião em voz alta: “Por causa da ressurreição dos mortos estou sendo julgado hoje diante de vocês!” [NVI]. Afinal, de fato não estão em questão delitos ou crimes palpáveis, tangíveis para o direito do rei, mas assuntos de fé.
- 22** Acusadores e acusados terminaram de falar. Agora cabe ao procônsul decidir. Não devemos criticar Félix pelo fato de ser incapaz de uma decisão clara imediata a favor de um ou outro. Na verdade, não é necessariamente um subterfúgio que ele antes pretenda ouvir a Lísias, que presenciou todos os acontecimentos. Com certeza Félix, que “conhecia mais acuradamente as coisas com respeito ao Caminho”, considera uma série de questões. Não é dito de onde ele já conhecia o cristianismo. Mas, como reside em Cesaréia desde 52, não deve ser motivo de surpresa que tenha ouvido a respeito da conversão de seu centurião Cornélio e da fundação de uma igreja cristã na cidade e em toda a redondeza, dedicando seu interesse ao fenômeno. A isso se soma que sua esposa era judia. Como ela não teria sido atingida pela mensagem de que em Jesus chegara o Messias e a antiga profecia dos profetas se cumprira? Pelos anos em que ocupava o cargo, Félix conhecia muito bem o jogo de interesses que era praticado em Jerusalém. Por isso não podia nem queria condenar Paulo, cuja defesa fora tão objetiva e convincente. Por outro lado, o fato de não querer simplesmente prejudicar o relacionamento com o sumo sacerdote, motivo pelo qual também não queria libertar Paulo diretamente da prisão, certamente também foi decisivo para seu posicionamento.
- 23** Félix anuncia o adiamento do processo. Esse era um desfecho com o qual os de Jerusalém podiam estar contentes. “Adiar” – isso significava a possibilidade de novas medidas, ainda mais que conheciam muito bem o procônsul e seu caráter. Por outro lado, porém, Paulo está seguro diante dos planos de assassinato dos judeus. Sua prisão é relaxada o máximo possível. Seus muitos amigos cristãos podem visitá-lo sem restrições e “servi-lo”. Gostaríamos muito de ter um quadro daquele tempo! Como Paulo preencheu seus dias? O que, afinal, ele escreveu naqueles dois anos que durou sua detenção em Cesaréia? Que amigos estavam com ele? Será que Lucas também era um deles? Novamente temos de renunciar às informações a que almejamos.

2 – O DIÁLOGO COM FÉLIX - Atos 24.24-27

- 24** – Passados alguns dias, vindo Félix com Drusila, sua mulher, que era judia, mandou chamar Paulo e passou a ouvi-lo a respeito da fé em Cristo Jesus.
- 25** – Dissertando ele acerca da justiça, do domínio próprio e do Juízo vindouro, ficou Félix amedrontado e disse: Por agora, podes retirar-te, e, quando eu tiver vagar, chamar-te-ei;
- 26** – esperando também, ao mesmo tempo, que Paulo lhe desse dinheiro; pelo que, chamando-o mais freqüentemente, conversava com ele.
- 27** – Dois anos mais tarde, Félix teve por sucessor Pórcio Festo; e, querendo Félix assegurar o apoio dos judeus, manteve Paulo encarcerado.

24 Lucas passa a apresentar um cenário impactante. “Félix com Drusila, sua mulher, que era judia” – que pessoas e que destinos estão por trás desses nomes! Já ouvimos a opinião do historiador romano Tácito acerca de Félix. Drusila era sua terceira esposa. Era a filha mais nova do rei Agripa I, cujo estilo de reinar e fim Lucas nos relatou em At 12.1-3,21-23. Herodes Agripa II, portanto, era irmão dela, e Berenice era sua irmã (At 25.13). O primeiro casamento de Drusila, com Antíoco Epífanes de Comagene, não havia se concretizado, porque o noivo não conseguiu decidir-se a aderir ao judaísmo. Então Drusila se casou com o rei Azizo de Edessa na Síria, que cumpriu a condição de se circuncidar. Por meio de um mágico judaico, Félix convenceu a jovem e belíssima mulher a abandonar seu marido e casar-se com ele, um gentio. Por ocasião da famosa erupção do Vesúvio no ano 79 d. C. também ela encontrará ali a dura morte.

No entanto, esses dois seres humanos “mandam chamar Paulo e passam a ouvi-lo a respeito da fé em Cristo Jesus.” Até mesmo no coração de um oportunista brutal e de uma mulher lasciva e desregrada encontram-se, inextinguíveis, o anseio e a busca. Seguramente sentem como eram incertos o poder e o resplendor em que viviam naquele tempo. A judia, que havia desprezado publicamente sua fé ao se casar com Félix, não conseguia esquecer o que sabia desde a infância acerca do Deus vivo. Félix, por sua vez, já havia se deparado com o cristianismo e obviamente não deixou de se sentir impressionado (cf. v. 22). Imaginemos a cena de forma muito concreta. Aí estão sentados as duas personalidades, da mesma forma como as pessoas ricas e poderosas se postaram em todos os tempos, bem produzidas e ornadas, trajando vestes festivas e elegantes; e lá está Paulo, um prisioneiro, marcado por uma vida de agruras e sofrimentos indizíveis, acostumado a uma existência exteriormente pobre e modesta, e interiormente tomado pela grande causa de Deus. O prisioneiro numa audiência particular com seu juiz – que oportunidade para conquistar o favor do homem poderoso e dar um encaminhamento positivo a seu processo! Paulo não a aproveita! Em nenhum momento Paulo pensa em si mesmo. Paulo vê essas duas pessoas, o Senhor “Feliz” (a tradução de “Félix”), que não obstante é profundamente infeliz no íntimo; e a mulher israelita, que pelo preço de sua fé judaica queria ganhar a vida ao lado do romano arrivista e que, assim, perdeu a vida, apesar de tudo.

25 Paulo percebe a oportunidade única de anunciar a mensagem a essas duas pessoas, que têm a mesma urgência de ouvi-la como um agricultor da Licaônia em Listra ou um estivador grego em Corinto, fazendo uso dela sem levar sua própria pessoa em consideração. Também nessa hora ele é totalmente mensageiro de Jesus. Ao homem que inescrupulosamente trilhou seu caminho até o poder e a riqueza, com todos os meios da injustiça, ele fala da justiça. Ao casal que se unira de um modo tão perverso, ele fala de domínio próprio. Ao romano esclarecido da capital mundial e à judia que se desvencilhara de seus laços religiosos, ele apresenta o juízo vindouro. Nessa exposição Paulo não faz refinados rodeios. Não avalia cautelosamente quanto pode impor a seus ouvintes. Paulo realiza um ataque claro e direto aos dois e não tem dúvidas de que qualquer pessoa em qualquer situação sabe o que representa a justiça, o domínio próprio e o juízo vindouro! E não se engana. Félix não sorri ironicamente sobre o interlocutor retrógrado, que fala de assuntos tão ultrapassados, há muito superados por uma pessoa moderna. Drusila não se desvia, alegando que conhece de sobra esses discursos religiosos, mas que não a impressionam. “Félix ficou perturbado” [TEB]. A testemunha da verdade e do juízo vindouro habita em cada peito humano. Paulo presencia isso mais uma vez: “Recomendamo-nos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade” (2Co 4.2).

Com certeza Paulo observou atentamente o que acontecia no íntimo dos dois ouvintes. Vê o susto de Félix. Será que agora brotará também no coração de Félix a pergunta feita pelo carcereiro em Filipos e tantas pessoas: “Paulo, que devo fazer para ser salvo? Como é terrível a minha vida! Que será de mim no julgamento vindouro?” Com quanta alegria Paulo teria, então, falado a esse casal a respeito de Jesus, que carrega os pecados do mundo, e que também é capaz de purificar e renovar essas vidas humanas maculadas e degeneradas. Qual poderia ter sido o futuro de Félix, bem como de Drusila, filha de rei! Contudo, também nesse ponto decisivo, sob a contundente e perturbadora verdade de Deus, o ser humano permanece livre. Félix não arrisca uma decisão. Ele interrompe “e disse: Por agora, podes retirar-te; e, quando eu tiver vagar, chamar-te-ei”. A realidade é como U. Smidt formulou, de forma tão precisa: “Félix gosta de protelar – no processo de Paulo perante os judeus e no processo de sua vida perante o Deus vivo.” Félix não diz um não explícito à mensagem,

mas pensa que pode dispor sobre o tempo e a oferta de Deus. É exatamente assim que as pessoas se perdem.

- 26** É verdade que “chamando Paulo mais freqüentemente, conversava com ele”. Porém o abençoado temor não retornou mais. Realizaram-se conversas vazias, com certeza uma tortura para alguém como Paulo. De antemão estavam sob os auspícios da mentira: “Esperava também, ao mesmo tempo, que Paulo lhe desse dinheiro”. Falavam sobre Deus, e apesar disso o coração irrequieto estava fixo no dinheiro. Por essa razão, era duplamente impossível para Paulo concordar com as alusões mais ou menos veladas do poderoso, alcançando assim a liberdade. Se Félix se evidenciava como corruptível, o mensageiro de Jesus não podia sê-lo de forma alguma! Paulo suportou o fato de que sua atuação imprescindível no mundo todo aparentemente dependia do favor ou do desagrado de uma pessoa corruptível. Suportou a circunstância de ficar detido embora Félix pudesse soltá-lo sem dificuldades.
- 27** Paulo também suportou o fato de que, no fim das contas, depois de todos os diálogos religiosos, servira para esse homem para nada mais do que deixar uma boa recordação de si junto aos judeus, ao ser transferido pelo imperador após dois anos. Ele suportou essa situação porque o Deus vivo age mesmo nas ações dificilmente toleráveis de pessoas mesquinhas e sórdidas, por mais enigmáticas que suas atitudes nos possam parecer.

3 – A TRAMITAÇÃO PERANTE O GOVERNADOR FESTO E A APELAÇÃO AO IMPERADOR Atos 25.1-12

- 1 – Tendo, pois, Festo assumido o governo da província, três dias depois, subiu de Cesaréia para Jerusalém;**
 - 2 – e, logo, os principais sacerdotes e os maioraes dos judeus lhe apresentaram queixa contra Paulo e lhe solicitavam,**
 - 3 – pedindo como favor, em detrimento de Paulo, que o mandasse vir a Jerusalém, armando eles cilada para o matarem na estrada.**
 - 4 – Festo, porém, respondeu achar-se Paulo detido em Cesaréia; e que ele mesmo, muito em breve, partiria para lá.**
 - 5 – Portanto, disse ele, os que dentre vós estiverem habilitados que desçam comigo; e, havendo contra este homem qualquer crime, acusem-no.**
 - 6 – E, não se demorando entre eles mais de oito ou dez dias, desceu para Cesaréia; e, no dia seguinte, assentando-se no tribunal, ordenou que Paulo fosse trazido.**
 - 7 – Comparecendo este, rodearam-no os judeus que haviam descido de Jerusalém, trazendo muitas e graves acusações contra ele, as quais, entretanto, não podiam provar.**
 - 8 – Paulo, porém, defendendo-se, proferiu as seguintes palavras: Nenhum pecado cometi contra a lei dos judeus, nem contra o templo, nem contra César.**
 - 9 – Então, Festo, querendo assegurar o apoio dos judeus, respondeu a Paulo: Queres tu subir a Jerusalém e ser ali julgado por mim a respeito destas coisas?**
 - 10 – Disse-lhe Paulo: Estou perante o tribunal de César, onde convém seja eu julgado; nenhum agravo pratiquei contra os judeus, como tu muito bem sabes.**
 - 11 – Caso, pois, tenha eu praticado algum mal ou crime digno de morte, estou pronto para morrer; se, pelo contrário, não são verdadeiras as coisas de que me acusam, ninguém, para lhes ser agradável, pode entregar-me a eles. Apelo para César.**
 - 12 – Então, Festo, tendo falado com o conselho, respondeu: Para César apelaste, para César irás.**
- 1** As fontes romanas não dão informações seguras sobre Pórcio Festo. Provavelmente ele foi nomeado no lugar de Félix no ano de 57 d. C. Já três dias após sua chegada à província ele visita Jerusalém, a cidade mais importante de sua jurisdição. Os sumos sacerdotes e os grupos influentes aproveitam a oportunidade para – com certeza entre muitas outras reivindicações – apresentar outra vez suas queixas contra Paulo. Obviamente Félix lhes dissera que o manteria aprisionado. Insistem com o novo governante que, para lhes demonstrar sua benevolência ao assumir o cargo, deveria transferir Paulo a Jerusalém para a continuidade do processo. Com certeza estão retomando o antigo plano de assassinato como meio mais seguro de eliminar a Paulo. O ódio habita profunda e tenazmente nos corações humanos quando é atizado por paixões religiosas e nacionalistas. E o diabo encontra nele um instrumento intensamente atizado para concretizar sua ira contra os mensageiros de Jesus. Por

isso, esse ódio não teria deixado Paulo chegar vivo a Roma, mesmo que tivesse sido absolvido e libertado. Em vista disso, também segundo parecer humano, o caminho de Deus para levar seu mensageiro para Roma era o único seguro e talvez o único viável.

- 4/5** Festo não deseja simplesmente abrir mão de um processo que já dura dois anos em Cesaréia. Uma vez que retorna rapidamente para casa, as pessoas influentes que dão tanta importância ao processo devem viajar imediatamente com ele para Cesaréia, onde os trâmites contra Paulo poderão acontecer de imediato. Festo deixa em aberto a questão da culpa: “havendo contra este homem qualquer crime”. Não permite que lhe imponham de antemão a decisão, prerrogativa do juiz. Quer conhecer pessoalmente os fatos.
- 6-8** Logo na manhã seguinte após o retorno, Festo “assentou-se no tribunal”, abrindo assim a audiência. Ao surgir como acusado, Paulo é imediatamente “rodeado” de forma ameaçadora e acusado violentamente. Aos antigos pontos de acusação parecem ter acrescentado ainda suspeitas puramente políticas. Facilmente o “promover sedições entre os judeus esparsos por todo o mundo” (At 24.5) podia ser interpretado como crime contra a “paz” do Império Romano e, conseqüentemente, contra o soberano desse império. Talvez o Sinédrio, porém, também tivesse providenciado mais material de acusação contra Paulo entre os judeus da diáspora, recolhendo imputações como as que já haviam sido levantadas em Tessalônica (At 17.6s). Para a continuação da questão, porém, é importante que agora o nome do imperador seja citado em primeiro lugar por parte dos acusadores. Talvez isso tenha impelido Paulo consciente ou inconscientemente a pensar numa apelação ao imperador. Com máxima determinação Paulo contradiz essas acusações, desprovidas de provas: “Nenhum pecado cometi contra a lei dos judeus, nem contra o templo, nem contra César.”
- 9** Na seqüência o novo governador se depara com a mesma decisão que se esperava, antes dele, de Félix. Evidencia-se que mesmo um homem pessoalmente inatacável e ativo em seu cargo como ele fracassa no mesmo ponto de seu antecessor. Ele não é um juiz independente, mas funcionário político e juiz numa mesma pessoa. Não tem condições de simplesmente condenar Paulo. Paulo tem razão quando lhe diz: “Nenhum agravo pratiquei contra os judeus, como tu muito bem sabes.” Mas Festo não tem coragem de absolvê-lo, para não estragar logo no início de seu mandato o relacionamento com os líderes dos judeus, e para não criar dificuldades desnecessárias por causa de uma única pessoa. Faltam-lhe razões suficientes para um novo “adiamento”. Por isso tenta livrar-se de uma causa em que, como romano e estrangeiro (cf. v. 20 e 26), de qualquer forma carece de orientação. Se o próprio Paulo se apegar ao fato de ser um judeu, ele poderá deixar-se julgar em Jerusalém pelas instâncias de seu povo, ainda que sob a presidência do governador. Afinal, assim teria garantia suficiente para um andamento correto do processo. Mas Paulo conhece a situação melhor do que o governador ainda inexperiente, e rejeita essa proposta. Voltar a Jerusalém – jamais! Isso está claro para ele. E, como não há prova irrefutável de um crime, ele não pode ser simplesmente entregue aos judeus, apenas para que o governador lhes demonstre um favor.
- 10/11** Que deve acontecer, então? Parece que inicialmente Paulo apenas insiste em que sua causa continue sendo tramitada perante o procônsul: “Estou perante o tribunal de César, onde convém seja eu julgado.” Essa frase ainda não é uma apelação ao imperador. Também a cadeira de juiz do procurador era um “tribunal de César”. Por que Paulo não insistiu nessa posição? Será que de fato teme que Festo ceda e transforme em ordem a oferta que fizera, isto é, de conduzir o processo em Jerusalém? Será que Paulo visa escapar definitivamente de possibilidades como essa? Para ele não se trata de salvar sua vida como tal: “Caso, pois, tenha eu praticado algum mal ou crime digno de morte, estou pronto para morrer.” Mas não deseja ser vítima do jogo de intrigas da política. Talvez justamente agora se apresentava limpidamente diante dos olhos aquela certeza, confirmada por Deus, de que “teria de ir para Roma”, ao mais uma vez constatar, no novo procônsul, que era impossível confiar nas pessoas que tinham seu destino nas mãos. Por isso, enquanto ainda falava e a princípio insistia em permanecer perante o tribunal imperial do governador, pode ter-se formado a idéia de, pela apelação a César, sair definitivamente da esfera de poder de Jerusalém e chegar até Roma. Conseqüentemente, Paulo recorre pela terceira vez ao direito de cidadania romana, que lhe assegurava esse recurso a César como última instância. Nesse direito residia algo daquele “caráter imediato do reino” que Paulo usara como imagem da posição do cristão no mundo quando escreveu aos filipenses (cf. Fp 3.20 e o respectivo comentário na presente série). Todas as instâncias intermediárias, até mesmo um poderoso governador, ficavam de lado, tão logo Paulo como cidadão

romano apelasse a César. Nenhum poder do mundo e do inferno podem nos deter quando nós apelamos para o nome do Senhor como “concidadãos dos santos e membros da família de Deus” [Ef 2.19]. Ao mesmo tempo, porém, vemos igualmente como aspectos aparentemente “exteriores” da história se tornam importantes, até mesmo no caso de um mensageiro de Deus. Que teria sido de Paulo se “por acaso” não possuísse a cidadania romana como direito de nascença?

- 12** Festo examina o requerimento do acusado junto ao colegiado de seus conselheiros jurídicos e então sentencia: “Para César apelaste, para César irás.” Vários comentaristas depreenderam dessas palavras do governador um tom irônico: “Não tens a mínima idéia do que significa um processo perante o imperador Nero! Mas, já que assim desejas, poderás experimentá-lo pessoalmente! Hás de ir ao imperador.” É muito provável que Festo tenha pensado desse modo. Mas Lucas apenas visa delinear a grande virada de forma objetiva e mostrar como Jesus sabe concretizar seu plano com um mensageiro, levando Paulo de fato para Roma. Já observamos que esse era o único caminho humanamente “seguro” para Roma em vista do fanatismo judaico, disposto a assassinar Paulo, caso este fosse liberto.

4 – DIÁLOGO DO GOVERNADOR COM AGRIPA SOBRE PAULO. PAULO É APRESENTADO AO CASAL REAL. - Atos 25.13-27

- 13** – Passados alguns dias, o rei Agripa e Berenice chegaram a Cesaréia a fim de saudar a Festo.
- 14** – Como se demorassem ali alguns dias, Festo expôs ao rei o caso de Paulo, dizendo: Félix deixou aqui preso certo homem,
- 15** – a respeito de quem os principais sacerdotes e os anciãos dos judeus apresentaram queixa, estando eu em Jerusalém, pedindo que o condenasse.
- 16** – A eles respondi que não é costume dos romanos condenar quem quer que seja, sem que o acusado tenha presentes os seus acusadores e possa defender-se da acusação.
- 17** – De sorte que, chegando eles aqui juntos, sem nenhuma demora, no dia seguinte, assentando-me no tribunal, determinei fosse trazido o homem;
- 18** – e, levantando-se os acusadores, nenhum delito referiram dos crimes de que eu suspeitava.
- 19** – Traziam contra ele algumas questões referentes à sua própria religião e particularmente a certo morto, chamado Jesus, que Paulo afirmava estar vivo.
- 20** – Estando eu perplexo quanto ao modo de investigar estas coisas, perguntei-lhe se queria ir a Jerusalém para ser ali julgado a respeito disso.
- 21** – Mas, havendo Paulo apelado para que ficasse em custódia para o julgamento de César, ordenei que o acusado continuasse detido até que eu o enviasse a César.
- 22** – Então, Agripa disse a Festo: Eu também gostaria de ouvir este homem. Amanhã, respondeu ele, o ouvirás.
- 23** – De fato, no dia seguinte, vindo Agripa e Berenice, com grande pompa, tendo eles entrado na audiência juntamente com oficiais superiores e homens eminentes da cidade, Paulo foi trazido por ordem de Festo.
- 24** – Então, disse Festo: Rei Agripa e todos vós que estais presentes conosco, vedes este homem, por causa de quem toda a multidão dos judeus recorreu a mim tanto em Jerusalém como aqui, clamando que não convinha que ele vivesse mais.
- 25** – Porém eu achei que ele nada praticara passível de morte; entretanto, tendo ele apelado para o imperador, resolvi mandá-lo ao imperador.
- 26** – Contudo, a respeito dele, nada tenho de positivo que escreva ao soberano; por isso, eu o trouxe à vossa presença e, mormente, à tua, ó rei Agripa, para que, feita a argüição, tenha eu alguma coisa que escrever;
- 27** – porque não me parece razoável remeter um preso sem mencionar, ao mesmo tempo, as acusações que militam contra ele.
- 13** Novamente acontece uma cena singular, que obviamente é mais grandiosa em pompa exterior, mas bem mais pobre em impacto interior do que o encontro de Paulo com Félix e Drusila. O rei Agripa II faz uma visita de cortesia ao novo governador romano. Ele é o filho de Agripa I, o qual encontramos em At 12, e bisneto de Herodes, o Grande. O poder de seu pai não lhe havia sido transmitido pelo imperador romano. Ele somente governava sobre partes da Galiléia e Peréia e residia em Cesaréia de

Filipe. Uma vez, porém, que ele havia recebido o direito de cuidar do templo em Jerusalém e de instituir e demitir o sumo sacerdote, seu papel não deixava de ser importante. Berenice é a irmã de Agripa e Drusila. A princípio tinha sido noiva de Marcos, o sobrinho do filósofo Filo. Depois casou-se com seu tio Herodes de Chalquis, depois de cuja morte retornou a seu irmão Agripa, viúva aos vinte anos de idade. O relacionamento entre os dois irmãos dava motivo para graves suspeitas. Entre 63 e 66 d. C. Berenice foi casada com o rei Pólemo da Cilícia, mas o abandonou e tornou a viver com seu irmão. Por este não ser casado, também o acompanhava em solenidades oficiais. É o que também nos descreve Lucas.

- 14/15** A estadia mais prolongada do rei dá oportunidade a Festo de falar com ele também sobre Paulo. Na exposição de Festo notamos novamente como Lucas de forma alguma logo conta em seus relatos tudo o que sabe, mas é capaz de abreviar muito sua descrição de acordo com o respectivo alvo. Somente agora ouvimos que Festo havia destacado para os judeus o procedimento do estado de direito romano, que não entregava ninguém à execução sem confrontá-lo pessoalmente com seus acusadores e sem lhe conceder oportunidade de se defender. Ou será que Festo naquela ocasião somente “pensou” isso, declarando-o apenas agora?
- 17-19** Do mesmo modo somos informados apenas agora que Jesus e sua ressurreição de fato tiveram uma importância maior no processo, enquanto antes ouvimos apenas sobre questões referentes à posição de Paulo perante a lei judaica, o templo e o imperador. O governador percebeu pela acusação e pela defesa de Paulo que não havia qualquer “delito”, conforme ele suspeitava. Pelo contrário, tratava-se de “controvérsias religiosas” e, acima de tudo, de “certo morto, chamado Jesus, que Paulo afirmava estar vivo”. Com a objetividade simples de uma pessoa do mundo, o romano captou exatamente o ponto decisivo do “cristianismo”. Consegue expressá-lo somente desse modo primitivo. Mas precisamente assim ele caracteriza com exatidão o evangelho de Paulo. Até hoje, esse Jesus, que morreu e por isso está liquidado para o mundo, e do qual afirmamos que ele vive, está constantemente em jogo!
- 20** Um magistrado romano obviamente deve estar “perplexo quanto ao modo de investigar estas coisas”, hesitando intervir, distinguindo entre justiça e injustiça, nessas questões que lhe são totalmente desconhecidas. Por isso teria preferido transferir a questão para Jerusalém. Também nesse aspecto Festo é mais honesto agora do que diante do próprio Paulo. Não se fala mais da presidência do governador, e um presidente perplexo, que não domina a matéria da própria disputa, teria sido de pouco proveito para o acusado. O que aconteceria se nessa audiência perante o Sinédrio o sumo sacerdote providenciasse melhor disciplina e o levasse a promulgar a sentença de “culpado”? Será que então Festo teria arriscado, ou será que poderia arriscar-se, a levar o assim condenado outra vez consigo para Cesaréia, recomeçando ali outro processo?
- 21** Paulo agiu muito bem ao desfazer todos esses planos por meio de seu recurso à “jurisdição de Sua Majestade” [TEB].
- 22** O rei Agripa vem ao encontro do governador, interessando-se pelo caso: “Eu também gostaria de ouvir este homem.” Provavelmente ele está de fato interessado em conhecer esse controverso líder dos cristãos. Também em seus territórios havia igrejas de cristãos, e seu pai havia tratado com essas pessoas pouco antes de morrer. Festo responde com satisfação, na forma sucinta de um militar: “Amanhã o ouvirás.”
- 23** É compreensível que isso agora se torne uma coisa sumamente oficial. O casal de irmãos obviamente não se apresenta sem sua corte. Por isso também o governador traz consigo seu estado maior, que com certeza não deixou de tomar conhecimento dessa questão controversa. Igualmente convida os “homens eminentes da cidade” para o evento. Jesus prometeu aos seus: “E também sereis levados à presença de governadores e de reis, para lhes servir de testemunho, a eles e aos gentios” (Mt 10.18). A Paulo dirigiu ainda um prenúncio especial: “Vai, porque este é para mim um instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel” (At 9.15). Agora ele lhe concede a oportunidade, pessoa sem título e nobreza, sem poder e direito, um pobre prisioneiro, de anunciar desse modo grandioso e solene a mensagem de Jesus perante o último rei judaico, perante o procurador romano e diante de uma multidão proeminente. Da mesma forma, Deus será capaz de fazer com que imperador e império tenham de dar ouvidos ao simples monge Martim Lutero, esse insignificante filho de mineiro. Se olharmos daqui para o relato de Lc 23.6-12, “Jesus perante o rei Herodes”, temos de afirmar que o Senhor ressuscitado na prática

concede a seus servos o que foi vedado a ele mesmo, por ser o Cordeiro calado de Deus. A Jesus só foi permitido silenciar diante do seu senhor territorial. Tanto Paulo como Lutero têm permissão de falar. Na corte Jesus não obteve nada mais que desprezo e zombaria. Tanto Paulo como Lutero conquistam grande dose de respeito. E apesar disso o silencioso Filho de Deus foi maior perante Herodes e Pilatos do que Paulo diante de Agripa e Festo, e Lutero diante de Carlos V.

- 24** A reunião é aberta por Festo com um verdadeiro discurso. Mais uma vez, somente agora Lucas salienta de modo muito eficaz o que ainda não havia comunicado no relato direto. Os “sumo sacerdotes e principais dos judeus”, que se apresentaram contra Paulo quando o governador lhes realizou sua primeira visita (At 25.2), haviam tomado providências para que, durante a audiência, acontecessem demonstrações impactantes e se repetissem os furiosos gritos de At 22.22: “Não convém que ele viva!” O novo senhor deveria perceber que todo o povo exigia ardentemente a condenação desse Paulo e que faria muito bem em não estragar suas relações com o povo irritado.
- 25** Desse modo evidencia-se ainda mais a firmeza sóbria com que o romano resiste aos galanteios e às ameaças, rejeitando as intenções dos líderes judeus. Talvez também fosse intenção de Festo salientar isso especialmente nesse grande momento. Em seguida Festo constata que não havia, no caso de Paulo, um delito claro, detectável pelo direito romano, que merecesse a pena capital. Por isso a “apelação ao imperador” em Roma não deixava de ser favorável para ele. Livrava-se desse caso complicado. Apenas tem dificuldade com uma questão. Ao encaminhar seu prisioneiro a César tinha obrigação de enviar uma carta explicativa. “No entanto não tenho nada de definido a respeito dele para escrever a Sua Majestade” [NVI]. O governador não deveria proferir uma sugestão de sentença. A decisão do imperador não poderia ser influenciada de forma nenhuma. Mas ele tinha de comunicar claramente ao imperador que imputações reais e pontos de acusação havia contra aquele que lhe era enviado como prisioneiro do Estado. E precisamente nesse aspecto o governador não tinha clareza, por maior que tenha sido a veemência das falas dos judeus contra Paulo. O que havia de concreto nessas acusações? Novamente estava em jogo a pergunta que já encontramos acima como decisiva: será que Paulo se separou do judaísmo como uma *religio licita*, será que até cometeu algum crime contra essa religião protegida pelo Estado? Até que ponto o fez?
- 26/27** É nesse ponto que Festo espera uma ajuda perita sobretudo do rei judaico. “Porque não me parece razoável remeter um preso sem mencionar, ao mesmo tempo, as acusações que militam contra ele.”

5 – O DISCURSO DE PAULO PERANTE FESTO E AGRIPA- Atos 26.1-32

- 1 – A seguir, Agripa, dirigindo-se a Paulo, disse: É permitido que uses da palavra em tua defesa. Então, Paulo, estendendo a mão, passou a defender-se nestes termos:**
- 2 – Tenho-me por feliz, ó rei Agripa, pelo privilégio de, hoje, na tua presença, poder produzir a minha defesa de todas as acusações feitas contra mim pelos judeus;**
- 3 – mormente porque és versado em todos os costumes e questões que há entre os judeus; por isso, eu te peço que me ouças com paciência.**
- 4 – Quanto à minha vida, desde a mocidade, como decorreu desde o princípio entre o meu povo e em Jerusalém, todos os judeus a conhecem;**
- 5 – pois, na verdade, eu era conhecido deles desde o princípio, se assim o quiserem testemunhar, porque vivi fariseu conforme a seita mais severa da nossa religião.**
- 6 – E, agora, estou sendo julgado por causa da esperança da promessa que por Deus foi feita a nossos pais,**
- 7 – a qual as nossas doze tribos, servindo a Deus fervorosamente de noite e de dia, almejam alcançar; é no tocante a esta esperança, ó rei, que eu sou acusado pelos judeus.**
- 8 – Por que se julga incrível entre vós que Deus ressuscite os mortos?**
- 9 – Na verdade, a mim me parecia que muitas coisas devia eu praticar contra o nome de Jesus, o Nazareno;**
- 10 – e assim procedi em Jerusalém. Havendo eu recebido autorização dos principais sacerdotes, encerrei muitos dos santos nas prisões; e contra estes dava o meu voto, quando os matavam.**
- 11 – Muitas vezes, os castiguei por todas as sinagogas, obrigando-os até a blasfemar. E, demasiadamente enfurecido contra eles, mesmo por cidades estranhas os perseguia.**

- 12 – Com estes intuitos, parti para Damasco, levando autorização dos principais sacerdotes e por eles comissionado.
- 13 – Ao meio-dia, ó rei, indo eu caminho fora, vi uma luz no céu, mais resplandecente que o sol, que brilhou ao redor de mim e dos que iam comigo.
- 14 – E, caindo todos nós por terra, ouvi uma voz que me falava em língua hebraica: Saulo, Saulo, por que me persegues? Dura coisa é recalcitrar contra os aguilhões.
- 15 – Então, eu perguntei: Quem és tu, Senhor? Ao que o Senhor respondeu: Eu sou Jesus, a quem tu persegues.
- 16 – Mas levanta-te e firma-te sobre teus pés, porque por isto te apareci, para te constituir ministro e testemunha, tanto das coisas em que me viste como daquelas pelas quais te aparecerei ainda,
- 17 – livrando-te do povo e dos gentios, para os quais eu te envio,
- 18 – para lhes abrires os olhos e os converteres das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus, a fim de que recebam eles remissão de pecados e herança entre os que são santificados pela fé em mim.
- 19 – Pelo que, ó rei Agripa, não fui desobediente à visão celestial,
- 20 – mas anunciei primeiramente aos de Damasco e em Jerusalém, (por toda a região da Judéia), e aos gentios, que se arrependessem e se convertessem a Deus, praticando obras dignas de arrependimento.
- 21 – Por causa disto, alguns judeus me prenderam, estando eu no templo, e tentaram matar-me.
- 22 – Mas, alcançando socorro de Deus, permaneço até ao dia de hoje, dando testemunho, tanto a pequenos como a grandes, nada dizendo, senão o que os profetas e Moisés disseram haver de acontecer,
- 23 – isto é, que o Cristo devia padecer e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos, anunciaria a luz ao povo e aos gentios.
- 24 – Dizendo ele estas coisas em sua defesa, Festo o interrompeu em alta voz: Estás louco, Paulo! As muitas letras te fazem delirar!
- 25 – Paulo, porém, respondeu: Não estou louco, ó excelentíssimo Festo! Pelo contrário, digo palavras de verdade e de bom senso.
- 26 – Porque tudo isto é do conhecimento do rei, a quem me dirijo com franqueza, pois estou persuadido de que nenhuma destas coisas lhe é oculta; porquanto nada se passou em algum lugar escondido.
- 27 – Acreditas, ó rei Agripa, nos profetas? Bem sei que acreditas.
- 28 – Então, Agripa se dirigiu a Paulo e disse: Por pouco me persuades a me fazer cristão.
- 29 – Paulo respondeu: Assim Deus permitisse que, por pouco ou por muito, não apenas tu, ó rei, porém todos os que hoje me ouvem se tornassem tais qual eu sou, exceto estas cadeias.
- 30 – A essa altura, levantou-se o rei, e também o governador, e Berenice, bem como os que estavam assentados com eles;
- 31 – e, havendo-se retirado, falavam uns com os outros, dizendo: Este homem nada tem feito passível de morte ou de prisão.
- 32 – Então, Agripa se dirigiu a Festo e disse: Este homem bem podia ser solto, se não tivesse apelado para César.

1 Agripa não responde pessoalmente ao discurso de abertura do governador. Por meio dela considera-se transformado em dirigente da reunião, cortesmente concedendo a palavra a Paulo. Conseqüentemente, ouvimos, pela última vez, o apóstolo num grande discurso. É um discurso de defesa, sendo também expressamente designado como tal por Lucas. No entanto, ele se torna um ataque evangelístico pessoal ao rei, porém igualmente aos ouvintes dessa hora singular.

2/3 Novamente Paulo inicia o discurso com uma *captatio benevolentiae*, como corresponde à natureza da questão e se esperava claramente na arte retórica. Contudo também nesse ponto sua palavra não é artificial, mas objetivamente acertada. Paulo pode se justificar perante um homem do judaísmo que não está perplexo como Félix ou Festo diante “dos costumes e questões que há entre os judeus”, mas que os conhece, e que apesar disso não está de antemão fechado contra sua palavra através do ódio, como os sumo sacerdotes e anciãos. Paulo sabe apreciar essa feliz conjuntura. Aqui ele pode falar com insistência e, não obstante, contar com ser “ouvido com paciência”.

- 4/5** Sua justificativa não reside em determinadas opiniões, não em provas fundamentais e correlações lógicas, mas reside única e exclusivamente em sua história. Por isso ela é relatada mais uma vez, assim como Israel não se cansava de recordar sua história com Deus. Grande peso recai sobre seu rigoroso passado judaico. Tarso já nem é mais mencionada. De antemão deve-se evitar qualquer desconfiança de que Paulo seja um “judeu da diáspora”, para quem seria relativamente fácil renegar a fé. Foi isso que ele também enfatizou no retrospecto de Fp 3.5: “hebreu de hebreus”, ou seja, um israelita genuíno e pleno apesar do nascimento em Tarso. Ele poderia trazer muitas testemunhas desse fato. Contudo, esse passado não representa simplesmente um contraste com sua atual condição de cristão. O verdadeiro fariseu não apenas olhou para a lei e seu cumprimento rigoroso, mas precisamente desse modo visava o futuro, a vinda do Messias. Nisso Paulo continuou sendo um “fariseu” é nisso que via o ponto em comum.
- 6/7** Nesse sentido, com máxima seriedade, todo o serviço de Paulo tem como base “a esperança da promessa que por Deus foi feita a nossos pais, a qual as nossas doze tribos, servindo (a Deus) fervorosamente de noite e de dia, almejam alcançar”. Sem dúvida havia nesse “serviço para Deus”, que visa aproximar a vinda do Messias, todo o “desconhecimento” da “justiça própria” diante de Deus. Contudo, apesar de toda a clareza e contundência do julgamento, também em Rm 10.2s Paulo teve de falar com respeito pessoal desse “zelo” por Deus. Por que não haveria de enfatizar outra vez, naquela hora diante do rei de seu povo, o que o ligava a Israel e ao grupo fariseu em Israel? “Os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis” (Rm 11.29). A incredulidade de Israel não consegue anular a fidelidade de Deus (Rm 3.3). As promessas emitidas a nossos pais continuam em vigor. Essa sempre foi a convicção de Paulo, que lhe confere agora uma formulação especial pelo fato de que, apesar das dez tribos do reino do Norte, desaparecidas no exílio, continuam sendo “nossas doze tribos”. É capaz de afirmá-lo honestamente, sem qualquer diplomacia inautêntica: “É por causa desta esperança, ó rei, que estou sendo acusado pelos judeus.”
- 8** No entanto, parece que o rei fez um gesto de desaprovação ou pelo menos de dúvida. “Paulo, não estás querendo afirmar que estás sendo odiado e acusado pelos judeus por ser um fariseu rigoroso e sustentar a esperança messiânica de Israel!” “Não, meu rei”, respondeu Paulo, “mas porque anuncio o verdadeiro cumprimento da esperança de Israel pela ressurreição de Jesus dentre os mortos! Para mim ela se transformou, de mero dogma e expectativa incerta, em atualidade viva pelo agir de Deus. Isso, porém, as pessoas não querem ouvir!” Afinal, por que não? “Por que se julga incrível entre vós que Deus ressuscite os mortos?”
- 9** Paulo fala a partir da mesma situação em que também hoje muitos crentes ainda prestam seu testemunho: simplesmente não conseguem conceber porque as pessoas rejeitam a preciosa e libertadora mensagem de Jesus – e no passado elas mesmas fizeram parte dos que a rejeitaram energicamente! É por isso que Paulo está lembrando precisamente agora: “De minha parte, eu tinha na verdade julgado que deveria combater por todos os meios o nome de Jesus, o nazareno” [TEB]. Em parte alguma ele descreve sua atividade de perseguição de forma tão radical e concreta.
- 10/11** Não fala apenas de aprisionamentos, como em At 8.3 e 9.2, mas também de sentenças de morte, para as quais “dava seu voto” favorável. Sim, agora ele revela suas recordações mais graves: “Muitas vezes, os castiguei por todas as sinagogas, obrigando-os até a blasfemar.” Com que sentimentos ele pode ter suportado pessoalmente os cinco flagelos nas sinagogas (2Co 11.24), lembrando-se das pessoas que amavam a Jesus e que ele tentava forçar pelos açoites a blasfemar contra o precioso nome de Jesus! Paulo fornece um dado especial também a respeito da extensão de sua luta contra a igreja de Jesus: “E, demasiadamente enfurecido contra eles, mesmo por cidades estrangeiras os perseguia.” De acordo com a narrativa de At 8 e 9, poderíamos ter a impressão de que Paulo escolheu Damasco como primeira localidade estrangeira após sua atividade em Jerusalém. Na verdade isso seria estranho e inverossímil. Agora somos informados de que Paulo ampliou cada vez mais a área em que exercia a perseguição.
- 12** No contexto dessa perseguição “por cidades estrangeiras” ele também se dirige a Damasco. Mais uma vez Paulo apenas consegue apresentar a seus ouvintes “fatos históricos”. Não foram as considerações teológicas nem as opiniões religiosas que o tornaram cristão. Tampouco estudos exaustivos da Bíblia. Ele conhece por experiência muito pessoal a realidade que descreve em 2Co 3.14: “Mas os sentidos deles se embotaram. Pois até ao dia de hoje, quando fazem a leitura da antiga aliança, o mesmo véu permanece.” Paulo teria reagido energicamente a todas as explicações

“psicológicas” de sua conversão. Foi unicamente a intervenção imprevisível e soberana do próprio Senhor exaltado que arranca sua vida e seu pensamento do rumo, transformando o perseguidor da igreja no apóstolo de Jesus para as nações. Toda a sua posição interior, todo o seu caminho posterior, toda a sua atividade, que o trouxera a esse banco de réus, simplesmente não passam de “obediência”. A rigor essa palavra constitui toda a sua defesa e justificativa.

- 13-17** Pelo fato de Paulo tentar mostrar isso a Agripa e aos demais ouvintes, ele novamente organiza o relato sobre Damasco de modo diferente do que em At 22 (e em At 9). Para nós é muito importante notar essa liberdade despreocupada no testemunho do NT. Três relatos sobre o mesmo evento decisivo encontram-se lado a lado no mesmo livro, e apesar disso Lucas de forma alguma se empenhou medrosamente em harmonizá-los entre si com exatidão. Agora, diante do rei, Paulo pode omitir o serviço de Ananias e combinar diretamente a mensagem de Jesus, que o Senhor lhe concedeu através de Ananias, com a interpelação de Jesus diante de Damasco. Ananias não é importante, e de fato foi o próprio Jesus que falou a Paulo através desse simples cristão. Por essa razão, Paulo não julga estar “falsificando” os fatos ao relatar o que Jesus lhe falara diretamente: “Eu lhe apareci para constituí-lo servo e testemunha do que você viu a meu respeito e do que lhe mostrarei” [NVI]. Como isso é importante para nós diante dos relatos pascais e de outras narrativas nos evangelhos!
- 18** De modo diferente do que em At 9.15 e 22.15, Paulo está recebendo nessa ocasião uma palavra a respeito de sua incumbência, válida para a evangelização de todos os tempos. O conteúdo de sua incumbência consiste apenas numa única ação: “para lhes abrir os olhos”. Como isso caracteriza maravilhosamente toda a glória do evangelho! Nada mais o ser humano precisa “fazer”, nada precisa realizar a partir de si próprio, nem se torturar. Apenas precisa abrir os olhos, a fim de ver que Deus já realizou todo o resto, toda a redenção está “consumada”! Abrir os olhos - isso parece ser a ação mais fácil para o ser humano mais frágil. Apesar disso, ele não consegue fazê-lo por si só, razão pela qual Paulo e, com ele, todos os evangelistas do mundo receberam a incumbência: “para abrir os olhos” daqueles aos quais são enviados. Contudo, por sua vez nenhum evangelista é capaz disso com seu próprio poder, nem sequer alguém como Paulo. Unicamente mediante a autoridade de Jesus no Espírito Santo um mensageiro de Jesus é capaz de dizer “Veja! Abra os olhos!” de tal modo que o fato aconteça, e olhos se abram para o Cordeiro de Deus que carrega o pecado do mundo. E somente agora, a partir desse olhar desimpedido, é possível que aconteça a conversão que do contrário seria uma obra humana sem arrimo. Somente agora se torna viável “convertê-los das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus, a fim de que recebam eles remissão de pecados e herança (“sorte”) entre os que são santificados pela fé em mim”. Na conversão não importam questões específicas, nem uma ou outra mudança moral, trata-se da mudança total da vida, designada pelos contrastes absolutos “trevas – luz”, “Deus – Satanás”. Nessa situação vigora uma opção total. Por natureza, porém, cada ser humano está nas trevas e vive sua vida sob o poder de Satanás e, portanto, sob a ira de Deus (Ef 2.1-3). Por essa razão a conversão “das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus” é essencial para a vida, necessária para a salvação. É tão imperiosa para o israelita devoto quanto para o gentio moderno. Por meio dessa conversão o ser humano obtém “o perdão dos pecados” e, com ele, ao mesmo tempo “a herança (“sorte”) entre os que são santificados”. Tão grandioso é o alvo que Jesus propõe para o trabalho de Paulo. Está em jogo toda a eternidade. As palavras no final da frase: “pela fé em mim” podem e devem ser relacionados aos três bens imensuráveis: obtemos perdão dos pecados pela fé em Jesus, a herança eterna nos é legada pela fé em Jesus e somos pessoas “santificadas” apenas pela fé em Jesus.
- 14** Naquele instante decisivo na estrada para Damasco o Senhor exaltado lançou a Paulo uma advertência, a qual Paulo agora explicita diante de seus ouvintes com uma palavra que era conhecida como provérbio: “Dura coisa é recalcitrar contra os aguilhões.” Para instigar os animais de tração usava-se uma vara pontiaguda em lugar do chicote. Quando o animal, ao invés de obedecer, se revoltava contra a vara, ele apenas fazia com que o ferrão penetrasse mais profunda e dolorosamente na carne. Ou seja, Jesus afirmou ao perseguidor que todo o pecado passado foi apagado, mas que de agora em diante qualquer teimosia e insurreição tão somente trariam sofrimento pior. Restava-lhe obedecer e seguir o Senhor.
- 19/20** “Pelo que, ó rei Agripa, não fui desobediente à visão celestial.” Essa é a peça central de sua defesa. Seu novo caminho não é apostasia, obstinação, desenfreamento, como pensam seus

adversários, mas justamente obediência incondicional. Assim como Lutero objetou a todas as acusações e suspeitas o fato de que na verdade não realizou a obra da Reforma por arbítrio próprio, mas porque Deus o conduziu em frente “como um matungo cego”, assim Paulo também declara: “Como um animal de tração que não pode se rebelar contra o ferrão doloroso, segui com obediência o meu caminho”. Iniciou seu serviço imediatamente em Damasco, levando a mensagem da conversão depois aos de Jerusalém e às nações. Nesse empreendimento, o objetivo dele, o apóstolo obediente, era que também nos outros a conversão não estagnasse em sentimentos, mas levasse a “obras dignas de arrependimento”.

- 21** É nesse serviço obediente, não numa suposta “profanação do templo” que reside a razão pela qual “os judeus me prenderam, estando eu no templo, e tentaram matar-me.” Aqui Paulo desvela os verdadeiros bastidores do ódio judaico contra ele de forma mais profunda do que em seu sucinto discurso de defesa perante o tribunal. De fato, “por causa disto” os judeus da diáspora estavam tão revoltados com ele. Contudo, naquela hora, como já acontecera tantas vezes, Paulo “alcançou socorro de Deus”.
- 22** Desse modo, não era possível eliminá-lo, como as pessoas gostariam, mas “permanece até ao dia de hoje, dando testemunho, tanto a pequenos como a grandes”. Mais uma vez Paulo enfatiza que ele permaneceu integralmente no terreno da Escritura: “nada dizendo, senão o que os profetas e Moisés disseram haver de acontecer”.
- 23** Pelo conteúdo, são a cruz do Cristo e sua ressurreição que trazem “luz ao povo [de Israel] e aos gentios”. O formato das frases é singular nessa afirmação. Paulo não está usando a palavra comum para “que”, mas emprega o termo “quando, se”. Na verdade acontece que no grego helenista o “*ei*” = “se” pode assumir o sentido de “que”. Nas demais passagens, porém, encontramos sempre “*hoti*” = “que”, isto é, uma frase construída com o infinitivo. Será que, usando o “se”, Paulo não está explicitando de forma concreta que justamente os judeus o assediam repetidamente com perguntas contra sua proclamação, seja numa busca sincera, seja numa rejeição hostil: “Paulo, estás proclamando um Messias sofredor que morre – “se” isso de fato foi afirmado por Moisés e os profetas”? Tu pregas o Ressuscitado – “se” realmente podes fazê-lo de acordo com “as Escrituras” (1Co 15.4), como asseveras? Com todo o primeiro cristianismo, Paulo responde, plenamente convicto: “Sim! Estamos alicerçados sobre o fundamento da Escritura! Trazemos a prova da Escritura!”
- 24/25** Agora Paulo é interrompido. Enquanto Festo apenas depreendia da controvérsia entre Paulo e os judeus que se tratava de “um Jesus morto, do qual Paulo afirma que ele vive”, suas declarações eram afirmações curiosas que podiam ser toleradas. No entanto essa asserção de que Jesus como “o primeiro da ressurreição dos mortos, anunciaria a luz ao povo e aos gentios” leva a um extremo inadmissível para o estadista romano. Interrompe-o, exclamando: “Estás louco, Paulo! As muitas letras te fazem delirar!” Paulo, porém, tem condições de responder com a calma de uma sólida convicção: “Não estou louco, ó excelentíssimo Festo! Pelo contrário, digo palavras de verdade e de bom senso.” Paulo está suficientemente ambientado no pensamento e na retórica grega para saber que alta consideração as melhores pessoas da Antigüidade devotam à “*sophrosýne*” = “sensatez”, e de como rejeitavam tudo o que se parecia com “*mania*” = “loucura”, “devaneio”, “imprecisão”. Sem dúvida o evangelho afirma coisas inconcebíveis. Mas apesar disso não é “delírio”, mas verdade clara e sensata. Ele constitui a única concepção realmente sóbria do ser humano em sua situação perante Deus. Quem de fato se tornou um cristão sabe que dessa forma não paira acima da realidade num devaneio ilusionista, mas que finalmente encarou a verdade, a verdade de Deus e a verdade sobre si mesmo.
- 26** Na seqüência Paulo se dirige outra vez ao homem por quem evidentemente se interessa mais na presente hora, o rei judaico. Ele possui pressupostos melhores para compreendê-lo do que o estadista romano. Nele Deus já agiu previamente, o que é tão importante para qualquer evangelização. Ainda que Agripa tenha nascido apenas em 27 d. C. e tenha sido educado em Roma, ouviu o suficiente sobre os acontecimentos em torno de Jesus quando, depois da morte súbita do pai, assumiu o governo na Palestina no ano de 44 d. C. “Pois estou persuadido de que nenhuma destas coisas lhe é oculta. Porquanto nada se passou em algum lugar escondido.” Mesmo que esse “Jesus morto” fosse um curioso fato oculto para o romano, sem valer a pena que alguém se ocupasse seriamente com ele, para o jovem rei judaico isso era diferente.

27 É a ele que, em seguida, se dirige o ataque evangelístico direto: “Acreditas, ó rei Agripa, nos profetas?” Como no discurso diante de Félix, deparamo-nos outra vez com a certeza confiante que Paulo tem de que sua palavra irá obter o consentimento inevitável na consciência do interpelado. Ainda que alguém seja herodiano e viva num relacionamento dubio com a irmã – será possível ser rei judaico e não crer nos profetas? Não é imperioso que habite no coração um respeito extremo diante da palavra divina vinda da boca de profetas? E se esse respeito estava soterrado, acaso não teria de ressurgir nessa hora, sob a interpelação da palavra, justamente porque Agripa ainda é jovem? “Bem sei que acreditas!”

28 A resposta do rei consta de diferentes maneiras nos manuscritos, o que evidencia que desde o começo foi percebida como de difícil entendimento. De acordo com os melhores textos ela diz literalmente: “Por pouco me persuades a fazer o cristão.” O termo “fazer” poderia estar sendo usado de tal modo como nós também o conhecemos em nosso idioma: “Ele faz o [papel do] Papai Noel.” Nesse caso Agripa teria admitido o forte impacto que Paulo teria causado nele ao apelar seriamente para a sua convicção, mas no último instante ele teria se esquivado desse impacto com visível ironia. “Paulo, se insistires desse modo comigo, poderias me convencer, mas então apenas “exerceria” o papel de cristão; porém isso não resultará num passo definitivo e sério.” Essa seria ao mesmo tempo uma palavra de profundo auto-reconhecimento do jovem herodiano. Nesse caso o texto *Koiné*, que substitui o “fazer” por “tornar-se”, teria ignorado a última peculiaridade da resposta de Agripa. Contudo, também poderíamos imaginar que a forma atual do texto resultou de uma fusão das duas afirmações semelhantes em seu conteúdo: “Por pouco me persuades a me tornar cristão”, e “Em breve farás de mim um cristão”. Então a resposta do rei deveria ser entendida da seguinte maneira: “Em breve farás de mim um cristão através de tua persuasão.” A não ser que se dê preferência à versão da *Koiné*.

Paulo não se enganou: O rei judaico não considera a mensagem como simples “loucura”. Nessa reunião diante do governador romano ele profere uma palavra sobre “tornar-se cristão”, o que não deixa de ser admirável mesmo que envolto em uma parcela de rejeição. Agripa representa a imagem dos muitos homens que, como pessoas de projeção e estudo, não têm coragem de ceder ao impacto que a palavra da verdade causa neles. Não rejeitam asperamente o mensageiro de Jesus; têm apreço por ele. Contudo esquivam-se de sua investida com um movimento de corpo elegante ou levemente zombeteiro.

29 A versão do Códice A, “*peithe*”, em lugar de “*peitheis*”, daria à resposta de Agripa apenas o sentido de uma rejeição irônica: “Por certo estás presumindo que podes me tornar um cristão num piscar de olhos.” Contudo, essa acepção torna-se impossível por causa da réplica de Paulo. Deve ter havido um teor positivo nas palavras do rei, ao qual Paulo agora se apegava: “Assim Deus permitisse que, por pouco ou por muito, não apenas tu, ó rei, porém todos os que hoje me ouvem se tornassem como eu sou, exceto estas cadeias.” É assim que consegue falar a fé repleta de amor. O próprio Jesus havia feito uma previsão a respeito da possibilidade de os ricos se tornarem cristãos: “Isto é impossível aos homens, mas para Deus tudo é possível” (Mt 19.26). Ainda que um herodiano considere inconcebível fazer coisa além de simplesmente “brincar” de cristão, poder sinceramente tornar-se discípulo do Messias crucificado, Paulo confia em que Deus também fará tal milagre. Até mesmo alguém como Festo, que agora ainda exclama “loucura!”, pode seguir seu colega em Chipre e “chegar à fé” (At 13.12). Se não acontecer “em breve”, ainda assim poderá acontecer “mais tarde”, “por pouco ou por muito”, também nos oficiais e nos “homens eminentes da cidade”. A ação de Deus não chegou ao fim. Paulo é decididamente uma pessoa que “crê”, que conta com o poder de Deus. Por essa razão, sua última palavra nessa hora não é uma palavra de decepção, de amargura, de ameaça de condenação, mas uma palavra do amor cordial e cortejador, que vislumbra ousadamente as possibilidades transformadoras de Deus. Sem dúvida Paulo gostaria muito de eximi-los das correntes. No mais, porém, ele, o judeu pobre, esfolado e insignificante no mundo, tão somente pode desejar que eles se tornem “como ele”. De que vale a “grande pompa” do rei e sua bela irmã? De que vale o poder do governador, que amanhã já pode ser levado à morte pelo desfavor de alguém como Nero? Que valor têm todo o brilho e toda a riqueza desta assembléia contra a glória da “herança entre os que são santificados pela fé em Jesus” (v. 18)!

30-32 Os eminentes senhores se levantam e encerram a sessão. Ninguém tem uma pergunta verdadeira para dirigir a Paulo. Não foram atingidos de forma tão séria e profunda. Mas enquanto se retiram “falam uns com os outros, dizendo: Este homem nada tem feito passível de morte ou de prisão”. Essa

impressão ficou nítida em todos. “Então, Agripa se dirigiu a Festo e disse: Este homem bem podia ser solto, se não tivesse apelado para César.” Como devemos entender essas palavras? Será que Paulo não poderia recuar de sua apelação a César, se o governador lhe assegurasse que nem haveria processo contra ele, mas que seria liberto? Ou será que, ao dar um passo precipitado, o próprio Paulo fechou para si a porta para a liberdade? Essas hipóteses superestimam em muito a palavra de Agripa. Trata-se tão somente de uma observação lançada no clima daquele momento, nada mais. Em termos jurídicos, Agripa não tinha a menor influência nessa questão. Por isso sua opinião não tinha peso algum. Justamente por isso ele podia proferi-la facilmente, sem ter a obrigação de se empenhar realmente por ela. Festo, porém, encontrava-se numa situação diferente. Por isso também não disse palavra alguma sobre uma possível libertação. Será que ele, por amor a um fanático exaltado, se indisporia com os líderes dos judeus? Ele continuará seguindo sua linha nessa questão fatal, apesar da observação simpática, mas formal de seu eminente visitante. Seja como for, enviará esse Paulo para Roma.

A VIAGEM POR MAR ATÉ ROMA - ATOS 27.1-44

- 1 – Quando foi decidido que navegássemos para a Itália, entregaram Paulo e alguns outros presos a um centurião chamado Júlio, da Coorte Imperial.**
- 2 – Embarcando num navio adramitino, que estava de partida para costear a Ásia, fizemo-nos ao mar, indo conosco Aristarco, macedônio de Tessalônica.**
- 3 – No dia seguinte, chegamos a Sidom, e Júlio, tratando Paulo com humanidade, permitiu-lhe ir ver os amigos e obter assistência.**
- 4 – Partindo dali, navegamos sob a proteção de Chipre, por serem contrários os ventos;**
- 5 – e, tendo atravessado o mar ao longo da Cilícia e Panfília, chegamos a Mirra, na Lícia.**
- 6 – Achando ali o centurião um navio de Alexandria, que estava de partida para a Itália, nele nos fez embarcar.**
- 7 – Navegando vagarosamente muitos dias e tendo chegado com dificuldade defronte de Cnido, não nos sendo permitido prosseguir, por causa do vento contrário, navegamos sob a proteção de Creta, na altura de Salmona.**
- 8 – Costeando-a, penosamente, chegamos a um lugar chamado Bons Portos, perto do qual estava a cidade de Laséia.**
- 9 – Depois de muito tempo, tendo-se tornado a navegação perigosa, e já passado o tempo do Dia do Jejum, admoestava-os Paulo,**
- 10 – dizendo-lhes: Senhores, vejo que a viagem vai ser trabalhosa, com dano e muito prejuízo, não só da carga e do navio, mas também da nossa vida.**
- 11 – Mas o centurião dava mais crédito ao piloto e ao mestre do navio do que ao que Paulo dizia.**
- 12 – Não sendo o porto próprio para invernar, a maioria deles era de opinião que partissem dali, para ver se podiam chegar a Fenice e aí passar o inverno, visto ser um porto de Creta, o qual olhava para o nordeste e para o sudeste.**
- 13 – Soprando brandamente o vento sul, e pensando eles ter alcançado o que desejavam, levantaram âncora e foram costeando mais de perto a ilha de Creta.**
- 14 – Entretanto, não muito depois, desencadeou-se, do lado da ilha, um tufão de vento, chamado Euroaquilão;**
- 15 – e, sendo o navio arrastado com violência, sem poder resistir ao vento, cessamos a manobra e nos fomos deixando levar.**
- 16 – Passando sob a proteção de uma ilhota chamada Clauda, a custo conseguimos recolher o mensageiro;**
- 17 – e, levantando este, usaram de todos os meios para cingir o navio, e, temendo que dessem na Sirte, arriaram os aparelhos, e foram ao léu.**
- 18 – Açoitados severamente pela tormenta, no dia seguinte, já aliviavam o navio.**
- 19 – E, ao terceiro dia, nós mesmos (ou: eles), com as próprias mãos, lançamos ao mar a armação do navio.**
- 20 – E, não aparecendo, havia já alguns dias, nem sol nem estrelas, caindo sobre nós grande tempestade, dissipou-se, afinal, toda a esperança de salvamento.**

- 21 – Havendo todos estado muito tempo sem comer, Paulo, pondo-se em pé no meio deles, disse: Senhores, na verdade, era preciso terem-me atendido e não partir de Creta, para evitar este dano e perda.
- 22 – Mas, já agora, vos aconselho bom ânimo, porque nenhuma vida se perderá de entre vós, mas somente o navio.
- 23 – Porque, esta mesma noite, um anjo de Deus, de quem eu sou e a quem sirvo, esteve comigo,
- 24 – dizendo: Paulo, não temas! É preciso que compareças perante César, e eis que Deus, por sua graça, te deu todos quantos navegam contigo.
- 25 – Portanto, senhores, tende bom ânimo! Pois eu confio em Deus que sucederá do modo por que me foi dito.
- 26 – Porém é necessário que vamos dar a uma ilha.
- 27 – Quando chegou a décima quarta noite, sendo nós batidos de um lado para outro no mar Adriático, por volta da meia-noite, pressentiram os marinheiros que se aproximavam de alguma terra.
- 28 – E, lançando o prumo, acharam vinte braças; passando um pouco mais adiante, tornando a lançar o prumo, acharam quinze braças.
- 29 – E, receosos de que fôssemos atirados contra lugares rochosos, lançaram da popa quatro âncoras e oravam para que rompesse o dia.
- 30 – Procurando os marinheiros fugir do navio, e, tendo arriado o mensageiro no mar, a pretexto de que estavam para largar âncoras da proa,
- 31 – disse Paulo ao centurião e aos soldados: Se estes não permanecerem a bordo, vós não podereis salvar-vos.
- 32 – Então, os soldados cortaram os cabos do mensageiro e o deixaram afastar-se.
- 33 – Enquanto amanhecia, Paulo rogava a todos que se alimentassem, dizendo: Hoje é o décimo quarto dia em que, esperando, estais sem comer, nada tendo provado.
- 34 – Eu vos rogo que comais alguma coisa; porque disto depende a vossa segurança; pois nenhum de vós perderá nem mesmo um fio de cabelo.
- 35 – Tendo dito isto, tomando um pão, deu graças a Deus na presença de todos e, depois de o partir, começou a comer.
- 36 – Todos cobraram ânimo e se puseram também a comer.
- 37 – Estávamos no navio duzentas e setenta e seis pessoas ao todo.
- 38 – Refeitos com a comida, aliviaram o navio, lançando o trigo (ou: o cereal) ao mar.
- 39 – Quando amanheceu, não reconheceram a terra, mas avistaram uma enseada, onde havia praia; então, consultaram entre si se não podiam encalhar ali o navio.
- 40 – Levantando as âncoras, deixaram-no ir ao mar, largando também as amarras do leme; e, alçando a vela de proa ao vento, dirigiram-se para a praia.
- 41 – Dando, porém, num lugar onde duas correntes se encontravam, encalharam ali o navio; a proa encravou-se e ficou imóvel, mas a popa se abria pela violência do mar.
- 42 – O parecer dos soldados era que matassem os presos, para que nenhum deles, nadando, fugisse;
- 43 – mas o centurião, querendo salvar a Paulo, impediu-os de o fazer; e ordenou que os que soubessem nadar fossem os primeiros a lançar-se ao mar e alcançar a terra.
- 44 – Quanto aos demais, que se salvassem, uns, em tábuas, e outros, em destroços do navio (ou: sobre as costas de membros da tripulação). E foi assim que todos se salvaram em terra.

1 Agora é tomada a resolução de realmente partir, sendo Paulo entregue com outros prisioneiros à responsabilidade de um oficial. Não sabemos nada mais preciso sobre os “outros presos”. Dificilmente eram também cidadãos romanos que haviam apelado a César. É provável que fossem condenados que eram levados para Roma para ser jogados à morte nos jogos circenses. Já em vista disso Paulo deve ter gozado desde o início de certa posição especial no transporte de prisioneiros, bem como de liberdades maiores. Dos relatos posteriores resulta que, ao que parece, podia mover-se livremente pelo navio. Uma vez que se usava navios particulares para o transporte de prisioneiros, havia a bordo também muitos outros passageiros (cf. v. 37). O centurião (cf. acima, p. ...[196]) “Júlio” está alistado na “Coorte Imperial”. O título “*Cohors Augusta*” é usado muitas vezes como designação honorífica para contingentes de tropas que eram compostas por filhos da região. Contudo, o oficial Júlio deve ter sido um romano. No presente capítulo ele demonstra ter visão do valor de um

ser humano, bem como revela procedimento justo e não-burocrático, que freqüentemente é peculiar ao verdadeiro soldado.

- 2 No começo navegam num navio originário do porto em Adramítio, uma cidade da Mísia, a sudeste de Trôade, cujo itinerário são os portos da costa da Ásia Menor. Além de Lucas – no presente capítulo recomeça o relato na forma de “nós” – navega com eles Aristarco de Tessalônica. Já o conhecemos de At 19.29 e 20.4. Em Cl 4.10 Paulo o chama expressamente de “prisioneiro comigo”, e também em Fm 24 ele aparece entre os que estão com Paulo e enviam saudações. A forma, porém, como sua viagem no mesmo navio é mencionada, mostra que ele não faz parte dos detidos, mas compartilhava a prisão de Paulo espontaneamente. Tão a sério uma pessoa podia levar sua ligação com Paulo! Nessa situação explicita-se o que significa almejar a “comunhão dos sofrimentos” (Fp 3.10!) de outra pessoa. Aristarco não queria ser apenas colaborador de um Paulo livre e bem-sucedido, mas também o companheiro do apóstolo que por causa do evangelho fazia a perigosa viagem para Roma como prisioneiro.
- 3 No dia seguinte os viajantes chegam a Sidom, onde o navio se detém por alguns dias, por razões não explicadas. O centurião permite a Paulo deixar o navio e procurar na cidade por seus amigos cristãos. Júlio conhecia Paulo dos anos em que estivera preso em Cesaréia e sabia que podia confiar nele. Ainda assim Paulo deve ter ficado algemado a um soldado, como era comum naquele tempo. Não sabemos o que está incluído em “obter assistência” ou “usufruir os cuidados”. Os cristãos em Sidom provavelmente não apenas deram alívio momentâneo a Paulo, mas também o supriram de diversas coisas úteis para a continuação da viagem.
- 4 Ao prosseguirem a viagem, evidenciam-se as dificuldades da navegação naquela época. Os navios pesados ainda não permitiam superar o vento contrário pela técnica do “cruzar”. Assim o navio seguiu “abaixo de Chipre”, o que significa ao longo da costa leste da ilha, de sorte que a ilha o protegia contra o vento oeste, enquanto uma corrente marinha o carregava rumo ao norte.
- 5 Então obviamente enfrentaram o “mar aberto” “ao longo da costa da Cilícia e Panfília”. Também ali havia no mar uma correnteza que levava para oeste, conduzindo o navio até “Mirra”, apesar do vento desfavorável.
- 6 Nesse importante local de troca de mercadorias (cf. acima, p. ... [381]) eles encontram um dos grandes navios alexandrinos de cereais, que estavam permanentemente em viagem entre Alexandria e Roma para abastecer a capital. Em vista da insegurança da navegação daquele tempo, não era incomum realizar esse longo desvio pelo leste. Os marinheiros temiam navegar pelo mar aberto e se mantinham o mais perto possível da costa. Além de sua carga de trigo, o navio ainda transportava 276 pessoas. O destino de sua viagem era, pois, a Itália. Conseqüentemente, o centurião ordena que seus prisioneiros se transfiram para esse navio.
- 7/8 Contudo, também nesse momento persiste o desfavorável vento oeste. O navio avança apenas lentamente, não consegue aportar na ilha de Cnido e é obrigado a rumar para o sul em direção de Creta, cuja costa leste é alcançada no cabo Salmona. Penosamente prosseguem pela costa sul da ilha até um local com o auspicioso nome de “Bons Portos” ou “Bom Porto”, na cercania da cidade de Laséia. Infelizmente o nome é enganoso. Não há nele nada de um “bom porto” para invernar em segurança.
- 9 Na seqüência os tripulantes defrontam-se com uma situação desconfortável. Por causa da viagem lenta, perdeu-se muito tempo. O “Dia do Jejum”, ou seja, o grande dia da reconciliação no 10º dia do 7º mês (Tishri - setembro/outubro) já havia passado. Começara a época perigosa para a navegação. O que deverá ocorrer? Ao que parece, realiza-se uma deliberação a esse respeito, para a qual Paulo também é chamado.
- 10 Júlio deve ter estado consciente de algo que o próprio Paulo relata de sua vida em 2Co 11.25. Suas muitas viagens também o deixaram familiarizado com as questões da navegação. Conhecia exaustivamente os perigos do mar. Por isso ele adverte com insistência diante de qualquer continuação da viagem, que haveria de ser uma ameaça não apenas para o navio, mas também para a vida de todos.
- 11/12 Contudo, os especialistas oficiais, “o piloto e o armador do navio”, têm opinião contrária. Seguindo a opinião da “maioria”, chegam a um acordo: abandona-se a idéia de seguir até a Itália,

mas ainda se mantém o objetivo de navegar ao longo de Creta pelo menos até Fenice, a fim de encontrar ali um porto melhor para “passar o inverno”.

- 13** Parece que o empreendimento se concretiza de maneira ideal: começa a soprar um leve vento sul. A tripulação levanta âncora e navega perto da costa de Creta em direção a oeste para Fenice. Contudo, Paulo não apenas falara com tanta determinação e os alertara por causa de seu conhecimento genérico da navegação, mas a partir de sua certeza profética. Não se engana com o início favorável da viagem. Espera pela tragédia, a qual não foi capaz de evitar e que em seguida se abate sobre todos com rapidez.
- 14** Uma espécie de ciclone, “um tufão”, se abate sobre Creta e arrasta o navio.
- 15** Não é possível virar o navio com a proa contra o vento (“encarar o vento”, diz o texto, considerando a embarcação como um ser vivo) e desse modo superar o tornado. Era preciso deixá-la à mercê do vento, provavelmente usando uma pequena vela dianteira (v. 40).
- 16/17** Protegidos do vento pela pequena ilha Clauda, os tripulantes conseguem ao menos içar a bordo o barco auxiliar, que seguia amarrado atrás do navio e que, na tempestade, corria o perigo de ser lançado contra o navio ou encher-se de água e afundar. Ao mesmo tempo são tomadas medidas complementares: o navio é “cingido”. Não sabemos com exatidão como isso aconteceu. De qualquer forma, as cordas que contornam o casco do navio devem proporcionar-lhe maior consistência.
- Não é motivo de surpresa que não compreendamos tudo na descrição de Lucas. Afinal, esse é um dos poucos relatos pormenorizados de que dispomos acerca de uma viagem marítima na Antigüidade. Os contemporâneos para os quais Lucas escreveu estavam familiarizados com todos esses termos técnicos e os imaginavam facilmente. Não dispomos de paralelos literários, com auxílio dos quais pudéssemos explicar com exatidão as expressões usadas por Lucas. Contudo queremos ser gratos pelo fato de que um relato tão extraordinário da vida da Antigüidade consta em nosso NT. Não é por acaso que se trata de uma narrativa na primeira pessoa do plural. Essa tempestuosa viagem cheia de incidentes foi vivenciada por Lucas, motivo pelo qual foi narrada de forma tão viva por ele.
- 17** O vento norte arrasta o navio. Para onde? A direção do vento leva para a grande “Sirte”, que era temida por causa de seus bancos de areia. De todos os modos tentam evitar que sejam levados até lá, motivo pelo qual executam uma segunda manobra da qual não temos certeza absoluta. Literalmente consta “fizeram descer o aparelho.” O termo grego “*skeuos*” = “aparelho” pode designar equipamentos muito distintos, como em nosso idioma, dependendo do contexto. P. ex., na presente passagem poderia significar a grande vela, que agora é “arriada”. Contudo, é provável que isso já tenha acontecido muito antes. Não seria possível navegar com a grande e larga vela de um navio antigo numa tempestade. Por isso, preferimos imaginar o “aparelho” como uma “âncora de arrasto”, descrita da seguinte forma por um oficial da marinha: “uma prancha larga de madeira, mantida verticalmente na água por um peso na ponta inferior e por um tonel vazio na superior, é arrastada por uma corda de tal maneira que toda vez que o navio desce de uma montanha de onda, seja produzida uma grande resistência.” A corda precisa ter o comprimento da metade da distância entre uma crista de onda e outra (Haenchen, op. cit., p. 628). Assim a viagem é retardada na esperança de que a tempestade ceda antes que alcancem Sirte.
- 18** No dia seguinte, quando a tempestade persiste, os homens se vêem obrigados a realizar um “alívio de emergência”, ou seja, lançar ao mar parte da carga, a fim de aliviar o navio, mantendo-o assim mais alto sobre o espelho da água.
- 19** No terceiro dia segue-se todo o “equipamento” dispensável. De nada adiantam, porém, todas essas medidas.
- 20** “E, não aparecendo, havia já alguns dias, nem sol nem estrelas”, a tripulação fica à mercê da “grande tempestade”, sem qualquer possibilidade de orientação. Por fim, “toda a esperança de sermos salvos nos desamparava” [TEB]. Desânimo, mal-estar, enjôo levam ao ponto de ninguém mais querer comer. Todos estão sentados ou prostrados, em soturna falta de esperança, no estreito recinto que um navio daquele tempo reservava aos passageiros. No presente texto o “nós” demonstra como o próprio Lucas ainda se recorda do clima de desespero que se apoderou de todos no navio, também dele mesmo.
- 21-26** Tanto mais surpreendente é a atitude que ele presencia em Paulo: “pondo-se em pé no meio deles, disse: Senhores, na verdade, era preciso terem-me atendido e não partir de Creta, para evitar

este dano e perda. Mas, já agora, vos aconselho bom ânimo, porque nenhuma vida se perderá de entre vós, mas somente o navio.” Paulo é diferente de todos os demais, até mesmo dos marinheiros e soldados. Por quê? Será devido a seu caráter humano? Contudo, nesse sentido também poderíamos esperar atitude semelhante de um oficial como Júlio. Será que Paulo está tranqüilo por causa de suas ricas experiências de salvamento de dificuldades sobre o mar? Mas o capitão e a tripulação também devem ter passado por tais experiências. Contudo, como outrora na prisão de Filipos, Paulo tem aquela “conexão” com outro poder, que torna tudo diferente para quem crê. Não depende de seu caráter e de suas experiências, ou seja, de certa forma de si mesmo, mas passa esses dias difíceis em oração. É capaz de dizer a seu Senhor: “Senhor, não devia eu chegar em Roma? Será que me salvaste de todos os perigos em Jerusalém e Cesaréia para que me afogue aqui?” Através de um mensageiro de Deus ele recebe a resposta clara: “Paulo, não temas! É preciso que compareças perante César!” O anjo traz também a alguém como Paulo aquela palavra de consolo que pode ser ouvida tantas vezes na Bíblia: “Não temas!” Nesse aspecto fica claro o que acabamos de dizer. Também Paulo, como ser humano, não está imune ao medo naqueles dias terríveis. Escuridão das nuvens dia e noite, tempestade uivante e vagalhões ruidosos, perigo de vida a cada hora, dias a fio - que coração não ficaria temeroso? De nada adianta o consolo humano nesta situação. Mas os mensageiros de Deus podem nos convocar com poder a não termos medo. Afinal, conhecem o Único que tem tudo em sua mão e pode mudar tudo, até mesmo no mar bravio. Contudo, Paulo também tem outra preocupação. “Serei salvo sozinho? O que será de Júlio, que foi tão amável comigo? O que será de todas as pessoas aqui no navio? “Eis que teu Deus te deu de presente todos os que navegam contigo” [tradução do autor]. Assim, Paulo se posiciona com certeza de fé entre os desanimados. Naquela ocasião, quando os advertiu para não prosseguirem, talvez tivessem dado de ombros a respeito de seu “pessimismo”. Agora constatam que sua palavra é impactante! E no presente caso ela é uma palavra de encorajamento. Que agora não a tomem por “otimismo”, mas também se apercebam um pouco de Deus, o qual tem a vida deles nas mãos. Agora ele pode tornar-se o mensageiro de Deus para os outros e passar adiante o “Não temas!” que lhe fora entregue: “Portanto, senhores, tende bom ânimo!” Com toda a clareza ele expressa diante dessa multidão de mescla religiosa aquilo em que se apóia: não em ponderações e esperanças humanas, mas no Deus vivo. “Pois eu confio em Deus que sucederá do modo por que me foi dito.” Nessa situação se torna palpável o que é “fé”: numa situação sem perspectivas, confiar simplesmente na promessa de Deus e contar incondicionalmente com seu cumprimento. E quando eles perguntam como, afinal, poderá acontecer um salvamento, Paulo responde: “É necessário que vamos dar a uma ilha.” Essa é novamente uma palavra profética, pois encontrar uma ilha no mar Adriático é a mais improvável das possibilidades. Ao mesmo tempo não deve ficar oculta a seriedade de Deus. Escaparão com vida, porém o navio e a carga serão perdidos. Isso atinge o proprietário do navio e o capitão, que não quiseram dar ouvidos à advertência do servo de Deus.

- 27** “Quando chegou a décima quarta noite, sendo nós batidos de um lado para outro no mar Adriático...” Que tempo interminável deve ter sido para os envolvidos, que estavam solitários e sem qualquer orientação no agitado deserto aquático, expostos à violência da tempestade! Contudo, então, “por volta da meia-noite, pressentiram os marinheiros que se aproximavam de alguma terra”. Não é dito como puderam pressentir isso. Será que notaram pela arrebentação? Será que viram pela forma da água e das ondas?
- 28** Várias medições subsequentes com o prumo revelam que a profundidade da água diminui rapidamente, ou seja, que eles de fato se aproximam velozmente da terra, cuja posição e formato os marinheiros não são capazes de reconhecer na noite.
- 29** As pessoas temem recifes rochosos e imobilizam o navio através de quatro âncoras, lançadas a partir da popa. Anseiam pela aurora, a fim de poder examinar sua situação.
- 30-32** Os marinheiros, porém, arriaram o barco na escuridão. Supostamente querem ancorar o navio também pela proa, para o que precisam conduzir a âncora com o barco até uma certa distância. Paulo, porém, teme uma tentativa de fuga e imediatamente notifica o centurião: “Se estes não permanecerem a bordo, vós não podereis salvar-vos.” Afinal, são as pessoas entendidas, das quais os demais dependem integralmente. Ainda mais se se concretizar a previsão de Paulo de que o navio colidirá com uma ilha. Os soldados cortam imediatamente os cabos do barco, deixando-o cair no mar e ficar à deriva. Está perdido o barco, mas a tripulação do navio é mantida a bordo.

- 33** Quando finalmente começa a raiar o dia que terá de trazer o desfecho, Paulo torna a fazer uso da palavra. Ele, o judeu, o prisioneiro de César, sem posição nem poder, torna-se nessas horas o líder no navio. Em todos os tempos, o verdadeiro e grave perigo torna insignificantes as posses, os títulos e a posição, e revela o verdadeiro valor da pessoa. Salienta-se a autoridade genuína, reconhecida pelos demais quase que automaticamente. Paulo possui essa autoridade como pessoa que crê, e que na fé preserva a serenidade do olhar límpido para o essencial.
- 34** Por essa razão ele, justamente ele, que crê e ora, não exorta agora as pessoas a quaisquer práticas devotas, mas a comer! “Eu vos rogo que comais alguma coisa; porque disto depende a vossa segurança.” Ao contrário de toda a “religião”, a fé sempre é uma coisa muito sóbria, que não deixa de lado as necessidades terrenas, mas que aprecia corretamente sua importância. Ao mesmo tempo, além de meramente “exortar” ou “ordenar”, a pessoa que crê é capaz de “consolar” por meio de sua certeza, criando assim a possibilidade de que realmente seja cumprido o que está recomendando: “Pois nenhum de vós perderá nem mesmo um fio de cabelo.” Com alegria Paulo aplica agora também aos perigos do naufrágio a palavra do Senhor Jesus, dada a seus discípulos para as aflições dos tempos de perseguição. E ele tem razão. Na verdade Deus lhe deu de presente todos os que estão com ele no navio. E na seqüência Deus realiza o feito maravilhoso de que, se por um lado precisam passar por graves dificuldades, por outro lado são tão preservados que nem sequer perdem a coisa mais insignificante de suas vidas.
- 35/36** No entanto, Paulo não apenas exorta e consola, mas dá pessoalmente o exemplo: “Tendo dito isto, tomando um pão, deu graças a Deus na presença de todos e, depois de o partir, começou a comer.” Medo e preocupação nos “tiram o apetite”, não conseguimos engolir mais nada. Quando somos novamente capazes de comer numa situação de perigo, o temor de fato foi superado. Conseqüentemente, acontece a ruptura com o temor e a paralisia em toda a tripulação do navio: “Todos cobraram ânimo e se puseram também a comer.” Por isso, do mesmo modo como o medo, também a coragem verdadeira pode ter efeito contagioso. A fraca palavra, que por si mesma não passa de um leve sopro, apesar de tudo é capaz de dissipar o medo e transformar corações, quando proferida com autoridade interior.
- 37** Agora é informado o número exato de passageiros. Em vista do tamanho reduzido dos navios daquele tempo ele poderia parecer exagerado. Mas justamente esse número se encontra novamente numa frase formulada na primeira pessoa do plural, remontando por isso à recordação pessoal de Lucas. Ademais Josefo, que numa viagem teve de suportar uma tempestade em alto mar muito semelhante à de Paulo, e que naufragou na mesma região, chega a estimar o número de passageiros em até seiscentos.
- 38** Como estão próximos da terra, aliviam mais uma vez o navio, lançando ao mar os últimos restos da carga de trigo. O objetivo é que o navio navegue na menor profundidade possível, para poder superar melhor os recifes e bancos de areia.
- 39** À luz do dia as pessoas constataam com alegria que se deram muito bem. É verdade que ninguém conhece a terra que está adiante deles. Mas ancoram diante de uma baía com praia plana.
- 40** Por isso os marinheiros cortam as âncoras, deixando-as no mar, soltam as correias que fixam os dois lemes interligados enquanto estavam ancorados, içam no pequeno mastro da proa (que também podia ser usado como guindaste) a pequena vela dianteira, e rumam para a praia. Contudo a manobra não transcorre tão bem como imaginavam. Acabam perdendo o navio, conforme anunciado por Paulo. O navio encalha num banco de areia exterior.
- 41** A palavra grega na verdade significa “um lugar de mar duplo”, referindo-se a uma elevação do fundo do mar, depois da qual há novamente águas mais profundas. O navio encalha de modo que a proa se firma imediatamente na areia e permanece imóvel, enquanto a popa é estilhçada pela violência do impacto. Ele já devia ter sofrido avarias sob o impacto das ondas durante os longos dias de navegação na tempestade. A praia mansa já está próxima do olhar de todos.
- 42** Com um gesto quase mecânico os soldados pegam em armas, a fim de matar os prisioneiros.
- 43/44** São pessoas condenadas à morte que não podem escapar. Júlio se preocupa com Paulo, a quem aprendeu a estimar de um modo mais profundo nessa viagem. Por isso esse homem não deve perecer no último instante, uma vez que nesses dias se tornou cada vez mais e mais o verdadeiro líder do navio, o homem graças ao qual estão salvos. O centurião proíbe a execução dos prisioneiros. Talvez

esteja recordando as palavras de Paulo sobre a ilha, em que o navio teria de encalhar, sobre a qual uma fuga dos prisioneiros seria impossível. Por isso ordena que todos os que souberem nadar saltem imediatamente do navio ao mar e alcancem a praia, enquanto “aos demais, que se salvassem, uns, em tábuas, e outros, em destroços do navio”, tentando segui-los e obtendo na praia o auxílio dos que chegaram a nado. “E foi assim que todos se salvaram em terra.” O prenúncio de Paulo se cumpriu.

Para nós, porém, reveste-se de importância a imagem que obtemos, em todo o presente capítulo, de Paulo e, conseqüentemente, de um verdadeiro cristão. Paulo não é apenas o grande pensador e teólogo. Não somente se sobressai quando profere a palavra comovente diante de grandes assembléias. Não, ele é a pessoa que demonstra firmeza em toda a dura aflição da perigosa travessia de uma tempestade. Também num navio com marinheiros e soldados ele em breve se torna a autoridade determinante. Isso já vem de sua personalidade natural: sua criação lhe conferiu energia, firmeza e coragem. No entanto, a verdadeira fonte de sua serenidade tranqüila e de sua confiança completamente descontraída é sua “fé”, o aconchego junto ao Deus vivo. Por isso todo cristão verdadeiro pode ter algo dessa atitude de Paulo: “perseverante e sem temor”, também em dias e horas de perigo real.

NA ILHA DE MALTA - ATOS 28.1-10

- 1 – Uma vez em terra, verificamos que a ilha se chamava Malta.**
 - 2 – Os bárbaros trataram-nos com singular humanidade, porque, acendendo uma fogueira, acolheram-nos a todos por causa da chuva que caía e por causa do frio.**
 - 3 – Tendo Paulo ajuntado e atirado à fogueira um feixe de gravetos, uma víbora, fugindo do calor, prendeu-se-lhe à mão.**
 - 4 – Quando os bárbaros viram a víbora pendente da mão dele, disseram nos aos outros: Certamente, este homem é assassino, porque, salvo do mar, a Justiça não o deixa viver.**
 - 5 – Porém ele, sacudindo o réptil no fogo, não sofreu mal nenhum;**
 - 6 – mas eles esperavam que ele viesse a inchar ou a cair morto de repente. Mas, depois de muito esperar, vendo que nenhum mal lhe sucedia, mudando de parecer, diziam ser ele um deus.**
 - 7 – Perto daquele lugar, havia um sítio pertencente ao homem principal da ilha, chamado Públio, o qual nos recebeu e hospedou benignamente por três dias.**
 - 8 – Aconteceu achar-se enfermo de disenteria, ardendo em febre, o pai de Públio. Paulo foi visitá-lo, e, orando, impôs-lhe as mãos, e o curou.**
 - 9 – À vista deste acontecimento, os demais enfermos da ilha vieram e foram curados,**
 - 10 – os quais nos distinguiram com muitas honrarias; e, tendo nós de prosseguir viagem, nos puseram a bordo tudo o que era necessário.**
-
- 1** Agora os náufragos descobrem onde estão. É a ilha de Malta, para a qual a tempestade os levou – de forma realmente milagrosa. No passado, Malta era dominada por Cartago. Por isso os habitantes ainda falam o púnico, motivo pelo qual são “bárbaros”. Naquele tempo essa expressão era puramente neutra e ainda não tinha a conotação de rudeza e crueldade que ela adquiriu no curso da nossa história.
 - 2** Os malteses se empenham cordialmente pelos estranhos que foram lançados em sua praia. Chegaram à terra firme molhados, debilitados pelos dias de agruras e temores. Agora começam “chuva e frio”, e os náufragos tremem de frio. Então acendem uma grande fogueira, em cuja proximidade podem se abrigar.
 - 3** O fogo precisa ser abastecido. Os náufragos participam reunindo o material para o fogo. Também o grande apóstolo “ajunta um feixe de gravetos e o atira à fogueira”. Então “uma víbora, fugindo do calor, prendeu-se-lhe à mão”. À vista de todos o bicho fica pendente de sua mão. Paulo sacode a cobra no fogo e obviamente fica despreocupado.
 - 4/6** Paulo conhece bem a promessa de seu Senhor aos discípulos em Lc 10.19; Mc 16.18. Mas o episódio causa uma impressão profunda e terrível sobre os singelos habitantes da ilha. Esse homem acaba de escapar da fúria do mar, e agora é mordido por uma cobra venenosa. “Certamente” ele é um “assassino”, a quem “a justiça divina não lhe permite viver” [TEB]. Na verdade também nós formamos nosso juízo com a mesma rapidez. Quando, porém, Paulo não incha por causa do veneno nem cai morto de súbito, muda a opinião: deve ser “um deus”, contra quem o mar e a cobra não

possuem poder algum. Desta vez Lucas não informa sobre um discurso de esclarecimento como em At 14.15s. A situação agora também era completamente diferente do que naquela época em Listra. Mas por meio dela se torna explícito como são pessoas ineptas aqueles que não conhecem a Deus. “Um assassino” - “um deus” – assim oscila a opinião de um momento para outro.

- 7** Os modestos habitantes da ilha conseguem prestar somente uma ajuda inicial. O primeiro auxílio extensivo parte da autoridade máxima da ilha – o “principal da ilha” representa um título oficial que também constatamos em outros locais – que possui propriedades rurais próximas na ilha. Nelas ele consegue hospedar os náufragos durante três dias, até que sejam instalados em outro local para os três meses de inverno, quando a navegação pára completamente. O centurião e seus soldados são alojados na casa do próprio Públio, levando também seus prisioneiros para lá.
- 8/9** Também nessa situação Paulo tem uma grande liberdade de movimentação. Paulo tem permissão de prestar um serviço ao pai do hospedeiro, adoecido de disenteria, curando-o pela oração e imposição das mãos. Obviamente isso é divulgado rapidamente, e muitos enfermos da ilha procuram e recebem auxílio. Também agora se evidencia novamente o quanto a “cura” faz parte do serviço apostólico. Obviamente a proclamação da palavra lhe é agregada. A cura foi concedida em nome de Jesus e no poder de sua ressurreição. Por isso era imperioso que se dissesse e testemunhasse algo sobre Jesus. O fato, porém, de que Lucas não informa nada a respeito de uma verdadeira pregação ou até sobre o surgimento de uma igreja, novamente corresponde à realidade. Júlio não podia conceder ao prisioneiro de César a liberdade para pregar publicamente.
- 10** A gratidão dos habitantes é grande. “Distinguiram-nos com muitas honrarias.” Será que a primeira pessoa aqui é um indício de que o médico Lucas tinha participação nas curas? Mais plausível é que os amigos diretos de Paulo sejam presenteados e honrados junto com ele, assim como também devem ter orado com ele pelos enfermos e falado com eles. A gratidão dura até a partida, quando Paulo e seus acompanhantes são providos de uma série de utensílios. Com que simplicidade e naturalidade o serviço de Paulo e de seus colaboradores brota da situação dada! Contudo, como é simultaneamente maravilhosa a condução de Deus! Agora essa pequena ilha pode experimentar a generosidade e o auxílio de Deus e ouvir algo da mensagem de Jesus. Também desse modo se cumpre a instrução de Jesus: “Até os confins da terra...” E que imagem: esses “bárbaros” não sabem como dar vazão suficiente à sua gratidão pela pessoa que está entre eles como prisioneiro pelo fato de que a cidade de Deus, Jerusalém, somente lhe dedicou ingratidão e ódio!

A CHEGADA NA ITÁLIA E EM ROMA - ATOS 28.11-16

- 11** – Ao cabo de três meses, embarcamos num navio alexandrino, que invernara na ilha e tinha por emblema Dióscuros.
- 12** – Tocando em Siracusa, ficamos ali três dias,
- 13** – donde, bordejando, chegamos a Régio. No dia seguinte, tendo soprado vento sul, em dois dias, chegamos a Putéoli,
- 14** – onde achamos alguns irmãos que nos rogaram ficássemos com eles sete dias; e foi assim que nos dirigimos a Roma.
- 15** – Tendo ali os irmãos ouvido notícias nossas, vieram ao nosso encontro até à Praça de Ápio e às Três Vendas. Vendo-os Paulo e dando, por isso, graças a Deus, sentiu-se mais animado.
- 16** – Uma vez em Roma, foi permitido a Paulo morar por sua conta, tendo em sua companhia o soldado que o guardava.
- 11** Os náufragos haviam permanecido três meses em Malta. Visto que, conforme Plínio, a navegação recomeçava em torno do dia 7 de fevereiro, o naufrágio deve ter ocorrido no começo de novembro. Agora parte um navio – novamente alexandrino – que passou o inverno no porto de Malta. Tinha “por emblema Dióscuros”, os quais ornavam a proa do navio como escultura ou que eram pintados em ambos os lados da proa.
- 12/13** Em Siracusa, a importante cidade portuária na costa leste da Sicília, o navio permaneceu três dias, provavelmente para descarregar parte da carga e carregar novas mercadorias. A seguir atravessam “bordejando” a costa até Régio, a primeira cidade na própria Itália. Depois de um dia de espera começa um vento sul que leva o navio num bom percurso de dois dias de duração até Putéoli, no golfo de Nápolis. Enquanto os navios de carga geralmente continuam diretamente para Óstia, o

porto na foz do rio Tibre, os passageiros costumam desembarcar em Putéoli, a fim de percorrer a pé o caminho até Roma. Por isso Putéoli não deixava de ser uma cidade portuária importante, por meio da qual passava todo o tráfego de viajantes do leste e do sul do Império. Essa deve ser a razão pela qual – diferentemente de Siracusa e Régio – já exista ali uma igreja cristã. Ela também constitui mais um testemunho da atividade de pessoas simples e anônimas, que não podiam deixar de falar sobre Jesus.

- 14** Ali “achamos alguns irmãos”. Como foram “achados”? Talvez foram encontrados “por acaso”, talvez Paulo também tenha procurado por eles em toda parte. Tinha o anseio de encontrar os “irmãos”. Por ser prisioneiro, não podia “procurá-los” pessoalmente; mas seus acompanhantes não estavam impedidos de fazê-lo. Não é informado porque o próprio Júlio preferiu ficar nessa cidade com seus soldados. Pois já sabemos: Lucas deixa de informar muitas coisas que nós gostaríamos de saber. Talvez seja a preparação para o trajeto a pé que torna necessária uma estadia um pouco mais longa, uma vez que os soldados não saíram de Malta carregados de ricos donativos, como Paulo e os seus. De qualquer forma, Paulo obtém a permissão de aceitar um convite dos cristãos em Putéoli. Durante sete dias ele tem a oportunidade de usufruir o amor dos irmãos, depois se dirigem “a Roma”, como Lucas inicialmente constata de modo sucinto.
- 15** Mas logo Lucas precisa acrescentar algo importante sobre esse trajeto até Roma. Nos sete dias da permanência em Putéoli chegou a Roma, por meio dos cristãos, a notícia da chegada de Paulo e de sua situação como prisioneiro. Quando os irmãos em Roma ouvem a respeito, “vieram ao nosso encontro até o Foro de Ápio e as Três Tabernas” [TEB]. O primeiro local citado dista cerca de 60 km, o segundo cerca de 49 km de Roma. Devemos imaginar dois grupos de cristãos romanos, dos quais um chega até Três Tabernas, o outro até o Foro de Ápio.
- “Paulo, quando os viu, deu graças a Deus: ele recobrou confiança” [TEB]. Será que isso nos causa surpresa? Nesse caso ignoraríamos o que os irmãos sempre representaram para Paulo. Paulo não tinha nossa maneira deformada de ser cristão. Não gostava de ser a eminência solitária, que conseguia realizar tudo sozinho e que se bastava a si próprio. Permanecer sozinho significava um grave sacrifício para ele (1Ts 3.1). Por isso, essa inesperada vinda dos irmãos romanos a seu encontro significou para ele profunda alegria, pela qual agradece a Deus, bem como um encorajamento real para sua grave situação. Para ele, o que escrevera anos atrás aos cristãos romanos não fora uma fórmula de cortesia: “Muito desejo ver-vos... para que, em vossa companhia, reciprocamente nos confortemos por intermédio da fé mútua, vossa e minha” (Rm 1.11s). Agora essas coisas sucedem, ainda que de maneira diferente do que ele imaginara em sua carta, quando recebe deles o consolo duplamente necessário.
- 16** “Quando chegamos em Roma...” [NVI]. Lucas informa o grande momento de forma tão sucinta, tão seca! Porventura não deveríamos confiar em seu livro, quando ele visivelmente evita todos os sensacionalismos literários? Quantas vezes Paulo dirigiu para cá seus anseios, suas orações, seus planos! Agora ele chegou! Mas Lucas não diz palavra alguma sobre os pensamentos e sentimentos que passam pela alma de Paulo. Nós, porém, precisamos silenciar diante da frase sucinta de Lucas. Quantas pessoas entraram em Roma ao longo dos séculos da Antigüidade: generais, imperadores, comerciantes, poetas, filósofos. Ninguém terá dado grande atenção à entrada de um prisioneiro judeu com escolta militar. Não obstante, ali segue pelas ruas de Roma alguém que influirá de forma mais profunda e duradoura sobre o mundo do que todos os portadores de nomes famosos, ovacionados pelo povo de Roma quando entraram na cidade.
- Chegado em Roma, Paulo tem uma situação inesperadamente boa. “Foi permitido a Paulo morar por sua conta.” Não é citada a autoridade romana específica que lhe concede essa permissão. Na tradução de Lutero conhecemos a versão do texto *Koiné*: “O centurião entregou os prisioneiros ao comandante do acampamento, mas a Paulo foi permitido morar por sua conta, fora do quartel.” Isso, porém, deve ser uma ampliação posterior por meio de um copista, que sentia falta das necessárias informações. Seja como for, a situação de Paulo é relativamente amena e agradável. A qualquer momento pode receber pessoas em sua moradia e manter diálogos. Sem dúvida, não deixa de ser um prisioneiro. Mora “em sua companhia o soldado que o guardava”, e a cujo braço está acorrentado. Paulo nunca estava realmente sozinho, nem mesmo à noite para dormir. Igualmente podia ler a Bíblia e orar apenas na constante presença de um estranho. Necessidades e incômodos pessoais dos mensageiros não são “dignos de nota” no NT. Nenhuma vez ouvimos a menção de uma queixa ou de indícios de comiseração. Paulo deve ter aproveitado a noite como “vigília para orar” e falar com seu Senhor, sobretudo enquanto o soldado que o guardava dormia a seu lado.

PAULO EM ROMA

DEBATE COM OS LÍDERES DO JUDAÍSMO.

O TESTEMUNHO LIVRE E DESIMPEDIDO DE PAULO. - Atos 28.17-31

- 17 – Três dias depois, ele convocou os principais dos judeus e, quando se reuniram, lhes disse: Varões irmãos, nada havendo feito contra o povo ou contra os costumes paternos, contudo, vim preso desde Jerusalém, entregue nas mãos dos romanos;
- 18 – os quais, havendo-me interrogado, quiseram soltar-me sob a preliminar de não haver em mim nenhum crime passível de morte.
- 19 – Diante da oposição dos judeus, senti-me compelido a apelar para César, não tendo eu, porém, nada de que acusar minha nação.
- 20 – Foi por isto que vos chamei para vos ver e falar; porque é pela esperança de Israel que estou preso com esta cadeia.
- 21 – Então, eles lhe disseram: Nós não recebemos da Judéia nenhuma carta que te dissesse respeito; também não veio qualquer dos irmãos que nos anunciasse ou dissesse de ti mal algum.
- 22 – Contudo, gostaríamos de ouvir o que pensas; porque, na verdade, é corrente a respeito desta seita que, por toda parte, é ela impugnada.
- 23 – Havendo-lhe eles marcado um dia, vieram em grande número ao encontro de Paulo na sua própria residência. Então, desde a manhã até à tarde, lhes fez uma exposição em testemunho do reino de Deus, procurando persuadi-los a respeito de Jesus, tanto pela lei de Moisés como pelos profetas.
- 24 – Houve alguns que ficaram persuadidos pelo que ele dizia; outros, porém, continuaram incrédulos.
- 25 – E, havendo discordância entre eles, despediram-se, dizendo Paulo estas palavras: Bem falou o Espírito Santo a vossos pais, por intermédio do profeta Isaías, quando disse:
- 26 – Vai a este povo e dize-lhe: De ouvido, ouvireis e não entendereis; vendo, vereis e não percebereis.
- 27 – Porquanto o coração deste povo se tornou endurecido; com os ouvidos ouviram tardiamente e fecharam os olhos, para que jamais vejam com os olhos, nem ouçam com os ouvidos, para que não entendam com o coração, e se convertam, e por mim sejam curados.
- 28 – Tomai, pois, conhecimento de que esta salvação de Deus foi enviada aos gentios. E eles a ouvirão.
- 29 – Ditas estas palavras, partiram os judeus, tendo entre si grande contenda.
- 30 – Por dois anos, permaneceu Paulo na sua própria casa, que alugara, onde recebia todos que o procuravam,
- 31 – pregando o reino de Deus, e, com toda a intrepidez, sem impedimento algum, ensinava as coisas referentes ao Senhor Jesus Cristo.

Enfim Paulo está em Roma! Nosso coração está ansioso pela mesma questão que também movia os filipenses: a pergunta por sua situação posterior, pelo desenrolar de seu processo, pelo julgamento com que esse processo foi encerrado. Será que Paulo foi condenado à morte? Foi libertado? Mas também nesse caso Lucas se mostra como bom aluno de Paulo. Assim como o próprio Paulo converte imediatamente as perguntas dos filipenses pelo bem-estar dele numa informação sobre a continuação do evangelho (“Quero ainda, irmãos, cientificar-vos de que as coisas que me aconteceram têm, antes, contribuído para o progresso do evangelho”, Fp 1.12), assim também Lucas não nos diz nada no final de Atos sobre tudo o que tanto gostaríamos de saber. Dirige nosso olhar unicamente para o avanço da grande causa do evangelho. De forma realmente magistral Lucas destaca mais uma vez, por meio do final muito controvertido de sua obra, o que já nos revelou a maneira de sua exposição: o destino pessoal de cada ser humano, até mesmo dos apóstolos e de alguém como Paulo, é sem importância diante do evangelho e de seu curso pelo mundo! Nossa insatisfação com o final de Atos constitui, portanto, apenas uma evidência de nossa própria orientação não-bíblica e errada. O evangelho é pregado livremente na capital do mundo. É isso que nos deveria deixar cheios de gratidão, alegria e adoração. Diante disso, o desenrolar do processo e o desfecho da vida de Paulo não importam. Como seria hoje vigorosa e cheia de poder a igreja de Jesus se aprendêssemos novamente a pensar, viver e sofrer dessa maneira!

- 17** No último trecho nosso olhar não é direcionado para a situação do grande Paulo, mas para o trabalho do mensageiro vocacionado. Esse trabalho começa também em Roma do mesmo modo como em todos os lugares: pela proclamação a Israel. O homem que, inocente, foi “desde Jerusalém, entregue nas mãos dos romanos”, cujos graves sofrimentos em sua maioria vieram da parte de judeus, que se encontra diante do tribunal de César unicamente por causa do ódio de seus compatriotas israelitas, procura também em Roma como primeira coisa o contato com os judeus: “três dias depois, ele convocou os principais dos judeus” a comparecerem em sua casa. Que fidelidade indelével para com Israel, na qual se espelha algo da fidelidade imutável de Deus. Os judeus de Roma atendem a seu convite, sinalizando que de sua parte ainda não assumiram uma posição definitiva contra o jovem cristianismo e contra Paulo. Este começa expondo a eles sua situação pessoal em virtude da causa. Sua frase “vim preso desde Jerusalém, entregue nas mãos dos romanos” parece contradizer os episódios que nos foram narrados em At 21.27s e que também foram descritos enfaticamente por parte dos judeus em At 24.7 (texto da *Koiné*). Será que Lucas não percebeu a contradição? No entanto, nesse momento Paulo não pode nem deseja entrar em detalhes, destacando tão somente a linha básica:
- 18/20** Não foram os romanos que o prenderam por iniciativa própria, em vista de quaisquer crimes, nem encontraram na investigação algo digno de punição. Os grupos dirigentes de Israel são culpados de que ele agora se encontra como prisioneiro de César em Roma. Acontece que de sua parte não fez “nada contra o povo ou os costumes dos pais” [tradução do autor]. Mas ele não guarda nenhum rancor contra seu povo e de forma alguma pensa em acusar seu povo no processo perante César. Não, também agora ele se entende integralmente como parte de Israel e considera verdadeiramente cumprida em Jesus “a esperança de Israel”. Por isso ele procura com seriedade verdadeira o contato com os judeus em Roma. “Porque é pela esperança de Israel que estou preso com esta cadeia.” Paulo sintetizou nessa breve frase todo o contra-senso de sua situação. Será que os judeus na capital do mundo não serão capazes de entender isso e se posicionar a favor dele?
- 21/22** A resposta dos líderes dos judeus não é desfavorável. É surpreendente que o sumo sacerdote e o Sinédrio não enviaram um relatório oficial sobre Paulo para Roma. Apesar do intenso contato, tampouco veio alguém de Jerusalém que, de forma oficial ou particular, tivesse “anunciado ou dito mal algum” sobre Paulo. Obviamente o cristianismo é conhecido pelos judeus de Roma. Contudo, ainda o vêem somente como uma “orientação” do judaísmo, que no entanto “por toda parte é impugnada”. Por isso “gostariam de ouvir o que pensa” Paulo. O termo grego aqui traduzido por “gostariam” implica um certo direito de estabelecer uma demanda dessas. O cristianismo em Roma fora fundado por pessoas desconhecidas. Agora se torna importante para os judeus dirigentes de Roma que uma pessoa notável dos “nazarenos” (At 24.5), um fariseu e escriba, esteja entre eles e possa lhes dar informações sobre sua posição diante do cristianismo. É dever de Paulo fornecer-lhes essa informação.
- 23/24** Assim, no dia marcado a sala de Paulo fica lotada. Acontece um diálogo demorado, que dura desde o início da manhã até o cair da tarde. Obviamente a Escritura constitui outra vez o fundamento e ponto de partida, sendo discutidos os dois temas relacionados “reino de Deus” e “Jesus”. Jesus – que trouxe a soberania de Deus, que cumpriu as antigas promessas e expectativas, é isso que Paulo tenta mostrar a seus visitantes. “Houve alguns que ficaram persuadidos pelo que ele dizia.” Isso evidentemente ainda não significa uma conversão clara para Jesus, mas apenas abertura e interesse pelo que Paulo lhes expõe. “Outros, porém, continuaram incrédulos.” Nesse ponto mais uma vez fica claro o que todo o NT entende por “incrédulidade”. Ela é a rejeição proposital da mensagem claramente ouvida e entendida. Conseqüentemente, os judeus de Roma permaneceram desunidos e discordantes. Não chegam a rejeitar Paulo unânime e claramente. Contudo, tampouco dizem que querem continuar a ouvi-lo. Talvez alguns tenham encontrado o caminho até a igreja de Jesus em Roma por causa desse dia. Mas também em Roma Israel como um todo permanece fechado para a mensagem.
- 25/27** Paulo constata isso claramente no final desse dia acalorado, motivo pelo qual, ainda na despedida, ele lança aos que foram confrontados uma palavra em vão, a grave palavra de juízo de Deus, da história da vocação de Isaías, a qual ouvimos unicamente no presente texto de At e, em Mt 13.14s; Jo 12.40, dos lábios do próprio Jesus. Ela demonstra de um modo muito peculiar e assustador que por trás de toda a real “impossibilidade de ouvir” e de toda a “cegueira” para a mensagem de

Deus reside na verdade uma terrível e profunda resistência do ser humano, que não quer ouvir nem entender. Por que não quer? Porque sente instintivamente que todo ouvir e entender o levam em direção da conversão que ele odeia, embora seja para ele a salvação. Tão difícil é a conversão justamente da pessoa “devota”. Agora também acontece em Roma o que Paulo presenciou em todos os lugares. A “esperança de Israel”, pela qual Paulo está acorrentado, é repelida pelo próprio Israel.

28 Deus, porém, concede desse modo o tempo para convocar o corpo de Cristo dentre as nações. “Tomai, pois, conhecimento de que esta salvação de Deus foi enviada aos gentios. E eles a ouvirão.”

30/31 Na seqüência, também em Roma acontece, durante dois anos, o trabalho missionário entre os gentios, dentro das limitações impostas pela prisão de Paulo. Mas, dentro do possível, acontece “com toda a intrepidez, sem impedimento algum”. Paulo não pode falar ao ar livre diante de grandes assembléias. Mas é procurado por pessoas, às quais pode comunicar a grande mensagem da irrupção do reino de Deus e dar ensino preciso sobre o “*Kyrios Jesus Cristo*”. O título “*Kyrios*” assume uma conotação muito diferente aqui na capital do “*kyrios Nero*”! De modo muito mais poderoso do que nossa desgastada expressão “Senhor”, ele afirma que Jesus Cristo é o soberano do mundo e o portador da salvação divina para todos os espaços e tempos da história do mundo até o grande dia de seu retorno.

Por intermédio de Filemom 10 temos conhecimento de um daqueles numerosos visitantes que naquele tempo procuravam Paulo em seu alojamento: o escravo fugitivo Onésimo, que agora, por meio de Paulo, encontra o acesso a Jesus e à verdadeira liberdade. Quantos outros podem ter sido aqueles que nesses dois anos experimentaram a transformação de sua vida junto de Paulo!

“Por dois anos, permaneceu Paulo na sua própria casa, que alugara.” Essa formulação mostra com clareza que Lucas sabia que houve uma mudança após dois anos. Será apenas aquela mudança que vemos refletida em Fp 1.12s, onde Paulo evidentemente foi transferido para os quartéis e perdeu a liberdade de movimento de que desfrutava? Será a mudança em direção da sua morte? Nesse caso dependemos totalmente de suposições. Por um lado dispomos da tradição eclesiástica que fixa a morte de Paulo no ano de 64 d. C. Então a transferência para o quartel apenas anunciaria o estágio decisivo de seu processo, que conforme sua própria expectativa em Fp 1.25s resultaria em sua absolvição. Mais tarde Paulo deveria ter sido novamente detido e trazido ao tribunal, sendo condenado à morte como cidadão romano. As assim chamadas “cartas pastorais” (1 e 2 Tm e Tito) somente podem ser entendidas como cartas genuínas de Paulo se o tempo de detenção em Roma foi seguido de outro tempo de atuação – obviamente outra vez no leste, e não na Espanha. Por outro lado, porém, consta a afirmação resoluta de Paulo em At 20.25: “Agora, eu sei que todos vós, em cujo meio passei pregando o reino, não vereis mais o meu rosto.” Será que Lucas escreveria isso se soubesse que Paulo obteve outra vez a liberdade e tornou a visitar o leste? Também seria difícil de compreender que Lucas tenha encerrado sua obra nesse ponto embora tivesse conhecimento do desfecho favorável do processo, bem como de uma nova atuação de Paulo. A não ser que realmente tivesse projetado um terceiro volume de sua obra, para descrever essa atuação posterior de Paulo, como supõem alguns. Em contrapartida, se ele e seus leitores sabiam que depois desses dois anos sucederam a intensificação da prisão, o processo e a morte, então essa conclusão de seu livro de fato seria grandiosa e conseqüente. Então a última coisa que o leitor de At visse diante de si deveria ser a imagem de Paulo que, “durante dois anos com toda a intrepidez, sem impedimento algum”, prestava o serviço de testemunha na cidade de Roma, previsto por Jesus e viabilizado apesar de tantos empecilhos e perigos. O que veio depois era do conhecimento do leitor. Mas não tem importância. At ainda não conhece a glorificação dos mártires, que mais tarde se tornou tão determinante na igreja. Com que brevidade e objetividade At narrou a morte de Tiago! Também alguém como Paulo não é importante como mártir, assim como o próprio Paulo considerou sua morte apenas como acréscimo, como “libação” sobre o verdadeiro “sacrifício da fé” da igreja (Fp 2.17). Também os grandes instrumentos eleitos de Jesus sofrem e morrem como o próprio Senhor predisse. Mas o evangelho continua. “A palavra de Deus não está amordaçada.” Das mãos dos que morrem cai a bandeira da vitória da mensagem de Jesus. Mas sempre há outros que a acolhem e que na medida de sua incumbência “pregam o reino de Deus, e, com toda a intrepidez, sem impedimento algum, ensinam as coisas referentes ao Senhor Jesus Cristo”.

EPÍLOGO

Encontramo-nos no final de Atos dos Apóstolos e lançamos um olhar retrospectivo. Como começou esse livro? Com o Único, no meio de alguns poucos jovens no Monte das Oliveiras, perto de Jerusalém, enviando-os à vastidão do mundo. Agora, no final do livro, Paulo, o mensageiro de Jesus, está ensinando o evangelho na capital do mundo, Roma, sem impedimento algum, e, de Jerusalém até Roma, estende-se pelo “ecúmeno”, pelo mundo civilizado daquele tempo, a corrente das igrejas de Jesus, formada pelas muitas citadas por nome, cuja fundação acompanhamos, e as muitas desconhecidas, com as quais nos deparamos de passagem.

Como isso aconteceu no breve período de cerca de 30 anos? Estamos tão acostumados com esse fato que nem percebemos mais como tudo é espantoso. Jamais um ser humano teria sido capaz de projetar essa história, ou de antecipá-la como quer que fosse. Jamais um ser humano a teria considerado possível, se estivesse presente, quando os onze discípulos no Monte das Oliveiras foram enviados para os confins do mundo.

Lucas não relatou essa história numa forma moderna e “sistemática”, destacando expressamente as forças propulsoras e os aspectos decisivos. Lucas é um “narrador” no antigo estilo bíblico da simples realidade. Fazemos nossa leitura de Atos como se andássemos num trem e passássemos celeremente por uma estação após a outra, e fôssemos conduzidos por paisagens sempre novas até a grande parada final da viagem. Muitas vezes gostaríamos de gritar: “Pare! Pare!” e desembarcar, a fim de nos informar melhor sobre essa ou aquela estação importante. Porém o trem prossegue sua viagem, e novas terras se descortinam ao nosso olhar.

Uma coisa, porém, Lucas tornou extraordinariamente impactante com toda a sua narrativa. É sobre ela que no final deve pousar mais uma vez nosso olhar. Nessa história completamente impossível de ser inventada nada é “construído”, mas tudo “acontece”, nada é “planejado” nem “organizado”, mas tudo “sucede” assim. Nela, não foram pessoas com recursos e métodos pioneiros que atingiram grandes alvos. Somente a palavra anunciada é que criou vida em seu próprio curso. A palavra sem dúvida também insere algumas pessoas importantes em seu serviço, mas da mesma maneira ela realiza os feitos decisivos por meio de pessoas desconhecidas e anônimas.

Por isso todo esse livro de “Atos” constitui um mistério inexplicável, o mistério do poder do Espírito Santo, o mistério da condução e do governo divinos, o mistério da fé, na qual pessoas se colocam à disposição da ação da palavra. Tudo “sucede” assim porque no começo está o Único que constata, não com energia incitante e propulsora, mas com a serenidade de fatos incondicionais: “Recebereis poder ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra” [At 1.8]. Quando ele fala, acontece. Quando ele ordena, o fato se concretiza. Por essa razão, Atos conduz daquele começo para esse encerramento, e por isso todos os acontecimentos dentro dela são assim como escreveu Lucas, testemunha fiel cheia de fé e do Espírito Santo.

Porém vale para o livro de Atos o que Paulo diz aos romanos sobre a Bíblia toda: “Pois tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança” [Rm 15.4]. Não é uma história estranha e encerrada, que agora podemos contemplar “historicamente”, de longa distância. Porque Aquele que está no começo de Atos é o mesmo ontem e hoje. Ele ainda hoje constrói a sua igreja do mesmo modo como fez no passado. Centenas de problemas e repetidas novas tentativas e métodos próprios deparam-nos com a impotência e a miséria da igreja em nossa atualidade. Pois retornemos para os “Atos dos Apóstolos”, que não foram encerrados com a última frase de Lucas, mas que continuaram até nós. Renunciemos resolutamente a todo o conhecimento pessoal, aos planos e às ações próprias, tomando como nossa causa a verdadeira oração e a verdadeira fé, porque o próprio Senhor Jesus Cristo tem tudo nas mãos e deseja, com seu planejamento e seu amor, com o poder de sua palavra e seu Espírito, assim hoje como naquele tempo, realizar as suas obras e construir a sua igreja, preparando-a para o dia de sua nova presença.

¹Boor, W. d. (2002; 2008). *Comentário Esperança, Atos dos Apóstolos; Comentário Esperança, Atos* (1). Editora Evangélica Esperança; Curitiba.